



Prêmio
CTCH

Primeirar da Igreja “em saída” mediante a “Kenosis eclesial”
de von Balthasar

André Luiz Bordignon-Meira

EDITORA
PUC
RIO



**Primeirear da Igreja “em saída” mediante a
“Kenosis eclesial” de von Balthasar**



Prof. Pe. Anderson Antonio Pedroso, S.J.

Vice-Reitor Geral

Prof. Pe. André Luís de Araújo, S.J.

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Ricardo Tanscheit

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento e Inovação

Prof. Marcelo Gattass

Decanos

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)

Prof. Francisco de Guimaraens (CCS)

Prof. Sidnei Paciornik (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)

ANDRÉ LUIZ BORDIGNON-MEIRA

**Primeirizar da Igreja “em saída” mediante a
“Kenosis eclesial” de von Balthasar**





©Editora PUC-Rio
Rua Marquês de S. Vicente, 225, Casa da Editora PUC-Rio
Gávea | Rio de Janeiro | RJ | CEP 22451-900
Telefone: 3527-1760/1838
edpucrio@puc-rio.br
www.editora.puc-rio.br

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio
Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg, Francisco de Guimaraens, Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar Valladão Diniz, Marcelo Gattass, Sidnei Paciornik.



Editora Numa
www.numaeditora.com

Edição: Adriana Maciel
Coordenação Editorial: Julia Mendes
Produção Editorial: Marina Mendes
Projeto Gráfico do miolo: Design de Atelier/Fernanda Soares
Desenho de Capa: Fernanda Soares

B729p Bordignon-Meira, André Luiz

Primeirear da Igreja “em saída” mediante a “Kenosis eclesial” de von Balthasar [recurso eletrônico] / André Luiz Bordignon-Meira. - Rio de Janeiro : Numa Editora, 2024.

PDF ; 1,5 MB.

Inclui índice e bibliografia.
ISBN: 978-85-67477-75-6 (Ebook)

1. Teologia. 2. Igreja “em saída”. 3. Kenosis eclesial. 4. Von Balthasar. 5. Papa Francisco. 6. Diálogo. 7. Missão. I. Título.

4-2181

CDD 230
CDU 215

Criado em 2017 pelo Decanato do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, o Prêmio CTCH de Teses tem como objetivo laurear e dar reconhecimento e visibilidade para as melhores teses de Doutorado defendidas entre 2019-2021 nos Programas de Pós-graduação em Design, Educação, Estudos da Linguagem, Filosofia, Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Psicologia Clínica e Teologia, e para a melhor dissertação de Mestrado em Arquitetura.

Os critérios de premiação consideraram a originalidade dos trabalhos e sua relevância para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural, social e de inovação. Os Programas de Pós-graduação selecionaram internamente os trabalhos premiados, verificando a adequação das pesquisas ao patamar elevado de qualidade exigido.

A publicação deste livro é resultado da parceria entre o Decanato do CTCH, os Departamentos do Centro, a Editora PUC-Rio e a Numa Editora, com apoio da Vice-Reitoria Acadêmica.

Rio de Janeiro, novembro de 2023

Júlio Diniz
Decano do CTCH

Monah Winograd
Coordenadora Setorial de Pós-graduação e Pesquisa do CTCH



Decanato do
CTCH

Agradecimentos

Em primeiro lugar ao Deus Trino e kenótico, pelo dom da vida e a motivação para ir ao encontro, se abaixar, curar e seguir novos caminhos.

À minha família, pela fé e testemunho transmitido.

À minha orientadora, profa. Maria Teresa de Freitas Cardoso, gratidão pela motivação, empenho, esmero, carinho, incentivo e pelo apoio nestes momentos de pesquisa acadêmica e partilha da práxis. Sua presença entusiasmada e próxima me fez olhar para frente com alegria e esperança, essenciais em minha trajetória acadêmica, eclesial e pastoral. Com sua força de mulher comprometida com o Reino e a Igreja, pude chegar até aqui convicto da força do diálogo.

Às paróquias onde exerci e exerço o ministério presbiteral, pela oportunidade de vivenciar e aplicar os caminhos propostos nesta tese.

Aos amigos e irmãos de presbitério, Pe. Canoas, Mons. Celso e Pe. Vitor, que participam do caminho ministerial e acadêmico com partilhas, minha gratidão. A Mons. João Alves Guedes e Dom Joel Portela, pela acolhida e auxílio, e ao Pe. Admilson Tadeu Quirino, pelo incentivo e motivação de prosseguir, muito obrigado a ambos pela amizade, pela fraternidade e pela motivação neste caminho acadêmico e de irmãos.

Aos colegas Pr. Chrystiano Gomes Ferraz e Pr. Laerte Tardelli Hellwig Voss, que pela amizade e fraternidade possibilitaram tanto na academia como no diálogo, o testemunho da oração sacerdotal de Jesus, de que todos sejam um (Jo 17, 20-23).

A Capes/Prosuc/Bolsa e Taxas e à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pelas contribuições concedidas, sem as quais seria impossível realizar esta pesquisa. Também a todos os professores e colegas da pós-graduação da Teologia da PUC RJ pela troca dos saberes e ampliação da reflexão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –Brasil (CAPES) –código de Financiamento 001.

À Lina Aparecida Checchinato, pela presença eclesial e motivadora de abrir novos horizontes, através da conversão diária no caminho desta tese. E à Lucíola Tisi, que é amiga e presença importante. A presença de vocês, mulheres de fé e testemunho, é importante nas contribuições à minha trajetória. Também à Angélica Cardoso, pela gentileza aos auxílios necessários à logística dos estudos. Enfim, agradeço a todos meus amigos e amigas pelo incentivo, pelo apoio e pelo estímulo nos momentos em que mais precisei.

Elevo minha prece pelo papa Francisco, seu testemunho de Igreja “em saída” comprometida evangelicamente com o seguimento de Jesus à luz do Espírito Santo motivou minha conversão pessoal, pastoral e comunitária. Assim como enriquecimento humano, espiritual, teológico e pastoral.
Que Deus Trino e kenótico seja nossa força!

Sumário

1.Introdução	12
2. A Igreja “em saída” proposta pelo Papa Francisco	18
2.1. A Igreja “em saída” como prosseguimento do Concílio Vaticano II	18
2.1.1. “Em saída” na dinâmica irreversível do Concílio	19
2.1.1.1. Primeirrear a saída eclesial	20
2.1.1.2. Protagonizar os novos processos discernindo os sinais dos tempos	25
2.1.2. O povo santo e fiel de Deus: uma proposta da teologia latino-americana	29
2.1.2.1. Ecclesiológia a partir da base popular	30
2.1.2.2. Caminhar teológico-pastoral do povo santo e fiel	37
2.1.3. A participação eclesial no <i>sensus fidei</i>	44
2.1.3.1. A capacidade de discernir a dinâmica evangélica	44
2.1.3.2. A Igreja “em saída” na perspectiva do <i>sensus fidei</i>	47
2.2. Características da Igreja “em saída”	50
2.2.1. A proposta em “saída” e os princípios bergoglianos	50
2.2.1.1. Proposta de Igreja “em saída”	51
2.2.1.2. Princípios bergoglianos e sua aplicação poliédrica	58
2.2.2. A opção preferencial de uma Igreja pobre e dos pobres	71
2.2.2.1. A Igreja pobre	72
2.2.2.2. Igreja dos pobres	79
2.2.3. O movimento de saída para o encontro, diálogo e colaboração	92
2.2.3.1. Construir a cultura do encontro e do diálogo	93
2.2.3.2. Saída em colaboração na Casa Comum e para a fraternidade	105
3. Kenosis na teologia trinitária e eclesiológica de Hans Urs von Balthasar	114
3.1. A teologia trinitária-kenótica de von Balthasar	114
3.1.1. <i>Missio Dei</i> : a missão kenótica da Trindade	115
3.1.2. <i>Veni Creator Spiritus</i> : o movimento dinâmico do Espírito no mundo e na Igreja.	140
3.2. Luzes para modelos eclesiológicos missionários	150
3.2.1. A partir de Maria: a Igreja feminina, esposa e mãe.	150
3.2.2. A partir de Pedro e Paulo: a Igreja como unidade dos diversos dons e carismas	157
3.2.3. A partir do Discípulo Amado: A Igreja no serviço de amar e inclinar-se	163
3.3. Uma proposta de “kenosis eclesial”	167
3.3.1. O caráter da “kenosis eclesial”	168
3.3.2. A dramática interna: <i>Pneuma</i> e Instituição	181
4. A Igreja “em saída” em kenosis para práxis da misericórdia e do diálogo	207
4.1. Primeirrear da kenosis da Igreja “em saída”	207
4.1.1. O abaixar-se eclesial	208

4.1.1.1. O movimento kenótico da Igreja	209
4.1.1.2. A necessidade de a Igreja sair para primeirar	216
4.1.2. Criar processos de aproximação na “kenosis eclesial”	222
4.1.2.1. A dinâmica kenótica nos processos	223
4.1.2.2. Abrir caminhos inovadores	227
4.1.3. Primeirar da Igreja: envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar	231
4.1.3.1. Modus operandi primeirador	231
4.1.3.2. Proximidade eclesial	238
4.2. A Igreja em movimento de saída	246
4.2.1. Envolver-se kenoticamente especialmente pela misericórdia	247
4.2.1.1. Primeirar através da misericórdia para o cuidado dos pobres da terra	248
4.2.1.2. Misericordiar relações proféticas e transformadoras	256
4.2.2. Acompanhar kenoticamente pela sinodalidade	261
4.2.2.1. A sinodalidade através do diálogo	262
4.2.2.2. Sinodalidade e renovação da Igreja semper reformanda	269
4.2.3. Frutificar e festejar com as pequenas comunidades	278
4.2.3.1. Novas formae ecclesiae “em saída” missionária conduzidas pelo Espírito Santo	279
4.2.3.2. A Igreja em pequenas comunidades missionárias indo ao encontro com cuidado de todos	288
5. Conclusão	298
Referências bibliográficas	305

Siglas e abreviaturas

AG – Ad Gentes

AL – AmorisLaetitiae

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CEPAT – Centro de Pastoral

CTI – Comissão Teológica Internacional

DAP – Documento de Aparecida

DH – Denzinger – Hünermann

DPb – Documento da Conferência Latino-Americana em Puebla

DV – Dei Verbum

EG – Evangelii Gaudium

EN – Evangelii Nuntiandi

FT – Fratelli Tutti

GS – Gaudium Spes

LF – Lumen Fidei

LG – Lumen Gentium

LS – Laudato Si'

DMd – Documento da Conferência Latino-Americana em Medellín

MM – Misericordia et Misera

PE – Praedicate Evangelium sobre a cúria romana

QA – Querida Amazônia

SC – Sacrosantum Concilium

DSD – Documento da Conferência Latino-americana em Santo Domingo

1 Introdução

O pontificado do papa Francisco tem favorecido à Igreja repensar melhor os seus próprios caminhos. A simplicidade com a qual o papa encaminha as suas propostas já aparecia, por exemplo, na maneira como se apresentou ao mundo logo que foi eleito: “irmãos e irmãs, boa noite!”. Na simplicidade e fraternidade dessa saudação papal, o sucessor de Pedro trouxe consigo uma nova proposta também muito vigorosa: a da Igreja “em saída”. As palavras, os gestos, as atitudes e o itinerário que Francisco vem mostrando têm chamado a atenção e questionado amplamente a hierarquia eclesial, os próprios membros da Igreja em geral e líderes mundiais de setores diversos. A instituição multimilenar da Igreja é chamada a revigorar a sua forma de missão. Pode-se perceber que isso vem com uma proposta simples e profunda, para responder de forma kenótica às questões desafiadoras levantadas nesta mudança de época.

Esta tese busca em seu tema compreender a Igreja “em saída”, continuando o seu prosseguimento conciliar, acentuando esse procedimento “em saída” de forma kenótica. Ela vislumbra a proposta de renovar a si mesma, pela dinâmica pneumatológica, dentro do movimento da evangelização nos tempos atuais. Ela é provocada pelas questões latentes dos conflitos globais e locais, pois eles refletem a realidade presente nas periferias reais e existenciais do ser humano, que requerem toda a atenção e a aproximação para o cuidado.

A Igreja “em saída” tem o seu coração no parágrafo 24 da *Evangelii Gaudium*, apresentando as comunidades missionárias com a disposição de tomar a iniciativa, isto é, *primeirar* novos caminhos. Esse escopo traz consigo o despojamento kenótico do Cristo, deixado aos seus discípulos nos instrumentos da jarra e da bacia do lava-pés, simbolizando a memória e o serviço do mandamento do amor (Jo 13). Com o neologismo da Igreja “em saída”, esta tese propõe elucidar e trabalhar a forma dessa proposta com suas implicações kenóticas presentes na teologia de von Balthasar. Portanto, compreendendo as características do seu modo de proceder – envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar – como possibilidade atual do reavivar a intenção pastoral do Concílio Vaticano II diante das exigências contemporâneas.

A relação estabelecida entre a renovação da Igreja pela proposta missionária acontecendo continuamente pelo modo de estar sempre pronta a se abaixar na direção do amar e servir. Essa postura será compreendida pela imagem kenótica da Trindade, que se envolve e acompanha a humanidade, frutificando e festejando comunitariamente cada passo alcançado. O novo modo de prosseguir

eclesialmente na missão possibilitará à Igreja ser mais próxima, humana e também digna de fé, sendo o seu testemunho a força motriz da sua credibilidade no mundo, quando encurta as distâncias e facilita o diálogo. Essa necessidade é latente quando observamos os modelos eclesiais a renovar-se, oferecendo uma proposta de religiosidade distante do cuidado amoroso, o qual a Trindade oferece com o seu amor absoluto pela humanidade.

A teologia cristã diante da mudança de época, com suas questões inesperadas e urgentes, necessita buscar na seiva da sua tradição aquilo que a auxilie para pensar, sistematizar e propor novos caminhos. O luzeiro do Concílio Vaticano II aponta como um farol seguro aos caminhos que a Igreja necessita continuar realizando. Esses percursos sempre terão riscos ou equívocos se perderem a sua boa direção. Contudo, a renovação traz a certeza e a clareza de se avançar. A teologia “em saída” contribuirá para responder aos sinais dos tempos e à construção contínua do Reino de Deus, diante dos obstáculos desconfiguradores do ser humano. Ela torna-se instrumento da esperança do amor do Pai criador, que despojou o seu próprio Filho e continua a recriar novos caminhos à humanidade pelo seu Espírito Santo. A robustez teológica estaria não como um pensamento ou um estratagema proselitista de manter apenas a institucionalidade da tradição, mas sim em abrir novos horizontes para a práxis pastoral e missionária kenótica.

A vivacidade criativa de lidar tanto com as questões existentes como também com as suas próprias falhas possibilitarão que ela avance nos seus caminhos, evitando procurar apenas sua autopreservação religiosa ou institucional. O laicato busca uma Igreja que esteja comprometida com ele e com os seus desafios, entretanto, ainda se vê desafiado a passar da passividade do rebanho para o protagonismo evangelizador. O deficiente contato com o Evangelho e o mundanismo propagado ainda muitas vezes nas igrejas paroquiais contribuem mais para a alienação do que para a vivência dos valores evangélicos e humanizadores.

A Igreja “em saída” proposta pelo papa Francisco, com as implicações kenóticas de von Balthasar, propõe acreditar na força transformadora do Deus Trindade, através da sua atuação misericordiosa. Um ano jubilar extraordinário (2015-2016), tendo como proposta sermos uma Igreja misericordiosa como o Pai, revelou-nos a importância de repensar, na atualidade, qual tem sido a contribuição teológica, humana, comunitária, pastoral, missionária e existencial da Igreja para a humanidade. Tal proposta, apontando tanto para a necessidade de renovação interior do seguimento e pertença eclesial como para uma evangelização acontecendo por atração e proximidade, constituiu o diálogo como pontes de fraternidade religiosa, humana, social e política. Assim abrangia poliedricamente as relações e tensões existentes na Casa Comum, sem a pretensão autorreferen-

cial de determinar, ensinar ou resolver tudo, mas, ao contrário, ser participante das novas decisões e rumos da sociedade de modo misericordioso e kenótico.

A pesquisa proporcionou compreender os fundamentos sólidos presentes na proposta de Igreja “em saída” e, de modo relacionado com esse tema, na teologia kenótica de von Balthasar. A pesquisa é basicamente bibliográfica, tendo encontrado um vasto campo material, utilizado na medida que pareceu importante para ilustrar a reflexão. A compreensão do tema está fundamentada em várias publicações do papa Francisco, priorizando aquelas que apontam seus fundamentos para uma proposta de Igreja “em saída”, buscando avançar na sua importância e configuração teológico-pastoral, como também pesquisar em várias obras de von Balthasar que mostram implicações da práxis de uma teologia kenótica, trinitária e eclesial – não se tratando de um estudo em determinada obra ou do desenvolvimento linear da sua teologia. São utilizadas, na pesquisa, muitas outras ilustrações bibliográficas úteis para contemplar o tema da tese.

A pesquisa bibliográfica sobre a literatura referente à Igreja “em saída” foi feita com a própria *Evangelii Gaudium* e tantas outras publicações papais. Várias das principais revistas teológicas (de universidades nacionais e do exterior) e sites teológicos comprometidos com esta proposta eclesial, contribuíram com reflexões, confirmando a proposta teológica deste estudo, como também acenando aos obstáculos e limitações que se encontram. Conhecer a proposta “em saída” do papa Francisco exige a compreensão da sua formação teológica e pastoral, com raízes no Concílio Vaticano II, na teologia do povo e na teologia latino-americana e o seu testemunho através do contato direto com as pessoas e suas dores. Também o contato com as obras teológicas de outros autores que influenciaram o pensamento do papa Francisco, como Scannone, e teólogos da escola argentina favoreceram ampliar a perspectiva de estudo e busca de novos materiais bibliográficos.

Atualmente, vários institutos de teologia católica têm aberto campo para que os teólogos engajados na proposta “em saída” – e também das diversas áreas teológicas – possam ampliar a produção acadêmica e pastoral. Essas contribuições possibilitaram compreender e enriquecer esta tese, que traz no seu escopo desenvolver, sistematizar e contribuir tanto teologicamente como pastoralmente. O conteúdo teológico para empenho pastoral-missionário tem desenvolvimento especial nos próprios discursos, homilias, mensagens e gestos realizados pelo papa Francisco.

A bibliografia de von Balthasar foi estudada e pesquisada considerando os temas pertinentes e implicados com as questões teológicas presentes neste estudo da proposta da Igreja “em saída”, como a *kenosis* (trinitária, cristológica

e eclesial), modelos bíblicos para a constituição eclesiológica, a pneumatologia renovadora da instituição e a força missionária da comunidade de fé no mundo secularizado. Esses temas foram encontrados em diversas obras de von Balthasar, contribuindo para fundamentação kenótica missionária da teologia “em saída”.

São vários os comentadores de von Balthasar, inclusive teólogos próximos ao papa Francisco, como Fisichella e Kasper, quando compilam em obras de estudos sobre a teologia de von Balthasar, e dando destaque para obras que apresentam a importância da “*kenosis* imprópria” e da opção divina pelos pobres e sofredores, sendo a primeira de uma teóloga espanhola e a segunda de um jesuíta. Essas temáticas presentes fortemente na sua trilogia – *Teodramática, Glória e Estética Teológica*–, como também distribuídas e citada pelo próprio teólogo nas suas demais obras.

A riqueza teológica de von Balthasar é muito estudada em outros países, como por exemplo Itália e Espanha, que produziram várias dissertações, teses, artigos sobre a perspectiva ontológica da teologia do autor. Contudo, as questões e implicações tratadas nesta pesquisa são menos acentuadas em nossos meios acadêmicos na forma em que é sistematizada esta tese.

Seguindo esse caminho de pesquisa, esta tese procurou responder à questão sobre a contribuição teológica proposta pela Igreja “em saída”, em sua atuação missionária e pastoral hoje, como a força evangelizadora acontecendo pela forma kenótica de ser pobre, despojando-se de si mesma e saindo ao encontro dos feridos nas periferias reais e existenciais. A possibilidade de, caminhando segundo o Espírito, escutar todos os seus membros, ao mesmo tempo, deve renovar-se continuamente pela sua vocação e natureza missionária. Essas questões levantaram a hipótese de a Igreja tomar a iniciativa de sair de si mesma para ir em direção aos diversos feridos da Casa Comum: pobres, descartados, machucados existencialmente. Ela também buscou fundamentar com a teologia kenótica possibilitar e fortalecer a importância de a comunidade ser a base renovadora da vida eclesial, e sua participação transformadora na sociedade. Neste caminho, respondendo à questão de sua decisão e atuação pastoral em ser presente e misericordiosa, a atividade kenótica da Igreja se abre mais ao serviço, ao diálogo e ao cuidado dos fragilizados, e mesmo de toda Casa Comum.

Nos capítulos construídos, foram destacados aspectos complementares da proposta “em saída” do papa Francisco, conjuntamente com a teologia kenótica de von Balthasar. Mostra-se a contribuição do *primeirar* kenoticamente da Igreja “em saída”. A apresentação desta pesquisa constitui a unidade do capítulo 1. O capítulo 2 traz elementos conciliares que são traços fortes, aqui considerados como precedentes de uma abertura maior na Igreja, hoje desenvolvida na pro-

posta “em saída”, como dinâmica irreversível em continuidade da primavera do Concílio e sua contribuição com o *sensus fidei* e a eclesiologia do povo de Deus, fortalecendo-se o compromisso com as exigências dos sinais dos tempos. Na sequência do capítulo, explicita-se que a eclesiologia se torna enriquecida com as características próprias do pontificado do papa Francisco, colocada em processo abrangente de processos evangelizadores, como sair de si mesma, ter os princípios bergoglianos aplicados na missionariedade e tomar sua opção concreta de ser Igreja pobre e dos pobres, favorecendo a cultura do encontro como chave do diálogo transformador das culturas e também promovendo o intercâmbio entre as religiões.

No capítulo 3, especialmente aprofundando dados inspirados na teologia sobre von Balthasar, destacam-se os três pontos importantes estudados para esta tese: a *kenosis* como manifestação do amor da Trindade, através da *Missio Dei*, a contribuição teológica dos modelos evangélicos para a Igreja e a “*kenosis* eclesial”, motivadora da renovação institucional e comunitária, sob a luz do Espírito Santo, o Explicador. Essas três partes trabalhadas e verificadas na teologia de von Balthasar abrem implicações pertinentes, presentes e relevantes para se pensar hoje a proposta kenótica no ser e atuar da Igreja, inclinando-se para realizar o lava-pés e sair das suas próprias muralhas.

Esses capítulos conduzem a uma reflexão teológica desenvolvida no quarto capítulo, que utiliza contribuições de von Balthasar e do papa Francisco, muitas vezes se alternando e complementando. Nesse capítulo, destacam-se principalmente elementos para acentuar as pequenas comunidades, a misericórdia, a missão e outros pontos, ou seja, o novo proposto pela Igreja “em saída” no pontificado de Francisco, tratando-se de criar os novos processos que a conduzirão à sua própria renovação nas bases de uma forma de “eclesiogênese”, no sentido de que teríamos nascente uma nova forma de Igreja. Essa nova forma eclesial acontece na redescoberta da força missionária, esquecida e enfraquecida pelo clericalismo que se faz presente nas suas estruturas. Esta tese propõe responder aos desafios missionários e renovadores, aplicando o conceito da “*kenosis* eclesial” de von Balthasar, propondo a ida em direção às fronteiras humanas, ao encontro de suas necessidades presentes nas suas periferias reais e existenciais. A dimensão missionária fica fortalecida a cada passo frutificado e festejado, pela conversão na sua forma de agir e abrir as suas portas. Ela irá realizar seus processos desenvolvendo a pastoral da misericórdia, através da escuta sinodal das comunidades diante das realidades gritantes de nossos tempos. O seu profetismo está comprometido em superar as mazelas geradas pelas estruturas injustas e descomprometidas com o ser humano.

Portanto, propomos nesta tese novos caminhos eclesiais missionários, a partir da pesquisa bibliográfica, com as referências que pareceram de maior relevância e bastante ilustrativas. Com a diversidade das fontes pesquisadas foi possível organizar o percurso de estudo teológico e realizar a redação que sistematizasse a vasta investigação realizada. O método “em saída” *primeirado* kenoticamente contribuirá tanto para o estudo acadêmico como para se iniciarem processos renovadores na pastoral missionária, repensando a formação dos pastores e ampliando a iniciação evangélico-missionária do laicato nas comunidades. Uma proposta de Igreja nova, criativamente sem medo, em que ela poderá se questionar, se rever e se abrir ao novo, ou seja, faz as suas posturas um modo diferente: abaixando-se e *misericiando* kenoticamente.

2 A Igreja “em saída” proposta pelo papa Francisco

A convicção do Concílio Vaticano II em abrir as portas da Igreja para o mundo está presente na Igreja “em saída”. Essa convicção tem consequências pastorais, ao empregar a medicina da misericórdia como melhor prática pastoral nas necessidades de hoje.¹ Com esse percurso de oferecer o remédio da misericórdia para as necessidades do mundo e suas demandas em épocas de grandes mudanças, manifesta-se a fidelidade do papa Francisco nas linhas teológicas dos passos do Concílio.²

A dinâmica irreversível do Concílio Vaticano II propõe constantemente à Igreja povo de Deus novos caminhos missionários. Esse objetivo da Igreja “em saída” passa pela eclesiologia protagonista do *sensus fidei*, com a capacidade de discernir os sinais dos tempos. Esta pesquisa teológica tem como fio condutor a proposta do papa Francisco no seu *primeirear* kenótico e suas características, provocando todos os membros eclesiais a saírem de si mesmos em direção ao mundo. Os seus princípios e aplicações pastorais ilustram o testemunho da pobreza evangélica e da cultura do encontro, construindo diálogos e fraternidade.

Este capítulo tratará de elementos do Concílio que oferecem algumas características à Igreja “em saída” proposta por Francisco para o discernimento pastoral em cada realidade cultural das comunidades de fé. A possibilidade de abertura eclesial e missionária se dá pela consciência do anúncio querigmático, pois o “Concílio conectou a Igreja não somente àquele tempo histórico em que ele se realizava, mas à própria história que revela em seu processo os sinais de Deus”³. Essa proposta é realizada à luz do Evangelho na interpretação dos sinais dos tempos pelo povo santo e fiel em seu tempo histórico, que trataremos nessa tese.

2.1 A Igreja “em saída” como prosseguimento do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II mostrou um novo rosto eclesial para o mundo, assumido pelo papa Francisco, que sai ao encontro, ou seja, “o rosto de uma Igreja mais global, que, ao mesmo tempo, esteja mais engajada na situação do tempo presente, com ‘a alegria e a esperança, a tristeza e a angústia dos homens do

1 JOÃO XXIII, Discurso do Papa João XXIII na abertura solene do Concílio Ecumênico Vaticano II, p. 28.

2 EG 46-47.

3 PASSOS, J. D., Processo Conciliar, p. 777.

tempo atual, sobretudo dos pobres e de todos os aflitos' (*Gaudium et Spes*)⁴. Os critérios da recepção do Concílio Vaticano II na realidade das culturas possibilitaram criativamente a interpretação da teologia pós-concílio, integrada ao pluralismo que constrói pontes através de diálogo cristão com a experiência e a linguagem humana comum.

“Em saída” para dialogar “no” e “com” o mundo é o caminho que, após 50 anos do Concílio Vaticano II, “é um tempo de iniciativas”⁵ que exige possibilidades para entender e participar dos processos constantes da cultura humana. Assim como desejava o Concílio, a leitura dos sinais dos tempos acena à prática do Evangelho através da sua atitude pastoral⁶, pois “Francisco aceita o Concílio como dado fundamental da igreja de hoje”⁷. Como um avanço na história da Igreja e de toda a humanidade, ao entender os laços mantidos pelo diálogo, podemos afirmar que o papa Francisco e a sua proposta “em saída” envolve todos, sem exceção, crentes e não crentes, pois o seu projeto carrega o novo Pentecostes em toda Casa Comum.

Nesta primeira parte do capítulo 2, o percurso se dará em quatro etapas. Na primeira seção, se pretende apresentar especificamente a ideia de “em saída” especificamente na dinâmica irreversível do Concílio Vaticano II. Na segunda seção, será apresentada a ideia de povo santo e fiel de Deus e sua relação com a proposta da teologia latino-americana. Depois, na terceira seção, a participação dos batizados na vida da Igreja dada com o *sensus fidei*. Na quarta e última etapa dessa primeira parte do capítulo, chama-se a atenção para a teologia encarnada com a leitura dos sinais dos tempos.

2.1. “Em saída” na dinâmica irreversível do Concílio

O momento da Igreja em sair de si mesma não é exigência de um Vaticano III ou de uma Jerusalém II, mas é de ser capaz de ter a sensibilidade em compreender, através do envolvimento e do acompanhamento das realidades históricas em andamento, os sinais dos tempos. A dinâmica eclesial promove a saída capaz de transformar a estrutura a serviço da pastoralidade e aberta pelo querigma do Evangelho, evitando os esquemas pastorais estabelecidos.⁸ Dessa forma, a

4 FAGGIOLI, M., Vaticano II, p. 86.

5 MIRANDA, M. F., O Concílio Vaticano II ou a Igreja em contínuo aggiornamento, p. 231-250.

6 KASPER, W., Testemunha da misericórdia, p. 36; ROUTHIER, G., A lufada secar do Concílio Vaticano II na Igreja, p. 118-120.

7 FAGGIOLI, M., Francisco.

8 FUMAGALLI, A., Caminhar no amor, p. 13-18.; THEOBALD, C., O estilo pastoral do Vaticano II e a sua recepção pós-conciliar, p. 220-222.

Igreja no mundo contemporâneo pode continuar a se orientar pela novidade do Evangelho do Cristo encarnado, como resposta à necessidade de realizar continuamente a leitura dos sinais dos tempos.

Ao tratar da Igreja “em saída” na dinâmica irreversível do Concílio, a tese percorre dois pontos em destaque: o *primeirar* a saída eclesial; e o protagonizar os novos processos a partir do Concílio Vaticano II. Nesse caminho assim realizado pelo povo de Deus, dotado do *sensus fidei*⁹, a Igreja vive a dinâmica missionária com a hermenêutica dos sinais dos tempos, renova-se e cresce pelo testemunho da comunhão na unidade da Trindade.

2.1.1.1 *Primeirar*: a saída eclesial

O papa Francisco, como filho latino-americano do Concílio Vaticano II, convida a Igreja a *primeirar* uma primavera eclesial.¹⁰ O Vaticano II (1962-1965), no debate do Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, a conduz em um canteiro de obras inacabado.¹¹ Nesse canteiro de obras, Francisco propõe para a Igreja a sua contribuição latino-americana – pensá-la “em saída” no mundo, em atividade missionária proposta após o Concílio Vaticano II. A construção e a realização do Reino de Deus são continuadas pelo testemunho evangélico na história, por meio da iniciativa missionária:

*A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeiriam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeiriam – desculpai o neologismo – tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva.*¹²

O papa Francisco prossegue esse caminho de iniciativa após o Concílio Vaticano II na missionariedade cotidiana:

Usemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe “envolver-se”. Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: “Sereis felizes se o puserdes em prática” (Jo 13,17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo

9 EG 119.

10 A Primavera na Igreja é pensada a partir da expressão utilizada por João XXIII para a Igreja como “um jardim fértilhante de vida e destinado a porvir glorioso”. ALMEIDA, J. A., *Atualização*, p. 8.

11 FAGGIOLI, M., Vaticano II, p. 142; SUESS, P., *Introdução à Teologia da missão*, p. 118.

12 EG 24.

no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade.¹³

Assim, na *Evangelii Gaudium* encontramos mais um impulso do papa Francisco para vivência testemunhal das pequenas comunidades na evangelização, que possibilitará esse *primeirar* nesses processos após o Concílio:

A comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. O sementeiro, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo, mas o seu sonho não é estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora. Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre “festejar”: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar.¹⁴

O Concílio iniciou processos que a Igreja latino-americana vivenciou no *aggiornamento*.¹⁵ O papa João XXIII, em um diálogo com o seu secretário, Mons. Loris Capovilla, usa pela primeira vez o termo *aggiornamento*.¹⁶ As expressões de João XXIII “Igreja não deve ser uma peça de museu” e “ela deve ser um jardim florido na primavera”¹⁷ são as mesmas usadas pelo papa Francisco. Com essas metáforas, o papa João XXIII preconiza o ritmo espiritual e pastoral como um novo Pentecostes eclesial, que pode “criar o futuro... A imaginação e a criatividade devem entrar em toda a reforma... O resultado de uma criatividade... é uma realidade nova.”¹⁸ O Concílio Vaticano II abriu um caminho que a teologia latino-americana desenvolveu como essa responsabilidade de saída para as realidades existenciais.

O princípio pneumatológico adotado pelos dois pontífices propõe ao *kairós* escatológico da Igreja uma proposta *semper reformanda*¹⁹. “A Igreja peregrina-

13 EG 24.

14 EG 24.

15 “*Aggiornamento* significa, em italiano, atualização. Tem três sentidos básicos: pôr em dia ou manter em dia; modernização, adequação ou critérios novos; adiantamento. Usado por João XXIII para indicar o escopo do Vaticano II, o termo *aggiornamento* passou a ser usado, em âmbito eclesial, sem tradução. Não aparece como tal nos textos do Vaticano II sendo sob expressões latinas equivalentes como *accommodatio*, *renovatio*, *adaptatio*, *instauratio* e análogas”. ALMEIDA, J. A., *Aggiornamento*, p. 8; FAGGIOLI, M., Vaticano II, p. 40-41.

16 ALMEIDA, J. A., *Aggiornamento*, p. 8.

17 ALMEIDA, J. A., *Aggiornamento*, p. 8.

18 ECHEVERRIA, E. J., *El Papa Francisco*, p. 53.

19 *Ecclesia semper reformanda* é a expressão da tradição teológica latina para a hermenêutica eclesial re-

na é chamada por Cristo a essa reforma perene, que ela própria, como instituição humana e terrena, necessita perpetuamente”²⁰. O papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e na encíclica *Laudato Si'*, atualiza o Concílio Vaticano II na perspectiva da iniciativa de ir ao encontro de uma humanidade em processos de mudanças e “reforma ainda pendente”²¹, “pois – a Igreja é *semper reformanda* – é alheia ao pelagianismo. Ela não se esgota em mais um plano para mudar as estruturas. Ao contrário, significa implantar-se e radicar-se em Cristo, deixando-se guiar pelo Espírito”²². A renovação eclesial do papa Francisco possibilita traçar a transição epocal em que nos encontramos²³, por exemplo como na pandemia da Covid-19, que traz à humanidade e à Igreja questões, anseios e demandas:

*Época decisiva também à humanidade, mas que o é de uma maneira especial para uma Igreja que se tinha encontrado cada vez mais (auto)marginalizada, ou seja, tendendo a se fechar sobre si mesma e excessivamente afastada do processo geral que renovava pela raiz a cultura e a sociedade.*²⁴

As exortações apostólicas e as encíclicas de Francisco têm se apresentado como propostas de criar processos de diálogos para uma consciência de fraternidade e solidariedade universais. Seria o mesmo caminho iniciado por João XXIII, como um caminho para a leitura dos sinais dos tempos e testemunho do Evangelho no mundo:

*A Igreja assiste, hoje, a uma crise que aflige gravemente a sociedade humana. Enquanto a humanidade está para entrar num espaço novo, obrigações de gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contato o mundo moderno com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho: mundo que se exalta em suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus.*²⁵

Com esse espírito convocatório do papa João XXIII para o Concílio Vaticano II, o papa Francisco afirma na *Evangelii Gaudium* a necessidade hoje de

formadora em sua atuação na história. O Concílio sentiu a Igreja impulsionada fortemente a voltar às suas origens, pois “a Igreja deve estar sempre aberta para se reformar num processo contínuo ao longo da história. Com outras palavras: ela deve mudar para permanecer fiel à sua identidade, o Evangelho que ela prega é também fator decisivo, iluminador e crítico, que fundamenta o imperativo de uma reforma contínua” MIRANDA, M. F., A Reforma de Francisco, p. 114.

20 UR 4.

21 LS3.

22 RUPNIK, M. I., Segundo o Espírito, p. 16.

23 FRANCISCO, Discurso no Encontro com os representantes do V Congresso Nacional da Igreja Italiana.

24 QUEIRUGA, A. T., A teologia depois do Vaticano II, p. 9.

25 JOÃO XXIII, Constituição Apostólica: com a qual é convocado o Concílio Ecumênico Vaticano II, p. 9.

se prosseguir o caminho renovador constante da Igreja através da sua iniciativa missionária:

O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente em alguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gl 6,2). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo se manifesta uma sede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural.²⁶

O caminho do papa Francisco vai além da sucessão histórica dos pontificados. A sua formação (1958-1969) e exercício ministerial (iniciado em 1973) foram realizados dentro do desenvolvimento da teologia latino-americana.²⁷ A sua pertença eclesial não é uma questão jurídica e institucional, mas uma vivência e experiência em sintonia com o espírito conciliar. As suas atitudes e decisões conciliares acontecem no processo histórico: em sua primeira aparição pública no dia de 13 de março de 2013 manifestou esta vivência conciliar ao dizer “E agora iniciamos este caminho, bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós”²⁸. Essa primeira aparição acena aos princípios da eclesiologia do Povo de Deus, da colegialidade e da pastoralidade. Os rumos da necessidade de uma Igreja *semper reformanda*, após o Concílio Vaticano II, ficaram evidentes na escolha do seu nome, “Francisco”:

as mudanças eclesiológicas e eclesiais instauradas pelo Concílio Vaticano II constituem a referência da programática que veio inclusa na escolha do nome Francisco pelo cardeal Bergoglio, no contexto da eleição e dos desdobramentos que se deram logo após, revelando a disposição e a coragem do novo Pontífice em romper com os padrões estabelecidos em nome de uma Igreja mais simples e servidora.²⁹

O conteúdo programático da *Evangelii Gaudium* tem continuidade nas suas demais exortações e encíclicas. Nelas são observáveis a afinidade efetiva e a práxis baseadas nas orientações do Concílio Vaticano II, como por exemplo, a

26 EG 67.

27 GALLI, C. M., De Puebla a Aparecida. Iglesia y sociedad y America Latina.; GRILLO, A., A virada profética do Papa Francisco.

28 FRANCISCO, Primeira Saudação e Bênção Apostólica Urbi et Orbi do Papa Francisco.

29 PASSOS, J. D., Francisco, p. 391.

citação colegial das conferências episcopais e o formato da convocação dos sínodos. Outra práxis do Concílio em suas palavras, escritos e gestos efetivos é a valorização do Povo de Deus no seu *sensus fidei* (senso da fé), presente na constituição conciliar *Lumen Gentium* n.12, pois hoje, como no Concílio:

*alguns bispos e teólogos mais importantes ativos na recepção do Vaticano II pediram uma reforma da Igreja de acordo com os documentos do concílio. Ocupava o primeiro lugar nas mentes dos reformadores o término da reforma litúrgica, a implementação da colegialidade à luz da nova eclesiologia, a limitação do juridicismo na Igreja, a reforma da Cúria Romana, a abertura ao mundo moderno e o aprofundamento do diálogo ecumênico.*³⁰

O nome Francisco, para o pontificado de Jorge Mario Bergoglio, apresenta o conselho evangélico assumido na Igreja latino-americana: pobre para os pobres. Essa escolha de nome evoca claramente o espírito evangélico de proximidade com os pobres e o compromisso de renovação da Igreja. Quevedo chama atenção, junto com Leonardo Boff, que “Francisco não é um nome”, mas sim um projeto renovador de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo poder, ou seja, uma Igreja ecológica que chama todos os seres humanos com a doce palavra de irmãos e irmãs.³¹ Assim ressoa o eco do papa João XXIII em 11 de setembro de 1962, ao declarar aos países subdesenvolvidos: “a Igreja apresenta-se como a Igreja dos pobres”³².

No contexto da boa recepção do Concílio Vaticano II, na América Latina, se pode compreender as convicções eclesiais do papa Francisco em propor a Igreja “em saída”. Essa opção de pontificado constitui e reafirma as opções maduras da hermenêutica prática, pois “trata-se, com efeito, de um acontecimento de raio histórico muito amplo, que constitui uma autêntica mudança de paradigma, não apenas no pensamento teológico como também na vida da Igreja católica e de sua presença no mundo”.³³ O seu caminho querigmático tem, a cada dia, assumido como latino-americano o paradigma conciliar, prosseguindo a reforma eclesial transformadora pela explicitação do Vaticano II em sua pastoralidade e práticas:

*estamos às voltas com um Papa latino-americano e não europeu, com madura experiência pastoral, formado numa teologia mais próxima e concreta do que à academia, mestre numa linguagem simples e direta, muito livre e, portanto, muito corajoso ao discernir e seguir os apelos do Espírito Santo para a Igreja, e com profunda e vivida sensibilidade com relação aos mais desfavorecidos.*³⁴

30 FAGIOLLI, M., Vaticano II, p. 47.

31 QUEVEDO, L. G., O novo rosto da Igreja, p. 31.

32 SILVA, R. R., Pobreza Evangélica, p. 748.

33 QUEIRUGA, A. T., A teologia depois do Vaticano II, p. 9.

34 MIRANDA, M.F., A Igreja em transformação, p. 22.

Na agenda “em saída” de Francisco está a nova etapa evangelizadora da Igreja que assume pelo diálogo *ad intra* e *ad extra* um compromisso missionário. A proposta de continuar os passos do Concílio na Igreja “em saída” não é a de ser cumpridora de esquemas pastorais e doutrinários, mas ter o compromisso de transformar a realidade a partir do Evangelho, enquanto dialoga com o mundo.³⁵ A reforma transformadora da Igreja se dá pelo espírito do Concílio através do diálogo, do serviço ao Povo de Deus e à humanidade.

2.1.1.2 Protagonizar os novos processos discernindo os sinais dos tempos

O Concílio Vaticano II, para realizar seus processos na pastoral e na sua relação com o mundo, possui como elemento fundante o diálogo – é o diálogo fecundo que será o fator desencadeador dos processos pastorais e sua relação com a comunidade e o mundo. Portanto, inserida no mundo, a Igreja se torna servidora da humanidade como Igreja Samaritana³⁶, ou seja, em uma pastoral de hospital de campanha, segundo propõe o papa:

*Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar alto. Devem curar-se das suas feridas. Depois podemos falar do resto. Curar feridas, curar feridas... E é necessário começar de baixo.*³⁷

Trata-se de um marco de processo renovador e inovador na história e na sua missão apostólica.

Esse tema reformador tem sido eminente para a Igreja. Ao mesmo tempo, a reforma e o ensino na Igreja devem ser feitos com diálogo, pois “prevalece no Concílio o paradigma eclesiológico renovador e ecumênico... na *Ecclesiam Suam*, em que se proclama que o ‘diálogo é a forma privilegiada’ do ensino da Igreja”³⁸. A humanidade, marcada pelas mudanças rápidas de paradigmas³⁹, encontra-se envolvida nesse processo histórico. O carisma fundante da Igreja e do Concílio Vaticano II tem no Evangelho sua forma transformadora dos corações e do mundo. A proposta conciliar e a reforma da Igreja, pelo papa Francisco, acontecem pelo testemunho da prática evangélica na conversão pessoal e pastoral, indicada pelo CELAM em Aparecida, pois “o papa Francisco as traz muitas vezes com as pala-

35 EG 22.

36 EG 120.

37 SPADARO, A., Entrevista com o Papa Francisco, p. 19.

38 JOSAPHAT, F. C., Uma reforma evangélica na plena fidelidade criativa ao Vaticano II, p.44.

39 LS 101.

bras, mas, sobretudo com os exemplos (padre Congar disse que para compreender e viver plenamente um Concílio são necessários cinquenta anos)”⁴⁰. Sobre a recepção do Concílio, salienta o papa Francisco:

*o Concílio Vaticano II marcou um importante passo na tomada de consciência que a Igreja tem tanto de si mesma como de sua missão no mundo contemporâneo. Este caminho iniciado faz mais de cinquenta anos, nos segue estimulando em sua recepção e desenvolvimento e ainda não chegou ao seu fim.*⁴¹

O caminho reformador pela conversão possui os desafios institucionais e estruturais cristalizados na Igreja, como o clericalismo eclesiástico e a cúria romana. A partir da eclesiologia do Povo de Deus, é possível realizar os processos de escuta sinodal, colegial e ecumênica para ir ao encontro da humanidade com misericórdia e abrir-se ao novo do Espírito Santo. Nas reformas programadas por Francisco, é necessário compreender o caminho junto com os princípios e elementos do Concílio Vaticano II. A prática desses princípios possibilitou, na América Latina, criar processos que continuam o caminho reformador nos dias atuais.

Os avanços e limites do pontificado do papa Francisco estão na dialética eclesial dos processos reformadores que poderão se tornar transformadores. A Igreja, na postura de diálogo e de serviço ao mundo, principalmente com os pobres, terá a bússola constante do *semper reformanda*. Assim se mostra o palpitar do Concílio Vaticano II na prática e na credibilidade da Igreja latino-americana para a sua universalidade.

O papa João XXIII afirmava a necessidade de se promover a unidade dos cristãos e de a Igreja dialogar com o mundo.⁴² Assim como o *aggiornamento* se tornou o método e a estratégia para a Igreja realizar o caminho do Concílio Vaticano II, “em saída” é a maneira irreversível da Igreja se aproximar dos demais cristãos e pessoas de boa vontade. O Concílio inspira a Igreja “em saída”, sem dogmatismos e disciplinas fechadas em si mesmas, um movimento autêntico do Espírito Santo. Assim, também ser e estar presente no mundo hoje, respondendo aos seus apelos.

O Concílio Vaticano II protagonizou um processo de mudanças para a Igreja e para a sociedade. A Igreja em diálogo proporciona processos efetivos de prosseguir sua presença atuando no mundo. O protagonismo eclesial do Povo de Deus⁴³ realiza o diálogo construtor da evangelização. Esse espírito conciliar possibilita à Igreja o diálogo também diante das transformações rápidas do mun-

40 BETAZZI, L., Um pastor instruído pelo rebanho.

41 FRANCISCO, Lettera del Santo Padre Francesco al Popolodi Dio che è in cammino in Germania.

42 PASSOS, J. D., Processo Conciliar, p. 781.

43 EG 120.

do moderno. As demandas de um mundo com paradigma tecnocrata⁴⁴ solicitam à Igreja alargar uma presença de posturas capazes de contribuir com caminhos humanizadores.

A Igreja “em saída” são as flores e os frutos das sementes conciliares, que produzem também suas próprias sementes no processo eclesial. Isso acontece de modo especial na contribuição do papa Francisco a partir da América Latina para o mundo. Da mesma maneira que João XXIII não poderia prever os frutos das sementes do Concílio Vaticano II, também Francisco não se limita a prever os frutos da Igreja hoje, pois se crê em um Deus que está na Igreja, caminha conosco e neste caminhar nos surpreende sempre.⁴⁵

O papa Francisco, no caminho conciliar, “resgata” seu significado renovador e dele retira as referências para a reforma inadiável da Igreja.⁴⁶ O *aggiornamento* e o *primeirar* são linguagem hermenêutica para compreender a Igreja em seu dinamismo inovador e renovador na história. Se constitui “a substância mais original do Vaticano II, que permanece buscando suas formas concretas de realização em cada tempo e lugar”.⁴⁷

A Igreja pós-conciliar caminha em sua peregrinação como Povo de Deus através do tempo, unida e dócil às surpresas do Espírito Santo. A fidelidade à dinâmica conciliar é a abertura para a ação de Deus na história pelo sopro do Espírito Santo. A novidade está em ir ao encontro com a alegria do Evangelho e a proximidade cordial que não condena, mas transmite a mensagem essencial do Evangelho: o amor a Deus e ao próximo.

O significado da Igreja “em saída” é estar comprometida com as realidades de dor, de guerra, de sofrimento, de migração, como, por exemplo, as presentes nesta pandemia e sua época de mudança. O papa Francisco recebe essa herança e propõe uma resposta pastoral ao mundo, inovadora para a humanidade necessitada de novos caminhos. O teólogo italiano Andrea Grillo expressa esse caminho da Igreja “em saída” como “igreja em subida”⁴⁸, devido à difícil e fatigante missão de uma instituição que se acostumou a ficar fechada em si mesma. Contudo, é preciso fazer esse caminho como uma nova etapa evangelizadora⁴⁹ na cultura contemporânea. Trata-se de prosseguir para frutificar, de modo irreversível:

44 LS 102.

45 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 9, p. 205.

46 PASSOS, J. D., Processo Conciliar, p. 781.

47 PASSOS, J. D., Processo Conciliar, p. 783.

48 GRILLO, A., Papa Francisco, o filho do Concílio que se tornou um homem livre.

49 EG 26.

O Vaticano II foi uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea. Produziu um movimento de renovação que vem simplesmente do próprio Evangelho. Os frutos são enormes (...) Sim, existem linhas de hermenêutica de continuidade e descontinuidade. Todavia, uma coisa é clara: a dinâmica de leitura do Evangelho no hoje, que é própria do Concílio, é absolutamente irreversível.⁵⁰

Nessa perspectiva da espiritualidade conciliar, a centralidade no Evangelho da misericórdia é o suporte da Igreja “em saída” como a práxis atual da nova fase de recepção do Concílio. Francisco demonstra esse caminho quando apresenta a bula do Ano Santo da Misericórdia:

Escolhia data de 8 de dezembro, porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento. Começava então, para ela, um percurso novo da sua história. Os Padres, reunidos no Concílio, tinham sentido forte, como um verdadeiro sopro do Espírito, a exigência de falar de Deus aos homens do seu tempo de modo mais compreensível.⁵¹

Acrescenta, ainda, o novo compromisso missionário para a comunidade evangelizadora, de ser, de maneira nova, sinal do amor de Deus:

Derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos de testemunharem, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé. A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai.⁵²

No rastro conciliar⁵³ e na perspectiva missionária latino-americana, a misericórdia é o convite para a Igreja se reencontrar no coração do Evangelho. E o Vaticano II se propôs a ser um concílio pastoral, tendo a misericórdia e a prática do diálogo como a sua forma de ser no mundo. O magistério do papa Francisco e sua práxis eclesial seguem esse ensinamento. Ele acentua o diálogo e a misericórdia. Anuncia a missão aos homens e mulheres da Igreja para se encontrarem através do Evangelho.

Outro aspecto da renovação do Vaticano II está no Documento de Aparecida.⁵⁴ O então cardeal Bergoglio, hoje papa Francisco, presidiu a comissão de redação do texto original.⁵⁵ No serviço do ministério petrino, Francisco retoma a

50 SPADARO, A., Entrevista com o Papa Francisco, p. 25.

51 MV 4.

52 MV 4.

53 GRILLO, A., Igreja “em saída” e exercício da autoridade: para além de um “lugar comum” do magistério recente.

54 Conferência Episcopal Latino-americana realizada em 2007, no Brasil, na cidade de Aparecida -SP.

55 BRIGHENTI, A., Documento de Aparecida, p. 1-27.

perspectiva da Conferência de Aparecida enfatizando, além de uma cristologia encarnada, também uma conversão pastoral para a renovação das estruturas da Igreja, as quais se distanciaram do Evangelho.⁵⁶ A proposta conciliar de um caminho de mudanças *semper reformanda* está hoje presente no processo da Igreja latino-americana, pois “neste contexto de oração e vivência de fé, surgiu o desejo de um novo Pentecostes para a Igreja e o compromisso da missão Continental. Aparecida não termina com um documento, mas prolonga-se na Missão Continental”⁵⁷.

A missão da Igreja nos dias atuais exige que ela saia da sacristia indo em direção às ruas para o anúncio do Evangelho, rompendo com a comodidade, o clericalismo e o estar fechada em si mesma.⁵⁸ A proposta do papa de superar o clericalismo está em sintonia com o Concílio Vaticano II, já presente nos seus gestos e pronunciamentos:

*trata-se de uma cumplicidade pecadora: o pároco clericaliza, e o leigo lhe pede por favor que o clericalize, porque, no fundo, lhe resulta mais cômodo. O fenômeno do clericalismo explica, em grande parte, a falta de maturidade e de libertação cristã em parte do laicato da América Latina.*⁵⁹

A pastoralidade como motor conciliar para o testemunho da Igreja no mundo é tema presente nas recomendações do papa Francisco. A presença pastoral significa caminhar juntos com o povo de Deus seja na frente, no meio ou atrás, principalmente nas periferias reais e existenciais, com suas fronteiras no sofrimento, solidão e degradação humana.⁶⁰ A busca de novos caminhos construídos pelo diálogo comunitário e social é o principal sinal da Igreja presente no meio do mundo e de portas abertas, pois “os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro de ovelha’”⁶¹.

2.1.2 O povo santo e fiel de Deus: uma proposta da teologia latino-americana

Igreja “em saída” é, para a teologia, a espiritualidade e a pastoral a partir do povo fiel de Deus. O Deus Trindade, que é o Pai rico em misericórdia, manifestado em seu Filho encarnado, morto e ressuscitado e se comunicando com o dom do Espírito Santo, guia a Igreja como povo de Deus – integrando e contribuindo

56 DAp 100.

57 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 71.

58 EG 33-49.

59 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 75.

60 EG 20.

61 EG 24.

com a humanidade na construção de pontes e no derrubar dos muros eclesiais e humanos. E assim descreveu o jovem padre Bergoglio:

O que parece mais significativo, porém, é o reconhecimento da reserva de religiosidade que o povo fiel possui, reconhecimento que nós jesuitas argentinos estamos realizando. A título pessoal, gostaria de exprimir o que a realidade povo fiel significa para mim. Com povo fiel refiro-me simplesmente ao povo dos fiéis, isto é, aquele com o qual temos mais contato em nossa missão sacerdotal e em nosso testemunho religioso. É evidente que, entre nós, “povo” já se tornou um termo ambíguo por causa dos pressupostos ideológicos com os quais esta realidade é afirmada e percebida.

Insiste o papa Francisco, desde estudante de teologia, era importante pensá-la em perspectiva do contato com o povo fiel. Estabelecendo, na sua síntese, a fórmula teológico-pastoral, presente no impulso missionário proposto para a Igreja “em saída”:

Porém, repito, aqui que referi-me simplesmente ao povo fiel. Quando eu estudava Teologia, quando como vós, repensava o Deizinger e os tratados para preparar minha tese, impressionou-me muitíssimo uma fórmula da tradição cristã: o povo fiel é infalível in credendo, ao crer. Daqui tirei minha fórmula pessoal, que poderá não ser muito precisa, mas me ajuda muito: quando queres saber o que crê a Mãe Igreja, dirige-te ao magistério, pois ele tem o encargo de ensiná-lo. De maneira infalível; mas quando queres saber como crê a Igreja, dirige-te ao povo fiel. O magistério ensinar-te-á quem é Maria, mas nosso povo fiel ensinar-te-á como se ama Maria.⁶²

A proposta da teologia do povo de Deus aprofundada na teologia latino-americana prossegue sendo construída na história, e a trataremos em dois pontos: da sua eclesiologia a partir da base popular e do desenvolvimento e compreensão do seu caminhar teológico-pastoral.

2.1.2.1 Eclesiologia a partir da base popular

O primeiro papa latino-americano compreende e recupera o lugar central da eclesiologia a partir de uma base popular. Esse reaparecer teológico-pastoral é uma reflexão desenvolvida e vivenciada na América Latina, especialmente na Argentina, com a teologia do povo, como acena em seu serviço petrino ao povo de Deus, que irrompe um modo novo do cristão no cenário da vida pública com suas peculiaridades culturais.⁶³ Trata de abrir novos horizontes à Igreja na sua legitimidade de fé a partir de baixo e não do topo da hierarquia eclesial.

A constituição *Lumen Gentium* expressa a consciência eclesiológica que o mistério da Igreja, na Trindade, se realiza na história a partir de baixo na forma de

62 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 71.

63 GALLI, C. M., De Puebla a Aparecida.

povo de Deus.⁶⁴ Essa novidade do ensinamento conciliar possibilitou a recepção latino-americana compreender o mistério da Igreja em sua realização sócio-histórica. O desenvolvimento teológico pós-conciliar na Argentina, da eclesiologia do povo de Deus, se fez presente na recepção acentuada das Conferências do CELAM em Medellín (1968) e em Puebla (1979)⁶⁵, através do tripé evangelização, cultura e libertação, que são singulares na compreensão da teologia do povo. Muitos teólogos argentinos realizaram suas reflexões com os parágrafos 232 e 270 de Puebla, que destacam a Igreja como Povo de Deus presente nas diversas culturas. Destacam-se Lucio Gera (1924-2012) e Rafael Tello (1917-2002), que pensaram a teologia a partir da pastoral popular e da cultura. O teólogo Juan Luis Segundo chamou essa teologia argentina de teologia do povo. Essa teologia possui seus críticos e os seus simpatizantes, como Pedro Trigo, Diego Irarrázabal, Walter Kasper, Antonio González, Víctor Codina e outros:

Em 1982 se distinguem quatro correntes na Teologia da Libertação latino-americana. Depois destas se coloca a Teologia do Povo, nome introduzido por Juan Luis Segundo ao criticá-la, mas aceito por Sebastian Politi ao defendê-la. Gutiérrez a individualiza como “uma corrente com características próprias dentro da teologia da Libertação”, e Roberto Oliveros a define como “teologia populista”. Depois foi aceita por teólogos da Libertação como João Batista Libânio, e por seus críticos como MertholFerré e monsenhor Antonio Quarracino, na apresentação da Instrução Liberatisnuntius.⁶⁶

E sobre o paradigma cultural, salientou Gutiérrez, em um encontro na Universidade Católica de Lovaina: “a cultura esteve presente desde o princípio, e só teve uma mudança de acento”⁶⁷. Scannone complementa a apresentação da organização dessa discussão da teologia latino-americana: “1) Teologia da práxis pastoral da igreja; 2) Teologia da práxis de grupos revolucionários; 3) Teologia da práxis histórica; 4) Teologia da práxis dos povos latino-americanos. Nessa última corrente incluem a dos argentinos”⁶⁸. Pensar a libertação com a força do povo e da cultura constituíram a teologia na Argentina.

A Coepal⁶⁹ promoveu, entre 1967 e 1973, estudos da teologia latino-americana articulando questões interligadas, como: as realidades sócio-históricas, a sociologia religiosa, as experiências da pastoral urbana e rural e a reflexão teológica para orientar a sua práxis. O desenvolver do termo “povo” como “um sujeito

64 LG 9.

65 GALLI, C. M., De Puebla a Aparecida.

66 SCANNONE, J. C., El Papa Francisco y la teología del Pueblo, p. 31-50.

67 SCANNONE, J. C., El Papa Francisco y la teología del Pueblo, p. 31-50.

68 ALBADO, O. C., La Teología del Pueblo, p. 31-57.

69 Comissão Episcopal de Pastoral Argentina.

social que se reconhece devedor de uma experiência histórica, compartilhando um conjunto de valores culturais e desejoso de um projeto de vida em comum”⁷⁰. Essa categoria, mesmo que aberta e possível de ser apropriada por populismos e totalitarismos, possui a sua noção teológica proveniente da tradição bíblica como sociedade, comunidade, nação e cultura. Na tradição teológica argentina, aparece conjuntamente o termo “cultura(s)”, do significado clássico de designar o cultivo de costumes e ações no modo de vida de um povo. Ela irá privilegiar a categoria conciliar Povo de Deus (LG 9-17) sendo a Igreja um povo fiel e peregrino, que evoca de modo concreto e histórico sua presença eclesial e pastoral no mundo. Assim, a Coepal declarou em São Miguel: “a atividade da Igreja deveria não só ser orientada para o povo, mas também e sobretudo nascer do povo”⁷¹.

A encíclica *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI, trouxe uma contribuição madura na teologia pós-conciliar, como exercício da consulta do povo de Deus. Esse caminho participativo proporcionou uma pastoral orgânica e o protagonismo do laicato como força renovadora da Igreja. O jovem padre Bergoglio vivenciou com o episcopado, os teólogos e os pastoralistas argentinos o repensar da evangelização “com” e “nas” diversidades geoculturais.⁷² Surgia, portanto, a espiritualidade da evangelização cultivada e animada pelo diálogo com o testemunho da Palavra de Deus na vida cotidiana:

*a ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama na nossa época, como foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro, não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada.*⁷³

Pensar o povo de Deus encarnado nas realidades dos povos espalhados no mundo possibilita uma pastoral missionária popular, que não é o devocionismo da religiosidade, mas a partir da realidade social estar a serviço do povo pobre⁷⁴, como ressalta Francisco:

*A imagem da Igreja de que gosto é a do povo santo e fiel de Deus. É a definição que uso mais vezes e é a da *Lumen Gentium*, no número 12. A pertença a um povo tem forte valor teológico: na história da salvação salvou um povo. Não existe plena identidade sem pertença a um povo. Ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos considerando a complexa trama de relações interpessoais que se realizam na comunidade humana. Deus entra nessa dinâmica do povo...O povo é sujeito. E a Igreja é o povo de Deus*

70 GALLI, C. M., De Puebla a Aparecida.

71 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 68.

72 GRANDE, A. M., Anunciar el Evangelio en el mundo actual, p. 140-170.

73 EN 20.

74 EN 20.

*a caminho na história, com alegrias e dores. Sentire cum Ecclesiaé para mim, pois, estar neste povo.*⁷⁵

O pensamento do papa sobre a importância da eclesiologia do povo de Deus é antropológico, cultural, social e político. Esse desenvolvimento, realizado na *Evangelii Gaudium*, permite a Igreja se compreender inserida no mundo como povo de Deus peregrino e encarnado nas culturas, esse povo como um sujeito concreto e evangelizador, tendo suas raízes na Trindade,⁷⁶ se protagoniza na comunhão. Desta maneira, o povo-pobre-trabalhador articula os processos transformadores na sociedade e na Igreja, ou seja, os pobres evangelizando os pobres.

Tendo a sua raiz teológica na Argentina, o papa Francisco, pensa a necessidade de estar atento e presente nas questões sociais emergentes na história do povo. Assim, a dimensão social do Evangelho leva a Igreja a sair em direção aos temas decisivos para o futuro das relações humanas no mundo, como a inclusão social dos pobres⁷⁷ e o diálogo pela paz⁷⁸.

A pastoral com o povo fiel de Deus demonstra como o papa Francisco realiza a pastoral popular ao invés do populismo⁷⁹ eclesiástico. O seu testemunho e a sua relação com as pessoas pela simplicidade realizam o alcance evangelizador missionário em cada gesto e palavra. Ele não torna a si mesmo e nem a Igreja autorreferenciais, ao contrário, de forma respeitosa inicia processos comunitários, pois é mais importante “iniciar processos do que possuir espaços”⁸⁰. O diálogo do povo fiel de Deus com todos os povos da terra aproxima as relações de um mundo novo possível.

A Igreja como Povo de Deus peregrinante na história é o paradigma eclesial e missionário da Igreja “em saída” em sua maneira de se dirigir às questões emergentes nas culturas e nas fronteiras humanas pela inculturação e presença do Evangelho.⁸¹ A missão evangelizadora deixa de ser proselitismo, e se torna um diálogo com as culturas, cristãs ou não, visando relações humanizadoras e transformadoras, pois a “Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’”⁸². Essa pastoralidade possibilita hoje receber o sopro do Espírito Santo com o vento vindo do sul (fim do mundo), pois o Espírito “sopra onde e donde quer” (Jo 3,8).

75 SPADARO, A., Entrevista com o Papa Francisco, p. 16.

76 EG 111-117.

77 EG 186-216.

78 EG 217-258.

79 FT 150-161.

80 EG 223.

81 EG 122.

82 EG 14.

Essa experiência na Igreja tem sido feita, por exemplo, no pontificado do papa Francisco, como também o conhecimento da teologia do Povo argentino ao mundo.⁸³ Assim, a missão evangelizadora se realiza com o protagonismo de cada um que atua na sociedade e na história, tornando possível compreender que a transformação institucional não acontece pelas decisões e decretos burocráticos, mas sim pela conversão do Povo de Deus e seu protagonismo no mundo:

o povo de Deus não constitui um povo à parte, completamente isolado e alienado à vida e à prática de outros povos. Antes, no meio deles, mas sem se identificar com nenhum deles, reúne elementos de povos diversos e forma um povo novo, independentemente de raça, cultura ou nação, e se torna, para todos eles, sacramento de salvação (cf. LG 9).⁸⁴

Dessa forma, compreendemos que a “Igreja é um povo, constituído não a partir de condições particulares e privilegiadas, mas tão somente sobre o fundamento da fé em Jesus Cristo (LG 32)”⁸⁵. No Documento da Conferência de Aparecida, a concretização do sinal visível desse povo espalhado nas culturas se expressa nas pequenas comunidades.⁸⁶ A famosa expressão de Rahner, sobre a vida eclesial vir de baixo para cima pela comunidade de livre iniciativa, será a Igreja do futuro e ganha vivacidade nas comunidades “em saída” como evangelizadoras.

A categoria povo de Deus em curso com a *EvangeliiGaudium* é a chave de leitura da “Igreja popular” inserida no meio das culturas em que existe uma pequena comunidade eclesial testemunhando o Evangelho. Essa Igreja que é peregrinante sempre será uma presença aberta ao novo do Espírito Santo e às mudanças impostas pela história. As sementes de uma “Igreja Popular”, desde Medellín com as CEBs, possibilitaram se encarnarem nas realidades periféricas e pobres das culturas latino-americanas. As CEBs como legítimo povo de Deus inserido nas camadas populares levaram ao contato fecundo da Escritura na pastoral e movimentos populares engajados na transformação social. Esses pilares da teologia da libertação também fecundaram os pilares da teologia do povo, sendo frutos da eclesiologia do Vaticano II “com a originalidade de inserir mais fortemente os pobres na compreensão do ser humano”⁸⁷.

Hoje, dentro do processo histórico do povo de Deus, o caminho sugere que as CEBs se insiram na realidade urbana através das pequenas comunidades evangelizadoras. As sementes promotoras do testemunho evangélico de promover a liberdade e dignidade humana crescem em meio a uma humanidade com

83 GALLI, C. M., *Diálogo teológico com Walter Kasper*.

84 CAVACA, O., *A Igreja, Povo de Deus em comunhão*, p. 115.

85 CAVACA, O. A., *Igreja, Povo de Deus em comunhão*, p. 127.

86 DA 178-180.

87 LIBÂNIO, J. B., *Vaticano II*, p. 84.

mudanças e transformações sociais. Essa nova realidade necessita, além da conversão estrutural, de uma conversão pessoal e pastoral.

As comunidades encarnam, no tempo presente, a vocação de prosseguir avançando mesmo diante dos retrocessos sociais, possibilitando entender a necessidade do processo de conversão contínua. Esse processo faz compreender que as pequenas comunidades espalhadas nas periferias, centros urbanos e rurais são sementes apostólicas e pós-conciliares das CEBs, que hoje frutificam e preparam novas sementes para o futuro. E os frutos presentes pedem uma atitude “em saída” dessas comunidades como povo santo fiel de Deus.

A eclesiologia do povo santo fiel de Deus como evangelizador é a oportunidade de vivenciar um *kairós*. O “frescor original do Evangelho”⁸⁸ permite avançar no testemunho e práxis sem se esquecer das raízes históricas e evangélicas do caminho feito. A dinâmica desse caminho é a do êxodo de si mesmo em direção às realidades de fronteiras humanas, urbanas, existenciais, periféricas, políticas, econômicas, ecológicas e missionárias, edificando o “caminhar e o semear sempre novo, sempre mais além”⁸⁹.

O paradigma “em saída” orientará ir às periferias do mundo, ao mesmo tempo que se renova interiormente em conversão missionária. Esse processo peregrinante de cada membro não segue uma ordem clerical, mas sim se propõe como povo batismal, que realiza processos sinodais, comunitários, evangelizadores com *parresia*, esperança, paciência e misericórdia. A peregrinação do povo de Deus hoje exige um encarnar-se nas culturas e abertura de um acompanhamento eclesial que promova um crescimento comunitário. Assim, cada pequena comunidade espalhada no mundo é a presença e unidade da Igreja⁹⁰ que proclama o que-rigma trinitário, pois permite compreender a “Igreja sinodal como uma pirâmide invertida na qual se integra todo povo, colégio episcopal e o sucessor de Pedro”⁹¹.

O povo fiel⁹² presente na *Evangelii Gaudium* evidencia a atuação histórica de um povo peregrino, evangelizador e transcendente de toda expressão institucional, anunciando o Evangelho na sua própria cultura.⁹³ No rosto multiforme do povo e em suas diversidades culturais, se enriquecem com a harmonia da troca cultural e do Evangelho na construção de uma sociedade capaz de encontrar novos caminhos de diálogo e evangelização. Esse processo é lento e exigente para

88 EG 11.

89 EG 21.

90 GS 40.

91 GALLI, C. M., *La reforma missionaria della Chiesa secondo Francesco*, p. 63.

92 EG 95-96.

93 EG 116-117.

vivenciar a proposta da fraternidade e amizade social do papa Francisco proporcionada pela “cultura do encontro.”

A mística do povo santo fiel se encontra na acolhida do Evangelho na vida e nas manifestações de oração, fraternidade, justiça e festa.⁹⁴ A inculturação através do Evangelho faz nascer as práticas de piedade popular e vivências reais que purificam e amadurecem essa mística. A criatividade e liberdade da fé encarnadas possibilitam realizar uma pastoral a partir das comunidades e pelas suas culturas, evangelizando a si mesmas⁹⁵, rompendo os clericalismos e transmitindo um modo novo de viver a fé e a fraternidade.

A espiritualidade encarnada na cultura de cada comunidade “leva a graça missionária de sair de si mesma e de ser peregrina”⁹⁶, para participar da realidade dos mais pobres e ser evangelizada por eles.⁹⁷ Ela participa e realiza as lutas transformadoras na sociedade com a “inclusão social dos pobres”⁹⁸ contra uma cultura econômica que mata pelas estruturas injustas, possibilitando realizar a revolução da ternura. A categoria povo de Deus como sujeito histórico age na e através das culturas:

Este Povo de Deus está encarnado nos povos da Terra, cada um com sua cultura. A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diferentes expressões da vida cristã presentes no Povo de Deus, é o estilo de vida de uma determinada sociedade, a forma peculiar que os seus membros têm de se relacionarem entre si, com as outras criaturas, e com Deus, entendida desta forma, a cultura inclui a totalidade da vida de um povo. Cada povo, em seu desenvolvimento histórico, desenvolve sua própria cultura com legítima autonomia. Isso se deve ao fato de que a pessoa humana, “por sua própria natureza, necessita absolutamente de uma vida social” e sempre se refere à sociedade, onde há uma forma concreta de se relacionar com a realidade. O ser humano está sempre situado culturalmente: “natureza e cultura estão intimamente ligadas”. A graça pressupõe cultura, e o dom de Deus se encarna na cultura de quem o recebe.⁹⁹

O povo de Deus é santo pela razão de ser ungido pelo Espírito, que o guia pelo seu *sensus fidei*, discernindo o que realmente vem de Deus. A dimensão institucional não exaure a vida eclesial, quando se escuta a iniciativa do povo “que Deus escolheu para si e convocou, que é a Igreja”¹⁰⁰. O Evangelho se encarna no mundo pela prática comunitária do amor, da misericórdia e da coragem de es-

94 EG 237.

95 DPb 450.

96 EG 124.

97 EG 198.

98 EG 185.

99 EG 115.

100 EG 113.

tar do lado dos descartados da história. Esse processo de profunda inculturação constitui a presença da Igreja no mundo como harmonia e comunhão dos povos e culturas.

2.1.2.2 Caminhar teológico-pastoral do povo santo e fiel

O papa Francisco ressalta e convida a uma profunda adesão de cada batizado a participar da sua missão evangelizadora na Igreja. A sua pertença não se limita em ser um receptor de serviços religiosos das paróquias, mas ser “um sujeito ativo da evangelização e saber repensar os esquemas inadequados de evangelização (...), pois a nova evangelização deve implicar novo protagonismo de todos os batizados”¹⁰¹. A unção batismal com a força do Espírito Santo incorpora cada cristão como discípulo-missionário na pregação diária e informal do Evangelho, como dom e força de um povo santo e fiel de Deus.¹⁰²

A instituição eclesial, através dos processos iniciados com Francisco, começa a abrir suas portas para a participação de leigos e leigas nas suas instâncias de decisão. Essa participação, em maior número nas instâncias vaticanas, aplica a eclesiologia do povo batismal na sua identidade de se pôr a serviço de transformar uma instituição clerical em comunhão. Podemos notar isso com a nomeação de seis mulheres junto a mais seis clérigos para a economia vaticana¹⁰³, refletindo o criar processos transformadores de participação no “gerir o poder, isto é decidir”¹⁰⁴ caminhos institucionais da Igreja povo de Deus.

A falta de um espaço e de responsabilidade para os laicos fere a eclesiologia do povo santo fiel de Deus e a sua fidelidade como servidora do Reino de Deus. Por isso, um laicato maduro fará fecundar, pela inculturação do Evangelho, o crescimento de um povo reunido. A importância desse compromisso evangélico do povo santo fiel de Deus na cultura em que vive foi destacada pelo papa Francisco em uma homilia de 27 de abril de 2006 para os educadores:

*a palavra povo (...) É um vocábulo que carrega em si como uma forte carga emotiva e projetos com tantas esperanças e utopias. (...) mais que uma palavra é um chamado, uma con-vocação para o sair de um fechamento individualista, do interesse pessoal e delimitado, do próprio lago privado, para mergulhar-se no amplo fluxo do rio que avança e avança reunindo em si a vida e a história do vasto território que atravessa e fecunda.*¹⁰⁵

101 VITALI, D., Una Chiesa di Popolo, p. 61.

102 EG 127.

103 AZEVEDO, W. F., O Papa nomeia sete mulheres de uma só vez para formarem parte do Dicastério da Vida Religiosa.

104 PALLADINO, E., Il Laici, p. 79.

105 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhièla mia Parola, p. 433.

Assim como um povo habita o mesmo espaço e tem a oportunidade de ter proximidade, também o povo de Deus reunido deve testemunhar e viver a proposta comunitária de um laicato maduro com seus ministros, mas todos formando um único povo sacerdotal e em dignidade.¹⁰⁶ A comunidade batismal fecunda a sua dinâmica nos vínculos sociais com uma pastoral atenta para “curar as feridas, construir pontes e estreitar laços”¹⁰⁷ com as várias questões humanas e “ajudando-se reciprocamente nas pequenas coisas de todos os dias”¹⁰⁸.

A proposta do povo santo fiel de Deus, “de memória deuteronômica”¹⁰⁹, ser uma comunidade inserida nas culturas provoca uma força de ação transformadora e evangelizadora nos espaços criadores de processos históricos. O diálogo entre os membros da comunidade de fé com as outras comunidades com as quais convivem em uma comunidade local possibilitará construir a identidade de um futuro empenhado no destino do bem comum. O passado e o presente marcados por conflitos e assertivas das gerações de comunidades de fé não anulam a construção de se responder hoje e no futuro com protagonismo e iniciativas de comunhão, de um povo aberto à realidade de Pentecostes “sempre com novidades transformadoras” (At 2,1-11). Essas realidades pneumatológicas abrem as comunidades de fé “com” e “nas” realidades culturais das sociedades, mesmo que ambíguas. Assim, as fronteiras do povo fiel de Deus são as mesmas das sociedades humanas que estão próximas e inseridas nos âmbitos políticos, econômicos, educacionais, sociais, sanitários e religiosos plurais.

A pastoral da Igreja “em saída” acontece pelos vínculos da inculturação do Evangelho criados na piedade e cultura popular. O jesuíta Pedro Arrupe, no Sínodo de 1974 sobre a Evangelização, usou pela primeira vez a palavra inculturação com base na encarnação do Cristo e na transmissão da fé evangelizadora do povo de Deus.¹¹⁰ O pensamento sobre o povo santo fiel de Deus tem na *Evangelii Gaudium* a inculturação como o Espírito Santo movendo o protagonismo da ação evangelizadora em cada cultura.¹¹¹ Os pobres, na evangelização, realizam a sua abertura pelo modo de viver e conviver, o que possibilita uma mística popular para o mundo atual. A fé encarnada nas “culturas populares são sementes do Verbo”¹¹² que podem desenvolver os frutos transformadores do Reino na história.

106 LG 10-14.

107 EG 67.

108 FRANCISCO, PP., *Nei Tuoi Occhi è la mia Parola*, p. 435.

109 PERRONI, M., *Kerigma e Profezia*, p. 42.

110 SCANNONE, J. C., *L' inculturazione nell' Evangelii Gaudium*, p. 159-160.

111 EG 122.

112 EG 68.

A cultura popular evangeliza, no meio das sociedades injustas, pela sua capacidade de resistir e superar através dos valores da fé e da fraternidade. A comunidade que acolhe o anúncio do Evangelho pelo Espírito Santo o fecunda em sua cultura, criando a força transformadora missionária. A teologia “em saída” vivenciada e transmitida pelo papa Francisco possui um caráter verdadeiramente trinitário, o qual a Igreja tanto necessita na unidade plural e multiforme das comunidades espalhadas pelo mundo. Pensar a eclesiologia “em saída” é compreender a dinâmica trinitária de comunhão no discernimento pastoral e missionário do Povo de Deus:

Francisco alude à importância da piedade popular, verdadeira expressão da ação missionária espontânea do povo de Deus (EG 124; DA 263), a qual em nenhum modo é estática ou morta, porque “se trata de uma realidade em constante desenvolvimento, onde o Espírito Santo é o agente principal” (ib.) Vejamos ainda a constante recordação da índole pneumatológica da inculturação segundo a analogia da encarnação.¹¹³

O momento contemporâneo provoca desejar que os pastores não sejam funcionários sagrados, e sim particularmente servidores capazes de, com paciência, sustentar os passos na caminhada. O discernimento comunitário deve ser compreendido como “o que torna o povo completamente o povo de Deus, e Igreja mesma que se abre a todos e ativamente preocupada por todos (a igreja em saída)”¹¹⁴. O papa Francisco, como um pastor missionário que escuta, através do diálogo caminha com o povo santo fiel, desde quando realizava a evangelização nos bairros periféricos de Buenos Aires. Na sua participação na Conferência de Aparecida, nos possibilita compreender que não lhe basta o conhecimento teológico, mas é preciso estar junto na caminhada para vivenciar “a relação entre a Igreja e o Mundo como a presença encarnada e inculturada na fé do povo de Deus e nas culturas dos povos”¹¹⁵. Por isso, a opção dessa práxis estimula a teologia pensar caminhos:

enquanto teológica, a opção de Francisco se nutre, inicialmente, da teologia do povo, como um dos vários ramos que se desenvolveram na teologia da libertação latino-americana. E enquanto pastoral, ela encontra a sua origem no processo de renovação que se impulsionou com a pastoral popular proposta pelos bispos argentinos em São Miguel (1969) ao adaptar as conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano reunido em Medellín (1968) à sua realidade local.¹¹⁶

A proximidade do papa Francisco com as pessoas pelos seus discursos, documentos e gestos é a vivência prolongada pela Igreja “em saída” do modo

113 SCANNONE, J. C., *L' inculturazione nell' Evangelii Gaudium*, p.167.

114 RUSCONI, G. E., *La teologia narrativa di papa Francesco*, p. 35.

115 GALLI, C. M., *Lineas teológicas, pastorales y espirituales del magistero del Papa Francisco*, p. 93-158.

116 LUCIANI, R., *La opción teológico-pastoral del Papa Francisco*, p. 81-115.

pastoral latino-americano. Essa maneira se expressa na simplicidade de vida, de falar, aproximando a Igreja do cotidiano das pessoas, e estas da vida comunitária, pois “o meu povo é pobre, e eu sou um deles”¹¹⁷. O processo iniciado por essa proximidade impulsiona a um diálogo direto com e na realidade do povo, especialmente do pobre, e ao mesmo tempo faz um convite à conversão da práxis pastoral da Igreja:

*tendo sido professor de teologia pastoral, o papa entende que se tem de conceder a primazia da prática e logo, como ato segundo a reflexão teológica. Seu estilo magisterial assume o método teológico latino-americano: ver, julgar e agir, acentuando o primeiro momento, o de ver o nosso redor ou casa comum, para desde aqui orientar ao leitor ou ouvinte a encontrar-se com a crua realidade socioeconômica que o rodeia em tanto feito o factum que não admite justificação alguma.*¹¹⁸

Francisco propõe à Igreja e à teologia estarem atentas com a prática pastoral que acompanhe as demandas e urgências assoladoras da humanidade, principalmente dos mais pobres. A credibilidade da Igreja acontece no mundo atual pela força do testemunho de viver profeticamente ao lado dos pobres. E nessa perspectiva aparece a noção de povo em três sentidos: povo-pobre, povo-nação e povo-fiel. O povo pobre é marginalizado e excluído da vida social, política e econômica, e nele temos a maioria da humanidade. O povo-nação é compreendido na sua análise social e cultural, através da hermenêutica popular do povo fiel de Deus.

A vida dos pobres nos permite escutá-los e às suas realidades injustas nas estruturas sociais e econômicas produzidas nas relações desumanizadoras da sociedade e não desejadas por Deus. A Igreja inserida na vida do povo fiel se propõe assumir as causas transformadoras à humanização de todos pela cultura do encontro. O teólogo acadêmico e pastoral procura, com o povo-pobre e a sua cultura, construir o bem comum, mesmo com as suas diversidades, visando o desenvolvimento dos valores humanos.¹¹⁹

A evangelização viva e presente na cultura popular possibilita a Igreja realizar um caminho fecundo de transformação interna e de mudanças sociais através da pastoral profética e libertadora na opção preferencial pelos pobres. Essa força transformadora faz o povo de Deus encarnado entre os povos da terra assumir a sua vocação, missão e lugar na história. O testemunho de estar presente nas culturas populares procura encontrar novos caminhos sentando-se juntos para conversar, discutir e buscá-los, pois “precisamos recuperar essa eclesiologia

117 BESEN, J. A., *Evangelii Gaudium, Lumen Fidei. Alegria do Evangelho e a luz da Fé.*

118 BESEN, J. A., *Evangelii Gaudium, Lumen Fidei. Alegria do Evangelho e a luz da Fé.*

119 EG 220.

da Igreja povo de Deus, que, principalmente as gerações mais jovens de presbíteros, não entendem – e não abraçam essa ideia”¹²⁰. Assim a presença do laicato maduro possibilita esse caminho e o amadurecimento do clero:

*Quanto mais leigos houver impregnados do Evangelho, responsáveis em relação a tais realidades e comprometidos claramente [nelas], competentes para as promover e conscientes de que é necessário fazer desabrochar a sua capacidade cristã muitas vezes escondida e asfíxiada, tanto mais essas realidades, sem nada perder ou sacrificar do próprio coeficiente humano, mas patenteando uma dimensão transcendente para o além, não raro desconhecida, se virão a encontrar a serviço da edificação do reino de Deus e, por conseguinte, da salvação em Jesus Cristo.*¹²¹

A Igreja é “também um Povo Santo”¹²² no assumir o seu batismo de forma cotidiana, tornando-se a chave missionária e evangelizando a si mesma, juntamente com as espiritualidades populares, não necessitando ser organizada pela elite clerical, pois nela se vive o verdadeiro amor de Cristo.¹²³ A reflexão teológica sobre a organização comunitária e social do povo de Deus, possibilitou um papel importante nas CEBs diante de um sectarismo fechado e autoritário “pelo dinamismo com mais espontaneidade em comunidades pequenas”¹²⁴. A Igreja popular sugerida no CELAM, em Puebla, salientou a contribuição das CEBs como totalidade do povo de Deus atuando na história pela fé:

*“Igreja popular”, ou seja, a Igreja que nasce do povo, apresenta diversos aspectos. Se se entende igreja popular como aquela que procura encarnar-se nos meios populares do nosso Continente e que, por isso mesmo, surge da resposta da fé que os grupos do povo deem ao Senhor, evita-se o primeiro obstáculo: a negação aparente da verdade fundamental que ensina que a Igreja sempre nasce de uma primeira iniciativa que “vem do alto”, isto é, do Espírito que a suscita e do Senhor que a convoca.*¹²⁵

Ao caminhar através da história, o povo de Deus muda necessariamente a sua organização para viver o testemunho transformador do Evangelho. A questão das mudanças não anula o ser comunidade a partir da Trindade, pois a necessidade de se alimentar do Evangelho para atravessar as nuances da história permite a credibilidade da novidade evangélica: irão ao encontro dos povos. É importante salientar que a pequena comunidade não é uma contraposição histórica das comunidades primitivas, das CEBs ou outras formas eclesiais, mas a iniciativa

120 MELO, G. P., Precisamos recuperar a eclesiologia da Igreja Povo de Deus, que as gerações mais jovens de presbíteros não entendem.

121 EN 70.

122 DPb 250.

123 VALENTE, G., Senza di Lui non possiamo far nulla, p. 81; DPb 257.

124 DPb 261.

125 DPb 263.

kenótica de ir ao encontro de um caminho histórico urbano/globalizado que se faz andando e servindo aos pobres, com as deformações e desumanizações que os descartam.

O povo santo fiel de Deus reunido em suas pequenas comunidades caminha com a esperança pascal de ser guiado pelo Espírito Santo, testemunhar o serviço transformador da sociedade com os preferidos do Senhor. A presença de cada pequena comunidade ilumina e possibilita de maneira privilegiada a evangelização, construindo a convivência que humaniza pela liberdade de amar e servir, sabendo que é limitada e pequena, mas se sente animada pela Trindade para superar as estruturas desumanizadoras.

O diálogo da Trindade prossegue na história pela proximidade criada nas relações comunitárias com a oportunidade da evangelização, construindo sinais concretos de esperança quando “nos encontramos em uma época nova, com mudanças rápidas e profundas. Esta realidade é geralmente incerta, confusa e de medo nos corações dos homens e mulheres do nosso tempo”¹²⁶. O povo santo fiel busca, em meio à crescente pobreza e corrupção institucionalizada, um diálogo capaz de compreender os sintomas desses males e recuperar a consciência de sociedade justa e fraterna.

Desde Medellín, Puebla e recentemente em Aparecida, a Igreja é convocada a realizar a sua missão e vocação de povo inserida nas culturas pelas comunidades de fé. A compreensão da realidade pela Palavra de Deus permite iluminar a consciência na prática cotidiana através da opção pelos pobres e descartados. A leitura da realidade feita através do Evangelho provoca mudanças: social, econômica e política, com as descobertas de novas formas de expressões e decisões. Assim, a “comunidade de fé que chega às pessoas com maneira nova, a fim de transformar um espaço contracultural se opõe a uma consciência de vida social que coloca no seu próprio centro o consumo como via certa e segura para a felicidade”¹²⁷.

A Igreja é discípula-missionária na perspectiva “em saída”, quando supera o mundanismo religioso dos devocionismos geradores de promoção assistencialista¹²⁸ a partir do seu envolvimento com o Evangelho na sua ação transformadora de combate da pobreza, portanto, se colocando “no compromisso eclesial para contribuir a superação das causas estruturais da marginalização e da injustiça”¹²⁹. A contribuição é apresentar o povo santo fiel como “o sujeito da evangelização”¹³⁰ capaz

126 FRANCISCO, *Nei Tuoi Occhi è la mia Parola*, p. 577.

127 FRANCISCO, *Nei Tuoi Occhi è la mia Parola*, p. 584.

128 EG 199.

129 ZEPEDA, J. J. L., *Eclesiologia latinoamericana e nel pensamiento del Papa Francisco*, p. 613-630.

130 EG 111.

de ultrapassar a fronteira clerical que se formou no processo histórico eclesial. A descentralização na peregrinação evangelizadora possibilita recuperar o ministério a se inserir “na vida da comunidade, fazendo parte da mesma realidade e da mesma história. Não pode haver uma “elite pastoral” que cria uma consciência isolada do conjunto dos cristãos batizados”¹³¹. A consciência de pertença ao povo santo de Deus, superando o binômio clero-leigo¹³², fará um novo processo da presença pastoral da Igreja intraeclesial como comunidade de fé e não institucional-burocrática-empresarial do mercado religioso.

A nova mentalidade eclesial é de todo o cristão constituir-se protagonista no mundo pelo seu testemunho evangélico que nasce no encontro da comunidade para plantar as sementes do Reino no mundo da política, da economia, da ciência, das artes. Na Conferência de Aparecida, temos essa síntese entre a fé popular do povo fiel e a oportunidade de se encontrarem no mundo secularizado como missionários maduros e proféticos na evangelização popular. A eclesiologia do povo de Deus consiste na sinodalidade com todos os batizados, na diversidade do corpo eclesial e no processo de ler e “compreender os sinais dos tempos propondo respostas eclesiais e pastorais a partir da realidade e da possibilidade das diversas igrejas locais e regionais”¹³³.

As noções do povo de Deus, a opção pelos pobres, juntamente com a teologia da libertação e a teologia do povo propõem prosseguir a iniciativa da encarnação e da Igreja “em saída”, pois “os pobres devem poder tomar decisões de avançar nos processos, organizar-se a si mesmos e formar sua própria instituição”¹³⁴. O povo pode atuar com o carisma profético da comunidade cristã, transmitida de geração em geração¹³⁵ através de impulsos e propostas com o compromisso da fé.

Dessa maneira, a pobreza testemunhada pelo papa Francisco salienta a sua opção pastoral e teológica em ir ao encontro da pobreza com austeridade e compromisso evangélico ao invés de impor uma doutrinação. A encarnação do Verbo, por livre e amorosa iniciativa do Pai, e a missão do Espírito reúnem a humanidade em um só povo.¹³⁶ É importante afirmar que a eclesiologia do Povo Santo Fiel de Deus não esgota o mistério e a peregrinação da Igreja, mas abre caminhos de sempre ir ao encontro das realidades humanas, como fez o Deus Trindade.

131 WOLF, E.; COLET, R. F., *Fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco*, p. 184-208.

132 LG 12.

133 NOCETI, S., *Riforma e inculturazione della Chiesa in Europa*, p. 532.

134 OTTAVIANI, E. S., *Papa Francisco e Medellín*, p. 207-227.

135 EG 220.

136 SILVA, M. F., *Uma eclesiologia de comunhão*, p.186-205.

2.1.3 A participação eclesial no *sensus fidei*

A perspectiva eclesiológica do povo santo fiel é aquele que sai pelo Espírito Santo a partir do que se crê. O papa Francisco ressalta a importância do *sensus fidelium* para que a Igreja “em saída” seja a força participativa de todos os batizados nas decisões eclesiais e na missão evangelizadora:

*Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. O povo de Deus é santo em virtude desta unção, que o torna infalível “in credendo”, ou seja, ao crer, não pode enganar-se, ainda que não encontre palavras para explicar a sua fé. O Espírito guia-o na verdade e condu-lo à salvação. Como parte do seu mistério de amor pela humanidade, Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. A presença do Espírito confere aos cristãos uma certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão.¹³⁷*

Para tratar da participação eclesial dos batizados com o *sensus fidei*, propõe-se uma reflexão sobre a capacidade do discernimento evangélico. Em sequência, considera-se a Igreja “em saída” na perspectiva do consenso evangélico.

2.1.3.1 A capacidade de discernir a dinâmica evangélica

O Espírito Santo concede à comunidade reunida ao redor do Evangelho discernir os seus caminhos de evangelização e ação no mundo de maneira dinâmica. O *sensus fidei* é a capacidade de discernir a verdade evangélica ao invés do aprisionamento devocionista da fé. O papa Francisco valoriza esse ensinamento recuperado pelo Concílio e o aplica no protagonismo de todos os batizados na vida eclesial, social e missionária. A sua experiência pastoral desenvolvida como presbítero e bispo, proporciona a ele reconhecer que a sinodalidade trará para a Igreja a experiência de fé vivida pelo Povo de Deus para compreender cada passo “em saída”, possibilitando:

*os fiéis terem um instinto para a verdade do Evangelho, o que lhes permite reconhecer quais são as doutrinas e práticas cristãs autênticas e a elas aderir. Esse instinto sobrenatural, que tem uma ligação intrínseca com o dom da fé recebido na comunhão da Igreja, é o chamado *sensus fidei*, e permite aos cristãos cumprir a sua vocação profética.¹³⁸*

A piedade popular como expressão do *sensus fidei* vem compreendida, discreta, purificada e transformada pela realidade do povo de Deus.¹³⁹ Na *Evan-*

137 EG 119.

138 CTI 2.

139 REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 53.

geli Gaudium, o Evangelho inculturado convida a comunidade oferecer pistas da ação missionária a partir de cristãos ungidos pelo Espírito Santo e inseridos na realidade. A espiritualidade encarnada exprime uma fé que é alimentada pela realidade necessitada do testemunho evangélico, celebrada e partilhada para uma ação inovadora. Os batizados se reúnem na comunidade para, ao ouvir o Evangelho, refletir, pensar, meditar, celebrar e propor esses caminhos como processos transformadores para a Igreja carente de uma evangelização comprometida com a vida plena (Jo 10,10).

O *sensus fidei* manifestado na piedade popular é a corresponsabilidade de todos os batizados como protagonistas da missão evangelizadora. É na vida comunitária que a expressão do *sensus fidei* se torna o caminho da união dos cristãos, pelo Espírito Santo, para a sua atuação no mundo como discípulos-missionários. Essa comunhão entre os cristãos na vida comunitária, como na Trindade, configura a Igreja a partir da *communio fidelium* pelo sacerdócio comum e os dons do Espírito Santo derramados sobre o Povo de Deus.¹⁴⁰

A *communio* trinitária inspira a Igreja povo de Deus tornar-se uma *communio fidelium*, que fundamenta a comunidade evangelizadora ao indicar o seu protagonismo e testemunho missionário em cada membro. O sacerdócio comum dos fiéis segue o serviço do Mestre de se abaixar, como no lava-pés, para a hermenêutica de reforma eclesial e de diálogo com o mundo. A eclesiologia do povo de Deus é a ação pneumatológica que leva a comunidade pelo *sensus fidei* à sua ação evangelizadora. O Espírito anima criar os processos com uma infalibilidade da ação pastoral missionária através do agir *in credendo*.

O Espírito Santo, na comunidade reunida, derrama os seus dons para que a atuação do seu testemunho a faça sair da passividade e da ameaça de fazer a Igreja uma hierarquia dura e fechada, ou um mercado prestador de serviços religiosos. Os carismas e dons do Espírito Santo possibilitam a Igreja buscar caminhos de processos de reforma transformadora e renovadora dela mesma, e da sua presença evangelizadora no mundo. Essa *communio fidelium* realiza a *communio ecclesiarum* pelas comunidades que na unidade trinitária realizam a presença da Igreja local na sua comunhão universal.

A Igreja de Cristo e a sua presença institucional acontecem pela verdadeira e legítima presença de comunidades dos fiéis reunidas e presentes na Igreja local¹⁴¹, pois “nestas comunidades, por mais reduzidas, pobres e dispersas que sejam, está presente Cristo, em virtude do qual se congrega a Igreja una, santa,

140 POTTMEYER, H. J., *La Chiesa in cammino, per configurare si come Popolo di Dio*, p. 75.

141 LG 26.

católica e apostólica”¹⁴². A *Evangelii Gaudium* é uma convocação a todo o laicato, presbíteros e bispos para caminharem juntos como Povo de Deus “em saída” missionária na “totalidade do povo de Deus que evangeliza”¹⁴³ sendo “sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus”¹⁴⁴. Trata-se de compreender a instituição da Igreja como “comunhão missionária”¹⁴⁵ que se manifesta no *sensus fidei* dos carismas ministeriais, pois a “*communio* entre os membros do povo de Deus pode crescer sobretudo na medida em que se cresce a sua *communio* com o Deus trinitário”¹⁴⁶.

O *sensus fidei* é a consciência eclesial que permite escutar as realidades e assim testemunhar fecundamente a presença evangélica. Esse processo de escuta se faz com o diálogo que renova a Igreja. Envolve os fiéis, de modo que se contrapõe ao mal do clericalismo quando instalado nas dioceses, paróquias e comunidades. A presença e importância do *sensus fidei* para a Igreja está no resgatar desse processo eclesial visando a participação ativa e fecunda de todos os batizados, que se alimentando da fé em comunidade testemunham a sua ação no mundo. Como na característica do seu peregrinar:

O povo santo de Deus participa também da missão profética de Cristo: quando lhe dá testemunho vivo, especialmente por uma vida de fé e de caridade, e quando oferece a Deus sacrifício de louvor, fruto dos lábios que glorificam o seu nome (cf. Hb 13,15). A totalidade dos fiéis, que receberam a unção vem do Espírito Santo (cf. 1Jo 2,20 e 27), não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua propriedade característica através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro, quando “desde os bispos até aos últimos fiéis leigos”, exprime o seu consenso universal a respeito das verdades da fé e costumes.¹⁴⁷

O percurso após o Concílio, com a perspectiva “em saída”, retoma a contribuição do povo de Deus presente na *Lumen Gentium* 12 como uma participação ativa, valiosa e direta de todos os batizados. É nas relações cotidianas que cada batizado realiza a sua capacidade de fomentar, pela força do Evangelho, a presença da ação dinamizadora dos dons do Espírito Santo.¹⁴⁸ A Igreja, quando não tem a participação do *sensus omnium fidelium* em seu magistério e ação evangelizadora, acaba se fechando em si mesma e adoecendo.

142 LG 26.

143 EG 17.

144 EG 111.

145 EG 23.

146 POTTMEYER, H. J., *La Chiesa in cammino, per configurare si come Popolo di Dio*, p. 81.

147 LG 12.

148 DARIO, V., *La circolarità tra sensus fidei e magistero come critério per l'esercizio della sinodalità nella chiesa*, p. 192.

O exercício do pastoreio do papa Francisco tem valorizado a presença ativa e afetiva do *sensus fidei* nas reformulações dos serviços vaticanos da Cúria Romana. O Sínodo dos Bispos tem ampliado o caminhar colegial do episcopado e se tornado a oportunidade de conversão pastoral. O Evangelho é o único caminho que permite a circularidade entre o Povo de Deus e os seus pastores e fiéis. Essa maneira de caminhar possibilita a Igreja escutar os dons e carismas dos seus fiéis que enriquecem a evangelização e o exercício do poder de forma colegial e sinodal.

É o possibilitar criar processos de uma instituição de fé que tem como critério a unidade que reconcilia as fragmentações criadas pelo movimento do carreirismo, abuso, prestígio e uso do poder, sendo a garantia da catolicidade, ou seja, a *communio ecclesiarum* difusa pelo mundo na mesma comunhão. Tratando-se de transmitir o Evangelho e realizar o *consensus omnium fidelium*, não pode errar pela prática do que se crê e se testemunha, desde o papa até o mais distante dos fiéis no mundo.

O *sensus fidei* é um fundamento importante para que se possa ativar processos de escuta e participação de toda a comunidade cristã nos discernimentos eclesiais. Os batizados reunidos na comunidade de fé, através do Evangelho, possuem a capacidade de pensar, falar, participar, ocupar espaços e serem responsáveis pela fecundidade da Igreja. O Espírito Santo possibilita a cada batizado os frutos do Reino acontecendo pelo crescimento da fé, discernimento dos sinais dos tempos e testemunho com coragem apostólica frente aos desafios.

2.1.3.2 A Igreja “em saída” na perspectiva do *sensus fidei*

A Igreja “em saída”, na medida que caminha em consenso evangélico em direção à história, através das novidades do Espírito Santo, procura não repetir modelos eclesiais do passado, mas transformar os desafios presentes em oportunidade de conversão e *communio*: eis a reforma proposta pelo papa Francisco na Igreja. Esta será a pauta da Igreja “em saída” para ter a iniciativa de participar das questões das fronteiras necessitadas do testemunho e da ação que transformam as situações difíceis em surpreendentes realidades novas e humanizadas.

Abrir-se ao Espírito Santo exige uma configuração eclesial que permita trazer e assumir a fé religiosa do *sensus fidei fidelium* como expressão de responsabilidade batismal ao pensar a relação entre Igreja e mundo. O viver a fé na cultura dos povos pelas comunidades possibilita o protagonismo do povo batizado na sua eclesialidade, evangélicidade, missionariedade e vínculo de pertença eclesial. Dessa maneira, fazendo a comunidade apontar os caminhos da evangelização fecunda e conduzida pelo Espírito Santo, a Igreja deseja viver renovação missionária:

a Igreja deseja viver com uma profunda renovação missionária, há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho.¹⁴⁹

O *sensus fidei* possibilita a clareza dos processos do *sensus ecclesiae* para podermos caminhar e avançar para novos rumos evangelizadores. Assim, nos presenteia um horizonte de amplas possibilidades para responder as questões que urgem nas culturas plurais, pois ao “caminhar juntos deve brilhar esta convicção, buscando espaço para [que] todas as vozes, especialmente dos mais sensíveis e humildes, tenham espaço e visibilidade”¹⁵⁰. Na carta ao Povo de Deus, na Alemanha, o papa Francisco destaca que a unção do Espírito Santo não é específica de um ministro ordenado ou de um grupo de fiéis, mas derramada em todo o corpo eclesial com a diversidade do estado de vida e dons distribuídos.

A riqueza desse caminho eclesial possibilita, mesmo com os conflitos, caminharmos juntos para escutarmos o Espírito Santo e não desprezar o *sensus ecclesiae*:

Sensus ecclesiae como elemento determinante do nosso DNA eclesial, que reclama assumir conscientemente um modo de ser Igreja para reconhecer um bem maior que beneficiará a todos (...) Se trabalha no pequeno, na proximidade, mas com uma perspectiva mais ampla.¹⁵¹

Exige uma atitude que permita experimentar a força criativa para anunciar e testemunhar o Evangelho. É o diálogo fecundo na comunidade que expande esta alegria ao mundo com a proximidade das realidades humanas até suas questões de fronteiras. A capacidade de decisão de ir ao encontro vem junto com um instinto espiritual e uma exigência de sentir com a Igreja:

*trata-se de uma espécie de instinto espiritual, que permite sentir cum Ecclesiae discernir o que está em conformidade com a fé apostólica e com o espírito do Evangelho. Certamente, o *sensus fidelium* não pode ser confundido com a realidade sociológica de uma opinião maioritária, sem dúvida. É outra questão.¹⁵²*

Por isso, a questão teológica do *sensus fidei* é a conceituação da ação do Espírito Santo em todos os batizados para dar o testemunho do Evangelho na comunhão do *consensus fidelium* para o discernimento da comunidade, sendo um

149 EG 127.

150 FRANCISCO, Lettera dell Santo Padre Francesco al Popolo di Dio che è in cammino in Germania.

151 FRANCISCO, Lettera dell Santo Padre Francesco al Popolo di Dio che è in cammino in Germania.

152 FRANCISCO, Discurso do Santo Padre aos membros da Comissão Teológica internacional.

“critério seguro para determinar se uma doutrina ou uma determinada prática faz parte da fé apostólica”¹⁵³. O teólogo Congar (1904-1995) salienta essa definição teológica afirmando que a Igreja que crê e ama com seus fiéis é a fé viva e não um juízo particular.¹⁵⁴ Trata-se de possibilitar um processo de participação autêntica dos fiéis na vida e na pertença eclesial, na escuta da Palavra de Deus e na abertura de discernir em comunidade a ação da pastoral-missionária.

A partir da vocação missionária, o Povo de Deus desenvolve a sua iniciativa pastoral suscitando às comunidades de fé exercer o seu protagonismo batismal diante das situações que exigem uma posição de diálogo na construção da justiça e da paz social, através da “dinâmica da escuta de todos”¹⁵⁵. Valorizar o *sensus fidelium* é estar inserido e atento em escutar as realidades das periferias reais e existenciais, ao mesmo tempo que encarna a mensagem evangélica nas culturas. Como declarou o papa Francisco em uma das suas lembranças pastorais:

*o Papa Francisco (...) citou as palavras de uma senhora idosa humilde, que ele havia encontrado certa vez: “Se o Senhor não perdoa tudo, o mundo não existiria”; e o Papa comenta com admiração: “Essa é a sabedoria dada pelo Espírito Santo”. (...) É, portanto, claro que o *sensus fidei* representa um recurso vital para a nova evangelização, que é um dos principais compromissos da Igreja de hoje.*¹⁵⁶

O Concílio Vaticano II, ao apresentar o conceito *sensus fidei* e a sua importância, inspira dar uma resposta missionária, comunitária, compartilhada e alimentada para vivência dessa esperança conduzindo o serviço responsável da Igreja no mundo. Assim, o magistério eclesial tem o compromisso de caminhar conjuntamente, consultando as realidades presentes na vida do seu povo:

*dever de estar atento ao *sensus fidelium*, que é a voz viva do povo de Deus. Os batizados não só têm o direito de serem ouvidos, mas também suas reações devem ser consideradas. (...) E, por consequência, o Magistério precisa ter meios por meio dos quais possa consultar os fiéis.*¹⁵⁷

Dessa maneira, se torna explícito como o Concílio Vaticano II moldou a sua teologia e a sua visão pastoral, tornando-se o ecossistema para a Igreja. E agora reafirma-se como é necessário explicitar os conceitos chaves do Concílio com os seus fundamentos dos argumentos para o horizonte teológico e pastoral, justamente para se desenvolverem os métodos a serem usados. Assim, a corres-

153 CTI, O *Sensus Fidei* na vida da Igreja.

154 HACKMANN, G. L. B., O Documento da Comissão Teológica Internacional sobre o *sensus fidei*.

155 CHIRON, J., *Sensus Fidei et vision de L'Église chez Le Pape François*, p. 187-205.

156 CTI, O *Sensus Fidei* na vida da Igreja.

157 CTI, O *Sensus Fidei* na vida da Igreja.

pondência ao Evangelho e sua práxis para o serviço reconciliador e humanizador no mundo é também um critério seguro para compreender o *sensus fidei*. O desenvolvimento dos dons e carismas possibilita edificar a Igreja que se expressa de várias maneiras e criativamente a sua força evangelizadora. Na vida pastoral e missionária, é necessário partir das realidades, culturas e experiências humanas vividas pela comunidade de fé, que passam por uma mudança de época.

2.2 Características da Igreja “em saída”

O protagonismo de vida cristã será o testemunho transformador para a evangelização e missão iniciadas no Concílio Vaticano II e protagonizadas na Igreja latino-americana na perspectiva “em saída”. A Igreja na América Latina sempre caminhou através do protagonismo pastoral, agindo em favor da reconciliação entre os povos e as religiões, dos direitos humanos e do progresso da paz e da justiça, particularmente para os pobres.

A contribuição da Igreja “em saída” será o progredir apostólico sobre a assistência do Espírito Santo, no *locus* desafiador. A abordagem hermenêutica do papa Francisco segue a linha latino-americana em sua relação com o mundo globalizado e tecnocrata, permitindo-nos afirmar que “Francisco é mais um papa após o concílio do que um papa do Vaticano II do que foram seus predecessores”¹⁵⁸. A teologia latino-americana praticada pelo papa Francisco diante das questões e necessidades atuais faz a sua agenda ter como pauta as migrações, o multiculturalismo e o alerta aos perigos de novos fundamentalismos religiosos.

Nesta segunda parte do capítulo, apresentam-se três etapas: a proposta em “saída” em relação com os princípios bergoglianos; a ideia de opção preferencial; e a cultura do encontro através do diálogo. A vitalidade para se prosseguir por esses caminhos encontra a essência alegre e contagiosa por crer no movimento da Trindade – e vivenciar nesses passos a percepção e atuação de um novo tempo. Esse novo tempo marcado pela opção de a Igreja ser pobre, fazendo-a aberta ao diálogo fraterno e amigo.

2.2.1 A proposta em “saída” e os princípios bergoglianos

Os caminhos a serem realizados criarão processos com novas ousadias teológico-pastorais que se fazem urgentes e necessárias. Os princípios bergoglianos as despertam para a abertura de caminhos sólidos e consistentes na evangelização. A postura do papa Francisco e a eclesiologia em constante saída encon-

158 FAGGIOLI, M., A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje, p. 1-22.

tram resistências internas em sua missão e nos setores reacionários da sociedade. As oposições e contrariedades aos processos motivadas pela Igreja “em saída” querem se impor como um limite ao pontificado de Francisco, mas com os seus princípios será possível avançar através do testemunho.

Caminhar em meio a processos para que eles levem a Igreja sair de si mesma e a caminhos renovadores *ad intra* e *ad extra*, mesmo com as tensões existentes, exige paciência e suportação apostólica, que significa “aceitar que é o tempo que nos faz amadurecer, (...) modele e amalgame as nossas vidas”¹⁵⁹, pois “o tempo é mensageiro de Deus”¹⁶⁰. Assim, é confiar no Espírito Santo que nos guia nesses caminhos de processos novos e que renova a face da terra.

O que o papa Francisco chama de “estilo missionário” é um anúncio do Evangelho, com uma implicação de conversão diária. Sair de si mesmo exige um caminho de conversão que se manifesta na “saída” efetiva, possibilitando com seus princípios processos transformadores na Igreja e no mundo.

Os princípios bergoglianos são iluminadores para a proposta de Igreja “em saída”. Por isso se considera essa relação de Igreja “em saída” com os princípios de Francisco, que têm uma aplicação poliédrica. É o que se apresenta nas seções seguintes.

2.2.1.1 Proposta de Igreja “em saída”

A proposta da Igreja “em saída” aponta novamente para uma eclesiologia de comunhão frente à globalização da indiferença.¹⁶¹ Os passos eclesiológicos do papa Francisco caminham para uma renovação da instituição e dos contextos significativos das mudanças de hoje.¹⁶² A necessidade de descentralização eclesiológica é um caminho concreto para o paradigma conciliar na relação com as necessidades do mundo atual e sua evangelização.¹⁶³ Uma evangelização atenta em sua relação com o mundo se efetiva pela colegialidade, pela sinodalidade, pelo ecumenismo e pela inter-religiosidade no diálogo a serviço da humanidade.

As questões religiosas, políticas, econômicas, sociais e ambientais não estão mais somente nos centros europeu e americano, hoje enfatiza-se que a necessidade de uma nova consciência, uma nova pastoral, uma nova instituição, uma nova configuração são iniciativas que não vem do centro, mas do conhecimento

159 TERRAZAS, S. M., A unidade prevalece sobre o conflito, p. 97.

160 EG 171.

161 FRANCISCO, Homilia na missa pelas vítimas do naufrágio de Lampedusa.

162 FAGGIOLI, M., A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje, p. 1-22.

163 EG 16; WIJLENS, M., Riforma e rinnovamentonella normativa canônica, p. 327-328.

da periferia. As viagens apostólicas a países de minoria católica e com questões emergentes de desenvolvimento demonstram a preocupação pastoral do papa com o mundo contemporâneo. A práxis já era a sua preocupação no pré-Conclave:

*Evangelizar supõe zelo apostólico. Evangelizar supõe na Igreja a parresia de sair de si mesma. A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não apenas geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, das ignorâncias e recusa religiosa, do pensamento, de toda miséria.*¹⁶⁴

As questões do pré-conclave interligadas em sua hermenêutica trazem o reavivamento das relações entre periferia e centro, a mudança na continuidade e no testemunho da Igreja.¹⁶⁵ A relação de partir da periferia e não do centro leva a Igreja a pensar a necessidade do diálogo para evitar o caminho da verticalidade e possibilitar as relações horizontais. O diálogo é um princípio conciliar para promover as relações horizontais das questões *ad intra* e *ad extra*. Em pronunciamento no CELAM, o papa Francisco nos propõe esse caminho:

*a posição do discípulo missionário não é uma posição de centro, mas de periferias: vive em tensão para as periferias...incluindo as da eternidade no encontro com Jesus Cristo. No anúncio evangélico, falar de "periferias existenciais" descentraliza e, habitualmente, temos medo de sair do centro. O discípulo-missionário é um "descentrado": o centro é Jesus Cristo, que convoca e envia. O discípulo é enviado para as periferias existenciais.*¹⁶⁶

A descentralização preconizada pelo Evangelho permite ao papa se responsabilizar pela periferia existencial e ecológica do planeta. Desta forma, o instrumento sinodal proposto para a Amazônia possibilitou, na exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*, prosseguir o caminho da periferia para o centro e a sua contribuição local para a universalidade da Igreja. Portanto, a criação da Conferência Eclesial da Amazônia não é uma Conferência Episcopal, residindo somente na esfera da colegialidade, mas um avanço da sinodalidade e da colegialidade¹⁶⁷ conjugadas:

a grande novidade desta conferência, poderíamos dizer que é que não é mais uma conferência episcopal e sim uma conferência eclesial. Segundo o cardeal Hummes, essa foi uma orientação do Papa Francisco. Ele tem pedido propostas ousadas, corajosas, na construção dos novos caminhos da Igreja. O fato de ser uma conferência eclesial pode ser enten-

164 CEPAT, Esta é a intervenção magistral do cardeal Bergoglio no pré-conclave.

165 O'MALLEY, J. W., La reforma nella vita della Chiesa, p. 99.

166 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 71.

167 Destaque para a nomeação do Cardeal Arcebispo de Manaus, na região Amazônica. Disponível em: < [52](https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/05/31/primeiro-cardeal-da-amazonia-quer-que-seu-ministerio-seja-mais-presente.ghtml#:~:text=Dom%20Leonardo%20Steiner%20%2C%20arcebispo%20de,%2C%20no%20domingo%20(29).&text=Um%20minist%C3%A9rio%20em%20conjunto%2C%20com%20boa%20disposi%C3%A7%C3%A3o%20e%20mais%20presente.>. Acesso em: 31 de mai 2022.</p></div><div data-bbox=)

*didado como um desejo do Papa de apostar nessas propostas mais ousadas na concretização daquilo que foi refletido ao longo do processo sinodal? Esta conferência, não episcopal, mas eclesial, ela vem exatamente atender os novos caminhos para a Igreja.*¹⁶⁸

O Sínodo da Amazônia proporcionou a abertura e necessidade de uma missão em relação às culturas, como proposta pelo *Ad Gentes*. A noção conciliar de missão é expandida a todos os batizados que são chamados a superar uma situação fechada em si, incapaz de responder aos anseios dos fiéis e de toda a humanidade, e a se colocarem “em saída”. Com esse modo de proceder missionário, “testemunhar e acender o fogo do Evangelho nas culturas”¹⁶⁹ marcará a hora de uma nova etapa evangelizadora¹⁷⁰ a partir da eclesiologia do Povo de Deus.

Com o caminhar sinodal, o povo de Deus poderá prosseguir com a renovação inovadora do Concílio Vaticano II e sua recepção na América Latina. O acontecimento da eleição de Francisco marca o retorno às fontes do Evangelho, desencadeando a “revolução da ternura” na atualidade da Igreja.¹⁷¹ A partir do Vaticano II, recepcionado em Medellín, a finalidade querigmática através do impulso profético do Evangelho inicia o progressivo caminho de uma Igreja inserida nas realidades da humanidade. A partir de Medellín, a Igreja na América Latina desenvolveu mais a proposta da missão encarnada na realidade social.

A missionariedade da Igreja “em saída” será um fruto de organicidade que conduz à unidade humana e eclesial, exigindo uma renovação de mentalidade diante das novas realidades da evangelização. As formas eclesiais estruturadas e organizadas para gerar vida comunitária precisam de uma abertura ao Espírito Santo:

*há uma vida que o Espírito suscita, há um povo a caminho, mas, depois, é como se essa vida fosse vencida por um modo de agir e de se organizar, que a sufoca. É preciso, portanto, que aquele mesmo impulso que conduziu ao Vaticano II volte à tona como um rio subterrâneo. E, desta vez, é preciso segui-lo plenamente, se quisermos ouvir o que “o Espírito diz à Igreja” (Ap 2,7).*¹⁷²

As características da teologia latino-americana possibilitam que a Igreja seja mais próxima, por ser um projeto da comunhão trinitária. A Trindade é o modelo proposto para a sua comunhão com o mundo, assim como o Vaticano II

168 MODINO, L. M., Na Conferência Eclesial da Amazônia, “o Espírito quis inovar, e quis trazer um jeito sinodal de sermos Igreja”.

169 CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 21.

170 EG 120.

171 GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p. 91-92.

172 RUPNIK, M. I., Segundo o Espírito, p. 22.

redescobriu a sua identidade de comunhão e sinodal.¹⁷³ Ainda estamos no início dos processos da Igreja “em saída” que cria a vida e a comunhão na pequena comunidade, mas o Espírito Santo é o protagonista que a faz se envolver, acompanhar, frutificar e celebrar a comunhão livre e convincente.

A comunhão trinitária inspira a Igreja em ser uma comunidade “na” e “pela” comunhão de pessoas, em que o outro é o epicentro da relação. Ela está nas fronteiras, no hospital de campanha, no sentir o cheiro das ovelhas e nas periferias reais e existenciais. O papa Francisco alerta quanto ao risco da autorreferencialidade eclesial. Ele avança em direção ao diálogo das questões emergentes no mundo, possibilitando compreender o outro como epicentro. Sobre isso, o então cardeal Bergoglio disse, na Congregação Geral dos cardeais antes do conclave de 2013 que o elegeu como papa:

Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar torna-se autorreferencial e então adoece (cf. a mulher encurvada sobre si mesma do Evangelho). Os males que, ao longo do tempo, se dão nas instituições eclesiais têm raiz na autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico. No Apocalipse Jesus diz que está à porta e bate. Evidentemente, o texto se refere ao fato de que Jesus bate do lado de fora da porta para entrar... Mas penso nas vezes em que Jesus bate do lado de dentro para que o deixemos sair. A Igreja autorreferencial quer Jesus Cristo dentro de si e não o deixa sair.¹⁷⁴

Assim sendo, é necessário deixar o narcisismo eclesiológico e sair em direção às realidades missionárias. A superação da autorreferencialidade é desviar das armadilhas mundanas:

*a Igreja, quando é autorreferencial, sem se dar conta, acredita que tem luz própria; deixa de ser o *mysterium lunae* e dá lugar a esse mal tão grave que é a mundanidade espiritual (segundo De Lubac, o pior mal que pode sobrevir à Igreja). Esse viver para dar-se glória uns aos outros. Simplificando: há duas imagens de Igreja: a Igreja evangelizadora que sai de si – a *Dei Verbum* religiosamente audiente e fidentemente proclamante, ou a Igreja mundana que vive em si, de si e para si. Isto deve dar luz às possíveis mudanças e reformas que tenha que fazer para a salvação das almas. Pensando no próximo Papa: um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo e da adoração de Jesus Cristo ajude a Igreja a sair de si para as periferias existenciais, que a ajude a ser a mãe fecunda que vive da “doce e confortadora alegria de evangelizar”.¹⁷⁵*

A preocupação de João XXIII para com o Concílio foi permitir para a Igreja sair do juízo rígido e imóvel do *semper eadem*¹⁷⁶ (sempre o mesmo); já para Francisco, o *primeirizar* é a chave missionária-pastoral que exige o abandono deste

173 RUPNIK, M. I., Segundo o Espírito, p. 24.

174 CEPAT, Esta é a intervenção magistral do cardeal Bergoglio no pré-conclave.

175 CEPAT, Esta é a intervenção magistral do cardeal Bergoglio no pré-conclave.

176 ECHEVERRIA, E. J., El Papa Francisco, p. 62-63.

cômodo critério pastoral: “fez-se sempre assim”¹⁷⁷. Desse modo, o convite dos dois pontífices às comunidades evangelizadoras é de serem, pelo discernimento pastoral, abertas à realidade e ao Espírito Santo. Assim, pequenas comunidades realizam os passos de uma Igreja na sua pastoral-missionária alimentada pelo carisma livre de esquemas. Elas são inspiradas unicamente no Evangelho. Sair em direção às realidades de fronteiras, usando de misericórdia, é ir além dos sintomas e chegar às causas e raízes desumanizadoras, que desfiguram a humanidade e suas relações. Por isso, é indispensável o diálogo comunitário na sua missão *ad gentes*, supondo mudança de autocompreensão:

*a orientação fundamental e decisiva do Concílio Vaticano II [foi] na direção de uma abertura que implica uma mudança radical na autocompreensão da Igreja – em si mesma e na relação com o mundo –, e, portanto, também no próprio modo de enfocar a teologia.*¹⁷⁸

O papa Francisco tem buscado na Igreja e na sociedade a urgente necessidade de abrir-se à pluralidade cultural frente às desigualdades, aos descartes e às injustiças. A prática do amor para superar os males da humanidade “é o sentido do ‘sair’, que o papa Francisco apresenta como atitude que convém à Igreja, sacudida e animada pelo Pentecostes”¹⁷⁹. O desenvolvimento dessa prática pastoral, em sintonia com a fé, não é aplicação de princípios pastorais ou doutrinários, mas é cuidar do rebanho do Senhor: o Povo de Deus.

Francisco realiza coerentemente a sua prática de fé e se faz livre para que avancem os fundamentos do Concílio e da teologia latino-americana no novo primaveril da Igreja “em saída”. Na cultura eclesial inaugurada pelo Concílio, o papa Francisco prossegue a dinâmica do diálogo com o mundo em suas inquietações com a ciência, a política e os pluralismos religiosos. No momento globalizante, os gestos simbólicos de Francisco têm o significado de retomar o caminho de uma Igreja em diálogo com o mundo, fortalecendo a missionariedade, a eclesialidade e a evangelicidade através das comunidades e proporcionando.

A reflexão teológica pós-conciliar tem possibilitado à eclesiologia caminhar “em saída” com o diálogo ecumênico e, considerando mudanças de contexto, exige novos *insights* e formulações¹⁸⁰ para que o diálogo seja sinal da unidade do Reino (Jo 10,30). Com essa unidade da configuração eclesial pós-conciliar, podem-se também fortalecer os laços e os compromissos de fraternidade ecumênica e inter-religiosa. Por exemplo, os compromissos mostrados no encontro rea-

177 EG 33.

178 QUEIRUGA, A. T., A teologia depois do Vaticano II, p. 25.

179 JOSAPHAT, F. C., O Espírito Santo no coração e na história do Povo de Deus, p. 263.

180 MIRANDA, M. F., Ecumenismo e Instituição Eclesial, p. 31-54.

lizado entre o papa e líderes religiosos para discussão e confecção de documento comum a ser levado aos governantes durante a COP26, sobre as questões climáticas.¹⁸¹

A proposta de sair de si mesmo para as periferias reais e existenciais pelo diálogo já era uma preocupação do papa Francisco, ou seja, do cardeal Bergoglio, como bispo de Buenos Aires e na Conferência Episcopal Argentina, em 2013:

convido-os a sair de si mesmos para todas as periferias existenciais. Uma Igreja que não sai, é enferma na sua atmosfera viciada de seu fechamento. É verdade também que para uma Igreja que sai ela pode acontecer uma alternativa, prefiro ter uma Igreja acidentada que uma Igreja enferma. A enfermidade típica da Igreja encerrada é a autorreferencial; olhar para si mesma, estar encurvada sobre si, uma espécie de narcisismo (Carta CEA 25-03-2013).¹⁸²

A proposta de Francisco se articula com a questão principal do cristianismo: o discipulado de Jesus. Na sua prática, tem como preocupação que o Evangelho de Jesus seja manifestado na compaixão para curar as feridas, manter as portas abertas e acolher, indo ao encontro. Esse caminho totalmente evangélico e irreversível foi iniciado pelo papa João XXIII e hoje continuado com novas características por Francisco – não como proposta de santidade exemplar, mas como processo programático de uma nova era da Igreja.

A agenda teológica e missionária está aberta. Scannone afirma, sobre o Concílio, que “ainda não temos refletido o suficiente, nem tão pouco levado plenamente à prática pastoral e, menos ainda, tê-lo expressado em adequadas formas canônicas”¹⁸³. Os seus temas expressam um processo sinodal, participativo, dialogal com a sociedade e comprometido com os pobres, e propondo “uma reforma eclesial do poder como serviço, para o combate da corrupção no mundo como na Igreja, para a promoção da justiça e da paz, na opção preferencial pelos pobres”¹⁸⁴. A experiência do acompanhamento e a maneira de proceder dessa agenda de propostas eclesiais cria processos de prudência na arte de esperar e a capacidade de compreender a docilidade do Espírito Santo. Contudo, esse tipo de diálogo exige *parresia* nas dificuldades de um cenário fechado e ideológico.

O *locus theologicus* para a Igreja “em saída” é o lugar do encontro com a humanidade em suas periferias reais e existenciais. A pauta pastoral e teológica se unifica com a proximidade que estabelece vínculos, escuta, encontros e contatos. As novas urgências humanas e naturais exigem atitudes eclesiais que questio-

181 CERNUZIO, S., O Papa: respeitemos o ser humano, a criação e o Criador.

182 ROCA, J. G., La narrativa cordial del cristianismo, p. 41-66.

183 SCANNONE, J. C., La Teología del Pueblo, p. 181.

184 D'AMBROSIO, R., Comunicare con semplicità e profondità, p. 148.

nem pelo Evangelho a responsabilidade de alcançar as enfermidades do mundo. O avançar pastoral-teológico será construído pelo diálogo que busca entender as questões humanas em seus anseios e retrocessos, “mesmo diante dos obstáculos institucionais”¹⁸⁵. Esse processo faz a esperança ser maior do que as descrenças e impulsiona a construir a realidade do Reino.

A Igreja “em saída”, nesse momento da história pós-conciliar, impulsiona a mesma preocupação fundamental do Concílio Vaticano II e sua recepção na América Latina, a de realizar “uma releitura criativa”¹⁸⁶ hoje, abrindo-se ao Evangelho: como evangelizar o mundo de hoje? Como anunciar o Evangelho para o mundo e como vivê-lo neste nosso mundo?¹⁸⁷

Essas perguntas nos provocam um pensar teológico, uma práxis pastoral e uma vivência eclesial para o novo e às demandas que surgem neste tempo e com o tempo. O teólogo Scannone evidencia esse caminho feito pelo papa Francisco, desde Buenos Aires, que contribui para compreender criativamente as provocações teológico-pastorais de hoje:

*As raízes teológicas do seu pensamento, colocando-as em continuidade ao Vaticano II, em coerência com as Conferências Episcopais Latino e Caribenhas, sobretudo Aparecida (2017) e com o destaque especial para a Teologia do Povo, aspecto importante do contexto eclesial argentino e das suas opções teológicas e pastorais. Em seu recente livro, La teología del pueblo, J. C. Scannone fala de uma agenda inacabada do Concílio Vaticano II, e sim do primeiro Papa fruto de uma igreja que faz uma recepção profética e criativa do Concílio, de uma maneira bem própria e com uma teologia própria e contextualizada, que marcou um continente (América Latina) e que hoje penetrou e marcou toda a Igreja, principalmente na questão referente à opção por todos os pobres.*¹⁸⁸

Francisco escuta e capta a condição da sociedade atual, entendendo que “o Evangelho só pode ser compreendido e comunicado no devir da história”¹⁸⁹. Por isso, a pastoral e a teologia da Igreja necessitam ser pensadas e realizadas olhando e escutando as novas informações, os contextos culturais e históricos e as reações provocadas no mundo. A flor de inesperada primavera, como foi o Concílio, desabrochou e deu os seus frutos¹⁹⁰ e suas sementes germinaram para uma nova primavera em um processo com um caminho aberto a discussões e decisões.

185 KUZMA, C., Desafios de uma Igreja em saída.

186 CODINA, V., *Eclesiologia do Vaticano II*, p. 461-472.

187 LORSCHIEDER, D. A., *Linhas mestras do Concílio Ecumênico Vaticano II*, p. 39.

188 KUZMA, C., *La ecclesiologia del Papa Francisco*, p. 333-346.

189 MENOZZI, D., *A Igreja, Francisco e a resistências*.

190 PASSOS, J. D., *A Construção do Concílio Vaticano II*.

2.2.1.2 Princípios bergoglianos e sua aplicação poliédrica

O método do papa Francisco é um “modo de proceder” que inspirou Santo Inácio e a Companhia a discernir “movendo-se por uma rigorosa e permanente escuta do querer de Deus”¹⁹¹. O papa, no seu “modo de proceder”, oferece à Igreja a oportunidade de princípios preciosos para a sua missão evangelizadora no mundo.

O discernimento é uma “palavra-chave que envolve o coração do carisma inaciano e o estilo teológico e pastoral do papa Francisco”¹⁹². Trata-se muito mais do que uma técnica, é sim um compromisso com a missão de Cristo sob o impulso do Espírito Santo, com total abertura e envolvimento missionário para com a humanidade. Esse proceder, através do discernimento comunitário e que exprime desde a comunidade evangelizadora, está em comunhão eclesial com as missões *ad gentes* e fronteiriças. O discernir comunitário acontecerá por meio da Palavra de Deus e da iluminação do Espírito, permitindo compreender os avanços e limites da Igreja frente aos desafios.

O Evangelho aberto e encarnado na luz do Espírito Santo é capaz de inspirar novos caminhos e promover relações mesmo diante das oposições polares. O teólogo Romano Guardini possibilitou ao papa Francisco, na sua formação e estudos, ampliar horizontes de estratégias sociais, eclesiais e pastorais no seu “modo de proceder”, hoje com a saída missionária. A lógica do pensar, gerir e agir que Guardini propõe não se resume na síntese em si, mas, conservando a harmonia de espaço e conhecimento recíproco nas relações, a amplia.¹⁹³ Dessa maneira, um problema ocupa somente o espaço, por isso é necessário fazer processos que não tornem esquecidos os caminhos que trazem e inspiram soluções, como o apresenta Galli:

*O pensador italo-alemão chamou “oposição” ao vínculo existente entre duas realidades que se rejeitam e se atraem reciprocamente, mas não podem ser absorvidas uma pela outra. Naquela teoria das “oposições polares” o ser humano é constituído por diversos pares de princípios opostos e correlatos: afinidade/distinção, novidade/continuidade, unidade/pluralidade, e muitos outros. Essa cosmovisão o ajudou a pensar diversas questões, como a relação entre cristianismo e o mundo, buscando uma unidade superior que mantenha as relações polares.*¹⁹⁴

O papa Francisco em suas encíclicas e discursos tem citado princípios que ajudam a compreender a “saída” da Igreja indo ao encontro das demandas eclesiais, missionárias e pastorais. Os princípios bergoglianos podem ser aplicáveis e relacionados às tensões bipolares existentes em cada realidade. Os quatro princípios com

191 CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 20.

192 CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 25.

193 CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 45.

194 GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p. 65.

essas tensões bipolares presentes são “o tempo é superior ao espaço”¹⁹⁵, “a unidade prevalece ao conflito”¹⁹⁶, “a realidade é superior à ideia”¹⁹⁷ e “o todo é superior à parte”¹⁹⁸. Esses princípios possibilitam iniciar processos sem requerer resultados imediatos e desenvolver caminhos sociais, missionários e pastorais fecundos.

As potencialidades dos processos através da paciência apostólica são capazes de suportar os conflitos não se atendo somente às ideologias, e sim procurando estar na originalidade da realidade. Por isso, o papa Francisco, ao pensar as oposições existentes na Igreja e no mundo, mantém as diferenças e assume as tensões que tocam a interioridade pessoal e a convivência social. Como ele próprio salientou:

A oposição abre um caminho, uma estrada a ser percorrida. Falando de modo geral, devo dizer que amo as oposições. Romano Guardini me ajudou com o seu livro A oposição polar, que para mim é importante. Ele fala de uma oposição polar na qual dois opostos não se anulam. Não acontece que um polo destrua o outro. Não é uma contradição, nem uma identidade. Para ele a oposição se resolve em um plano superior. Naquela situação persiste a tensão bipolar. A tensão persiste, não se anula. Os limites são superados e não negados. As oposições ajudam. A vida humana está estruturada em forma de opostos. E isso é aquilo que acontece também na Igreja.¹⁹⁹

O papa Francisco desenvolve, através desses seus princípios, caminhos possibilitadores de processos para a cultura do encontro ao mesmo tempo que analisa as tensões eclesiais e pastorais e as entre globalização e localização geográfica. O poliedro será para ele uma representação valorizada da convivência humana e eclesial quando se constroem pontos para superar as diferenças geradoras de muros. Essa imagem permite pensar e dialogar abertamente com as questões de fronteiras humanas, e como se realiza a presença pastoral e missionária da Igreja, como a xenofobia migratória e outras mazelas do mundo contemporâneo:

Hoje estais a praticar aqui a cultura do encontro, tão diversa da xenofobia, da discriminação e da intolerância que vemos com muita frequência. Produz-se entre os excluídos este encontro de culturas no qual o todo não anula a particularidade, o todo não anula o particular. Por isso me agrada a imagem do poliedro, uma figura geométrica com muitos lados diversos. O poliedro reflete a confluência de todas as parcialidades que nele conservam a originalidade. Nada se dissolve, nada se destrói, nada se domina, tudo se integra, tudo se integra. Hoje estais a procurar a síntese entre o local e o global. Sei que estais comprometidos todos os dias em coisas próximas, concretas, no vosso território, no vosso bairro, no vosso lugar de trabalho: convido-vos também a continuar a procurar esta perspectiva mais ampla; que os vossos sonhos voem alto e abracem o todo!²⁰⁰

195 EG 222.

196 EG 228.

197 EG 231.

198 EG 237.

199 GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p. 65.

200 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro mundial dos movimentos po-

Outra aplicação dos princípios bergoglianos está na *LaudatoSi'*, sobre como discernir a realidade ecológica e ambiental com a necessidade de um desenvolvimento integral diante das complexidades emergentes, sendo necessário “uma interação entre os ecossistemas e entre os diferentes mundos de referência social e, assim, se demonstra mais uma vez que ‘o todo é superior ao espaço’”²⁰¹. O modo de proceder gerador de processos através da cultura do encontro e os princípios bergoglianos exprimem um “espírito de respeito, diálogo e colaboração na vida política, sindical e empresarial do país, transformados em campo de evangelização”²⁰², uma iniciativa que permite a convivência fraterna, superando o individualismo social e amoral que dispersa as relações humanizadoras.

Os processos que são criados por Francisco para a Igreja se iluminam pelos seus princípios, sem a preocupação de resolver as tensões com suas bipolaridades, mas construindo um projeto comum. Os limites nas tensões não se tornam freios dos processos, ao contrário, permitem à luz do tempo e do horizonte contemplar as possibilidades e iniciá-los. Enquanto os espaços estão tomados por conflitos e jogos de poder, o tempo permite avançar com propostas que alargam as reflexões e fazem com que a realidade se sobressaia à ideia. Dessa maneira, os conflitos podem ser superados, preservando o todo e a sua unidade:

*No primeiro par bipolar, aquele entre plenitude e limite (tempo e momento), os princípios são dois. O primeiro afirma que o tempo é superior ao espaço. O tempo como telos utópico, indica que o lugar de resolução dos conflitos, de construção paciente dos projetos não se limitam ao presente, mas tem presente o desenvolvimento futuro dos povos.*²⁰³

É o princípio bergogliano do “tempo é superior ao espaço”, refletindo a tensão existente entre a realização e os seus limites. A realização em disputar espaços e imposição de tarefas impossibilita alimentar o caminho que abre horizonte cheio de esperança e envolvimento. O caminho eclesial e social feito pelo tempo sempre será o trilhar de uma esperança através do diálogo propondo a cultura do encontro. Os horizontes sempre abertos para um futuro positivo, teologicamente, nos permitem viver a virtude teologal da esperança. Essa abertura pode possibilitar construir um povo na história, podendo com o tempo reordenar os seus espaços.

A prioridade do tempo se ocupar com os processos privilegia oportunidades de desenvolver dinamismos novos através do envolvimento, para frutificar importantes questões e acontecimentos históricos. Essa prática exige a conversão

culares em 28 de outubro de 2014.

201 LS 141.

202 TERRAZAS, S. M., A unidade prevalece sobre o conflito, p. 38.

203 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 122.

pessoal e missionária com paciência histórica de acompanhar as atitudes e passos que não se limitam a cumprir planos pastorais ou políticos com tempos pré-definidos. Contemplar os horizontes sem se preocupar com o tempo de alcançá-los é avançar nos processos que trarão reconciliações e desenvolvimentos humanos.

O segundo princípio bergogliano é “a unidade prevalece ao conflito”, permitindo compreender a necessidade em aceitar e viver o conflito. Contudo, não significa permanecer no meio conflitivo ou também alimentá-lo, ameaçando a perda da unidade. Ignorar ou desprezar o conflito faz privar de novos horizontes ou se tornar prisioneiro dele, sem caminhos para a unidade. Esse princípio consiste em suportar o conflito, perceber o que permitirá resolvê-lo transformando-o em um processo²⁰⁴ e não proceder como Pilatos (Mt 27,24). A construção da amizade social passa por esse princípio, pois permite gerar relações de solidariedade fraterna.²⁰⁵

Os “Pilatos eclesiais”, sociais e políticos, para seguirem adiante com seus projetos mundanos ou corruptos egoisticamente, lavam as mãos, e a sua falta de compromisso de unir uma comunidade ou um povo proporciona o aumento dos conflitos e a ausência da comunhão de fé e humana. Manter a unidade em meio aos conflitos é poder criar processos de diálogos e sofrer, resolver e transformá-los poderá construir fraternidades no lugar do ódio e da violência. O sofrer está para que “o agente de pastoral, o político, o cidadão... cristãos contribuam para a paz pacificando primeiro o seu coração (...), pois com os corações quebrados em mil fragmentos será difícil construí-la”²⁰⁶.

O resolver dos conflitos está em não ver ninguém como inimigo, mas como oportunidade de diálogo, indo além das diferenças e criando os pressupostos necessários para aproximação e amizade social. A condição principal é não deixar que a própria posição seja absoluta ou impávida. Dessa maneira, a transformação dos conflitos em processos que humanizam e fraternizam os povos cria a cultura do encontro como o local da síntese que se enriquece com o outro e a sua oposição. O conflito é motor de caminho, pois nele os seres humanos são colocados diante da sua diversidade de dons:

*o conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceito. Mas, se ficamos encurralados nele, perdemos a perspectiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada. Quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade.*²⁰⁷

204 EG 227.

205 EG 228-230.

206 SCANNONE, J. C., La teología del Pueblo, p. 262.

207 EG 226.

O terceiro princípio bergogliano, referente “à realidade e à ideia”, promove um diálogo sem nominalismos ideológicos.²⁰⁸ Viver no mundo do imaginário impede que avancemos juntos, pois partindo do conhecimento da realidade é possível realizar os processos. O diálogo e a leitura da realidade produzem o raciocínio, que é um passo importante para se evitar o puritanismo, o totalitarismo, o relativismo, o fundamentalismo e o intelectualismo.²⁰⁹ Esses “ismos” trazem realidades deformadas se convertendo em ideologias, que correm o risco de dividir um povo e tornar absoluta a deformação da percepção do real, pois a realidade é mais que a ideia:

A ideia se elabora, se induz. É instrumental em função da compreensão, percepção e condução da realidade. Entre as duas deve existir diálogo: diálogo entre a realidade e a especificação que produzo dela. Isso representa uma outra tensão bipolar, e se contrapõe à autonomia da ideia e da palavra em relação à realidade, por isso, a ideia é aquela comanda (daqui derivam os idealismos e os nominalismos). Os nominalismos nunca convocam. No máximo classificam, citam, definem, mas não convocam. O que convoca é a realidade iluminada pelo raciocínio, pela ideia e por sua percepção intuitiva.²¹⁰

O quarto princípio bergogliano “do todo superior à parte” é poder observar que o cenário ampliado nos livra da mesquinhez cotidiana e doméstica.²¹¹ Essa maneira de proceder permite caminhar no sentido da realidade no seu todo, sem excluir aquilo que é local. A síntese desse princípio é impedir tanto o universalismo globalizante como o ilusório de um localismo. Trata-se de compreender que o todo não é uma simples soma de partes, mas um alargar do olhar e das fronteiras existentes, vislumbrando sínteses que apontam caminhos além da parcialidade:

nem a esfera que anula, nem a parcialidade isolada (...) Localização e globalização não se excluem, pertencem-se mutuamente na distinção. O modelo que, a propósito, Bergoglio oferece é dado por uma imagem geométrica que lhe é cara e que volta mais vezes em seus escritos: a imagem do poliedro.²¹²

O poliedro permite ver o todo no seu esférico, mas sem anular a parte específica que há nele. As pessoas podem vivenciar a sua peculiaridade e viver unidas de forma comunitária. As realidades se tornam compartilhadas com as diversas ideias dialogadas, ao mesmo tempo, sem que a unidade se torne maior que os conflitos desumanizadores. Contudo, esses processos projetam o desen-

208 EG 232.

209 EG 231.

210 BERGOGLIO, J. M., *Noi come cittadini, noi come popolo*, p. 65.

211 EG 24.

212 BORGHESI, M., *O pensamento de Jorge Mario Bergoglio*, p. 124.

volvimento integral dentro da cultura do encontro, sugeridos pela imagem do poliedro, o tempo se tornará maior através do diálogo e do consenso, e não em se deter em espaços estéreis de poder. Assim, a totalidade em incorporar todos no bem comum²¹³ unindo as diversas dimensões existentes à volta da mesa do Reino.²¹⁴ Essa imagem poliédrica, que nos remete à comunhão universal, é

*apresentada pelo Papa Francisco para representar tanto o povo de Deus como cada povo e a inter-relação universal entre os povos (EG 236), (...) implica a unidade superior às diferenças, que, no entanto, as assume e respeita em sua diferenciação irredutível. Seu modelo é a Trindade como comunhão.*²¹⁵

E nessa perspectiva apontada pelo teólogo Juan Carlo Scannone, Francisco explicita a pastoral em relação ao mundo para a paz social, através do modelo poliédrico:

*Aqui o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos.*²¹⁶

O poliedro permite ver a partir do todo as particularidades existentes nele. Assim, essa relação poliédrica possibilita ver as tensões e, sem tirá-las, vislumbrar a unidade pluriforme. Essa síntese não tira a oposição como também não se torna duradoura, pois “a oposição é resultado de uma tensão própria da condição humana finita”²¹⁷. A perspectiva de um pensamento aberto sem se fechar com as possibilidades de sínteses parciais e mutáveis que se realizam no tempo.

A presença e atuação da Igreja no mundo por esses princípios bergoglianos e a imagem do poliedro permitem compreender a inspiração do Espírito Santo e a realidade humana para criar processos através de diálogos, que conceituam a realidade existente. Trata-se de não se apropriar ou reduzir a realidade, e sim progredir diante das tensões polares para a unidade:

213 EG 236.

214 EG 237.

215 SCANNONE, J. C., La teología del Pueblo, p. 92.

216 EG 236.

217 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 126.

*Sobre essas quatro prioridades que delineiam um projeto de diálogo para o povo argentino, para os povos da terra, para o povo de Deus. De fato, Bergoglio as incorporou, às vezes quase literalmente, na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (EG), o seu manifesto programático.*²¹⁸

Esta imagem do poliedro convida a compreender a riqueza harmoniosa do conjunto dos diversos aspectos e pessoas que contribuem para a beleza do encontro e crescimento da amizade religiosa e social²¹⁹, pois “dá a sua forma de sólido de muitas faces e ângulos a muitas pedras preciosas de uma beleza própria, e, como prisma, reflete de muitas formas maravilhosas a luz que bate nela”²²⁰. A convivialidade das diferenças possibilita abrir sempre um futuro esperançoso com as pluralidades existentes. A Igreja movida pelo Espírito Santo pode se redescobrir sempre nas suas pluralidades de dons e carismas, e na sua unidade realizar um ecumenismo e diálogo inter-religioso para colaborar com uma sociedade que se enriquece na reciprocidade.

Caminhar em meio a processos para que eles levem a Igreja sair de si mesma e a caminhos renovadores *ad intra* e *ad extra*, mesmo com as tensões bipolares existentes exige paciência e suporte apostólica, que significa “aceitar que é o tempo que nos faz amadurecer, (...) modela e amalgama as nossas vidas”²²¹, pois “o tempo é mensageiro de Deus”²²². Assim, é confiar no Espírito Santo que nos guia nesses caminhos de processos novos e que renova a face da terra.

O jovem jesuíta Jorge Bergoglio, passando o ano de 1986 na Alemanha, se aproximou dos estudos de Romano Guardini, e os aprofundou no seu exílio em Córdoba, de 1990 a 1992. Mesmo sem concluir o processo de doutorado com a defesa e publicação da tese, os fundamentos de estudos o auxiliariam pastoral e socialmente, “inclusive na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, visto que toda a parte sobre os critérios sociais é tirada da tese de Guardini”²²³. É possível compreender que a ideia da tese sempre esteve presente em sua vida até agora, quando próximo de se tornar emérito declarou que se preparava para terminar de escrevê-la, na casa de repouso do clero de Flores, declarando como Guardini sempre teve influência nos seus estudos.²²⁴

Na *Laudato Si'*, a maneira de retratar uma proposta frente ao paradigma tecnocrata desenvolve uma reflexão sobre a relação integral capaz de analisar os

218 TERRAZAS, S. M., A unidade prevalece sobre o conflito, p.91.

219 FT 5.

220 KASPER, W., Testemunha da Misericórdia, p. 150.

221 TERRAZAS, S. M., A unidade prevalece sobre o conflito, p. 97.

222 EG 171.

223 BORGHESI, M., O pensamento de JorgeMario Bergoglio, p. 112.

224 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 113.

principais contrastes presentes na Casa Comum. Na tensão pessoal-social-política, é preciso evitar os integralismos e os fundamentalismos, para que diante dos opostos polares se encontrem soluções com solidariedade e amizade social. Valorizar os espaços que construam consensos e superem as tensões para se tornar uma missão social de motivar a democracia, o diálogo, o bem comum, o encontro e a cultura, como hermenêutica de iluminação da realidade histórica.

Os princípios bergoglianos permitem desenvolver pastoral e missionariamente um diálogo social no meio do pluralismo. Trata-se de uma nova abordagem por coerência evangélica frente à realidade que a humanidade enfrenta nas relações sociais e ambientais. Os processos criados viabilizam sujeitos capazes de se interpelarem pelos acontecimentos e construir uma proposta alternativa e possível para as mudanças necessárias na sociedade. A coerência ética e espiritual contribuirá para se alcançar soluções oportunas e edificadoras de esperanças humanitárias.

A leitura guardiniana nas relações de técnica e poder fornecem ao papa Francisco abertura de pensamento e diálogo com todos na Casa Comum, para diante da tensão do domínio incontrolado e desastroso da natureza poder repensar o equilíbrio econômico, social, ambiental e político nas relações entre o ser humano com a natureza, e as suas relações de poder. A maneira de poder redimensionar os efeitos do perigoso paradigma tecnocrata que rege as relações humanas e descarta os pobres e a natureza, para o lucro explorador. Essa relevância antropológica de se relacionar com as diferenças presentes nos polos e suas tensões:

Depois da Evangelii Gaudium, a Laudato Si' constitui uma ulterior prova de relevância que a antropologia polar-relacional de Romano Guardini tem na relação de Jorge Mario Bergoglio – papa Francisco. Todo o implante de seu pensamento é dominado pela grande ideia da polaridade da vida. É seu núcleo conceitual a chave hermenêutica que motiva a abertura de um pensamento “católico”. Romano Guardini é o mestre ideal que Bergoglio teve.²²⁵

A síntese construída junta com o diálogo fraterno será um movimento para a unidade comum, sem o excludente daquilo que lhe contrapõe. Alimentar-se da inspiração do Espírito Santo diante dos dados da realidade permite gerar as relações de proximidade necessárias para as relações humanitárias, comunitárias, culturais e eclesiais. As tensões existentes no meio dos processos não serão diluídas, mas trabalhadas e confrontadas durante o seu curso. Os modelos de polaridade de Guardini permitem a Francisco propor uma Igreja em constante saída no meio de tantos dilemas e desafios, por meio do diálogo aberto e equilibrado, sem fragmentações e guardando a esperança:

225 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 144.

*não deixemos que nos roubem a esperança, nem permitamos que esta seja anulada por soluções e propostas imediatas que nos bloqueiam no caminho, que “fragmentam” o tempo transformando-o em espaço. O tempo é sempre superior ao espaço: o espaço cristaliza os processos, ao passo que o tempo projeta para o futuro e impele a caminhar na esperança.*²²⁶

A relação antropológica entre os pares dialéticos permite realizar um processo transformador e inovador que não seja fundamentalista ou ideológico, e sim possibilitador das mudanças necessárias. O resultado desses processos encaminhará para uma fraternidade solidária e amizade social que supere os conflitos e sejam geradoras de reciprocidade, no avanço da unidade:

*Aliás, mesmo de um ponto de vista simplesmente antropológico, a unidade é superior ao conflito; devemos preocupar-nos também com o conflito, mas vivendo-o de tal modo que nos leve a resolvê-lo, a superá-lo, como elo numa cadeia, num avanço para a unidade.*²²⁷

A dinâmica da encarnação e da ação pneumatológica evidencia como Deus está inserido concretamente no tempo e nos processos em curso. Dessa maneira, é mais importante privilegiar os processos ao longo do tempo do que realizar as disputas por espaços de poderes. A paciência possibilitará tornar o tempo um fecundador dos processos de conversão humana e eclesial que geram dinâmicas novas e necessárias para vivência da fé no mundo. Assim, a Igreja “em saída” com coragem para novos caminhos, se envolvendo e acompanhando os processos que requerem a ela estar aberta às surpresas que Deus proporciona. Os princípios bergoglianos permitem compreender o paradigma de se *missionar* não estaticamente, mas com a dinâmica do Espírito Santo, ou seja, sempre nova e paciente:

*palavra importante: paciência. Paciência e perseverança. O Verbo de Deus entrou em “paciência” no momento da Encarnação, e assim, até à morte de Cruz. Paciência e perseverança. Não temos a “varinha mágica” para tudo, mas possuímos a confiança no Senhor que nos acompanha e nunca nos abandona. Tanto nas dificuldades como nas desilusões que estão presentes com frequência no nosso trabalho pastoral, temos necessidade de nunca perder a confiança no Senhor e na oração que a ampara. Contudo, não esqueçamos que a ajuda nos é dada, em primeiro lugar, precisamente por quantos são aproximados por nós e apoiados. Façamos o bem, mas sem esperar uma recompensa. Semeemos e testemunhemos. O testemunho é o início de uma evangelização que atinge o coração e o transforma. As palavras sem testemunho não estão bem, não servem! É o testemunho que anuncia e dá valor à palavra.*²²⁸

226 LF 57.

227 LF 55.

228 FRANCISCO, Discurso del Santo Padre Francesco ai partecipanti all'incontro promosso dal Pontificio consiglio per la promozione della nuova evangelizzazione.

O sentido teológico pastoral desses princípios bergoglianos possibilita colaborar na construção histórica do povo, sem a obsessão de ocupar os espaços onde estão presentes.²²⁹ Ao gerar esses processos transformadores, existirão conflitos e tensões, que exigem “a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e considerando os outros na sua dignidade mais profunda. Por isso, é necessário postular um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito”²³⁰. Dessa maneira, os quatro princípios bergoglianos permitem através de um querigma existencial contribuir para a Igreja em seus caminhos novos com discernimento, sempre atenta aos sinais dos tempos.

Os princípios bergoglianos fazem a comunidade evangelizadora estar em constante movimento de processos eclesiais na sociedade, gerando o atuar e o querer juntos, caminhos de fraternidade e amizade social. Assim como um povo, a comunidade eclesial também está sempre em construção e estabelece relação de processos com a humanidade. A dimensão dinâmica e harmônica do poliedro poderá ser facilitadora para compreensão de um projeto entre plurais, os quais consideram a proposta de conviver e atuar para o bem comum. As tensões serão sempre o momento oportuno para reflexão da busca de caminhos comunitários, pastorais e históricos.

O exercício maduro de buscar com o tempo alcançar a unidade com uma realidade encarnada será a totalidade missionária do anúncio evangélico. Este serviço possibilitará a saída missionária e consciente da vocação e atuação eclesial no mundo, sem perder a esperança escatológica e construtora de uma humanidade renovada. Assim, estará aberta aos novos desafios humanos, sociais e eclesiais para conhecê-los e abordá-los com a coragem e o discernimento que se necessita.

Abrir processos que se encaminham por esses princípios bergoglianos se faz “de uma forma querigmática e profética, e não de esperar receitas e soluções concretas”.²³¹ Por isso, Kasper ressalta que o papa Francisco valoriza a construção de processos ao invés da disputa por espaços de poder:

*fala mais da necessidade de abrir processos do que ocupar espaços. Mas a abertura destes dinamismos necessita de uma teologia aberta e preparada que seja capaz de reduzir em conceitos claros a mensagem do Papa Francisco nos seus aspectos de política eclesial. (...) o Papa aparece como alguém no deserto. Mas existe o Espírito Santo, que verá como realizar o projeto de Francisco e encontrar as pessoas preparadas para semelhante tarefa.*²³²

O modo de amar é o modo de proceder nestes processos, através destes princípios, para que, nas tensões bipolares no anúncio do Reino de Deus, a mi-

229 EG 224.

230 EG 228.

231 KASPER, W., Testemunha da Misericórdia, p. 195.

232 KASPER, W., Testemunha da Misericórdia, p. 196.

sericórdia seja a presença eclesial na dinâmica histórica. Trata-se de se comover e se envolver nas questões que exigem a paz e a justiça para o desenvolvimento integral e pleno para todos (Jo 10,10). O *chronos* será o possibilitador que exercerá, através da paciência, a construção da solidez para uma humanidade pacífica e fraterna, capaz de não se deter por imediatismos superficiais, que impõem a tentação de disputas de espaços pequenos e geradores dos conflitos ideológicos. Os processos evangelizadores na sociedade serão sinais vivos das páginas do Evangelho, “precisamos refletir sobre as consequências da fragmentação que é a alienação que caímos quando buscamos a própria realização e obstaculizamos a lógica da doação, do diálogo e do encontro”.²³³ Assim, se poderá criar processos contínuos através dos princípios de Bergoglio:

*o significado de criar processos é parte dos princípios de reforma/transformação de Bergoglio: o tempo é superior ao espaço, a unidade prevalece sobre o conflito, a realidade prevalece sobre a ideia, e o todo é superior ao espaço (cf. Borghesi, p.30, 2017). Estes princípios de Bergoglio propõem que a Igreja vá mais além de uma simples reforma, que produza um processo permanente de transformação eclesial atenta aos sinais dos tempos. O Evangelho sempre pode guiar a Igreja por um caminho de descentralização para um diálogo frutífero e transformador ad intra e ad extra.*²³⁴

Os princípios bergoglianos permitem compreender que a evangelização e a transformação social não ignoram os conflitos ou o fechamento de pensamento, mas a oportunidade que o serviço missionário acontece na compreensão de fecundar a realidade, pacientemente, evitando o perigo de não se olhar o todo e ficar preso em particularismos que ameaçam o conjunto com discussões estéreis. Essa dinâmica dos processos dos princípios bergoglianos à luz da Palavra de Deus e com a comunidade evangelizadora reunida sob a ação do Espírito Santo, por meio de um caminho colegial e sinodal, permite a abertura de caminhos novos e sólidos. O papa Francisco utilizou a imagem do poliedro na configuração da amizade social e ecumênica, inspirado nesses princípios que “tinha utilizado outra vez no plano eclesiológico: trata-se de realizar uma forma de convivência entre os povos que garanta uma unidade baseada na pluralidade, de modo a permitir que cada um deles mantenha a própria identidade cultural”²³⁵. Isso se dá através do convite para se construir a cultura do encontro:

construir a cultura do encontro, a realizar e compartilhar esse fermento novo que – ao mesmo tempo – é memória revivificante de nossa melhor história de sacrifício solidário, de luta contra escravidões várias e de integração social. Convencendo-nos uma vez mais

233 CAAMAÑO, J. C., Verdad y tensión em lapropuesta de Francisco, p. 95-104.

234 BORDIGNON-MEIRA, A. L., Procesos transformadores para una reforma eclesiástica.

235 MENOZZI, D., A Igreja, Francisco e a resistências.

*que o todo é superior à parte; o tempo, superior ao espaço; a realidade, superior à ideia e a unidade, superior ao conflito.*²³⁶

A missionariedade na busca de caminhos para a unidade realiza um profetismo, pois cria a oportunidade de privilegiar a convivência, “o que aplaina os caminhos para um encontro”²³⁷, pois “privilegiar o conflito só põe impedimentos no caminho”²³⁸. Trata-se de compreender que as religiões e as políticas públicas precisam evitar resoluções que aumentem as tensões existentes e, olhando os horizontes, construam caminhos que, permitindo “no caminhar juntos, no fazer coisas juntos, no rezar juntos (...) não joguemos pedras uns nos outros, que continuemos caminhando lado a lado”²³⁹. Essa consciência se tornou um pedido na catedral de Buenos Aires nas suas primeiras homilias como arcebispo²⁴⁰, reforçando esses quatro princípios para a proposta de construir uma economia contrária àquela que mata e descarta.²⁴¹

Durante a XIII Jornada Arquidiocesana da Pastoral Social da Argentina, em 16 de outubro de 2010, com a preocupação de recuperar o papel da cidadania e a unidade como povo, o cardeal Bergoglio realizou em seu discurso uma explanação sobre a busca de um horizonte renovador através destes seus quatro princípios. Esses princípios iluminam os passos a serem realizados na construção de um projeto de vivência comum, valorizando o diálogo entre as tensões bipolares existentes. As crises destes tempos atuais são frutos da falta de diálogos e busca de caminhos comuns, que ignoram os limites e os alcances possíveis como frutos de crescer na tensão dialógica.

O princípio do tempo é superior ao espaço se desdobra nos demais princípios, pois eles abrem os processos ao invés de cristalizar as situações. A disputa dos espaços impede que as diversas atividades sociais, políticas e eclesiais desenvolvam um crescimento humano, frisando somente o desgaste de ocupar poderes. O tempo proporciona uma reflexão a partir da realidade e os horizontes de futuro que valorizam um construir juntos os caminhos que superem conflitos estéreis e rompam com a unidade entre irmãos e irmãs no mundo. É importante não ignorar os problemas e as causas que tornam o mundo um lugar de conflito entre povos, religiões e disputas econômicas, desconstruindo desde o âmbito cotidiano ao institucional, a unidade geradora de espaços fraternos.

236 BERGOGLIO, J. M., O verdadeiro poder é o serviço, p. 81.

237 BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A., Sobre o céu e a terra, p. 168.

238 BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A., Sobre o céu e a terra, p. 168.

239 BERGOGLIO, J. M.; SKORKA, A., Sobre o céu e a terra, p. 170.

240 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 13, 31.

241 TORNIELLI, A.; GALEAZI, G., Papa Francisco: esta economia mata, p. 43.

Conhecer a realidade e as questões discutidas para o desenvolvimento humano consiste em “colocar-se no conflito, suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo em um elo de uma cadeia, em um processo”.²⁴² Iluminar as questões e suas realidades permitem avançar dos nominalismos e idealismos para a concretude da experiência dos cidadãos. O diálogo procede de um caminhar juntos na sociedade para uma consciência de viver em uma Casa Comum, com a diversidade de fé e sociedade. Assim o modelo do poliedro traz a união que se realiza no global unido ao local, evitando parcialidades que obstaculizam perseguir o bem comum, pois “devemos agir no pequeno, próximo a nós, mas numa perspectiva global, mediada pela realidade provincial, nacional, regional”²⁴³.

Esses princípios propõem à Igreja “em saída” realizar um percurso que supere a indiferença e a lamentação, pois não se trata de “lavar as mãos frente ao problema e não fazer nada (...) e fazer uma vida de continua lamentação”²⁴⁴. A Igreja como povo de Deus inserido nas diversas nações torna-se um sujeito coletivo com as qualidades plurais e de unidade. A pluralidade de todos que compõem esse povo permite compreender a realidade do seu todo. Assim, as questões da humanidade se tornam as questões de missão eclesial em que a Igreja não pode se omitir com a indiferença e lamentação, frequente também nas instituições civis e de atuação popular.

Esses quatro princípios permitem a solidez de caminhos a serem projetados nas diversas esferas, opções e condutas. Na programação missionária e social da evangelização, eles orientam para apenas o início dos projetos da Igreja “em saída” e dos vindouros a *primeirar*. O caminhar com as tensões e utopias com a conjuntura do momento ocupa-se em criar os processos que possibilitem, ao longo do tempo, alargar questões que não se alcançam com resultados imediatos. Pastoralmente, exige suportar as adversidades que se impõe aos dinamismos da realidade para vislumbrar e constituir a presença de ações reais e frutíferas. Assim, evitam-se os sofismas esquemáticos da intelectualidade desligada do real, que facilmente pode ser distorcida e incorrer em questões doutrinárias. O contato com proximidade permite com esses princípios uma hermenêutica missionária, levando em conta as situações sociais e eclesiais reais. Captar a realidade é perceber os elementos importantes que possibilitam ampliar a realidade, além de teorias, métodos ou conceitos, pois “não se trata só de compreender a realidade, é necessário proporcionar a sua transformação”²⁴⁵.

242 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 814.

243 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 816.

244 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 816.

245 CRUZ, A. E. P., La Teologia de la praxis popular y Francisco, p. 30-62.

Abre-se um caminho missionário à realidade das comunidades evangelizadoras, que amplia os temas determinantes das relações humanas em um cenário de diálogo ecumênico, inter-religioso e social. A Igreja na sua forma poliédrica percebe a realidade da sociedade em que estão as comunidades a partir das quais realiza a sua atuação missionária transformadora. A pastoralidade dessas pequenas comunidades tem seus membros inseridos em plano plural, que não se anula ao conviver com as diferenças, mas enriquece a sua visão pastoral e conflui em um projeto comum. O papa Francisco propõe a Igreja sair em direção ao mundo com uma visão esférica do poliedro, unindo os pontos distantes na humanidade, mantendo a originalidade.

A figura poliédrica com os princípios bergoglianos também traz a perspectiva teológica trinitária com as diferenças peculiares a partir da unidade e totalidade frente ao Espírito que cria a harmonia amorosa.²⁴⁶ Assim, essa forma apresenta o modelo eclesiológico da Igreja “em saída”, pois dentro da sua universalidade mantém a unidade e originalidade de cada Igreja particular, preservando sem uniformidade a cultura e diferenças locais na harmonia eclesial. Dessa maneira, os princípios bergoglianos compreendidos na teologia guardiniana enriquecem a compreensão sobre a necessidade de a Igreja estar pronta a realizar a sua saída na história com o mesmo movimento da Trindade.

2.2.2 A opção preferencial de uma Igreja pobre e dos pobres

Os pobres estão presentes na história do cristianismo, desde Jesus de Nazaré na sua opção evangélica (Mt 25,40) até hoje com o papa Francisco. Nesse caminho histórico – a discussão nas sessões conciliares sobre uma Igreja pobre e a opção realizada na América Latina com a Teologia da Libertação e as CEBs – a opção pelos pobres significa profundamente o testemunho do seguimento do Cristo que se fez pobre (2Cor 8,9). Gustavo Gutierrez salienta que o pobre não é valorizado nos seus direitos de vida plena, e o sistema político, econômico e social explora e oprime os que estão à margem da sociedade.

A Igreja, ao assumir a pobreza, se insere na vida, na luta e na causa dos que são descartados e oprimidos, construindo caminhos que superem as desigualdades sociais através da fraternidade e amizade social. E assim expressou o próprio papa:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é uma categoria teológica e não cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus concede a eles “sua primeira misericórdia”. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a ter “os mesmos

246 EG 116.

sentimentos de Jesus” (Fl2,5). Inspirada por ela, a Igreja fez uma opção pelos pobres entendida como “uma forma especial de primado no exercício da caridade cristã, da qual toda a tradição da Igreja dá testemunho”. Esta opção – ensinou Bento XVI – “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza”. Por isso quero uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a nos ensinar. Além de participarem do sensus fidei, com seus sofrimentos conhecem o Cristo sofredor. A todos devemos permitir-nos ser evangelizados por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvadora de suas vidas e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles, a dar-lhes voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a ouvi-los, a compreendê-los e a acolher a sabedoria misteriosa que Deus nos quer comunicar por meio deles.²⁴⁷

O papa Francisco a partir da escola argentina da Teologia do Povo manifesta a sua opção preferencial pelos pobres, que reafirma nos parágrafos da *Evangelii Gaudium*²⁴⁸ e da *Laudato Si*²⁴⁹. A Teologia da Libertação, com suas correntes expandidas, expressa o desejo semeado das sementes do Verbo, que se fez pobre (Fl 2,7), para que a Igreja retorne ao caminho de ser pobre e dos pobres. Esse caminho exige dela viver a pobreza junto deles e esvaziar-se de si mesma, indo em direção às periferias reais para combater, com anúncio profético e missionário, as causas geradoras da pobreza e da miséria que descartam os seres humanos.

Sobre a opção preferencial na teologia latino-americana e proposta pelo papa Francisco, consideram-se duas ideias interligadas. Primeiramente, a “Igreja pobre”. Em seguida, a “Igreja dos pobres”.

2.2.2.1 A Igreja pobre

A pobreza é um dom que provoca a Igreja a libertar-se da riqueza e segurança idólatra que a afasta dos pobres, pois “se quer e se faz Igreja ‘dos pobres’, vive com eles, para eles, neles”²⁵⁰. A proposta latino-americana, presente na teologia do papa Francisco, é expressa por ele em estar no meio dos pobres, onde Cristo está e o lugar da Igreja é com as suas comunidades evangelizadoras. São elas chamadas a realizarem, através desse modelo de vida, o programa missionário “em saída”.

Francisco esboça a sua pastoral, eclesialidade e missionariedade a partir da opção preferencial pelos pobres, e os privilegia com a abertura da Igreja, como fez, por exemplo, na sua visita à paróquia Santo Zacarias e Isabel²⁵¹, pois “a rea-

247 EG 198.

248 EG 186-202.

249 EG 164-175.

250 CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 91.

251 Paróquia localizada na periferia de Roma.

lidade se compreende melhor nas periferias”²⁵². Elas se tornam os locais onde se conhecem os horizontes hermenêuticos da realidade e de suas causas sobre os descartes geradores da pobreza. A missão profética acontece através da práxis da denúncia das desigualdades, descartes e iniquidades causadores da miséria, e no anúncio da “inclusão social dos pobres”²⁵³.

A missão evangélica mais próxima do povo é um convite do papa Francisco para que toda a Igreja universal participe deste caminho realizado na América Latina. Contudo, é importante que a Igreja dos pobres não tenha somente um caráter social ou de assistência imediata, é preciso sublinhar que ela é formada pelos pobres, que são realmente decisivos nos caminhos e na presença eclesial. A *kenosis* trinitária é o caminho teológico para compreender a parcialidade divina e o seu *lôcus* através do evento Cristo. O movimento encarnatório do sair de si em direção à humanidade se coloca a serviço dos pobres, fazendo a Igreja assumir esse modelo eclesial: pobre e dos pobres. Ao assumir a realidade vivida pelos pobres, como a força transformadora do e no mundo através da fraternidade e amizade, ela traz a vida plena a todos (Jo 10,10; Jo 1,14; 2Cor8,9).

A opção preferencial pelos pobres nasceu em Medellín no “compromisso assumido voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo”²⁵⁴ e desencadeou a Teologia da Libertação e as suas derivações no Continente e no mundo. A Conferência de Medellín se tornou, ao receber o Concílio Vaticano II, um Pentecostes na Igreja latino-americana. O mundo marcado por profundas injustiças sociais e a necessidade de organização de lutas transformadoras possibilitou pensar a presença da Igreja na América Latina. O método ver (fatos), julgar (teologia) e agir (perspectivas pastorais) a possibilitou buscar a renovação eclesial apontada pelo Concílio e confirmada Medellín, trazendo a marca importante da teologia e pastoral libertadoras:

*Seguindo as intuições, a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, reunida (1979), assume os termos “opção preferencial pelos pobres”, “amor aos pobres”, “opção evangélica, universal, piedosa”, para a ação da Igreja no continente. As reflexões assumem o significado bíblico para o termo “pobre”, anawin: o curvado, o oprimido, com a forte conotação político-social.*²⁵⁵

O episcopado latino-americano, ao reconhecer que seu povo vivia em uma pobreza desumanizadora, foi capaz de ouvir o seu grito de sofrimento, como

252 GALLI, C. M., De Puebla a Aparecida. Iglesia y Sociedad em America Latina.

253 EG 186-216.

254 DMd, p. 145.

255 RONSI, F. Q., Medellín, 50 anos depois, p. 240-261.

também constatar a forma incoerente de vida dos seus clérigos e religiosos.²⁵⁶ Na compreensão teológica e espiritual da pobreza, surge a necessidade de assumi-la como compromisso voluntário com os pobres e a sua urgência profética. Essa profecia se realiza através do serviço da Igreja latino-americana quando continua a obra salvífica de Cristo, que se fez pobre (2Cor 8,2) com os que mais sofrem na pobreza.

O momento eclesiológico paradoxal inaugurado em Medellín é reforçado em Puebla, na clara e profética opção preferencial pelos pobres e a sua necessidade de libertação integral de todos os crucificados: os menores explorados, jovens desorientados e frustrados, indígenas, afro-americanos, camponeses, sem terra, operários, subempregados, desempregados, marginalizados, idosos, mulheres e imigrantes. Puebla é a releitura latino-americana da *Evangelii Nuntiandi* para opções pastorais na missionariedade do ver, julgar e agir. Essa evangelização libertadora traz o espírito vivo de Medellín para as preocupações que afligem a necessidade da libertação e promoção humanas, através do seguimento de Jesus e no dinamismo pastoral através do Espírito. Trata-se da opção preferencial pelos pobres aparecendo na valorização do aspecto da encarnação na fé e nas culturas, que juntamente com a *Evangelii Nuntiandi* levaram à teologia argentina do Povo.

Na Conferência de Santo Domingo, as CEBs ressaltam a vocação missionária da Igreja no meio dos pobres para a evangelização²⁵⁷, significando a opção irrevogável, não exclusiva e nem excludente, para se compreender as expressões libertação e libertador, que correm o risco de serem eliminadas pela proposta de nova evangelização. Essa escolha manifestou a problemática de não envolver a Igreja nos processos de transformação social, econômica e política, indicando apenas uma incidência ética.

Na Conferência Latino-Americana de Aparecida, valorizou-se o itinerário dos discípulos e missionários a partir da compreensão do Deus que se fez pobre, pois “a opção preferencial pelos pobres é uma peculiaridade que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha”²⁵⁸. Essa opção se torna o núcleo central para desenvolver a missão da Igreja de modo integral, principalmente com os mais necessitados, a partir de um compromisso concreto. Os caminhos propostos estão na direção do Reino de Deus através da justiça social, da caridade cristã, da globalização da solidariedade, da práxis libertadora e da justiça internacional com os sofredores.²⁵⁹

256 DMd, p. 143.

257 DSD 61.

258 DAp 391.

259 DAp 380-430.

Nessa Conferência, se revisou onde estão os rostos sofredores dos pobres, pois lá se encontra o rosto de Cristo e o local que deve estar a Igreja. A constatação dos locais de pobreza, miséria e marginalização nos faz compreender quem são e onde estão os olhos do Cristo: nos migrantes, nos violentados, nos traficados, desaparecidos, enfermos, tóxico-dependentes, prostitutas, traficados sexuais, analfabetos tecnológicos, povo da rua, desempregados, população da periferia urbana, indígenas, sem terra e sem teto²⁶⁰, dessa maneira evidenciando o aumento dos crucificados da história como sinais dos tempos. Assim a opção pelos pobres fica evidenciada na necessidade de a Igreja responder com a busca de novos caminhos que superem as causas da pobreza e de estar envolvida com os vulneráveis. Não há como fazer esse caminho sem essa opção clara, como tem demonstrado o papa Francisco:

Francisco confere nova centralidade à relação “evangelização – promoção humana”. No centro de suas preocupações e orientações pastorais estão os grandes problemas da humanidade e as diversas formas de injustiça e sofrimento. Sua crítica constante ao clericalismo e à autorreferencialidade da Igreja e sua insistência em uma “Igreja em saída para as periferias” ou “Igreja pobre e para os pobres” sintoniza com e atualiza as grandes intuições eclesiológico-pastorais do Concílio Vaticano II e das Conferências de Medellín e Puebla: Igreja povo de Deus – sacramento de salvação ou do reinado de Deus no mundo; Igreja dos pobres, salvação como libertação/misericórdia.²⁶¹

O poliedro bergogliano permite compreender como a Teologia precisa, na sua origem e paradigma trinitário, ter presente a sua inserção periférica, principalmente donde provêm os sofrimentos, esquecidos pelo pecado da injustiça social geradora da pobreza e miséria no mundo. O Deus que veio às periferias da humanidade aponta que o caminho e autenticidade evangélica estão na opção preferencial pelos pobres, construindo processos de libertação das ideologias do descarte, processadas pela manipulação dos fundamentalismos religiosos e políticos. O dinamismo do Evangelho na missão inculturada, no meio dos pobres, proporciona aos membros do Povo de Deus serem os protagonistas dos caminhos de libertação.

A manifestação cristológica da opção pelos pobres (Lc 4,16-21) do Deus Trindade que se fez pobre (2Cor8,9) ensina a Igreja que ela é teológica, passando da teoria para a sua eclesialidade, missionariedade e pastoralidade, sendo intrinsecamente pobre e dos pobres. O nome do pontificado, como o do santo dos pobres, Francisco, manifesta sua total adesão a uma Igreja totalmente pobre e dos pobres, como modelo vital da evangelização para um mundo que descarta o ser humano

260 DAp 402.

261 AQUINO JÚNIOR, F., Evangelização e promoção humana, p. 47-63.

– e para uma Igreja que se esquece deles. Trata-se de compreender, na vida diária, onde estão os pobres, pois “é preciso defender os pobres e não se defender dos pobres, é preciso servir aos fracos e não se servir dos fracos”²⁶².

O cardeal Bergoglio sempre acreditou que a opção pelos pobres ecoa do Concílio Vaticano II para toda a América Latina, e ele, como bispo na Conferência de Aparecida, retomada com todo o CELAM, vivenciou essa proposta no caminho para repensar a sociedade argentina. O questionamento das estruturas sociais, econômicas e políticas do seu país levaram à construção de um consenso popular através do diálogo – fazer o tempo superior ao espaço. Assim, seria possível conter os impactos negativos da globalização e semear a esperança de tempos melhores para a nação, com o convite a um diálogo para se construir uma solidariedade fraterna que fosse ao encontro do número crescente de descartados emergidos da crise de 2002²⁶³:

*Quando numa cidade, os pobres e os fracos são cuidados, socorridos e ajudados a melhorar de vida na sociedade, eles se revelam como um tesouro da Igreja e um tesouro na sociedade. Ao contrário, quando uma sociedade ignora os pobres, persegue-os, criminaliza-os, obriga-os a entrarem para a máfia, essa sociedade se empobrece até chegar à miséria, perde a liberdade e prefere “o alho e as cebolas” da escravidão, da escravidão de seu egoísmo, da escravidão da sua pusilanimidade, e essa sociedade deixa de ser cristã.*²⁶⁴

A Igreja dos Pobres sonhada no Concílio Vaticano II, depois assumida na Teologia da Libertação, teve as suas sementes lançadas com o Pacto das Catacumbas. Trata-se do documento assinado por 40 bispos presentes no Concílio, guiados por Dom Hélder Câmara e seguido por mais bispos do continente latino-americano, inspirando o caminho para processos de uma Igreja pobre e dos pobres, que hoje é assumido e promovido pelo papa Francisco. As promessas de viverem simples como os mais pobres do seu rebanho os levaram a possibilitar que o tempo fosse superior ao espaço, e assim ter o primeiro papa que pede à Igreja e aos seus clérigos a vivência concreta da pobreza evangélica.

A frase do cardeal Hummes ao cardeal Bergoglio “não se esqueça dos pobres” ao final do Conclave (2013) despertou muitas coisas que ressoavam no seu coração. A Igreja dos pobres que perpassou o Concílio e teve suas sementes germinadas no Pacto das Catacumbas e na América Latina, pareceu soltar seus ramos para florir novamente a primavera na Igreja. Trata-se da Igreja retornar às bases onde foi manifestada concretamente a sua opção preferencial para um novo modelo de Igreja. Assim como os bispos do Pacto das Catacumbas perceberam a

262 FRANCISCO, Quem sou eu para julgar? p. 125.

263 IVEREIGH, A., The Great Reform, p. 311.

264 FRANCISCO, Quem sou eu para julgar? p. 125.

necessidade de a Igreja deixar a ostentação e de seus ministros viverem juntos com o povo pobre, continua sendo necessário, hoje, enfrentar as realidades e questões emergentes que causam a pobreza.

A inspiração desse pacto para Francisco é percebida claramente na sua escolha de residência em Santa Marta, no carro que utiliza, nas pessoas que recebe no Vaticano, em suas visitas apostólicas, na pauta missionária e nas Jornadas Mundiais dos Pobres. O papa Francisco não fala somente dos pobres, primeiramente, ele ouve o clamor deles, se comove com as suas mazelas, vai até eles, convidando a Igreja e as nações para irem até eles também. A Igreja pobre e dos pobres é encarnada no modo de viver do papa Francisco, realizado por ele e isoladamente por alguns clérigos como o pacto das catacumbas hoje.

Assim como Dom Helder fez expandir o sonho de uma Igreja pobre servidora, hoje Francisco propõe a ela sair em direção às periferias inspirada na pastoral e espiritualidade da pobreza vivida pelo Santo de Assis. Juntamente com a pobreza e a colegialidade do pacto das catacumbas, o papa Francisco assume os seus 13 itens norteadores: viver e locomover como a população (Mt 5,3), renunciar às insígnias de ostentação (Mc 6,9), não possuir bens (Lc 12,33s), confiar a gestão financeira aos leigos (Mt 10,8), deixar de lado os títulos de grandeza (Mt 20,25-28), evitar privilégios (Lc13,12-14), evitar a vaidade (Lc15,9-13), realizar a pastoral e missão com os pobres (Lc 18,18s), exigir a justiça social (1Cor 9,1-27), transformar as relações das estruturas sociais e políticas (Mt 25, 31-46), desenvolver a colegialidade (Lc 13, 12-14), propor a caridade pastoral (At 2,42) e dar isso a conhecer na oração do povo (Hb 13,17). É nesta direção que têm acontecido o testemunho e os caminhos de seu pontificado. A atualidade está em sempre se identificar com Jesus de Nazaré, com a atitude de despojamento eclesial, na convicção dessa opção de ir em direção aos pobres, como respondeu a um grupo de estudantes em audiência:

não posso morar sozinho, entendeu? E depois, penso, sim: os tempos falam-nos de tanta pobreza no mundo, e isso é um escândalo. A pobreza do mundo é um escândalo. Num mundo onde há tantas, tantas riquezas, tantos recursos para alimentar a todos, não dá para entender como há tantas crianças famintas, tantas crianças sem educação, tantos pobres! Pobreza, hoje, é um choro. Todos nós temos que pensar se podemos ficar um pouco mais pobres: isso também, todos nós temos que fazer. Como posso ficar um pouco mais pobre para me parecer melhor com Jesus, que era o pobre Mestre. Essa é a questão. Mas não é um problema da minha virtude pessoal, é que não posso viver só, e também a do carro, o que tu dizes: não ter muitas coisas e ficar um pouco mais pobre. É isto, não ter muitas coisas e ficar um pouco mais pobre. É isto.²⁶⁵

265 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco aos alunos das escolas jesuítas na Itália e na Albânia.

Transformar a Igreja na Casa de Deus porque ali vivem e estão os pobres tem sido o testemunho do papa Francisco. Como exemplos, a instalação de uma lavanderia e ambulatório para a população de rua na cidade eterna e o protagonismo evangelizador da esmolaria vaticana. Diante das muitas misérias humanas, propõe sustentar a forma de vida sem conta bancária, casa ao invés de palácios, administração da Igreja na mão dos leigos, carros simples ou uso do transporte público, despir-se das pompas do vestuário litúrgico e clerical, combater as estruturas injustas que impedem o desenvolvimento social e humano, superar a fome-pobreza-miséria e a autoridade que se caracterize no serviço humanizador como evangelizador.

O cardeal Lercaro, a partir da expressão utilizada pelo papa João XXIII “Igreja dos pobres”, verificou no Concílio que a Igreja, “sem ser pobre, ela não tem os pobres como destinatários preferenciais da sua ação”²⁶⁶. Trata-se dos pobres compreenderem a Igreja como a sua casa e de serem sujeitos privilegiados e ativos da evangelização na sua vida. Essa opção foi assumida na América Latina pela teologia da libertação e expandida em suas correntes teológicas, como a teologia do povo na Argentina. Assim, baseado em sua formação teológica e pastoral, com protagonismo o papa Francisco expande o sopro do Espírito Santo vindo da América Latina para toda a Igreja ser pobre e dos pobres, e não somente assistencial com os pobres. A conversão pessoal, pastoral e missionária possibilitará os passos da renovação estrutural através da espiritualidade evangélica e teológica do Cristo pobre e nos pobres, para realizar o desejo sonhado no Concílio, nascido na América Latina e agora reconvidando todo o mundo.

A opção teológica pelos pobres, na sua realização histórica e pastoral, se torna a dimensão essencial da evangelização do mundo para o desenvolvimento da libertação e promoção humana. Inserida nas culturas para a justiça social, além de não se restringir a uma reflexão pastoral e teológica, concretiza a reflexão latino-americana em práxis para se compreender a necessidade de gestos humanos e solidários no cotidiano. Essa solidariedade construída a partir dos pobres é o processo evangelizador que a hermenêutica eclesial precisa ter sempre presente na sua atuação missionária. A Igreja, ao reconhecer os “direitos dos povos”²⁶⁷, promove a sua doutrina social aos que estão descartados “nas periferias urbanas e zonas rurais, sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde, lesadas de seus direitos”²⁶⁸. Expressamente presente na *Evangelii Gaudium*:

266 SCANNONE, J. C., *Incarneazione, kénosis, inculturazione e povertà*, p. 469.

267 EG 190.

268 EG 191.

Eu disse que os pobres estão no centro do Evangelho; eles também estão no início e no fim. Jesus, na sinagoga de Nazaré, fala claramente no início de sua vida apostólica. E quando ele fala do último dia e nos apresenta aquele “protocolo” pelo qual todos nós seremos julgados – Mateus 25 –, os pobres estão lá também. Existe o perigo, existe uma tentação que surge nos momentos de prosperidade: é o perigo de a comunidade cristã se “socializar”, isto é, de perder aquela dimensão mística, de perder a capacidade de celebrar o Mistério e se tornar uma organização espiritual, cristã, com valores cristãos, mas sem fermento profético. Lá se perdeu o papel que os pobres desempenham na Igreja. Esta é uma tentação de que tanto sofreram as Igrejas particulares, as comunidades cristãs na história. E isso a ponto de se transformar em uma comunidade de classe média, na qual também os pobres passam a ter vergonha: têm vergonha de entrar. É a tentação do bem-estar espiritual, do bem-estar pastoral. Não é uma igreja pobre para os pobres, mas uma igreja rica para os ricos, ou uma igreja de classe média para os ricos. (...) Os pobres não são expulsos, mas vivem de uma forma que não ousam entrar, não se sentem em casa. Esta é uma tentação de prosperidade. Eu não te culpo, porque eu sei que você trabalha bem. Mas, como irmão que deve confirmar os irmãos na fé, digo-te: atenção, porque a tua é uma Igreja em prosperidade, é uma grande Igreja missionária, é uma grande Igreja. O diabo não semeia essa discórdia, essa tentação de tirar os pobres da própria estrutura profética da Igreja, e fazer de você uma Igreja abastada para os abastados, uma Igreja do bem-estar... mas em mediocridade.²⁶⁹

Escutar o grito dos pobres que são crucificados é caminhar na fidelidade do seguimento do seu Senhor. A opção de se tornar pobre e dos pobres permite à Igreja ir além de qualquer ideologia da pobreza ou ativismos sociais. O papa Francisco não vê como assistencialismo, mas como uma atenção de amor. Ele cita Tomás de Aquino que vê o amor ao outro “considerando-o como um só consigo mesmo”²⁷⁰. O amor e a opção preferencial pelos pobres devem ser autênticos e contemplativos, criando caminhos de movimentos comunitários e de libertação. Por isso, para o papa Francisco, a nova evangelização só pode acontecer a partir de comunidades evangelizadoras pobres e dos pobres, com protagonismo histórico no projeto para uma nova humanidade globalizada pela justiça, fraternidade e humanização.

2.2.2.2 Igreja dos pobres

O profetismo comprometido com os pobres, do papa Francisco, é uma denúncia atual de uma sociedade que descarta o pobre e a natureza. Os instrumentos de poder econômico e político criam “os ídolos”²⁷¹ da globalização da indiferença, através de um consumismo cultural e desumanizador. Essa economia mata numerosos imigrantes, população de rua, refugiados e irmãos trabalhadores

²⁶⁹ FRANCISCO, *Encontro com os bispos na Coreia*.

²⁷⁰ EG 199.

²⁷¹ EG 55.

da periferia, ferindo a lógica do Reino. A Igreja, em sua conversão de ser pobre e dos pobres, tem a possibilidade de proporcionar essa mudança cultural e comunitária para “a qualidade de vida humana”²⁷². Essa transformação oferece o início de uma nova lógica marcada pela criatividade e convivência integral do ser humano entre si e com os bens da criação. Nesta experiência da salvação, que é comunitária²⁷³, como opção teológica e pastoral, acompanha e se envolve na radicalidade do Cristo pobre e humilhado, que se abaixou e nos possibilitou “uma eclesiologia kenótica pascal”²⁷⁴. O paradigma da encarnação que se envolve com a humanidade e suas questões de sofrimento oferece a vida nova na ressurreição, provocando a Igreja a seguir pelo Espírito Santo esse caminho nas estradas do mundo.

O versículo “Cristo se fez pobre sendo rico, para que vos enriquecêsseis por sua pobreza” (2Cor 8,9) é um tema central do papa latino-americano, que tem seus olhos e gestos fixos na humanidade, fazendo o mesmo convite à Igreja. Com esses passos, ele está propondo, com o seu pontificado, a mudança de estrutura como fundamento concreto da Igreja pobre e dos pobres. Essa proposição traz o periférico da realidade humana para o centro da Igreja, desafiando-a à sua opção missionária e ontológica de profunda mudança da posição eclesial.

O ser pobre da Igreja e promovê-los como sujeitos eclesiais transformadores implica as denúncias e práticas que causam a pobreza e a miséria. As estruturas eclesiais precisam sair de seus palácios e os clérigos deixarem a corte e não terem “a psicologia de príncipes”,²⁷⁵ e movidos através do Espírito Santo estejam onde o seu Senhor se encarnou e está, pois precisam “amar a pobreza, querer a pobreza interior diante do Senhor, querer a pobreza exterior como simplicidade de vida”.²⁷⁶ A opção pelos pobres e a pobreza, no início do seu pontificado, fizeram Francisco prosseguir nos passos da reforma renovadora da Igreja.

A opção profética da Igreja se dá com o encontro na realidade, e com o prosseguimento de nunca se esquecer deles e de se empenhar nesse compromisso eclesial (Gl 2,10). Por isso, Francisco aponta a enxergar além de uma proposta utópica, assumindo o compromisso eclesial de escutar, estar e agir com o clamor dos pobres da terra. Trata-se de uma pastoral decididamente missionária, profética e inserida na realidade dos seus setores populares. A Igreja, quando se afasta dos pobres, perde a sua identidade eclesial, pois deixa de assumir a sua causa e de unir todos os membros da comunidade evangelizadora com os seus sofri-

272 LS 51.

273 LS 149.

274 SCANNONE, J. C., *Incarnazione, kénosis, inculturazione e povertà*, p. 482.

275 FRANCISCO, *Pronunciamentos no Brasil: Discurso ao Celam*, p. 78.

276 FRANCISCO, *Pronunciamentos no Brasil: Discurso ao Celam*, p. 78.

mentos.²⁷⁷ Manter a sua predileção “pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora”²⁷⁸ é não ser cúmplice de encobrir as injustiças sociais, as desigualdades sociais e as falsificações da realidade, não negando as suas causas:

Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas, a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, “àqueles que não têm com que te retribuir” (Lc14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!²⁷⁹

As prioridades da Igreja devem estar sempre a partir do *lócus* dos pobres, como a experiência pastoral do cardeal Bergoglio na Argentina, no cuidado e práxis conjunta com seus *curas villeros*, promovendo a ousadia, coragem e criatividade de viver o modo dos pobres. Assim, a proximidade real e cordial se constrói com caminhos de libertação e faz também os pobres se sentirem em casa na comunidade eclesial.

Nas Sagradas Escrituras, Deus se revela como o *Go'el* que resgata o seu povo da opressão e faz justiça à sua situação de pobreza. Essa predileção divina apresenta a relação de Deus com seu povo, e também como Salvador, Rei e Pastor dos marginalizados: os pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros (Jt 9,11). A defesa e o cuidado de Deus com os pobres é exigência de fidelidade a Ele, presente no Código Deuteronomico e na justiça social dos Profetas (Mq 6,8). A tradição sapiencial também evidencia a incompatibilidade do culto a Deus e a injustiça com os pobres (Eclo 34,20-22).

No Novo Testamento, a cristologia e as parábolas do Reino explicitam o caráter único da opção de Jesus pelos pobres, marginalizados, feridos, explorados e pequenos, expresso principalmente nos textos de Mateus 25,31-46 e Lucas 10,25-37. A Tradição eclesial é fundamentada nos Padres da Igreja e a ênfase dada por eles na centralidade da comunidade eclesial ser a defensora dos pobres, como por exemplo, disseram Gregório de Nissa (335-394) “os pobres são os porteiros do céu” e São João Crisóstomo “tocar a carne de Cristo é tocar a carne dos pobres”.

Além do Santo de Assis que inspira esse pontificado, o testemunho recente do mártir latino-americano Dom Oscar Romero traduz a opção de muitos

277 LG 8.

278 EG 195.

279 EG 48.

leigos, leigas, padres e teólogos engajados nesta opção da Tradição da Igreja pelos pobres. Trata-se de dizer da dimensão intrínseca da revelação e da fé cristã em sua opção missionária dirigida prioritariamente aos pobres nas periferias reais e existenciais da sociedade. Os rostos dos pobres hoje são multiformes e a injustiça social procura descartá-los com a globalização da indiferença. Surge a necessidade de se criarem possibilidades de opções políticas, sociais e econômicas que combatam a pobreza e deem à dignidade a eles. Isso será possível denunciando a nova idolatria do dinheiro e da iniquidade (Mt 6,24) que aprofunda a crise antropológica, alicerçando as estruturas de relações injustas e fratricidas.

A teologia do papa Francisco possui a contribuição original da Igreja da América Latina no processo libertador, que opta pelos últimos, rejeitados e descartados da sociedade.²⁸⁰ Essa marca da eclesiologia latino-americana abre fronteiras com as palavras libertação, povo, cultura e pobres, ampliadas nas relações integradas na Casa Comum, especialmente pelos sofrimentos causados aos vulneráveis. A proposta de uma ecologia social é criar pedagogicamente meios e caminhos para compartilhar uma vida solidária e fraterna, com atenção às populações mais pobres, as quais sentem diariamente os efeitos de uma globalização da indiferença e tecnocrata.

Optar por não negligenciar políticas públicas à população mais pobre e exposta à nocividade do mercado é dar importância para a transformação social em práxis comunitária e missionária. Nesta opção, a Igreja da América Latina oferece, de sua periferia geográfica para o centro da Igreja, seu testemunho da mensagem do Evangelho ao vivenciar lado a lado com os desfavorecidos, essa época de globalização que desumaniza e empobrece a população. A inclusão social dos pobres²⁸¹ é necessária, ela visa mudança cultural humanizada e compromissada com o próximo profeticamente.

Convém, ainda, salientar que essa opção proporcionou, teológica e pastoralmente, através das CEBs, a chave missionária para as comunidades evangelizadoras inseridas nas culturas populares. Infelizmente, o clericalismo acentuado marca o declínio eclesial e social do compromisso com essa fidelidade evangélica. Francisco convida as comunidades evangelizadoras a reafirmarem e promoverem a opção desta Igreja pobre e dos pobres ao se implicarem e prosseguir com as sementes conciliares inseridas nessa opção preferencial germinada e florescida na América Latina:

a Opção pelos pobres é uma Opção de vida, uma Opção que tem lado. É a opção do Evangelho; é a Opção “desde a manjedoura” de Jesus de Nazaré: o caminho que Ele fez e que

280 EG 196.

281 EG 188.

não exclui ninguém. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Todos e todas são chamados/as a se converter, mudar de vida, praticar a partilha e a entrar nesse caminho, como fez Zaqueu, o homem rico do Evangelho. Mas cuidado! Jesus diz também: “É mais fácil um camelo passar pelo vão de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mt 19,24).²⁸²

Trata-se de ver nas análises as causas das situações de vida indigna, da violência institucionalizada, e dos pecados sociais e ecológicos, optando por se envolver e criar processos transformadores da realidade daqueles pobres sem trabalho, sem teto ou terra, como também explorados pelo neoliberalismo perverso e injusto. O irromper da força do Espírito Santo onde estão as bases com o povo pobre, que sofre a injustiça do antirreino, é retomado na práxis eclesial em abertura a todo o mundo nos novos passos da missão teológico-pastoral. O pensar teológico da evangelização centrado no *locus* dos pobres, encarnando o Evangelho. Essa mística suscita o protagonismo social dos pobres e dos excluídos, que, além de suportarem as injustiças e lutarem contra elas, trazem as características de sujeito coletivo como povo, ativo na fé e na sociedade. É estar com os que sofrem os danos causados pela miséria:

Eu sei que vocês foram excluídos dos benefícios da globalização. Não desfrutam daqueles prazeres superficiais que anestesiam tantas consciências. Apesar disso, vocês sempre sofrem os danos dessa globalização. Os males afligem a todos, a vocês atingem duplamente. Muitos de vocês vivem o dia a dia sem nenhum tipo de garantias legais que os protejam. Os vendedores ambulantes, os recicladores, os feirantes, os pequenos agricultores, os pedreiros, as costureiras, os que realizam tarefas de cuidado.²⁸³

O protagonismo dos pobres possibilitará a humanidade concretizar as esperanças buscadas com forma criativa nos processos de mudanças nacionais, regionais e internacionais.²⁸⁴ Assim, os processos teológicos e pastorais para um caminho eclesial na opção pelos pobres promovem processos de renovação, de modo histórico e de libertação. O engajamento social dos discípulos missionários na evangelização valorizará o anúncio vital do *querigma* no compromisso comunitário e social da fé, cujo centro é a caridade, ao invés da transmissão doutrinária.²⁸⁵ Dessa maneira, a Igreja dos pobres não é institucionalizada, burocrata, com esquemas de ativismos, sacramentalista ou devocionista. Essa é a Igreja da manutenção de um poder sagrado e utilitarista dos pobres para preservar os privilégios clericais. Ela é chamada a romper com os individualismos consumistas do lucro

282 SASSATELLI, M., *Opção pelos pobres: único caminho para seguir Jesus de Nazaré.*

283 FRANCISCO, Carta do Papa Francisco aos participantes movimentos populares em 12 de abril de 2020.

284 LS 176-181.

285 ANDRADE, P. F. C., *A dimensão social da Evangelii Gaudium*, p. 228.

desenfreado, que explora os fiéis e os põem a viver uma competição entre si em favor dos donos do poder econômico e social.

O despojar da ostentação levará a Igreja a compreender que os sinais dos tempos exigem dela se vestir do avental do lava-pés e, no lugar as suas grandiosas insígnias, ter a jarra e a bacia nas mãos. Essa proposta é o prosseguir com a eclesiologia do Mestre (Jo 15) e sua missionária:

Igreja pobre: peçamos isto ao Senhor! Quando se depara com os Apóstolos, aquele mendigo não recebe dinheiro, mas encontra o Nome que salva o homem: Jesus Cristo, o Nazareno. Pedro invoca o Nome de Jesus, ordena ao paralítico que se levante, que se ponha da posição dos vivos: de pé, e toca aquele doente, ou seja, pega-lhe pela mão e levanta-o, gesto no qual São João Crisóstomo vê “uma imagem da Ressurreição” (Homilias sobre os Atos dos Apóstolos, 8). E aqui aparece o retrato da Igreja, que vê quantos estão em dificuldade, não fecha os olhos, sabe encarar a humanidade para criar relações significativas, pontes de amizade e de solidariedade em vez de barreiras. Manifesta-se o rosto de “uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos” (Evangelii Gaudium, 210), que sabe dar a mão e acompanhar para levantar, não para condenar.²⁸⁶

Essa opção não deve ser adiada, mas continuada com a conversão pessoal e pastoral de cada comunidade evangelizadora com seus pastores, para amar o próximo através da ação do Espírito Santo. Trata-se de superar as divisões entre os indivíduos e as suas categorias sociais de povos e nações, pois o “testemunho do Evangelho queima, queima todas as formas de particularismo e mantém a caridade aberta a todos, com a preferência pelos mais pobres e pelos excluídos”²⁸⁷. O testemunho cristão será o Evangelho em atitudes concretas e essenciais com nossos irmãos e irmãs.

Os fenômenos da pobreza possuem suas circunstâncias vinculadas à consciência social e coletiva, que precisa encontrar suas respostas para cada época privilegiando a justiça social. O papa Francisco questiona, através da teologia e práxis libertadora da América Latina, a maneira de ampliarmos os diagnósticos das causas da pobreza para respostas com buscas comuns. O aliviar os pobres de sua miséria questionaria os sistemas econômicos injustos e as políticas irracionais incapazes de, com as suas obras: compreender, reverter, recriar, e reabilitar as suas vidas.

A teologia do povo, na opção pelos pobres, traz a questão de como o povo manifesta a sua cultura sem ser privado do poder e do saber, através do seu processo libertador de nação. Nessa opção ligada à cultura e à piedade popular é proposta a construção de um caminho em que os pobres transformem as es-

286 FRANCISCO, Audiência Geral do Santo Padre no dia 07 de agosto de 2019.

287 FRANCISCO, Angelus do Santo Padre no dia 18 de agosto de 2019.

truturas de poder, saber e de fé com relações de “inclusão social”²⁸⁸, contra uma “economia que mata”²⁸⁹ e “cristaliza as estruturas sociais injustas”²⁹⁰. Significaria encarnar o Evangelho em novas relações:

*O tema dos pobres é um ponto de convergência entre o magistério do Papa Francisco, a doutrina social da Igreja e a teologia do Povo. Não se trata de pura teoria sem a sua encarnação em práticas existenciais e sociais que fazem a realidade “a encarnação do Evangelho” e a “revolução da ternura” (EG 88).*²⁹¹

Essa experiência de práxis que o papa Francisco propõe aos pobres é oriunda de uma sensibilidade espiritual das Escrituras, como declarou na III Jornada Mundial dos Pobres: “o pobre é o homem da confiança! E o autor sagrado indica também o motivo desta confiança: ele ‘conhece o seu Senhor’ (cf. 9, 11) e, na linguagem bíblica, este ‘conhece’ indica uma relação pessoal de afeto e de amor”²⁹². E prossegue descrevendo a opção preferencial de Deus, que escuta:

*“escuta”, “intervém”, “protege”, “defende”, “resgata”, “salva”... Em suma, um pobre não poderá jamais encontrar Deus indiferente ou silencioso perante a sua oração. É Aquele que faz justiça e não esquece (cf. Sl40,18; 70,6); mais, constitui um refúgio para o pobre e não cessa de vir em sua ajuda (cf. Sl10,14).*²⁹³

Destaca-se esta opção eclesial como opção prioritária no anúncio do Evangelho:

*é uma opção prioritária que os discípulos de Cristo são chamados a fazer para não trair a credibilidade da Igreja e para dar esperança efetiva para tantos indefesos. A caridade cristã encontra neles a sua verificação, porque quem simpatiza com os seus sofrimentos com o amor de Cristo se fortalece e dá vigor ao anúncio do Evangelho.*²⁹⁴

A proposta está além da relação assistencialista, pois está ao lado deles, para criar a esperança de lutarmos por uma sociedade que promova a dignidade humana, e combata as estruturas geradoras da pobreza e da miséria. Essa opção pelos pobres só poderá existir e construir caminhos que superem o mal do descarte empobrecedor através “do olhar, do amar e do conviver”²⁹⁵. Essa atitude aparece com força na teologia da Igreja “em saída” pautada nos mesmos senti-

288 EG 85.

289 EG 53.

290 EG 59.

291 SCANNONE, J. C., El Papa Francisco y la teología del Pueblo, p 31-50.

292 FRANCISCO, Messagio del Santo Padre Francesco III Giornata Mondiale dei Poveri.

293 FRANCISCO, Messagio del Santo Padre Francesco III Giornata Mondiale dei Poveri.

294 FRANCISCO, Messagio del Santo Padre Francesco III Giornata Mondiale dei Poveri.

295 Máxima utilizada pelo Padre Júlio Lanceloti na pastoral com o Povo da Rua na Arquidiocese de São Paulo.

mentos de Cristo (Fl 2,5) –ao sair, se humilhar se for preciso, tocando a carne de Cristo nos sofredores.

A Igreja manifesta sua opção preferencial pensando a partir deles e com eles, enfrentando os males históricos e concretos que os ferem e os humilham. Assim, a Igreja pobre estará sempre mais livre para exercer seu profetismo e pronta para se esvaziar das amarras que a impedem de ser sinal do Reino no mundo. E deve lembrar-se sempre daquilo que a faz pronta para servir, curar e transformar, partindo do mandato missionário deixado e exigido pelo Evangelho (Mt 28,7), como por exemplo:

*A Igreja precisa sair de Jerusalém (poder) e voltar à Galileia (serviço), ao encontro com Cristo peregrino, no encontro de seu Reino, na mesa comum e no pão repartido, na causa da vida e na causa dos pobres, que é amor, justiça e paz. Ele nos precede na Galileia, lá nós o veremos.*²⁹⁶

O aumento da pobreza e da miséria prolifera com o livre mercado em escala mundial. Dessa maneira, a Igreja missionária proposta na *Evangelii Gaudium* é chamada a continuar a sua missão profética. Cada cristão, em sua comunidade, é participante do processo libertador e transformador capaz de incluir os pobres para que façam parte da agenda socioeconômica como participantes. Esse caminho de evangelização promove a leitura dos sinais dos tempos e comunica a Boa Nova para um mundo novo.

Esse mundo novo será possível através de uma mentalidade nova que permita as diversas formas de solidariedade fraterna entre os pobres e da sociedade para com eles. A solidariedade exercitada como fraternidade poderá permitir às nações superarem as causas da miséria e da destruição do planeta. A necessidade de modificar as estruturas diante do mercado exige mentalidades que se preocupem com os seres humanos e sua integração aliadas às oportunidades de dignidade. O papa Francisco convida a realizarmos esse discernimento com os olhos do Evangelho, para construir uma sociedade melhor, e conseqüentemente um mundo melhor através da coragem da mudança. Alertando para o perigo da idolatria ao dinheiro e suas conseqüências:

*Também dos Santos Padres da Igreja, o papa argentino tirou uma das imagens mais fortes por ele utilizadas ao falar de dinheiro, aquela que o descreve como “esterco do diabo”, – declarou em julho de 2015, na Bolívia, falando no segundo encontro mundial dos Movimentos populares – a comunidade científica aceita o que há muito tempo vêm denunciando os mais humildes: estão sendo produzidos danos irreversíveis ao ecossistema. Estão sendo punidas as terras, as comunidades e as pessoas de maneira quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, morte e destruição, sente-se o cheiro do que Basílio de Cesareia (um dos primeiros teólogos da Igreja), chamava de ‘esterco do diabo’.*²⁹⁷

296 KUZMA, C., Uma Igreja a partir do Pobre, p. 860.

297 RABOLINI. L., A Pope Francis Lexicon.

Por isso, a Igreja precisa abrir e renovar as suas estruturas pela conversão pessoal e pastoral, descentrando-se e incluindo as realidades periféricas para compreender o seu envolvimento com os mais pobres e as mudanças urgentes da humanidade. Trata-se de unir o magistério eclesial com a evangelização e a preocupação frequente de trazer os pobres para o centro das questões da Igreja, possibilitando ver a sua realidade e a do mundo com o olhar deles, trazendo consigo a lógica do amor universal que constrói a fraternidade, e opta por esse caminho teológico ao invés das ideologias políticas ou de ONGs.²⁹⁸ A evangelização acontecerá com “uma “igreja pobre” que anuncia um Cristo pobre, e o caminho da pobreza como caminho autêntico de comprometimento da humanidade através da coparticipação, reconhecendo-o como irmão.²⁹⁹ A evangelização com os pobres está em fazer como Cristo fez:

como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus “que era de condição divina... despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo” (Fl 2,6-7) e por nós, “sendo rico, fez-se pobre” (2Cor.8,9): assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai “a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração” (Lc 4,18), “a procurar e salvar o que perecera” (Lc.19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo.³⁰⁰

A opção preferencial pelos pobres é força orante e espiritual da Igreja “em saída” propondo a ela ser mais simples, mais pobre, mais humana, mais evangélica e mais servidora. Assim sendo estará encarnada na história do nosso tempo, reafirmando o sonho da Igreja pobre presente no Concílio, possibilitando o testemunho e aberturas de diálogos tão caros e necessários para o mundo marcado por disputas de ostentação, corrupção, prazer efêmero e poder. Significa, pelo Evangelho, distinguir os estilos de vida consumistas e tecnocratas dominantes, que geram a globalização da indiferença. Dessa maneira, partimos da lógica samaritana com aqueles que encontramos no caminho:

ao vermos o irmão quase morto na beira da estrada, talvez pensemos “coitado” e prosseguimos o nosso caminho, não é dever nosso; e isto basta para nos tranquilizarmos, para sentirmos a consciência em ordem. A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório.

298 FRANCISCO, Angelus de 15 de novembro de 2020.

299 YÁÑEZ. H. M., L'Opzione preferenziale per i poveri, p. 260.

300 LG 8.

Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamos-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!³⁰¹

Nos tempos em que se vivenciam dias de mudanças e ao mesmo tempo de exposição das enfermidades, a aporofobia traz as formas com as quais determinamos e julgamos os pobres com tutelas, deixando a sua autonomia descartada e ignorada. Este não é um tempo de egoísmos, e sim de amor para que o peso dos pecados sociais e estruturais não recaia sobre eles. A alternativa de pensar um mundo à sua frente exige ter a vida e a participação deles nesta pauta. O desafio é buscar a oportunidade de vencer os egoísmos e a tentação do regresso ao passado, e responder a necessidade de convivência com os pobres, sofredores e vulneráveis. Como afirmou Francisco, na sua mensagem *Urbe et Orbi*, na festa da vida nova no ano ímpar da Páscoa de 2020:

Este não é tempo para a indiferença, porque o mundo inteiro está a sofrer e deve sentir-se unido ao enfrentar a pandemia. Jesus ressuscitado dê esperança a todos os pobres, a quantos vivem nas periferias, aos refugiados e aos sem abrigo. Não sejam deixados sozinhos estes irmãos e irmãs mais frágeis, que povoam as cidades e as periferias de todas as partes do mundo. Não lhes deixemos faltar os bens de primeira necessidade, mais difíceis de encontrar agora que muitas atividades estão encerradas, bem como os medicamentos e sobretudo a possibilidade duma assistência sanitária adequada. Em consideração das presentes circunstâncias, sejam abrandadas também as sanções internacionais que impedem os países visados de proporcionar apoio adequado aos seus cidadãos e seja permitido a todos os Estados acudir às maiores necessidades do momento atual, reduzindo “se não mesmo” perdendo a dívida que pesa sobre os orçamentos dos mais pobres.³⁰²

O papa Francisco propõe pensar o futuro da humanidade com inclusão social dos pobres através da ética do conviver, como possibilidade para construir juntos o mundo visto com eles e por eles, pois “ignorar os pobres é ignorar a Deus”³⁰³. Eles não podem ser eternos marginalizados e aceitar os assistencialismos impostos em relação ao que comer, beber, vestir e escolher (Mt 25, 35-45). A proximidade com eles e ouvi-los é a práxis do amor cristão, que leva à proposição de uma nova sociedade livre da marginalização assistencialista. O caminho dessa opção é a fraternidade entre eles mesmos, para não dependerem da organização de um assistencialismo ou paternalismo protetor.³⁰⁴

A cultura do bem-estar promovida pela globalização gera a indiferença diante do espetáculo do consumismo, nos fazendo perder a capacidade de sermos

301 FRANCISCO, Homília do Papa Francisco às vítimas do naufrágio em Lampedusa.

302 FRANCISCO, Mensagem Urb et Orbi da Pascoa 2020 Papa Francisco.

303 FRANCISCO, Catequese da misericórdia: a parábola do rico e Lázaro.

304 BERGOGLIO, J.M.; SKORKA, A., Sobre o céu e a terra, p. 136-137.

protagonistas de transformações humanas, quando também se perde a capacidade de ver, de se envolver e de chorar com as causas do sofrimento de tantas pessoas machucadas e feridas pela injustiça social. Essa cultura é aquela que vê o ser humano como um bem de consumo e, após utilizá-lo para o lucro, o descarta. Por isso, o incentivo do bispo Bergoglio aos seus *curas villeros* baseava-se em conviverem juntos como povo, crescendo e alimentando a fé, e assim melhorando as condições de vida de todos. O anestesiamiento social, político, econômico e cultural deve ser superado por um povo que edifica a sua cultura com valores fraternos e solidários, com passos transformadores e irreversíveis na construção da sociedade, tendo como centro o ser humano e a Criação, priorizados antes do dinheiro. A Igreja, com o seu chamado a responder ao Evangelho, poderá contribuir sem interesses políticos ou idolátricos ao dinheiro, assumindo a sua opção preferencial pelos pobres para um mundo melhor.

Os três “Ts” – Terra, Trabalho, Teto – presentes nas lutas populares devem ser também entendidos e somados à missão da Igreja, na atenção ao seu povo garantindo o tripé básico da dignidade humana. A abertura eclesial frente a essas questões humanitárias reafirma o seu estar no mundo através da opção preferencial pelos pobres, implícita na Teologia latino-americana, e buscando atender as demandas daqueles que as estruturas injustas tentam descartar. A atualidade dessa pastoral comprometida com os pobres é perceptível quando observamos a destruição da Casa Comum, e como ela afeta os pobres diretamente com as questões hídricas, alimentares e econômicas. A crise humana agravada pela mudança climática e ecológica agride diretamente aos mais pobres e o seu desenvolvimento humano integral quando relativiza o acúmulo do dinheiro e bens como privilégio de alguns.³⁰⁵

A centralidade dessa proposta teológica e pastoral do papa Francisco³⁰⁶, com suas orientações e práxis conjugadas, permite compreender sem relativizar ou enfraquecer o princípio teológico dessa opção. O serviço aos pobres amplia a missão das comunidades evangelizadoras com a sua inserção nas questões causadoras das estruturas da pobreza. Francisco testemunha e aponta a toda a Igreja a direção das periferias, onde ela poderá ser sinal autêntico do Reino através da solidariedade fraterna com os pobres e marginalizados movida pelos mesmos sentimentos de Cristo: a misericórdia e a compaixão. Esse é um convite a buscar novos paradigmas através da convivência com anseios e sofrimentos, possibilitando compreender e transformar as realidades existentes. É propor uma nova maneira de pensar, amar e agir, missionária e profeticamente mais próxima dos desafios contemporâneos. E como recordou o teólogo da libertação Gustavo Gutiérrez:

305 LS 48.

306 EG 198.

o tema dos pobres além de seu aspecto social deve ser pensado em uma perspectiva teológica. Situar o mistério e o ministério de Cristo no âmago do assunto. A ausência de uma maior compreensão hermenêutica de um Cristo solidário com os pobres (aspecto essencial da mensagem cristã) (...) Para o teólogo da libertação, “a situação dos pobres não só deve ser considerada em relação com os ensinamentos sociais, mas, sobretudo à luz de Cristo e de seu Reino”.³⁰⁷

Em sua mensagem ao I Dia Mundial dos Pobres, Francisco retrata os seus rostos descaracterizados pela pobreza, destacando as causas:

Infelizmente, nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade e a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes sectores da sociedade no mundo inteiro. Perante este cenário, não se pode permanecer inerte e, menos ainda, resignado. À pobreza que inibe o espírito de iniciativa de tantos jovens, impedindo-os de encontrar um trabalho, à pobreza que anestesia o sentido de responsabilidade, induzindo a preferir a abdicação e a busca de favoritismos, à pobreza que envenena os poços da participação e restringe os espaços do profissionalismo, humilhando assim o mérito de quem trabalha e produz: a tudo isso é preciso responder com uma nova visão da vida e da sociedade.³⁰⁸

O Dia Mundial dos Pobres proposto pelo papa Francisco está além de lembrar a existência deles, propõe ir ao encontro deles estendendo a mão, sentando junto, os ouvindo nos seus diversos sofrimentos, olhando para os seus diversos rostos e com eles se envolvendo.³⁰⁹ Essa responsabilidade não é improvisado ou assistencialismo, mas a coragem concreta de estar com eles, de se compadecer com a realidade vivida e se engajar na concretude de um mundo que não os descarta, mas os inclui. A existência de estruturas humanas e sociais doentes parece impedir seu sonho de futuro, mas a presença com eles possibilitará curar e mudar esse mundo enfermo e necrófilo para eles.

O seguimento de Jesus desperta o discernimento de manter o contato de proximidade com o povo pobre, como Ele fez. Estar com os *ptôjos* permite o seguimento e o anúncio do Evangelho através do amor gratuito e transformador, capaz de organizar o povo para um futuro melhor. É preciso estar sempre abertos a eles e redefinirmos, a partir deles, a nossa direção:

É certo que, ainda que a pobreza tenha aspectos sociais e econômicos, é uma situação humana global. Os pobres são todos aqueles que, por diversas razões, veem seus direitos violados e impossibilitados de realizarem-se humanamente. Essa constatação interpela a Igreja em sua missão, que deve acolher essa realidade como contrária a vontade de Deus, e a redefinir sua ação.³¹⁰

307 LOURENÇO, V. H., A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

308 FRANCISCO, Discurso para o I Dia Mundial dos pobres.

309 CARDOSO, M. T. F., *Opções preferenciais*, p. 300.

310 RONSI, F. Q., *Medellín, 50 anos depois*, p. 240-261.

O clericalismo impede que bispos e padres conheçam a pobreza, incentivando as comunidades de fé a se distanciarem da realidade deles – no máximo são capazes de realizações assistencialistas que aliviam a sua consciência. Só a pobreza experimentada possibilitará tornar real a Igreja pobre e dos pobres, fazendo possível a evangelização como fizeram os primeiros cristãos (At 2,42). Essa opção preferencial demanda:

Sair de si com força, com audácia, para anunciar, para enviar em missão, para enviar a curar: como nos conta o passo evangélico que lemos (cf. Lc 4,16-31). Nisso contemplamos como o Senhor assume com parresia a missão de evangelizar. Olhamos quais os verbos que Jesus repreende Isaías: “anunciar” (evangelízen) e “proclamar” (keúsein), duas ações que realizam através do Espírito Santo que o unge para a missão. Notamos, por exemplo, que coisa diz a propósito dos “oprimidos”: não se trata somente de libertar os prisioneiros! O Evangelho diz que o Senhor vem “para proclamar aos cativos a libertação”, literalmente os envia (apostelai) em missão aos que estão escravos.³¹¹

Essa audácia e coragem apostólica demonstram a autenticidade do que-rigma cristão, superando formas assistencialistas pelo comprometimento da fé transformadora. Em maio de 2007, na prévia do relatório da Conferência de Aparecida, o cardeal Bergoglio evidenciou a nova realidade que a história da humanidade iniciava com as tecnologias e a economia, que se desenvolviam em um mercado livre e aberto, não inserindo os pobres, mas os descartando:

esta globalização, intensa como ideologia econômica e social, influenciaram negativamente os nossos ambientes mais pobres. As injustiças e as desigualdades sendo sempre maiores e profundas. Tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, no qual o forte devora o fraco. A consequência desta situação é que grandes massas da população são excluídas e marginalizadas.³¹²

O papa Francisco propõe, na sua pastoral da Igreja pobre e para os pobres, o profetismo como a libertação das estruturas injustas que os descartam. Essa proposta alerta para o perigo do clericalismo e a necessidade de conversão, para exercer o serviço no combate à pobreza e na defesa dos últimos. Trata-se da opção de reconhecer a eclesiologia em que os pobres são o povo de Deus, e comunitariamente se unem para a transformação da sociedade. Assim, a opção eclesiológica do papa já está desde o início no próprio nome:

“Francisco”, com que a partir de agora o conhecemos, evoca seu espírito evangélico e a proximidade com os pobres, sua identificação com o povo simples e seu compromisso com a renovação da Igreja. Desde o primeiro momento em que se apresentou diante do povo de Deus, deu testemunho de simplicidade, humildade, experiência pastoral e profundidade espiritual.³¹³

311 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 256.

312 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 537.

313 GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., O novo rosto da Igreja: Papa Francisco, p. 91.

O processo é compreender a opção como decisão de estar junto com os últimos evangelicamente, politicamente, economicamente, socialmente e moralmente. Essa opção implica na mudança do lugar eclesial e social deles, quando saem da submissão do poder vertical através da escuta e do serviço horizontal. Esse processo com a conversão cotidiana é responsável em permitir abrir horizontes compromissados com a vida de todos. A Igreja dos pobres na América Latina, e agora expandida pelo papa Francisco, está além de um esforço acadêmico ou de slogan pastoral, ela é vivenciada na experiência do povo manipulado e sofredor.

2.2.3 O movimento de saída para o encontro, diálogo e colaboração

A esperança de buscar caminhos juntos que favoreçam a solidariedade e a fraternidade entre os povos está na capacidade de construir um diálogo fecundo de transformação nas relações humanas.³¹⁴ A lentidão e até mesmo os retrocessos assistidos nas nações não devem nos levar a desistir do diálogo, que faz a esperança criar esforços de oferecer um compromisso humanitário, sobretudo, de promover consciências capazes de responder aos desafios presentes. O diálogo é a palavra-chave para, na estrutura humana, acontecer a aproximação entre as gerações – dos idosos, dos jovens, dos adultos e dos mais novos, – para um mundo mais humano, fraterno, solidário e saudável.³¹⁵

O Concílio Vaticano II fez do diálogo uma ferramenta importante para o seu *aggiornamento*, com ele incrementando seu processo renovador e de abertura para o mundo. Nesse momento do pós-Concílio, o pensamento e a atitude do papa Francisco são de tomar a iniciativa de aproximar-se livremente para criar os caminhos do diálogo que reconhece alteridade e a dignidade do outro. Assim, o outro que pensa de forma diferente contribui criando a possibilidade de harmonizar as diferenças e encurtar as distâncias, e superá-las juntos. Isso implica a responsabilidade de comprometer-se com a vida humana, independentemente de credo religioso, ampliando a abertura de caminharmos juntos com a fé, a fraternidade, a ciência, o mundo do trabalho, a economia, a ecologia, a política e as artes.

O diálogo possibilita a construção da cultura do encontro, que Francisco evidencia e insiste para a Igreja “em saída” como forma de caminhos de transformação missionária evangelizadora, construindo pontes com a pluralidade cultural do mundo, pois “encontrar-se com aqueles que têm outras opiniões e diferentes

314 FT 34.

315 FT 134.

opções não quer dizer abdicar dos próprios princípios, valores e convicções”³¹⁶. A dinâmica do diálogo se realiza através dos encontros e processos comunitários, e requer exercitar a capacidade de falar e ouvir, receber e dar, momentos de, através do diálogo, reconhecer a valiosa oferta que o outro pode dar.

A cultura do encontro através do diálogo supõe uma proposta de construir esse encontro. Além disso, implica em tecer e apontar novos caminhos. São os dois tópicos apresentados nas próximas seções.

2.2.3.1 Construir a cultura do encontro e do diálogo

Enquanto a sociedade mundial caminha entre desencontros e monólogos, por um saber único, causadores de tantas enfermidades reais e existenciais, a Igreja “em saída” propõe caminhos e processos em direção a essas questões de fronteiras, buscando o diálogo superador desses conflitos entre os povos. Esse incentivo de promover caminhos de diálogos entre as nações é construído “dando o primeiro passo”³¹⁷. Incentivar e promover esses caminhos de forma intercultural e intergeracional possibilita desencadear dinâmismos de encontros geradores de comunhão e curativos, como proposta missionária e evangelizadora.

A capacidade de gerar oportunidades e processos de diálogos suscita um caminho transformador, pois “quando a Igreja – fiel à missão recebida do Senhor – dialoga com o mundo e se faz diálogo, participa no advento da fraternidade, que tem a sua fonte profunda, não em nós, mas na Paternidade de Deus”³¹⁸. Trata-se do diálogo que se torna oração, para depois podermos concretizá-lo cotidianamente na fraternidade humana, unindo e tornando todos iguais:

*uma oração que não discrimina, não separa nem marginaliza, mas faz-se eco da vida do próximo; oração de intercessão, que é capaz de dizer ao Pai: “venha a nós o vosso reino”. Não com a violência, não com o ódio, nem com a supremacia étnica, religiosa e econômica, etc., mas com a força da compaixão espargida para todos os homens na Cruz.*³¹⁹

Esse processo de diálogo cotidiano nas relações humanas, em prol da colaboração para a fraternidade e amizade social³²⁰ é o semear de um futuro e esperança na Casa Comum. O perigo é transformar o diálogo em um experimento de laboratório com assinaturas de acordos – ao contrário, deve se pautar por inicia-

316 FRANCISCO, Homilia do Papa Francisco na Vigília de Pentecostes de 2020.

317 FRANCISCO, Homilia do Papa Francisco Viagem Apostólica à Colômbia.

318 FRANCISCO, Discurso do Papa no encontro com os sacerdotes, as pessoas consagradas e o conselho ecumênico das Igrejas.

319 FRANCISCO, Discurso do Papa no encontro com os sacerdotes, as pessoas consagradas e o conselho ecumênico das Igrejas.

320 FT 4.

tivas de encontro que envolva mentes, coração e mãos nas relações humanas. O diálogo se torna o caminho inclusivo e fraterno, ao invés de uma fórmula mágica, pois com esse caminho “trata-se de iniciar processos, não de fazer definições de espaços, de ocupar espaços... Iniciar processos”³²¹. Esse percurso exige também ir às periferias reais e existenciais, suas fronteiras intelectuais e culturais, em direção a todos que sofrem com a ausência de paz e vida plena (Jo 10,10), significando:

*que devemos caminhar em direção à carne de Jesus que sofre, mas também sofre a carne de Jesus naqueles que não o conhecem com os seus estudos, com a sua inteligência, com a sua cultura. É lá que devemos ir! Por isso, gosto de usar a expressão “ir às periferias”, às periferias existenciais. Todas, da pobreza física e real à pobreza intelectual, que é também real. Todas as periferias, todas as encruzilhadas dos caminhos: ir lá. E ali lançar a semente do Evangelho, com a palavra e com o testemunho.*³²²

A Igreja “em saída” prossegue com essa palavra-chave a criar caminhos de processos conscientes para discernir e acolher as questões presentes na humanidade. O movimento é de escutar, participar e dialogar na procura de caminhos, ao invés de se pôr como autorreferência para as soluções sobre questões que envolvem toda a humanidade. A escuta possibilitará realizar esse processo de diálogo fecundo, para superar os confrontos e diferenças existentes.

A evangelização encarnada na realidade histórica e cultural proporcionará um diálogo comunitário além das fronteiras da fé, pois construirá um modo de pensar, de conviver e de comunicar a própria experiência de Cristo aos outros. Esse diálogo possibilita a Igreja estar inserida em determinada cultura de modo integral e dialético, procurando compreender e experimentar os caminhos de portas abertas para receber e oferecer contribuições que promovam a humanização pela solidariedade.

A inculturação pode construir o diálogo que desafia a Igreja a realizar o seu movimento de sair de si mesma para cultivar e desenvolver propostas, e caminhar junto com crentes e não crentes, homens e mulheres, jovens e idosos, crianças e adultos. Assim, se torna uma Igreja capaz de encontrar caminhos, de se inserir e saber dialogar com todos que vagam sozinhos e sem metas, tornando-se “Igreja missionária, profética, misericordiosa, pobre e para os pobres, uma Igreja próxima e dialogante, uma Igreja que também cuida da casa comum”³²³.

Os processos que criam caminhos de diálogos se tornam abertos para acolher e discernir juntos uma progressiva renovação humana e planetária, que

321 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a *Veritatis Gaudium*.

322 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso Eclesial da Diocese de Roma.

323 HUMMES, C., O Sínodo para a Amazônia, p. 63.

exige a busca da criatividade “com iniciativas pessoais e coletivas”³²⁴. A Igreja “em saída” propõe esse diálogo com várias esferas que compõem a humanidade na sua pluralidade religiosa, política, cultural e econômica, propondo “um debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum”³²⁵. Esses processos possibilitam que a economia e a política presentes nas questões humanas e que se relacionam com a Casa Comum possam dialogar em favor da plenitude humana e ambiental “e se coloquem decididamente a serviço da vida, especialmente humana”,³²⁶ pois neste processo fazem fecundar nos corações humanos a necessidade de pensar com altruísmo as questões emergentes das crises econômicas, sanitárias, religiosas e ambientais.

As crises humanitárias, acentuadas pela possível época das pandemias, desvelam as fragilidades e enfermidades humanas, que podem “gerar novas crises depois de uma longa, custosa e aparente cura”³²⁷. Dessa maneira é necessário possibilitar “novos modelos de progresso”³²⁸ para que o diálogo coloque nas discussões a lógica da cultura do encontro *no* e *com* o progresso da humanidade. É necessário repensar o conceito de progresso e de economia que responda ao cuidado da natureza e da qualidade de vida do ser humano, superando soluções de meio termo que não acarretam transformações necessárias, mas sim garantem o adiamento do colapso. A responsabilidade política e empresarial não deve se reduzir a ações populistas ou de publicidade de benfeitorias para proveito de si próprios.

O diálogo honesto e sincero das religiões entre si e com a ciência³²⁹ levará a consensos com os pontos fundamentais para a prática do bem comum, e evitará as possíveis catástrofes sociais e ambientais, pois “a maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado com a natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma trama de respeito e de fraternidade”³³⁰. A proposta de se prosseguir em caminhos de diálogos, iniciados no Concílio Vaticano II, leva a um “grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração”³³¹, tratando-se de buscar e construir caminhos que possibilitem a realidade da mudança de um estilo de vida.

324 LS 122.

325 LS 189.

326 LS 189.

327 LS 189.

328 LS 194.

329 LS 199-201.

330 LS 201.

331 LS 202.

Essa mudança é passar de estilos determinados dos autorreferenciais do individualismo, consumismo, poder econômico-financeiro para iniciar e abrir caminhos de processos alternativos capazes do diálogo, pois “sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro”³³². O diálogo como caminho de esperança, em direção aos outros, é a força transformadora de um estilo de vida em fraterno e solidário. Para alcançar essa mudança cultural e estrutural “a consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa traduzir-se em novos hábitos”³³³.

Os caminhos da humanidade feitos com o diálogo são a oportunidade essencial para que as crianças e jovens possam adotar, nas gerações futuras, a responsabilidade de prosseguir cultivando e incentivando novos hábitos de “cuidado baseado na compaixão”³³⁴. Significa, especificamente através do diálogo, não apenas propor ideias, mas alimentar juntos uma motivação, uma espiritualidade, uma mística de comunitariamente ter esse cuidado com mundo. A Igreja “em saída” propõe a evangelização que exige a “conversão comunitária”³³⁵, e não modelos doutrinários de conversão de indivíduos. A conversão comunitária possibilita o diálogo transformador dos paradigmas culturais e ecológicos com todos os homens e mulheres de boa vontade.

As atitudes de conversão comunitária trazem consigo novos hábitos, estilos de vida e cultura geradores de generosidade, gratidão e cuidados capazes “de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal”³³⁶. Essa comunhão possibilita gestos capazes de estabelecer processos criativos, com a força do diálogo em seus gestos e palavras, e assim provocar reações capazes de comunicar sem descartar, criando encontros “geradores de proximidades que curam”³³⁷.

Os encontros realizados pelo papa Francisco com as diversas religiões, líderes políticos, pessoas de boa vontade, cientistas e todos comprometidos com as causas humanas e ambientais, criam “o diálogo a partir da escuta, tornando uma das fontes constitutivas do seu magistério e, na última análise, da sua encíclica dos gestos: saber escutar”³³⁸. Esse saber proporciona, através dos neologismos do papa Francisco, abrir vários caminhos para iniciar diálogos em diversos campos e realidades.

332 LS 208.

333 LS 209.

334 LS 210.

335 LS 219.

336 LS 220.

337 MUOLO, M., *L'enciclica dei gesti di papa Francesco*, p. 133.

338 MUOLO, M., *L'enciclica dei gesti di papa Francesco*, p. 137.

Na realidade pastoral, a linguagem bergogliana possibilita a Igreja rever suas atitudes internas, a corrigir pelo diálogo e também se abrir aos horizontes que estão nas fronteiras reais e existenciais do povo. Como exemplos de pontos a corrigir indicam-se: cristãos de vitrine, duplicidade de vida, cristãos enfadonhos, *inequità*, martalismo, mafiar-se, cristãos fofoqueiros. Como exemplos de abertura de horizontes indicam-se: a Igreja como hospital de campanha, ecumenismo de sangue, economia solidária e não a que mata, *spuzzare*, *lunfardo*, *misericordear*, a Igreja pelas estradas, *ningunear*, *chamuyo* de Deus.³³⁹ Alguns desses termos serão traduzidos e caracterizados no comentário a seguir.

Essas são as mais diversas expressões da linguagem criativa, acompanhadas dos gestos do papa, que convidam ao diálogo *ad intra* e *ad extra*. O dialogar de Francisco através dos seus neologismos é proposta encarnada para a compreensão pastoral com um vocabulário que crie processos de encontros e efetive ações transformadoras.

Observar a linguagem-gesto do papa Francisco nos possibilita compreender como a Igreja pode realizar caminhos de diálogo, a partir das realidades e necessidades existentes. O verbo em italiano *spuzzare* (borrifar), utilizado na sua visita em 21 de março de 2015 a Torino³⁴⁰, abriu a fronteira da necessidade de dialogar sobre o narcotráfico e o perigo que essa situação ocupa no futuro das relações com a juventude e a família, ferindo as relações sociais desde o Piemonte até as vilas argentinas. Outra expressão que está abrindo as fronteiras humanas é a economia que mata, revelando a cultura do descarte com a desigualdade social.³⁴¹ Para isso, está sendo utilizada uma palavra, que não existe em italiano, e abrindo seu diálogo com todo o mundo: *inequità*, traduzida em português como desigualdade social. No italiano, *inequità* se aproxima da palavra iniquidade, no seu significado de falta de justiça. A força do processo dialogante reúne jovens economistas de todo mundo para pensarem um mundo com um novo modelo de economia, atento à desigualdade social e mudanças climáticas, causadoras de outra expressão usada pelo pontífice: a cultura do descarte.

Na jornada mundial da juventude, utilizou várias expressões, como *lunfardo* (ir para fora, contra a corrente), como motivação para a iniciativa dos jovens – através da sua jovialidade! – de irem à frente da sociedade para transformá-la em um mundo melhor, sem *ningunear* (sem excluir ninguém). O diálogo que possibilita os jovens abrirem caminhos novos para a humanidade a partir do seu espírito livre, corajoso e ousado é alimentado com um *chamuyo* (conversa enamorada

339 MUOLO, M., L'enciclica dei gestidi papa Francesco, p. 137-143.

340 MUOLO, M., L'enciclica dei gestidi papa Francesco, p. 139.

341 EG 53.

ao pé do ouvido) com o Senhor. No caminho do diálogo, incentivado por esses neologismos significativos, se permitem ir ao encontro das feridas presentes nas periferias reais e existências, através de estar *misericiando* (a prática contínua da misericórdia).

Nesse caminho da reforma eclesial transformadora, aparecem vários neologismos como: o *martalismo* (cumpridor de tarefas); cristãos cizâneos e fofoqueiros que demonstram como as fragilidades humanas impossibilitam a Igreja de ser fiel à sua vocação de anunciadora do Reino, reduzindo-se a uma instituição burocrática e empresarial; o *mafiar-se* (deixar-se conduzir pelo modo mafioso) como um alerta frequente para a Igreja não se desviar através perigos da corrupção, das riquezas e dos poderes clericais.

Francisco oferece a sua contribuição à Igreja com a dinâmica de desenvolver “a capacidade de diálogo com a cultura e a história”³⁴². O discernimento inaciano possibilita compreender a necessidade da abertura do diálogo com as questões cotidianas, para cultivar a cultura do encontro. Esse caminho de possibilidades de criar processos abertos na história permite o se envolver, acompanhando os processos que frutificam e são celebrados nos avanços humanizadores das culturas.

O momento histórico que vivenciamos como época de mudança provoca as religiões e nações a procurarem caminhar juntas e a necessidade de se relacionarem através do diálogo ecumênico, inter-religioso, social e ambiental, buscando promover a convivência pacífica entre os povos. Por isso, “não é uma fórmula mágica, mas sim uma metodologia de respeito pelas pessoas, assim como pelas ideias, e é o único caminho para relações sociais pacíficas e justas”³⁴³. Esse caminho em prol da convivência pacífica a partir das questões latentes da humanidade é a proposta teológica do diálogo:

especialmente importante porque favorece a compreensão recíproca e promove uma maior cooperação para o bem comum. Além disso, abre novos caminhos ao anúncio do Evangelho e convida quantos servimos a encontrar-se com Jesus Cristo. Nunca evitemos o anúncio do Evangelho e, mediante as nossas boas obras, o testemunho de Cristo (cf. Tg 2,18).³⁴⁴

O exercício do diálogo na Igreja “em saída” torna-se uma característica da abertura de caminhos com vários segmentos importantes da humanidade. Essa é a proposta relacional de diferentes que temos na comunhão das Pessoas divinas. A Igreja expressa a sua fé no Deus-Trindade-Comunidade ao dialogar com

³⁴² SPADARO, A., La Riforma della Chiesa secondo Francesco, p. 22.

³⁴³ MICKENS, R., A radical visão teológica do Papa Francisco.

³⁴⁴ FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco aos Bispos da Conferência Episcopal do Japão em visita “ad limina apostolorum”.

as várias comunidades humanas de diferentes. Assim dialogar é uma exigência do testemunho cristão para a missão evangelizadora no mundo, possibilitando a tônica de conviver estabelecendo pontes para aproximar as pessoas na corresponsabilidade das questões humanas.

A proposta é apresentar o diálogo nas buscas de caminhos possibilitadores para interpretar e solucionar as causas dos problemas contemporâneos, diferentemente da postura de um clericalismo vertical com um modelo eclesiológico fechado em si mesmo, que impede um diálogo aberto e construtivo dentro e fora da Igreja. Nessa direção, o papa Francisco convida a Igreja a sair com um diálogo sincero para ampliar e interpelar a sua missão no mundo. As raízes desses caminhos no mundo estão na relação da comunhão trinitária que cria com a humanidade processos de diálogo.

A proposta trinitária desses caminhos é fundamental para a renovação eclesial e pastoral através do exercício do diálogo que redimensiona o ser e o agir, pois “trata-se de uma Igreja excêntrica, descentralizada, sinodal e profeticamente aberta para relações maduras e evangelicamente comprometedoras, no seu interior e fora dela”³⁴⁵. Na passagem de uma autorreferencialidade para a construção de um mundo novo nas diversas oportunidades dialogais, os sujeitos do diálogo estão presentes nas comunidades de fé, nos povos, nas culturas e religiões. Na pluralidade existe o Evangelho, que exige de cada batizado uma atitude de sair para dialogar a proposta de uma efetiva participação de todos.

A comunidade tem a missão de ser, no meio da sociedade e cultura em que está inserida, a facilitadora desse diálogo corajoso, profético e transformador. Por isso, podemos perceber que nos escritos do papa Francisco a palavra diálogo aparece inúmeras vezes – “56 vezes na *Evangelii Gaudium* e 23 vezes na encíclica *Laudato Si*”³⁴⁶ – como os termos correlatos: colóquio, relato, comunicação, intercâmbio, cooperação e comunhão. Assim o encorajamento ousado de caminhos abre os processos no diálogo social para a paz³⁴⁷, diálogo entre a fé e a ciência³⁴⁸, o diálogo entre as religiões³⁴⁹ e o diálogo da liberdade religiosa.³⁵⁰

A Igreja “em saída” prossegue a proposta conciliar do diálogo como a expressão da relação de Deus com a humanidade na sua revelação³⁵¹, fundamentando a relação da Igreja com o mundo. Trata-se da busca de um diálogo de “uma

345 WOLF, E., Igreja em diálogo, p. 16.

346 WOLF, E., Igreja em diálogo, p. 19.

347 LS 238-241.

348 LS 242-243.

349 LS 247-254

350 LS 255-258.

351 DV 2-5.

comunidade de pessoas”³⁵² para construir os processos humanizadores no âmbito da fé, civil e político.³⁵³ Estabelecer esse caminho de diálogo é fecundar entre todos o único Povo de Deus³⁵⁴ através da cultura do encontro. O estar próximo para dialogar fará a Igreja mais próxima do mundo, pois ela “não dita as regras do caminho, mas dialoga com os peregrinos e com eles elabora o discernimento da direção a seguir”³⁵⁵.

O encontro é uma cultura que tem a ver com outro, com a diversidade e a pluralidade, que levam a conhecer e acolher o diferente, sem anulá-lo ou necessidade de excluí-lo. A sua exigência estará em construir juntos um caminho de partida para um processo recíproco de surpreender-se passo a passo, realizando a pedagogia do olhar e do agir de Jesus para repensarmos o pensamento, costumes, pastoral, missão e a cultura, sendo inspiradores para a Igreja e as suas mudanças renovadoras. Essa proposta propicia um *kairós* eclesiológico com criatividade, coragem e ousadia.

A cultura do encontro é a expressão típica da teologia e pastoral do papa Francisco que busca caminhos de convivência social e eclesial, na harmonia da pluralidade. A Igreja está chamada a ser servidora em um mundo que tem dificuldade de dialogar³⁵⁶, e nesta sociedade mundial globalizada e fragmentada promover a evangelização através da cultura do encontro. O diálogo possibilitará reunir as diversas formas de pensar e agir em um único caminho de encontro fraterno. Para o papa Francisco, mesmo que possa ser doloroso o caminho do diálogo, ele é importante para se poder construir a cultura do encontro que aceita os limites e ao mesmo tempo fecunda novos relacionamentos entre os cidadãos.

A proposta teológica e pastoral da cultura do encontro fermenta a evangelização missionária da Igreja, e sua vida interior está sempre em ver o outro não como um adversário ou concorrente, e nem um número, e sim um irmão ou irmã. A falta de paz no mundo e os conflitos internos da Igreja denunciam a dificuldade de se abrir os horizontes dos limitados e próprios interesses. Assim a cultura do encontro se constrói com os caminhos de paz e para essa realização é preciso um diálogo:

*um diálogo persistente, paciente, forte e inteligente, para o qual nada está perdido; faz conviver cidadãos de diferentes proveniências étnicas, de várias convicções. (...) Dialogar, encontrar-se para instaurar no mundo a cultura do diálogo, a cultura do encontro.*³⁵⁷

352 GS 23.

353 LS 222-227.

354 GS 92.

355 WOLF, E., Igreja em diálogo, p. 24.

356 EG 74.

357 FRANCISCO, A Igreja da Misericórdia, p. 98.

“A palavra “diálogo”, em correspondência com um outro, é um dos motivos-guia (*Leitmotiv*) de Bergoglio à cultura do encontro³⁵⁸, que proporciona a essa Igreja pós-Concílio prosseguir caminhos de esperança para promover estratégias para pensar “num único mundo, um projeto comum”³⁵⁹ através de diálogos. Os caminhos com soluções humanitárias e ecológicas se realizam no diálogo entre os povos em suas realidades locais e somado a projetos nacionais e internacionais.³⁶⁰ O tecer desse diálogo parte das periferias reais e existenciais da humanidade com a solidificação de uma cultura universal do encontro, porque somos todos irmãos e irmãs.³⁶¹

As estratégias através da cultura do encontro promovem, dentro do cenário eclesial e dos povos, a oportunidade de fecundar a unidade de diversas perspectivas de evangelização e de convivência humana. As atitudes abertas sem preconceitos são facilitadoras, fazem a sociedade crescer, favorecendo momentos de encontro e diálogo. “A Igreja latino-americana torna-se fonte”³⁶² para o querigma da missão evangelizadora possibilitar o encontro como início do caminho em constante diálogo para a humanidade, junta, buscar soluções as questões existentes e carentes de respostas.

A realidade que exige do ser humano respostas constantes fez com que Francisco, ainda em Buenos Aires, se preocupasse em como efetuar caminhos para que a comunidade de fé sempre fosse o local de encontro e diálogo. A busca de horizontes que possibilitam encantos pela existência, sem significar um ópio cultural que enfraquece ou anula a capacidade de existência e de fé encarnada. Este encanto pela humanidade causado através da cultura do encontro procura abrir novas descobertas, sem uma única resposta e sim com as várias oportunidades de encontros. Foi o que retratou na sua vida espiritual e pastoral:

Em sua apresentação de 1988, Bergoglio ligava entre si o coração, a realidade como sinal, o encanto, o encontro. As duas últimas categorias estão no centro da apresentação de El atractivo de Jesus Cristo, a obra de Giussani de 1999, traduzida para o espanhol em 2000: “Hoje como no tempo de Jesus, em nossa vida tudo começa com um encontro. Um encontro. Um encontro com este homem, o carpinteiro de Nazaré, um homem como todos e, ao mesmo tempo, diferente. Os primeiros João, André, Simão, descobriram-se olhados até as profundezas, lidos no seu íntimo e neles gerou-se uma surpresa, um encanto que imediatamente os fazia sentirem-se ligados a Ele, que os fazia sentir-se diferentes”.³⁶³

358 SCANNONE, J. C., Il Vangelo della misericórdia nello Spirito di discernimento, p. 76.

359 LS 164.

360 LS 176-201.

361 FT 1.

362 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 155.

363 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 258.

E prossegue Bergoglio, valorizando a importância do diálogo para o encontro que regenera, pois é misericordioso:

*Essa dinâmica do encontro que desperta o encanto e a adesão se nela não se puxar – perdoem-me a palavra – o gatilho da misericórdia. Somente quem encontrou misericórdia, quem foi acariciado pela ternura da misericórdia, sente-se bem com o Senhor (...) o lugar privilegiado do encontro é o carinho da misericórdia de Jesus Cristo para o meu pecado.*³⁶⁴

A proposta cristã é sempre um encontro que fecunda a relação de misericórdia, que ao se encontrar com o Senhor propõe um encontro comunitário no seguimento, e não o individualismo de uma fé particular. A pertença à comunidade e o serviço reconciliador interpelam os sofrimentos do outro, como também o motivo da alegria contagiosa de se estar lado a lado. Assim, a fé cristã faz a Igreja compreender que ela cresce por atração da vida comunitária e as suas relações de encontro, e não de um proselitismo doutrinal e sem proposta de vida evangélica, com a consciência isolada e autorreferencial. O testemunho alegre de quem encontrou o Senhor contagia aqueles que estão ao seu redor através da alegria do Evangelho.

O convite de trabalharmos juntos para a cultura do encontro é prosseguir a proposta das páginas do Evangelho em que Jesus se faz próximo de todos, os escuta e propõe um caminho sempre novo, que gera vida e alegria. O episódio da viúva de Naim (Lc 7,11-17) é a oportunidade de compreender, nas situações de encontro, as vidas que precisam do nosso primeiro passo para nos aproximarmos da dor da nossa gente. O método ver-julgar-agir fica explícito para que tenhamos atenção de ver a realidade com suas dores e motivos causadores, julgar que o Evangelho nos provoca a irmos ao encontro e a iniciativa de ir e estar onde a nossa presença reúne, trazendo a convivência que constrói fraternidade e amizade. E superarmos as indiferenças diante das realidades, mesmo que dolorosas:

*Os homens de hoje, muito habituados a uma cultura da indiferença e por isso necessitam de trabalhar e pedir a graça para fazer uma cultura do encontro, deste encontro fecundo, deste encontro que restitua cada pessoa a própria dignidade de Filhos de Deus, a dignidade de viventes. Nós somos habituados a essa indiferença. (...) Por isso, se eu não paro, se eu não olho, se eu não toco, se eu não falo, não posso fazer um encontro e não posso ajudar a fazer uma cultura do encontro.*³⁶⁵

O papa Francisco prossegue lapidando este conceito da cultura do encontro na nossa sociedade globalizada, fragmentada e exposta com suas enfermidades –pelaCovid-19, pois “todos somos convidados para a implementação da Cultura

364 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 258.

365 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 8, p. 49.

do Encontro, assim como Francisco e a sua *Laudato Si'* almejam³⁶⁶. A expressão cultura do encontro traz em si a vivacidade de se realizar muitos gestos, e uma força autoexplicativa com a eloquência e o testemunho do papa Francisco. Trata-se da atitude vital e permanente de buscar diálogos e encontros nas diversas oportunidades.

Essa atitude da cultura do encontro nasceu do coração de Jorge Mario Bergoglio, e começou a ressoar nos ouvidos, olhos, mente e no coração de toda a Igreja por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Brasil (2013). Contudo, a recordação do início dessa expressão tem sua origem e memória na fachada da Catedral de Buenos Aires, como relata o teólogo Alexandre Awi de Mello, em uma nota de rodapé de seu artigo, que recebeu por escrito do próprio papa Francisco estas informações:

Conta que quando se refez a fachada da catedral de Buenos Aires, Argentina vivia-se um tempo de reorganização nacional, em que se buscava a unidade da nação depois de muitos desencontros. Nesse contexto se optou por esculpir a cena do encontro de José do Egito com seus irmãos. (...) Revela também que, desde criança, quando escutava falar de alguns desencontros isso o comovia e o fazia sofrer.(...) Bergoglio vê nesse anseio que levava dentro um germe do que posteriormente formulou de modo conceitual como cultura do encontro.³⁶⁷

O papa Francisco sempre teve presente a esperança, os vínculos sociais proporcionam essa cultura do encontro que se dá na proximidade entre as pessoas. Essa cultura faz com que ninguém seja excluído ou descartado, e mesmo caminhos sejam abertos e iniciados. No *Te Deum* de 25 de maio de 1999, propôs a necessidade de pensar, com o texto de Lc 24,13-35, a busca causada pela sede de encontro e “a pedagogia da proximidade e do acompanhamento”³⁶⁸. Na XIII Jornada Arquidiocesana da Pastoral Social em 2010, o papa Francisco estava convicto que a cultura do encontro era urgente para a pátria argentina recuperar a sua alteridade na sociedade – depois de muitos desencontros, crises políticas e econômicas era preciso reerguer a nação. E hoje, a Igreja “em saída” *primeira* abrir caminhos de diálogos pastorais e de renovação interna, criando a cultura do encontro através da proximidade comunitária e com a sociedade.

No dia 1º de setembro, em discurso para a associação cristã de empreendedores, o cardeal Bergoglio propôs que a sociedade precisa avançar para um desenvolvimento mais humano, ao invés de ser causadora do descarte – a proposta de avançar e dar vida a uma cultura do encontro diante de tantas fragmentações,

366 FERRAZ, C. G.; CARDOSO, M. T. F., A cultura do encontro como chave de leitura da carta *Laudato Si'* do Papa Francisco, p.415-434.

367 MELLO, A. A., El Papa Francisco y la cultura del encuentro, p. 721-750.

368 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 9.

como as tensões, a realidade virtual, o culto da aparência e a falta de memória popular. O caminho e o processo para iniciar a cultura do encontro, com tantos desafios desta mudança de época, é através do “exercício de abrir espaços de encontros”³⁶⁹. Os esforços e projetos comunitários através dos vínculos e proximidade trazem a amizade social para o povo:

*esta fraterna cultura do encontro se torna realidade. Nesta estrada, gastamos esforços para mudar no coração que nos impede de sermos mais fraternos. (...) Saibamos também percorrer uma longa estrada para nos olharmos e nos encontrarmos, para sermos fraternos.*³⁷⁰

O encontro proposto na Conferência de Aparecida é palavra-chave para se compreender a missionariedade em todo continente latino-americano, e que marcou singularmente o arcebispo de Buenos Aires, Mario Jorge Bergoglio. O encontro com a pessoa de Jesus, em sua raiz trinitária³⁷¹ possibilita atitudes de encontros na comunidade de fé que sai ao encontro do outro. Essa possibilidade é o que “Bergoglio chamará uma cultura do encontro”³⁷². A necessidade de se compreender esse caminho da cultura do encontro possui a expressão “conversão pastoral”³⁷³ como passos de superação da pastoral de manutenção e sacramentalista, para ser decididamente missionária com a maternidade do sair ao encontro e da casa acolhedora.

A agenda pastoral e missionária, proposta pelo papa Francisco, se constrói ao fecundar o diálogo promotor da cultura do encontro. A importância teológica acontece na saída que a Igreja se propõe a realizar de si mesma e ir ao encontro do mundo marcado por tantos desencontros e fragmentos, que ameaçam o futuro da humanidade e machucam o presente. Assim, estar “em saída” é importante para ir ao encontro de todos:

*ir ao encontro de..., esta palavra, para mim, é muito importante: o encontro com os outros. Por quê? Porque a fé é um encontro com Jesus, e nós devemos fazer o mesmo que Jesus: encontrar os outros. Vivemos numa cultura do desencontro, uma cultura da fragmentação, uma cultura na qual o que não me serve deixo fora, a cultura das escórias. A propósito, convido-vos a pensar – e é parte da crise – nos idosos, que são a sabedoria de um povo, nas crianças... a cultura das escórias. Nós, pelo contrário, devemos ir ao encontro e devemos criar, com a nossa fé, uma “cultura do encontro”, uma cultura da amizade, uma cultura onde encontramos irmãos, onde podemos conversar mesmo com aqueles que pensam diversamente de nós, mesmo com quantos possuem outra crença, que não têm a mesma fé. Todos têm algo em comum conosco: são imagens de Deus, são filhos de Deus. Ir ao encontro de todos, sem negociar a nossa filiação eclesial.*³⁷⁴

369 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 27.

370 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 83.

371 DAp 240.

372 MELLO, A. A., El Papa Francisco y la cultura del encuentro, p. 721-750.

373 DAp 370.

374 FRANCISCO, Homiliado Papa Francisco em 13 de maio de 2013 na Vigília de Pentecostes.

As linhas teológicas de raciocínio do papa Francisco acontecem nos passos do encontro cristológico-trinitário, com o outro e posteriormente com a cultura do encontro. Trata-se da experiência de fé que acontece na comunidade, e sai ao encontro das realidades existentes eclesial e socialmente, através da proximidade gerada na cultura do encontro. Essa cultura acontece com um estilo de vida cristã fomentadora de relacionamentos culturais e sociais que aproximam irmãos e irmãs de fé, famílias e fraternidade entre os diferentes.

Alguns pontos foram destacados por Francisco no início do seu pontificado, sobre a força teológica e pastoral através do diálogo na cultura do encontro e proximidade:

Em Aparecida, verificam-se de forma relevante duas categorias pastorais, que surgem da própria originalidade do Evangelho e nos podem também servir de critério para avaliar o modo como vivemos eclesialmente o discipulado missionário: a proximidade e o encontro. Nenhuma das duas é nova, mas constituem a modalidade em que Deus se revelou na história. É o “Deus próximo” do seu povo, proximidade que atinge o ponto máximo na encarnação. É o Deus que sai ao encontro do seu povo. Na América Latina e no Caribe, existem pastorais “distantes”, pastorais disciplinares que privilegiam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais... obviamente sem proximidade, sem ternura, nem carinho. Ignora-se a “revolução da ternura”, que provocou a encarnação do Verbo. Há pastorais estruturadas com tal dose de distância que são incapazes de atingir o encontro: encontro com Jesus Cristo, encontro com os irmãos. Deste tipo de pastoral podemos, no máximo, esperar uma dimensão de proselitismo, mas nunca levam a alcançar a inserção nem a pertença eclesiais. A proximidade cria comunhão e pertença, torna possível o encontro. A proximidade toma forma de diálogo e cria uma cultura do encontro.³⁷⁵

A cultura do encontro possibilita as resistências frente aos desencontros, ódios, desigualdades, preconceitos, egoísmos que ferem a unidade de um povo e as relações baseadas na fraternidade e na solidariedade entre os povos. Essa resistência acontece evangelicamente na perspectiva do ser humano como imagem e semelhança do Deus trinitário, no seu relacionamento pericorético e com o mundo. A comunicação e relação das Pessoas divinas propõem um paradigma eclesial, que se expande para uma proposta de convivência humana e social, proporcionando relações harmônicas nas diferenças ao invés da autorreferencialidade. A lógica trinitária na sua comunicação e relação proporciona compreender teologicamente os passos do papa Francisco na dinâmica da cultura do encontro.

2.2.3.2 Saída em colaboração na Casa Comum e para a fraternidade

O diálogo realizado nas culturas permite o Evangelho se inculturar sem a imposição dogmática, e sim com a unidade de um povo que se encontra e partilha

375 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil: Discurso ao Celam, p. 76.

a sua vida e fraternidade para as expressões de vida plena. Assim, as sementes do Verbo são semeadas na proximidade do encontro e em diálogo estreito com as culturas, como foi o evento Cristo no mundo, continuado pela ação do Espírito Santo no mundo. Esse encontro marcado pela iniciativa de Deus com o ser humano traz grandes esperanças nos valores antropológicos, que levem à concretização de vínculos de amor e fraternidade.

O compromisso comunitário traz a reflexão de como se envolver nas questões humanas interiores e sociais que questionam a nos repensarmos não somente como Igreja, mas como povo que reestrutura suas relações de fraternidade e amizade. O diálogo possibilita desenvolver as ações comuns para um mundo melhor, enraizado no coração humano, mas ferido por tantas situações de intolerância religiosa, política e econômica. O encontro feito como cultura da fraternidade em cada povo, e em toda a humanidade, necessita de caminhos que construímos como artesãos da paz³⁷⁶:

*construir a cultura do encontro: é urgente recuperar a alteridade e libertando-nos dos autismos que impedem a memória histórica, que impedem o empenho comunitário do presente e que impedem a capacidade da utopia através do futuro. Aqueles autismos aprisionados e que nos põem aos desencontros.*³⁷⁷

É preciso iniciar caminho de diálogo que não espere o outro se aproximar, mas ter a iniciativa de ir ao encontro do outro, com o outro e juntos caminharem. O encontro possibilitará, através do envolvimento e acompanhamento, frutificar e celebrar o diálogo como conduta respeitosa e não proselitista da presença eclesial no mundo. As exigências desses encontros propõem a descentralização *ad intra*, passando pela conversão pessoal e pastoral nas respostas evangelizadoras de hoje. O exercício de diálogo fará os processos internos de reforma transformadora possibilitarem que as conferências episcopais, a cúria, as igrejas locais, as paróquias e as comunidades não sejam centros administrativos da instituição, mas iniciativas que requerem criatividade missionária como testemunho do Evangelho.

O papa Francisco assume uma postura de abertura e dinâmica ao diálogo, tanto na esfera *ad intra* e *ad extra*, como *nomodus essendi et operandi*. A Igreja “em saída” promove a sua vocação de possibilitar diálogos cooperadores de comunhão frente ao mundo em mudança de época, com variadas questões fronteiriças do descarte humano, econômico e ambiental. Nesse caminho, a Igreja precisa reunir e derrubar os muros que impedem os diálogos:

376 FT 225.

377 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 721.

*no tempo em que a fé é chamada a tornar-se nova audácia pelo Evangelho. A audácia não é a coragem de um dia, mas a paciência de uma missão cotidiana na cidade e no mundo. É a missão de voltar e urdir pacientemente o tecido humano das periferias, que a violência e o empobrecimento dilaceraram; de anunciar o Evangelho através da amizade pessoal; de demonstrar como uma vida se torna verdadeiramente humana, quando é vivida ao lado dos mais pobres; de criar uma sociedade em que ninguém mais seja estrangeiro. É a missão de ultrapassar os confins e os muros, a fim de reunir.*³⁷⁸

A Igreja “em saída” em diálogo com o mundo “está, assim, em perfeita sintonia com o Vaticano II”³⁷⁹ para ouvir o clamor dos necessitados³⁸⁰ para a prática da solidariedade universal,³⁸¹ pois abre os horizontes de processos para além de “um consenso de escritório”³⁸² para acontecer na história do mundo. São “novos caminhos para acolher essa proposta renovada”³⁸³ de “dialogar, com sentido de escuta e discernimento, com cada instância humana e histórica”³⁸⁴.

O diálogo possibilita ao querigma realizar um caminho evangelizador com as culturas e religiões sem proselitismo, mas através do paradigma da escuta, realizar uma forma de acolhimento:

*o diálogo é antes de tudo, um método de discernimento e proclamação da Palavra de amor, dirigida a cada pessoa e que, no coração de cada um, quer fixar morada. Somente ouvindo essa Palavra e na experiência do amor que ela comunica, pode-se discernir a atualidade do querigma.*³⁸⁵

Nesse caminho contínuo do diálogo, o movimento kenótico leva a sair de si mesmo e “só pode ser feito de joelhos”,³⁸⁶ para superar os monólogos superficiais geradores de violências. Avançar em direção a um “Pentecostes teológico”³⁸⁷ permite a Igreja “em saída” ser facilitadora do diálogo através da escuta dos homens e mulheres do nosso tempo, para uma reflexão que contribua no sentido da vida plena (Jo 10,10). O futuro da Igreja está em sair para abrir caminhos de

378 FRANCISCO, Discurso na vista à comunidade de Santo Egídio pelo seu 50º aniversário.

379 WOLF, E., A Igreja em diálogo, p. 46.

380 EG 187.

381 LS 14.

382 EG 218.

383 EG 201.

384 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a *Veritatis Gaudium*.

385 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a *Veritatis Gaudium*.

386 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a *Veritatis Gaudium*.

387 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a *Veritatis Gaudium*.

diálogos para a sua transformação e com o mundo, mesmo que “o diálogo seja um risco, mas eu prefiro o risco à derrota certa de não dialogar”³⁸⁸.

Esses caminhos devem ser marcados pela compaixão e a misericórdia para se tornarem fecundos para uma transformação humana e libertação das mais variadas formas de escravidão, chagas sociais, guerras e injustiças. O dialogar desperta as esperanças asfixiadas pela desumanização e oxigena para se prosseguir ao encontro de caminhos novos:

*é preciso mais oração e diálogo: isto é necessário! Sem diálogo, o mundo sufoca. Mas o diálogo só é possível a partir da própria identidade. Não posso fazer de conta que tenho outra identidade para dialogar. Não, não se pode dialogar assim! Eu tenho esta identidade, mas dialogo, porque sou uma pessoa, porque sou um homem, sou uma mulher; o homem e a mulher têm esta possibilidade de dialogar, sem negociar a identidade que lhes é própria. Sem diálogo, o mundo sufoca: por isso, também vós deveis oferecer a vossa contribuição para promover a amizade entre as religiões.*³⁸⁹

Promover caminhos de diálogos possibilita abrir as fronteiras de encontro, e não erguer muros, que confinam a humanidade no isolamento. Esses caminhos são compromissos de esperança para todos os homens e mulheres criarem vínculos capazes de frutos de comunhão e de paz. Apoiar esses encontros é colaborar para que os processos de diálogo fundamentem estruturas concretas de espaço de solidariedade para o bem comum.

O trabalho de dialogar é o único que gera o justo salário humanizador e pleno, pois realiza a promoção da paz e da justiça entre todos. É o caminho que combate a violência e supera as inimizades, ao ponto dos inimigos se darem as mãos em defesa da vida humana e do planeta. O fruto desse compromisso é “uma cultura da proximidade. O isolamento e o fechamento em si mesmo ou nos próprios interesses nunca são o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro”³⁹⁰.

Crer no diálogo é o que torna possível a proximidade³⁹¹ e supera os esquemas eclesiais para o serviço à humanidade. A fé na Igreja mais próxima e dialogante exige a experiência do acompanhamento e docilidade do Espírito Santo em saber esperar os desenvolvimentos dos processos. À luz do Evangelho é possível crer que o diálogo das várias questões de fronteiras do mundo é “um testemunho pessoal, uma história, um gesto, ou outra forma que o próprio Espírito Santo possa suscitar

388 PULLELA, P., Entrevista com o Papa Francisco.

389 FRANCISCO, Discurso na vista à comunidade de Santo Egídio pelo 50º aniversário.

390 FRANCISCO, Discurso do encontro internacional para a paz na comunidade de Santo Egídio.

391 EG 171.

numa circunstância concreta”³⁹². Os gestos, palavras e ensinamentos do papa Francisco propõem um estilo de diálogo para a Igreja “em saída” promover caminhos dignos de fé no mundo, e “a capacidade de resistir e superar, própria de uma comunidade de cultura popular evangelizada, vinda dos valores da fé e da solidariedade que podem provocar o desenvolvimento de uma sociedade justa e de fé”³⁹³.

A abertura de caminhos através do diálogo, proposta pela *Gaudium et Spes*³⁹⁴, é desenvolvida pela Igreja “em saída” como uma opção missionária decorrente dos processos de encontros e a disposição de escutar irmãos e irmãs de outra religião ou pessoas de boa vontade. Dialogar requer encontrar o outro, sem medos e com coragem de caminhar juntos na busca de crescer e amadurecer para o bem comum. Essa coragem possibilita iniciar os processos com o diálogo que inclui e supera as distâncias através dos aspectos comuns. Assim, a capacidade dessa abertura realiza a convivência de irmãos e irmãs que aceitam realizar os percursos históricos em unidade, coma disposição de compreender os riscos e as exigências desse compromisso, permitindo manter a identidade e expressar a alegria de colaborar para uma civilização com relações planetárias melhores.

O papa Francisco supera os obstáculos do diálogo com sua ação para escutar o outro, com suas diferenças e perspectivas de fé e de mundo. Ele “denuncia os fenômenos do fundamentalismo e constata a existência de práticas contrárias ao diálogo”³⁹⁵, ao mesmo tempo que insiste na lógica da reciprocidade e generosidade através da liberdade humana e religiosa. Esse proceder dialógico é encorajador e permite, com a humildade da escuta, criar bases dos processos comuns das relações nas diversidades, como, por exemplo, a partir dos males que caem sobre os pobres.

A necessidade do diálogo entre as religiões, as pessoas de boa vontade e as nações com urgências humanitárias e ambientais é um caminho constantemente realizado pelo papa Francisco, sendo pauta diária da ação evangelizadora da Igreja “em saída”. As comunidades são protagonistas, como “assembleias batismais”, inseridas na cultura do diálogo que exige pensar a economia, os cuidados com as pessoas idosas, crianças, adultos e jovens para caminhos responsáveis de dignidade e inclusão nos processos humanizadores e básicos da vivência cotidiana.

O diálogo será um testemunho responsável acompanhado sempre do discernimento evangélico, capaz de compreender a realidade existente e a esperança de ser fermento transformador da ação do Espírito Santo em toda humanidade. Trata-se de testemunhar diante das situações de conflitos a abertura de novas so-

392 EG 128.

393 SCANNONE, J. C., *L' inculturazione nell' Evangelii Gaudium*, p. 162.

394 GS 92.

395 KÖRNER, F., *Nella verità e nell'amore*, p. 198.

luções e empenho de pensar juntos o futuro, pois é “adotar a cultura do diálogo como caminho, a colaboração comum como conduta, a consciência recíproca como método”³⁹⁶. O encontro do papa Francisco com o Grande Imã de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb sobre a fraternidade humana como convivência comum é a busca através do diálogo para superar o ódio entre as religiões e em nome de Deus para justificar os atos homicidas, de terror e opressão. O caminho a ser percorrido pelas religiões e os promotores do bem comum leva ao direito humano com o diálogo:

*o diálogo, a compreensão, a difusão da cultura da tolerância, da aceitação do outro e da convivência entre os seres humanos contribuiriam significativamente para a redução de muitos problemas econômicos, sociais, políticos e ambientais que afligem grande parte do gênero humano. O diálogo entre crentes significa encontrar-se no espaço enorme dos valores espirituais, humanos e sociais comuns, e investir isto na propagação das mais altas virtudes morais que as religiões solicitam; significa também evitar as discussões inúteis.*³⁹⁷

A proposta da Igreja “em saída”, em apontar caminhos de diálogos, é indicar que precisamos ser capazes de nos inserir na conversa, aprender a dialogar, a escutar com paciência e de acompanhar, pois “aqui reside o fundamento do diálogo com o mundo atual”³⁹⁸ e a capacidade de serviço que ele suscita. A insistência e o interesse pelo diálogo do papa Francisco apontam essa direção como “permanente na missão da Igreja em relação com o mundo”³⁹⁹. Este caminho do diálogo, paulatinamente, constrói a esperança de se recuperar a unidade da fraternidade e solidariedade universal, fragmentadas pela ambição violenta e abusos de poder. Nessa proposta, o papa Francisco propõe realizarmos experiências inéditas:

*[Francisco] adota um estilo inédito: dá atenção à experiência concreta dos crentes e dos humanos que somos; não faz um apelo apenas à nossa inteligência, mas também a nossa afetividade, aos nossos sentidos e ao nosso coração, possibilitando assim verdadeiras decisões e ações individuais e coletivas.*⁴⁰⁰

A proposta dialogante da Igreja “em saída” é que “devemos dar o primeiro passo”⁴⁰¹ em direção ao outro, “sem espera da reciprocidade, mas esperando que o outro dê por sua vez os seus passos, porque o diálogo pressupõe dois inter-

396 FRANCISCO; AHMAD AL-TAYYEB, Documento sulla fratellanza humana per la pace mondiale e la convivenza comune.

397 FRANCISCO; AHMAD AL-TAYYEB, Documento sulla fratellanza humana per la pace mondiale e la convivenza comune.

398 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil: Discurso ao CELAM, p. 73.

399 GS 22.

400 THEOBALD, C., O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco, p. 3-17.

401 KASPER, W., Testemunha da misericórdia, p. 131.

locutores”⁴⁰² –o martírio da fé está na paciência. Trata-se de estar atento e sensível ao diálogo que abre possibilidade de caminhos sem imposições por onde ir. Por isso, tecer e apontar novos caminhos têm sido o método do papa Francisco, ou seja, “sim, o Francisco é o papa do diálogo”⁴⁰³, convidando a Igreja a iniciar processos de mudanças com todos de boa vontade “para o desenvolvimento da cultura do diálogo fraterno”⁴⁰⁴.

O desafio para a Igreja “em saída” nesses processos dialogantes está em “ser servidora de um diálogo difícil”,⁴⁰⁵ com culturas divididas em contínuas discórdias, com muros e barreiras sociais, econômicas, preconceituosas e do descarte. A carência de diálogo exige ir às causas que distanciam as pessoas uma das outras e de se conhecer a realidade dos interlocutores. A proximidade possibilitará um diálogo iluminador capaz de unir os povos no desfazer dos muros e construir as pontes de unidade.

O diálogo nasce de uma atitude de escutar o que o outro tem a dizer, implicando acolher uma proposta e procurar um caminho, pois “para dialogar é preciso saber baixar as defesas, abrir as portas de casa e oferecer calor humano”⁴⁰⁶. Essa atitude de esvaziamento e abaixar-se em direção ao outro supera as barreiras cotidianas marcadas pelo preconceito, desinformação, calúnias, fofocas, sensacionalismos e *fake news*. A cultura do diálogo e do encontro torna-se mais fecunda do que a esterilidade das barreiras criadas pelas culturas do ódio e da violência, empecilhos para a realização desses caminhos.

A Igreja em sua “saída” missionária criará espaços promotores de diálogo e se oferecerá kenoticamente com os três elementos básicos “humildade, suavidade, fazer-se tudo a todos”⁴⁰⁷, pois esse é o estilo do cristão, que fiel ao mandamento do seu Mestre (Jo 13,14) realiza o serviço do lava-pés. Essa dimensão kenótica será retomada nesta tese nos capítulos seguintes.

O diálogo é o facilitador da cultura do encontro e não significa o final de um processo, mas, ao contrário, promove o início de outros processos, pois “o encontro se obtém através do diálogo”⁴⁰⁸ constante, “significando que caminhamos juntos para construir”⁴⁰⁹. Essa é a dinâmica capaz de gerar a criatividade e a

402 KASPER, W., Testemunha da misericórdia, p. 131.

403 KASPER, W., Testemunha da misericórdia, p. 122.

404 MENOZZI, D., A Igreja, Francisco e a resistências.

405 EG 74.

406 BERGOGLIO, J.; SKORKA, A., Sobre o céu e a terra, p. 12.

407 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 2, p. 288.

408 FRANCISCO, Interviste e conversazione com giornalisti terzo e quarto anni di pontificato, p. 162.

409 FRANCISCO, Interviste e conversazione com giornalisti terzo e quarto anni di pontificato, p. 162.

fecundidade das relações com reciprocidade. Assim, “o diálogo é muito mais que a comunicação de uma verdade. Ele acontece pelo prazer de falar pelo bem concreto que as palavras transmitem entre aqueles que se amam”⁴¹⁰.

Desde a época de pastor da Igreja de Buenos Aires, o papa busca desenvolver os caminhos do diálogo para criar processos novos de fraternidade e solidariedade em meio a uma sociedade pluralista. Na mensagem aos educadores (6 de abril de 2005), destaca que as trocas culturais e sociais de novos tempos “necessitam encontrar novas formas de diálogo e de convivência em uma sociedade pluralista”⁴¹¹.

A Igreja “em saída” requer esse caminho com a ousadia e coragem de seus pastores se escutarem entre si e o rebanho do Senhor. O dialogar *ad intra* possibilitará pregar o Evangelho através de uma relação amorosa e misericordiosa com o mundo, pois “quando o diálogo procede da mesma estrada não se pode errar, porque o assiste o Espírito Santo”⁴¹². Os pastores, através dessa prática com base na escuta do Povo de Deus sinodalmente e em unidade com ele, não seguirão um caminho errado na evangelização e convivência com o mundo, já que “o diálogo entre bispo e povo, um diálogo que prossegue, um diálogo de amor, deve vir do fundo do coração”⁴¹³.

O diálogo com a misericórdia “está em abrir o coração, em colocar o coração junto ao outro”⁴¹⁴ para a humanidade percorrer as estradas da sua história. Tal diálogo exige da Igreja escutar a Palavra de Deus encarnada nas realidades reais marcadas por alegrias, desencontros, esperanças e desilusões. Esse encontro marcado pela proximidade possibilita pensar os diversos caminhos que o pluralismo religioso encontra através da vivência do Evangelho. A Igreja hoje “em saída” tem como exigência do Evangelho e fidelidade ao Espírito *primeirar* novos caminhos kenóticos através dos diálogos eclesiais e com toda a humanidade.

Na formação do papa Francisco o conceito de misericórdia está ligado à dimensão da verdade, com o que se “desenvolveu a partir do fim dos anos de 1990 à luz de von Balthasar, ligado estreitamente à categoria de testemunho”⁴¹⁵. Assim, para von Balthasar a misericórdia é desenvolvida na manifestação da glória de Deus através da sua justiça para com o seu povo, significando que a verdade existencial busca caminhos de superação das tensões que desfiguram as reali-

410 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p.332.

411 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 373.

412 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 466.

413 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 467.

414 CARDOSO, M. T. F., Diálogo da misericórdia, p. 599-622.

415 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 238.

dades de convivência humana. A glória manifestada na *kenosis* provoca a Igreja trilhar esse mesmo caminho à luz dos modelos bíblicos, superando suas muralhas através das suas comunidades presentes no mundo.

O papa Francisco propõe aos cristãos o caminho da misericórdia como a manifestação da verdade, e sua relação prioritária na dimensão pastoral. A opção de ir além de questões doutrinárias e pastorear com a misericórdia é propor a verdade e a justiça como reconciliação humana e eclesial. Essa pastoral de misericórdia é também uma forma de viver a dimensão kenótica da Igreja, relacionada com a *kenosis* trinitária e cristológica, que são temas presentes na teologia de von Balthasar. Sobre esses pontos a tese tratará no capítulo seguinte.

3 *Kenosis* na teologia trinitária e eclesiológica de Hans Urs von Balthasar

No capítulo anterior, tratamos da proposta da Igreja “em saída” do papa Francisco com os pontos teológicos latentes do Concílio Vaticano II. Neste capítulo, buscaremos aprofundar, com a inspiração da teologia de von Balthasar, a contribuição da *kenosis* para a teologia *primeiredora* presente na Igreja “em saída”. A teologia balthasariana traz elementos eclesiológicos e da pastoral comunitária, permitindo avançar na importância de *primeirar* kenoticamente este caminho.

Este capítulo tratará dos seguintes temas da teologia pensada por von Balthasar: primeiro, a partir da relação intrínseca do Deus Trino, kenótica e pericoreticamente; depois, sobre as possibilidades de iluminar modelos eclesiológicos missionários; e por fim, a “*kenosis* eclesial” para a Igreja sair de seus muros com as suas pequenas comunidades presentes no mundo, se fazer missionária. Essa relação revelada através das Escrituras e construída na história permite compreender como o mistério imutável de Deus entrou na mutabilidade humana. A proximidade de Deus e de sua *kenosis* nos propõe pensarmos a teologia balthasariana como contribuição para os passos teológicos da missionariedade kenótica proposta nesta tese. Kasper sintetiza claramente e objetivamente o escopo do teólogo do amor absoluto da Trindade:

O método da Kenosis originária de Deus, permanece ao mesmo tempo “que não existe outra via para comparar o evento trinitário em Deus, do que aquela para tornar manifesto a kenosis de Deus na teologia da Aliança – e consequentemente na cruz – para retornar as tensões através do mistério do Absoluto” (Balthasar, H. U. von, Verbum Caro, p. 224). De frente para si mesmo o teólogo, segundo Balthasar, necessita pensar a teologia na forma de baixo para cima (catalogicamente) e de cima para baixo (analogicamente), e isto significa correspondentemente a totalidade da analogia absoluta que é o Filho divino: teologia como forma de integração catalogica-analógica.⁴¹⁶

3.1 A teologia trinitária-kenótica de von Balthasar

Hans Urs von Balthasar propõe uma teologia que possibilite à Igreja testemunhar o encontro pessoal com Cristo, na contemplação da realidade a partir do Evangelho.⁴¹⁷ Essa perspectiva da sua elaboração teológica está na revelação da Trindade no Mistério Pascal através do movimento kenótico. A dramática na

⁴¹⁶ KASPER, W.; LEHMANN, K., Hans Urs Von Balthasar, Figura e Opera, p. 238.

⁴¹⁷ BALTHASAR, H. U. von, My work: in retrospect, p. 20; BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p.4.

história é composta pelo protagonismo da Trindade e do ser humano, onde o mundo é o palco em que a liberdade divina e humana realiza o encontro central para amar e servir. As obras de von Balthasar, *Teodramática*, *Estética Teológica* e *Glória* formam a trilogia nos seus diversos volumes, reunindo a novidade de Deus na forma de se doar, a sua lógica e de como se revelou. A liberdade e a responsabilidade trinitária estão na *kenosis*, que aproxima cada Pessoa da Trindade entre si e com o mundo. Dessa maneira, a lógica do Deus Trino acontece através da seguinte lógica kenótica:

*O princípio teológico: o Verbo se fez carne. Com este axioma, formula São João a essência da revelação definitiva de Deus, que os demais Evangelhos descrevem de forma concreta. O verbo, Logos dos gregos, Sabedoria dos judeus, existia em Deus desde a eternidade, e é o princípio divino com o qual Deus criou todas as coisas e a luz que sem cessar a ilumina. O verbo de Deus é a arte de criar e dispor tudo com a liberdade soberana. Onipotente, nada o prende senão a sua vontade e seu designio, inatingíveis pelas trevas da finitude do pecado, que não podem aprender, capitar, de-finir ou limitar a Luz que tudo inunda e desdobra.*⁴¹⁸

3.1.1 *Missio Dei*: a missão kenótica da Trindade

O mistério de Deus se revela na abertura do seu amor, abrindo sempre novos caminhos para o cristianismo ser digno de fé e transformador. O ato da encarnação do Filho (Fl 2, 8) marca a ação da *kenosis* da Trindade⁴¹⁹, atuando no mundo com proximidade. von Balthasar propõe a Igreja testemunhar a sua alteridade e eclesialidade à luz da Trindade presente kenoticamente na história⁴²⁰ através da “humanização do amor de Deus”⁴²¹. Essa teologia balthasariana entendida em todo o evento Cristo enfatiza a relação da Trindade imanente e econômica, se doando livremente. O atuar kenótico trinitário de modo livre, e não por ter necessidade de se envolver no mundo, demonstra como o amor divino é absoluto, convidando a humanidade a participar dele.⁴²² Assim comenta Loredó em seu artigo sobre a Trindade kenótica de von Balthasar:

Sua reflexão caminha nesta direção ao interpretar a exteriorização de si do Pai na geração do Filho como uma 1ª kenosis intradivina que está na base de toda a vida trinitária.

418 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 228; BALTHASAR, H. U. von, *Quattro meditazioni*, p. 11.

419 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 228; BALTHASAR, H. U. von, *Quattro meditazioni*, p. 11- 21.

420 CODA, P., *Dalla Trinità: l' avvento di Dio tristoria e profezia*, p. 47; OKAES, E. T.; MOSS, D., *The Cambridge companion to Hans Urs Von Balthasar*, p. 34-43.

421 BALTHASAR, H. U. von, *Word and Redemption – Essays in Theology 2*, p. 88.

422 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae Man in God*, p. 231.

*No amor do Pai, que se exterioriza no Filho, há uma renúncia ao ser Deus sozinho, e tal renúncia instaura a diferença entre Eles. A resposta do Filho é também um amor sem reservas, uma eterna ação de graças (Eucaristia) ao Pai, que constitui, entre Eles, o seu “nós” subsistente, que é o Espírito Santo. Este último marca, ao mesmo tempo, a eterna distinção entre o Pai e o Filho, e a unidade entre eles.*⁴²³

A *kenosis* da Trindade se torna o gesto de um Deus poderoso, onipotente e onisciente que renuncia qualquer poder opressor para engendrar na encarnação do Filho através do Espírito, ser a possibilidade e ter a condição de superar as divisões, ódios, sofrimentos e alienações presentes no mundo, tornando-se um processo comunitário e constante. O processo kenótico da Trindade nos permite adentrar nas perspectivas da liberdade da Criação e da Aliança, tratando-se de uma *kenosis* diante da possibilidade da recusa do ser humano em participar desse amor pleno. Essa possibilidade existe frente a Deus, de não se valer da sua onisciência e onipotência, tanto nas relações livres da própria Trindade entre si ou com o mundo criado. Trata-se do “seu desígnio de atuar livre junto com o amor e o tempo do homem, através de uma pedagogia chamada pelos Padres da Igreja de ‘condescendência’ divina”⁴²⁴.

O ser absoluto de Deus agindo na sua total liberdade com o ato da encarnação do Filho e o envio do Espírito Santo está na relação recíproca de comunhão e amor entre as três Pessoas.⁴²⁵ Essa *parresia* divina permite o ser humano conhecer os seus limites e também os seus caminhos de liberdade, encontrando as possibilidades de responder com o amor ou na recusa de amar através do pecado. A relação pericorética da Trindade a permite atuar no mundo na infinita liberdade de cada Pessoa, sem romper a sua comunhão, mantendo a unidade no amor e compromisso kenótico.

O Deus Criador e da Promessa manifesta a sua glória, mantendo-se presente e atuante na dramática histórica da sua Aliança, que terá o seu ápice na encarnação-morte-ressurreição do Filho através da dinâmica do Espírito.⁴²⁶ A própria relação trinitária na ação de cada uma das Pessoas passa também pela liberdade de amar, desde a *kenosis* intradivina até a encarnatória, possibilitando pensar uma “*kenosis* eclesial”, como destaca Clarice Ribeiro na sua pesquisa sobre von Balthasar:

A palavra quenose é misteriosa e metafórica, convite a caminhar Tateando para descobrir o que significa para o que aponta, para onde leva. Urs von Balthasar, o veremos, a em-

423 LOREDO, C. R., Trindade, alteridade e eclesialidade, p. 916.

424 CODA, P., Dalla Trinità: l' avventodi Dio tristoria e profezia, p. 124.

425 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae Man in God*, p. 276.

426 BALTHASAR, H. U. von, *La mia Opera ed Epilogo*, p. 67; BALTHASAR, H. U. von, *Luz de la Palavra*, p. 29, 74, 254-255; BALTHASAR, H. U. von, *La percepcion de la forma*, p. 78, 97.

prega para indicar o ser mesmo de Deus, ou seja, para, a partir do que nos é mostrado na história de Jesus Cristo, especialmente em seu mistério pascal, entrar cada vez mais no deslumbre da vida intratrinitária, nosso lar e origem. Com essa palavra, pois, se inicia um caminho mistagógico em que se percebe que Deus é entrega amorosa para nós porque o sem fundo de Deus, desde sempre, é essa mesma entrega sob infinitas e imagináveis formas.⁴²⁷

Von Balthasar avança na sua reflexão teológica através da *kenosis* intradivina e encarnatória, na possibilidade de Deus imutável na sua essência de se fazer mutável na sua externalização e se comprometer com o cuidado do mundo, sem deixar de ser Quem é. O envolvimento de Deus na história, reunindo Israel como seu povo e encarnando o seu Filho, revela um Deus comprometido com o ser humano (Is 44,21). As características do Deus bíblico são descritas quando Ele se alegra, sofre, fica irado, se compadece, tornando compatíveis a imutabilidade dos seus atributos divinos com o seu amor e compaixão, no teatro do mundo sujeito às mudanças históricas.

Esse despojamento de Deus na encarnação do Filho possibilita, através da *kenosis*, compreender o eterno esvaziamento intratrinitário nas processões divinas, e, deste modo, significando que a essência de Deus é kenótica e harmonizando as noções de imutabilidade e impassibilidade divina.⁴²⁸ Trata-se de compreender, através da doutrina da *kenosis*, o amor da Trindade no seu abaixamento econômico. A primeira e radical *kenosis* da Trindade aconteceu na consubstancialidade do Filho, que na recíproca e mútua inabitação com o Pai faz proceder o Espírito Santo como personificação desse amor paterno-filial.

A sua livre e amorosa doação é o compromisso com a humanidade para com o mundo no cuidado e o fundamento das demais *kenosis* presentes na história da salvação, como descreve na *Teodramática*:

Não é Deus em si mesmo o que muda, mas é o Deus imutável que entra em relação com a criaturalidade, e esta dá às suas relações internas um novo rosto que não é puramente externo, como se esta relação exterior não o afetasse realmente, mas de tal forma que a nova relação com a natureza mundana, unida hipostaticamente ao Filho, traga à luz uma das infinitas possibilidades que se encontram na vida eterna de Deus.⁴²⁹

A *kenosis* expressa em Fl 2,6-11 é o processo divino através do se abaixar, renunciar, aniquilar a si mesmo, de humilhação, esvaziamento para descer até o ser humano e construir com ele caminhos de horizontes livres. Deus é capaz

427 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale: a quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar*, p. 19. Apesar de a autora utilizar a palavra quenose, de forma aportuguesada, a tese utilizará a forma grega *kenosis*.

428 CASEIRO, E. D. O drama original: A “kenosis” intradivina segundo Hans Urs von Balthasar no quadro da problemática da (i)mutabilidade e (im)passibilidade de Deus, p. 41.

429 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 480.

de, pelo desejo de amar, realizar esse projeto kenótico de salvação. A proposta teológica de von Balthasar é de que a teologia pode colaborar com a humanidade no sentido de convivência a partir da alteridade, comunhão e solidariedade, a exemplo da relação da vida trinitária. Trata-se da dinâmica *ágape* que garante as relações livres e comprometidas com o outro, como das Pessoas trinitárias.⁴³⁰ Silva ressalta esse conceito chave de von Balthasar:

*Balthasar emprega o termo quenose para indicar o ser mesmo de Deus, ou seja, a partir de Jesus de Nazaré, principalmente o que tange seu Mistério Pascal, entrar no vislumbre da vida intratrinitária. Para Balthasar, também se aplica a quenose ao Pai e ao Espírito Santo, sendo, portanto, ela a chave teológica para adentrar no próprio mistério trinitário, em suas relações e missões, bem como, a chave para compreender o próprio mistério encarnatório e da paixão Filho.*⁴³¹

A *kenosis* na teologia trinitária de von Balthasar consiste em compreender o processo que Deus realiza no seu doar-se, para criar caminhos de salvação e proximidade com o ser humano. O teólogo suíço mostra o caminho do amor e da misericórdia realizado nesse processo de aniquilamento que permite a ação de Deus de sair de si mesmo para buscar o ser humano, sem se anular.⁴³² A renúncia à sua imanência e às suas propriedades é o início do processo da participação de Deus na história, solidário com as decisões humanas. Trata-se de uma dramática com a humanidade e a sua atuação kenótica em relação a liberdade humana de aceitá-lo ou recusá-lo, mesmo que ainda seja uma visão teológica contrária ou religiosa distante das igrejas cristãs.

A preocupação teológica de von Balthasar partia de que a modernidade pudesse compreender a revelação divina desde a eternidade até a realidade humana com passos livres e relacionais, que ele chamou de Teodramática – as possibilidades do ser humano secular, nas suas atividades sociais, alcançar com as verdades da revelação divina as transformações necessárias a seu tempo.⁴³³

Esse evento que é o Cristo é o Reino em pessoa com o seu rosto, suas palavras, seus gestos, e principalmente no seu estilo de vida solidária com as pessoas, permitindo compreender a proximidade de Deus. Na práxis querigmática do seu anúncio, Jesus se faz próximo dos últimos e solidário com eles (Lc 10,29-37), tornando os lugares dos esquecidos e caídos o *locus* da sua presença revelada.

A Promessa cumprida no evento Cristo acontece na história com a participação de Maria, através do seu *fiat*, que possibilitou o trajeto do presépio até

430 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 7.; BALTHASAR, H. U. von, *Luz de la Palavra*, p. 29, 74, 254-255.; BALTHASAR, H. U. von, *La percepción de la forma*, p. 143.

431 SILVA, V. S. A., *O conceito de ressurreição em Hans Urs von Balthasar*, p. 6.

432 LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*, p. 89.

433 BALTHASAR, H. U. von, *Prolegomena*, p. 12.

a cruz, o percurso horizontal de Deus-encarnado. Von Balthasar destaca a dinâmica de Deus, que desceu e se fez caminhante na história, através da liberdade do Verbo feito carne. A figura de Maria também abre a perspectiva teológica de pensá-la como inspiração bíblica a partir da eclesiologia kenótica e continuadora da missão trinitária no mundo. Essa reflexão bíblica mariana é compreendida dentro do roteiro evangélico, e assim podemos traçar, na visão de Coda, este seguinte caminho:

*A encarnação-abaixar-se de Deus no Filho, encontra em Maria no seu ser e fazer pessoal de livre e amorosa acolhida do Filho de Deus na carne. É isso que vem narrado no Evangelho da infância de Lucas, sobretudo na cena da anunciação (Lc 1,26-38). Maria é descrita como a filha de Sião e o útero da humanidade que se abre para acolher o amor de Deus que no Filho se fez Nele, e Nele – pela ação do Espírito Santo – carne da humanidade. Nisto resulta a dimensão marial, pessoalmente intensa, é dimensão essencial, a parte hominis, na autocomunicação trinitária de Deus na história dos homens: e como tal precede e dá forma à acolhida eclesial do dom da revelação.*⁴³⁴

A *kenosis* da Trindade é o movimento de sair de si em direção ao outro, se esvaziando livremente para amar e capacitar o ser humano para amar. Nesse processo kenótico, a humanidade tem a possibilidade de se esvaziar do orgulho, da prepotência, do individualismo, do ódio e da violência que impedem a convivência humanizadora e de paz social.⁴³⁵ A característica pericorética da Trindade permite compreender como Deus na história se revela através do seu amor para salvar a humanidade. Essa característica e caminho com o ser humano permitem à Trindade estar e atuar no mundo com a alteridade criativa e dinâmica através das formas de solidariedade e fraternidade.

A encarnação do Filho escancara as entranhas divinas de Deus se fazer um com os outros, viver o sofrimento humano e assumir as suas fragilidades, para permitir caminhos de salvação no meio de nós. O desenvolvimento da teologia kenótica são os passos possíveis de conhecer Deus nas relações com os mais fracos e violentados da sociedade. A necessidade das pessoas se tornarem mais próximas e humanas será através da compreensão de que Deus não se faz distante das relações com o mundo.

A humanidade se abrindo a novas relações através do amor e da reciprocidade é um convite ao envolvimento com o próximo, principalmente, nas situações que ferem a dignidade da vida.⁴³⁶ As relações intratrinitárias e suas teofanias presentes nas Escrituras nos permitem compreender teologicamente que o despoja-

434 CODA, P., Dalla Trinità: l'avvento di Dio tra storia e profezia, p. 320.

435 CODA, P., Dalla Trinità: l'avvento di Dio tra storia e profezia, p. 56.

436 BALTHASAR, H. U. von, Meditación como tradición. Geist und Leben, p. 260-269.

mento divino para buscar a outra Pessoa e o ser humano é o modelo de fé para as relações humanas acontecerem nos encontros de aproximação entre si.

Von Balthasar, a partir do pacto de Deus em reunir um povo através da Aliança, traz a chave teológica da revelação divina através do seu despojamento e aproximação do Povo Eleito. Essa eleição iniciada em Abraão e continuada com os Patriarcas, com Moisés e com os Profetas revela um Deus vivo e verdadeiro que se inclina para escutar e estar a favor do seu povo.⁴³⁷ O gesto kenótico dos líderes do Povo de Israel tem o gesto físico e interior de sair de si mesmo em direção de buscar o próximo para manter a fidelidade e a promessa feita com Deus, e se preocupando no cuidado dele, e deles entre si.

A vida comunitária é a relação kenótica proporcionando a iniciativa de um diálogo e encontro permanente entre o Povo Eleito, é a iniciativa divina de realizar a sua proximidade com a humanidade. O Servo sofredor é um exemplo bíblico da alteridade e proximidade através da *kenosis*, como a paciência divina e livre de Deus amar e acompanhar a história junto ao seu povo.

A leitura trinitária do Segundo Testamento é, na vida da Igreja, a possibilidade de testemunho e de servir no mundo, através da experiência fecunda da *kenosis* divina. A *kenosis* do Filho é o paradigma eclesial para a missão e a pastoral, para que promovam as relações transformadoras e cheias do amor e da misericórdia da Trindade. Von Balthasar, ao propor um cristianismo digno de fé, frente às estruturas de pecado criadas pelo fechamento da humanidade em si mesma, pensa o amor misericordioso da Trindade manifestado e encarnado no mundo como o ponto de partida para qualquer teologia ou ação eclesial.

A teologia patrística a respeito da *kenosis* cristológica, como salientou Atanásio, é fundamental para compreender o movimento de descida do evento Cristo, e não de verticalidade. O hino de Filipenses 2 fundamenta o abaixar e o assumir divino da condição humana para manifestar a sua vontade de bondade e misericórdia, e como teologizou Basílio:

*Por isso, não consideremos como serviço forçado, próprio de escravo em sua condição humilhante, o plano (oikonia) determinado pelo Filho; ao contrário, a solicitude voluntária relativamente à obra de suas mãos origina-se da bondade e misericórdia, segundo a vontade de Deus Pai. Dessa forma, permaneceremos na prática da piedade, dando testemunho em tudo do perfeito poder do Filho, que jamais se aparta da vontade do Pai.*⁴³⁸

E como o ser *ecclesia* se fundamenta em vivenciar e expandir o amor absoluto da Trindade nas práticas, relações e de diálogo com o mundo:

437 LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 124.

438 BASÍLIO MAGNO, Tratado sobre o Espírito Santo, p. 109.

*Consiste a economia de Deus, nosso Salvador em erguer o homem após a queda, e fazer com que recupere a amizade com Deus, escapando da condição de inimizado em que se encontrava, devido a sua desobediência. Daí se origina a vinda de Cristo na carne, o exemplo de sua vida de acordo com o evangelho, a paixão, a cruz, o sepultamento, a ressurreição. Assim, o homem salvo, através da imitação do Cristo, recupera a primitiva adoção filial. É indispensável para uma vida perfeita a imitação de Cristo não somente nos exemplos de mansidão, humildade e paciência que deu durante a vida, mas ainda na morte.*⁴³⁹

A proposta dos teólogos patrísticos é a do seguimento evangélico quando compreendido à luz da *kenosis*, quando realiza um caminho contrário ao das estruturas do pecado, que ferem a dignidade e as relações humanas. A vivência dos membros da comunidade está em testemunhar, na convivência social, os valores evangélicos, que regeneram e superam os males e feridas humanas. O seguimento do Cristo sempre visto como o caminho da salvação manifestada ao mundo através de sua encarnação é a força do Espírito para se prosseguir a *kenosis* divina. O capadócio Nazianzeno propõe a vivência da comunidade a partir das relações pericoréticas e trinitárias, pois constitui a relação das Pessoas da Trindade entre si, e com a humanidade.⁴⁴⁰

Nas suas obras, von Balthasar sempre apresenta a *kenosis* e a Trindade para pensar como é possível compreender as relações desafiadoras que a Igreja e o mundo estão sujeitos ao longo do percurso histórico. A Trindade na teologia balthasariana é compreendida, tanto na sua imanência como economia, a partir do evento pascal e a existência humana. Diante da renúncia divina de assumir as condições humanas para se fazer próximo e nos reconciliar, o próprio ser humano se vê cotidianamente diante da sua própria renúncia e liberdade para construir um mundo melhor.

O *imago trinitas* está no Verbo encarnado, manifestação total e livre amor do Pai, frutificada no Espírito Santo mesmo com a dor e os sofrimentos causados na obediência do Filho e no seguimento dele. A *kenosis* tem a manifestação da glória divina na cruz, pois, para amar, Ele se faz livremente solidário na dor, no sofrimento e na morte.⁴⁴¹ Essas consequências das estruturas do pecado são superadas e regeneradas pelo movimento kenótico manifestado pela Trindade:

*no sofrimento de Jesus, na kenosis total, aparece a glória de Deus, “brilha a glória de Deus no rosto de Jesus Cristo” (2Cor 4,6). Isso não significa que von Balthasar elimine o realismo da paixão. Muito ao contrário, não há que adoçar o que se refere a cruz de Cristo, como se o crucificado, sem oferecer comoção alguma em sua união com Deus, se tivesse dedicado a cantar salmos e tivesse morrido na paz de Deus.*⁴⁴²

439 BASÍLIO MAGNO, Tratado sobre o Espírito Santo, p. 128.

440 SILVA, M. F., A linguagem trinitária de Gregório Nazianzeno, p. 218.

441 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 47-48; MINUTELLA, A. M., *L'escatologia cristológica trinitária* di Hans Urs von Balthasar, p. 40.

442 LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro*, p. 84.

O Deus Trindade não se fecha em si mesmo, mas se abre sempre para um processo escatológico do ser humano. A *kenosis* na vida trinitária é um acontecimento de amor, em que as Pessoas da Trindade não se amam a si mesmas, mas se amando incluem também o mundo e o ser humano no seu amor, que não é exclusivo e sim inclusivo (Mc 9,38-48). Von Balthasar propõe pensar a *kenosis* trinitária como a primordial *ad intra* que se manifestou ao mundo com Cristo:

*Balthasar chega a falar de uma kenosis original das Pessoas divinas em sua doação mútua: assim, só no fato da geração do Filho se dará no Pai mesmo uma espécie de esvaziamento de si, uma kenosis primordial a que corresponderia a doação eterna e total do Filho, a qual por sua vez encontraria sua expressão e manifestação na kenosis histórica salvífica de Jesus, o Filho encarnado, sua expressão e manifestação.*⁴⁴³

Na *Teodramática*, von Balthasar apresenta como o ser humano pode encontrar na economia da Trindade o caminho da renúncia e da solidariedade para redimensionar a liberdade e as decisões existenciais que marcam a convivência social. Esse processo iniciado na primeira *kenosis* é revelado na *communicatio idiomatum* como proposta da Trindade econômica que se manifesta e age na história. O Cristo, na sua trajetória como Jesus de Nazaré, exterioriza a glória iminente da Trindade à beleza humana, de se divinizar na opção de se esvaziar e compreender o próximo nas suas limitações.

Von Balthasar apresenta os atributos teológicos e divinos da Trindade a partir de como ela mesma se manifestou ao mundo na sua *kabod*, a glória.⁴⁴⁴ A imutabilidade de Deus não está na sua essência e sim na sua forma de atuar e se revelar. A *kenosis*, através do aniquilamento, da renúncia de poderes oniscientes e onipotentes e do esvaziar de si, é a abertura a assumir as limitações humanas, compartilhando os dramas, desafios, sofrimentos e esperanças que a solidariedade e a fraternidade podem criar no mundo. A escolha livre e própria de Deus se mostra e se revela, possibilitando a humanidade compreender a fé cristã como iniciativa de Deus comunitário. Assim, nos diz o teólogo da *kenosis*:

*portanto, lê em chave trinitária todo o mistério da quenose econômica de Jesus Cristo, desde a sua encarnação até a morte na cruz. Para ele, é somente na perspectiva trinitária que se faz luz sobre o problema da mutabilidade e da imutabilidade do Deus que, permanecendo sempre imutavelmente amor, é, inelutavelmente, quenose de infinitas, inesperadas e inimagináveis formas, entre as quais a da cruz de Cristo. Ousamos mesmo dizer que Deus é a imutável mutabilidade infinita do amor (...) porque Deus é Amor, não precisa mudar para se encarnar e morrer de amor para, por amor, nos salvar.*⁴⁴⁵

443 LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 316.

444 BALTHASAR, H. U. von, Antigo Testamento, p. 33-38, 75, 179.

445 RIBEIRO, C. S. M., Mysterium Paschale, p. 21-22.

A revelação de Deus como vida comunitária demonstra que a solidão e o individualismo não são críveis, mas somente a comunhão no dinamismo livre de servir poderá humanizar as relações. O entranhar pericorético das relações trinitárias é modelo para a *kenosis* ser vivenciada como processo de reciprocidade e compaixão samaritana nos feridos do caminho. Von Balthasar, na sua teologia Teodramática, através da articulação trinitária e kenótica possibilita o ser humano livremente corresponder à práxis do amor e da reciprocidade. Por isso, a liberdade divina se relaciona e se manifesta nos três transcendentais – belo, bom, verdade – presentes na história:

na sua perfeita correspondência da sua liberdade ao Pai (que coincide entre o seu ser-em-si e o seu ser-pelo-outro) se realiza o ato no qual o se mostrar, o se dar e dizer do fundamento ocorre na unidade. Estas questões bases, Von Balthasar pode ainda construir a sua teologia articulando o movimento estético (pulchrum) da manifestação de Deus na história, com aquele dramático (bonum) da ação no encontro/desencontro entre a liberdade de Deus e a liberdade do homem, e com aquele ontológico (verum) da exibição da verdade de Deus e do mundo.⁴⁴⁶

A solidariedade de Deus com o ser humano através da *kenosis* permite compreendermos que o sofrimento e a dor nos desencontros humanos não estavam previstos nos planos divinos. Contudo, a compaixão e a misericórdia são a participação divina na dramática humana e a oportunidade que Deus escolheu em acolher, perdoar e fazer novos caminhos com a humanidade. A teologia realizada por von Balthasar aprofunda através da *kenosis* do Filho o caminho de toda a Trindade com o ser humano em solidariedade aos seus dramas, marcados pela solidão e a falta de misericórdia. Consequentemente, a missão trinitária se submete às liberdades e decisões humanas, prosseguindo a sua decisão livre de perdoar e redimensionar as possibilidades das novas relações humanas.

Von Balthasar salienta que o cristianismo é o agir de Deus em comunhão com o discipulado do Cristo que prossegue na história com a experiência pascal, como entrega absoluta e concreta do amor. A Igreja, ao compreender o mistério do amor trinitário, anuncia a sua livre decisão de se associar aos atos de Jesus, principalmente pela renúncia de si mesma para ir ao encontro do mundo.⁴⁴⁷ A obediência na Igreja precisa se desinstalar das regras formais e burocráticas para, como o Cristo, ser a entrega confiante livre, de servir e de seguir o Evangelho, manifestando o amor:

sobre o amor com que amamos a Deus [é] seguramente dom de Deus. Ele, que não amado ama, concedeu que fosse amado. Fomos amados enquanto éramos desagradáveis, para

446 CODA, P., La Trinitá, p. 467.

447 BALTAHSAR, H. U. von, Mysterium Paschale, p. 49.

*que acontecesse em nós aquilo pelo qual agradecemos. De fato, o Espírito do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho amamos, derramou em nossos corações a caridade.*⁴⁴⁸

A *kenosis* econômica do Filho exteriorizando o amor da Trindade provoca e dinamiza através do Espírito a Igreja realizar o mesmo ato de renúncia de si mesma para se pôr a serviço da *kenosis* divina. É possibilitar pensar a “*kenosis* eclesial” na obediência crística e conduzida pelas surpresas afloradas do sopro do Espírito Santo. A missão da Igreja é discernir pneumatologicamente a sua presença de testemunha do Cristo, e sempre que necessário romper os grillhões institucionais e apresentar o modelo da *pericorese* trinitária. Contudo, von Balthasar, nas suas críticas teológicas, discute o risco de se reduzir a Trindade imanente à econômica, pois a beleza dela está em livremente atuar e se manifestar ao mundo no seu processo histórico.⁴⁴⁹ E assim, compreendemos que a Trindade em sua imanência e economia é soberana através da sua liberdade e amor, fundamentando a história da salvação⁴⁵⁰, como também apresenta Ladaria:

*a Trindade econômica aparece de fato como a interpretação da Trindade imanente, que, não obstante, ao ser princípio fundante da primeira, não pode ser identificada simplesmente com ela. Porque, em tal caso, a Trindade imanente e eterna corre o risco de reduzir-se à Trindade econômica: mais claramente, Deus corre o risco de ser absorvido no processo do mundo e não pode chegar a si mesmo a não ser através desse dito processo.*⁴⁵¹

Nessa mesma perspectiva, Coda cita e comenta a afirmação do dogma cristológico, que nos permite compreender a teologia de Atanásio:

*“o homem não podia ser divinizado permanecendo unido a uma criatura, se o Filho não fosse Deus”. A afirmação da divindade de Jesus, é portanto o necessário fundamento ontológico (= a Trindade imanente) da real eficácia salvífica da redenção nele operada a nosso favor (= trindade econômica).*⁴⁵²

Von Balthasar, através da *Gestalt* do Cristo, propõe compreender teológica e pastoralmente o caminho da fé revelada e da missão eclesial no mundo.⁴⁵³ A proposta para a Igreja é avançar após o Concílio com as experiências que a levem se encontrar e testemunhar a inter-relação trinitária, como comunidades do crucificado-ressuscitado presentes nas diversas culturas do mundo. A convivência

448 DH 395.

449 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 32.; BALTHASAR, H. U. von, *La prière contemplative*, p.44.

450 LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro*, p. 49.

451 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 529f.

452 CODA, P., *La Trinitá*, p. 353.

453 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 135, 212, 237; BALTHASAR, H. U. von, *Si no os hacéis como este niño*, p. 35.

trinitária revelada no ministério público de Jesus e no tríduo pascal, oferece a ela repensar para além de uma estrutura hierárquica, e sim em uma alicerçada no amor-doação, capaz de provocar e transformar o mundo ferido pelo pecado.⁴⁵⁴

A *exousia*⁴⁵⁵ está em demonstrar, nos momentos limites, desafiadores e de fragilidade humana, a força de caminhos a partir do amor (2Cor 12,10). A cruz como o momento crucial de testemunhar que, diante da falta e recusa do amor, será a força transformadora da vida dos crucificados pelo ódio e pela injustiça. A *kenosis* é a nova imagem do poder de Deus na encarnação do Filho, através do esvaziamento do Cristo Servo a ponto de humilhar a si mesmo até a morte na cruz. A teologia kenótica balthasariana, através da sua *kenosis* primordial, na encarnação e na cruz, tem o seu fundamento bíblico inicial no texto da Carta aos Filipenses:

Ele, embora sendo imagem de Deus, não considerou extorsão o ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a imagem de servo, tornando-se semelhante aos homens, e, em aspecto, sendo encontrado como homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, morte de cruz (Fl 2,6-8).

Esta proposta de Deus é permitir ser conhecido com a sua força sem opressão, e sim em sua imagem próxima do ser humano, para a compreensão do seu amor. Trata-se do esvaziamento na dimensão da processão, relação e missão de cada Pessoa da Trindade, pois “Deus não está, em primeiro lugar como ‘absoluto poder’, mas sim com ‘absoluto amor’, e sua soberania não se manifesta se assegurando no que é em si mesmo, mas no seu abandono”⁴⁵⁶. Essa opção livre de Deus manifestar a sua glória na pobreza, através da sua renúncia, é a exteriorização de quem Deus é, ou seja, “a sua essência em si mesmo”⁴⁵⁷.

O conceito da *communicatio idiomatum* possibilita compreender a interação da divindade e humanidade de Jesus, que através da sua natureza humana comunica os atributos divinos, como expressou o Concílio de Éfeso em 431. A *kenosis* é o próprio autolimites que Deus escolheu na renúncia da sua onisciência, onipresença e onipotência pela encarnação do seu Filho, manifestando a sua santidade através da práxis do amor. Exercer o amor livremente é a surpresa de Deus presente no meio do mundo:

454 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 8; BALTHASAR, H. U. von, *Puntos Centrales de la Fé*, p. 154, 168.

455 O termo grego *exousia* utilizado no NT significa a ilimitada soberania de Deus através do seu poder e capacidade de agir. Esse termo se relaciona concretamente no Cristo e através do seu discipulado. Escatologicamente, se torna o servir e testemunho da comunidade que manifesta o poder de Deus. O poder atrelado à liberdade de escolha, que conferido aos discípulos está sujeito às suas limitações, contudo, colocado a favor da práxis do Evangelho. BROER, I. Eudoxia, p. 1446-1453.

456 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 27.

457 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 29.

*o Logos feito homem renunciou toda a imanência das propriedades divinas e a sua própria autoconsciência eterna. Desse modo, o Logos acaba perdendo em si no processo da história do mundo, e a Trindade é somente constituída para o significado da economia.*⁴⁵⁸

A criação e mais ainda a encarnação se tornam a “autolimitação” de Deus, que se revela comprometido em se doar e amar toda a criação. Por isso, Jesus é a glória de Deus manifestada e revelada ao mundo para ser a nova criação, selando a nova e eterna Aliança. Somente um Deus onipotente é livre para realizar a sua *kenosis* e atuar na lógica natural do mundo. A participação do Filho, pela *kenosis* do nascimento e da cruz, prossegue a liberdade da Trindade através da sua missão e Pessoa. É a obediência e a entrega livre ao Pai criador, o doar a si mesmo, desde o relacionamento intratrinitário.

A cruz é o local da crise divina e humana, pois traz consigo as escolhas livres de aceitar ou recusar amar. Por isso, teologicamente e na vida cristã a cruz é marcada com uma forte simbologia, pois nela está o limite: a limitação e solidariedade. A *kenosis* proporcionará sempre, no seguimento do cristão, que tem no Cristo o seu paradigma, compreender a dimensão da entrega e o enfrentar a cruz. O anúncio querigmático traz consequências para o discípulo, em experimentar o abandono e o hiato do silêncio, como abordou Ribaric em sua tese sobre o silêncio de Deus:

*A palavra silêncio tem correspondência na palavra hebraica hesuchia que tem um sentido mais amplo que a simples ideia de ausência de palavras ou sons. Significa um estado de vida e o estado correspondente da alma: a reclusão de um lado e o silêncio dos pensamentos e dos movimentos de outro. Com isso a quietude torna a alma, particularmente a mente e o coração, disponíveis para a contemplação. Pode-se, portanto, pensar em hesuchia, ou silêncio, como um estado necessário para que o homem possa ouvir Deus.*⁴⁵⁹

E, conhecendo o significado da palavra silêncio, podemos ampliar a reflexão bíblica e teológica da relação entre o Pai e o Filho na cruz, como também sobre a relação silenciosa de Deus na história, por exemplo, nas situações de catástrofes ambientais e humanitárias. Assim, permitindo a liberdade e escolha humana na participação do presente e futuro, significa:

*etimologicamente, a palavra silêncio remete ao latim silentium, silere, cujo significado é calar, omitir-se. Calar para omitir-se. Omitir-se para dar lugar a outro som, a outra palavra. Nesse sentido o silêncio pode nos remeter à ideia de humildade. Humildade daquele que se cala, omitindo sua voz à voz do outro.*⁴⁶⁰

458 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 32.

459 RIBARIC, S. A., *O Silêncio de Deus*, p. 25.

460 RIBARIC, S. A., *O Silêncio de Deus*, p. 27.

Na obra *Mysterium Paschale*, o abandono e o hiato da morte de Cristo se tornam temas relevantes na teologia kenótica de von Balthasar para o seguimento eclesial. O silêncio e o hiato do sábado santo estão na lógica da *kenosis*, em que diante da sensação de abandono, Deus permaneceu junto ao Filho e fiel ao propósito kenótico de amar mesmo frente à sua recusa. Trata-se da teologia que estabeleceu o hiato “da morte de Deus”, pois o “Logos de Deus morreu” e o silêncio foi a experiência da morte feita pela Trindade, através do Logos.⁴⁶¹

Von Balthasar enfatiza o nascimento da Igreja na Cruz considerando a mesma compaixão deixada e testemunhada pelo Cristo com a humanidade. A Igreja como Corpo de Cristo está ontologicamente e humanamente comprometida, através do testemunho e práxis da fé solidária, com as dores presentes na humanidade. A morte do Cristo na cruz não é um momento exclusivista da Igreja, mas inclusivo do amor solidário de Deus com o mundo. Dessa maneira, através do querigma apostólico realiza a sua missão no mundo como comunidade atenta a escutar vis-à-vis os sofrimentos presentes na história.

A solidariedade de Deus vai até o extremo do pós-morte no *Sheol*, para que não haja a possibilidade de existir a *poena damni*⁴⁶², e sim a oportunidade de sempre se poder escolher o amor. A descida do Cristo ao *Sheol* e a sua ressurreição manifestam o caminho e a força da *kenosis*, Ele se faz precisamente solidário com o ser humano na sua fraqueza pecadora em falhar no amor. Trata-se de ampliar o termo solidário que “aqui significa: gostar de ser solidário com o outro”⁴⁶³. Essa possibilidade da *poena damni* é a escolha livre do ser humano em recusar o amor doado por Deus para com ele⁴⁶⁴, contudo, a *kenosis* trinitária insiste em esvaziar-se na morte do Filho para propor o seu amor.

A *kenosis* do Cristo ao “assumir o homem e suas fraquezas”, “significa assumir seu destino concreto, com o sofrimento, a morte e o inferno, em solidariedade com todos os homens”⁴⁶⁵. O Filho assume a natureza humana se abaixando nas fraquezas para o evento soteriológico do coração da Trindade, reiterando a sua relação com o mundo. É a iniciativa dos gestos de compaixão, misericórdia e justiça em curso na sua história, atitude que consiste no movimento do amor encarnado que acontece com a *kenosis*:

461 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 79.

462 Essa pena corresponderia a condenação eterna vista como a perda de Deus. Hans Urs von Balthasar se detém sobre a *poena damni* que suportada pelo Cristo, revela a dimensão infinita do amor do Deus Uno e Trino. RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 203.

463 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 165.

464 BALTHASAR, H. U. von, *Dare We Hope: That all Men Be Saved?*, p. 260-266.

465 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 36.

*a contraposição da imutabilidade à quenose revela apenas a falta de percepção de que a imutabilidade atribuída a Deus consiste, justamente, na extrema mobilidade do amor que não pode não se mover em direção ao amado e descer ao seu encontro. Em suma, é porque o movimento do Amor é descida, não subida, que a quenose é sinal inarredável do amor.*⁴⁶⁶

A possibilidade da *kenosis* intratrinitária e econômica é, para von Balthasar, o movimento fundamental do amor. Entenda-se a saída amorosa como a *kenosis* primordial por parte do Pai, ou seja, tudo é kenótico em Deus. Ela se dá “entre as pessoas divinas em sua doação mútua: assim, só no fato da geração do Filho se daria no Pai mesmo uma espécie de esvaziamento a doação eterna e total do Filho, e por sua vez manifestado na encarnação”⁴⁶⁷. O poder divino é abrir o espaço através do despojamento, conservando os atributos imanentes da verdade, santidade e amor, e renunciando aos atributos divinos relativos ao mundo – onipotência, onisciência e onipresença. Essa é a definição revelada de si próprio que Deus mostrou no seu Filho, em ser capaz de se abaixar até a sua criatura, sem usar “poder absoluto”:

*é não “poder absoluto”, mas “amor absoluto” e cuja soberania se revela, não no apego ao que é seu, mas na sua renúncia total de si mesmo de modo que esta soberania se estende para além daquelas coisas que se contrapõem como potência e impotência. O despojamento de Deus na encarnação tem sua possibilidade ôntica no eterno esvaziamento de Deus, isto é, sua doação tripessoal.*⁴⁶⁸

Significado teológico que von Balthasar prossegue na ação reveladora de Deus na segunda *kenosis* através da vida de Jesus de Nazaré. A cruz e o abandono na morte permitem perceber que o distanciamento da vida intratrinitária, mostra a profundidade da atuação econômica da Trindade. O paradoxo da cruz indica que na fraqueza aparente de Deus reluz a sua força, pois sem o Filho ninguém chega ao Pai (Jo 14,6). Contudo, von Balthasar apresenta o hiato do “subcontrário”, para significar o período em que o Verbo divino permanece morto com os mortos, ou seja, nesse atemporal entre a cruz e a ressurreição.

O hiato do silêncio durante o fim da vida terrena do Filho é a lógica do amor manifestado, desafiando esse paradoxo do escândalo da cruz e continuando sua doação capaz de superar a rejeição, a dor, o sofrimento e a morte. O escândalo do ser humano escolher a morte e o pecado contrasta com a opção da escolha de Deus. Von Balthasar apresenta uma “crise” teológica na passagem do velho para o novo, manifestando a força de amor absoluto na ressurreição. Trata-se de com-

⁴⁶⁶ RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 44.

⁴⁶⁷ LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro*, p. 316.

⁴⁶⁸ BALTHASAR, H. U. von, *O evento Cristo*, p. 19; BALTHASAR, H. U. von, *Puntos Centrales de la Fé*, p. 128.

preender, como a força do amor é transformadora no agir de Deus até mesmo no subcontrário.

A ressurreição do Filho é a construção da ponte que atravessa os hiatos causados pela rejeição do ser humano em amar. A hora de Jesus, como salienta o Evangelho joanino, mostra o *locus teologicus* do cristão em que a voz do ser humano é calada pela cruz que lhe é imposta. A não Palavra da cruz é o desmascarar religioso da arrogância da lógica humana de não amar e de não justificar suas falhas, pois o silêncio da morte de Jesus revela os muitos mortos e calados impedidos de amarem. Trata-se do abaixamento de Deus, revelar ao ser humano livre e concretamente, mediante a sua Palavra na cruz, para possibilitar aprendermos e compreendermos as fronteiras e exigências do testemunho do seu amor. O sacrifício do Pai e do Filho não está no altar cruento do Templo, mas no seu Amor, que é autorrenúncia de si mesmo de cada Pessoa⁴⁶⁹ explicitado no hino aos Filipenses:

em obediência, referida no hino de Fl 2 como consequência do aniquilamento e abaixamento do Filho, determina toda a existência de Jesus e é a expressão de sua liberdade divina de acordo com o Pai. Assim, obedecer não decorre somente do fato de que o Filho, ao se encarnar, se tornou uma existência para a morte, mas é, principalmente, expressão do que ele desde sempre quis se tornar ao não se apegar à sua condição divina para obedecer de modo único do Pai; é a tradução quenótica de seu eterno amor de Filho, de sua eterna eucaristia em relação ao Pai.⁴⁷⁰

Von Balthasar destaca esse percurso kenótico através da inversão trinitária, ou seja, o conduzir do Espírito Santo a Pessoa do Filho durante a sua vida terrena. Trata-se de compreender que na economia da salvação não se alteram as relações da vida intratrinitária.⁴⁷¹ O sopro do Espírito Santo é enviado sobre Maria, conduz o Cristo na sua humanidade e é derramado sobre a comunidade do discipulado para o prosseguimento da missão e ação trinitária com a humanidade. A missão eclesial não é adocicada, como não foram a agonia, a crucificação e a morte de Jesus (Mc 15,30; Mt 27,46), e sim presença real nos sofrimentos e dores do mundo. A cruz do Cristo é Deus se fazendo solidário conosco até a morte, excluindo teorias possíveis de reconciliação, como, por exemplo, “o simples decreto de Deus ou a simples encarnação, ou uma só gota de sangue do Cristo tivessem já sido suficientes”⁴⁷². A compreensão da solidariedade é o assumir divino da humanidade na totalidade do plano da salvação:

469 BALTHASAR, H. U. von, Puntos Centrales da Fé, p. 150; BULGAKOV, S., The Lamb of God, p. 99.

470 RIBEIRO, C. S. M., Mysterium Paschale, p. 89.

471 LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 77.

472 BALTHASAR, H. U. von, Mysterium Paschale, p. 137.

*tornar-se solidário dos pecadores perdidos é mais que morrer por eles, representando-os de maneira exterior, mas consiste em assumir, de maneira única, todo pecado do mundo pelo Filho absolutamente único do Pai que, por causa da união hipostática, é o único capaz de tal missão.*⁴⁷³

A solidariedade de Deus com o ser humano está desde o seu Amor Criador e kenótico *ad intra* e *ad extra*, como também além da dimensão da morte e da recusa de amar da humanidade. A *kenosis* da Trindade vê o inferno como o lugar a que não havia chegado a luz do Amor, a possibilidade de se abaixar para iluminar que a criação amorosa do Pai é sempre nova, revelando até onde o seu Amor pode se abaixar para nos dar a oportunidade de conversão, amar e se reconciliar.⁴⁷⁴ Trata-se de pensar o excesso da obediência do Filho ao Amor do Pai, que possibilita sempre confiar escatologicamente nos caminhos livres do Amor.

A distância, o abandono e o hiato do Sábado Santo são vencidos pela força do Amor da Trindade que é transformadora da recusa de amar, para sempre proporciona a vida através do seu Amor que se abaixa. A salvação não se torna mérito da ascese ou vida religiosa, mas a escolha fecunda de vivenciar os abismos do desamor e viver o Amor absoluto no meio de nós.⁴⁷⁵ O Ressuscitado termina a sua missão na história soprando o Espírito do Amor (Jo 20,19-23) para que o seu discipulado prossiga na dramática do mundo, a *kenosis* do Amor. A inversão trinitária termina com o Ressuscitado voltando ao Pai, e o Amor que conjugava o Pai e o Filho atuando livremente sobre a humanidade.

Von Balthasar destaca que a prova da ressurreição não está no túmulo vazio, e sim no discipulado reunido como *ecclesia*⁴⁷⁶ para missionariamente testemunhar e ser no mundo, o abaixar-se e envolver-se com o Amor. Por isso, a ressurreição do Verbo que se fez carne, morreu e ressuscitou manifestou a força do abaixamento de Deus e a revelação econômica da *kenosis* intratrinitária.⁴⁷⁷ A condição da *kenosis* do Espírito Santo tem a sua realização possível pela ressurreição do Filho que retorna ao Pai e o envia sobre seu discipulado. Os reunidos que receberem o Espírito Santo seguirão os caminhos de Jesus, Dom do Pai, na unidade kenótica da ação econômica da Trindade.

O caminho realizado pelo Cristo ressuscitado foi para a comunidade primitiva a certeza de prosseguir no testemunho do Senhor na história. A Páscoa é a força que move o querigma dos discípulos, quando comunicam ao mundo os

473 BALTHASAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 137.

474 BALTHASAR, H. U. von, *Dare We Hope: That all Men Be Saved?*, p. 260-266.

475 BALTHASAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 169-175.

476 BALTHASAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 180-190.

477 BALTHASAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 195-205.

frutos da *kenosis* do Filho através do Espírito Santo. A expressão do Cristo “ressuscitado da morte” propõe compreender que o amor da Trindade não se deixa ser superado. A expressão joanina “o Verbo se fez carne” (Jo1,14) permite compreender a ação livre do Pai ao ressuscitar da morte o seu Filho, fazendo-se solidário com a carne humana sem fechar a força transformadora do amor. Tal mistério divino revelado como mostra o pensamento de von Balthasar, quando destaca:

devemos retornar ao mistério da kenosis, cuja primeira consequência foi a encarnação, vindo em seguida toda a existência humana de Jesus. Enquanto de um lado, a pessoa que se rebaixa até a forma servil pertencente ao Filho, e por isto mesmo, em expressão de sua liberdade divina – e. inclusivamente de sua harmonia com o Pai – durante sua existência de servo, e do outro lado, a obediência que determina toda a sua existência e não apenas função daquilo que Ele se tornou (ou seja, existência destinada a morte), mas aquilo que Ele quis ser, rebaixando-se e se esvaziando pelo despojamento de sua “forma de Deus” (e, por conseguinte, de sua auto disponibilidade divina), obedece ao Pai de um modo eminente e único, ou seja: de um modo tal, que sua obediência deverá representar a tradução kenótica de seu amor filial e eterno para com o Pai.⁴⁷⁸

A *kenosis* na teologia de von Balthasar possibilita a Igreja se compreender como discipulado presente no mundo, para ser uma comunidade de amor com e para as mulheres e os homens. Ela é entendida nos seus aspectos dos dois polos “a Igreja do ofício e a Igreja do amor, com a harmoniosa tensão entre elas, o ofício que está trabalhando no amor, ama respectivamente em primeiro lugar a sua missão”⁴⁷⁹. O primado de Pedro só ganha sentido se ele kenoticamente realiza o mesmo caminho de amor do seu Senhor Ressuscitado “Você me ama mais do que os outros?” (Jo 21,15-19). A entrega livre e como ato de amor possibilita ao ofício e ao serviço eclesial poderem caminhar juntos, e serem a realidade autêntica do amor salvífico da Trindade no mundo.

A visibilidade eclesial só é possível quando ela se abre como comunidade orante, que se põe a serviço livremente e guiada pelo Espírito Santo. A fundação teológica da Igreja está em ser comunidade reunida pelo Espírito Santo para prosseguir a missão revelada do amor do Pai pelo Filho ao mundo.⁴⁸⁰ A liberdade do Ressuscitado possibilita nascer a Igreja, que realiza o amor do Deus Trino no mundo, que só pode ser percebido através da sua corresponsabilidade em testemunhar esse amor, quando se coloca “aberta para o mundo inteiro, e que para isso foi enviada”⁴⁸¹. Os cristãos presentes no mundo são os ministros da reconciliação, realizada pela Trindade kenótica através da missão do Filho, quando se esvaziam para a real transformação frente às resistências colocadas contra o Reino.

478 BALTHASAR, H U. von, O evento Cristo, p. 58.

479 BALTAHSAR, H. U. von, Mysterium Paschale, p. 259.

480 BALTAHSAR, H. U. von, Mysterium Paschale, p. 261.

481 BALTAHSAR, H. U. von, Mysterium Paschale, p. 262.

A paciência apostólica presente nos Evangelhos será a oportunidade de testemunhar a ética cristã e a esperança, identificada na Cruz e Ressurreição.⁴⁸² A imagem do ser humano no agir no Cristo através da economia trinitária possibilita sair da fraqueza de Adão e refletir na existência cristã a loucura de Deus (1Cor 1,18) revelada: “Deus é a onipotente impotência quenótica do Amor”⁴⁸³. Teologicamente, o ritmo livre e kenótico revelam o Amor absoluto do agir trinitário sem jamais suprimir a liberdade. É além de escolher isso ou aquilo, mas sim de possibilitar a dinâmica desse amor.⁴⁸⁴ O Evangelho de João traz essa dinâmica kenótica do Amor, do seu prólogo até o evento do lava-pés, simplificando toda a Lei do seguimento através do amor ao próximo e sem espera da retribuição desse gesto, como, por exemplo, fez o *poverello* de Assis na imitação da humildade e da pobreza.⁴⁸⁵

A proposta de von Balthasar destaca que o cristianismo é digno de fé, pois prossegue o agir de Deus na história através da *kenosis* como o maior princípio evangélico. A relação do seguimento do Filho em relação ao Pai expressa a sua obediência ao se esvaziar como processo contínuo de escuta e confiança no Amor absoluto para as relações humanas:

*somente a obediência divina exige agora que Jesus se deixe mover tanto pelos homens como por Deus, e que só essa obediência faz a unidade da vida do Cristo, mantendo-se sem falha até a noite da cruz, em que lhe são tirados toda visão e contato com o Pai. É também a essa obediência, conclui, que deve ser como uma morte diante de Deus, que Cristo convida sua Igreja ao seguimento.*⁴⁸⁶

A dor, o sofrimento, o abandono e a distância não foram escolhas que merecem excesso, mas a compreensão que a decisão da escolha livre de manifestar o seu Amor intratrinitário economicamente consiste em se doar totalmente até na morte de cruz e ida ao *Sheol*. Esse caminho mostra a Trindade kenótica revelando que no amor podemos sempre esperar tudo (1Cor 13,7), e somente exige a liberdade recíproca desse amor.

A glória de Deus foi manifestada ao ser humano com a Aliança, e o Cristo como a ponte que liga a Aliança definitiva à humanidade.⁴⁸⁷ A Escritura narra esse diálogo que parte da iniciativa livre da Trindade em se revelar e se autocomunicar. Fumagalli cita von Balthasar sobre a essência altruísta de Deus no amor ao próximo:

482 BALTAHSAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 266.

483 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 33.

484 BALTHASAR, H. U. von, *Engagement with God*, p. 15.

485 BALTHASAR, H. U. von, *Metafísica. Edad Antigua*, p. 340-342.; BALTHASAR, H. U. von, *Dante viaggio attraverso la lingua, la storia*, p. 15.

486 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 174.

487 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae Man in God*, p. 18-21.

A autocomunicação de Deus na história da salvação possibilita ao homem o altruísmo próprio da comunhão trinitária. Ninguém pode receber em si mesmo Deus apropriando-se dele, porque Deus é, por essência, transferência do que lhe é próprio para os outros, e só o “conhece” e “possui” quando se expropria e se transfere a outro aquilo que nos é próprio” (Von Balthasar, H. U. Glória, Um’ estética teológica: Nova Aliança, p. 359). Não existem, portanto, dois amores, para Deus e para o próximo, mas um só amor, o de Deus, que envolve os homens no amor ao próximo.⁴⁸⁸

O Espírito Santo desempenha a obra da salvação junto ao Pai e ao Filho, através da sua *kenosis* amorosa na efusão do amor nos personagens bíblicos da Aliança e da Nova Aliança. Esse Espírito realiza no seguimento e discipulado de Cristo a reunião de todos que o testemunham no mundo.⁴⁸⁹ Von Balthasar propõe a Igreja como comunidade reunida pelo Espírito para comunicar o amor do Pai encarnado no seu Filho, através da abertura eucarística ao mundo.

A chave teológica de Hans Urs von Balthasar está em compreender a relação do ser humano e a Trindade, através da *kenosis* das Pessoas trinitárias e a liberdade humana de responder ou recusar o seu amor. O esvaziamento e a entrega do amor trinitário são a possibilidade para compreendermos Deus como compassivo, amoroso e misericordioso. Trata-se da proximidade das relações humanas entre si, que a Igreja neste mesmo movimento kenótico e trinitário precisa realizar na sua missão pastoral. Essa questão fundamental da teologia balthasariana propõe um exercício fecundo para a compreensão das realidades e a atuação missionária, através do se abaixar kenótico.

A preocupação teológica desenvolvida por von Balthasar na relação de Deus e o ser humano, e dele entre si e o outro, é proposto no *Teodrama* a descobrir possibilidades de caminhos de humanização. O Verbo feito carne é o paradigma para se construir teologicamente a proposta de convivência humana.⁴⁹⁰ São as relações livres do Filho mesmo diante da dor e do sofrimento, como na cruz. A prova da solidariedade de Deus Trino se torna manifesta no desejo de amar a humanidade, escolhendo entrar na história humana nas mesmas condições. E essa foi a opção e a lógica do Deus Trino:

O Deus que Jesus nos apresenta é um Deus do rebaixamento, kenótico, do total aniquilamento de sua divindade e que adquire a condição de servo, em contraposição do Deus mágico e majestoso que é sempre esperado pelo homem. A presença de Deus nas catástrofes e nas grandes tragédias da humanidade, sempre foi despercebida, menosprezada, questionada. (...) Deus na sua escolha: dentro do sofrimento do homem, na vergonha e na humilhação a que o homem sujeita seu semelhante, na fraqueza do pobre e do desamparo

488 FUMAGALLI, A., Caminhar no amor, p. 34.

489 CODA, P., La Trinitá, p. 32, 36, 40.

490 HAAS, A., O princípio de teatralidade em Hans Urs Von Balthasar, p. 128-134; PEZZINI, A. A., Hans Urs von Balthasar (1905-1988) Somente o amor é digno de crédito.

*e na loucura da cruz de Jesus Cristo. A morte de Jesus não estava nos planos de Deus quando criou o homem. O sofrimento do homem também não.*⁴⁹¹

A unidade do agir salvífico do Deus Trino acontece através das relações entre as Pessoas trinitárias entre si, junto com a singularidade da missão de cada uma delas, especialmente nas processões do Filho e do Espírito. A encarnação do Filho e o Pentecostes do Espírito acentuam a unidade com o amor absoluto do Pai, permitindo compreender e conhecer a unidade e diversidade das Pessoas da Trindade. O Pai que na missão das demais Pessoas trinitárias revela-se a si mesmo e mostra na economia das missões e processões a intimidade divina (Ef 1,3-4).

O amor kenótico do Pai em sua benevolência, fidelidade e misericórdia possibilita a doutrina da *kenosis* ser pensada no ato impensável de ser eterna doação de si mesmo. O Deus veterotestamentário como *go'el*, defensor dos vulneráveis, manifestou a glória do seu amor ao mundo na missão do seu Filho encarnado. Trata-se de como Deus tornou-se próximo e acessível do ser humano, mantendo o movimento contínuo do seu ato de amor realizado com a Criação.⁴⁹² A encarnação envolve o ser humano na sua essência, e nesta *kenosis* mantém a sua intimidade com o Pai e a sua presença histórica na Criação:

*as articulações teológicas de Balthasar a respeito da kenosis partem sempre do Pai como aquele que envia, e do Filho como a chave principal do seu estudo e compreensão trinitária. No Evangelho de João, em especial, a unicidade da pessoa de Jesus exprime-se através da relação trinitária e com o objetivo soteriológico de sua missão.*⁴⁹³

As obras teológicas de von Balthasar, como *Teodrama*, desenvolvem-se em vários aspectos da história da salvação como Deus vivo e verdadeiro, em seu grande drama da Criação, aparecendo Ele próprio no centro palco com a encarnação do seu Filho onde se revela e entra pessoalmente nesse drama. Manifesta a sua glória através do seu amor capaz de enfrentar as fraquezas humanas assumidas, pois o Filho se fez homem, e mesmo com o repúdio do ser humano ao seu amor participou até o fim da dramática encarnada: “amou nos até o fim” (Jo 13,1).

O Deus vivo e verdadeiro na sua missão *ad extra* manifesta a sua onipotência através do se fazer impotente no servir e amar no mesmo palco da criatura. Esse aparente fracasso da missão encontrada na cruz desvela a estética teológica de Deus, a sua beleza, bondade, verdade e o seu amor absoluto, que não se envergonha de se abaixar e atuar livremente no cenário da vida humana. O Deus Trino revela na sua *kenosis* o seu amor, ao mesmo tempo que, solidariamente,

491 RIBARIC, S. A., O silêncio de Deus, p. 23.

492 BALTHASAR, H. U. von, A Theology of History, p. 114.

493 RIBARIC, S. A., O silêncio de Deus, p. 129.

experimenta as fragilidades humanas, realizando o seu amor real e próximo ao ser humano ao invés de distante e fora do mundo.

O texto da missão teodramática é o próprio gesto do se inclinar de Deus sobre a Criação, propondo o ser humano a se esvaziar da busca egoísta de domínio de si e do outro. Essa proposta oferecida ao ser humano está na comunidade reunida por Jesus para a vivência e práxis do seu mandamento do amor (Jo 13,31-35). Assim, a missão de Deus alcança o maior e irrepetível momento da história através da encarnação, mostrando a verdadeira face de Deus. Trata-se de Deus se fazer acessível à humanidade e responder ao silêncio das dores e sofrimentos, criando essa via de acesso através do seu Verbo encarnado por meio do seu Espírito. E assim descreve von Balthasar a relação de cada Pessoa no *Teodrama*:

Em Deus, a radical relação recíproca desse tipo pode somente ser pessoal. Aquilo que eles realmente são em si, no entanto, nós podemos somente ler a atitude de Jesus para a o Pai no Espírito e de sua atitude para o Espírito, Ele que – junto com o Pai – deseja o enviar do Pai – É possível chamar este modo da pessoa sendo em Deus “superpessoal”, se um deseja reservar o (teologal) conceito de “pessoa” para a identidade do seu ser e missão; mas, como nós temos dito, esta reserva é necessária porque, em Jesus, sua Pessoa é um com sua missão – a qual a relação recíproca ele goza com Pai que é quem o envia, e o Espírito Santo quem promove junto a eles a comunicação.⁴⁹⁴

Nesta missão, mesmo Deus não precisando ontologicamente do mundo para seu ato de amor, Ele é capaz de se comprometer com o seu drama através da encarnação do seu Filho. Deus se comprometeu consigo mesmo no ato da Criação e, sendo livre, possibilita o ser humano também a ser livre. O roteiro da missão evoca o ato da encarnação, sendo escrito a cada movimento histórico de Jesus com as pessoas encontradas no seu caminho. O conceito de kenosis é ampliado e estende o conceito da relação divina e humana do Cristo:

a encarnação do Filho, como fato histórico e único em que se revela o ser e o amor do Criador, ao mesmo tempo em que se revela também o ser e o pecado da criatura. Essa kenosis do Cristo não significa de modo algum o abandono de seu Ser-Deus: a encarnação é uma mudança de forma e não de essência. Logo, a kenosis não é simplesmente um auto aniquilamento, mas um entrar em sincronismo com a existência finita, vivendo sob as limitações dessa criatura para, com isso, compartilhar e sofrer as mesmas violências que o homem histórico vive.⁴⁹⁵

Também a lógica missionária do Deus Trino surpreende a lógica humana:

uma lógica totalmente diferente da lógica humana que contrapõe conceitos de “potência” e “impotência”. Jesus ao encarnar-se, configura uma autolimitação do divino, renuncian

494 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 511.

495 RIBARIC, S. A., *O silêncio de Deus*, p. 124.

*do aos atributos reconhecidos como próprios da divindade em relação ao mundo, como onipotência e onisciência.*⁴⁹⁶

A *kenosis* demonstra como o amor é paciente e tudo espera (1Cor 13,7), se fazendo presente e experimentando solidariamente todas as alegrias e dores da existência humana. Responder a esse amor paciente é amá-lo com toda inteligência e força (Dt6,4-5), e transformar as relações humanas na expressão da fraternidade e convivência social solidária. Trata-se de compreender que a *Missio Dei* é o fruto do amor do Pai por toda a sua Criação e que se torna amor expandido através do Filho e do Espírito Santo. A Trindade presente na humanidade pelo Filho encarnado torna-se esse cuidado reconciliador do ser humano quando: “servindo e lavando os pés de sua criatura, se mostra no que tem de mais propriamente divino e manifesta a sua glória suprema”⁴⁹⁷. A proposta balthasariana é formulada e apresentada nessa na relação de obediência e amor, como formula Ribaric:

*Essa missio não pode ser compreendida como uma obediência cega a uma ordem que se deve seguir: Deus Pai não pode ser visto como poder absoluto que exige adesão-absoluta provinda desse seu poder, mas como amor-absoluto. Isso constitui um dos aspectos da teologia de Balthasar, também retirado da patrística e ainda fundamental para a teologia trinitária contemporânea sobre a soberania divina e a renúncia total de si mesmo, na absoluta unidade.*⁴⁹⁸

Deus, na sua própria escolha, mostra o *lócus* da sua presença onde estão o sofrimento, a vergonha, a humilhação, as fraquezas, ou seja, criando a proximidade e o acesso com o ser humano.⁴⁹⁹ E assim amplia esse conceito de missão:

*o conceito de “missão” que consta de dois elementos. Primeiro, existe a relação com quem envia, e por quem está presente na missão, identificado com quem é enviado. Segundo, existe a missão de perspectiva de futuro: devendo-se ser cuidadoso com as energias humanas de quem é enviado, assim ele é livre, e a implementação será com as circunstâncias que precisam ser consideradas, planejadas e testadas. (...) Jesus na sua missão no mundo possui a estratégia de Deus, em um mundo marcado pelo pecado, rejeitando o que lhe afasta da missão do Pai.*⁵⁰⁰

A *missio Dei* é a Trindade participando do drama humano em cena e não como expectadora, renunciando a dirigir ou julgar, e sim atuando com o ser humano. Na processão de cada uma das Pessoas, von Balthasar apresenta as relações amorosas entre elas como o Filho que procede desse amor do Pai, e ex-

496 RIBARIC, S. A., O silêncio de Deus, p. 128.

497 BALTHASAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 14.

498 RIBARIC, S. A., O silêncio de Deus, p. 120.

499 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ.*, p. 151-157.

500 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ.*, p. 168.

piram o Espírito Santo. O Pai que ama o Filho com o seu Espírito Santo tem um significado profundo de gerá-lo e enviá-lo para a sua missão na Criação. Isso se dá de forma livre e de abandono:

prévia decisão divina que implica o abandono da forma Dei e, só depois, tentar pensar como tal abandono é possível a um Deus a quem não se pode atribuir mudança, nem sofrimento, nem obediência de ordem criatural. Dito em outras palavras, há que pensar o abandono em Deus e, a seguir refletir sobre o que essa forma Dei nos diz de Deus em si mesmo.⁵⁰¹

A geração do Verbo garante a unidade e a individualidade das Pessoas da Trindade, que pericoreticamente se constituem na doação mútua e recíproca da sua comunhão. A *kenosis* da encarnação do Filho, apesar de se distanciar da eternidade do Pai, se mantém unida através do amor, através da sua condução pelo Espírito Santo. Elaborando a teologia dos três dias, von Balthasar aprofunda o conceito de *kenosis* com a relação livre e encarnada das Pessoas da Trindade no Filho, e as conseqüências e caminhos de abandonar a *forma Dei*:

Devemos retornar ao mistério da *kenosis*, cuja primeira conseqüência foi a encarnação, vindo em seguida toda existência humana de Jesus. Enquanto de um lado, a Pessoa que se rebaixa até a forma servil pertencente ao Filho divino é a expressão de sua liberdade divina – e, inclusivamente, de sua harmonia com o Pai – durante sua existência de servo, do outro lado, a obediência que determina toda a sua existência é não apenas função daquilo que Ele se tornou (ou seja, existência destinada a morte), mas aquilo que Ele quis ser, se rebaixando e se esvaziando: alguém que pelo despojamento de sua “forma de Deus” (e por conseguinte, de sua auto disponibilidade divina), obedece ao Pai de um modo eminente e único, ou seja, a sua obediência representará a tradução kenótica de seu amor filial para com o Pai.⁵⁰²

A encarnação do Filho é a expressão do amor do Pai que em Jesus de Nazaré entra na existência finita e vive as limitações da criatura e da história.⁵⁰³ A relação “vertical” aconteceu somente no movimento de descida ao presépio, significando que Deus manteve o seu ser, mas no seu ato livre de *kenosis* na encarnação do Filho expressou a sua vontade de realizar as suas ações com liberdade. A consciência filial de Jesus através do Espírito o conduz à sua missão e atuação livre em fazer a vontade do Pai. Por isso, Jesus faz da sua missão a vontade do Pai sem suprir a ordem da temporalidade e suas conseqüências, que não são previstas e nem calculadas.

O paciente caminho de Jesus se dá nas parábolas do Reino, que propõem um seguimento ao projeto do Pai para a humanidade: viver o amor da Criação. A missão do Filho é a autêntica assinatura da Trindade na Criação, e torna-se o

501 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 28.

502 BALTHASAR, H. U. von, *Mysterium Paschale*, p. 58.

503 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 520.

paradigma kenótico para o ser humano amar e servir.⁵⁰⁴ Assim a obediência do Filho traduz economicamente o amor livre que tem com o Pai. A palavra obediência merece ser compreendida no seu profundo significado de escuta, que vem de *ob-au-dire*, ou seja, estar atento a cumprir aquilo que se escutou e se confiou. Ela possui o duplo movimento de oferta e aceitação do envio do Pai, sendo liberdade e obediência “um” na missão do Filho.

A identidade de Jesus consiste no seu vir ao mundo e viver pelo Pai a sua missão em favor da humanidade. A sua forma de agir determina a missão de anunciar e realizar o advento do Reino, pois na *Missio Dei* o Pai envia o Filho ao mundo e depois o Filho, em relação com Ele, envia também o Espírito Santo. A missão da Trindade no mundo através do Filho pressupõe a existência do Pai, do próprio Filho e do Espírito Santo, que exprime o ser uno e de recíproca comunicação.⁵⁰⁵ O ágape do Pai, revelado no Filho, se faz presente no meio da humanidade através do Espírito Santo, correspondendo à comunhão das Pessoas divinas nessa missão.

O Filho escutou o amor do Pai para consigo e à sua Criação, e na sua missão se doa e se entrega a qualquer consequência para o caminho de reunir um povo em seu amor. Von Balthasar salienta que a obediência do Filho está em cumprir a sua missão não decidindo por si mesmo, mas livremente, conhecendo a vontade do Pai, ir até os últimos desse amor e aceitar as consequências desta escolha de amar como o Pai. A Pessoa e a missão do Filho possuem uma relação pericorética e íntima com as demais Pessoas da Trindade, fazendo o movimento kenótico ser a inter-relação da responsabilidade trinitária em atuar no mundo. Tratando-se de realizar a obediência através dos gestos kenóticos de assumir as causas dos últimos, desprezados do amor humano, mas não do amor divino:

*“assumir o homem” significa assumir seu destino concreto, com o sofrimento, a morte e o inferno, em solidariedade com todos os homens. É o que claramente se vê na afirmação de alguns Padres acerca da unidade desse movimento como a revelação do mistério do ser íntimo de Deus.*⁵⁰⁶

A *kenosis* apresenta a significação profunda do abaixamento de Deus, pois na encarnação-morte-ressurreição do seu Filho afirma o seu ser divino e exalta, através da sua humanidade, a graça que consiste em revelar a verdadeira humanidade livre do pecado. Essa perspectiva kenótica sublinha a missão do Filho e determina a sua existência, que caminhou através do amor para a morte. Deus se faz solidário conosco até a morte, e não reconcilia e ama o mundo por decreto, mas por escolha através da encarnação do seu Filho. Sendo o seu:

504 BALTHASAR, H. U. von, *Las ausencias de Jesús. Geist und Leben*, p. 329-335.

505 BALTHASAR, H. U. von, *Points de repère*, p. 40-45.

506 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 36.

*envio (missão) e a sua obediência, longe de significar uma submissão a um mandato adicional do Pai, são a revelação do seu esvaziamento na sua eterna processão em Deus (Jo 8,42). A missão supõe, como condição de possibilidade, que o enviado tenha atestado desde sempre junto de Deus como aquele que é eternamente gerado e eternamente dá graças ao Pai pela geração equessencial, ou, como confessamos no Credo, por ser consubstancial ao Pai.*⁵⁰⁷

A missão do Filho mostra que o poder de Deus não é violento e nem autoritário e não modifica os caminhos da história pela força ou imposição, mas sim através do seu amor.⁵⁰⁸ Ao contrário, constrói com proximidade e liberdade através da solidariedade, compaixão e misericórdia, ao lado dos feridos, os novos caminhos de reconciliação. Os rejeitados e afastados pelo sistema religioso, político e de ódio ao amor de Deus que é vida plena na sua Criação (Jo 10,10) encontram na missão do Filho e na sua cruz o sinal do amor solidário de Deus que nos reconcilia. Ribaric confirma o estudo da importância de se compreender a decisão comprometida da Trindade na entrega de Jesus à morte como ato consciente da decisão assumida e não fato “mágico religioso”:

*A morte de Jesus foi uma consequência de Sua vida e do cumprimento da Sua missão: Jesus paga com seu sangue as ousadias das suas ações. (...) Mas é Ele quem determina o tempo cronológico para que isso ocorra, ou seja, ao término da Sua missão, segundo Balthasar, consciente que a razão de sua existência é apenas esta: “Tenho de receber um batismo, e como me angustio até que se cumpra!” (Lc 12,50).*⁵⁰⁹

A dinâmica da *kenosis* de Deus está no ser humano poder se aproximar dele através do caminho aberto pelo seu Filho, possibilitando sempre relações de abertura ao outro. Essa teologia traz as consequências que foram assumidas pelo Cristo, para que a pessoa humana realize o divino no concreto das suas realidades, confirmadas pela realização do amor. A vivência na missão do Deus-homem através da *kenosis* tem a correspondência da liberdade divina e humana na realização do caminho da Trindade, para sempre estar na direção do encontro com o ser humano.

A *kenosis* da Trindade traz a Igreja à necessidade permanente de se renovar para deixar brilhar a glória de Deus no meio do seu povo. Em todos os tempos, o mistério da manifestação do amor de Deus pela sua criação e o ser humano está na dinâmica da história, e sujeito às condições das escolhas dos povos. A Igreja reunida no amor da Trindade e continuadora da missão do Filho através do Espírito deve se abaixar e oferecer o diálogo gerador de comunhão e solidariedade fraterna.

507 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 90.

508 LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro*, p. 57.

509 RIBARIC, S. A., *O silêncio de Deus*, p. 140.

O discipulado do Cristo encontra em seus passos como direcionar a sua missão com a do Mestre. Ele deve viver compreendendo a missão do Cristo como direção e mensagem fundamental para possibilitar, nas culturas e horizontes humanos, o significado da proximidade de Deus na história.⁵¹⁰ O evento Cristo é a certeza histórica que Deus está nela, e possibilita na reunião dos cristãos o testemunho da certeza do dogma central da fé cristã: Deus está no meio de nós e de toda a sua Criação:

Esta kenosis do Cristo, consumada na morte e na cruz, é o ponto de origem da Igreja e do cristianismo. Este é ponto incompreensível da força de Cristo, para quem o escuta e o segue. Como Cristo recebeu do Pai a sua força redentora na sua vida, também ele na sua Páscoa sopra o Espírito para a Igreja.⁵¹¹

A teologia trinitária e kenótica do teólogo jesuíta permitem contemplar o mistério e a ação da *Missio Dei* para buscar responder as indagações do mundo. Essa dimensão teológica propõe a abertura aos acontecimentos e realidades marcados pela vulnerabilidade humana através de um Deus de compaixão e misericórdia, que ama e está presente na história. A missão do Cristo traz consigo um caminho questionador das estruturas que crucificam e oprimem, mantendo a fidelidade ao projeto e serviço do amor absoluto da Trindade.

3.1.2 *Veni Creator Spiritus*: o movimento dinâmico do Espírito no mundo e na Igreja

O movimento do Espírito evidencia intrinsecamente a relação pneumática entre Cristo e o discipulado nas suas diversas comunidades, que formam a Igreja espalhada e presente no mundo. Von Balthasar, na sua obra *Spiritus Creator*, destaca que “o Vaticano II orientou de modo distintivo a sua reflexão através desta abertura, e estimulou os cristãos a fazerem essa mesma abertura, propriamente, o período pós-conciliar é um tempo ao ensino do Espírito Santo”⁵¹². A unidade eclesial e sua atuação missionária no mundo acontecem dentro da dinâmica ousada do movimento amoroso e corajoso do Espírito Santo, como afirma von Balthasar:

A missão do Espírito Santo, efuso do Pai em nome do Filho (Jo 14,26) como dom do Pai a Ele (Jo 15,26). Espírito de Deus que envia e é enviado, unidade e compêndio de Deus que não se fez mundo, e de Deus que o mundo fez, Espírito da reciprocidade do amor no íntimo da divindade, que nos veio comunicado porque participamos e nos valem na

510 BALTHASAR, H. U. von, A Theology of History, p. 120.

511 BALTHASAR, H. U. von, Church and World, p. 29.

512 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. XIII.

*reciprocidade humana. Espírito que conclui a revelação do Pai, o Filho, ao mundo, tirando-a e mantendo-a e resolvendo-a no eterno, para explicá-la ao infinito na sua intrínseca infinitude, através da própria efusão sobre a Igreja e o mundo.*⁵¹³

Von Balthasar também destaca que essa abertura da Igreja para o mundo traz perigo e medo para os eclesiásticos, que preferem manter a sua segurança dentro da instituição, fechando-se ao diálogo necessário e à secularização. A Igreja é conduzida pelo Espírito Santo para estar presente na vida cotidiana das pessoas e “em todas as periferias”⁵¹⁴, pois na economia da Trindade o Verbo encarnado-crucificado-ressuscitado sopra a criatividade em todas as novas gerações.⁵¹⁵

O Espírito Santo é o amor através do Pai e do Filho, que opera e conduz a humanidade, pela fé no Deus vivo, a discernir no tempo de *krisis* as aberturas necessárias para a vida. A sua efusão é o movimento amoroso que permite a humanidade responder ao amor absoluto do Deus Trino. Por isso, o encontro de Deus com a humanidade no Cristo, que se tornou nosso irmão, permite que o seu amor através do Espírito Santo possa agir nas decisões e atos humanos, ou seja, como “o explicador”⁵¹⁶.

A fé das pessoas simples que vivenciam os ensinamentos do Evangelho (Mt 11,25) é abertura para que o Espírito Santo movimente o seu amor no mundo, e com quem a Igreja sempre deve estar. A Igreja necessita sempre estar atenta a escutar o Espírito que não fala dentro dos palácios curiais ou com os sacros preladados e exímios sacerdotes, mas aos pobres e simples que se abrem à ação contínua do Verbo. Afirmação da opção trinitária através de Jesus pelo seu Espírito:

*A simplicidade de Jesus e da sua palavra vem marcada aos simples, aos sim-plices; são os mesmos que no Antigo Testamento tomavam o nome de “pobres” e pelos quais somente valeram as promessas. (...) A simplicidade de Jesus e aquela dos “pobres de espírito”, está o ponto mais precioso, mas também o mais vulnerável da Aliança; por isso os “ais” de Jesus contra os sedutores dos pequenos são diretos contra os que corrompem a simplicidade da fé.*⁵¹⁷

Escutar o Espírito Santo é a proposta balthasariana para a Igreja prosseguir na história a continuidade da *Missio Dei* através da *kenosis* da Trindade, continuada na missão eclesial. A dinâmica pneumatológica através do Evangelho está na vivência comunitária com a fé dos mais simples, como foi a inspiração conciliar e a necessidade de um *aggiornamento* constante do Espírito nas prima-

513 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 298.

514 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. XIII.

515 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. XIII.

516 O termo explicador vem da tradução de *ausleger* e *auslegung* presente na obra original de von Balthasar *Spiritus Creator*. Também possível a tradução de intérprete ou explicador. Na obra italiana utilizada nesta tese, o termo explicador parece mais apropriado.

517 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 54.

veras eclesiais, mesmo diante dos invernos rigorosos que possam existir. A *reforma semper reformanda* permite a Igreja se abrir aos ventos primaveris da história ao invés de se fechar em si mesma, e ao sopro do seu Senhor Ressuscitado:

*O aggiornamento quer renovar e encorajar as estruturas periféricas, para pôr em liberdade o olhar e o modo dos apontamentos sobre o núcleo pressuposto intacto, luminoso, credível; pois a reforma pode proceder pela graça, de tanto em tanto tempo, uma forma histórica nova.*⁵¹⁸

O Espírito Santo agiu na Igreja durante o Concílio Vaticano II como uma levedura que a impeliu passar do que está obsoleto e mundano para uma reforma renovadora que a possibilite estar viva e presente no mundo, como foi a encarnação do Verbo. Mostrou ser preciso superar a tentação mundana de ser ela mesma com o clero ao centro, e ter a grande ousadia do Evangelho de Cristo em direcionar a sua saída de encontro ao mundo. Revelar sua visibilidade através da fraternidade para permitir realizar essa abertura.

A *kenosis* do Espírito Santo está a partir do Filho Ressuscitado, que infunde a recíproca relação entre Deus, a Igreja e o mundo continuada na história. A presença do *Pneuma* na Igreja a possibilita “discernir os singulares sintomas a quem suaviza a impetuosidade, para estimular e promover, segundo aquilo que abraça”⁵¹⁹. Essa força vivificante (1Cor 15,44s) é *dynamis* através do carisma (1Cor 2,10-15) que propõe a *diakonia pneumatosa* (2Cor3,8) aos cristãos na sua opção de serviço e amor. Sobre esta força dinamizadora aprofunda von Balthasar:

*Por Pneuma fundamentalmente se pretende que a esfera do amor do Pai seja abertura aos homens, amor que se é testemunhado mediante o Filho; e é uma esfera, para cujos homens no futuro são chamados, para existir na qual são enviados. É uma única esfera, e ainda o Espírito pode ser designado, no entanto, sem distinção como o Espírito de Cristo, mas se Ele está nesta esfera enquanto comunicação do amor de Deus, se pode falar expressamente do seu amor-próprio, do ágape do Pneuma.*⁵²⁰

Von Balthasar destaca que “o Espírito Santo através do tempo faz nascer na Igreja sempre novas formas criativas do mais radical seguimento de Cristo”⁵²¹, como, por exemplo, Joaquim de Fiore, que destacou no espaço tempo essa abertura, e Francisco de Assis, na realidade de ser um inspirado do Espírito nas suas atitudes e formas eclesiais. Estar aberto ao Espírito é compreender através dos sinais dos tempos os novos e ousados caminhos para a vivência transformadora da própria *ecclesia* e da sociedade:

518 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 59.

519 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 97.

520 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 98.

521 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 111.

*perceber tais sinais não é absoluta execução da rigorosa prescrição de Cristo, que ordena compreender os sinais escatológicos do tempo, e então rastreá-los com atitudes de obediência e com o discernimento dos espíritos? O cristão no presente deve divinizar o futuro com o mesmo instinto com que os agricultores sabem interpretar o tempo meteorológico que vem.*⁵²²

A relação kenótica do Espírito Santo agindo no mundo com a Igreja está na “Páscoa e Pentecostes como núcleo de um único evento”⁵²³, significando que o futuro está na esperança de suportar as tensões conflituais e permanecer na paciência que exige o Evangelho. Assim, o amor da efusão do Espírito é essencialmente criativo, permitindo abertura às novidades vindouras do futuro. Trata-se de interpretar os sinais dos tempos que indicam sempre as perspectivas do futuro, e a capacidade evangélica de estar no presente sem perder a esperança do que há de vir.

Essa força pneumatológica da Igreja ser sinal de esperança e serviço evangélico no mundo encontra sua práxis no pensamento eucarístico joanino: o lava-pés. A imagem de um serviço escravo antes da condenação à morte na cruz deixa para a comunidade, nesse serviço doméstico e no diálogo com Pedro, a esperança através do Espírito para a compreensão desse caminho. O sopro do que se abaixou, lavou os pés, morreu e ressuscitou traz à Igreja uma esperança que o serviço kenótico celebrado a fará existir no amor. Assim, temos a imagem joanina como a proposta renovadora da Igreja servidora no mundo através do Concílio do Espírito Santo⁵²⁴ realizado no Vaticano II. Von Balthasar, a partir da ação do Espírito Santo através de dom de amor do Pai e do Filho, destaca o ser da Igreja como sendo dinâmica na sua missão no mundo:

*O ser da Igreja, como missão, é inseparável da sua obra, e o amor de Deus para ser pregado e visto é o princípio da união da humanidade no espírito da fraternidade – expressou a inteira mensagem essencial do Concílio. “Todos os homens são chamados a esta união com Cristo” (LG 3), mas quem diz homem, diz mundo como cena, como ao longo da representação e da autorrealização, antes como “corpo” do homem, com isso quanto a Igreja, na sua missão dinâmica, irradia no mundo como “sinal da presença divina” (LG 9) nisso, se deve atuar nela. “A atividade missionária tende para (...) plenitude escatológica” (AG 9) do mundo redimido.*⁵²⁵

Von Balthasar prossegue destacando a missão da Igreja através do Filho e a do Espírito Santo como plano de amor do Pai. Essa afirmação está presente

522 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 114.

523 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 122.

524 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 195.; BALTHASAR, H. U. von, Puntos Centrales de la Fe, p. 85.

525 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 189.

na *Ad Gentes*, que salienta a missão evangelizadora da Igreja Povo de Deus como a manifestação do amor de Cristo. O laicito como a grande força missionária do povo de Deus é o fermento do Evangelho através do testemunho para a transformação do mundo. Dessa forma, a presença viva “nas propostas sociais, políticas e econômicas prepara a matéria do Reino de Deus”⁵²⁶ pela práxis do mandamento da caridade. A missionariedade da Igreja só é possível com a consciência de cada batizado com sua responsabilidade de estar inserido no mundo, e propondo “a construção de um mundo mais humano”.⁵²⁷

O apelo à responsabilidade dos batizados no mundo e a resposta de cada um deles “acontece em contínua conversão”⁵²⁸, nos mais diversos lugares onde se faz necessário o chamado missionário de ser presença transformadora. Nessa proposta de a Igreja estar inserida no mundo através da dinâmica do Espírito, ela, com os membros batizados, atua como promotora do bem comum e da coletividade para que a educação, as políticas públicas e a economia estejam a serviço de todos. A frente da atuação missionária da Igreja será conduzida pelo Espírito Santo, principalmente onde estão a miséria e as relações distorcidas do trabalho.⁵²⁹ Como destacou o Concílio do Espírito:

*O Concílio incessantemente lembra aos pobres, e precisamente sob cada forma pauperes et tenuiores (CD 13): os “pobres, pequenos, enfermos, pecadores, incrédulos (que são particularmente recomendados aos sacerdotes) (Cf. OT 8; PO 6); os “emigrantes, os exilados, os refugiados, os marítimos, funcionários do transporte aéreo, os nômades (que se insiste que estejam no coração dos bispos)” (CD 18); os “vulneráveis (que são recomendados aos leigos)” (AA 8); os “pobres sobretudo” (GS 1) que estão na primeira frase da constituição sobre a Igreja no mundo contemporâneo.*⁵³⁰

E prossegue von Balthasar sobre o ser missionário e eclesial, que o Espírito Santo, Pai dos Pobres, inspira a Igreja Conciliar estar e testemunhar como a obra da Trindade, onde:

*“a miséria da maior parte do mundo é ainda urgente, pois aparece no apelo de Cristo que reclama esta urgência da caridade nos seus discípulos” (GS 88). Ainda é necessário fazer tudo com os não cristãos – para remediar o escândalo da atual distribuição dos bens.*⁵³¹

O Concílio Vaticano II apresenta ao cristão a proposta de estar inserido no mundo e atento para ser colaborador através do diálogo para a superação das

526 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 191.

527 GS 37.

528 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 193.

529 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 194.

530 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 194.

531 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 194.

causas que ferem a dignidade da vida. Von Balthasar ressalta a *dynamis* do Espírito que propõe à Igreja “com a palavra diálogo, tanto usada pelo Concílio”⁵³², poder realizar a renovação eclesial e ir ao encontro das realidades humanas feridas. Essa proposta do diálogo *ad intra* e *ad extra* é proferida através da necessidade de se abaixar e se aproximar do mundo, para ouvir e se colocar a serviço.

Von Balthasar, interrogado sobre o período que se iniciava após a realização do Concílio, sempre destacou que “o Vaticano II produziu muitos textos, mas a letra não dá vida, é preciso perceber o Espírito que anima esta grande selva de papel”⁵³³ e a parresia necessária no caminho, pois “é preciso mantê-lo vivo, mas para isso não é necessário um outro Concílio”⁵³⁴.

O Espírito Santo movimenta a Igreja estar no mundo através do seguimento do Cristo pobre e humilde, estando sempre aberta a Ele. A pneumatologia de von Balthasar destaca a relação do Espírito no movimento kenótico da revelação e da atuação eclesial a partir do Concílio Vaticano II, quando traz a novidade de a Igreja repensar a sua presença missionária e estrutura vivificada pela força do Espírito, junto ao povo de Deus. Assim, o agir eclesial não será fechado em si mesmo, mas em constante abertura às questões presentes na humanidade e de relação ecumênica:

O Concílio fez as coisas mais difíceis, e não as mais fáceis. Foi como nenhum outro o Concílio do Espírito. Na verdade o Espírito procede do Pai e do Filho; do Pai, que criou o mundo e os seus ordenamentos, do Filho, e o Filho que redimiu o mundo com a cruz e a extrema renúncia. Mas não se trata de duas esferas justapostas, pois o Pai criou todas as coisas em vista do Filho, e o Filho redimiu todas as coisas em vista do Pai, por levar o Reino ao cumprimento. O Espírito é pois a unidade suprema entre o mundo da criação e da Igreja, é terreno e espiritual, no sentido de fecundar através do Espírito a mesma liberdade entre o reino e o Pai e aquela do Filho, vinda espirada através do Filho (do mundo para a Igreja), até do Filho através do Pai (da Igreja para o Mundo).⁵³⁵

Diante do Concílio Pneumatológico e dos seus apelos para a missão, é suposto deixar as velhas questões como “liturgias clerocêntricas que dificultam para o nosso tempo ‘a participação consciente e ativa’ (SC 14)”⁵³⁶ de todos os batizados. Essas liturgias tornam-se obstáculos a superar na renovação proposta para a Igreja hoje, em que é preciso proceder com paciência e não esquecer de valorizar os elementos existentes na vida cotidiana e popular do Povo de Deus. Esse clerocentrismo é analisado por von Balthasar como o perigo de muitos ecle-

532 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 195.

533 SCOLA, A., *Viagem Pós-Concílio*, p. 81.

534 SCOLA, A., *Viagem ao Pós-Concílio*, p. 81.

535 BALTHASAR, H. U., von, *Spiritus Creator*, p. 202.

536 BALTHASAR, H. U., von, *Spiritus Creator*, p. 203.

siásticos fechados às questões da modernidade, impedindo o protagonismo do laicato maduro para ser no mundo o sinal da presença da Trindade.

O Espírito Santo, que sopra onde quer e procede do amor do Pai e do Filho, inspira a Igreja a estar aberta pastoralmente, a repensar os tempos novos com seus desafios e avanços:

*ela permanece sempre consciente da sua missão para com o Cristo, então sendo a única norma, segundo a qual deve dirigir-se no anúncio dos tempos novos, permanece o Espírito, o qual é o Senhor de cada transposição da mensagem de Cristo.*⁵³⁷

O humanismo universal de von Balthasar propõe pensar a ação do Espírito na Igreja e no mundo como proposta pastoral⁵³⁸ através da revelação presente na Escritura. A Igreja, como dom do Filho ressuscitado através do sopro do Espírito, concretiza a realidade no seu serviço pastoral desenvolvendo a sua missão com a diversidade plural da ministerialidade, vivificada para edificação do corpo de Cristo (Ef4,16). A criticidade provocada pelo Evangelho levará a uma espiritualidade humanizadora ao serviço da *ecclesia-ancilla* existir através do amor. Assim, a pastoral da Igreja se alicerça na forma de viver do Evangelho e da abertura ao novo do Espírito:

*Nós temos então o direito e até o estreito dever de interpretar a partir do núcleo da revelação bíblica tais declarações pastorais, as quais, nos seus aparatos conceituais, nas suas categorias e nos seus estilos representam transposições novas e livres operadas pelo Espírito Santo que inspira a Igreja.*⁵³⁹

A *ecclesia-ancilla* precisa sair para o mundo para encontrar Deus, pois a “Igreja é Igreja somente no mundo”⁵⁴⁰. Esse encontro do amor de Deus presente no serviço ao próximo se faz através da solidariedade com os pobres e abandonados. Essa essência cristã é movimentada pelo Espírito Santo, levada a se reunir em Concílio ou em várias Conferências eclesiais espalhadas pelo mundo. Trata-se de descobrir o *locus* da presença eclesial e a prática da fé distante de práticas alienantes.

A liberdade do Espírito faz com que o cristão tenha sempre a necessidade do novo, possibilitando ao discipulado abrir as portas das comunidades fechadas pelo medo de dialogar e estar no mundo deixando o lugar de condenação. Von Balthasar ressalta que a Igreja no seu início estava fechada por medo, dureza de coração e a falta de fé, e que depois do sopro do Ressuscitado foi impelida a sair e

537 BALTHASAR, H. U., von, Spiritus Creator, p. 212.

538 BALTHASAR, H. U., von, Commento Lasciate vi muovere dallo Spirito, p. 103.

539 BALTHASAR, H. U., von, Spiritus Creator, p. 213.

540 BALTHASAR, H. U., von, Spiritus Creator, p. 251.

estar no mundo (Jo 20,19-22).⁵⁴¹Esse fechamento eclesial em si mesma, recusando-se a estar no mundo, a impede de ser fiel à sua vocação, portanto sendo necessário um movimento renovador e transformador, conduzido pelo Espírito Santo. Expressa veementemente von Balthasar a importância de se despertar à missão:

*Então o som para todas as gerações cristãs é o radiante Fangetan! Comecem! Do Die Meister singer. Por sua parte, este tempo de rejuvenescimento vem sobre eles o Espírito Santo de formas diferentes, e nos confronta com a situação que é jovem. Ambos, o Espírito e o tempo, despertando-os na história os que dormem em seus atos hoje.*⁵⁴²

Outro despertar e sopro do Espírito à Igreja no Concílio Vaticano II está no ecumenismo entre as tradições cristãs, sendo necessária a abertura através do diálogo para se aproximarem no que as unem, ou seja, no Cristo e sua práxis evangélica.⁵⁴³ Esse sopro auxiliará as Igreja a se compreenderem não em si mesmas, mas buscando o germinar das sementes do Verbo através da sua revelação. Devem sair juntas em direção ao mundo criado pelo Pai, que o Filho encarnado anunciou no Reino como a proposta de convivência humanizadora e fraterna entre os povos. Portanto, o envio kenótico do Espírito Santo é a unidade de todos na nova criação reunida nas assembleias do Ressuscitado. A falta de empenho na unidade dos cristãos, das religiões e dos povos como missão principal da Igreja no mundo se torna um desalento e um fechamento dentro das muralhas eclesiásticas, ao invés da abertura proposta pelo vento do Espírito Santo. É “uma lástima que os anos pós-conciliares não pareceram ter entendido suficientemente toda a magnitude do programa, que logo, só se pode perceber na ótica da sua unidade”⁵⁴⁴.

A espiritualidade eclesial é suscitada através do seguimento evangélico à luz do novo trazido pelo Espírito Santo, que acontece com os carismas diversos que formam os princípios de toda eclesialidade. Tratando-se de romper com o canônico e normativo que impedem a ação transformadora vinda do Espírito na história da salvação. A presença de Jesus conosco até o final dos tempos (Mt 28,20) é a sustentação do amor eclesial continuado e vivificado pelo Espírito Santo, possibilitando a proposta de convivência fraternal na Igreja e na sociedade.

O Espírito Santo não se torna um patrimônio eclesial, mas sim a experiência vivenciada na comunidade ao redor do Evangelho e da mesa eucarística, que alimentada do seu Senhor atua com seu testemunho no mundo. Os dons derramados são novas inclinações da Trindade atuando na história com a comu-

541 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 398.; BALTHASAR, H. U. von, Life out of Death, p. 39.

542 BALTHASAR, H. U. von, Razing the bastions, p. 37.

543 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la fe, p. 18.

544 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la fe, p. 101.

nidade eclesial a crer e a despertar os valores evangélicos. Esse amor com os dons infundidos no ser humano o faz “novo *sensorium* que paulatinamente o faz disponível para participar e sentir com o Espírito Santo”⁵⁴⁵. O *sentire cum ecclesia* inaciano só terá significado se for a experiência mística e atuante do Evangelho de Cristo através da atuação livre do Espírito Santo. A Igreja reunida é fruto do Espírito Santo para prosseguir a missão encarnada do Verbo enviado do Pai, pois a perspectiva apostólica e querigmática é estar no mundo como o Cristo esteve e atuou. Tratando-se também de a Igreja não restringir o Espírito Santo, pois “Ele atua também fora da Igreja como revelador da verdade trinitária”⁵⁴⁶.

As Escrituras relatam como o Espírito do Senhor atuou nos patriarcas e profetas antes da revelação do Verbo de Deus, o Cristo. Nessa revelação do Cristo, a maneira missionária do Espírito Santo além de espalhar o *logos spermatikos*, também atua como *pneuma spermatikon*. O anúncio será de uma verdade completa e não de verdades individuais, sendo a verdade da Trindade o amor absoluto pelo ser humano e, como salienta von Balthasar, o explicador das relações fraternas e humanas que são possibilitadas através do Evangelho do Filho encarnado. Isso nos possibilita pensar o testemunho dessa verdade encarnada:

a verdade completa significa, por conseguinte, não a síntese de certo número de verdades individuais, senão a única verdade da explicação de Deus através do Filho na inesgotável plenitude de sua verdade concreta. Esta se encontra já presente quando o Filho explica a verdade do amor divino com toda a sua existência encarnada: esta explicação é a glória da plenitude da graça e verdade (Jo 1,14-17), ela é testemunho válido (Jo 5,31;8,14).547

A palavra paráclito não se põe a um título conferido ao Espírito Santo, mas à sua atuação terrena no processo do plano da salvação com o tempo, que refuta a história. Nessa perspectiva, o Cristo, o ungido do Pai através do Espírito, atuou na história, e o seu discipulado atua ungido pelo Espírito Santo (At10,38-43). Por isso, o proceder do Espírito Santo – sua atuação no mundo e na Igreja –, como dom do Ressuscitado, é teologicamente apresentado pelos capadócijs Gregório Nazianzeno e Basílio com o verbo grego joanino *ekporeusis*.⁵⁴⁸ É o proceder e sair de uma causa originária, enquanto se mantém a relação recíproca:

O Espírito procede do Pai (porque o Espírito é Deus), e isto de algum modo “através de” (dia) o Filho, que está já ali, porque de outro modo o Pai não poderia ser chamado Pai. Desde a perspectiva grega, isso deixa aberta a questão de como se tenha de interpretar este dia. Bulgakov tem insistido com razão em que esta palavra seria demasiado indeter-

545 BALTHASAR, H. U. von, La percepción de la forma, p. 226.

546 BALTHASAR, H. U. von, Verdadel mundo, p. 22.

547 BALTHASAR, H. U. von, Verdadel mundo, p. 76.

548 BALTHASAR, H. U. von, Verdad del mundo, p. 212.

minada para permitir fixar uma direção determinada. Interpretado de forma minimalista, isso significa simplesmente que o Espírito procede do Pai, tanto que este é precisamente Pai; de forma mais positiva, que o Espírito “recebe” algo do Filho, de forma maximalista, que, neste receber do Espírito, o Filho é realmente coativo (isto em poucos textos, mas indiscutíveis, em que pode aparecer inclusive um ek(desde) no lugar de dia (através de). Conforme a economia, sempre se pode distinguir, ademais, entre um Espírito que no batismo “descansa” sobre o Filho, que “irradia” dele (como no Tabor) ou que sai dele (como através da ressurreição); todos estes aspectos se encontram nos gregos.⁵⁴⁹

A vivência dos sacramentos se torna a *epiklesis* mediante a Igreja reunida em oração para ser no mundo o sinal transformador das relações feridas e desumanizadas da Criação. A comunidade eclesial reunida consta de batizados e não de um único ministro⁵⁵⁰, e eles unidos no Cristo e com o seu Espírito realizam em múltiplas ocasiões a *epiklesis*, alimentando a sua missão evangelizadora no mundo, que os faz, após o encontro comunitário através do Espírito, sair cotidianamente para vivenciar e realizar as ações presentes das páginas do Evangelho. Assim, a sua lógica de atuação no mundo significará ser Igreja misericordiosa.⁵⁵¹

Von Balthasar destaca a eclesiologia de Congar, a unidade da Igreja acontecendo mediante ao Espírito Santo, alcançando a comunhão acima de pertenças ou separações confessionais. A Igreja precisa estar atenta a escutar o Espírito Santo para não se perder no poder mundano, deixando de ser presença visível do amor trinitário. A Igreja, ao reconhecer fraternalmente as outras Igrejas, compreende e respeita a extensão da ação do Espírito Santo no mundo. E para isso é necessário que a Igreja clerical e a falta de diálogo ecumênico superarem os seus medos e se coloque a caminho:

Ela só existe se está disposta a sair missionariamente de si mesma para se fazer no mundo, no âmbito em que encontrará spermata pneumática – mas essa Igreja, em sua excessiva humanidade tem continuamente medo do Espírito, que, no entanto, derramou sobre toda a carne frente o medo de suportar as contradições da grande massa (que pode ser tradicionalista ou progressista).⁵⁵²

Essa compreensão da atuação pneumatológica da Igreja propõe para a sua missionariedade a dinâmica de se mover para fora, como no relato de Pentecostes (At 2,1-13). O Espírito Santo é quem abre os olhos do cristão para realizar a práxis de Cristo, como um colírio que aguça a adesão ao Evangelho. Von Balthasar destaca essa atuação econômica do explicador ao fazer o seguimento do Filho ser missão universal na verdade, que está no amor absoluto da Trindade. Significa o

549 BALTHASAR, H. U. von, Verdad del mundo, p. 213.

550 BALTHASAR, H. U. von, Con Occhi semplici, p. 101.

551 BALTHASAR, H. U. von, Verdad del mundo, p. 349.

552 BALTHASAR, H. U. von, Verdad del mundo, p. 412.

testemunho cristão ser encarnado através da comunidade que vive a fraternidade e a unidade na sua missionariedade.⁵⁵³

Portanto, von Balthasar apresenta a *kenosis* do Espírito através da *pericorese* do amor do Pai encarnado e revelado no seu Filho. A Trindade, na economia salvífica, apresenta uma eclesiologia pneumática através dos diversos carismas e dons para servir e estar no mundo. Os membros da Igreja, na abertura de serem conduzidos pelo Espírito Santo, permitem o testemunho profético do Reino do Pai anunciado e deixado pelo Filho.

3.2 Luzes para modelos eclesiológicos missionários

Von Balthasar, em sua proposta de uma eclesiologia missionária e fundamentada no Evangelho, permite pensar progressivamente com o Concílio Vaticano II caminhos contra um sistema endurecido, enquadrado e racionalista. Cristo, através do seu Evangelho, proporciona à Igreja modelos de sua atuação no mundo com a fidelidade à revelação, quando se apresente como comunidade de fé presente junto com a humanidade. Mesmo que o cristianismo ofereça legalismo ou alienação, a proposta evangélica será sempre de romper as muralhas que impedem expandir a mensagem revelada do Deus vivo e verdadeiro.

Nesta segunda parte do capítulo 3, o percurso será por três etapas: na primeira seção, se pretende apresentar especificamente a ideia do princípio mariano do modelo da Igreja feminina, esposa e mãe; na segunda etapa, se pretende apresentar a ideia do princípio petrino em relação com a missionariedade paulina para a renovação do papado; depois, como terceira e última etapa, o serviço do se inclinar da Igreja para o lava-pés no princípio do discípulo amado.

3.2.1 A partir de Maria: a Igreja feminina, esposa e mãe

O princípio mariano é um ponto teológico para von Balthasar bem trabalhado, tanto na sua perspectiva eclesiológica como nas relações missionário-pastorais. A espiritualidade mariana cultivada na vida da comunidade a possibilita realizar o seu caminho evangélico, aberta a fecundar e gerar a vida através da sua maternidade e da sua fidelidade sponsal com o seu Senhor. Kasper destaca a importância da espiritualidade mariana através do princípio desenvolvido por von Balthasar:

A estrutura intelectual profundamente mariana de Hans Urs von Balthasar e a sua mariologia são intimamente ligadas e convergentes. Finalmente, dado a pensar o que escreve

553 BALTHASAR, H. U. von, Verdad del mundo, p. 401-407.

*Hans Urs von Balthasar corresponde precisamente ao que Metz chama: “uma biografia teológica”, não deveria surgir dúvidas da profunda coerência e conseqüentemente consecutivo actuum da experiência espiritual, Existencial mariano e Pensar mariano.*⁵⁵⁴

A maternidade envolvente da Igreja traz a vitalidade fecunda e espontânea, necessárias para se compreender a importância da contribuição das mulheres na eclesialidade. A presença de Adrienne Speyer na Comunidade do discípulo amado contribuiu para von Balthasar desenvolver a sua mariologia com a presença ativa da mulher na vida da Igreja.⁵⁵⁵ Assim, apresenta o modelo eclesiológico do feminino a partir de Maria e dos Padres da Igreja, que compreendem a Igreja como desposada e envolvente, mesmo com os riscos que possam existir. Esse aspecto feminino se confronta com a visão masculina e clerical que predomina nos ambientes eclesiásticos e de poder, principalmente a partir de Gregório VII. Apresenta Maria-*Ecclesia-Sposa* para contrabalancear a figura estritamente petrina na instituição e ministerialidade da Igreja.⁵⁵⁶

A imagem do feminino e sua esfera envolvente encontram nas Escrituras a disposição de fecundidade no conceber e atuar com a pessoa concebida. Por isso, eclesialmente, a abertura à presença feminina é possibilitá-la ser mais envolvente nas questões reais de todos os seus filhos e filhas pelo batismo. As figuras femininas utilizadas nas cartas paulinas, como, por exemplo, “sofrer dores de parto” (Gl4,19) e “do seu ventre nos há dado a luz” (1Ts2,7-8), trazem contribuições das características ímpares da mulher:

*Maria, como virgem Mãe e esposa (coadiutrice) é a imagem arquetípica da humanidade (completamente feminina) que responde ao Senhor e aos cooperadores da missão de Cristo. (...) Esta caracteriza para Balthasar o núcleo central da fecundidade mariano-eclesial, que tem a sua significação e finalização no seguimento da cruz.*⁵⁵⁷

“Nossa Mãe a Igreja” se tornou uma imagem atrofiada e distante da vida pastoral, pois a maternidade envolvente se tornou deslocada da realidade, não sendo vivificante e sensível às condições do Povo de Deus. A Patrística sempre pautou a figura da “Igreja como nossa Mãe”, para uma ação totalmente pastoral e das necessidades de renovação na sua existência histórica, criando as imagens da força feminina como a Filha de Sião, Esposa do Senhor, Nova Eva e a Mãe fecunda de muitos filhos. Em Maria mãe de Jesus, se recuperam as qualidades da

554 KASPER, W.; LEHMANN, K., Hans Urs von Balthasar, *Figura e Opera*, p. 147.

555 KASPER, W.; LEHMANN, K., Hans Urs von Balthasar, *Figura e Opera*, p. 168-179.

556 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 186.; KASPER, W.; LEHMANN, K., Hans Urs von Balthasar, *Figura e Opera*, p. 168.; FISICHELLA, R., *La beleza èl a Prima Parola*, p. 140.

557 KASPER, W.; LEHMANN, K., Hans Urs von Balthasar, *Figura e Opera*, p. 371.; OKAES, E. T; MOSS, D., Hans Urs von Balthasar, p. 99-111.

força simbólica e transformadora da presença feminina, de esposa e mãe na vida eclesial.

A imagem patrística da *Ecclesia Mater* possibilita realizar uma presença pastoral entranhada na vida concreta, significando vínculos de comunhão na missão apostólica. A maternidade mariana possibilita a Igreja não se fechar em cumpridora de atividades pastorais e administrativas, e sim de se envolver nas causas provocadoras da sua presença ministerial. A Igreja se molda através da disponibilidade e sem resistências, significando um atuar livre, vigilante e próximo. Dessa maneira, a força eclesial encontra na personagem bíblica de Maria o seu impulso missionário:

o princípio mariano, por conseguinte, é, desde suas origens, todo o contrário de “uma identificação parcial”, que condiciona a vontade de seguimento na medida da própria compreensão ou da aprovação pessoal “responsável”. E não de passiva indiferença de ser um instrumento, que se utiliza por capricho, porque Maria é, a cada instante, atenta para responder as novas demandas (cf. Lc 1,29,34; 2,19,51).⁵⁵⁸

E a abertura de Maria ao projeto da Trindade através do Espírito Santo a converte nesse paradigma de Igreja:

O fiat mariano é, pois, envolvente e, inacessível na sua perfeição, engloba toda a vida eclesial, protegendo-a e dirigindo-a. é a forma intrínseca da comunhão, que, sendo indubitavelmente, muito superior a mera confraternização ou a uma mútua acolhida humana de corações, garantida e comportando espaço ilimitados para todos e cada um.⁵⁵⁹

Essas características do princípio mariano permitem a Igreja não julgar canonicamente, e sim buscar caminhos de discernimentos, o interesse em escutar e acolher as pessoas. A direção do serviço da Igreja se encaminha na *diaconia* para que a sua estrutura hierárquica-sacramental não se feche ao projeto do amor revelado pela Trindade. A “Igreja mariana” estabelece com a “Igreja petrina” a superação das tentações eclesiais, que von Balthasar propõe teologicamente para estabelecer a relação entre os modelos bíblicos para a vida eclesial, apontando a importância da inter-relação entre eles para a Igreja ser testemunha fiel ao plano salvífico.

A citação bíblica de Maria ilustra a presença feminina dentro do colégio apostólico e a sua contribuição para o ministério petrino.⁵⁶⁰ Apesar de von Balthasar não levar os conceitos teológicos femininos para a ordenação sacerdotal de mulheres, apresenta a presença das mulheres como fundamental nas estruturas

558 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 210.

559 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 211.

560 KASPER, W.; LEHMANN, K., Hans Urs von Balthasar, *Figura e Opera*, p. 376.; PEÑALBA, J. L. Aspectos fundamentales em la Mariología “dramática” de Hans Urs Von Balthasar, p. 295-298.

institucionais, evitando que o serviço ministerial ordenado caia nas tentações do clericalismo, e da competição da superioridade patriarcal. A Igreja como e com a presença feminina deve complementar a instituição e os seus ministros, sem renunciar à sua feminilidade e valorizando a eclesialidade de todos os batizados.

A concepção e o nascer do Verbo encarnado através de Maria possibilitam a Igreja compreender o arquétipo mariano, prolongando a missão do Criador sem se esquecer da sua dimensão trinitária. A abertura esposal de Maria lhe dá o caráter materno que a Igreja no seu ministério deve sempre manter vivo e atuante, tornando a sua virgindade a expressão de entrega e aproximação total ao Esposo.⁵⁶¹ A Igreja é chamada, como Maria, a ser a virgem que entrega a sua fecundidade exclusivamente ao seu Amor, e dessa união gestar e oferecer o Fruto dessa relação. Essa figura na imagem de Isaías 7,14, da “virgem que dará luz”, traz a fecundidade da virgem como a significação da Nova Aliança encarnada, sendo uma lógica bíblica dos escritos veterotestamentários.⁵⁶² A Igreja Imaculada e sem mancha é que vive a purificação de se entregar somente ao seu único amor e com ele fecundar sempre filhos e filhas que testemunham a alegria e a beleza da vida nova gerada, como destaca von Balthasar em *Sponsa Verbi*:

*Maria, gerando o Filho em maneira corpóreo-espiritual, e por isso se tornando a mãe universal de todos os fiéis, assim a Igreja é corpo de Cristo e o Cristo em si mesma. Maria não é protótipo da Igreja só em virtude da sua fé virginal, isso é da mesma maneira na virtude da sua fecundidade, que não é certamente autônoma (como aquela da deusa da fecundidade), mas puramente ministerial, em função de serviço, no entanto é Cristo que mediante a sua paixão cria a Igreja, não Maria.*⁵⁶³

Os cristãos têm na figura de Maria a promessa realizada a Abraão através da fecundidade do povo de Deus, pois o batismo nos faz nascidos em Cristo. Essa fé abraâmica, através da abertura de Maria à encarnação de Jesus, “possibilitou a vinda ao mundo da palavra de Deus por sua fecundidade natural-sobrenatural”⁵⁶⁴. Von Balthasar destaca a figura da mulher nessa alegoria da Promessa em Maria: “a mulher como Sinagoga-Maria-Igreja”⁵⁶⁵, resumindo a força de Deus nas sementes do Verbo espalhadas no mundo. Também destaca que a fecundidade da virgindade matriarcal demonstra a marginalização da mulher na Criação devido ao pecado, e que não provém da fé do Deus vivo. Por isso a permite ser mãe e conceber, como na encarnação do Verbo.

561 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 146.

562 BALTHASAR, H. U. von, *Meditaciones sobre el credo apostólico*, p. 44-45.

563 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 149.

564 BALTHASAR, H. U. von, *A los creyentes desconcertados*, p. 58.

565 BALTHASAR, H. U. von, *A los creyentes desconcertados*, p. 58.

Assim, “a fecundidade inesgotável da nova Eva, é aquela que Paulo chama ‘inmaculada’ (Ef 5,27) e que no último término na terra só é verdadeira e literalmente em seu modelo original Maria”⁵⁶⁶. Esse modelo mariano para a Igreja une a dimensão sociológica e da eleição do Povo Deus, desde a promessa abraâmica até o Filho encarnado, mostrando a presença feminina como ativa e transformadora para a história da salvação e missão eclesial.

O princípio mariano inspira o “se fazer Igreja ou eclesialização”⁵⁶⁷ através dessa abertura fecunda e ativa da presença cristã no meio da sociedade, sem distinção de quem seja um membro mais forte ou débil, e sim o protagonismo de se pôr a serviço. A disponibilidade eclesial possibilita a Igreja se ver como feminina e mãe, para evitar os perigos eclesiásticos do funcionalismo institucional. Esse modelo mariano contribui para o equilíbrio das relações eclesiais e ministeriais, contrapondo-se ao poder hierárquico. O título mariano da maternidade da Igreja propõe uma ação eclesial dos seus membros:

*“Maria, mãe da Igreja” é o título mariano justificado na mesma medida em que consideremos a Igreja como assembleia e congregação de pessoas de fé, e não simplesmente, como estávamos habituados, como um corpo socialmente estruturado.*⁵⁶⁸

A espiritualidade eclesial-mariana é a fé de quem ama e pacientemente espera⁵⁶⁹, permitindo que os diversos carismas enriqueçam as missões das comunidades. Trata-se de proporcionar a unidade entre os carismas, a realidade institucional, através dos dons recebidos do Espírito Santo e sua atuação profética no mundo. Nessa dimensão eclesial e espiritual, von Balthasar elabora um pequeno ensaio mariológico chamado “Maria para hoje”, diante dos desafios missionários e pastorais quando a alegoria da mulher grávida pronta a dar à luz em Apocalipse 12, apresenta a figura da Igreja mariana capaz de lutar e trazer à luz os sofrimentos existentes e devoradores da vida.

Os filhos da mulher forte que resiste ao sofrimento e dá a vida tornam-se presença da comunidade de fé no mundo, pronta a proteger maternalmente seus filhos e lhes garantir caminhos melhores. Maria, aos pés da cruz com o discípulo amado (Jo 19,25-27), se torna a figura de Mãe da Igreja e da Igreja mãe⁵⁷⁰, a se fortalecer e estar de pé diante da cruz para se colocar a caminho e serviço, como foi o advento do natal. A Igreja se apresenta com “fecundidade nova e elevada, devendo

566 BALTHASAR, H. U. von, A los creyentes desconcertados, p. 59.

567 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la fé, p. 240.

568 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la fé, p. 246.

569 BALTHASAR, H. U. von, La mia opera Ed epilogo, p. 58.

570 BALTHASAR, H. U. von, Maria para hoje, p. 11.

tratar-se de uma vocação, e não de ser formada de uma simples existência de solteirões e solteironas”⁵⁷¹. A Igreja, com seus clérigos e laicato, é chamada como Maria a ser sinal de fecundidade e no útero eclesial gerar homens e mulheres capazes, através do Espírito, de pensarem e compreenderem as realidades do mundo.

Maria, como virgem e fecunda, é o símbolo real da Igreja como noiva e esposa do Senhor (Ap 21,9), e juntamente com o discípulo amado diante da cruz e da força, testemunha do amor ao organismo eclesial petrino. Meditando a *Via Crucis*, von Balthasar destaca duas cenas evangélicas da IV e XIII estações, onde Maria se associa a Jesus na solidariedade de participar das dores humanas.⁵⁷² Desta maneira, propõe a Igreja pensar a sua presença solidária junto aos sofredores e crucificados da história. O coração da Igreja deve sentir-se como o coração humano de Maria diante das dores que enfrentadas por todos os filhos de Deus, não somente os da Igreja, mas de toda a humanidade.

O canto do *Magnificat* de Lucas (1,46-56) aponta que a Igreja, a partir de Maria, está comprometida com os pobres e com a justiça social de seu povo. A miséria e a pobreza causadas pelos ricos e poderosos ferem a justiça social do povo de Israel, tornando-se infidelidade à Lei do Senhor, e encontra em Maria o canto da missão libertadora dos pobres e humildes, abrindo a revolução do amor transformador. O cantar e olhar mariano para os pobres fazem de “Maria a verdadeira teologia da libertação em pessoa, ao realizar, de modo efusivo, a profunda intuição da Antiga Aliança, que, com efeito, nela ganha uma profundidade ainda maior”⁵⁷³, e prossegue von Balthasar esse princípio eclesiológico: “o ressoar do *Magnificat* de Maria é uma oração de louvor que surge inteiramente do Espírito do Filho e se eleva até o Pai, uma oração pessoal e até eclesial que engloba toda ação de graças desde Abraão até os nossos dias”⁵⁷⁴.

O paradigma eclesial mariano possibilita o diálogo *ad intra* e *ad extra* sobre a mulher frente às polarizações existentes nessa relação. O terceiro volume da *Teodramática* traz a reflexão da presença da mulher como resposta fundamental para as tensões internas e externas da missão da Igreja. A força da mulher Maria, que é mãe e esposa, possibilita a Igreja rever a marginalização da sua figura na história da salvação, dentro da sua própria instituição e valorização no mundo. Essa mariologia eclesiológica apresenta Maria como construtora de pontes eclesiais e das relações de justiça e humanização.⁵⁷⁵

571 BALTHASAR, H. U. von, *Maria para hoje*, p. 22.

572 BALTHASAR, H. U. von, *Via Crucis*, p. 24; OKAES, E. T.; MOSS, D., Hans Urs von Balthasar, p. 73-74.

573 BALTHASAR, H. U. von, *Maria para hoje*, p. 60.

574 BALTHASAR, H. U. von, *Luz de la Palabra*, p. 28.

575 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 296. OKAES, E. T.; MOSS, D., Hans Urs von

Maria se torna abertura de obediência livre ao projeto divino, diferentemente do texto bíblico da desobediência de Eva ao projeto do Criador (Gn 3). O discipulado de Jesus também traz as mulheres como protagonistas do projeto divino na humanidade (Jo 20,1-16), ao invés da figura marginalizada da mulher no judaísmo bíblico (Lc 16,18). A gestação do Cristo no ventre de Maria ilumina a perspectiva teológica que do ventre da mulher vem a proposta da vida e proximidade de Deus com a humanidade, tornando-se essa ponte.

Como consequência, a contribuição da Mãe do Senhor para a eclesiologia está em ser parte da Igreja, ou seja, membro do corpo eclesial e apostólico (At 1,14).⁵⁷⁶ É uma tipologia eclesiológica, colocando-a no mundo como ponte de diálogo e compromisso com a humanidade nova e transformada para a vida. A Igreja com todos os seus membros, a partir da maternidade e atuação da Mãe do Senhor, se põe a caminho através do batismo, gerando sempre novos filhos e pontes nas relações cristificadas. Assim, como Mãe, “Maria é chamada de Igreja nos primeiros séculos”⁵⁷⁷ e encoraja as comunidades a serem missionárias ao levarem e darem o Cristo a ser conhecido.

As várias expressões da mariologia como “ponte de Cristo”, “nova Eva” e “mãe dos cristãos” proporcionam a Igreja pensar sua presença no mundo como a fraternidade *ad intra* e *ad extra*. Os membros da Igreja e da Criação vivenciam a fraternidade universal através do Cristo encarnado e nascido do ventre de mulher, aproximando as relações humanizadoras. É uma instituição que tem a perspectiva de agir profeticamente na construção de pontes, através do diálogo materno e humanizador presentes nas páginas bíblicas, como afirma von Balthasar:

*A experiência da maternidade mariana na carne, que é uma experiência de fé, permanece enquanto irrepitível e, por conseguinte, é um mistério imitável da graça. Não obstante, esta irrepitibilidade está aberta a todos. Aberta desde dentro. Desde o seio da Igreja, desde o ponto em que a graça de Cristo não irradia sem passar pela experiência do seio; e desde fora, já que esta experiência mariana se condensa em uma figura visível. Na figura da mãe, tal como tem sido formada por Deus em seu destino de fé, os que têm olhos para ver podem contemplar o mistério da experiência. Esta visibilidade (que da ocasião para a variedade de representações de Maria) forma parte também do caráter arquetípico da experiência mariana, justamente porque Maria forma grupo inseparável com o Filho que adotaria frente a todo mundo uma forma perceptível aos olhos da fé.*⁵⁷⁸

Assim sendo, a experiência mariana pode possibilitar a superação da tensão intereclesial entre a Igreja imaculada e a de pecadores, pois a maternidade e

Balthasar, p. 72.

576 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 301.

577 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 304.

578 BALTHASAR, H. U. von, *La percepcion de la forma*, p. 303.

responsabilidade são características que acontecem de modo real e com o Filho e o Esposo, que são reais. von Balthasar destaca a *Mater-Ecclesia* intitulada por Agostinho possuidora dessas qualidades de mãe e esposa, que animam através do Espírito a autoridade da Igreja⁵⁷⁹, significando o ministério eclesial e sua presença através do amor e não do poder institucional dogmático.

3.2.2 A partir de Pedro e Paulo: a Igreja como unidade dos diversos dons e carismas

Von Balthasar propõe pensar biblicamente a pastoralidade e a missão da Igreja a partir de Pedro e Paulo, sugerindo a unidade eclesial diferentemente da tirania papal cunhada na história.⁵⁸⁰ Essa preocupação é situar teologicamente o ministério de Pedro com a proximidade do Evangelho expandido por Paulo, depois do Concílio Vaticano II. Trata-se de valorizar a *exousia* de Jesus deixada aos doze através do serviço em uma Igreja livre de irmãos e irmãs. A visibilidade eclesial não deve estar em uma estrutura hierárquica piramidal, e sim na sua constituição ministerial como Povo de Deus. Para pensarmos caminhos de unidade nos diversos dons e carismas da Igreja, é preciso integrar e conjugar o ministério papal com a colegialidade episcopal proposta no Concílio Vaticano II. Por isso, o caminho seguro para se construir essa unidade se dá no *consensus* dos Padres dos primeiros concílios, tendo a única interpretação válida na revelação contida nas Escrituras, porque assim a Igreja era até então uma, e a unidade da fé e da caridade coincidiam.⁵⁸¹ E nesse Caminho, compreender a historicidade eclesial conjugada com a proposta de Jesus, dela ser uma comunidade de amor:

*A Igreja é, histórica e essencialmente, uma comunidade de amor desde as origens, formada não pelos esforços humanos, senão pelo poder do Espírito que a habita. Para compreender a Igreja tem que situar-se ativamente dentro desta união de amor, pois a revelação de Jesus se impôs também por si – desde dentro, não de fora – aos discípulos, que a aceitaram inteiramente e afirmaram-na.*⁵⁸²

A comunidade eclesial não existe a partir de como a imaginamos, mas de como a reconhecemos e nos consideramos seus membros, pois nela vivemos e somos. O único poder que unirá as comunidades espalhadas pelo mundo será o do amor fraterno, pois reconcilia e não pune frente às questões diferentes que possam existir. O ministério petrino distante dos princípios paulinos, marianos

579 BALTHASAR, H. U. von, El todo en el Fragmento, p. 89.

580 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 16.

581 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 72.

582 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 170.

e joaninos corre o risco de tornar a Igreja uma instituição fechada em si mesma, preocupada apenas em manter a sua estrutura hierárquica, através de sacramentalização e rigorismo canônico.⁵⁸³

A Igreja como comunhão e unidade no amor é composta de diversas comunidades e propostas missionárias. Essas diferenças não devem significar as divisões eclesiais, mas sim a oportunidade de se evitar os radicalismos. Assim, os representantes apostólicos, ou seja, *Personam gerent Ecclesiae*, têm como missão o serviço de reconciliar as diferenças através dos conceitos evangélicos da misericórdia e do perdão.⁵⁸⁴ Os fundamentos de Cristo alicerçados na sua Igreja são os testemunhos apostólicos de se construir a paz e a unidade, diferentemente de uma obediência unânime a ordens eclesiásticas.

A autoridade apostólica do Espírito Santo acontece quando a Igreja atua com o sopro das sementes do Verbo (Jo 20,19-23), que são os princípios do amor e do perdão. O ofício ministerial está além de um estéril funcionalismo eclesiástico movido pelas aparências religiosas, e sim em possibilitar o servir a todos que lhe vierem e indo ao encontro das suas misérias. Assim, “Tu me amas?” e “apascenta as minhas ovelhas” (Jo21,15-19) é a força do pastoreio na figura petrina de ser um pastor amante, tendo o Cristo como único Pastor e unidade da Igreja. A comunhão eclesial se realiza na experiência viva do ministério:

*a comunhão eclesial não será uma realidade circunscrita, fechada em si mesma no desfrute do amor, entregue à “experiência da presença divina no mundo”. Mas tão pouco absorverá o ministério eclesiástico e nem o integrará como simples articulação ou mero membro de um “organismo autossuficiente”, como pretendeu certa teologia romântica. Se Cristo, “o Senhor e Mestre”, se apresentou essencialmente abaixando na figura de “Servo”, do mesmo modo devem se apresentar os diversos personagens contemplados na sua constelação.*⁵⁸⁵

O amor e a humildade do Cristo, que instituiu o envio e o poder apostólico, apresentam o ministério como serviço desinteressado consistindo na força pneumatológica e consciente. O ofício petrino deve desempenhar a lógica evangélica e apostólica de realizar seu serviço da unidade em total e plena comunhão com o colégio episcopal, abrindo horizontes de sinodalidade através da escuta. Essa se realiza no intercâmbio de estarem inseridos nas realidades mais profundas e reais do Povo de Deus, permitindo que sejam protagonistas nas decisões e caminhos discernidos com seus pastores. Assim, “a Igreja mantém o seu in-

583 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 305.

584 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 176.

585 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 230.

tercâmbio com o magistério, teólogos e seus fiéis”⁵⁸⁶, possibilitando a unidade e visibilidade pastoral da Igreja.

O princípio petrino tem como missão possibilitar o diálogo do *sensus fidei* para que o *consensus fidelium* seja construído na comunhão das comunidades eclesiais. Esses ministérios apostólicos e o petrino consistem em propor a pastoral em conjunto com o povo cristão, aprofundando a fé e seu testemunho no tempo presente. O lugar de Pedro pede uma conversão para ser um refúgio dos que buscam justiça, sendo prática da expressão do amor.⁵⁸⁷ Os passos papais autoritários ao longo da história geraram o complexo antirromano, que fere interna e externamente a missão apostólica. Se torna necessário retornar à fonte do princípio petrino através da conversão do papado a partir da comunhão colegial e sinodal, em direção à eclesiologia do povo de Deus, possibilitando evitar as “humilhações que aconteceram durante o papado”⁵⁸⁸.

As duas obras de von Balthasar que destacam diretamente a questão petrina são *El complejo antirromano* e *Ofício de Pedro e a estrutura da Igreja*, apondo nas suas demais obras esse princípio eclesiológico aplicado. Essas publicações, durante o pontificado de Paulo VI, se tornaram uma reflexão teológica conjuntamente com um pontífice disposto a esses passos abertos, contribuindo com o Concílio Vaticano II. As tensões existentes entre as estruturas eclesiais e a sociedade refletem a necessidade de uma autoridade com base no serviço. Von Balthasar, em paralelo com as definições eclesiológicas de Congar, propõe os arquétipos bíblicos como o petrino para se repensar a missão da Igreja.⁵⁸⁹

Dessa maneira, o ministério no arquétipo de Pedro corresponde bíblicamente à sua missão de unidade maior dos diversos carismas, dons e comunidades ao redor do Evangelho. A dimensão católica está em agrupar as diversas relações eclesiológicas estabelecidas através do sopro do Ressuscitado sobre a Igreja, que prossegue sendo soprado até hoje. “Pedro é o ministro que exercita a colegialidade”⁵⁹⁰, permitindo ao papado estar sempre aprendendo e ensinando, a partir da escuta e da fraternidade. Assim, a Igreja poderá exprimir a sua missão no mundo, juntamente com as demais Igrejas locais e suas comunidades espalhadas. A liderança e palavra de Pedro surgem da comunhão e permitem que a infalibilidade esteja na revelação e não nas imposições verticais que desprezam a participação dos *membris ecclesiae*. Como Mcdade em seu comentário sobre esse pensamento de conversão do papado, também propôs von Balthasar:

586 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 239.

587 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 249.

588 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 262.

589 MCDADÉ, J., *Von Balthasar and the Office Peter in the Church*, p. 97-114,

590 MCDADÉ, J., *Von Balthasar and the Office Peter in the Church*, p. 97-114,

*Isso parece exatamente o correto e evangélico na sua visão. A questão não é sobre onde o “poder” está na Igreja; a questão é sobre como eliminar a categoria de “poder” nas atitudes dos membros da Igreja. Isso não acontecerá pela revogação das reivindicações do ofício petrino, e sim transferindo democraticamente para as assembleias sinodais, por mais úteis que esses corpos possam ser.*⁵⁹¹

A maturidade espiritual e evangélica proporciona existir a autoridade de Pedro e do colégio, fazendo a Igreja passar da estrutura central para o conhecimento dos seus passos trazidos das periferias da fé. Dessa maneira, a autoridade papal constitui-se na dimensão de escuta e respeito diante das realidades apostólicas existentes, e não na postura clerical e institucional impregnada. Por isso, “Von Balthasar insiste que a autoridade de Pedro é uma dimensão indispensável para a Igreja, enquanto requer conhecer a realidade a partir de seus membros”⁵⁹². Dentro da dimensão eclesiológica da relação do primado papal e a colegialidade episcopal, se torna fundamental para o pós-Concílio Vaticano II realizar biblicamente e cristologicamente relações fraternas. Esse princípio petrino elucidado “pela proposta eclesiológica de Von Balthasar tem a finalidade de retornar para um programa de reformas eclesiais”⁵⁹³ tão necessárias para a Igreja retornar à sua essência evangélica.

Pensemos a passagem bíblica do diálogo de Jesus com Pedro antes do lava-pés (Jo 13,6-11), em que Jesus demonstra o ministério apostólico eucarístico através do despojar de si e servir como fez no ofício de escravo. A perturbação de Pedro evidencia-se como a hierarquia e também a *persona ecclesiae* possuem a dificuldade do se abaixar, e se pôr como o Mestre a serviço.⁵⁹⁴ O seguimento de Pedro se passa diante de muitas situações adversas que questionam o caminho proposto por Jesus, e ao mesmo o desafiam. Em Mt 16,21-23, o perigo de se tornar um *skandalon*⁵⁹⁵ como pedra de tropeço no caminho do Reino que exigirá o confronto com a cruz, tendo a crítica de Jesus a situação decisória.

O texto de Mt 14,22-33 traz na figura da barca, a comunidade e o protagonismo de Pedro em reconhecer o Cristo, refletindo a sua fé e apontando a existência das fragilidades humanas na missão. Em Lc 22,31-34, temos a impotência de Pedro com a prisão de Jesus, que o levou a negação do discipulado, e depois se tornará mesmo vacilante em sua missão de confirmar os irmãos na fé. O final do

591 MCDADÉ, J., Von Balthasar and the Office Peter in the Church, p. 97-114.

592 MCDADÉ, J., Von Balthasar and the Office Peter in the Church, p. 97-114.

593 LÖSER, S., Conciliar, not conciliator, Hans Urs von Balthasar's Ecclesiological synthesis of Vatican II, p. 23-49,

594 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la Fe, p. 210.; BALTHASAR, H. U. von, Venite e vedrete, p. 76.; BALTHASAR, H. U. von, Los creyentes desconcertados, p. 196.

595 Termo bíblico que remete a pensar o perigo da sedução que desvia a salvação através do seguimento de Jesus. Tratando-se de resistir a partícipe do Reino, como tenta impedir Satanás, impedindo o futuro escatológico e o seguimento dos membros da comunidade. GIESEN, H., Skandalon, p. 1419-1422.

Evangelho de Jo 21, 15-17 apontará o assumir do seu ministério pastoral e a disposição em servir através do amor, significando, diferentemente de “um simples funcionalismo do serviço eclesial”⁵⁹⁶, a futura Igreja recebendo o ensino de levar o amor e buscar a resposta no próprio amor.

A *communio hierarchica*, compreendida por São Cipriano como a universalidade da Igreja na unidade dos bispos, é destacada por von Balthasar como o princípio que permite comunhão das Igrejas locais, ao mesmo tempo evitando os nacionalismos exacerbados de um único caminho.⁵⁹⁷ Assim, “o Vaticano II produziu muito, mas a letra não dá vida”⁵⁹⁸, sendo necessário que o papa e os episcopos possam, através da abertura ao Espírito, criar a comunhão colegial vinda da patristica e reavivada pelo próprio Concílio Vaticano II. Outras expressões claras da necessidade da colegialidade e sinodalidade devem ser construídas e promovidas pelo papa e os bispos, que estão para “não particularizar o Evangelho”⁵⁹⁹ e como também o “Espírito Santo não poder ser instrumentalizado”⁶⁰⁰.

O papado, hoje, precisa retornar à sua origem bíblica e realizar a sua conversão e continuidade com a proposta do Concílio Vaticano II:

*Pedro é o ministério. Isso significa que o ministério consiste na figura de uma pessoa, e não para o exemplo como construção e organização tática. O poder confiado a pessoa, transmitido para eles, e não para uma burocracia e para uma administração central. Isso significa ainda que o ministério do Papa aspira uma característica que reconfigurou exemplarmente no Novo Testamento a partir da posição de Pedro.*⁶⁰¹

E, neste caminho de renovar o exercício papal, vale também ressaltar a integração dos modelos apostólicos por Christoph Schönborn, comentador de von Balthasar:

*O livro de Balthasar O complexo antirromano encontrou um certo eco (tudo somado encontrando um eco) somente no aspecto polêmico. A instância de fundo positiva anunciada no subtítulo: “Como poder integrar o Papado na Igreja universal?” A palavra-chave é “integrar”: não se pondo entre parêntesis isso que queria vir retornado um “acima católico”, que por isso facilmente permaneceu as margens das preocupações ecumênicas, como “bem complicado” mas “integração” deste elemento que parece mais complicado no todo católico: a Igreja não pode ser somente paulina, mas também petrina; essa quis, a partir de Cristo, em uma unidade da figura variada, como Igreja mariana e joanina, petrina e paulina.*⁶⁰²

596 BALTHASAR, H. U. von, Venite e vedrete, p. 104.

597 SCOLA, A., Viagem ao Pós-Concílio, p. 80.

598 SCOLA, A., Viagem ao Pós-Concílio, p. 81.

599 SCOLA, A., Viagem ao Pós-Concílio, p. 102.

600 SCOLA, A., Viagem ao Pós-Concílio, p. 102.

601 SCHOCH, M., Colloquio Ecumenico tra Fratelli, p. 419.

602 SCHÖNBORN, C., Il contributo di H. U. von Balthasar all'ecumenismo, p. 447.

Apostolicam ecclesiam é a capacidade de poder superar as fraquezas humanas, constituindo a unidade do conviver das diferentes comunidades espalhadas na catolicidade e através do ecumenismo. Contudo, a unidade que é a característica ímpar da Trindade está na revelação, devendo ser manifestada visivelmente na estrutura do ministério de Pedro, através do esforço da unidade mesmo em tempos fragmentados. Essa visível concentração eclesial está na “colegiidade apostólica em Pedro, que não pode se confundir em si mesma, mas como um princípio que funda a Igreja como tal e que foi e segue sendo o Cristo pneumático”⁶⁰³. Trata-se de uma única missão de preservar a unidade fundada no amor deixado pelo Cristo, zelando-a e buscando-a no seu ofício.

O caminho para se evitar um complexo antirromano e cismas está no papa realizar seu ministério na unidade proveniente do Espírito Santo e na Tradição da Igreja, que vem do Evangelho. A colegialidade e responsabilidade devem abrir espaços de participação de todos os batizados, possibilitando o percurso sinodal através da “corresponsabilidade amorosa na unidade e santidade da Igreja”⁶⁰⁴. Por isso, as Conferências Episcopais devem realizar abertamente o seu serviço de responsabilidade de cada Igreja local, unidas entre si e com seus membros no Cristo. A obediência eclesial está além de cumprir ordens canônicas, e sim de realizar a fidelidade ao Evangelho do Senhor, nas “fronteiras do ministério que serão superadas através do amar”⁶⁰⁵.

O querigma apostólico é a força que o Espírito Santo move sobre a Igreja, permitindo seu ministério superar os limites dos clericalismos e mundanismos que invadem os corações dos ministros dos Evangelhos.⁶⁰⁶ Esses perigos fazem com que a chave ministerial dada a Pedro se torne aquilo que fere a unidade através do poder clerical da excomunhão, contrariando a missão dada pelo único Pastor da Igreja que é Cristo: “a pertença na sua comunidade eclesial”⁶⁰⁷.

A contribuição do modelo paulino permite a Igreja avançar ardentemente para que a comunidade possa ser fruto da vontade de Deus no mundo, ou seja, compromisso apostólico aspirando a uma única meta de realizar a pregação e a vivência do Reino anunciado por Jesus. Essa tradição paulina é o testemunho apostólico “da Igreja horizontal na história e da sucessão apostólica”⁶⁰⁸, que através da relação com a revelação e a tradição apostólica se põe em missão com os

603 BALTHASAR, H. U. von, *A loscreyentes desconcertados*, p. 66.

604 BALTHASAR, H. U. von, *A los creyentes desconcertados*, p. 67.

605 BALTHASAR, H. U. von, *A los creyentes desconcertados*, p. 216.

606 BALTHASAR, H. U. von, *La percepcion de la forma.*, p. 311.

607 BALTHASAR, H. U. von, *Luz de la Palavra*, p. 104.

608 BALTHASAR, H. U. von, *La percepcion de la forma*, p. 312.

diversos carismas dados pelo Espírito Santo. O confronto paulino com a verticalidade petrina terá sempre caminhos novos e imprevisos, que possibilitam a sua missão de fecundar novas comunidades cristãs.

A *parresia*, a oração e amor universal do princípio paulino propõem atitudes conciliadoras com a ótica petrina, ampliando o apostolado da Igreja na sua característica missionária. Esse princípio como carisma é a “capacidade de acolher do particular ao universal, como também a presença de um trato essencial do universal em qualquer particular”⁶⁰⁹. É possibilitar dentro do ministério apostólico constituído o espírito livre e intrépido de avançar ousadamente o anúncio do Evangelho em unidade com toda a Igreja.

A tradição paulina, juntamente com a petrina abre os caminhos para que o *sensus fidelium* possa fecundar, na missão da Igreja, a expansão do amor, através do protagonismo dos seus membros. A colaboração paulina traz à Igreja institucional e ministerial o *pleroma*, que faz a vida cristã além da passividade de fiéis ao clero, mas sim os faz protagonistas de novas formas evangelizadoras. Nesse sentido, será uma Igreja mais missionária e aberta à realidade histórica, continuadora da *Missio Dei*.

3.2.3 A partir do Discípulo Amado: a Igreja no serviço de amar e inclinar-se

Os modelos bíblicos que von Balthasar apresenta na constelação cristológica para a eclesiologia possibilitam a própria Igreja se perguntar e responder sobre “quem ela é”. Se faz necessário, no seu ofício ministerial, ter características femininas e maternas capazes de se inclinar e amar. Essa é a proposta balthasariana para o princípio joanino, que levou o próprio von Balthasar a sentir um chamado especial de estar no mundo secular, vivendo na comunidade chamada São João. A imagem patrística da origem da Igreja do lado ferido do Cristo crucificado está na literatura joanina, colocando o discípulo amado ao lado da maternidade e feminilidade de Maria (Jo 19,25-27) e, quando no sepulcro, se antecipa respeitando o primado (Jo 20,1-8).⁶¹⁰

A natureza íntima da Igreja está no amor do seu Criador que foi encarnado, e na paixão e morte do seu Filho manifestado até a última consequência. Von Balthasar destaca essa entrega do amor, refletindo a relação sponsal da entrega carnal como amor entre o esposo e a esposa. No texto de Efésios 5, a relação entre homem e mulher contribui para esta imagem sponsal de Cristo com a sua Igreja, através da entrega de si mesmo por amar até o fim, como aconteceu na cruz (Jo 13,1):

609 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 283.

610 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 130.

Em virtude que a Igreja é “qualquer um” que o Senhor amou e pelo qual se dou e que purificou mediante ao banho da água na palavra, um “qualquer um” que então de certa maneira já existe; e daquele somático, em virtude do qual a Igreja, ainda como é, isso enquanto é a esplendida e gloriosa sem mancha e sem ruga, surge e nasce completamente para este fato da cruz.⁶¹¹

A figura da imagem do matrimônio da era messiânica veterotestamentária é descrita nas cartas paulinas e no contexto do amor da literatura joanina, em que a esposa se manifesta no coletivo, do povo escolhido por Deus. O Evangelho de João que descreve a iniciativa da encarnação do Verbo (Jo 1) e a sponsalidade em Caná (Jo 2,1-11) traz também outras referências dessas características: como o templo sendo seu corpo (Jo 2,21), o retornar ao seio materno para renascer (Jo 3,4), o seu sangue e a sua carne para a vida do mundo (Jo 6,33) e a sua vida imolada (Jo 7,37-38). João, particularmente, apresenta essa relação íntima do amor do Criador e sua relação com seu povo escolhido, e por último encarnado e assumido na corporeidade e entrega do seu Cristo, expressando a sua relação com a Igreja como Cristo-Esposa.

A comunidade joanina nascente e fundada no amor do seu Senhor, proporciona às estruturas institucionais serem configuradas a partir dessa relação amorosa.⁶¹² Essa totalidade da Igreja como esposa do Cristo necessita constantemente das relações através do amor da Trindade, que acontece através da ação do Espírito no meio do seu corpo. O princípio joanino realiza esse caminho pneumatológico a partir da relação pericorética da Pessoa do Filho com o Espírito, pois a “Igreja só pode ser considerada em si mesma, através da sua atração às suas fontes e da sua comunhão”⁶¹³.

A doutrina do amor transmitida pela comunidade joanina foi entregue no lava-pés (Jo 13,13-17), que o Senhor deixou como exemplo. Esse mandamento do amor exige do discípulo o gesto do se abaixar, fazendo que a ação sacramental da Igreja seja esse gesto kenótico.⁶¹⁴ A comunidade, através desse caminho, rompe com o pecado, permitindo a si mesma sempre o caminho novo. Trata-se de renunciar a si mesma e aos seus próprios direitos ou poderes para poder realizar a iniciativa de um serviço que reconcilia e edifica as relações humanas.

O evento do lava-pés é o novo sentir e escutar sensível à realidade humana, permitindo que a Igreja na sua instituição possa ter um coração que a faça ir ao encontro. A comunidade joanina é aquela que exercita o seu serviço onde a

611 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 131.

612 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 138.

613 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 140.

614 BALTHASAR, H. U. von, *Church and World*, p. 68.

pessoa humana está necessitada de amor. Esse pensamento eucarístico na perspectiva joanina e ímpar nos Evangelhos destaca que o encontro comunitário e a vivência cristã no mundo correspondem aos mesmos sentimentos e práxis de Jesus. A comunidade compreende que o gesto eucarístico está no serviço e na prática do amor, exigindo se levantar da mesa, tomar a jarra e a bacia e se abaixar aos pés dos marginalizados, sofredores e desconfigurados de sua humanidade – destacado pelo próprio von Balthasar na meditação do Evangelho da quinta-feira santa:

O lavar os pés é uma “prova de amor até o extremo” (Jo 13,1), um ato de amor que Pedro percebe, e é compreensível para que assim o perceba, como algo completamente inadmissível, como o mundo em revés. Mas precisamente esta inversão da realidade é o mais correto, o que tem que deixar que aconteça primeiro em um (e exatamente assim, como o faz Jesus, nem mais nem menos), na humilhação pelo seu amor infinito, para depois tomar “exemplo” dele (Jo 13,14) e realizar o mesmo abaixamento do amor com os irmãos. No evangelho esta é a demonstração tangível do que se dará imediatamente depois para a Igreja no mistério da Eucaristia: na correspondência, os cristãos devem se converter em comida e bebida agradáveis aos seus e para os outros.⁶¹⁵

O se abaixar para lavar os pés externa o gesto da *kenosis* como constante da atuação da Trindade desde a criação à encarnação e morte do Filho. O preparo deste serviço de escravo exige de Jesus assumir essa forma, e assim se despojar. A comunidade do discípulo amado, ao seguir seu mestre amando, também necessita a cada eucaristia se preparar para, ao sair pelo mundo, realizar o seu despojamento e abaixamento diante das realidades humanas que carecem do amor e do gesto do lava-pés.

Essa proposta é desafiadora principalmente porque não era o gesto de um israelita livre, e muito menos para um mestre rabínico.⁶¹⁶ A comunidade livremente assumiu o mesmo gesto do seu Mestre na sua ação no mundo, para ser autenticamente seus discípulos. A tentação da *persona ecclesia* é a mesma de Pedro em não aceitar o gesto do Mestre e propor outros caminhos diferentes, ao invés do extremo de ter que assumir sempre um caminho de abaixamento e de serviço, contrariando as relações de poder e de liberdade. Contudo, o ensinamento do Mestre traz o se abaixar e servir como condições de quem se torna livre para amar, sem temer julgamento, incompreensões ou humilhações.

O gesto do amor com a jarra e a bacia ganha um novo significado além da ritualidade de um escravo para com o seu Senhor. Esse novo significado se torna a resposta de Jesus diante de um mundo marcado pelas tentações religiosas, políticas e econômicas de buscar o poder ou domínio explorador. Abaixar e se

615 BALTHASAR, H. U. von, Luz de la Palabra, p. 55.

616 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la Fe, p. 209.

colocar no mesmo patamar das pessoas a terem lavados os seus pés é elevar a sua condição humilhada e desprezada para a de fraternidade e vida comunitária livre. Portanto, tomar parte com Jesus exige compreender que o seu discípulo no mundo não busca posições de evidência, mas quer sempre possibilitar que a humanidade ferida pelo pecado possa ter a sua dignidade novamente devolvida através do serviço, que lhe lava os pés e a põe na mesa do mesmo banquete em igualdade.

A capacidade de compreender o gesto de Jesus exige aprofundar o amor em todas as relações humanas, que trazem as diferenças que desqualificam a fraternidade e a igualdade humana, podendo ser mudadas pelo gesto de se abaixar, compreender e ressignificá-las. A participação e comunhão eucarística com Jesus estão direcionadas a assumir a iniciativa de se inverter a ordem das relações humanas no mundo, *conditio sine qua non* para compreender como Deus ama e é próximo da humanidade.

Von Balthasar apresenta a proposta joanina como a “Igreja do amor perfeito”⁶¹⁷, mesmo com as suas falhas eclesiais. Prioriza a eminência do amor antes de se realizar qualquer ministério pastoral, sacramental ou organizacional. A base do amor e as consequências das possíveis humilhações são disposições para a Igreja poder estar e atuar no mundo, se abaixando para testemunhar o Evangelho como centro da sua missão:

*Este consentimento da Igreja amante requer, evidentemente, o Messias para se incorporar ao seu ministério solitário e incomparável. É um sim de princípio, aberto a priori, sem limitação alguma da própria disponibilidade, prestando a todos se deixar modelar, de sorte que a missão do Filho possa plasmar o necessário para a sua missão.*⁶¹⁸

A Igreja através do princípio joanino direciona o modelo da reciprocidade pascal e se mantém aberta ao amor absoluto do Pai atuando na força do seu Filho Ressuscitado. O realizar desse amor a possibilita renunciar em seu *persona ecclesiae gerens* àquilo que a impede de fazer o caminho novo e da ousadia evangélica. A alegria pós-pascal a transforma interiormente, interpelando a ser a Igreja do amor no meio da humanidade. Assim, a teologia joanina valoriza o serviço do amor na *ecclesia*:

*a teologia joanina se empenha em deixar claro em todos os aspectos. Enquanto o Senhor vai a sua paixão com a liberdade soberana, que é uma com a sua obediência ao Pai, os discípulos não tem outra opção, se querem tomar parte, quererem o que não querem e que a vontade do Senhor e o amor ao Senhor os impõe. (...) A comunidade dos discípulos primeiro e, logo, a ecclesia tem que lhe prestar esse serviço.*⁶¹⁹

617 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la Fe, p. 210.

618 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la Fe, p. 214.

619 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la Fe, p. 222.

A figura da Igreja pascal está centrada no amor que equilibra seu ministério pastoral no mundo (Jo 21), manifestando o perigo de “um simples funcionalismo do serviço eclesial”⁶²⁰. O ministério do amor é que importa para que ela não se perca na sua missão e serviço, pois “se quero que ele permaneça até que eu venha, a ti o que importa?” (Jo 21,23). A permanência do amor nas pequenas comunidades cristãs se faz necessária para que a tentação da mundanidade e de uma religião alienante e de massa não obstaculize o anúncio do Reino de Deus.

O ser da Igreja de João não está em reivindicar a precedência, ao contrário, ela deixa essa posição para poder vivê-la na comunhão. Von Balthasar aponta que essa precedência joanina é a comunhão para ser capaz de superar os conflitos por aqueles que desejam a precedência nos confrontos das estruturas e de organizações⁶²¹, se deixando surpreender diante dos cuidados de Deus pelo ser humano, nutrindo amizade e não cultivando inimigos. A comunidade de fé se inspira sempre no amor e não na hierarquia, pois sem o amor ela não poderá dar o testemunho da sua existência. Destaca, como os Padres da Igreja, que o princípio joanino é sem dúvida e expressamente a *anima ecclesiastica*, pois através do paradigma do amor do Evangelho é possível *sentire* com a Igreja petrina.⁶²²

Von Balthasar valoriza o modelo joanino como a Igreja aberta ao Espírito Santo, através da sua práxis testemunhando a sua vitalidade. O discípulo amado é o portador do amor eclesial que está na reciprocidade e sua permanência, como essencial para comunidade. A questão eclesial não está em se opor ao princípio petrino, e sim trazer a colaboração que integre a comunhão necessária para a Igreja, através de elementos bíblicos como o joanino. Assim, amplia também a sua colaboração na literatura apocalíptica do testemunho de resistência diante de perseguição e sofrimento, pois a Igreja do discípulo amado testemunha o seu amor profético, encarnando-se no martírio de Jesus crucificado.⁶²³

3.3 Uma proposta de “*kenosis* eclesial”

“Uma Igreja existente ‘na carne’ com o íntimo entrelaçamento de seus membros”⁶²⁴ é o caminho eclesiológico que von Balthasar propõe a partir da *kenosis* da Trindade e dos modelos bíblicos. O princípio teológico da encarnação, aplicado tanto nas comunidades como na estrutura da Igreja, pode possibilitá-la a

620 BALTHASAR, H. U. von, Venite e vendrete, p. 104.

621 HENRICI, P., Primo Sguardo su Hans Urs von Balthasar, p. 85.

622 SCHOCH, M., Colloquio Ecumenico tra Fratelli, p. 420.

623 BALTHASAR, H. U. von, La percepcion de la forma, p. 319.

624 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 9.

se sensibilizar e se provocar frente às suas próprias limitações e às realidades humanas. Deve avançar além dos desgastes mecânicos pelo “gosto de funcionar”⁶²⁵ sempre do mesmo jeito e da mesma maneira ao longo do tempo.

Os complexos e resistências existentes, diante das questões petrinas, paulinas, marianas ou joaninas, precisam acontecer para que as reações levem a Igreja a pensar a sua *reforma reformanda*, ao mesmo tempo que acontece a *reforma membris*. A dinamicidade dessa constelação cristológica dos Evangelhos permite fazer a Igreja avançar os seus passos na história a partir da sua própria *kenosis*. Por isso, “a existência eclesial e autêntica da imagem da Igreja está no equilíbrio das responsabilidades entre o Povo de Deus e seus dirigentes”⁶²⁶.

Nesta próxima parte do capítulo 3, o percurso se dará por mais três etapas: na primeira seção, se pretende apresentar especificamente a ideia balthasariana da *kenosis* na vida eclesial; na segunda etapa, apresentar a ideia da relação dramática entre o *Pneuma* e a estrutura da instituição; e na terceira etapa, a possibilidade de a Igreja-Comunidade ir além das suas muralhas, mantendo as suas portas abertas.

3.3.1 O caráter da “*kenosis* eclesial”

Von Balthasar apresenta a Igreja a partir da encarnação do Verbo, para que os seus caminhos superem estar “envolvida em situações tendenciosas ou de silêncio sepulcral”⁶²⁷. Depois do Concílio Vaticano II, a responsabilidade da Igreja como Povo de Deus propôs a ela estar mais próxima do mundo atual. As ferramentas apontadas tanto pelo teólogo kenótico como pelo Concílio estão na paciência, compreensão, diálogo e aprendizado que evitem a pseudocomunhão, o clericalismo e o fechamento em si mesma.

Os efeitos dessas ferramentas podem, em qualquer tempo histórico, ser úteis para que a *kenosis* seja o caminho assumido pela Igreja, como foi a do seu Senhor. Os seus membros se tornam multiplicadores da descentralização realizando encontros para caminhos sempre novos e necessários à pregação do Evangelho. O critério da *kenosis* da Igreja é dado para se compreender e se perceber a partir da própria revelação divina, desde a sua *kabod* com Israel até o evento Cristo.

Von Balthasar destaca que a *kenosis* de Deus tem caráter eclesial, pois o ato do Filho assumir a humanidade e o Pai manifestar todo o seu amor em direção ao encontro com o ser humano é o princípio para o ser da Igreja se envolver através da

625 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 9.

626 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 11.

627 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 26.

sua experiência de fé nas realidades concretas. Trata-se, para o teólogo kenótico, do movimento contínuo que a Igreja necessita realizar, saindo das suas salas fechadas e proporcionando, ao longo dos séculos, a sua mensagem única do amor transformador para iluminar as realidades existentes, feridas pelo pecado humano.⁶²⁸

Em *Razing the Bastions (Derrubar as muralhas)*, o teólogo kenótico propõe que a Igreja deve deixar o seu poder medieval de absolutismo da verdade para poder compreender o caminho de solidariedade humana.⁶²⁹ Essa é, através da *kenosis* contínua, a necessidade de a Igreja ter como atitude a sua presença e participação no mundo, com a participação dos batizados na vida eclesial, realizando o caminho que a mova para fora de si mesma, ou seja, o mesmo movimento de *kenosis* feito pela Trindade. A responsabilidade encarnada através da saída das muralhas eclesiais é a prática consciente de estar inserida no mundo, com as suas várias realidades plurais e desafiadoras.

A *kenosis* da Igreja é a imensa transformação que a consciência cristã precisa estar atenta para prosseguir o itinerário do envio apostólico. Von Balthasar, no ensaio teológico sobre o Espírito Santo, destaca que testemunhar o amor divino absoluto no mundo se faz no encontro de Deus com a humanidade.⁶³⁰ O processo trinitário é o se abaixar e se envolver através do amor, que biblicamente escolhe livremente reunir um povo, e também com a encarnação do Filho assumir toda a humanidade. Assim, o amor trinitário provoca a Igreja comunicar da mesma forma e intensidade a Boa Notícia, através da sua visibilidade e *kenosis* no mundo.

A *kenosis* do Filho foi a visibilidade da glória de Deus no mundo, e o cristianismo, através da sua presença kenótica, testemunho da visibilidade do mistério da encarnação.⁶³¹ Por isso, se a Igreja se afastar deste princípio kenótico trinitário ela se torna um mecanismo político-religioso e também mercadológico, incapaz de sofrer as dores do mundo e os seus anseios. Von Balthasar destaca que a eclesiologia se deve pautar sempre a partir da revelação trinitária, que manifesta a sua vida eclesial *ad intra* e *ad extra*.

Von Balthasar destaca que esse processo de *aggiornamento* propôs à Igreja sair da sua posição de distância com o mundo, deixando a postura de impositora de leis religiosas para ser a testemunha da síntese da lei, isto é, o amor. Os mandamentos da Antiga Aliança e o Filho com seu mandamento da Nova Aliança trazem ao Povo de Deus o compromisso de comportamentos que salvaguardem a

628 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the bastions*, p. 48.; BALTHASAR, H. U. von, *Apocalipsis de San Juan*, p. 134-142.

629 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the bastions*, p. 52.

630 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 25.

631 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 46-47.

vida humana entre seus membros e dos demais povos. A atualização presente na teologia balthasariana parte da necessidade do querigma cristão em como viver profeticamente no seu tempo histórico. Por isso, as reformas eclesiais devem se manter vivas e acessíveis para o testemunho do Evangelho, assumindo a concretude fundamental do amor.

A teologia e o querigma devem coincidir em estar a serviço do evento evangélico através do diálogo aberto, claro, distinto e amoroso, indo ao encontro das demandas humanas e sociais. O amor do Pai, do Filho e do Espírito é o amor absoluto que sustenta e renova o ardor do diálogo eclesial e a sua atuação de proximidade, ao invés da canonicidade eclesiástica. Esse amor deve possibilitar a Igreja a sua visibilidade sacramental, com a liberdade de seus membros, indo ao encontro do próximo que encontrar pelo caminho.

A Igreja no seu tempo cronológico e gestada na relação do amor da Trindade através da Criação e evento Cristo só tem o sentido de ser e existir para prosseguir esse dado da revelação se fazendo próxima e aberta às novidades do Espírito conjugada com a humanidade. A verdade e presença da Igreja no mundo não se dão mediante magia⁶³², mas no contato com as realidades que carecem do testemunho da revelação. A *kenosis* é para a Igreja a atitude que a faz continuar a ser na história a assembleia do Ressuscitado com o seu Espírito para manifestar o amor do Pai:

*Se o Reino vier, enquanto Jesus caminha na sua perspectiva à cruz e o fim do mundo coincidirem, como a ressurreição e a chegada do Reino manifestam o poder, alguns se verão envolvidos como testemunhas desta história, que atravessa todos os cronológicos.*⁶³³

A Igreja nos passos da *kenosis* revelada realiza com o Verbo encarnado a sua presença cronológica e escatológica, pois o amor trinitário é criativo e a possibilita a essa criatividade de amar. Isso não significa estar alheia às tribulações dos tempos existentes, e sim se antecipar sempre através do amor que gera esperança e a paciência apostólica. O Cristo é a nova criatura fazendo o que era velho e ferido pelo pecado passar para uma nova vida (1Cor 5,17), e hoje, através do Espírito Santo, faz a Igreja se abaixar para testemunhar e transformar as realidades marcadas pelas culturas de morte, ódio e violência que destroem e desconfiguram o ser humano.

A *kenosis* realizada pela comunidade tem o seu fundamento único na lei do amor e na superação das distâncias entre Deus e o ser humano.⁶³⁴ Essa capacidade de amar é a existência dos cristãos no mundo, que prosseguem a *Missio*

632 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 124.

633 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 125.

634 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 130-131.

Deus através da pregação e ação no amor ao próximo, o se abaixar para realizar as atitudes que testemunhem o amor ensinado e realizado pelo Cristo, como a entrega da própria vida. Dessa maneira, von Balthasar propõe essa relação entre comunidade de fé e a *kenosis* através da prática do amor no mundo:

*amor deve ser a sua pregação do Cristo e um permanecer Nele: através da humildade, a simplicidade objetiva, com o qual eles, amando e verdadeiramente amando com muita autenticidade e humanidade, proclamam e se doam como o Amor absoluto.*⁶³⁵

E prossegue destacando a força vital da comunidade dos discípulos através do amor, que os fazem protagonistas do serviço no mundo:

*comunidade dos discípulos, depois a Ecclesia, prestar-se a este serviço, e precisamente não sobretudo, como representante dos pecadores que o imolou, mas no acordo e consenso ministerial com a dedicação a Ele. (...) Se trata, da sala da última Ceia, e não de um solista de frente para um auditório em escuta, de um ator na cena frente a espectadores da plateia.*⁶³⁶

A comunidade dos batizados se torna *Persona Ecclesia*, à imagem do Senhor que a reuniu na nova *qahal* através dos enviados a saírem e fazerem o gesto de se abaixarem para servir (Jo 13, 1-20). A *kenosis* é o movimento que leva a vocação eclesial a realizar sua missão e presença no mundo, significando que a fraternidade e a solidariedade se constroem com a iniciativa do Mestre. Assim, o Espírito imprime e conduz a Igreja com essa característica kenótica, que está em viver e servir como o Cristo fez em seu evento.

A imagem kenótica da Igreja implica que ela seja sempre missionária, disposta e aberta a sair com a ânfora e a bacia do lava-pés, para que, ao se abaixar e servir, possa também compreender a sua origem e o seu ser. Essa prática do amor desinteressado e pronto a se preocupar com a pessoa humana precisa continuamente se realizar nos seus costumes e atividades, como nas páginas do Evangelho. Trata-se de exercer a sua missão para a transformação do mundo, especialmente, como ressaltou o Concílio Vaticano II⁶³⁷, nos dias de hoje, onde estão as necessidades de amar. Por exemplo, nas questões sociais, econômicas e políticas, que carecem do testemunho e da presença encarnada dos cristãos para uma consciência nova e de dignidade.⁶³⁸

O horizonte e a programação da Igreja se tornam somente um: a sua responsabilidade frente à construção constante de um mundo mais humano. Essa lhe “exige

635 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 135.

636 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 179.

637 GS 38.

638 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 193.

uma contínua conversão que se exprime em estar nas estruturas da vida secular”⁶³⁹. Assim, suscita e favorece aos leigos e leigas ações apostólicas principalmente comprometidas com a causa dos últimos da sociedade, com a responsabilidade de estar atenta às novas causas que diminuem a dignidade e qualidade de vida humana, sendo esse o seu autêntico espírito e serviço kenótico.

Os princípios cristãos de favorecerem os últimos da sociedade se fazem em estar ao lado dos pobres e dos miseráveis e não dos acumuladores das riquezas. O Concílio lembra os pobres, pequenos, enfermos, migrantes e exilados que sofrem o aumento da miséria, fazendo urgente pensar o mundo contemporâneo e o seu futuro.⁶⁴⁰ O movimento da missão da Igreja deve ser em se abaixar a essas questões e ser luz para buscar novos caminhos, que superem essas realidades gritantes.

O caminho da Igreja, peregrinando no mundo com a luz clareando e iluminando as questões mais obscuras que existem, deriva do Evangelho como o seu centro. O próprio Concílio Vaticano II apresentou essa amplitude da missão, abertura e presença através da revelação cristã, em sua exigência kenótica: o seguimento de Jesus pobre e humilde, sempre pronta para deixar tudo e suportar as perseguições pelo amor e a justiça, tomando a cruz (AA 4).⁶⁴¹ Impõe realizar continuamente o movimento e a opção da *kenosis* por seus membros, que permanecem sempre em *reforma reformanda*.

A *kenosis* da Igreja deve romper com o novo clericalismo que almeja somente seus benefícios eclesiais, distantes dos valores cultivados nas devoções populares.⁶⁴² O trajeto kenótico de ir ao encontro é a opção que os ministros do Povo de Deus precisam assumir e dedicar no seu ministério. Os missionários ordenados e o laicato precisam livremente renunciar a si mesmos, compreendendo os ambientes que carecem do anúncio evangélico. A disponibilidade ao Espírito realiza a sua pastoral fazendo-a se repensar e reformular a missão nos tempos novos com seus desafios.

A postura dogmática da Igreja e a sua organização devem refletir e expressar a sua presença pastoral no mundo, e não a situação contrária, de uma verdade puramente teórica. A responsabilidade de estar e ser no mundo, chamada de “pastoral”, se dá a partir da revelação bíblica, expressando a sua fidelidade ao amor trinitário e sua obra. Essa atividade pastoral aberta às novidades do Espírito Santo corresponde ao amor pelo pastorear das ovelhas deixado pelo Senhor do rebanho (Jo 21), ou seja,

o ministério pastoral deveria, refletindo as funções fundamentais do Espírito Santo, compensar por isso em contínua a ideia plena de Igreja, na qual a sempre concreta e realizada

639 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 193.

640 BALTHASAR, H. U. von, I novissimi nella teologia contemporanea, p. 62.

641 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 197.

642 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 204.

*verdade da Revelação em Cristo, encontra também uma aceitação plena e concreta, que não deixa abstrato e teórico, isto é a Igreja dos Santos, a qual constitui o concreto da sua existência eclesial.*⁶⁴³

Von Balthasar categoricamente propõe “a Igreja se apresentando com um esforço direto através do encontro com o mundo do nosso tempo”⁶⁴⁴, fazendo o movimento que a possibilite ser sinal do Evangelho, para encontrar Deus no mundo junto com a sua Criação, e sem se mundanizar, através da *kenosis* do Verbo, assumir as demandas necessárias de diálogo humanizador. A insistente decisão de Deus em vir ao encontro da humanidade e aproximando o seu amor continua através da “*kenosis* eclesial” no mundo.

Teologicamente o abaixar da Igreja e o diálogo através da sua relação com o mundo – e ir ao seu encontro –, expressam o amor trinitário e o seu existir. Ontologicamente, a Igreja está inserida no meio do mundo como testemunha do amor da Aliança selada no Cristo, devendo encarná-la com a força desse amor transformador.⁶⁴⁵ Trata-se de se sentar junto à mesa dos pecadores e publicanos (Mt 9,11), realizando o diálogo nas mais diversas situações e causas das questões humanas. A disposição de escutar e se abrir é que a possibilitará realizar a sua renovação em cada momento da sua história. O ecumenismo se torna o agir cristão para a Igreja se pôr como servidora e humildemente realizar o exercício do diálogo.

A proposta kenótica de von Balthasar para a Igreja em profunda continuidade ao Concílio Vaticano II está em os cristãos viverem no mundo, evitando as ideologias de dominação eclesiástica e política. Essa perspectiva mundana fez a caricatura medieval da Igreja, que buscava a responsabilidade de administrar, em nome de Cristo e do Imperador, o desenvolvimento humano.⁶⁴⁶ Assim, Igreja tornou-se responsável de se fechar em si e nas relações que não condiziam com suas jurisdições.

Antes do sopro do Ressuscitado em Jo 20,19-31, os discípulos têm a tentação de estarem fechados em si mesmos, pelo medo de saírem e irem em direção ao mundo. A “Igreja fechada” é sinal de medo, falta de fé e dureza do coração, que a impede de enfrentar os sofrimentos e os obstáculos humanos, como fez o Senhor Ressuscitado. Esses são perigos criados pelo clericalismo e que a opõe à revelação da Trindade, sentido último da vida eclesial. Von Balthasar explicita a questão do “nó” da Igreja, que precisa se abrir e sair em direção ao mundo:

643 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 213.

644 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 231.

645 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 201.

646 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 320.

No problema da Igreja aberta e fechada, portanto, precisa[-se] distinguir dois planos que são também opostos entre si, considerados para o externo, para a parte do mundo, parecem coincidir. Sendo primeiro de tudo a forma da Igreja, o vaso na qual Cristo em si mesmo derramou a sua graça; e desta forma, como é aparente, é moldado do tecer do amor absoluto.⁶⁴⁷

As formas de medo manifestadas pelos fundamentalismos eclesiásticos e clericalismos se refletem em fugas e medos diante das questões reais do mundo, em seu desenvolvimento histórico. Esse fechamento em si mesma acontece também no coração, no espírito e na consciência que se tornam tomados pela lógica farisaica. Dessa maneira, o caminho se torna dogmático e canônico com suas relações pastorais formais, ao invés de saída sorridente e livre para o testemunho do amor absoluto. A dinâmica da Igreja através da sua *kenosis* deve levá-la a sair dos seus medos e seguranças eclesiásticas para a liberdade alegre de ser anunciadora da mensagem de Cristo.

Von Balthasar destaca que ser católico é se chamar ecumênico através das atitudes abertas às diversas questões da universalidade humana, buscando responder a fé mediante o testemunho com suas palavras e sua vida.⁶⁴⁸ O medo de estar no mundo deve ser superado e transformado através dos laços comunitários, que realizam o *aggiornamento* de se abaixar até as capacidades do “homem moderno”. Integrando-se no mundo como sujeito eclesial, cada batizado se coloca inserido nas questões seculares e procura se expressar através do Evangelho para transformar as misérias que escandalizam a dignidade do gênero humano.

A abertura ao mundo e a atitude kenótica de se abaixar em direção às realidades da humanidade é prosseguir o mandato apostólico presente em Mt 28, 19-20. A obra universal do discipulado do Cristo em manifestar o amor universal da Trindade significa a universalidade e disposição de acolhida e discernimento para assimilar o seu abaixar e servir. Essa disponibilidade de obediência kenótica se torna a exigência de estar disponível à escuta e ao diálogo, que geram os caminhos construtores de fraternidade e solidariedade. Nessa exigência kenótica, von Balthasar propõe se repensar o significado de se identificar como católico e de dizer que a Igreja pode se intitular católica.

O teólogo da *kenosis* pensa Jesus como “católico” e a Igreja chamada de católica, significando que ela deve buscar constantemente seguir os mesmos passos de compreender as fragilidades da *oikomene* humana necessitada da proximidade do amor da Trindade. Pensar a vocação eclesial além de uma pertença institucional, religiosa ou de devoção pietista, ao contrário, realizar a densidade

647 BALTHASAR, H. U. von, *Spiritus Creator*, p. 398.

648 BALTHASAR, H. U. von, *Católico*, p. 6-7.

vivencial da transparência do coração de Deus que se fez carne. O núcleo do católico é ter a clareza do abaixamento de Deus através da encarnação de Jesus, revelando a sua grandeza e misericórdia ao invés de dureza e severidade. Assim, “a única razão pela qual a Igreja pode ser católica é porque primeiro Deus é ‘católico’ e porque em Jesus e, por último, no Espírito Santo, essa catolicidade de Deus se abriu ao mundo: revelando-se e doando-se ao mesmo tempo”⁶⁴⁹.

A comunicação da liberdade de Deus em realizar a sua saída em direção ao mundo, buscando se integrar nas relações presentes no mundo, esboça o significado do seu amor como católico: universalmente a todos, sem distinção. Essa catolicidade, assim como a *kenosis*, é expressão horizontal que se constrói em cada relação social. A Igreja pode se apresentar visível em sua catolicidade, mas também invisível por muitos santos que, no perímetro conhecido por Deus, espalham as práticas do seu amor absoluto de forma universal. A missão universal de irradiar esse amor evangélico a todo o mundo não se configura a um tempo e espaço, e sim a cada encontro atual que se realiza e acontece na convivência humana.⁶⁵⁰

Esse encontro dentro da própria Igreja se faz na eucaristia e nas suas relações de sinodalidade, e no mundo através do diálogo ecumênico e inter-religioso. A *koinonia* das comunidades de fé possibilita irradiar a mensagem salvífica do Deus Trino em ser próximo e fecundar relações de convivência humana. Trata-se de pensá-la como missionária na sua apostolicidade de realizar a unidade pneumática e eucarística, acentuando a presença conjunta de igrejas, religiões e pessoas de boa vontade para a harmonia da obra da Criação. A sua missão de dará como a realizou Jesus, com os ouvidos e coração abertos para escutar os sofrimentos e anseios existentes.

A presença da Igreja no mundo a constitui pastoralmente com a mesma iniciativa da Trindade em estar envolvida na história. Esse envolvimento acontece com o diálogo que supera o monólogo doutrinador, proporcionando um cristianismo com comunidades capazes de dialogar com o mundo.⁶⁵¹ O discipulado de Jesus se realiza através do Evangelho, em oportunidades de se iniciar, se envolver, acompanhar e vivenciar o diálogo com as pessoas. O próprio amor do Pai através (*dia*) da sua Palavra (*logos*) é perspectiva que direciona e caracteriza a missão eclesial no mundo. O ofício magisterial da Igreja se realiza na medida em que ela está aberta a escutar e dialogar com as questões emergentes que irrompem na dramática histórica.

649 BALTHASAR, H. U. von, *Católico*, p. 23.

650 BALTHASAR, H. U. von, *Phénoménologie de la vérité*, p. 204-205.

651 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae Man in God.*, p. 71-72.

O diálogo como gesto kenótico leva a Igreja a estar socialmente encarnada, para mostrar a radicalidade da proximidade de Deus com o ser humano, como, por exemplo, na defesa e efetividade dos direitos humanos.⁶⁵² Esse movimento e opção faz com que ela livremente “se faça doação através do cristianismo de base”⁶⁵³, fazendo fraternalmente a construção da amizade. A obediência eclesial deixa de ter a conotação de submissão para a *parresia* de se inserir na participação da missão divina no mundo, sendo essas as características da *kenosis* trinitária. Por isso, “desde o início Yahweh é um Deus (politicamente) libertador”⁶⁵⁴, se mostrando presente nas realidades que clamam contra a liberdade humana.

A *parresia* cristã prossegue essa presença evangélica com os preferidos da Trindade que se tornou encarnada nas atitudes de Jesus. Essa opção do Filho em profunda comunhão com o Pai o levou à humilhação da cruz, tornando real que acompanhar as realidades encarnadas exige a participação livre nos seus dramas reais. Von Balthasar, no segundo volume da *Teodramática*, ressalta o envolvimento e acompanhamento do cristianismo com as realidades históricas, em como o Filho assume a encarnação na dinâmica do seu caminho a partir de relações e escolhas feitas com a liberdade.

O discipulado, através da escuta da Palavra e conhecimento da realidade, poderá perceber e fazer a escolha da direção de sua atuação. O caminho livre de escuta e adesão ao Evangelho é a interpretação da vida cristã, que kenoticamente se coloca a serviço e presença concreta nos *lócus* do caminho eclesial. Isso significa a ação de corresponsabilidade eclesial de todos batizados como respostas entranhadas nas questões de diálogo com a humanidade e suas relações com a Criação.⁶⁵⁵ É o compromisso de amar o mundo com todas as suas dificuldades e desencontros, da mesma forma que a doação de cada Pessoa da Trindade realizou em sua *kenosis*. O acontecimento trinitário que se oferece ao mundo e a Igreja assume como sua missão esse prolongamento.

O caminho pelo mundo é o *lócus* da sua *kenosis*, permitindo se encontrar com Deus na sua própria Criação. E, no caminho, nos encontramos com os postos à margem:

*nos permitindo reconhecer seus conteúdos ali onde à primeira vista não são reconhecíveis. Segundo as palavras de Cristo que todo o cristão conhece, o voltaremos a encontrar em seus “irmãos menores”, nos famintos, sedentos, estrangeiros, nus, enfermos, encarcerados; em todos os que estão em situações semelhantes e, sobretudo, em nossos inimigos.*⁶⁵⁶

652 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae Man in God*, p. 203.

653 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae Man in God.*, p. 203.

654 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae Man in God*, p. 244.

655 BALTHASAR, H. U. von, *Meditar cristianamente*, p. 59.

656 BALTHASAR, H. U. von, *Meditar cristianamente*, p. 67.

O diálogo entre Deus e o mundo, através da liberdade infinita e finita, se mostra no indizível número de atos de um drama que tem na cruz a sua mais expressiva ação. Esse que parece o último ato da dramática recebe ainda, através da Ressurreição e do Pentecostes, novos atos da compreensão de que Deus nunca é expectador ou desiste da história do mundo.

A *kenosis* nos possibilita compreender que “a Igreja que ama é a que melhor reza”⁶⁵⁷, pois sai impelida pelo Espírito Santo, mesmo com o perigo de quedas e humilhações. Essa Igreja que ama é a continuadora da Páscoa-Pentecostes, ao prosseguir através do caminho marcado por obstáculos, transmitindo com tranquilidade a mensagem evangélica. Por isso ela se faz próxima à mensagem do Cristo:

*só a Igreja que crê compreende Jesus, em todas as suas palavras e especialmente em sua paixão, revelando seu próprio amor junto com o do Pai. (...) A Igreja instituída por Cristo recebeu de Deus o ofício de anunciar a “mensagem de reconciliação”. A sua proximidade mesmo com seus próprios incômodos do passado nos recorda que somos “nova criação” e que temos de comportarmos, agora, em consonância.*⁶⁵⁸

Assim, von Balthasar destaca a necessidade de a Igreja estar no mundo, principalmente nos lugares que possuem e provocam tensões. A Igreja, apostolicamente, realiza a sua convivência pacificamente através da sua própria renúncia em se impor como única verdade, mas sim se inserindo e propondo horizontes de diálogo e superação.⁶⁵⁹ Essa presença apostólica se realiza através do Espírito Santo que atua fecundamente nos corações e consciências abertas dos cristãos, pois se trata de “um ato de amor recíproco, igualmente total e incondicional”⁶⁶⁰. O amor inspirado e soprado pelo Espírito possibilita o conforto diante das tribulações, cultivando as virtudes kenóticas da paciência, perseverança e esperança – e a renúncia eclesial é a exigência do cristão em se comprometer no mundo. Corresponde às aberturas do Espírito as realidades encarnadas do Filho:

*a palavra viva da Igreja: a palavra da evangelização dentro da sua pregação através das Escrituras, que é uma palavra do Espírito Santo sobre o Filho. Apresentando autenticamente divina e concretamente a revelação do Pai no seu Filho-Verbo. Dessa maneira, o Espírito realiza a abertura das realidades encarnadas do Filho para a Igreja também estar atenta e inserida.*⁶⁶¹

657 BALTHASAR, H. U. von, Luz de la Palavra, p. 72.

658 BALTHASAR, H. U. von, Luz de la Palavra, p. 237.

659 BALTHASAR, H. U. von, Luz de la Palavra, p. 249.

660 BALTHASAR, H. U. von, Luz de la Palavra, p. 255.

661 BALTHASAR, H. U. von, La prière contemplative, p. 25.

A Igreja possui na revelação a sua palavra, que é a *parresia*, significando como a liberdade do Deus Trindade indicou os caminhos de aberturas providas das atitudes de dentro de si para o exterior da criação. Essa *parresia* divina ressignifica a missão eclesial para se abrir aos que são contrários à sua mensagem ou a obstaculizam.

O Espírito possibilita aos carismas eclesiais mais diversos serem favoráveis para toda a comunidade, encorajando a característica profética e sua inserção na sociedade. Ele introduz e alimenta a *parresia* eclesial nas pequenas comunidades, permitindo a atuação em comunhão e nunca isolada.⁶⁶² A instituição Igreja só tem sentido se existir à medida que se relaciona e se identifica com a vivência audaciosa e corajosa na sua dimensão eclesial de testemunhar o amor através da oração e ação.

As necessidades humanas exigem da Igreja povo de Deus, com seus teólogos, se abaixarem às realidades feridas pelo pecado nas estruturas, como foi o abaixamento de Deus. O envolvimento do amor trinitário move a Igreja a realizar caminhos geradores de esperança nos processos históricos, sendo a sua missão ser continuadora da missão de Jesus. Como exemplo, o pensamento de Jüngen Moltmann na *Teologia da Esperança*, a Teologia da Libertação na América Latina e o aprofundamento teológico da Escritura inspirando programas culturais e políticos.⁶⁶³

A “*kenosis* eclesial” possibilita pensar e experienciar a perfeição do amor nos gestos encarnados que dignificam as relações humanas que estão distantes do amor que aproxima e transforma. A promessa do Deus vivo e verdadeiro em estar próximo do seu povo e economicamente no meio dele através do seu Filho prossegue atuando e conduzindo com a efusão do Espírito Santo a sua presença nos processos seculares, interagindo nas estradas horizontais. Assim, o Espírito Santo é quem faz com que haja homens e mulheres livres e prontos para se doarem, mantendo viva a esperança e a proximidade do amor divino no meio da humanidade.

A Igreja está além de ser uma associação de fiéis, é antes o movimento constante do amor da Trindade, possibilitando direta e indiretamente a experiência de se conviver e se construir o amor. O viver ético eclesial acontecerá na sua renúncia às propriedades e realização da opção pela pobreza, significando *kenótica*, espiritual e materialmente o autoabandono no caminho do *homo húmus humilis*. Indica se encontrar com a humanidade através do seu abaixamento e aniquilamento, suportando as humilhações por ir ao encontro das necessidades

662 BALTHASAR, H. U. von, *La prière contemplative*, p. 71.

663 BALTHASAR, H. U. von, *The Last Act*, p. 168.

e limitações do próximo que clama.⁶⁶⁴ E von Balthasar expressa, em Glória, essa proposta eclesial encarnada na história:

*Essa Igreja enviada à história do mundo haverá de expressar sua vitalidade mostrando-se sempre à altura das situações e dos acontecimentos históricos graças ao Espírito de Deus que habita nela. Assim, haverá de declarar e desenvolver expressivamente sua fé no rico sistema de civilização e de pensamento greco-romano, com a firme vontade de manter-se fiel a sua tradição originária. E as definições redigidas em seus concílios ecumênicos como expressões da autoconsciência da sua fé serão vinculantes para todos os fiéis.*⁶⁶⁵

Von Balthasar apresenta a pobreza voluntária através dos seus quatro afluentes: obediência, mansidão, paciência e renúncia. Essas características propõem a Igreja estar presente no mundo através da *kenosis* que favoreça um serviço humilde sem esquecer as suas raízes trinitárias. A pobreza como consequência da necessidade humana precisa ser superada pela comunidade que tem a sua obediência apostólica em estar ao lado dos pobres, através da renúncia das riquezas com mansidão e pacientemente promovendo a transformação dessas realidades.

Von Balthasar destaca que na sua teologia kenótica a Igreja precisar superar o hiato de quem é e qual a sua missão. A sua missão acontece se envolvendo pessoalmente com os pobres e abandonados da sociedade, pois deles foram tiradas as condições e oportunidades da dignidade humana.⁶⁶⁶ Assim, a Igreja tem a sua missão no mundo compreendendo com os pobres, teológica e sociologicamente, a exigência de compromisso. A presença da Igreja supera o seu governo político de acordos para o seguimento de Cristo, de modo mais periférico no seu estilo de Igreja, superando a tentação de confundir a fraternidade com democratismos.⁶⁶⁷ Von Balthasar, ao apresentar a opção eclesial de estar com e junto aos pobres, detalha os termos bíblicos que a aproxima deles como missão trinitária:

*Esta ação se dirige essencialmente a todos os oprimidos e indefesos e aos que não são capazes de se valer por si mesmos: de aqui se segue que o pobre se converta em uma atenção ainda mais intensa. (...). A pobreza enquanto tal não é um valor: não deveria existir, devendo ser erradicada a todo custo. A pobreza degrada o homem, faz dele carente e um mendigo ('ebjon), um ser resignado ('ani), abatido, débil no corpo e no espírito (dal), um pobre sem remédio (ras').*⁶⁶⁸

A Igreja, em sua missão, deve se fazer profética promovendo a justiça aos pobres e desfavorecidos da sociedade. A evangelização passa através da *kenosis*

664 BALTHASAR, H. U. von, *Metafísica*, p. 45; BALTHASAR, H. U. von, *Luz de la Palabra*, p. 92.

665 BALTHASAR, H. U. von, *Estilos laicales*, p. 331.

666 BALTHASAR, H. U. von, *Luz de la Palabra*, p. 228.

667 BALTHASAR, H. U. von, *Si no os hacéis como este niño*, p. 71-71.

668 BALTHASAR, H. U. von, *Antiguo Testamento*, p. 274.

com o envolvimento com os pobres, oprimidos, resignados e submetidos à humilhação constante, possibilitando a compaixão que promova elevá-los e estabelecê-los no centro das discussões humanas. A missão de promover constantemente se inclina para possibilitar encontros amorosos, como justiça encarnada.

Von Balthasar destaca que tratar de uma “*kenosis* eclesial” é a Igreja se associar à revelação do Deus vivo e amoroso, que se faz próximo em Aliança com o seu povo e seus sofrimentos, principalmente, na encarnação do seu Filho. Essa *kenosis* econômica do Filho propõe à Igreja não ser um fim em si mesma, mas de prosseguir ativa e pacientemente através das resistências ao antirreino, agindo para a transformação do mundo.⁶⁶⁹ Por isso, o amor kenótico da Trindade manifestado ao mundo é testemunhado através da efusão do Espírito Santo para a humanização e convivência com vida plena e abundante (Jo 10,10). Von Balthasar destaca na *Estética Teológica* como é vital para a Igreja a sua práxis coerente com a proposta do Cristo:

A perene práxis se alcança pelo esplendor de Cristo – e, Nele, do Deus trinitário – seja conduzido a resposta vital de se doar. A práxis cristã, hoje escrita com maiúscula, só pode ter lugar, essencialmente, depois da “teoria”, do reconhecimento da exigência presente na entrega do amor trinitário de Deus para nós, exigência que, por sua vez, não é outra coisa que dom: libertação do homem de seu emaranhamento em si mesmo para uma resposta adequada a Deus no único e duplo mandamento principal formulado por Cristo.⁶⁷⁰

O caminho a ser realizado pela Igreja precisa ser o do despojamento, esvaziamento e abaixamento, possibilitando-a ir e estar acompanhando as questões universais e periféricas. É um caminho de amor que se abaixa assumindo a impotência própria de quem ama, construindo uma solidariedade e capacidade de compreender a lógica dos vulneráveis.

A teologia sistemática de von Balthasar convida o cristão a realizar uma espiritualidade de viver o seguimento de Jesus de forma aberta e abrangente, tanto com a Trindade como com o mundo. A continuação desse amor permitirá a presença nos momentos desafiadores e silenciosos em que a humanidade se encontra na sua solidão, diante do silêncio kenótico de Deus:

*No hino cristológico de Filipenses 2 a cruz e a ressurreição são as duas caras do mesmo acontecimento pascal. Nesse sentido e desde aqui, entendemos o porquê da insistência da Escritura ao afirmar que o Ressuscitado é o Crucificado, apontando a continuidade esclarecedora no nosso caminho. Por outra parte, a ressurreição do Filho, é revelação do Espírito derramado na Igreja, encarregando-se de prolongar a presença do Ressuscitado “mediante um novo ato de *kenosis* trinitária na Igreja”.⁶⁷¹*

669 RIBEIRO, C. S. M., *Mysterium Paschale*, p. 193.

670 BALTHASAR, H. U. von, *Verdad del mundo*, p. 22.

671 SÁNCHEZ, P. P., *Un camino de omnipotente impotencia*, p. 64.

A disponibilidade de participar desse projeto amoroso anuncia esperança para todos, expandindo além das fronteiras o movimento reconciliador e humanizador. O encontro com Cristo – e ser participante da sua *kenosis* – é se abrir a aprender a ver o novo e experimentar a beleza do amor divino encarnado na humanidade. É se fazer pequeno com os pequenos e com a sua pobreza, marginalidade, falta de solidariedade, para que sejamos com eles sujeitos kenóticos de comunhão, participação e transformação.

O amor fraterno é o caminho de *kenosis*, pois exige a opção do esvaziamento de si para frutificar novas relações de convivência humana e com toda a criação. Esse amor transformador possibilitará, através do testemunho e ação dos cristãos, fazer a Igreja desenvolver o seu chamado kenótico nas causas das feridas dos crucificados do mundo. Por isso, pensar teologicamente e pastoralmente a *kenosis* da Igreja implica a vocação e participação no caminho da revelação que sai de si para, ou seja, do centro para o periférico, possibilitando encontrar o verdadeiro centro onde se manifesta o amor encarnado da Trindade. A questão primordial para a Igreja se tornará: estamos dispostos a responder essa vocação de sairmos de nós mesmos e pelas cruces da história manifestar a glória do amor absoluto?

3.3.2 A dramática interna: *Pneuma* e instituição

O amor entre os seres humanos anunciado, vivenciado e testemunhado pelos cristãos somente se torna possível na sua abertura ao Espírito Santo. Assim, a instituição eclesial alcança sentido na sua visibilidade através da sua atuação pelo amor ao próximo. O sopro do Ressuscitado sobre os discípulos e o envio missionário comunica a exigência e a norma única para a Igreja viver e operar no mundo: escutando os caminhos indicados pelo Espírito Santo. A instituição sem a iniciativa provinda do Espírito para atuar livremente no mundo perde a sua identidade, se tornando uma expressão de organização com estrutura institucional.

A forma cristã de existir e atuar está na expressão “uns aos outros”, implicando a participação nas alternâncias da vida entre dor e alegria, esperança e desesperança, possibilitando diretamente a própria proximidade de Deus.⁶⁷² A fé e a apostolicidade da Igreja primitiva são a maneira clara como ela pretende ser e se organizar. Ela encontra, nessa sua base, escatologicamente a cruz como o amar todos para a nova criação, possibilitada pelo *Pneuma* que age de forma econômica no amor trinitário revelado na encarnação do Verbo:

672 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 15.

*O Pneuma inspira Jesus Cristo a partir do batismo. A tendência encarnatória desta Pneuma não é aquela do espírito do mundo, mas aquela da vontade divina do Pai, que na expressão do Espírito Santo, se concretiza para o Filho no mundo tal que nenhum nível é possível um processo de abstração universal.*⁶⁷³

A distinção do Espírito Santo como *Pneuma* agindo na instituição eclesial é importante para que o mundanismo, ou seja, o espírito do mundo, desvie a Igreja da sua missão de ser continuadora do Evangelho de Cristo. Por isso, o *Pneuma* de Cristo é o ponto de partida para a existência e a força da Igreja, mantendo Ele vivo no meio da vida comunitária e na sua atuação no mundo. Assim, as comunidades espalhadas em sua catolicidade são inseridas no mundo como presença concreta do *Logos*, afirmadas pelos Padres da Igreja como Gregório de Nazianzo, Atanásio, Orígenes e Máximo Confessor.⁶⁷⁴ Von Balthasar destaca essa relação da vocação da Igreja e da sua própria questão institucional a partir da vivência das comunidades, ou seja, o pequeno rebanho, que espalhadas testemunham a catolicidade cristã.⁶⁷⁵

A institucionalidade da Igreja se origina na comunidade reunida ao redor da eucaristia, em que irmãos e irmãs partilham a Palavra e o seu modo de viver conjugado à realidade externa, possibilitando o partir do pão como práxis concreta e opção da sua existência.⁶⁷⁶ A presença da instituição da Igreja no mundo se torna uma vida comunitária e social através do Evangelho, que o Espírito através dos atos de amor possibilita transformar as realidades de convivência humana. A Igreja apropriada de uma instituição de propriedade privada, ou religião particular, ou grupo elitista fere a sua natureza e vocação eclesial de transformar as estruturas sociais que carecem da mensagem de Cristo, dignificadora dos pobres e oprimidos.⁶⁷⁷

O olhar de amor do Deus Trino para a humanidade é a radicalidade transformadora, que faz a Igreja como instituição católica valer o princípio teológico ser teoprático.⁶⁷⁸ O seu agir missionário caracteriza a sua forma cristã e católica para além de uma expressão técnica e formal de existir e estar no mundo. Pensar a instituição Igreja Católica como uma organização religiosa, burocrática e política é possibilitar desviá-la da sua origem e do seu mistério a partir da revelação trinitária. A pergunta expressa da *kenosis* da Igreja é imaginá-la e compreendê-la nas condições da *kenosis* do Cristo, isto é, na renúncia da forma Dei.⁶⁷⁹

673 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 18.

674 BALTHASAR, H. U. von, Parole et Mystère chez Origène, p. 73.

675 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 21.

676 BALTHASAR, H. U. von, ¿Por qué soy todavía Cristiano?, p. 15-16.

677 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 27.

678 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 27.

679 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 41.

A Igreja continuadora da missão de Cristo precisa prosseguir em ser pobre, doadora de si, abandonada eucaristicamente e distribuída ao outro. Esse ser kenótico faz dela, além de uma constituição humana organizada, servidora da humanidade como fez o seu Senhor destacado no hino de Fl 2,7. Trata-se de aplicar a *kenosis* à Igreja, relembra von Balthasar, ao se referir sobre o drama da sua atuação e forma no mundo, dependendo da maneira da sua definição. Teologicamente como está em Fl 2,7, no segundo testamento, a clareza que o Filho preexiste na sua forma divina, assumindo a forma de servo e se encarnando participa da natureza humana, convidando-a a participar da natureza divina. A Igreja com seus membros reunida no Cristo, como vemos no segundo testamento, junta-se a Ele e, na sua liberdade, prossegue no seu âmbito próprio o caminho possibilitado pela *kenosis* divina:

Se kenosis significa o ato livre de um preexistente, de despojar-se da forma Dei e de assumir a forma de servo, a aplicação deste conceito para a Igreja pressuporia que também essa, como Cristo, ou talvez Nele, tivesse tido a faculdade de adotar tal resolução livre.⁶⁸⁰

Von Balthasar destaca a Igreja espiritual e originária somente a partir da carne do Cristo que doa o seu Espírito Santo sobre a assembleia reunida. Assim, significa que encarnada e formada por pessoas busca, através do Espírito do Cristo, superar os pecados e as suas falhas, constituídas ao logo da sua existência. O ser humano e a Igreja não realizam a mesma *kenosis* divina, devido à sua identidade ôntica e concreta, mas criados à imagem e semelhança de Deus são convidados a participar livremente do ato kenótico da Trindade, através do Verbo encarnado do Pai pelo seu Espírito.⁶⁸¹

Acompanhar a via da *kenosis* de Cristo é se pôr livremente ao serviço da humanidade, mesmo diante das suas próprias fraquezas e fragilidades, para realizar a vontade amorosa do Pai. Assim, a Igreja se propõe a uma “*kenosis* eclesial” de obedecer a vontade do Pai: se coloca a amar e servir a humanidade, promovendo a reconciliação e a convivência entre os povos. Somente no abaixamento do Deus Trino é que a Igreja pode ter a sua forma de existir institucional e sacramental. O processo da Igreja em se desenvolver como uma instituição de fé e agir no mundo é pneumatológico ao invés de doutrinário. A única doutrina é a do amor encarnado do Deus Trino, que prossegue atuando no mundo através do testemunho e diálogo amoroso da *ecclesia* do seu Filho. A obediência eclesial está além do cumprimento de ritos e normas eclesiásticas pelo clero e o povo, está no *Pneuma* divino avivando a observância e práxis do amor divino nas relações de fraternidade.

680 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 41.

681 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 43.

O mandato do amor conferido pelo Cristo institui a Igreja através da autonomia e responsabilidade mútua na e pela comunidade de fé.⁶⁸² A Igreja com as suas comunidades de fé espalhadas realizam a comunhão do ato de fé em resposta a sua adesão ao Verbo encarnado. Essa proposta eclesiológica de von Balthasar propõe refletir a práxis da comunhão e sua institucionalidade através da corresponsabilidade batismal e seguimento evangélico. Assim, é preciso compreender a graça dos dons recebidos e horizontalmente testemunhar a sua fé trinitária, recebida no batismo, pois:

*não é a Igreja a distribuir os dons da graça, mas é Deus a distribuí-los. Contudo, de tal modo que essa verticalidade não seja de favorecidos permanecendo sem exceção ao serviço através da comunhão que é a Igreja em Cristo, a filiação batismal como membros do único corpo, segundo a analogia da fé. (...) Portanto os dons da graça não são ao menos circunscritos em virtudes de escolhas democráticas de linha horizontal, mas sim da comunhão realizada entre os membros do corpo.*⁶⁸³

É na comunidade corpo de Cristo que a Igreja, com o seu ofício (Pedro) e o mandato do amor (João), possibilita a institucionalidade do ser eclesial e não eclesiástico. A unidade eclesial não se constrói com decretos e normas, e sim claramente na autonomia do amor, possibilitando pensá-la na sua ministerialidade e liberdade através do serviço desinteressado. Nessa unidade do amor, ela se permite amar e ser amada entre seus membros, mesmo com a sua diversidade e também na sua relação com outros credos e povos. Por isso, von Balthasar salienta “o amor exercitado na Igreja vai a Deus e ao próximo, se movendo do centro que é Cristo, em cujo se encontram as duas dimensões do amor”⁶⁸⁴.

A solicitude pastoral da Igreja passa de um simples existir institucional ou sacramental religioso para se colocar decisivamente em contato e diálogo com as pessoas. Esse amor pastoral e institucional reflete o antigo Israel, que no seu chamado indiviso ao amor do seu Deus consegue caminhar livre. Dessa maneira, a Igreja constituída e reunida na Aliança do Cristo é fruto pascal, enviada ao mundo com um único mandato e missão: incluir todos no amor. A autoridade eclesial acontecerá somente no amor que deriva do Evangelho e a faz frutificar a presença do Cristo (Jo 15,1-8).⁶⁸⁵

A expressão que a autoridade não está no poder temporal e sim no serviço possibilita a própria Igreja a se rever continuamente – nos seus passos e na sua vida comunitária, como ocasião de transformar as realidades desviadas do misté-

682 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 47.

683 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 50.

684 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 58.

685 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 61.

rio pascal, onde está sempre pronta para fazer nascer através do Espírito. A teologia patrística da “Mãe Igreja” abre horizontes relevantes para se conhecer as necessidades de crescer na dimensão do amor, ao invés de uma velha senhora fechada em si. O amor dessa “Mãe” gera filhos e filhas que são impulsionados a saírem fraternalmente para amarem, mesmo com os perigos que possam encontrar.⁶⁸⁶

Von Balthasar identifica o *sensus Ecclesiae* buscando superar as tensões entre *Pneuma* e instituição como a consequência do evento Cristo, do seu abaixamento à abertura para sair e crescer no amor.⁶⁸⁷ O cristão supera os seus egoísmos pela vida encarnada no amor, ousando e unindo na sua práxis comunitária a institucionalidade eclesial. O gesto kenótico de se doar possibilita a Igreja realizar livremente a disposição de ir, por “iniciativa própria, entrando nos lugares determinados e derrotados”⁶⁸⁸, prosseguindo nos membros eclesiais esse amor que dá vida à instituição através da revelação bíblica do *Pneuma*, que explica a iniciativa do Espírito após o hálito do Ressuscitado.

Von Balthasar critica o clericalismo que centraliza o poder tanto sacramental como da autenticidade da Palavra de Deus.⁶⁸⁹ Os ministros da instituição eclesial são chamados a pensar seu serviço e poder através da pastoral com as realidades existentes e desafiadoras para a vida da sua comunidade, pois “a Igreja deve pensar também os termos terrenos-realísticos”.⁶⁹⁰ Assim, por exemplo, revendo própria possibilidade institucional de repensar o celibato presbiteral em vista da ministerialidade eucarística da própria comunidade, espalhada na secularidade e com escassez de ministros celibatários.

O *Pneuma* possibilita a instituição eclesiástica se abrir à revelação, buscando se aproximar da realidade humana e se distanciando do clericalismo vaidoso, escravo das suas próprias corrupções.⁶⁹¹ Esse Espírito que age na vida comunitária e renova a instituição leva a compaixão e a misericórdia como instrumentos pastorais no diálogo com o mundo. Von Balthasar, na sua obra pré-conciliar *Razing the Bastions*, propõe à estrutura da Igreja um caminho determinado e claro para realizar uma articulação que a flexibilize em sua atuação no curso da história.⁶⁹²

A estrutura petrina-hierárquica criada como reflexo da hierarquia constantiano-carolíngena impede a Igreja sair de si mesma e dos seus muros, fazen-

686 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 66.

687 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 70.

688 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 79.

689 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 138.

690 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 138.

691 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 166.

692 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 38.

do-a refém das estruturas clericais, burocráticas, sacramentais e templárias. Por isso, o teólogo destaca que “vemos o chamado a escutar e que os leigos comecem a se levantar na responsabilidade sua que é própria”⁶⁹³, reafirmando a importância que a instituição movida através do Espírito se faz pelo Povo de Deus, ou seja, a assembleia dos batizados. Destaca a preocupação singular dos teólogos da geração conciliar:

*O futuro da Igreja (e hoje ela tem oportunidades maiores) depende do leigo poder encontrar quem o deixe agir sem interrupção pelo poder do Evangelho, ou seja, dispostos a transformar o mundo. Isto óbvio, que todos os clérigos e religiosos não conseguem sozinhos alcançarem.*⁶⁹⁴

Outra contribuição teológica e pastoral para a organização da instituição eclesial a partir do *Pneuma* está na iniciativa dos leigos ocuparem os locais de participação intelectual e espiritual dentro da Igreja.⁶⁹⁵ Acrescenta-se que a Igreja não deve “ficar fechada dentro de uma sala, e sim conscientemente ampliar os seus limites *ad extra*”⁶⁹⁶. O *sentire cum ecclesia* através do “pensando na e com” a Igreja a faz emergir de dentro de si para estar. através do laicato. presente e atuante no mundo. Estabelece-se a responsabilidade de um laicato maduro e não preso a um redil, possibilitando inseri-lo nas questões sociais presentes e carentes do testemunho evangélico.

Duas expressões de von Balthasar definiam cenário e momento eclesiológico em que fervilhava o Concílio Vaticano II, apontando para a necessidade de a estrutura institucional responder ao seu tempo. Elas são “jardim fechado”⁶⁹⁷ e “primavera fechada”⁶⁹⁸ que obstacularizavam a Igreja de estar em contato com as realidades, e ao mesmo tempo descer aos locais humanos humilhados. O tempo do pré e do pós-Concílio realiza, a exemplo da externalização kenótica da Trindade, o processo de sair das suas estruturas internas para estar presente no meio das realidades externas. A Igreja e o mundo precisavam deixar de serem coisas distantes e caminhar juntos para a manifestação do amor absoluto da Trindade.

O ensaio teológico *Sponsa Verbi* foi elaborado por von Balthasar entre os anos de 1939 e 1961, coincidindo a sua publicação com os preparativos do Concílio Vaticano II. A chave de leitura desta obra traz vários elementos teológicos que estão sendo trabalhados nesta tese sobre a articulação e sistematização dos

693 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 39.

694 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 42.

695 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 42.

696 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 48.

697 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 100.

698 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 100.

fundamentos teológicos a partir da revelação kenótica da Trindade, da Escritura e da presença dos batizados no mundo. A pergunta teológica – Quem é a Igreja? – é útil para que ela própria, na contemplação e ação, possa testemunhar ao mundo a sua vocação e quem realmente é. A credibilidade da Igreja e a sua fé passam, através das suas estruturas, sacramentos, pregação e catequese, a ter o seu acento no seguimento evangélico de Cristo. A procura de ser uma instituição religiosa, almeja proselitismos através de sacramentalização, leis canônicas, aparatos clericais e magistério estéril, que acabam se contrapondo ao seu seguimento e à sua credibilidade.

Por isso, von Balthasar perpassa em suas obras a preocupação de a Igreja deixar as suas muralhas institucionais – sem credibilidade pelo seu *modus operandi* – para se tornar um instrumento dado pela revelação do seu Senhor através do Espírito Santo. A preocupação da alegria que supera as fraquezas eclesiais e humanas está em cada cristão comprometido com o novo, inspirado pelo Espírito. A sua presença é sentida na Igreja e nas suas comunidades, quando o retorno frequente às páginas do Evangelho a sustenta e a impulsiona a estar e agir no mundo. Assim, a espiritualidade madura da Igreja faz com que todos possam escutar os sinais dos tempos, respondendo as demandas de cada tempo. Como expressou o autor da *Teodramática III*:

Escutamos o sopro do Espírito e os sinais dos tempos, escutamos por tanto em uma atitude de fé e de oração e também as suas indicações, podemos dizer a priori, com certeza: o Espírito de Jesus não pode e nem quer doar para a sua Igreja, também hoje, nem outro senão o Espírito próprio de Dele. Isto significa que a espiritualidade da Igreja em cada tempo, e neste nosso tempo, não poderá ser outra que essa, e não mundana no senso poder terreno, de se impor o terreno, dos novos métodos terrenos.⁶⁹⁹

A espiritualidade da Igreja como esposa de Cristo traz a abertura de estar intimamente e somente unida ao seu Esposo.⁷⁰⁰ As diversas fórmulas eclesiológicas sempre deverão partir da sólida cristologia que apresenta o amor efuso do Cristo mediante a doação imanente e econômica da Trindade. A comunhão eucarística se realiza mediante os seus membros, que estão unidos no amor do Cristo, e ela reunida e enviada para a atuação do seu amor com a humanidade. Assim, a estrutura da Igreja é missionária, caminhando nas estradas do mundo e nos próprios campos estranhos a ela.⁷⁰¹ As comunidades eclesiais e seus movimentos fechados em si mesmos e de viés mundano ameaçam o *credere* na Igreja e a comunhão do amor

699 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 5.

700 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 353-360.

701 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 19. BALTHASAR, H. U. von, *Estados de vida del Cristiano*, p. 258.

cristão e a instituição eclesial perde a sua credibilidade e interesse de atuar no mundo, se fazendo impotente com a sacramentização de jurisdição eclesiástica e se tornando caduca.⁷⁰²

A Igreja missionária possibilita o sair de si mesma às “Igrejas nacionais” ou fechadas por grupos, o que não significa negar a colegialidade e eclesialidade das conferências episcopais nacionais. Contudo, o perigo de se fechar em si mesma nos interesses particulares nacionais leva também ao risco do afastamento missionário, para os interesses políticos particulares. É importante a Igreja ser missionária como discípula. Jesus é a condição do discipulado responsável pela comunhão dos santos na sua catolicidade através das comunidades de fé. “Andar juntos e seguindo caracteriza o discipulado”⁷⁰³, é a característica ímpar da Igreja como instituição pneumatológica e de estrutura missionária.

“A duplicidade espiritual”⁷⁰⁴ se torna empecilho ao modelo arquético da proposta encarnada do cristão e da sua constituição comunitária, pois cultivar a disposição real e concreta do serviço externa a sua espiritualidade. O laicato atuando no mundo é a estrutura da Igreja que escuta, medita e segue o Evangelho como instituição de Cristo através do Espírito na *forma servi*. Assim, os que defendem a Igreja de estruturas, dos ofícios e ministérios hierárquicos com a sua triunfalidade dos períodos medievais, se afastam da *forma gregge* e do *martiryum*. A comunhão do amor no Espírito acontece no centro da vivência comunitária do Evangelho, que deve ser uma assembleia pneumatológica reunida pela Trindade.

Von Balthasar tem a preocupação com expressão de perigo clerical “*L’Eglise c’est moi*”, que traz a falta da iniciativa dos clérigos irem ao encontro do mundo com os batizados, corresponsáveis da missão da Igreja. A aristocracia-hierárquica da institucionalidade da Igreja fere o seu significado teológico-bíblico de ser o Corpo de Cristo, significando a importância da *persone colleeive*.⁷⁰⁵ O processo de conscientização de pertença eclesial e participação missionária, possibilita revê-la como instituição pneumatológica, aberta ao novo do Espírito em cada tempo com suas exigências. A união sponsal de um homem e uma mulher é o princípio fecundo da Igreja em que Cristo, o esposo, fecunda a Igreja, sua esposa, sendo ela mãe fecunda de seus filhos e filhas espalhados pelo mundo (Ef 5). Essa é também a base bíblica da relação sponsal de Israel com Deus.

A Igreja da comunhão dos santos e a institucional oficial necessitam realizar a relação intrínseca da unidade trinitária, constituindo apostolicamente a re-

702 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 64.

703 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 70.

704 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 71.

705 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 129.

lação entre ambas através do amor do Cristo e seu Pentecostes. Assim, o evento Cristo na sua Páscoa-Pentecostes engendra através do Espírito constantemente na Igreja as relações novas e transformadoras. A *casta meretrix* clerical e laical precisa ser superada através das relações renovadoras, e não das armadilhas de constituições jurídicas, com perigo de se envolver e se identificar com os mundanismos, que ferem a sua fidelidade sponsal com o Verbo encarnado.

O Espírito sempre atua conduzindo e reconvocando a Igreja a superar as tentações e perigos de sua infidelidade à doutrina de Cristo, que é o Evangelho. Os homens *eclesiásticos* necessitam ser ministros para o além da representação institucional, ser servidores que incluem, animando todos à vivência do amor absoluto da Trindade.⁷⁰⁶ É preciso evitar entre os membros da Igreja o perigo da pureza farisaica e a gnose eclesiástica, que a impedem de ser fecunda e credível no amor.

“A Igreja precisa conquistar a Igreja”⁷⁰⁷ para impulsionar os seus membros a não caírem na duplicidade da imagem de uma instituição impudica e de abusos ministeriais. Assim, assumindo a simbologia da forma kenótica do Cristo, a Igreja recorda constantemente a necessidade de ser esposa, mãe e virgem fecunda, e não seguir a infidelidade das tentações de interessantes mundanos. Von Balthasar destaca o perigo alertado por Santo Agostinho da “Igreja leprosa”, que necessita constantemente do banho batismal para ser purificada e testemunhar o amor de Cristo.⁷⁰⁸ Soma-se à “Igreja Madalena” na perspectiva de São Pedro Crisólogo, que se põe sempre aos pés do seu Senhor e lhe suplica a misericórdia, para oferecer ao mundo a misericórdia.

O sacerdócio dos fiéis é que possibilita a organização eclesiástica responder ao chamado para permanecer e agir, em seus próprios conflitos internos e externos, através da força transformadora do Evangelho.⁷⁰⁹ A Igreja hierárquica, através do *sensus fidelium*, se torna possibilitadora de realizar concretamente os dons criativos do Espírito Santo, comunicando espontaneamente ao mundo o amor e a misericórdia. Dessa maneira, evitará o perigo principal da sua institucionalidade, que é o clericalismo, pois a “atividade do clero não pode corresponder a uma passividade dos leigos”⁷¹⁰. O amor evangélico cristalizado pelo clericalismo institucional a torna uma organização repetidora de sacramentos, administração e organização, impedindo a ação carismática do Espírito Santo em todos os batizados que participam do amor eclesial e divino.

706 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 234.

707 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 238.

708 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 259.

709 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 280-281.

710 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 286.

O fundamento e desenvolvimento da Igreja estão na encarnação do Verbo, significando que todos os seus batizados participam desse mistério da Trindade, no meio da humanidade.⁷¹¹ Assim, os clérigos e os leigos não podem se permitir tornarem-se opositores, devem se abrir à riqueza ministerial de seus diversos dons, existentes desde as comunidades primitivas com seus múltiplos serviços, carismas e missões. A presença da Igreja no mistério da redenção está somente no amor cristão ao próximo que deve ser exercido por todos os batizados, comunicando ao mundo a sua proximidade e a sua fé.⁷¹² Dessa maneira, a Igreja como povo santo (λαϊκὸς ἁγίος) se torna a realidade encarnada dos ensinamentos evangélicos deixados pelo Cristo. Os bispos e padres abertos ao *Pneuma* possibilitam o discernimento e a unidade com os leigos para atuarem de modo ativo no campo da Igreja, que é o mundo. Essa consciência e responsabilidade eclesial são indispensáveis para fortalecer os dados fraternos e dóceis à iluminação do Espírito Santo.

“Só o laicato pode exprimir o *pleroma* de Cristo, e o ministro tem o dever de animar e promover tal laicato”⁷¹³, pois a consciência de pertença eclesial é a possibilitadora da fecundidade da missão e do fundamento da sua estrutura. Assim von Balthasar destaca os perigos dos títulos eclesiásticos que deixam opacos os testemunhos da Igreja, contradizendo a orientação do próprio Senhor (Mt 23,8-12). O único título necessário é para o serviço do amor recíproco, isto é, irmãos e irmãs, significando nossa fraternidade na encarnação do Filho através do amor do Pai e atuação do Espírito Santo. As demais titulações de excelência, eminência, pontífice, monsenhor, reverendo, herdadas dos príncipes feudais se distanciam do amor encarnado da Trindade e do abaixar-se do próprio Senhor para servir.⁷¹⁴

A autoridade da Igreja como instituição está além do direito clerical-eclesiástico, está sim presente na credibilidade de corresponder à vivência dos ensinamentos do Evangelho. Somente o amor presente na sua prática pastoral a fará cumprir o dever de ir ao encontro de todos, pois

*o “sair”, kerigma eclesial é (e também permanece) o ascender para o “sair” existencial voltado para Deus, o crente crê “para a Igreja” só para se prestar a escutar obediente na Igreja e enquanto Igreja (clero e leigos não se distinguem mais) a única Palavra de Deus.*⁷¹⁵

O drama entre *Pneuma* e instituição está na forma como o cristianismo atua e se imerge no mundo, pois teologicamente é *forma informans vitam eccle-*

711 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 291; BALTHASAR, H. U. von, *Estados de vida del Cristiano*, p. 252.

712 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 297.

713 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 301.

714 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 262.

715 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 374.

siasticam no seguimento radical do Senhor na sua morte e ressurreição.⁷¹⁶ Essa existência eclesial acontece através da escolha por Cristo e é conduzida pela docilidade do Espírito Santo para a comunhão dos santos, assim seus passos serão sempre a partir do ágape que acontece na prática do mandamento do amor ao próximo. A organização eclesiástica só terá sentido se o serviço eclesial se realizar na radicalidade do seguimento e prática evangélica. A fé eclesial encontrando seu arquétipo através “do Espírito será capaz de suscitar novas formas de vida na Igreja, as quais aos olhos do mundo podem se tornar sinais de escândalo”⁷¹⁷.

As glórias humanas trazem para o interior eclesial o perigo de torná-la mundana, projetando a polaridade nas suas relações dentro de si e fora de si, como, por exemplo, “as tensões entre curar-matar, destruir-construir, se abraçar-manter a distância, conservar-descartar”⁷¹⁸. Von Balthasar também apresenta o risco para instituição frente aos interesses econômicos que a afastam de manifestar a glória de Deus encarnada, distanciando-a da sua beleza evangélica. Os interesses individuais efêmeros, como o carreirismo e vaidades, poderão ser superados através da busca da justiça e do testemunho na convivência fraterna e solidária. Assim, o Espírito Santo no seu *hebel* e *ruah* sopra a força para um espaço vital para todos, evitando o “clericalismo como invenção dos laicos”⁷¹⁹.

Ver através dos olhos do mundo as suas próprias necessidades possibilitará a Igreja sair com a objetividade evangélica do amor.⁷²⁰ Esse primeiro passo balthasariano, somando-se ao escutar e ler as realidades seculares, possibilita a ela compreender o que o Espírito suscita frente às questões históricas. Os Padres da Igreja – Orígenes, por exemplo – destacam o *sensus spiritualis* visando a sensibilidade eclesial para se aproximar das demandas humanas, e através do Espírito fecundar novas formas e caminhos. A capacidade de ver, escutar e se envolver com as sensibilidades humanas constroem o espaço onde a Igreja necessita estar inserida. Esta será, portanto, a mesma lógica da revelação trinitária na história, através da encarnação do Verbo. A questão ímpar da Igreja estará em sempre escutar a realidade:

*se preocupar com a disposição da escuta. Porque, como temos mostrado, Deus dá ao chamado um componente subjetivo e outro objetivo; Ele empurra suavemente para entrar no interior das almas, mas espera que seus cuidadores chamados cuidem da interpretação, conscientização e de guiar os chamados.*⁷²¹

716 BALTHASAR, H. U. von, La percepción de la forma, p. 482-484.

717 BALTHASAR, H. U. von, Sponsa Verbi, p. 421.

718 BALTHASAR, H. U. von, Antiguo Testamento, p. 122.

719 BALTHASAR, H. U. von, Antiguo Testamento, p. 139.

720 BALTHASAR, H. U. von, Sponsa Verbi, p. 423.

721 BALTHASAR, H. U. von, Estados de vida del Cristiano, p. 353.

As comunidades de fé reunidas para comer a ceia do seu Senhor ampliam a sua liturgia com as realidades existentes no mundo, também as incluindo à sua mesa. Von Balthasar alerta ao perigo de massificar a comunidade, impedindo-a de ver e escutar as dores da pessoa humana, tornando-a mundana e uma religião massificadora.⁷²² A realidade de se fazer próxima como a Trindade kenótica prossegue através da fé que vê, escuta, acolhe e insere todos encontrados pelo caminho.

A instituição Igreja necessita continuamente ser protagonista de “um cristianismo trabalhando na transformação do mundo na esperança do Reino de Deus que tudo transforma”⁷²³. Esse caminho é feito simplesmente escutando o Espírito Santo através do Evangelho, contudo refletindo teológica e pastoralmente suas posturas e relações com a sociedade marcada pelo pluralismo. A construção de um diálogo e a cautela em compreender os princípios existentes à luz do Evangelho poderão possibilitar esse caminho.

A Igreja, como instituição, necessita constantemente se recordar de estar no último lugar com os últimos. O *Pneuma* dá a vida na letra da instituição eclesial, através da filologia para olhos capazes de criticamente lerem a si própria e a história.⁷²⁴ Assim, a sua atuação não obstaculizará as forças ministeriais da Palavra de Deus nas atitudes missionárias e eclesiais.

A abertura pneumatológica da instituição eclesial se manifesta nas suas relações pautadas através da *hesed – rahamin*: a misericórdia. A sua força semântica bíblica fundamenta as relações de justiça, hospitalidade, cuidados e estabilidade ética do Povo de Deus. Von Balthasar destaca essa importância de relação de comunhão com sua raiz na benevolência e no amor, que abrem os espaços para a confiança recíproca, citando Stoebe em sua obra *Glória VI*:

*Hesed significa no uso profano um comportamento humano marcado por uma bondade e uma afabilidade que superam tudo o que se pode esperar e merecer, e que revelam mais bem uma disponibilidade generosa e aberta. Só esse comportamento possibilita a comunhão.*⁷²⁵

Dessa maneira, apresenta essa relação direta do Espírito Santo com a instituição da Igreja na relação pericorética dele para com ela, como do próprio Espírito na sua relação intratrinitária. E economicamente oferece a possibilidade da sua estrutura visível ser totalmente pneumatológica:

722 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 457-459; BALTHASAR, H. U. von, *La percepción de la forma*, p. 506.

723 BALTHASAR, H. U. von, *A los creyentes desconcertados*, p. 17.

724 BALTHASAR, H. U. von, *La percepción de la forma*, p. 525.

725 BALTHASAR, H. U. von, *Antiguo Testamento*, p. 141.

*O objetivo institucional da Igreja não é só um “voltar”, por assim dizer, para o progresso do amor pessoal, senão a objetividade do amor mais material e formal que a Igreja assume em suas estruturas ministeriais e sacramentais; pode... ser também unicamente a concretização mais extrema do interlocutor pessoal da Igreja para o sujeito singular. Pelo qual, no entanto, deve participar necessariamente do caráter pessoal das instituições eclesiais globais para fazer que a obediência a ela chegue a ser de forma adequada do amor para a liberdade eclesial. Com elas, o Espírito objetivo eclesial remete “ao caráter de instituição” do Espírito Santo mesmo.*⁷²⁶

“A Igreja faz o mundo e o mundo faz a Igreja”⁷²⁷ é a expressão destacada por von Balthasar para explicitar que ela, como instituição, estará sempre a serviço do amor da Trindade manifestado ao ser humano e à sua Criação. A Igreja é, na sua vocação ecumênica através da estrutura pneumatológica, aberta fundamentalmente para a missão com o Espírito no mundo. A relação objetiva do Espírito na subjetividade da Igreja leva à sua santificação, transformando-a de institucional para a *communio sanctorum*.⁷²⁸

A *circumincessio* da Igreja com a Escritura possibilitará a ela compreender a sua escuta, inspiração e atividade com o Espírito Santo, sendo a sua Tradição e Magistério fruto dessa relação trinitária conduzida pelo Espírito. A santidade da Igreja deverá se configurar em serviço para a humanidade, através da sua oração e ação. Assim, a “Igreja misericordiosa segue esta exigência”⁷²⁹ de se colocar totalmente aberta à ação e relação trinitária, conjugada pelo Espírito Santo. Essa característica da misericórdia ampliará a bondade para o encontro que dignifica o ser humano como imagem e semelhança de Deus.

A Igreja hoje, diferentemente do período patrístico com suas heresias cristológicas e trinitárias, não poderá defender que fora da Igreja não há salvação.⁷³⁰ Assim com a sedução aberta ao Espírito Santo e o amor da Trindade pela humanidade, ela “só existe se estiver disposta a sair missionariamente de si para estar no mundo”⁷³¹. A sua atuação e presença junto à humanidade a fará encontrar, em âmbito missionário, com a *spermata pneumatika*, visando superar os seus medos do Espírito Santo.

Em cada paróquia ou comunidade, a pobreza material das pessoas será o modelo para os presbíteros assumirem o exemplo evangélico da pobreza de

726 BALTHASAR, H. U. von, *El Espíritu de la Verdad*, p. 245.

727 BALTHASAR, H. U. von, *El Espíritu de la Verdad*, p. 253.

728 BALTHASAR, H. U. von, *El Espíritu de la Verdad*, p. 307.

729 BALTHASAR, H. U. von, *El Espíritu de la Verdad*, p. 349.

730 BALTHASAR, H. U. von, *El Espíritu de la Verdad*, p. 412.

731 BALTHASAR, H. U. von, *El Espíritu de la Verdad*, p. 412.

vida e a doação a eles.⁷³² Para von Balthasar, essa pobreza assumida e convivida ajudaria a suprimir uma situação que ele chamou, em seu tempo, de “opulência clerical”⁷³³, que descaracterizaria a missão solidária do Verbo encarnado junto à pessoa humana. Assim, o serviço amoroso é a essência do cristianismo de como viver comunitariamente entre os ministros ordenados e seus membros e se estenderem ao mundo, para além das suas muralhas. Enquanto amor servidor, a comunidade é chamada a superar a si mesma nas suas dificuldades de compreender as questões que a cercam, e juntamente com cristãos e não cristãos realizarem a sua autoadoção àqueles que sofrem.⁷³⁴

A comunidade de fé provocará as pessoas a superarem o cristianismo fechado nas suas questões internas, abrindo-se às necessidades reais da humanidade.⁷³⁵ A proposta teológica trinitária e kenótica de von Balthasar oferece para a Igreja, através das suas comunidades, a possibilidade de responder aos desafios individualistas e consumistas da modernidade, hoje totalmente caracterizada pela liquidez das relações humanas. Isto será possível quando a comunidade eclesial participante da vida trinitária e eucarística, fizer sua entrega para a reconciliação e vida no mundo, com todos.

A realidade encarnada de vários indivíduos na história e como um povo é onde os membros da Igreja se encontram inseridos, formando as pequenas comunidades eclesiais. São a verdadeira eclesiologia concreta encarnada no mundo como o Verbo, abertas para acolher e integrar sem romper a comunhão eclesial. Este modelo proporciona evitar o perigo de transformar a comunidade em um grupo aberto de tarefas sociológicas, descaracterizando-a da sua identidade eclesial. A Igreja precisa estar atenta a não se tornar proselitista ou prestadora de serviços, e sim manter a sua vocação de servir. Assim se expressa o próprio von Balthasar sobre a importância da presença eclesial no mundo através das comunidades: “Em uma pequena comunidade ‘de base’ com que celebro a Eucaristia, posso ter e dizer, que a vivência da Eucaristia celebrada na casa remeteria aos primeiros cristãos como experiência de Igreja: uma ideia de comunhão em Cristo e no Espírito Santo”⁷³⁶.

A missão de cada cristão na comunhão dos santos através do paradigma trinitário coloca a sua existência a serviço da missão transformadora com o testemunho de ser sal da terra e luz no mundo (Mt 5,13-16). Esse método eclesio-

732 BALTHASAR, H. U. von, *Our Task*, p. 159.

733 BALTHASAR, H. U. von, *Our Task*, p. 159.

734 BALTHASAR, H. U. von, *Cristianismo e religioni universali*, p. 16.

735 BALTHASAR, H. U. von, *El problema de Diosen el hombre actual*, p. 281-306.

736 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 304.

lógico pastoral a partir das pequenas comunidades prossegue a experiência da novidade de Pentecostes, proporcionando a Igreja compreender que ela: “existe sempre concretamente como comunidade, e a assembleia concreta dos que creem no amor e consentem em participar do batismo, na Palavra, na Eucaristia e no amor fraterno”⁷³⁷. Ribaric assinala a coragem e a ousadia que von Balthasar teve em escrever sobre a necessidade urgente da Igreja em escutar o Espírito, ler os sinais dos tempos e viver em comunidades:

Derrubar as muralhas (escrito em 1952, antes, portanto, do Concílio Vaticano II) onde escreve que a Igreja corre o risco de se conceber como uma pequena cidade forte e fechada. Nessa obra, Balthasar expõe a ideia de que a Igreja é essencialmente missionária, aberta ao mundo, criticando as muralhas da própria instituição cria, fechando-se a muitos, impedindo o diálogo com outras religiões e inclusive com a ciência. Muitas das ideias desse livro influenciaram posteriormente o Concílio Vaticano II, embora, paradoxalmente, esse livro não fosse bem compreendido quando lançado, gerando muita polêmica no interior da Igreja, sendo considerada essa “uma das razões por (Balthasar) não ter participado diretamente do Concílio.”⁷³⁸

A proposta da vida comunitária de quem conhece o Evangelho de Jesus sabe estar conduzida ao novo do Espírito Santo, e não dirigida por coordenadas pelas oligarquias religiosas, monárquicas ou poderes temporais mundanos. A prática de “organizar sínodos em que todo o povo régio e sacerdotal tenha a palavra em assuntos eclesíasticos tomará proporções incríveis”⁷³⁹ na caminhada eclesial através das pequenas comunidades espalhadas pelo mundo. O próprio von Balthasar descreve que o caminho programático da vida eclesial acontece quando de rompem as suas próprias muralhas, proporcionando o movimento trinitário de sair de si.⁷⁴⁰

Assim, a sinodalidade oferecerá à Igreja a possibilidade do Povo de Deus interpretar os sinais dos tempos. O Espírito agindo sobre a Igreja e em contrapartida recebendo a sua abertura, a levará a escuta desses sinais no *locus* em que estarão inseridas pequenas comunidades. O ponto de partida está em deixar a sua “posição de se autopreservar”⁷⁴¹ e sair com um laicato maduro que possa caminhar do lado de fora de suas muralhas, apresentando e possibilitando novos processos com o Espírito:

O Espírito move a vitalidade no Corpo continuamente, tornando os processos enfadonhos novos caminhos em andamento, através da identidade da Pessoa (o Cristo místico) que é

737 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 305.

738 RIBARIC, S. A., *O silêncio de Deus*, p. 66.

739 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 37.

740 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 51.

741 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 18.

*sempre o mesmo. A supratemporalidade da verdade católica não está na atemporalidade, pois o Cristo tornou-se ser humano e tendo crescido de forma humana, fazendo continuamente os membros da Igreja como Ele crescerem através do tempo.*⁷⁴²

As comunidades, colocando-se em novos processos, possibilitam ao longo do tempo a existência do cristianismo na sua essência, através do serviço vis-à-vis das urgências presentes no mundo. É preciso sempre estar a caminho e a partir da revelação bíblica realizar a experiência pastoral conjuntamente com a esfera secular.⁷⁴³ Esse é o *sentire cum Ecclesia* que se realiza através dos contatos, cuidados e esperanças conjugadas com o laicato consciente de sua responsabilidade eclesial. A missionariedade pastoral da Igreja se configura e se realiza através das relações comunitárias e sociais encarnadas, como fez o Verbo na *Missio Dei*:

*a Igreja é basicamente a comunidade dos crentes e participantes em Cristo e na sua missão, contudo, é a transcendência dessa forma de comunidade para a ação de cada membro na sua tarefa individual. Sendo claro, “o carisma” o primeiro entendimento como função para a (integrar) comunidade.*⁷⁴⁴

Na retrospectiva da sua teologia, von Balthasar salienta que as transformações propostas pelo Concílio Vaticano II acontecem através da pastoral realizada pelas comunidades.⁷⁴⁵ O seu trabalho pastoral possui as marcas singulares da sua formação teológica com o estudo patrístico proporcionado por De Lubac, principalmente em *Origines*, em que a relação comunitária de proximidade e com as Escrituras conduzem à comunhão trinitária revelada no Cristo. Assim, cada comunidade da Igreja forma a comunhão dos santos e a interpenetração da missão da Igreja com o mundo, presentificando a característica ímpar da Trindade. Teologicamente este é o caminho singular de cada comunidade cristã estar ligada a outra, e juntas realizarem sua missão madura de proporcionarem o “encontro pessoal no Cristo”⁷⁴⁶.

O discipulado do Verbo encarnado só pode ter um *locus*, que é a sua missão inserida na história, de tal maneira que as estruturas da sua eclesiologia sejam renovadas com as suas comunidades. Von Balthasar propõe que a mensagem cristã faça o seu anúncio com a mesma linguagem do Cristo e das Pessoas da Trindade, através do amor absoluto, transmitido através do diálogo ecumênico.⁷⁴⁷ A Igreja dos discípulos é aquela sempre aberta à força da Escritura inspirada e

742 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 35.

743 BALTHASAR, H. U. von, *Razing the Bastions*, p. 81-83.

744 BALTHASAR, H. U. von, *Life out of Death: meditations on the Paschal Mystery*, p. 73.

745 BALTHASAR, H. U. von, *My work in retrospect*, p. 7.

746 BALTHASAR, H. U. von, *My work in retrospect*, p. 20.

747 BALTHASAR, H. U. von, *My work in retrospect*, p. 60.

conduzida pelo Espírito Santo, visando sempre a construção de fraternidade entre povos e religiões. O Evangelho sempre será a sua espiritualidade e a sua auto-crítica para as suas formas de agir e estar presente no mundo. Assim, destaca que as novas comunidades após o Concílio são chamadas a proporem a prática radical do seguimento do Evangelho, urgentemente, no seu diálogo e magistério social.

As comunidades retornando ao Evangelho permitem a Igreja ser jovem⁷⁴⁸, espiritual, atenta aos sinais dos tempos e visível ao deixar o Espírito Santo a conduzi-la⁷⁴⁹, possibilitando a elas serem mais espirituais, mais renovadas, mais atentas e mais sensíveis à realidade, através de uma eclesiologia puramente evangélica, pneumatológica e encarnada. Se faz necessário que tenha a consciência de ser servidora e próxima a *kenosis* do Cristo, proporcionada pelas experiências de doar-se a si mesma. Essas experiências na vida da Igreja-Comunidade a aproximam do mistério de Cristo para manifestar a continuidade da glória de Deus no mundo. Dessa maneira, compreendemos que “a Igreja-comunidade nunca poderá definitivamente ser terminada e independente; uma vez que ela busca alcançar e se abrir constantemente no ‘*It, missa est*’ para o mundo na sua solitudine”.⁷⁵⁰

O encontro eucarístico deve lhe proporcionar o cultivar da consciência comunitária e eclesial, levando-a ao compromisso com a humanidade. A “causa dos padres trabalhadores foi claramente a questão que desagradou os clérigos”⁷⁵¹, pois trazia para a Igreja novos desafios na ordem interna, na sua organização eclesiástica e uma nova postura na sociedade. A vida comunitária possibilita a apostolicidade e a ousadia que a fazem se renovar constantemente, conforme as exigências da sua missão em profunda fidelidade à missionariedade do Verbo.

A “doutrina de Cristo é Cristo em si mesmo”⁷⁵², assim as comunidades reunidas no Evangelho realizam essa práxis na sociedade através do paradigma do lava-pés (Jo 13,13-17). A palavra amor deixada como exemplo implica a comunidade se alimentar sempre das páginas do Evangelho para realizar o seu abaixamento. O discipulado comunitário, ao renunciar as honras e poderes mundanos, se colocará livre para realizar constantemente o gesto do mandamento do amor em suas posturas éticas e proféticas.

Teologicamente, o sentido do cristianismo é espalhar comunidades nas mais diversas culturas e lugares, testemunhando a forma de viver o amor e a es-

748 BALTHASAR, H. U. von, My work in retrospect, p. 109.

749 BALTHASAR, H. U. von, Church and World, p. 11-13.

750 BALTHASAR, H. U. von, Church and World, p. 31.

751 BALTHASAR, H. U. von, Church and World, p. 35.

752 BALTHASAR, H. U. von, Church and World, p. 61.

perança do Reino de Deus.⁷⁵³ Von Balthasar propõe viver este cristianismo dentro do pluralismo e buscando a sinfonia da verdade do amor do Verbo no mundo, como detalhou na sua obra *A verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*. A partir da diversidade dos instrumentos de uma orquestra, von Balthasar pensa a diversidade dos instrumentos do amor presentes no mundo, que podem ter a sua sinfonia na Criação e ser afinados pela encarnação do Verbo.⁷⁵⁴ Para tanto, caberá à Igreja de se despir do emaranhado de pilhas de dogmas, costumes e tradições rígidas, simplificando a vida comunitária ao seu princípio original e único: Cristo. Deve questionar a arrogância de existir na Igreja as controladorias eclesiásticas:

*Aquilo que denominamos “a encarnação de Deus” em Jesus de Nazaré não se realiza plenamente apenas na comunidade dos fiéis, que têm e vivem a missão de anunciar o seu acontecimento no mundo e de apresentá-lo diante do mundo, testemunhando-o? E ninguém é capaz de determinar precisamente onde a primeira comunidade começou a se tornar “protocatólica”.*⁷⁵⁵

E nesta perspectiva, o autor afirma que “a verdade cristã é sinfônica. Sinfonia não significa alguma harmonia açucaradamente livre de tensões”⁷⁵⁶, pois ela age encarnada em meio às relações sociais. Essa relação diante das tensões acontece como o efeito da luz e a sua relação próxima com os prismas refletidos das cores no seu alcance mais periférico. Assim, com todos que convivamos frequentemente sempre haverá o mistério com abertura e espaço próprio, possibilitando serem compreendidos. A compreensão do próximo como a doação para a verdade cristã fecunda sinfonicamente as relações comunitárias.

A sinfonia do amor cristão estará sempre no vínculo das comunidades reunidas na Igreja através do diálogo. Dessa maneira, “a Igreja é tudo, menos um redil fechado”⁷⁵⁷, pois a sua dinamicidade a faz existir nas estradas do mundo, as comunidades dos cristãos precisam estar atentas e preocupadas com a realidade contemporânea de um mundo dividido entre exploradores e explorados. A Igreja, assim como o Cristo, deve se solidarizar com os mais pobres e explorados, e estará combatendo os sistemas econômicos opressivos. O diálogo desta sinfonia da verdade cristã estará sempre na direção dos mais vulneráveis:

A preocupação com os pobres, os fracos, os abandonados, os prisioneiros, as crianças, os velhos, os doentes e os moribundos – deve sair de um nível privado e ser erguido a um nível planetário, como sendo a preocupação cristã, por excelência, tanto na retórica quanto na

753 BALTHASAR, H. U. von, *A Theology of History*, p. 119.

754 BALTHASAR, H. U. von, *A verdade é sinfônica*, p.6.

755 BALTHASAR, H. U. von, *A verdade é sinfônica*, p.8.

756 BALTHASAR, H. U. von, *A verdade é sinfônica*, p. 9.

757 BALTHASAR, H. U. von, *A verdade é sinfônica*, p. 76.

*prática: tudo isso a partir da consciência católica da unidade da humanidade em Cristo. Os cristãos, porém, são os únicos que podem contrapor a essa evolução incomensurável e irrefreável um plano de salvação sempre coextensivo e sempre antecipador, uma vez que é um plano divino-escatológico, em que toda essa explosão apocalíptica está contida e tem garantido o seu significado de sinal.*⁷⁵⁸

O cristianismo sempre poderá ser um caminho alternativo diante da problemática da acumulação dos bens tecnológicos e de consumo, trazendo a esperança ao mundo que naufraga. Assim, as comunidades de fé serão os espaços que permitem continuamente a Igreja renovar as suas estruturas, através dos seus membros, e não apenas trocar normas. Essa proposta motivadora será a única forma de a Igreja se apresentar diante do mundo com o serviço do amor, manifestado no amor eclesial e no testemunho: do esforço aguerrido pelos direitos humanos, econômicos e de políticas públicas justas.⁷⁵⁹

Dessa maneira, as comunidades cooperando entre si possibilitam a Igreja estar presente no mundo, pois “orante e unida ao seu Senhor no Espírito Santo não pode jamais prescindir de profetas”⁷⁶⁰. Sempre em cada época de sua vida será necessária essa abertura orante, mística e profética para que o Espírito possa lhe suscitar a sua vocação e renovações necessárias, mantendo a sua unidade humana no mundo fragmentado. A comunidade só poderá crescer na prática universal do mandamento do amor através da resistência em possibilitar condições de humanização, de fraternidade, de solidariedade e de justiça, sendo Igreja peregrina para não abandonar a alegria de amar e crer no tempo histórico, superando as diversidades que impedem a libertação da pessoa humana.⁷⁶¹

A Igreja, a partir da sua consciência missionária, será reunida e convocada por Cristo a considerar a sua proximidade com o mundo através das suas próprias comunidades. A comunidade viva se torna Igreja visível e acessível à vida concreta das pessoas, realizando essa proximidade através da revelação evangélica. Como na parábola do samaritano, ela prossegue o envolvimento divino nas realidades feridas do ser humano em nas suas estradas percorridas:

*tentar estabelecer um modelo de Cristianismo de comunidades dentro da comunidade humana deverá ser o sinal necessário de mudanças, o qual mostrará ao ser humano o caminho que ele poderá seguir, os valores que ele deveria respeitar, e como mostrar o dar a vida para as estruturas dentro do mundo.*⁷⁶²

758 BALTHASAR, H. U. von, A verdade é sinfônica, p. 79.

759 BALTHASAR, H. U. von, A verdade é sinfônica, p. 83.

760 BALTHASAR, H. U. von, A verdade é sinfônica, p. 83.

761 BALTHASAR, H. U. von, A verdade é sinfônica, p. 133.

762 BALTHASAR, H. U. von, Engagement with God, p. 88.

O samaritano (Lc 10,25ss) e a samaritana (Jo 4,39ss) se tornam os modelos do amor ao próximo, como as comunidades cristãs podem realizar a sua práxis de serviço ao mundo.⁷⁶³ A missão da Igreja se realiza em “ter que ir ao encontro de todos os homens”⁷⁶⁴ para estreitar as relações com o mundo em suas transformações contemporâneas. Os membros das comunidades têm por vocação realizar esse paradigma missionário samaritano, significando o abaixamento aos espaços dos que estão feridos. Trata-se, através do Espírito Santo, de buscar “sair dos nossos projetos pessoais fechados e alargá-los nas dimensões trinitárias que abrem a novos horizontes”⁷⁶⁵. A Igreja é essencialmente missionária e credível:

essencialmente missionária, quer dizer, que ela não pode ser um povo fechado. Israel é um povo fechado em si mesmo, centrípeto. A Igreja é o contrário: Ide pelo mundo inteiro. Ela é em si mesma um mistério, como vemos através da sua liturgia; mas não pode nem deve erger nenhuma muralha, deve ser aberta a todos, “credível a todos”.⁷⁶⁶

A perspectiva do Concílio Vaticano II para a Igreja estar aberta ao mundo está implícita na reflexão de von Balthasar com as comunidades de fé que se encontram confusas, mas que no seu testemunho e vivência mais simples com o Evangelho podem buscar a transformação e a esperança de um mundo melhor. A “fé da comunidade vela sobre a integridade do seguimento na regra prática de vida”⁷⁶⁷, possibilitando o cristianismo se compreender como as primeiras comunidades e não como estrutura hierárquica. O *aggiornamento* proposto pelo Vaticano II significa buscar, com a consciência autônoma, respostas autênticas à altura dos tempos – por exemplo, as realidades latino-americanas exigiram respostas e protagonismo frente aos pobres oprimidos pelos latifundiários e ricos opressores.⁷⁶⁸ O imperativo se tornou o chamado para a Igreja ir ao mundo:

O chamado da Igreja é ser chamada a sair: não somente para o “mundo” que se encontra fora da Igreja, senão também a sair no “mundo” que está dentro da Igreja. A consequência deste chamado é invariavelmente sempre o mesmo: “imediatamente deixaram as redes e o seguiram” (Mt 4,22).⁷⁶⁹

Essa consciência do chamado e compromisso evangélico propõe sair em direção ao mundo, e não se omitir ou despezá-lo. Assim sendo, não permitir que

763 BALTHASAR, H. U. von, *Engagement with God*, p. 103; BALTHASAR, H. U. von, *O coração do mundo*, p.16.

764 BALTHASAR, H. U. von, *Puntos centrales de la fe*, p. 88.

765 BALTHASAR, H. U. von, *Puntos centrales de la fe*, p. 279.

766 SCOLA, A., *Viagem ao Pós-Concílio*, p. 76.

767 BALTHASAR, H. U. von, *A los creyentes desconcertados*, p. 19.

768 BALTHASAR, H. U. von, *A los creyentes desconcertados*, p. 80.

769 BALTHASAR, H. U. von, *Estados de vida del cristiano*, p. 107.

as estruturas do pecado mantenham as indiferenças diante de relações humanas criadoras das mazelas, da injustiça e desconfiguração da Criação. Por isso, as comunidades dos seguidores de Jesus se configuram pela resposta individual de cada membro para formar a comunhão do discipulado atuante, pois “a vida cristã é serviço para a justiça”⁷⁷⁰, e a vida eclesial significa a *circumincessio* através da relação do amor.

Von Balthasar destaca que o cristianismo credível e aberto ao chamado do seu Senhor se constitui no mundo como “comunidades pequenas podendo ouvir e compreender as exigências do chamado”⁷⁷¹. A presença da Igreja está muito além de uma massa de pessoas pertencentes a uma igreja ou religião, mas no envio das pequenas comunidades fecundadoras e frutificadoras da mensagem do Evangelho, e não se podem perder na esterilidade descompromissada.

Von Balthasar, nesta perspectiva de questionar quem é o cristão no mundo contemporâneo, propõe praticar a fé a partir da vivência comunitária da Palavra, alimentada na comunidade que “esquece o centro do mundo e o substitui pelo periférico como seu novo centro”⁷⁷². Devem compreender que o seu centro é o Cristo que os envia a encontrá-lo nos locais de servir, ou seja, nos lugares periféricos e esquecidos da prática cristã do amor, pois “‘Ide pelo mundo’ significa realmente: ‘no meio’ dele, não somente a sua periferia, mas o golpe do pêndulo é mais violento, chegando forte aos mais distantes”⁷⁷³.

A Igreja se compreendendo a partir de baixo encontraria mais facilmente o caminho que leva aos humilhados da história, sendo fiel à sua vocação originária e recebida no envio apostólico (Mt 28,16-20). A sua visibilidade só será possível através do modelo de comunidades, fazendo-se testemunha do amor e próxima. Essa atividade missionária através das comunidades convida constantemente à sua conversão, constituindo o ágape eclesial da comunidade.⁷⁷⁴ Assim, as comunidades da Igreja se tornam a extensão do Cristo e seu sacramento visível, atuando no mundo e caminhando como Povo de Deus.

A iniciativa missionária da Igreja a faz organizada pneumatologicamente em suas comunidades inculturadas e vivas na sociedade. A comunidade de fé é que permite a Igreja nascer e existir, possibilitando a comunhão trinitária realizar pericoreticamente nos seus membros a força transformadora do amor do evento

770 BALTHASAR, H. U. von, Estados de vida del cristiano, p. 276.

771 BALTHASAR, H. U. von, Estados de vida del cristiano, p. 308.

772 BALTHASAR, H. U. von, *¿ Quien es um Cristiano?*, p. 103; FISICHELLA, R., La Belleza è la Prima Parola, p. 82.

773 BALTHASAR, H. U. von, *¿ Quien es um Cristiano?* p. 144.

774 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 427.

Cristo.⁷⁷⁵ Essa característica cristológica da comunidade está em ser fundada para ser solidária no mundo com os sofredores, oprimidos e desprezados do mundo.⁷⁷⁶ A libertação da comunidade cristã se realiza através da libertação moral, social e política, pois o mistério trinitário presente nela é de continuar a ação de Cristo até o fim dos tempos (Mt 28,18-20).

A presença das comunidades cristãs no mundo possibilita e exige da teologia uma proposta ecumênica, que permita a mensagem evangélica cumprir a sua missão. Assim, essas pequenas comunidades, através da adesão livre dos seus membros⁷⁷⁷, conduzem ao movimento trinitário através da opção cristológica pelos pobres, marginalizados e injustiçados.⁷⁷⁸ Trata-se, como von Balthasar descreve na sua trilogia *Glória*, de o caminho dessa opção acontecer e “levar a fazer de baixo o seu ponto de partida”.⁷⁷⁹ Por isso, ele destaca a força da semente da Palavra de Deus, como fez por décadas nas comunidades, que participou e alimentou a sua confiança de fé na vitalidade e força transformadora desta mesma Palavra.

Nas meditações sobre a Palavra de Deus, o teólogo da Trindade apresenta a vida da comunidade como o círculo do amor, ao invés da estrutura auxiliar da administração diocesana.⁷⁸⁰ Teologicamente, as comunidades espalhadas no mundo e no território diocesano são o princípio da unidade através da sua missionariedade encarnada nas relações celebrativas e no contato com as suas realidades cotidianas. Dessa maneira, o cristianismo como realidade comunitária se torna o movimento para curar a angústia e as enfermidades presentes no homem atual, diante das escolhas do que lhe é imposto.

A comunidade se torna o local visível da Igreja pela proximidade e exercício do amor ao próximo, principalmente fora dos seus limites através do diálogo ecumênico. Os diálogos de Von Balthasar com Karl Barth foram um momento rico de diálogo entre Igrejas através da humildade fraterna entre comunidades cristãs de tradições diferentes.⁷⁸¹ O centro da Igreja passa a ser os locais periféricos do mundo e as comunidades cristãs de outras tradições, que juntas compõem o ecumenismo com a criatividade evangélica. Trata-se da convivência entre e de pequenos grupos eclesiais, sem monopólios intraeclesiais. Essa humildade de se

775 BALTHASAR, H. U. von, *Teología y espiritualidad*, p. 571.

776 BALTHASAR, H. U. von, *Approches Christologiques*.

777 Von Balthasar destaca a importância da liberdade em toda sua teologia trinitária, incluindo também na adesão de cada membro da comunidade para a missão do anúncio do Reino. BALTHASAR, H. U. von, *The Freedom of the subject*, p. 16.

778 BALTHASAR, H. U. von, *A Theology of Evangelical Counsels II*, p. 327

779 BALTHASAR, H. U. von, *Metafísica. Edad Moderna*, p. 45.

780 BALTHASAR, H. U. von, *Tú tienes palabras de vida eterna*, p. 173.

781 BALTHASAR, H. U. von, *The Theology of Karl Barth*, p. 89.

constituir e estar no mundo sustenta a catolicidade, pois “como pode a Igreja sair em direção ao mundo, se ela não manifestar o Deus uno e trino?”⁷⁸²

O amor do Deus Trino reúne e edifica as diversas comunidades cristãs para realizarem o serviço do seu amor no mundo. Dessa maneira, ser reformador na Igreja exige a experiência da comunidade eclesial, reunida na mesa do Senhor e pronta a lavar os pés.⁷⁸³ Essa proposta está sempre presente nas obras de von Balthasar, possibilitando compreender a importância do cristianismo como um dom de quem se põe a serviço de amar sem medidas e em todas as fronteiras humanas. A unidade da Igreja se dá no amor, na igualdade comunitária e no serviço aos pobres do mundo, e não nas estruturas eclesiais:

*a comunidade se reúne para a oração eucarística em comum e da comunidade “vertical” surge através da oração o “horizontal” do diálogo, da conversa ou do falar. O diálogo emana da oração e desemboca nela. Não deveria se pronunciar uma palavra dialógica, que não pudesse se aludir ou se afirmar na oração, que a constitui como comunidade eucarística. A festa nupcial, que reunirá um dia todos os homens na sala nupcial do Pai, tendo já em curso na Igreja. E a Igreja deve sair por ruas, praças e próxima para convidar a todos para a festa. E tem que sair para levar o espírito festivo para a vida cotidiana e vida penosa dos homens.*⁷⁸⁴

Assim, “a Igreja seja misericordiosa no seguimento do seu Senhor com os mais fracos e vulneráveis”⁷⁸⁵, tornando o cristianismo ser digno de fé. O testemunho cristão sem formalismos, mas com a proximidade das relações comunitárias.

A experiência de se constituir a comunidade na liberdade como se realizou entre as Pessoas da Trindade, contudo mantendo os laços da comunhão pericorética, sempre possibilitará a vida comunitária existir em sua fecundidade, conviver com o amor concreto mesmo diante dos momentos de abandono, sofrimento e ameaçadores. Esse amor de Deus na sua entrega até diante da morte é que possibilita a mensagem do amor ser credível e luz para o mundo dilacerado pela escuridão do desamor. A presença aberta, livre e transformadora da comunidade cristã propõe sempre a esperança no meio da humanidade ao longo das suas decisões e etapas históricas.

Em *Bernanos*, sobre uma existência eclesial, von Balthasar salienta que a presença da vida comunitária relatada no diário de um padre de aldeia proporciona compreender que a presença e a força eclesial estão no testemunho de uma Igreja do amor. Ela desperta e transmite a força que revigora a presença cristã, mesmo diante dos escândalos clericais. Alimenta e fortalece o cristianismo atra-

782 BALTHASAR, H. U. von, *El cristianismo es un don*, p. 148.

783 BALTHASAR, H. U. von, *El cristianismo es un don*, p. 217.

784 BALTHASAR, H. U. von, *El cristianismo es un don*, p. 244.

785 BALTHASAR, H. U. von, *El cristianismo es un don*, p. 260.

vés da sua essência em ser uma comunidade de irmãos e irmãs, que se faz diferente de uma Igreja de massas, sempre propensa aos escândalos e contradições evangélicas.⁷⁸⁶

Outra obra de von Balthasar que destaca a importância de se testemunhar, através da convivência fraterna, a vida de Cristo é *Córdula*. A situação evidente do cristianismo que argumenta é a “da Igreja pós-conciliar profundamente perturbada, de uma comunidade de cristãos que parece estar ferida, seja nos conceitos ou na prática”⁷⁸⁷. O cristianismo vivenciado por triunfalismos impede que a fé seja encarnada e faz com que se perca nos âmbitos numéricos e políticos, se transformando somente em um lugar de religiosidade. A Igreja, nas suas comunidades cristãs, deve assumir o significado profundo de ser credível na transmissão do amor do mistério trinitário no mundo.

As comunidades cristãs se tornam “as portas da Igreja sempre abertas ao mundo”⁷⁸⁸, proclamando a solidariedade como expressão lógica do seu amor em práticas concretas das dimensões e realidades existentes na humanidade. Elas se tornam o local da prática humanizadora do Cristo, promovendo a humanização das relações sociais e políticas presentes na história.⁷⁸⁹ A resistência ao poder opressor e suas estruturas exigem da Igreja e suas comunidades a resistência apocalíptica para que os passos escatológicos possibilitem concretizar a esperança do mundo renovado e reconciliado.

O Evangelho, através da presença encarnada das comunidades, precisa transformar as estruturas injustas, resistindo a partir do amor de Deus em ceder ou domesticar a fé aos interesses dos dominadores. Von Balthasar constrói o seu pensamento teológico diante das realidades emergentes da modernidade, como a opressão, injustiças, violências e vitimização dos vulneráveis⁷⁹⁰, através da apocalíptica de Cristo, ou seja, das comunidades cristãs como locais e movimentos de resistência, pois “a ética e a justiça aos pobres são próprias de Deus”⁷⁹¹. Dessa maneira, a missão universal da Igreja está em transformar as relações injustiças feridas pelo pecado e, através da resistência histórica, manifestar o amor e o Reino de Deus. A ressurreição do Cristo se torna a força apostólica, escatológica e de resistência diante dessas estruturas presentes no mundo.

Nesta perspectiva “Von Balthasar reflete sobre a necessidade de a Igreja sair daqueles artificiais muros de angústia, que se criaram e a distanciaram do

786 BALTHASAR, H. U. von, Bernanos, p. 353.

787 BALTHASAR, H. U. von, *Cordula ovvero sia il caso serio*, p. 8.

788 BALTHASAR, H. U. von, *The Action*, p. 66.

789 BALTHASAR, H. U. von, *Ministerio y Existencia*, p. 297.

790 BALTHASAR, H. U. von, *Der Glaube der Armen*, p. 202.

791 WALAKKA, T., *Von Balthasar the Option for the Poor*, p. 186.

mundo”⁷⁹², pois o Deus encarnado estabelece uma eclesia presente no mundo. Fisichella aponta que o método balthasariano do discurso – de difícil tradução da expressão *Einfaltung-Entfaltung*⁷⁹³ – permite verificar que o processo da encarnação deve ser o percurso e o proceder da Igreja saindo do centro em direção constante ao periférico. Assim, Elio Guerriero, no prefácio da reedição de *Verbum Caro*, destaca esta característica da eclesiologia balthasariana:

*O trabalho para a renovação da Igreja está com a formação das comunidades que unem a vida a radicalidade da vida cristã segundo o Evangelho, existindo no meio do mundo, seja no exercício profissional ou ministerial, para dar nova vida através de comunidade de viventes.*⁷⁹⁴

A teologia precisa ajudar a Igreja se compreender como continuadora da missão do Verbo encarnado, fortalecendo-a através da Escritura como um lugar de encontro e proximidade.⁷⁹⁵ Trata-se de ver de modo universal e se aproximar da singularidade de cada realidade. O grande escândalo do cristianismo está em se distanciar das realidades existentes⁷⁹⁶, pois o isolamento do mundo e a sua indiferença pelas causas que ferem a Criação o descaracterizam do seu ser. Assim, a Igreja precisa pensar o “sacramento da fraternidade”, permitindo existir a correspondência do amor de Deus que é palavra encarnada e possibilita o reencontro dos irmãos e irmãs. Assim, a vivência comunitária deve questionar a Igreja na sua tentação de massificar:

*não pode ser uma massa, pois é uma comunidade que inclui as pessoas através de uma responsabilidade comum: dos cristãos se encontrarem também na aliança de irmãos para construir um mundo humano, corpóreo e para todos. Devemos nos acostumar ao conceito de uma responsabilidade coletiva, que, certamente, só pode integrar partido do livre compromisso das pessoas, o que é diverso de consciências solitárias.*⁷⁹⁷

Essa responsabilidade comunitária, para von Balthasar, acontece em um mundo marcado pela evolução da técnica e a relação com a Palavra do seu Criador. O compromisso humano emanado da Palavra está no seu centro e reúne a comunidade, impelindo-a em direção às questões que angustiam o ser humano e a sua relação com a natureza. Assim, escutar a Palavra é que permitirá a comuni-

792 FISICHELLA, R., *La bellezza è la Prima Parola*, p. 24.

793 A tradução indica este caminho a percorrer a partir de “dobrando-desdobrando”, ou seja, ir saindo de si em direção ao outro, se revelando e se mostrando, como foi o movimento da Trindade na história e prossigue com o Espírito Santo na Igreja presente no mundo.

794 BALTHASAR, H. U. von, *Verbum Caro*, p. 21.

795 BALTHASAR, H. U. von, *Verbum Caro*, p. 160.

796 BALTHASAR, H. U. von, *El problema de Dios en el hombre actual*, p. 19.

797 BALTHASAR, H. U. von, *El problema de Dios en el hombre actual*, p. 120.

dade realizar a sua consciência social e de inserida na humanidade, ao invés de uma religião à parte do seu mundo atual.⁷⁹⁸

A Igreja como comunhão dos santos espalhada nas suas diversas realidades exerce o encontro fraterno e solidário através da práxis do amor universal, acontecendo sempre com aqueles que lhe são próximos às suas exigências. O Espírito a acompanha para se dirigir ao mundo moderno com sua missão de pequeno rebanho, possibilitando a Igreja, mesmo diante das injúrias, evitar seu isolamento e omissão diante das dores humanas. Dessa maneira, as expressões “Deus é amor”, “Deus é vida trinitária”, “Deus é palavra” “Deus nos salvou” e “Deus se fez homem e morreu por nós na cruz” somente terão significado real se a comunidade, mesmo pequena, se puser na rua ao encontro do ser humano atual.⁷⁹⁹

Com esses pressupostos teológicos de von Balthasar, esta tese buscará aplicar o conceito da “*kenosis* eclesial” para a Igreja “em saída”, fortalecendo o movimento de ir ao encontro. A “*kenosis* eclesial” possibilitará criar processos e abertura de novos caminhos, e ao mesmo tempo, renovando-a si mesma. A comunhão sinodal de toda Igreja, começando em sua periferia com as pequenas comunidades, torna-se o ponto de partida para compreender o abaixar-se da Trindade e da Igreja no mundo.

798 BALTHASAR, H. U. von, El problema de Dios en el hombre actual, p. 171.

799 BALTHASAR, H. U. von, El problema de Dios en el hombre actual, p. 233.

4 A Igreja “em saída” em *kenosis* para práxis da misericórdia e do diálogo

A Igreja, com a sua presença atual no mundo, necessita *primeirear* perspectivas que a façam sempre sair de si mesma em direção ao encontro da humanidade. Esse movimento é kenótico por exigir abaixamento, despojamento, descer às fronteiras humanas e às periferias reais e existenciais. Assim estar “em saída” é *primeirear* com criatividade, paciência, *parresia* e zelo apostólico através de uma conversão pastoral e missionária, que permite realizar esse compromisso com o Evangelho e participando da vida pública. A Igreja “em saída” se identifica com a possibilidade de dialogar com caminhos para fecundar as sementes do Verbo, sem ignorar as realidades desumanas existentes e carentes da presença evangélica.

A necessidade de a Igreja sair, com direção e estar aberta para acolher os feridos reais e existenciais, acontece através das e nas pequenas comunidades, que se tornam *primeiredoras*. A expressão Igreja “em saída” está além de um slogan papal, doutrinal, pastoral ou teológico⁸⁰⁰, é sim uma teologia, com madura experiência pastoral e mais próxima da vida concreta dos homens e mulheres, principalmente dos mais desfavorecidos e descartados.

Este capítulo tratará teologicamente a práxis da Igreja “em saída” proposta pelo papa Francisco, para o discernimento pastoral em cada realidade cultural das comunidades de fé. Esse discernimento é realizado à luz do Evangelho, no exercício da misericórdia e do diálogo *ad intra* e *ad extra*, que abordaremos nesta tese. A possibilidade de abertura eclesial e missionária se dá pela consciência do modo *primeiredor* do papa Francisco em bastante consonância com a teologia kenótica de von Balthasar, uma vez que o Concílio conectou a Igreja não somente àquele tempo histórico em que ele se realizava, mas à própria história que revela em seu processo os sinais de Deus.

4.1 *Primeirear* da *kenosis* da Igreja “em saída”

A transformação eclesial exige uma nova reflexão sobre si mesma e sobre a sua atuação com comunidades presentes no mundo, seguidoras de Jesus e do seu Evangelho, e não um arcabouço institucional.⁸⁰¹ A sua capacidade de se abrir e dialogar com as questões emergentes da humanidade alimenta esse processo

800 EG 41.

801 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 62.

transformador. A sua “saída” acontece ao criar processos de encontro, fraternidade, conversão, testemunho e atuação capazes de dar consistência, plausibilidade, e legitimidade à sua relação com o ser humano na história. Trata-se de compreender essa presença visível da instituição eclesial como servidora e reconhecendo os seus limites, possibilitando às comunidades de fé serem *primeiradoras* no lava-pés.

A Igreja, ao se compreender como servidora humilde, pode discernir e abaixar-se frente ao mundo marcado por questões plurais, com um paradigma pautado na fraternidade e amizade social.⁸⁰² A sua presença e atuação acontecem com as realidades poliédricas e fragmentadas da sociedade. Por isso, ela situa-se a si mesma e à sua missão no fluxo da história como facilitadora do diálogo para a fraternidade e a solidariedade. Esse esvaziamento permite-lhe ir às periferias, mesmo diante de contradições e conflitos, se arriscando sem medo de cair e pronta para se levantar novamente, experiência essa realizada pelo papa Francisco, desde a época de bispo em Buenos Aires, e apresentada a toda Igreja na *Evangelii Gaudium*, com a direção de ir ao encontro, com acolhimento e sem medo de errar por estar saindo. É o que se tem visto nesta tese a partir da própria *Evangelii Gaudium*.⁸⁰³

Nesta primeira parte do capítulo 4, o percurso seguirá também três etapas. Primeiro se acentua a ideia kenótica da Igreja “em saída” no seu abaixar-se. Depois, a sua busca de processos inovadores. Enfim, expomos que o *primeirar* na vida da Igreja em saída leva ao seu *modus operandi* de envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar.

4.1.1 O abaixar-se eclesial

Caminhar nas estradas sem medo e apegos faz a Igreja “em saída” estar encarnada na realidade através do testemunho de ser servidora da Trindade. Ela pensa e realiza a sua *kenosis* em atos concretos diante das realidades que clamam pela vida plena (Jo 10,10). O seu querigma kenótico-trinitário possibilita crer no Evangelho do Cristo para comunicar a misericórdia do Pai.⁸⁰⁴ Dessa maneira, a novidade eclesial está em manifestar o novo através do Evangelho em sua saída missionária, provocada de mil maneiras para se envolver e acompanhar os frutos celebrados e acontecidos, pois “em toda a vida da Igreja, deve sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus, que nos amou primeiro (1Jo 4,19)”⁸⁰⁵.

802 FT 34.

803 EG 49.

804 EG 164.

805 EG 12.

A Igreja que sai para *primeirar* o amor universal da Trindade tem a lógica da “misericórdia pastoral”⁸⁰⁶, “do Evangelho”⁸⁰⁷ e da “integração”⁸⁰⁸ que possibilitam avançar com comprometimento e criatividade. Essas lógicas requerem a missão eclesial centrada em uma cristologia kenótica trinitária⁸⁰⁹, exigindo do discípulo-missionário a sua conversão e descentralização de si mesmo, abrindo-se para as periferias reais e existenciais. Esse abaixar-se pelo movimento de ir ao encontro a partir do evangelho levará a uma alegria e também a uma frutificação:

*a alegria do Evangelho que preenche a vida da comunidade dos discípulos é uma alegria missionária. É a experiência dos setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (Lc 10,17). Jesus a vive, exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai porque a sua revelação atinge os pobres e os menores (Lc10,21). Os primeiros que se convertem na escuta da pregação dos Apóstolos “cada um na sua língua” sentem-se cheios de admiração (At 2,6) no Pentecostes. Esta alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a dar frutos. Mas sempre tem a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si, de caminhar e semear sempre de novo, sempre além.*⁸¹⁰

Ao tratar da Igreja “em saída”, *primeiradora* e kenótica, esta seção destaca esse movimento kenótico para o *primeirar* a saída eclesial, protagonizar os novos processos e viver a dinâmica da hermenêutica dos sinais dos tempos.

4.1.1.1 O movimento kenótico da Igreja

As exigências de mudança de época, principalmente a que atualmente vivemos, nos colocam diante de crises institucionais, demandando à Igreja anunciar com ousadia o Evangelho. Dessa maneira, a *kenosis* eclesial, sem ser opositora da instituição, leva-a a renovar suas estruturas – muitas vezes de imposição, rigorismo e intransigência –, transformando-as mais em comunidade evangelizadora alegre e missionária.⁸¹¹ Para isto, o papa Francisco convida a Igreja a realizar esse movimento kenótico de saída através da aproximação, e não de forma institucional, com frieza. Ele próprio afirma: “o Deus próximo do seu povo, proximidade que atinge o ponto máximo na encarnação. É o Deus que sai ao encontro do seu povo”⁸¹². A Igreja deve seguir o movimento de aproximação.

806 AL 307-312.

807 AL 297.

808 AL 299.

809 BALTHASAR, H. U. von, *Dramatis Personae in Christ*, p. 430-431.

810 EG 21.

811 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 41-45.

812 FRANCISCO, *Pronunciamentos no Brasil*, p. 77.

Nessa perspectiva kenótica próxima da balthasariana, Francisco insiste que a Igreja necessita estar com as suas portas abertas⁸¹³ para que aconteçam as suas desinstalações. Trata-se da saída de si mesma para essa iniciativa pericorética trinitária de envolver-se, acompanhar, frutificar e celebrar sua proximidade com todas as pessoas:

Se a Igreja nasceu católica, quer dizer que nasceu “em saída”, que nasceu missionária. Se os apóstolos tivessem permanecido ali no cenáculo, sem sair para levar o Evangelho, a Igreja seria somente a Igreja daquele povo, daquela cidade, daquele cenáculo. Mas todos saíram para o mundo, desde o momento do nascimento da Igreja, do momento em que desceu sobre eles o Espírito Santo. E por isso a Igreja nasceu “em saída”, isso é, missionária.⁸¹⁴

Quando a Igreja não realiza esse movimento kenótico de sair de si, para as periferias geográficas e humanas da dor, do sofrimento, da injustiça, da ignorância, da miséria e da desumanização, ela adoece e não consegue evangelizar. A autorreferencialidade pastoral e o narcisismo teológico a impedem de ser mãe e pastora através da fecundidade, compreensão, proximidade, que ajudam a crescer. Assim, a exemplo do sim de Maria, fica aberta à Palavra e ao Espírito, de modo que ela também exercerá a maternidade, “em continuidade com a de Maria, como uma prolongação na história, na fecundidade do Espírito, a Igreja continua a gerar novos filhos em Cristo, sempre a escuta da Palavra de Deus e em docilidade ao seu desígnio de amor. A Igreja é mãe”⁸¹⁵.

A maternidade da Igreja está em fecundar através da Palavra de Deus os seus filhos e filhas para serem sinal da luz do Evangelho no mundo. Isso tem continuidade com a proposta eclesiológica de von Balthasar⁸¹⁶, de modo que a reflexão desse autor também traz fundamentos teológicos para a proposta eclesial do papa Francisco. É o que vemos na afirmação abaixo:

Hans Urs von Balthasar concebe a Igreja com dois princípios: o princípio petrino, que é masculino, e o princípio mariano, que é feminino, e não há Igreja sem mulheres. A Igreja é mulher, esposa de Cristo, é mulher dogmaticamente, e sobre isso é preciso aprofundar e trabalhar, e não ficar tranquilo porque funcionalizamos as mulheres. Sim, é preciso dar uma função, mas isso é pouco, é preciso ir além.⁸¹⁷

A Igreja evangelizadora, saindo de si, possibilita as possíveis mudanças que a tornam *mysterium lunae* e não se deixa levar pela mundanidade espiritual, como alertava de Lubac: seria o pior perigo para a Igreja.⁸¹⁸ Essa tentação da luz

813 EG 46.

814 FRANCISCO, Catequeses sobre a Igreja, 41.

815 FRANCISCO, Catequeses sobre a Igreja, 28.

816 BALTHASAR, H. U. von, *El Complejo antirromano*, p. 185-129.

817 PULLELA, P., *Entrevista com o Papa Francisco*.

818 AURÉLIO, M., *A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II*, p. 218.

própria de autorreferencialidade não a faz gerar filhos e filhas da fé, mas sim alimenta um caminho clerical, impedindo o seguimento e o testemunho evangélico transformador. As atitudes autorreferenciais e mundanas espirituais a tornam uma “máquina eclesial”, com seus empecilhos de ser mais próxima e mais misericordiosa, impedindo-a “de recolocar em evidência aquilo que *primeira*: a graça de um anúncio, transmitida por um testemunho humanamente crível”⁸¹⁹.

Deus está sempre indo ao nosso encontro e a “Igreja dever ser como Deus: sempre em saída”⁸²⁰ – para os vários tipos de periferias, que exigem ampliar seus horizontes de proximidade. Trata-se de compreender que uma Igreja coerente com o Evangelho necessita se arriscar sem medo de se acidentar, pois o risco de ficar fechada já sabemos que a adoce. Essa proposta da Igreja “em saída” se torna realmente evangélica na medida em que está presente nas estradas do mundo, pois “promove uma etapa de evangelização plena de fervor e dinamismo”⁸²¹. Sair como Igreja trinitária-kenótica significa não se intimidar com as surpresas do cotidiano, mas se deixar ser provocada por elas, desacomodar-se e desinstalar-se, e não usar esquemas pré-fabricados.

A Igreja *primeira*, predispondo-se a sair em direção ao outro e aberta a escutá-lo, em seus anseios e carências, e se interpelando como caminhar. Nesse percurso, as forças do antirreino contrapõem-se à Igreja “em saída” missionária. Por isso, a força animadora da missão é irradiar sempre a alegria transformadora do Evangelho.

Dessa forma, acontecerão as mudanças na Igreja, desde as comunidades até a cúria romana, nas tentações pastorais, quando sufocam a vivência das relações evangélicas. As relações com a humanidade globalizada exigem e afetam, ao mesmo tempo, a sua presença missionária e pastoral. Assim, “a Igreja sai para *callejar* (caminhar pelas estradas), no melhor sentido do termo, produzindo admirável intercâmbio: a comunidade pastoral sai, outras muitas entram”⁸²². A pastoral é a Igreja próxima exercendo a sua maternidade responsável:

*Quero lembrar que “pastoral” nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de “feridos”, que tem a necessidade de compreensão, de perdão e de amor.*⁸²³

819 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 266.

820 FRANCISCO, Angelus 20 set de 2020.

821 EG 17.

822 GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p. 77.

823 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 54.

As tentações de olhar a missão pastoral com mesquinhez, desânimo, ativismo-tarefa, pessimismo, isolamento, mundanismo espiritual, clericalismo e como um museu⁸²⁴ impedem de gerar a proximidade com a vida das pessoas e propor a presença fecunda do Evangelho. A Igreja que sai a *primeirar* sabe que os “desafios existem para serem superados. Sejam realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!”⁸²⁵ Essa é uma Igreja que sabe de seus pecados e humildemente realiza o processo de conversão para testemunhar o Evangelho, “em atitude de constante saída”⁸²⁶.

Assim, é possível compreender que o papa Francisco proponha a renovação eclesial através da chave missionária com cada “comunidade de discípulos missionários que *primeiriam*, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”⁸²⁷, criando processos de uma nova cultura eclesial que faz eco ao espírito do Concílio Vaticano II. Deve-se avançar nos caminhos missionários como protagonistas e não recuar diante dos conflitos e sofrimentos, pois “todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar as periferias que precisam da luz do Evangelho”⁸²⁸.

A proposta é que saia para anunciar o Evangelho a todos, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo, aceitando a liberdade do Espírito em apontar e reunir na Palavra sob as mais diversas formas, superando as previsões e esquemas.⁸²⁹ Então estará com as portas abertas em direção às periferias humanas, sabendo ir ao encontro de “quem ficou caído à beira do caminho (Lc 10,25-35)”⁸³⁰. As consequências pastorais serão guiadas “através da prudência e da audácia”⁸³¹ e “sem nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção”⁸³². Esta proposta se torna lúcida e testemunhal na missão eclesial pós-concílio e impulsiona reformas que sejam transformadoras e renovadoras da sua presença no mundo hoje.

A missionariedade como relevância kenótica está na capacidade de a Igreja abrir, sair, despojar, caminhar, transformar e diversificar na unidade do Espírito.⁸³³

824 EG 76-108.

825 EG 109.

826 EG 27.

827 EG 24.

828 EG 20.

829 EG 22.

830 EG 46.

831 EG 47.

832 EG 49.

833 SUESS, P., A proposta do Papa Francisco para o sínodo Pan-amazônico de 2019, p. 21.

Estas relevâncias a farão repensar sua eclesialidade constituída para as necessárias, considerando a vida das pessoas e dos grupos existentes. O cumprir missionário estará em criar com os processos sinodais de base o lugar da misericórdia gratuita.⁸³⁴

A encarnação de Deus na fragilidade humana aponta a realidade da Igreja como “divina por iniciativa do próprio Deus e goza das características que definem a sua identidade teológica: a fé na pessoa de Jesus Cristo”⁸³⁵. Contudo, ela é “também comunidade humana, encarnada na história, já que seus membros vivem em contextos socioculturais e existenciais concretos”⁸³⁶. Essa convocação é um chamado divino para ir às realidades humanas como presença da ação divina com aqueles que necessitam de cuidados humanizadores, capazes de proporcionar alívio e esperança diante dos sofrimentos existentes.

Nesta perspectiva de estar sempre em ousadia, “faz-se necessária uma nova postura que abandone qualquer tentativa de retrocesso ou de engessamento no passado, ou ainda que queira ser ou que se entenda ela mesma como autorreferencial”⁸³⁷. A postura será a kenótica, permitindo os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,5) e, como Ele, se abaixando com a bacia do lava-pés (Jo 13,5) para a sua pastoral e missionariedade. Essa é a motivação, concretização e visibilidade da Igreja, motivo da sua credibilidade. Dessa maneira, promover uma nova forma de Igreja e não uma nova Igreja:

*a Igreja “em saída”, que o Papa Francisco está promovendo com vigor, em muitos aspectos tem implicações de caráter pragmático, em vez de teórico. Trata-se de um apelo a sair do recinto da liturgia, das devoções, da vida interna da comunidade, para ir aos pobres e entrar nos ambientes dos quais parece que Deus se afastou. Na realidade, é muito mais. É a proposta de uma nova forma ecclesiae.*⁸³⁸

O gesto kenótico do lava-pés a leva a descobrir possibilidades inéditas e surpreendentes que a fazem crescer. Um simples gesto profético, de se abaixar, retomando a tradição do Evangelho joanino,⁸³⁹ é o centro da autoridade e possibilidade de sair e voltar a fazer a experiência que promove a fraternidade, a liberdade e a igualdade. Este movimento é capaz de ir além de um simples momento de *ecclesia reformanda*, e pode transformar o estilo missionário, eclesial e pastoral – esse é o futuro:

834 EG 114.

835 MIRANDA, M. F., Linhas eclesiológicas da Evangelii Gaudium, p. 181.

836 MIRANDA, M. F., Linhas eclesiológicas da Evangelii Gaudium, p. 181.

837 KUZMA, C., Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da Evangelii Gaudium, p. 202.

838 DIANICH, S., A descoberta do “outro” em uma Igreja em saída.

839 BALTHASAR, H. U. von, El Complejo antirromano, p. 305.

o futuro da Igreja está no caminho, caminhando; é verdade, está também na adoração, na oração, nos templos, mas sair, sair. O Apocalipse diz que o Senhor está a porta e chama. Sim, chama para que nós a abramos para Ele. Mas hoje eu acredito que o Senhor muitas vezes bate na porta para que nós abramos para deixá-lo sair. Porque, muitas vezes, temos um Cristo fechado. Uma Igreja que sai, sim, poderia ter acidentes, mas uma Igreja que está fechada adoeece. Sair, sair com a mensagem: esse é o futuro.⁸⁴⁰

*Primeir*ear caminhos para a Igreja hoje é manter viva a convicção que o Senhor “sempre renova a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravessasse períodos obscuros e fraquezas eclesiais”⁸⁴¹. Assim, tomar a iniciativa exige a constante criatividade em recuperar o frescor do Evangelho de forma sempre nova, pois é “sair para ungir com o Espírito de Cristo todas as realidades terrenas, em suas múltiplas encruzilhadas”⁸⁴². O *Sensus Ecclesiae*⁸⁴³ e a *anima eclesiástica*⁸⁴⁴ mantêm aberto esse caminho, contribuindo para renovar e reconstruir kenoticamente a Igreja, servindo através da pobreza evangélica.

Os processos da Igreja “em saída” acontecem ao construir a esperança transformadora de laços geradores do seguimento como comunidade de Jesus e do seu Reino. Esses processos interpelam a fé e a opção eclesiológica para além do romantismo missionário ou proselitista, uma vez que o amor de Cristo se abaixou e se fez pobre, carne e se “en-humanizou” (Jo 1,14), tornando-se concreto e real paradigma de atuação da Igreja. Trata-se de assumir a atitude kenótica, do desprendimento e esvaziamento de si, para ousar a práxis a partir de questões reais e desafiadoras, necessitando de um profetismo além de palavras e do compromisso transformador. Por isso, o desafio de realizarmos um processo kenótico na Igreja:

o desafio de uma Igreja kenótica, em saída, que é a grande vertente missionária do Papa Francisco, uma Igreja que sai e vai a todas as periferias, existenciais e sociais. E de que forma é esta saída?... Por acaso, seria sair, levando consigo a catedral e seus adornos nas costas, fazendo, no mundo dos pobres, um show e uma apresentação do mundo dos ricos (de uma Igreja rica)?... Ou de maneira profética, inculturada, vivida, sentida, fazendo da mesa do pobre a mesa da palavra e a mesa da partilha, o que justifica e dignifica a própria Eucaristia?⁸⁴⁵

Dessa maneira, será sair, comunicar e caminhar com o povo sempre se rebaixando:

840 PULLELA, P. Entrevista com o Papa Francisco.

841 EG 11.

842 FRANCISCO, Lettera dell Santo Padre Francesco al Popolo di Dio che è in cammino in Germania.

843 BALTHASAR, H. U. von., Spirito e Istituzione, p. 70.

844 BALTHASAR, H. U. von., Sponsa Verbi, p. 301-305.

845 KUZMA, C., Uma Igreja a partir do Pobre, p. 857.

Deus se comunica se rebaixando. Ele comunica traçando um caminho com o seu povo. Com o povo de Israel, o da escravidão do Egito... Mas sempre se rebaixando. Ele se rebaixa em Cristo. É isso que os teólogos chamam de “condescendência”, a synkatabasis, a “kenosis”, como diziam os primeiros Padres. Mas é impressionante. Deus se comunica rebaixando. E, assim, cada comunicação humana, porque o homem é à imagem de Deus, deve rebaixar-se para ser uma verdadeira comunicação. Colocar-se ao nível do outro. Rebaixar-se, não porque o outro seja inferior a mim, mas por um ato de humildade, de liberdade...⁸⁴⁶

Pensar a Igreja que sai à *primeirar* exige olhar cotidianamente o Evangelho e as respostas dadas pela humanidade. O *primeirar* de Francisco exige mudanças com autêntica conversão missionária nos propondo a ousar novos caminhos, não repetidoras de soluções passadas, e sim despontar novas estradas e novos *insights*. Sair é mais que um movimento físico de deslocamento e ocupar espaços; é a maneira concreta de estar junto com os que se enfraquecem e são enfraquecidos, se desprezam ou são desprezados, se anulam ou são descartados. A proposta é direta e objetiva:

sair das nossas comunidades, para ir lá onde os homens e as mulheres vivem, trabalham e sofrem, e anunciar-lhes a misericórdia do Pai (...) portadores da Palavra de vida nos nossos bairros, nos lugares de trabalho e em toda parte onde as pessoas se encontram e desenvolvem relações.⁸⁴⁷

Assim, sair tem um significado profundo de dialogar com e em todas as situações humanas, aproximando-se de todos. A consciência dessa direção não é do alto, mas do abaixar-se para realizar uma “pastoral da orelha” que escuta e participa da vida das pessoas, sem superioridade ou com respostas prontas, mas sempre pronta para caminhar junto. Esse é o conteúdo da nova evangelização que mantém sua fidelidade no seguimento de Jesus, encarnando-se e despertando a esperança. O papa Francisco acredita que é necessário ser dado o primeiro passo de uma Igreja de portas fechadas para uma com portas abertas, “uma Igreja que evangelize pelo caminho; que os cristãos se convertam em companheiros de caminhos dos seres humanos, principalmente dos que se sentem desencaminhados”⁸⁴⁸.

A Teologia do *primeirar* será contextual e estimulará a vivenciar um trabalho a partir das realidades pastorais existentes, convidando a repensar o modelo de transmissão doutrinária. Para isso, a mesa do escritório teológico e pastoral deve estar nas ruas e nas culturas, e os livros na biblioteca encarnada, capazes de

846 FRANCISCO, O futuro da fé, p. 211.

847 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso eclesial da Diocese de Roma.

848 TRIGO, P., Papa Francisco: expressão atualizada do Concílio Vaticano II, p. 55.

explicarem esse “impulso missionário”⁸⁴⁹. Francisco “usa um termo próprio seu: *primeirear*”⁸⁵⁰, propondo um programa teológico e pastoral aberto e altamente profético, que não se realiza com uma receita pronta.⁸⁵¹ Na decisão de discutir entre doutrina e ações pastorais, a preocupação deverá ser colocar-se próximo, escutar e poder discernir um melhor caminho, que acolha e aplique a misericórdia.

A renovação eclesial acontecerá através da abertura e do dinamismo missionário com a força do Espírito Santo, levando em direção às periferias, sem se preocupar em ser a maioria, e sim em ir às minorias, como sempre foram as comunidades cristãs. Discernir por esse caminho é literalmente optar pelo Evangelho e abrir os horizontes para a evangelização, promovendo a fraternidade, a solidariedade e a amizade como empenho capaz de superar o ódio e as estruturas de pecado, que desconfiguram a vida humana.

4.1.1.2 A necessidade de a Igreja sair para *primeirear*

A Igreja “em saída” é um convite para um novo olhar às realidades humanas desconfiguradas, e ver a possibilidade de um mundo novo e uma sociedade revigorada. A comunidade de fé é estimulada a exercer um caminho que contribui para o bem comum e promove uma pastoral totalmente empenhada através do discernimento evangélico. Esse estilo de pastoral em que os discípulos-missionários sentem o odor das ovelhas expressa a práxis cristã capaz de irradiar e suscitar o amor gerador de fraternidade e amizade social.⁸⁵² A pastoral da Igreja “em saída” não está para atender à passividade sacramental dos fiéis, e sim para que todo o batizado possa estar a serviço como protagonista da evangelização.

A dimensão evangelizadora da comunidade é a expressão de uma eclesio-logia dinâmica, que a permite alcançar através do Evangelho e para a libertação dos povos. Assim sendo, apascentar o rebanho está na dedicação de acolher, caminhar e permanecer juntos, com a exigência de um amor que nos torna capazes de servir com gratuidade (Jo 21, 15-19). A presença pastoral encontrará novos caminhos:

*significará caminhar com o Povo de Deus: caminhar na frente, indicando o rumo, apontando a vereda; caminhar no meio, para fortalecê-lo na unidade; caminhar atrás, tanto para que ninguém permaneça atrás quanto para seguir a intuição que o Povo de Deus tem para encontrar novos caminhos.*⁸⁵³

849 EG 30.

850 XAVIER, J., Spalancando il dinamismo ecclesiale, p. 45.

851 EG 218.

852 FT 182-186.

853 FRANCISCO, A Igreja da Misericórdia, minha visão para a Igreja, p. 71.

A comunidade se torna evangelizadora e em saída missionária quando toma a iniciativa de se envolver, pacientemente, em um processo renovador da fé e da compreensão das questões que carecem de sentido existencial e humanizador. É uma espiritualidade exodal, de sair de si para compreender o outro, de sair para a rua e não de ficar fechado, ou arrumando vasos, ou se paramentando na sacristia. É necessário repensar a estrutura e o estilo missionário com as comunidades para se renovar a Igreja, prosseguindo um processo de convivência e amizade social.

O êxodo *primeiro* tem suas raízes trinitárias, permitindo a Igreja ser além de uma instituição humana, mas organicamente ser protagonista, a partir da sua relação com a comunhão trinitária, capaz de alcançar as periferias reais e existenciais. A comunidade que não se descentraliza de si e não realiza a pericorese trinitária com a sociedade se torna “consumida na mundanidade espiritual, dissimulada em práticas religiosas, com reuniões infecundas ou com discursos vazios”⁸⁵⁴. Dessa maneira, a Igreja no mundo de hoje necessita ser o oposto aos poderes político-mundanos (Mt 20,17-28), e realizar o seu “caminho no seguimento do Cristo, no caminho da *kenosis*”⁸⁵⁵.

O *primeiro* eclesial é estar no mundo olhando as realidades, sem subestimá-las, mas de forma lúcida e sem agressividade, e propor através do diálogo caminhos fraternos e amigos. As suas características serão: a sensibilidade pastoral, a capacidade de escuta, a compaixão diante do sofrimento, o diálogo frente ao confronto e criatividade diante do comodismo. Significa a fé com opção livre, consciente do seu risco e do abandono a Deus que implica; assim, o anúncio salvífico da Igreja constitui-se um apelo à liberdade do sujeito.⁸⁵⁶

A Igreja descentrada de si e centrada na missão de ser evangelizada e evangelizadora⁸⁵⁷ encaminha a sua eclesiologia pastoral no sentido que ela “existe para evangelizar”.⁸⁵⁸ A conversão pessoal e missionária a leva ao seguimento nas periferias humanas e reais como locais do seu programa missionário de anunciar o Evangelho, permitindo Deus nos surpreender no caminho. Portanto, “conserve-mos a suave e reconfortante alegria de evangelizar”⁸⁵⁹ para que o nosso mundo, com as dificuldades de sanar as suas enfermidades, ou “na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes

854 EG 207.

855 BARREIRO, A., Igreja, povo santo e pecador, p. 20.

856 MIRANDA, M. F., Francisco: papa e jesuíta, p. 140.

857 EN 15.

858 EN 14.

859 EN 80.

e desencorajados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie (...) a alegria de Cristo”⁸⁶⁰.

Sair em direção do mundo requer uma caridade pastoral no cuidado de ser carta de Cristo “escrita não com tinta, mas com Espírito do Deus vivente” (2 Cor 3,3). Assim, ela será a comunhão dos sentimentos compartilhados quando decidimos ir em saída, rezar uns com os outros, e se necessário sofrer juntos. A Igreja que se define “em saída” “está em missão, uma missão de todos e uma missão de serviço (...) aos pobres e em aliviar os corações feridos, assim como Cristo fez em seu tempo (Lc 4,18-19)”⁸⁶¹. Deve estar sempre aberta e alerta para as iniciativas que necessitem de atenção, pois “as paróquias, as escolas, as instituições são feitas para sair; se não o fizerem, tornam-se uma ONG, e a Igreja não pode ser uma ONG”⁸⁶².

A instituição eclesial poderá, num caminho contínuo de conversão, evitar cair nos abismos das ONGs ou de administradora de controle financeiro-sacramental, para se transformar em servidora e facilitadora de caminhos de fé.⁸⁶³ A encarnação do Verbo que sai da sua eternidade para criar proximidade com cada ser humano é a direção que a Igreja é enviada a seguir, e assim “exerce e mostra a autoridade: na capacidade de serviço”⁸⁶⁴. Esse compromisso de serviço aparece na vida comunitária e com os outros, não a fazendo refém de obsessões rituais, sacramentais e dos temas de moral individual. Trata-se da necessidade de processos “verdadeiramente cruciais para a evangelização do mundo secularizado”,⁸⁶⁵ capaz de lhe revigorarem o seu crescimento:

*A Igreja vive e cresce “em saída”, tomando a iniciativa e aproximando-se. Portanto, encorajai as Comunidades a serem generosas inclusive nos momentos de crise vocacional. Com efeito, a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, conferindo-lhe novo entusiasmo e novas motivações.*⁸⁶⁶

A necessidade atual de *primeirizar* comunidades evangelizadoras e generosas nos momentos difíceis exige compreender a pastoral emergente das situações humanas concretas e limitadas. Assim, a Igreja “em saída” recebe vários sinônimos na ação pastoral missionária, como hospital de campanha ou samaritana, que necessita hoje ter a capacidade de abaixar-se para curar as feridas e enternecer

860 EN 80.

861 KUZMA, C., La eclesiología del Papa Francisco.

862 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 23.

863 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 77.

864 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 78.

865 KASPER, W., Testemunha da Misericórdia, p. 50.

866 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Evangelização dos povos.

os corações dos fiéis, estando próxima e não longe da realidade. Dessa maneira, “não se relacionará com o mundo como dominadora nem como proprietária e sim como servidora a partir da sua pequenez: como levedura, como fermento, como semente”⁸⁶⁷, pois não verá ninguém como inimigo para vencer ou eliminar, e sim como irmãos e estará pronta para ajudar.

A proposta *primeiredora* através da horizontalidade lhe possibilitará oferecer misericórdia com relações de amor mútuo e fraterno. Isso mesmo diante de dificuldades e as perseguições que lhe ocorrem pelas posições defendidas e de fidelidade ao Evangelho, e suas propostas. Nesse “caminho sobre a docilidade do Espírito Santo se traduzem as atitudes de escuta, diálogo, iniciativas, integração, cooperação e participação”⁸⁶⁸ interdependentes para a inovação transformadora do Reino a se anunciar e pelo qual conviver.

O papa Francisco toma a iniciativa de criar e ativar processos transformadores, que não podem ser realizados com impaciência e imediatismos, e sim através do serviço possível de fecundar na realidade. A verdadeira doutrina de Cristo que é o seu Evangelho permite e inspira, através da docilidade do Espírito Santo, criar esses caminhos para novos processos. Assim, reafirma-se que *primeirrear* é continuar o Concílio:

*A Igreja em Saída é uma continuação do concílio através da forma missionária em resposta ao tempo presente. Primeirrear é uma força conciliar madura pronta para apresentar as estruturas eclesiais como testemunhas do Reino no mundo pós-moderno marcado pela globalização da indiferença (EG 54).*⁸⁶⁹

Os gestos enfatizados pelo papa Francisco para a Igreja, como os seus telefonemas preocupados com o sofrimento dos pobres, com as famílias das vítimas mortas pela Covid-19, com os missionários de fronteiras e com o povo da rua, apontam quais processos necessitam ser conduzidos e onde deve estar a Igreja. Deverá estar frente “aos desafios que exigem ou provocam uma saída de si mesma, de seus paradigmas clássicos para abrir-se a novos paradigmas plurais que provêm desses lugares teológicos”⁸⁷⁰.

Segundo Francisco, a Igreja “em saída” tem uma direção concreta nas urgências humanas contemporâneas, que pedem uma nova agenda e atitudes eclesiais para alcançar todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho.⁸⁷¹ Nessa proposta, somos encorajados a sonhar e a sair kenoticamente para buscar novos caminhos eclesiais:

867 FAUS, J. I. G., *La Iglesia en salida se conocerá a si misma como la sempre necesitada de reforma.*

868 BORDIGNON-MEIRA, A. L., *Procesos transformadores para una reforma eclesial.*

869 BORDIGNON-MEIRA, A. L., *Procesos transformadores para una reforma eclesial.*

870 PLACER, F., *Los nuevos paradigmas exigen una profunda descentralización de la teología.*

871 EG 20.

*Francisco nos permite sonhar com coisas maiores, cuja concretização destes sonhos depende de todos nós; e é aí que entra o chamado para uma nova percepção e responsabilidade eclesial, uma maturidade que deve ser buscada, construída, sem a qual não haverá qualquer condição para uma Igreja em saída.*⁸⁷²

Nesse sair do Vaticano para a universalidade, a Igreja demonstra a sua vivacidade de alargar, dar espaços e acesso a todos, pois ou ela é “‘em saída’ ou não é Igreja, ou está a caminho, alargando sempre o seu espaço para que todos possam entrar, ou não é uma Igreja. Uma Igreja com portas abertas (EG 46), sempre com as portas abertas”⁸⁷³. Francisco *primeira* configurações evangelizadoras que realizam mudanças através de encontros descentralizadores de poder, com diálogos inter-religiosos, ecumênicos, sociais, políticos e com a atenção sempre voltada aos mais pobres e vulneráveis. A sua vitalidade servidora o faz ser ouvido dentro e fora da Igreja, indicando-se assim a necessidade da mensagem universal do Evangelho.

Recomeçar a partir de dentro ao redescobrir o seu querigma de servidora fará a Igreja sair de si para o mundo de maneira humilde, e não através de um capitalismo pastoral que quer conquistar e se preocupa com resultados imediatistas de números do mercado religioso entre “fiéis”. O perigo está na falta da fraternidade e nos gestos de cuidados kenóticos, que criam os vínculos humanos e da fé, pois o essencial estará sempre no aspecto qualitativo do crescimento da Igreja, quando ela segue como Jesus no falar, pregar, amar, acompanhar e fazer o caminho com as pessoas.⁸⁷⁴

O essencial do querigma do Evangelho na missão evangelizadora faz a Igreja ser mais “fecunda e mãe quando dá testemunho de Jesus Cristo”⁸⁷⁵. A falta da maternidade a torna organizada, porém triste, e não serve além de uma peça de museu.⁸⁷⁶ Este aspecto da maternidade nos ajuda a compreendê-la como “feminina, esposa e mãe”⁸⁷⁷; por isso, a Igreja “em saída” deve *primeirar* o lugar da mulher na Igreja, valorizando a sua feminilidade. Ela deverá estar nas decisões de sinodalidade e ministerialidade, estar inclusa como força servidora, participativa e decisória, assim citou o papa Francisco, a partir da teologia balthasariana: “necessita-se muito pensar a articulação feminina da Igreja, ela é feminina na sua origem. O grande teólogo Urs von Balthasar trabalhou muito sobre este tema: o princípio mariano

872 KUZMA, C., Desafios de uma Igreja em saída: avanços e resistências em sete anos de Papa Francisco.

873 FRANCISCO, Audiência do Papa Francisco em 23 de Outubro de 2019.

874 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 3, p. 148.

875 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 3, p. 160.

876 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 4, p. 13-14.

877 FRANCISCO, Interviste e conversazione con giornalisti, p. 48.

guia a Igreja próxima com o petrino”⁸⁷⁸. A sua maternidade propícia a proximidade como modelo pastoral:

*Igreja é mãe e não conhecemos nenhuma mãe por correspondência. A mãe dá afeto, toca, beija, ama. Quando a Igreja, ocupada de mil coisas, negligencia a proximidade, esquece disso e só comunica com documentos, é como uma mãe que se comunica com seu filho por carta. (...) Proximidade é um dos modelos pastorais para a Igreja de hoje. Quero uma Igreja próxima.*⁸⁷⁹

Essa Igreja próxima e materna não se exime de estar distante de perigos e erros, e procura estar sempre indo ao encontro com propostas que superem os males do ódio, da burocracia eclesiástica e das ideologias. Dessa maneira, ela se torna uma Igreja dos mártires com o testemunho de ser fiel ao Evangelho de Jesus, pois sofrendo com os que sofrem “a nossa Igreja é a Igreja dos mártires”⁸⁸⁰.

O papa Francisco tem levantado questões à Igreja para que ela possa sair e ser presença viva da Trindade, como, por exemplo: do que a Igreja mais necessita neste momento histórico? São necessárias reformas? Quais os caminhos ela deve seguir nos próximos anos? A novidade do Evangelho a fará responder como o Bom samaritano, quando está atenta com o próximo nas estradas. Assim, ela estará se renovando com coragem e audácia para uma pastoral totalmente missionária, pois “a Igreja nasceu em saída. Estava fechada no Cenáculo e depois saiu. E deve permanecer em saída. Não deve voltar a fechar-se no Cenáculo”⁸⁸¹. E prossegue afirmando que “ir para fora significa aquilo que eu chamo de periferias, existenciais e sociais”⁸⁸².

Este caminho só será possível se estiver atenta ao perigo de ficar anestesiada e acomodada pelo mundanismo espiritual e pelo clericalismo, que a impedem de responder ao chamado evangélico. A novidade para a Igreja sair e *primeirar* está na força revolucionária do Evangelho impelindo para as periferias humanas, não se limitar aos cuidados da manutenção e autoconservação clerical-mundana, que não permitem a fidelidade ao Evangelho.⁸⁸³

Dessa maneira, é possível compreender como se toma a iniciativa, quando nos perguntamos: por quem saímos? Saímos por aqueles que encontramos nas periferias existenciais, onde a vida está mais ferida (DAP 65,78, 417)?⁸⁸⁴A

878 FRANCISCO, Interviste e conversazione con giornalisti, p. 131.

879 FRANCISCO, Interviste e conversazione con giornalisti, p. 20-21.

880 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 4, p. 28.

881 FRANCISCO, Interviste e conversazione con giornalisti, p. 397.

882 FRANCISCO, Interviste e conversazione con giornalisti, p. 397.

883 FRANCISCO, Interviste e conversazione con giornalisti, p. 470.

884 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 714.

Teologia da Igreja “em saída” mostra-se aberta às necessidades e questionamentos ecumênicos, buscando hermeneuticamente caminhos pastorais atuais e vindouros. Da expressão “fronteiras eclesiais” emergem inúmeros questionamentos com inquietações, limites, pluralidades, necessidades, trazendo vários cenários e percursos missionários, como descreve a raiz etimológica dessa expressão:

A raiz etimológica do termo latino frons/front – frente, leva a assumir a fronteira como uma realidade que se coloca a frente e que move para “além de”, estimulando a estender a visão e caminhar para atingir a meta. Por essa via, a distinção e a diversidade figuram como oportunidades para uma interação propositiva, ao mesmo tempo em que permitem uma apurada autopercepção e autocrítica.⁸⁸⁵

A presença das pequenas comunidades *primeireadoras* trará consigo o bálsamo que alivia as dores e cura as feridas abertas pela enfermidade da indiferença humana. Neste caminho, com a disposição profética e missionária sua criatividade pastoral estará fundamentada no estilo kenótico de vida do próprio Jesus. Assim sendo, o estilo kenótico em saída é o estilo de Deus:

Jesus em si mesmo é a encarnação do estilo de Deus sair livremente de si para habitar de modo radical no mundo. O estilo de Deus no mundo se revela na kenosis da encarnação (Fl 2,6-7), onde uma pessoa trinitária se esvazia de si mesmo (“esvaziamento infinito”) e entra pessoalmente na realidade criada.⁸⁸⁶

O papa Francisco propõe em seu pontificado esse estilo de vida evangélico da vivência comunitária encarnada em seu cotidiano, pronta a se sensibilizar pelas necessidades das periferias e suas fronteiras. Esse estilo nos faz sair da autorreferencialidade para uma descentralização, e um viver e atuar no e com mundo. Este é o compromisso evangélico de todos e das comunidades evangelizadoras, que devem se encarnar no cotidiano para discernir caminhos transformadores, e não viverem a missão com burocracias eclesíásticas ou funcionalismo divino.⁸⁸⁷ A espiritualidade encarnada da Igreja “em saída” é um compromisso com Deus e com o outro, para o bem de todos e da Casa Comum.

4.1.2 Criar processos de aproximação na “kenosis eclesial”

Uma Igreja que exista para os outros é a extensão do projeto kenótico trinitário, nos interpelando a pensar, a partir da eclesiologia aberta, as questões que ferem a vida humana. Essa interpelação provocou o teólogo sobre a *kenosis*

885 WOLF, E.; COLET, R. F., Fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco.

886 RODRIGUEZ, L. O. J., El concepto teológico de “estilo” como clave de lectura de Laudato Sì y Gaudete et Exultate.

887 GE 138.

trinitária a realizar a seguinte pergunta: é possível pensar a *kenosis* da Igreja?⁸⁸⁸ Essa pergunta demandará processos, assim como a revelação na história foi um processo kenótico das Pessoas da Trindade. Dessa maneira, a renúncia da *forma Dei* através da encarnação do Cristo deve questionar o seguimento eclesial⁸⁸⁹ ao longo da sua história.

A originalidade da teologia “em saída” está em prosseguir como novidade da obra encarnada do Pai, que enviou o seu Filho no meio de nós, permitindo-nos continuar através do sopro do Espírito Santo.⁸⁹⁰ Significa sair da estagnação das propostas eclesiais construídas temporalmente, as quais impedem prosseguir a proposta evangélica conduzida pelo Espírito Santo. A *kenosis* como escolha de ação processual da Trindade propõe à Igreja continuidade com a revelação “se conformando à mesma condição da *kenosis* do Cristo”⁸⁹¹. Evangelicamente, ela necessitará de processos que a façam próxima, pobre, preocupada com o seu tempo, doadora de si e abandonada eucaristicamente, como estudou e propôs von Balthasar. Trata-se de como se estudou o termo *kenosis* presente no Novo Testamento, vindo assim, de encontro à proposta do pontificado do papa Francisco, convidando insistentemente a Igreja a sair e viver a práxis do Evangelho no mundo.⁸⁹²

A teologia de Hans Urs von Balthasar e a do papa Francisco se aproximam por estarem preocupadas com as urgências de a Igreja estar kenoticamente no mundo; e através das comunidades missionárias, tendo em conta as exigências e as divergências de seu tempo.⁸⁹³ A reflexão de ambos está desencadeada a partir do mistério trinitário. Eles indicam que se pode ter a proposta do Concílio Vaticano II como presença histórica de um movimento de missão. Trata-se de uma dinâmica kenótica, com a qual se encaminham processos inovadores.

4.1.2.1 A dinâmica kenótica nos processos

O princípio teológico da *kenosis* possibilita a Igreja constantemente ser dinâmica nos seus processos evangelizadores. Aplicá-lo na realidade eclesial expressa significativamente a sua vocação de estar “envolvida, acompanhando, fru-

888 BALTHASAR, H. U. von., *Spirito e Istituzione*, p. 41.

889 GE 19.

890 REPOLE, R., *O sonho de uma Igreja evangélica*, p. 57.

891 BALTHASAR, H. U. von., *Spirito e Istituzione*, p. 41.

892 LS 238-249.

893 Von Balthasar propõe que o pequeno rebanho, ou seja, a comunidade de base inserida no mundo secular testemunhando a sua fé e realizando a práxis da sua missão. BALTHASAR, H. U. von., *El complejo antirromano*, p. 322. Assim, como o Papa Francisco pede para a Igreja *primeirar* através das comunidades evangelizadoras a sua presença encarnada nas realidades humanas. EG 24.

tificando e festejando”⁸⁹⁴ sua presença no mundo. Von Balthasar apresentou a *kenosis* de Cristo como imitável e tendo fruto salvífico:

*O Novo Testamento no uso do verbo kenosis nos oferece várias possibilidades. O passo solene no hino dos Fl 2,7 o qual fala do “Cristo Jesus” pré-existente, que era na sua “natureza (forma) divina” mas não considerou um tesouro ciumento a sua semelhança com Deus, mas se despojou de si mesmo, assumindo as condições (forma) de servo. Este despojamento, humilhação, esvaziamento, que é um ato pré-natal, antes da sua ‘entrada no mundo’, permanece única no seu gênero e imitável para a Igreja (e os seus membros), pois a Igreja segundo o Novo Testamento deve ser considerada como esse fruto salvífico.*⁸⁹⁵

A Igreja poderá evitar o seu distanciamento de sua vocação e eleição evangélica e acolher os processos da *kenosis* do Cristo na sua existência. Dessa forma, trata-se de aplicar a *kenosis* no seu sentido “impróprio”⁸⁹⁶ para a Igreja e se compreender como servidora criativa do pensamento de Deus, ou seja, livremente disposta a se despojar, se abaixar e se inclinar. A expressão patrística da “Igreja como origem espiritual” se apresenta na sua visibilidade encarnada, correspondendo aos mesmos passos livres e decididos do Cristo, encarnado na sua temporalidade.⁸⁹⁷

Von Balthasar, com este arquétipo kenótico, propõe à Igreja o seu abaixamento diante das realidades, da mesma forma que aconteceu no evento Cristo. Por isso, nenhuma criatura pode se abaixar como na *forma Dei*, contudo, sua essência é ser serva e participante da obra da Criação, ou seja, “realizando a *kenosis in sensu improprio*”⁸⁹⁸.

A resolução do ato kenótico de Deus, de se abandonar nas realidades estruturais do pecado, como solidário com os que sofrem, nos possibilita pensar onde acontece a *kenosis in sensu improprio*. Dessa maneira, a Igreja “em saída” cria novos processos ao acompanhar a *kenosis* do Cristo com os crucificados da história, convocando a Igreja a estar nesses locais de sofrimento a serviço da *kenosis* divina.⁸⁹⁹

A profunda conformação eclesial faz com que cada *kenosis* (imprópria) exteriorize ao mundo o seu seguimento do Senhor kenótico, se assimilando cada vez mais a Ele. Contudo, o processo contínuo na vida e pastoral da Igreja necessita através do Espírito Santo repensar sempre a possibilidade de que forma institucional realiza o movimento kenótico (impróprio). Aqui, reflexão e práxis estão conjuntamente na coerência da hierarquia eclesiástica com o laicato protagonista, en-

894 EG 24.

895 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 41.

896 Recordando que o sentido próprio da *kenosis* é aplicado as Pessoas da Trindade.

897 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 42.

898 BALTHASAR, H. U. von, *Spirito e Istituzione*, p. 43.

899 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco à *Cúria Romana* na apresentação de votos natalícios. .

curtando as distâncias com a realidade carente de transformação. Elas se realizam em local e pessoas concretas através desse movimento dinâmico da *kenosis* em sair para “procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”⁹⁰⁰. Temos dois exemplos claros, um quando dois cristãos estão à beira da margem de um viaduto, encontram-se porque se abaixaram e viram irmãos e irmãs com fome, e se questionam sobre as causas, e se envolvem na dor deles, realizando o partir do pão e pensando juntos como superar esse drama (Jo6,1-15). Outro exemplo é constatarem viadutos nas grandes cidades preenchidos com pedras pontiagudas e, imediatamente, quebrá-las juntamente com os moradores de rua, para que possam ter um local para dormirem à noite.⁹⁰¹

Essas duas situações, que acontecem tanto nas páginas do Evangelho como na práxis pastoral, ilustram a aplicação da “*kenosis* eclesial” exigida no processo de conversão e adesão evangélica, através do contato nos locais que clamam por essa ação. Assim acontece, e como no caminho kenótico do Cristo foi realizado apenas com um *script*: o ato livre de abaixar-se, envolver-se e doar-se diante dos sofrimentos que desconfiguram a pessoa humana. Por isso, é urgente o se inclinar eclesial para levar misericórdia:

*A Igreja tem de se inclinar sobre todas as feridas da humanidade e atuar para que ninguém possa ser descartado e não lhe derivar de qualquer forma de neutral filantropia: é exigência do Evangelho da misericórdia, que é chamada anunciar. Ele propriamente porque é anúncio do coração de Deus que se inclina sobre as misérias – compreendido o pecado e toda divisão dos homens entre eles –, não pode ser reduzido a relação de cada um com Deus ou a alguma coisa reenvie para um além que nada teria a ver com o aqui de uma vida, muitas vezes mísera, dos homens.*⁹⁰²

A capacidade da Igreja interpelar o mundo estará em vivenciar a proposta kenótica da Trindade, visando realmente ser mais evangélica, ou seja, pensar a Igreja na sua catolicidade original, sendo “reenviada para se inserir na forma de pequeno rebanho”⁹⁰³, com seu protagonismo de base. O princípio teológico da *kenosis* leva a Igreja com suas comunidades espalhadas a se reconfigurar na sua teopráxis, possibilitando o agir missionário coerente ao Evangelho. Dessa forma, a solicitude pastoral da Igreja a leva a amar e a participar conscientemente da comunidade humana.

A visão da Igreja na sua teopráxis se constitui na figura da categoria “chamada a sair”, através da sua dinâmica, e exodal, na fonte da sua espiritualidade e

900 EG 24.

901 G1, Padre Júlio quebra pedras a marretada pedras instaladas sob viadutos pela prefeitura de São Paulo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/02/02/padre-julio-lancelotti-quebra-a-marretadas-pedras-instaladas-sob-viadutos-pela-prefeitura-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 2 out de 2021.

902 REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 61.

903 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e Istituzione, p. 21.

missionariedade. Essa “*kenosis* eclesial” a faz missionária em continuidade com a *Missio Dei*, possibilitando a universalidade de incluir, e não o fechamento narcisista, isolado, estéril e doente. E nesta visão teológica, o *primeirar* propõe e explica esse impulso missionário:

Segundo o exemplo do Senhor, explica o pontífice, a Igreja não pode separar-se do mundo: “O Senhor tomou a iniciativa, a precedeu no amor” (EG 24). A Igreja deve saber se envolver. Não deve ter medo de sujar as próprias mãos para o bem do mundo.⁹⁰⁴

No contexto da elaboração teológica da *kenosis* para a Igreja sair de si mesma, tanto para von Balthasar como para o papa Francisco, somente um caminho é preciso para a credibilidade da fé cristã: o compromisso do amor encarnado. Dessa maneira, ser Igreja desde os desafios da modernidade até as acelerações pós-modernas implica se viver as realidades humanas conjuntamente no caminho com o Deus Trino. A “*kenosis* eclesial” será constantemente a afirmação da importância da encarnação, propondo-se à Igreja se colocar em diálogo e a serviço da compreensão sobre o ser humano, em seu tempo. Essa fé, eclesiológica também, porque tendo em conta sua vocação, a desafia a realizar a mesma inserção da *kenosis* divina, assumindo os sofrimentos, dores e limitações da humanidade, assim como Deus foi capaz.

Esta perspectiva desafia a pensar também quais devem ser os locais e como a Igreja precisa proceder com a sua inserção, práxis e renovação. O processo histórico e a dinâmica da revelação permitem e provocam a Igreja em relação às suas teologias contextuais e epocais. A sua práxis *primeiradora* pressupõe a *kenosis* histórica da Trindade através da Pessoa do Filho, possibilitadora da sua presença humanizada e humanizadora dentro da realidade fragmentada, quando, principalmente neste tempo, necessitamos superar essas ambiguidades existentes nas relações eclesiais e sociais. Como propuseram teologicamente von Balthasar e também os teólogos da libertação – como Jon Sobrino⁹⁰⁵ e atualmente o papa Francisco⁹⁰⁶: a prática da Igreja, derivando-se para atender às carências dos seres humanos, dá seguimento à solidariedade do Verbo encarnado. Desenvolve processos kenóticos assumidos e realizados em um novo modelo de Igreja:

O inefável mistério do Deus-Homem desafia a Igreja a fazer a sua própria kenosis inserindo-se entre os excluídos da sociedade para acolher e para servir, e não apenas ser mãe e mestra. (...) O mistério do Logos encarnado propõe um novo modelo de Igreja.⁹⁰⁷

904 XAVIER, J., Spalacando il dinamismo ecclesiale, p. 45.

905 CATALFO, C. E., A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino, p. 56.

906 GE 174.

907 CATALFO, C. E., A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino, p. 60-61.

Nessa mesma perspectiva kenótica, o papa busca sair em direção a essas questões de solidariedade humana, oferecendo a figura do poliedro como expressão do encontro das fragilidades.⁹⁰⁸ Este será o desafio das relações comunitárias fragmentadas, necessitando motivar a proximidade da Igreja através do seu despojamento e renúncia de sua posição de instituição milenar. Assim será possível sua proximidade com os crucificados de hoje (Ef 2,11s) e de sua carne dilacerada se constituir como comunidade.

4.1.2.2 Abrir caminhos inovadores

A Igreja “em saída” cria processos kenóticos, visando sua renovação e inserção no mundo através do seguimento de Jesus. Essa eclesiologia e essa pastoral se concretizam com a estratégia da preferência e da solidariedade transformadora da vida e dos sofrimentos dos últimos. A misericórdia como a *kabod*⁹⁰⁹ (manifestação da glória de Deus) e o “remédio” oferecido pela eclesiologia “em saída”⁹¹⁰ nos permitem ver Deus a partir do mundo e o mundo a partir de Deus.⁹¹¹ Von Balthasar nos apresenta como a solidariedade de Deus com a humanidade se tornou visível através da encarnação e crucificação. Desta maneira, este processo de configuração kenótica torna a Igreja digna de fé.⁹¹²

Esse processo acontece compreendendo o mundo concreto e sofrido das vítimas das estruturas geradas pela pretendida autossuficiência do pecado. Estar com o povo pobre faz parte do processo da “*kenosis* eclesial” e da sua experiência espiritual, quando, ao mesmo tempo, professa a fé trinitária na convivência com as desigualdades, como as persistentes decorrentes do pensamento neoliberal. Este caminho abre teologicamente novos horizontes escatológicos para a humanidade, ao se dar um passo em direção à realidade, sem ignorá-la, e sim, abaixando-se até ela, e poder enxergar, conviver e testemunhar serviços pastorais inclusivos, configurando-se a estar nas lutas humanas sem manipular ou anestesiar os pobres, mas ao contrário, desenvolver ações pensadas e conscientes de um novo protagonismo. Kenoticamente, Francisco propõe esses passos, primeiramente aos episcopos, contudo, de valia para toda a Igreja:

908 EG 236-237.

909 BALTHASAR, H. U. von, Antigo Testamento, p. 139-159.

910 EG. 44.

911 Jon Sobrino no Princípio da misericórdia descreve a importância desse olhar divino e humano a partir da realidade.

912 BALTHASAR, H. U. von, The action, p. 267-273.

*Próximos das pessoas, pais e irmãos, com grande mansidão: pacientes e misericordiosos. Homens que amem a pobreza, quer a pobreza interior como liberdade diante do Senhor, quer a pobreza exterior como simplicidade e austeridade de vida.*⁹¹³

A “*kenosis* eclesial” sempre promoverá a renúncia a se enclausurar nos templos e nas relações de poderes, para estar no meio e não no centro dos caminhos curativos. Os problemas e as soluções serão pautas frequentes da sua pregação, porque o Reino exige sempre a conversão e a proximidade das e com as pessoas. A característica kenótica do despojamento cotidiano se faz sempre aberta e atenta às novas agendas solicitadas pelos sinais dos tempos, a se construir de forma livre e integral a serviço do Reino. Ela se tornará desprendida e aquém de um funcionalismo pragmático. O seu exercício kenótico proporcionará se livrar dos seus apegos parasitários, que roubam a sua alegria missionária⁹¹⁴ de atuar livremente. A forma simples de existir e profetizar a possibilitará ser mais mística e encarnada, sempre dialogando e possibilitando novas propostas para a humanidade. As contribuições poderão ser inúmeras: ação pastoral dialogada com a realidade, protagonismo dos pobres por eles mesmos, descentralização do ministério ordinário e extraordinário para corresponsabilidade de Povo de Deus, mudanças teológico-pastorais e o diálogo ecumênico-inter-religioso-social.

A “*kenosis* eclesial” proposta por von Balthasar, com o impulso da Igreja conciliar de ir em direção ao mundo, continua teologicamente fundamentando hoje a sua saída e provocando ações e reações na comunidade eclesial. Ela demanda romper as propostas de “eclesiastilização”⁹¹⁵ de manter uma estrutura milenar murada, impedindo o seu chamado de abaixar-se, ou seja, sair da forma alienante e supérflua da fé.⁹¹⁶

Outro passo processual será de deixar de ser “verdade absoluta para as soluções do mundo”⁹¹⁷. As novas situações existentes que a própria Igreja encontrará exigem “deixar o absolutismo medieval”⁹¹⁸ para buscar novas, claras e conscientes respostas aos desafios e resistências. A sua presença será sempre vis-à-vis⁹¹⁹ como prática pastoral com responsabilidade e participação de um laicato que amadurece constantemente na vida comunitária. Os membros das comunida-

913 FRANCISCO, Discurso aos bispos e responsáveis do CELAM por ocasião da reunião geral de coordenação, p. 78.

914 EG 109.

915 BALTHASAR, H. U. von, *Puntos Centrales de la Fe*, p. 240.

916 BALTHASAR, H. U. von, *El Complejo Antirromano*, p. 13.

917 BALTHASAR, H. U. von, *El Razing the Bastions*, p. 52.

918 BALTHASAR, H. U. von, *El Razing the Bastions*, p. 52.

919 BALTHASAR, H. U. von, *El Razing the Bastions*, p. 71.

des precisam deixar ativismos pastorais e sacramentalizações, para se reunirem e servirem com as letras do Evangelho. Dessa maneira, a “*kenosis* eclesial” conduz a comunidade viva e atuante às questões horizontais, sendo o seu envolvimento como o do seu Senhor.

Eclesialmente, a estrutura kenótica se abre ao *sentire cum Spiritus Sancti*, universalizando a vida de Cristo através da vida da comunidade. O Espírito proporciona a ela experiências conscientes e abertas, para se pensar e propor onde seguir, retornar, avançar, testemunhar e decidir nas realidades cosmopolitas a forma comunitária da presença de Deus na história.⁹²⁰ Por isso, esse movimento kenótico da Igreja sob a ação pneumatológica acontece acompanhando a humanidade:

*Provavelmente a Igreja deveria acompanhar a humanidade em seu caminho de patíbulo, e possa ser hoje para a humanidade um acompanhante especialmente indesejável. A brutalidade dos feitos que ela reclama por completo não está em consonância com a referência a uma verdade transcendente. Atua como uma dispersão.*⁹²¹

A práxis kenótica através do seu serviço transformará os medos e descartes em laços comunitários humanizadores. Esses laços correm o perigo de desaparecerem, tanto na Igreja como na sociedade, distanciando-se da práxis kenótica ser capaz de retirar os pesos institucionais que a inviabilizam. Assim, a “*kenosis* eclesial” é a razão da Igreja ser católica, continuando a mensagem aberta ao mundo universalizado de Jesus, ao mesmo tempo que se revela e se doa.

O paradigma será o mesmo de Jesus, ou seja, indo ao encontro do pequeno rebanho (Lc 12,32), de uma ovelha e não das noventa e nove (Lc 15,4-7), com os pobres e os enfermos (Mt 14,14), propondo passar de ovelha de rebanho para protagonista na missão. A espiritualidade e a prática pastoral de se pôr “em saída” provêm da dinâmica trinitária, que sempre se antecipa a nós:

*Jesus, ele é sempre o primeiro, e é uma relação constante. Esta é a base de nossa condição de pessoas. Nossa relação é sempre resposta: “Procuro Jesus, sirvo Jesus, porque ele me procurou primeiro, porque fui conquistado por ele: e este é o âmago da nossa experiência. Mas ele é o primeiro, sempre. Em espanhol existe uma palavra que é muito gráfica e explica bem isso: ele ‘antecede-nos’, ‘ele nos primeireia’. É sempre o primeiro. Quando nós chegamos, ele já chegou à espera por nós”.*⁹²²

A pastoral da Igreja “em saída” irá *primeirear* ao se abaixar como “opção missionária capaz de transformar as realidades, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal propor-

920 BALTHASAR, H. U. von, Católico, p. 8.

921 BALTHASAR, H. U. von, Católico, p. 13.

922 TRIGO, P., Papa Francisco expressão atualizada do Concílio Vaticano II, p. 74.

cionando mais a evangelização do mundo atual que a autopreservação”.⁹²³ Nela vemos esse caminho transformador que ilumina e anima a proposta do testemunho do Amor universal.⁹²⁴ É possível compreender o alvorecer nas suas atitudes livres de amor e fraternidade. Este foi o caminho de despojamento comunitário iniciado pelo papa,

*quando visitava as “villas” da periferia de Buenos Aires, ou os bairros operários e conjuntos habitacionais. Ou, ainda, quando em seus tempos de provincial acompanhava os jesuítas nas celebrações pelos bairros da grande Buenos Aires, nas capelas simples e pobres, distantes das igrejas sofisticadas da Recoleta ou do Bairro Norte.*⁹²⁵

A Igreja diante desse novo tempo possibilita um tempo kairológico como proposta de abrir novos caminhos de missão e diálogos. Sua pastoral centrada no modelo trinitário a permitirá avançar escutando mais:

escutando mais e em um diálogo maior com o mundo que nos rodeia e nos interpela na fé, principalmente quando as posturas assumidas – muitas vezes egoístas e sem nenhum tom evangélico – nos denunciam a falta da mesma fé, ou a sua incoerência”⁹²⁶.

As diversas situações e realidades existentes se tornam possibilidades de se compreender a fé e a sua práxis onde a comunidade missionária está inserida. Assume-se a história concreta e se constrói a partir das relações humanas e familiares, com seus limites e incapacidades de amar. O Verbo se fez ser humano, assumindo a mesma condição histórica, contudo, propondo novos caminhos transformadores do Reino. Dessa maneira, a reflexão teológica da Igreja pós-Conciliar, nos horizontes desses dois homens eclesiais, é marcada profundamente pelo convite para assumir o mesmo compromisso de transformação.

Essa missão estendida da Trindade na vida eclesial, convida a se encarnar e se historicizar, comprometida na mesma perspectiva do Reino. Por isso, a atitude kenótica da Igreja será a misericórdia possibilitando acolher a vida à luz do Evangelho.⁹²⁷ Ela sempre se colocará a caminho na sua identidade kenótica, e só poderá fazer esse discernimento através dos processos na vida diária, criando seus processos reformadores e transformadores, partindo dos seus próprios membros e não de ideias pré-fabricadas. Assim, também poderá possibilitar novas estruturas, pois está viva e pronta a caminhar mesmo diante das crises.

923 EG 27; MADRIGAL, S., La Iglesia en Salida: la misión como tema eclesiológico.

924 JOSAPHAT, F. C., Uma reforma evangélica na plena fidelidade criativa ao Vaticano II, p. 224-226.

925 BINGEMER, M. C. L., Esperança de futuro para a Igreja, p. 245.

926 KUZMA, C., La eclesiología del Papa Francisco, p. 333-346.

927 EG. 114.

4.1.3 *Primeirear* da Igreja: envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar

A Igreja, com o pontificado do papa Francisco, ao receber o sopro do Espírito e o frescor primaveril do Evangelho, propõe clara e objetivamente um método presente na *Evangelii Gaudium* n. 24: *primeirear*. Ele desenvolve a maneira de ser “em saída” como Igreja-Comunidade-Missionária em direção aos afastados, abaixando-se para encontrar e, ao mesmo tempo, possibilitando encurtar todas as distâncias físicas e humanas. Assim, assume a mentalidade kenótica do lava-pés através dos processos renovadores, concretizando sua fé no Deus Trino, que é próximo no meio de nós.

O neologismo que impulsiona o método teológico pastoral da Igreja kenótica “em saída” tem sua origem na cultura *porteña* de Buenos Aires. Essa sociedade cosmopolita tem relacionada a expressão “*primeroy*”, usada no esporte para conseguir primeiro a melhor jogada. Assim, antes de Bergoglio, “*primeirear* nunca foi um neologismo virtuoso, basicamente significa ganhar na mão, tomar a iniciativa antes que o outro, ou antes que o outro se dê conta”⁹²⁸, sendo comum o ditado no Rio de la Plata “*el que pega primero, pega dos veces*”. Contudo, essa palavra também aparece nos periódicos, mesmo que não tomada pelos dicionários, mas presente na cultura popular e pensamento argentino.

Nesta seção sobre *primeirear*, vamos mostrar o neologismo presente na Igreja “em saída” e sua força *operandi* em duas subdivisões: a primeira tratará do *modus operandi primeireador*; e depois, da proximidade eclesial que se desencadeia dessa proposta.

4.1.3.1 *Modus operandi primeireador*

Antes da proposta de a Igreja sair em direção ao *locus* das periferias reais e existenciais era essa a denominação de *primeirear*, contudo, hoje temos de baixo para cima um neologismo como o movimento da teologia e a pastoral da Igreja podem avançar na sua missionariedade. Como foi usado nas *villas*, ou seja, na periferia da capital argentina:

*A gente das “villas” sabe perfeitamente o significado da palavra e sua utilização, por isso quando apareceu um padre que lhes disse que “tem que se primeirear a graça, que tem que lutar contra o pecado”, eles o entenderam. O entenderam porque falava o idioma deles, sabia que eles tinham que primeirear a droga, a falta de oportunidades de trabalho, a marginalização... e nem sempre o alcançavam.*⁹²⁹

928 MILIA, A., Bergoglio. O léxico do Papa Francisco que surpreende a todos.

929 MILIA, A., Bergoglio. O léxico do Papa Francisco que surpreende a todos.

Essa ação usada no cotidiano do vocábulo argentino e pastoral do bispo Bergoglio ganhou neologismo e vocabulário eclesial na homilia da Vigília Pascal de 22 de abril de 2000:

Nesta noite de Páscoa, rogo a nossa Mãe de nos ajudar a entender como se faz para primeirear no amor. A ela, que permaneceu vigilante sustentada pela esperança, peço que nos ajude a não ter medo de anunciar, com a palavra e com os gestos de proximidade com os mais marginalizados, pois Ele está vivo no meio de nós. E, como uma boa mãe, nos leva pela mão à adoração silenciosa de Deus que nos procede no amor.⁹³⁰

E depois, retomada na Vigília de Pentecostes aos movimentos sociais, já no Vaticano como papa Francisco:

Em espanhol, temos uma palavra que explica bem isto: O Senhor sempre nos primereia, é o primeiro, está à nossa espera! E esta é uma graça grande: encontrar alguém que te espera. Tu vais pecador, e Ele está à tua espera para te perdoar. Esta é a experiência que os Profetas de Israel descreviam ao dizer que o Senhor é como a flor da amendoeira, a primeira flor da Primavera (cf. Jr 1,11-12). Antes da chegada das outras flores, aparece ela: é ela que espera. O Senhor espera por nós. E, quando O procuramos, deparamos com esta realidade: é Ele que está à nossa espera, para nos acolher, para nos dar o seu amor. E isto infunde no teu coração uma maravilha tal que nem acreditas, e assim vai crescendo a fé... no encontro com uma pessoa, no encontro com o Senhor.⁹³¹

Segundo Francisco, nas nossas realidades existenciais, podemos escolher o caminho de *primeirear* através da graça. Assim *primeirear* foi incorporado à sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* publicada em 2013 no início do seu pastoreio. A linguagem portenha propõe a cada batizado compreender a atitude da revelação trinitária e ser protagonista e não passivo expectador, seguindo os passos de discipulado na missionariedade assumida comunitariamente, e não isoladamente.

Tomar a iniciativa como a eclesiologia da comunidade missionária “em saída” consiste em se envolver, acompanhar, frutificar e festejar cada passo, transformando – passar de rebanho para protagonismo pastoreador. A Igreja-comunidade frutificará a mensagem evangélica, pois através do Espírito Santo poderá fazer o novo com as suas surpresas, possibilitando sempre a transmissão do Evangelho e a sua presença como serviço kenótico.⁹³²

Essa dinâmica *primeireadora* conduzirá o encontro dinamizador da vida eclesial à lógica que propõe uma constante mudança para o novo⁹³³, proporcionando sair e frutificar no amor. Dessa maneira, tomando a iniciativa, eliminará o medo

930 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 71.

931 FRANCISCO, Homilia do Papa Francisco na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais.

932 MICHAEL, P., Una lettura ermeneutica sul discernimento pastorale in *Evangelii Gaudium*, p. 114.

933 EG 41.

de ir ao encontro dos mais distantes e descartados, pois sempre viverá o desejo de se envolver nas questões que os afligem.

Esse impulso missionário é expresso nas ações destacadas do *primeirear*, permitindo à Igreja deixar o medo ou obsessões de se organizar e realizar pericreticamente a sua iniciativa. Deve ser uma iniciativa contínua e renovadora na história de acompanhar, ou seja, participar e se encarnar na cultura dos povos. Acompanhar conjugadamente aos demais organismos eclesiais e seculares é a práxis transformadora dos sujeitos eclesiais leigos, clérigos e humanizadores.

Viver esse *modus operandi* da iniciativa kenótica possibilita a abertura do horizonte de novas primaveras diante de escolhas aos desafios encontrados. Esta será uma construção contínua e conjunta com as páginas do Evangelho como propostas para as realidades e ações humanas, através da abertura sem medo de encontrar e dialogar com as alternativas, propondo decisões que englobem todos. Essas sempre serão oportunidades de se oferecer a amizade do Cristo como a chave de leitura da missão “em saída”⁹³⁴, tornando-se frutíferas e proporcionadoras de festejar o encontro de irmãos e irmãs.

Este itinerário dos passos *primeireadores* de se envolver, acompanhar, frutificar e festejar pode nos possibilitar diversos e amplos horizontes, que culminam na vivência do amor universal. Será a coragem de *primeirear*, o primeiro passo em direção às questões que carecem de acolhida e reflexão e que, em seguida, poderá incluir todos com suas histórias e percursos no seu processo de humanização.⁹³⁵ Assim, construímos a capacidade de aprender a superar as divergências acontecidas, buscando sempre alcançar a reconciliação. A superação será possibilitadora da convivência, ao mesmo tempo que provoca a disposição para o diálogo facilitador, trazendo em si a exigência de aceitar e respeitar as diversidades com suas ideias⁹³⁶, sem produzir ideologismos.

Outra disposição para se prosseguir nesse itinerário *primeireador* está em compreender que a proposta é comunitária, sendo necessário dialogar sempre para a superação dos conflitos, e não de ignorá-los, quando surgem. As relações transparentes sempre possibilitarão crescimento e conversão pessoal e pastoral, conduzindo a colaborar para respondermos às indagações sobre as próprias problemáticas e possíveis soluções, acolhendo colaborações diversas para frutificar comunitariamente.

A lógica para esse caminho estará no impulso de concretizar o paradigma trinitário nas estradas marcadas com tantas vítimas de desumanização e desconfi-

934 EG 27.

935 GS 92.

936 EG 250-251.

guração dos projetos comunitários. Esses processos serão construídos através das transformações culturais e evangelizadoras no mundo composto de massificação, secularização e fragmentação.⁹³⁷ Com esta proposta, poderemos pensar no anúncio da fé humanizante para as culturas humanas. As questões tangentes às crises do empenho comunitário se tornam provocações que estimulam as comunidades de fé a *primeirar* relações diretas de proximidade e inclusão. Dessa maneira, *primeirar* a Igreja exige envolvimento encarnado e acompanhamento de todos os processos de transformação, como, por exemplo, a inclusão dos mais pobres.

Tais situações presentes na realidade se somam às crises humanitárias espalhadas pela Casa Comum, convidando todos a nos anteciparmos visando a superação dos males futuros, uma vez que afetam todos. Nessa procura de caminhos construídos juntos a partir da simplicidade de vida e de diálogo que privilegie a todos, o papa Francisco convida à aplicação na sua pastoralidade, como destaca Borghesi:

É sabido que Bergoglio detesta os intelectualismos abstratos, sempre tentativas de origem ideológica, muros que fecham e desviam do relacionamento com Deus e com seu povo. E mais, em cada homilia, catequese ou mensagem, não gosta de incluir desenvolvimentos teológicos que não sejam breves, adequados e comunicados de maneira simples.⁹³⁸

É necessário, portanto, que a linguagem seja compreensível a todos e faça com que cada um possa tomar a iniciativa de proximidade com o outro. Essa é a maneira essencial de se aproximar e, ao mesmo tempo, a mais atraente e necessária para o anúncio e vitalidade do Evangelho:

*Privilegiar sempre a “gramática da simplicidade” – que jamais é simplismo – no seu modo direto e autêntico de exprimir-se, de comunicar, para dirigir-se a todos e a cada um, e atingir o coração de todos aqueles que o escutam, onde quer que se encontrem e seja qual for seu nível de instrução e de formação cristã.*⁹³⁹

A reflexão sobre a expressão teologia feita “de joelhos” possibilita, no momento histórico, tomar a iniciativa de processos kenóticos, próximos e compreensíveis para a missão evangelizadora que se dá pelo Espírito Santo. Essa forma existencial de estar e atuar no mundo torna credível o anúncio do Evangelho, como teologizou antropologicamente von Balthasar, em sua proposta de práxis, ao mostrar que a mensagem do Evangelho será pregada e teologizada através da prática misericordiosa:

Se, como afirma von Balthasar, só o amor é crível, então o caminho cosmo-teológico dos medievais e o caminho antropológico dos modernos devem, no tempo do relativismo e do

937 BERNAL, S., Vangelo e cultura dimercato per una fede umanizzante, p. 211.

938 BORGHESI, M., Jorge Mario Bergoglio, p. 10.

939 BORGHESI, M., Jorge Mario Bergoglio, p. 10.

*niilismo, ceder a passagem à misericórdia como “manifestação” da verdade. É o caminho evangélico, a estrada kerygma que está no centro do pontificado pela qual o cristianismo, hoje, pode tornar a acontecer com a mesma dinâmica dos inícios. Um ponto fortemente questionado pelos conservadores que, como os modernistas, continuam a opor a misericórdia e verdade.*⁹⁴⁰

Assim, o alerta atual à Igreja, iniciado com o Concílio e continuado tanto por von Balthasar como pelo papa Francisco, está em iniciar os caminhos mais místicos e simples ao se anunciar a vida comunitária da fé. Dessa forma, a Igreja precisa tomar a iniciativa de permanecer de joelhos, atenta ao diálogo e às realidades, possibilitando a mística na espiritualidade encarnatória.

Essa imagem presente na *Estética Teológica*, de von Balthasar, que é uma das fontes teológicas para Bergoglio desde 1990⁹⁴¹, e sua proposta para as periferias reais e existenciais recomenda a recepção e a inclinação ativa na vida da Igreja de se colocar a serviço do próximo, como fez o próprio Cristo. Desta maneira, as periferias presentificam o local em que a beleza de Deus revelada no crucificado se torna exposta à humanidade e a partir delas construir, através da presença e diálogos solidários com as novas perspectivas de vida e ressurreição. Outro texto de von Balthasar que colabora para pensar a iniciativa divina conjugada com a eclesial nas periferias humanas se encontra na obra *Von den Aufgaben der katholischen Philosophie in der Zeit*, abrindo as verdades humanas para a verdade do mistério encarnado do Cristo.

Em uma das suas homilias, o então cardeal Bergoglio afirmou que a Palavra, ou seja, o Cristo, nos possibilita relações horizontais entre os pensamentos humanos e as suas verdades estabelecidas⁹⁴², através do esforço de acompanhar as mais diversas formas de pensamento para se poder expressar a mensagem do anúncio do Evangelho, de modo a ser compreendida em cada época e em cada povo. Assim sendo, anunciar o Cristo nas periferias significará que crer nele é belo, e mesmo no meio das diversas provações⁹⁴³ possibilitar através dessa *via pulchritudinis* o encontro com o Ressuscitado.

Trata-se de estabelecer teologicamente um método para a práxis eclesial, pois Deus se envolve e se mistura nas nossas misérias, se fez próximo. Esse método leva a pensar e atuar com as características maternas, mostrando a humanidade o seu rosto de mãe, ou seja, não esperando que os feridos batam à sua porta e sim antecipando-se em ir ao encontro. Essa relação é traçada pelo papa Francisco de forma teológica e eclesiológica:

940 BORGHESI, M., Jorge Mario Bergoglio, p. 24.

941 BORGHESI, M., Jorge Mario Bergoglio, p. 233.

942 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 971.

943 EG 167.

Esta proximidade é a condição transcendental mediante a qual o cristianismo se torna histórico, capaz de comunicar-se. A fenomenologia da percepção de Francisco corresponde plenamente, como em Von Balthasar, ao dar-se “sensível” da “forma” (*Gestalt*) gloriosa do mistério. Para compreender a fé é preciso descer a dinâmica com que Jesus, o Verbo de Deus, manifestou-se ao mundo.⁹⁴⁴

Conforme destacado clara e frequentemente por Francisco aos pastores da Igreja:

Por isso nós, pastores, precisamos de vencer a tentação da distância – deixo cada um de vós fazer o catálogo das distâncias que possam existir nesta Conferência Episcopal; não as conheço, mas recomendo igualmente vencer a tentação da distância – e do clericalismo, da frieza e da indiferença, do triunfalismo e da autorreferencialidade. Guadalupe ensina-nos que Deus é familiar, um Deus próximo, no seu rosto, e que a proximidade e a condescendência – aquele abaixar-se e aproximar-se – podem mais do que a força, do que qualquer tipo de força.⁹⁴⁵

Dessa maneira, von Balthasar, na sua teologia eclesiológica a partir dos paradigmas presentes nos textos evangélicos, sublinha o princípio mariano para a Igreja ir em direção à modernidade, ao mesmo tempo compreendendo as suas características modernas necessárias de serem assumidas e revistas. Assim, temos essa contribuição teológica balthasariana para avançarmos a teologia “em saída” através do *primeirear* com suas atitudes ímpares. Nesse atributo eclesial, von Balthasar tem visível em Maria que, na constelação cristológica⁹⁴⁶, com a sua maternidade ela destaca o aspecto envolvente da Igreja.⁹⁴⁷ Aqui é possível verificar a aproximação teológica entre von Balthasar e Francisco também na figura mariana, quando reúnem elementos místicos na sua práxis, tanto missionária como pastoral.

Pensar o elemento de se envolver para *primeirear*, requer a força do serviço amoroso que encontramos no paradigma mariano. Von Balthasar analisa, dentro da perspectiva patrística, como a feminilidade enriquece a vida eclesial, possibilitando pensar a esponsabilidade da virgem imaculada como abertura à fecundidade única, comunitária e aberta a gerar novos filhos. Propõe-se como nova forma de a Igreja existir e atuar através da proximidade materna com cada batizado, destacando essa qualidade de gerar, parir e educar:

944 BORGHESI, M., Jorge Mario Bergoglio, p. 251.

945 FRANCISCO, Discurso do papa Francisco aos bispos do México em sua viagem apostólica.

946 A constelação cristológica é a lógica apontada por von Balthasar, para mostrar, a partir dos personagens bíblicos do Novo Testamento, a lógica da missão de Jesus. As relações desses personagens vistos eclesiologicamente como serviço ao plano salvífico inaugurado por Jesus. Ela gravita entorno de Jesus para as características antropológicas e ministeriais da vida eclesial. BALTHASAR, H. U. von, *El Complejo antirromano*, p. 136-146.

947 BALTHASAR, H. U. von, *El Complejo antirromano*, p. 182.

Os Padres da Igreja têm meditado esses aspectos, os tem contemplado nesse simbolismo riquíssimo. A questão é grave. Uma Igreja despojada desta esfera envolvente corre o risco de uma degradação automática, de degeneração de uma Igreja puramente sociológica, ou ao menos, de se prestar a essas situações. O risco era muito maior quando prevalecia a visão antiga da Igreja “no mistério”. Enquanto esta visão foi determinante, a esfera feminina mais vasta destacou sempre o caráter clerical, incluindo o elemento central romano, que afirmou tão energicamente o aspecto oficial e clerical, sobretudo a partir de Gregório VII.⁹⁴⁸

Essa feminilidade eclesial se torna possibilitadora da disposição envolvente de comunicar a vida trinitária a todos os filhos e filhas da comunidade. Von Balthasar provoca a Igreja a sair do Concílio se autocriticando nos seus métodos pastorais, com a perspectiva de se renovar e ser aberta à imagem patrística de *magna mater*, ou seja, aberta e fecunda. Assim, a *Ecclesia Mater* não é a matrona com várias regras doutrinadoras ou controladoras, e sim a esposa e mãe envolvida e entregando constantemente a sua virgindade ao seu Esposo.

A Igreja maternal tem a sua pia batismal sempre virgem e pronta para que o Cristo seu esposo a possa fecundar e fazer a sua sponsalidade levá-la ao exercício maternal. Assim, a identidade de Maria com a Igreja possibilita sempre estar aberta e pronta para que o *Logos* esteja no seu seio gestando novos caminhos para seus membros. Não se pode reduzir a figura de Maria a uma visão estreita e devocionista, mas compreender a sua abrangência como mulher comprometida com o projeto divino de transformação a partir da nova Criação. É desse modo que o Concílio Vaticano II considera essa aproximação da mariologia com a eclesiologia, para que a ação apostólica se dê através das funções maternas e da vida trinitária.⁹⁴⁹

Outro elemento que proporciona pensar a práxis desse princípio teológico mariano está em contribuir para o desenvolvimento pastoral e estrutural da Igreja. Essa disponibilidade e desapego característicos da figura mariana a fazem vigilante e, através do Espírito, pronta a servir, pois “Maria, como virgem Mãe e Esposa é a imagem arquetípica da humanidade (totalmente feminina) que responde ao Senhor (Igreja), cooperando para a missão de Cristo”⁹⁵⁰, ou seja, “participante do sacerdócio comum”⁹⁵¹. Assim, contribui para superar o clericalismo do ministério masculino, que obstaculiza a dinâmica pneumatológica e escatológica na sua estrutura, fazendo-a fechada em si mesma e distante.

A chave de leitura teológica de von Balthasar, através do princípio mariano, abre perspectivas eclesiológicas que podem contribuir a conjugar a Igreja

948 BALTHASAR, H. U. von., *El Complejo antirromano*, p. 186.

949 BALTHASAR, H. U. von., *El Complejo antirromano*, p. 206-207.

950 GREINER, S., *La dignità della Donna*, p. 370.

951 BALTHASAR, H. U. von., *El Espiritu de laVerdad*, p. 310.

com sua maternidade pastoral. Nas perguntas levantadas sobre si mesma, suas estruturas e os seus sacramentos necessitam ser revistos na ótica da feminilidade e da disposição de escutar os seus filhos e filhas. As características femininas da Igreja⁹⁵² quando toma a iniciativa de envolver, acompanhar, frutificar e festejar são oriundas da mãe que livremente permite seus filhos avançarem nas fases da vida. Está sempre próxima para poder participar, com o Cristo seu Esposo, na vida comunitária da sua família. Por isso, a *Persona Ecclesiae gerit* acontece a partir da fecundidade sponsal da Comunidade Igreja aberta à inspiração do Espírito Santo, atuando nela diretamente.⁹⁵³

Com esse espírito, aumenta-se paulatinamente à comunidade o diálogo que a faça mais amorosa e responsável na sua missão evangelizadora, capaz de superar as tentações de caminhos de *eclesiastizações* da consciência velha, sempre necessitando estar aberta ao homem novo.⁹⁵⁴ A experiência maternal de Maria possibilita à Igreja pensar a sua fé e o seu olhar, configurando-os como uma contribuição feminina à atuação apostólica. Ela enriquece as relações e a visão tanto para a esfera comunitária como para a missionariedade.⁹⁵⁵

4.1.3.2 Proximidade eclesial

A Igreja deve seguir o modelo evangélico de aproximação, para se antecipar com o seu serviço. |E isso aparece claro no modelo joanino, em que o cenário eucarístico é entrelaçado com o lava-pés. A proposta do princípio joanino, também trabalhado por von Balthasar, propõe que ela, ao abaixar-se, seja sempre próxima – sem calcular a caridade a ser exercida.⁹⁵⁶ Esse ato, também citado no *primeirar*, exigirá do cristão o seu compromisso de atuar no mundo:

Usemos um pouco mais para tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe como se «envolver». Jesus lavou os pés de seus discípulos. O Senhor está envolvido e envolve os seus, ajoelhando-se diante dos outros para lavá-los. Mas imediatamente depois ele diz aos discípulos: «Vocês serão bem-aventurados se fizerem isso» (Jo13,17).⁹⁵⁷

Aceitando o convite para aplicação desse princípio, a Igreja viverá a sua simplicidade fiel ao seu mandato missionário, exteriorizando a sua razão de ser e existir. Seu existir terá o significado de se antecipar, considerando as relações

952 LÖSEL. S., Conciliar, not conciliatory.

953 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 26.

954 BALTHASAR, H. U. von, *Sponsa Verbi*, p. 149.

955 BALTHASAR, H. U. von, *La percepción de la forma*, p. 320.

956 BALTHASAR, H. U. von, *Luz de la Palavra*, p. 149.

957 EG 24.

batismais como todos ao redor da mesma mesa com o mesmo jarro e a mesma missão. Assim, à diferença de cada dom, carisma e ministério, se colocam à disposição do mesmo serviço de ir em direção ao mundo com o mesmo anseio e consciência eclesial de abaixar-se para servir.

A Igreja reunida na unidade petrina, hoje pelo pontificado do papa Francisco, se vê desafiada a se envolver e ser envolvente, consistindo isso no gesto kenótico de se esvaziar de poderio mundano para a práxis da *exoudia* do amor concreto e transformador. Envolve-se na *parresia* para assumir um ministério pastoral consciente das consequências da sua entrega amorosa.⁹⁵⁸ Nesse caminho teológico, ela estará próxima, tomando a iniciativa de sair em direção às suas fronteiras através da mística cristã na busca de Deus, e para com o ser humano:

*a iniciativa é tomada por Deus, que de forma inesperada e espontaneamente se põe a busca do ser humano. Isto é o que significam a vocação de Abraão e as “grandes façanhas” de Deus, que “tira a Israel da escravidão do Egito e a constitui assim no sujeito e povo”. É o que significa também, definitivamente, a encarnação do Verbo, desprezando-se assim ao ponto gravitacional da contemplação (teoria) para ação, da palavra ao feito.*⁹⁵⁹

A atividade missionária se abre aos mais diversos campos de atuação⁹⁶⁰, junto a todos que encontrar pelo caminho. Von Balthasar propõe o horizonte para a Igreja aproximar-se dos cristãos, desacreditados com os púlpitos, catedrais e direções pastorais, através da renovação do envolvimento pastoral e teológico das fontes cristãs.⁹⁶¹ Essas continuam a ser faróis do pós-Concílio para as novas direções a que a Igreja atual necessita rumar, visando os que buscam autênticas comunidades de fé.

Outra contribuição balthasariana que possibilita avançar nos caminhos atuais da Igreja está no envolvimento e acompanhamento pleno dos seus pastores para que as comunidades possam frutificar e festejar as sementes do Verbo, pois “na maior parte dos casos depende da qualidade dos párocos ou do bispo para que os conselhos paroquiais, pastorais e diocesanos ou de outro tipo fomentem ou prejudiquem a vida cristã”⁹⁶². Muitas vezes, infantilizam o cristão, reduzindo a sua participação e atuação eclesial à celebrações populistas, catequese de crianças, pregações repetitivas, ou seja, distanciando os membros da vida comunitária.

A chave da pastoral acontecerá em sair das práticas obstinadas de procedimentos para se realizar o diálogo proporcionado pelo encontro entre pastores, fiéis

958 BALTHASAR, H. U. von, Puntos Centrales de la Fé, p. 213.

959 BALTHASAR, H. U. von, Puntos Centrales de la Fé, p. 224.

960 BALTHASAR, H. U. von, Puntos Centrales de la Fé, p. 273.

961 BALTHASAR, H. U. von, A los creyentes desconcertados, p. 59.

962 BALTHASAR, H. U. von, A los creyentes desconcertados, p. 73.

agentes de pastoral, batizados não praticantes, não religiosos e outros crentes. Esse encontro frutificará várias formas pastorais, missionárias e de ecumenismo, e possibilitará a dimensão do encontro além dos limites eclesiais.⁹⁶³ Dessa maneira, a Igreja criará processos e oportunidades para, em quaisquer situações em que ela estiver inserida, poder aproximar as pessoas do coração amoroso de Deus com respostas de serviço – e não catalogadas como prestadoras de serviço religioso.

O seu vigor e fascínio não estarão nos cultos do espetáculo descomprometido com tudo e com todos, e nem em interesses próprios mesquinhos funcionais, e sim no Evangelho segue na direção que possibilita transformação. Saindo de si mesma, poderá procurar caminhos pastorais e missionários sem moralismos casuísticos, mas, ao contrário, se concentrará e atrairá para arder o coração ao viver o amor. Dessa proposta podem brotar as decisões e consequências morais⁹⁶⁴, com novos frutos, e o povo poderá festejar porque encontra e sente a proximidade com Deus.

A Igreja, ao sair ao encontro, realiza a sua proximidade através do acompanhamento dos processos *ad intra* da vida comunitária e *ad extra*, onde vivem os membros da comunidade de fé, realizando o festejar dos frutos do encontro com a Pessoa de Cristo na comunidade e se expandindo para fora dela. Dessa maneira, incluir todos na festa e na vida comunitária se faz melhor colocando todos na relação de proximidade da proposta samaritana. A mesma perspectiva ruminada, gestada, pensada para a Igreja na sua iniciativa de sair, hoje proposta para toda ela, também foi apresentada ao congresso de pastoral urbana da Argentina em 2011, pois a missão exige “ir, acompanhar, somar, colocar-se do lado do cidadão”⁹⁶⁵.

Essa proposta, com a base da amizade social desenvolvida no pontificado de Francisco na *Fratelli Tutti*, permite que as diferenças religiosas, políticas e econômicas possam ser ocasião de criar a comunidade humana de inclusão. Para isso, compreende-se a saída apostólica como Igreja-comunidade antecipando-se, envolvida no amor de Deus que a precedeu, também se envolvendo e acompanhando a humanidade nas realidades alegres e difíceis. O encontro é a oportunidade de discussões para a saída comum de toda a sociedade, festejando os frutos para se ter um mundo transformado e humanizado.

A lógica do Evangelho do lava-pés, conjuntamente à do samaritano, significa a dinâmica de acompanhar a Cristo no seguimento, exigindo sempre um sair. Esse sair acontece através do modo de viver que refaz o rotineiro e o cansaço, apri-

963 FERRAZ, C. G., O diálogo inter-religioso para uma ecologia integral à luz da Laudato Si', p.94.

964 DAp 12.

965 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 879.

sionadores dos esquemas, como também dos horizontes criativos de Deus.⁹⁶⁶ Os lugares das graves crises humanitárias serão as fronteiras para a Igreja que se põe em saída, desempenhando o seu serviço.⁹⁶⁷ Essas crises serão os momentos oportunos para que o servir criativo da comunidade eclesial testemunhe junto com o mundo o sonho de fazerem emergir novas relações baseadas na vida humana plena.

A Igreja, impelida a prosseguir com os passos da iniciativa divina, estará desburocratizada, tornando-se mais humana e mais próxima quando assume as dores humanas como suas, ao mesmo tempo que vive *in lócus* as misérias presentes na história. As comunidades, mesmo experimentando amarguras e se sentindo abandonadas, contudo fortalecidas pelo Evangelho, enfrentarão as crises de fé e existenciais sem abandonarem a missão. A Igreja, quando mártir e evangelizadora, renova as suas instâncias e se recria no momento histórico.

A sua grande força será a pregação com testemunho, encorajado a prosseguir e se dando conta que o Senhor a precedeu nesse caminho. O seu desejo inextinguível de oferecer frutos da misericórdia a fará ir à frente e tomar decisões sem medo, sabendo convidar os excluídos e chegando até as encruzilhadas. Essa teologia presente na *Evangelii Gaudium* abrirá e configurará pedagogicamente um estilo pastoral, compreendendo que o novo não acontece automaticamente. Os passos *primeireadores* se constituirão e realizarão a mutação das estruturas na medida em que elas também, pacientemente, forem sendo recebidas e testemunhadas.

Assim se supera os obstáculos de alfândega ou supermercado da fé⁹⁶⁸, realizando a teologia e pastoral de joelhos quando se abaixa para servir. Essa será “a dimensão eclesiológica que necessita assumir a sua *kenosis*, tendo ela mesma o mesmo sentimento de Jesus Cristo (cf. Fl 2,5)”⁹⁶⁹. Dessa maneira, em nossa sociedade marcada pelo sofrimento e a soberba, ambas marcadas pela violência física, moral e social, os fiéis também necessitam da presença eclesial que lhes renove as esperanças e as alegrias.

O esvaziamento dos medos e de si mesmo possibilitará recriar e reeducar para o amor, acreditando sempre que é possível sair para todos os lugares e em todas as ocasiões sem repugnância e sem demora. Para tanto, será necessário repensar nossas comunidades – para estarem comprometidas com o agir kenótico de Jesus e estarem inseridas nos meios desumanizados, que anseiam pela práxis transformadora do Evangelho. O envolvimento e o acompanhamento não significam correr sem direção, e sim renunciar a privilégios para encarnar as relações e suas responsabilidades.

966 FRANCISCO, Audiência Geral do Papa Francisco em 27 de março de 2013.

967 FT 129-132.

968 EG 47.

969 KUZMA, C., Cantar Francisco!, p. 204.

Essa dinâmica está distante de portos seguros, zonas de conforto ou contabilidade bancária de fiéis, pois trata-se de um serviço pastoral-comunitário que contribua integralmente para a vida plena do ser humano.⁹⁷⁰ A sua aplicabilidade acontecerá em todas as esferas, sejam internas, ecumênicas, inter-religiosas ou sociais:

Se o Papa acentuou o “primeirar” (EG 24) para envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar, certamente isso tudo vale de algum modo para o diálogo ecumênico e inter-religioso. Como cristãos, desejamos levar nossa presença, nossa palavra, nossa ação, nossa contribuição. (...) Por nossa vez, e no que se espera de nós, o Papa convida a “primeirar”, envolver-se acompanhar, frutificar, festejar com os outros.⁹⁷¹

Primeirar os passos de novas características na missão da Igreja-Comunidade para ser materna, acolhedora, misericordiosa exige um constante discernimento comunitário e aberto à luz do Espírito Santo. Essas características remetem a exemplos que a levem a sair em direção das periferias das ruas, dos enfermos terminais, de crianças abandonadas e acompanhando a situação dos pobres.⁹⁷² Nesse envolvimento e acompanhamento para frutificar e festejar, o caminho percorrido exigirá a paciência e a suportaçã apostólica:

não é sinal de fraqueza: a fortaleza de ânimo torna-nos capazes de “levar o peso”, de suportar: suportar a carga dos problemas pessoais e comunitários, leva-nos a acolher a diversidade do outro, faz-nos perseverar no bem mesmo quando tudo parece inútil, impele-nos a caminhar mesmo quando nos assaltam o tédio e a preguiça. (...) Gostaria de indicar três “lugares” onde se concretiza a paciência. (...) ter paciência conosco e esperar, confiantes, os tempos e as modalidades de Deus (...) Nas nossas comunidades, requer-se esta paciência mútua: suportar, isto é, carregar aos próprios ombros a vida do irmão ou da irmã, incluindo as suas fraquezas e defeitos. (...) paciência a luz na obscuridade da história. (...) Precisamos da paciência corajosa de caminhar, explorar novos caminhos, procurar aquilo que o Espírito Santo nos sugere. E isto se faz com humildade, com simplicidade, sem grande propaganda, sem grande publicidade.⁹⁷³

Assumir esse caminho implicará a responsabilidade de pastores e laicato estarem se renovando, juntamente com a sociedade à luz do Evangelho. Esse itinerário provoca a Igreja a descer como a alegoria bíblica de Babel, quando Deus toma a iniciativa diante de qualquer movimento humano, nos desafiando eclesialmente a descermos às periferias com os seus descartes.⁹⁷⁴ Impregnada do Espírito e da sua vida nova, renovará constantemente a comunidade, vivificando várias gerações pelo seu testemunho. Dessa maneira, a paciência ousada e a coragem a

970 TAVARES, C. Q., Contornos éticos na Evangelii Gaudium, p. 219.

971 CARDOSO, M. T. F., Aspectos ecumênicos da Evangelii Gaudium, p. 204.

972 ROCA, J. G., La narrativa cordial del cristianismo.

973 FRANCISCO, Homilia no VI aniversário de Lampedusa.

974 FRANCISCO, Homilia aos consagrados em 2021.

farão dialogar, e não buscar se defender ou a responder ataques. A sua ousadia explica a sua ação missionária de *primeirar*, ciente dos riscos que lhe implicarão, mas sem o medo de se fechar e ficar indiferente a tantas questões que urgem na convivência da Criação. A questão é buscar novos caminhos e favorecer o encontro através da sintonia entre Igreja-Comunidades com o Espírito Santo.⁹⁷⁵

Então, “pode-se e deve-se trabalhar na direção de um ‘Pentecostes teológico’, permitindo às mulheres e aos homens do nosso tempo escutarem ‘em sua própria língua’ uma reflexão cristã que responda à sua busca de sentido e de vida plena”⁹⁷⁶. Aos teólogos e teólogas caberá pensar, dentro da perspectiva da revelação e tradição, novos caminhos que antecipem as questões atuais, ao invés de aplicações mecânicas de pensamentos e doutrinas. Por isso, a fisionomia da estrutura para se pensar o agir da Igreja “em saída” será mais leve e flexível, possibilitando mais diálogo, e, ao mesmo tempo, mais simples e evangélica.⁹⁷⁷

Criativa, ousada e testemunhada pelo papa Francisco, se faz necessário caminhar para despontar novos caminhos, horizontes abertos a novos *insights*⁹⁷⁸ que enriqueçam a história feita e percorrida pela própria Igreja. Por isso, deve ter a consciência de que ao sair de si mesma conjuga harmonicamente a criatividade, espiritualidade e proximidade⁹⁷⁹, ou seja, realiza o paradigma de *missionar*.

Missionando, a Igreja caminha horizontalmente sabendo que o Verbo encarnado a conduz à direção de se abaixar, assumindo essa lógica divina que lhe possibilite o *primeirar* sempre em qualquer periferia criada pela história. Ela acompanha com misericórdia e paciência as etapas da vida e da história, significando que “a utopia bergogliana é sadia, porque é realista e não ideologia, aberta à ternura e não ao rigorismo rígido do ideal”⁹⁸⁰. Nesse horizonte kenótico e de horizontalidade missionária, o papa propõe à Igreja não se inclinar sobre si mesma, e sim sobre o outro:

*Francisco não se inclina sobre si mesmo. Antes se coloca a escuta do que o envolve, para que a ação surja dessa reflexão. Essa atitude de escuta – tão repetida em tantas instâncias eclesiais – foi recuperada no II Concílio do Vaticano (1962-1965), mas está, muitas vezes, arredada da prática, das iniciativas e das opções pastorais da Igreja. E é nela que Francisco insiste.*⁹⁸¹

975 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a Veritatis Gaudium em 21 de junho de 2019.

976 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a Veritatis Gaudium em 21 de junho de 2019.

977 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a Veritatis Gaudium em 21 de junho de 2019.

978 MIRANDA, M. F., Conversão e Reforma Eclesial, p. 871.

979 TRIGO, P., Papa Francisco expressão atualizada do concílio Vaticano II, p. 172.

980 MARUJO, A.; FRANCO, J., Papa Francisco a revolução imparável, p. 123.

981 MARUJO, A.; FRANCO, J., Papa Francisco a revolução imparável, p. 25.

Em todas as mudanças de época, seremos desafiados a *primeirmos* novas oportunidades oferecidas, avançando com os passos decididos e fortes. Essas serão suscitadas pelo Espírito através da proximidade, que não deixa nos prender e nem instrumentalizar com esquemas, modalidades ou estruturas fixas. Ao contrário, nos propõe fazer novas todas as coisas (Ap 21,5), conforme Congar apontou para o futuro da Igreja conciliar:

*A obra da Igreja e do seu modo de ser, de falar e de se empenhar, que responda as exigências de um total serviço evangélico ao mundo. O aggiornamento deve ir até os confins. Se trata de uma condição para ir ao encontro dos homens, de fato eles não estão mais disponíveis em uma espécie neutro e vazio onde a Igreja dos clérigos poderia encontrá-los, mas empenhados totalmente e plenamente na obra terrestre: é lá que precisa ir ao encontro deles em nome de Jesus Cristo.*⁹⁸²

Dessa maneira, seremos discípulos missionários envolvidos, acompanhando o novo através das atividades mais cotidianas como o trabalho, encontros, ocupações e causalidades. Se Cristo nos envia a nos anteciparmos a essas situações, propõe que o testemunho cristão provoque a atração, ou seja, a missão como encontro dos que conhecem e vivem o Evangelho. Essa pertença e vínculos criados se tornam transformadores das realidades, acontecendo nessa perspectiva da vida nova através do amor:

*O Senhor nos precede sempre, nos espera. Quando o apóstolo João quis explicar no que consiste o amor, fez através do recurso da experiência de se sentir precedido, de sentir-se esperado. (...) E assim nos também nos antecipando e fazendo gestos de proximidade através de nossos irmãos que sofrem, compreender como se faz o primeirmos.*⁹⁸³

Essa afirmação para a vida e prática da Igreja está para além de ser utópica, é concreta, pois ela se realiza através da comunidade ao renunciar os seus próprios interesses em função de um projeto comunitário de convivência. Assim, novos vínculos promoverão a aproximação, fazendo convincente a Palavra testemunhada⁹⁸⁴, uma vez que provoca a antecipação da comunidade em sua missão. É ter sempre iniciativa audaciosa e com a esperança de romper os pragmatismos, renunciando ao protagonismo fútil das instabilidades do poder. Como na prática pastoral do Padre Júlio Lancelotti com a situação povo de rua, destacada por Escobar: “que temos chamado de ‘pedagogia do olhar’: a convivência e o encontro com o outro e a outra, durante um dos momentos mais dramáticos que nós vivemos na nossa história, que é essa emergência sanitária”⁹⁸⁵.

982 CONGAR, Y., Vera e falsa riforma nella Chiesa, p. 16.

983 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 70-71.

984 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 73.

985 ESCOBAR, P., O Jesus na trajetória do Pe. Júlio Lancelotti, p. 23.

A imagem para descrever a Igreja que sai para *primeirar* é a do “homem e mulher-ânfora”⁹⁸⁶ sempre preparados e prontos para se anteciparem e aproximarem-se no serviço aos irmãos e irmãs que encontrarem. São gestos de proximidade que não estão programados ou previstos nas agendas eclesiais ou pastorais, pois ocasiões novas exigirão atitudes novas. Comunidade de homens e mulheres-ânforas criam o ambiente da “escola do amor de Deus e do próximo”⁹⁸⁷.

Esses homens e mulheres-ânforas, saindo das comunidades para o encontro nas mais diversas realidades humanas, mostram a iniciativa de acompanhar tanto as fraquezas existentes na própria comunidade como a dos outros a serem encontrados. Uma das exigências da comunidade missionária que *primeiraria* será reconstruir a comunidade com a participação plena de todos os seus membros, por mais desafiador que possa ser. Essa força vai transformar a vida da comunidade quando seus membros puderem redescobrir a convivência, caracterizando o modo de ser e o ritmo do caminho.

Os detalhes a serem vistos e o serviço a ser realizado nesse percurso consistirão no lavar os pés do outro como sendo de amigos, como forma de gestos de amor, implicando a única forma da manifestação do poder como serviço, como o próprio Deus Trino encarnado manifestou na sua onipotência kenótica: lavando os pés através da Pessoa do Filho. Assim, Ele nos *primeirou* o exemplo e a maneira de organizarmos a Igreja como comunidade missionária pronta a ter essa mesma iniciativa no mundo. Responderemos à urgência do nosso povo em não sofrer uma evangelização superficial e doutrinária, que acaba contabilizando sacramentalmente, e não propondo o acolhimento inclusivo, capaz de responder aos problemas existentes na realidade de vida das pessoas.⁹⁸⁸ Aos presbíteros de Buenos Aires, o cardeal Bergoglio propôs pistas urgentes do *primeirar* a pastoral da Igreja:

*A exigência dos agentes pastorais, enquanto discípulos missionários, se esforçando para desenvolver: a) um estilo de presença mais simples e orgânico, adequado à realidade urbana, com uma atenção à linguagem, as estruturas e as práticas da pastoral, ainda como os horários. b) um plano pastoral mais orgânico e articulado, que integre em um projeto comum as paróquias com as suas diversas formas.*⁹⁸⁹

Na caminhada pós-Conciliar muito se refletiu sobre essa proposta de práxis do bispo de Buenos Aires; contudo, a urgência de retomar a estratégia de se antecipar com a proximidade ainda se faz ampla, visando alcançar, paciente e

986 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 77.

987 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 77.

988 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 539.

989 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 785.

constantemente as diversas esferas da vida e das periferias – humanas e existenciais. Essa proposta missionária conduzirá para efeitos mais duradouros, nesta época de mudança, com tantos dramas e incertezas.⁹⁹⁰ Assim nos possibilitará a melhor vermos o mundo e as suas realidades existentes:

*Devemos ir as periferias das cidades, se queremos ver o mundo como ele é. Sempre acreditei que o mundo se vê com mais clareza nas periferias, mas, nestes últimos sete anos como Papa, acabei por comprovar minha teoria. Devemos ir às periferias para encontrar um futuro novo.*⁹⁹¹

Primeirrear possibilitará a Igreja compreender que a voz de Deus não impõe e sim propõe a capacidade de aprendermos a trabalhar juntos com o horizonte partilhado e de novas possibilidades. Caminhos novos, evitando a tentação em nós mesmos, transcender a nossa missão, abrindo as portas e janelas para ir às periferias da Cruz, pois “a Igreja nasceu ali”⁹⁹².

4.2 A Igreja em movimento de saída

A Igreja “em saída”, através da leitura dos sinais dos tempos, procura compreender os diversos elementos sociais, culturais, ambientais e humanos para testemunhar a mensagem do Evangelho. Esses sinais impõem desafios teológico-pastorais para que ela esteja atenta e em contato com as realidades humanas, pois “sabeis distinguir muito bem os aspectos do céu, mas não reconheceis os sinais dos tempos” (Mt 16,3). Diante das situações de problema e sofrimento das pessoas, responder contrapondo com a força da misericórdia. Modos para se buscar melhor as soluções podem estar na sinodalidade e na comunidade reunida para pensar os lugares teológicos, com suas questões de fronteiras humanas e ecológicas. A fé movida e conduzida pelo Espírito Santo faz compreender as aspirações do tempo presente.

O papa Francisco tem proposto à Igreja realizar a leitura dos sinais dos tempos, onde estão as questões humanitárias e a sua relação com a Casa Comum. Os diversos temas lidos em paralelo ao Evangelho permitem pensar uma pastoral missionária pronta a buscar caminhos e processos de diálogos para soluções dos sintomas causados. Os temas como migração, pobreza, futuro da fraternidade nas relações humanas lesadas e expostas com a pandemia da Covid-19, o descarte gerador da miséria, exploração do tráfico humano e sexual, trabalho escravo, violência moral e física, preconceito com as mulheres, racial e de gênero, aqueci-

990 CZERNY, M., Papa Francesco, la vita dopo la pandemia, p. 11.

991 FRANCISCO, Vamos sonhar juntos, p. 19.

992 FRANCISCO, Vamos sonhar juntos, p. 131.

mento global e mudanças climáticas e tantos outros podem ser sinais que apontam problemas no modo como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com o outro, com a Casa Comum e o seu Criador.

Ao considerar uma teologia encarnada, incluindo a leitura dos sinais dos tempos, destacam-se os movimentos da misericórdia para relações proféticas, da sinodalidade para a renovação através da *semper reformanda* e as novas formas eclesiais das pequenas comunidades “em saída”.

4.2.1 Envolver-se kenoticamente, especialmente pela misericórdia

O cultivar da misericórdia no meio das comunidades evangelizadoras propõe uma saída com profetismo para superar a falta de justiça, entrar no mundo da política de forma humanizada e da economia priorizando os pobres. Esse profetismo misericordioso proporcionará a cultura do encontro com valores éticos e humanos. As novas relações se constituirão através da denúncia das causas do descarte, incluindo os feridos na comunhão curativa das várias mazelas existentes.

A compaixão como exclusiva do divino se associa à prática da misericórdia, elevando e ampliando o sentimento humano para a capacidade de sermos próximos uns dos outros. Assim se define a identidade cristã e sua espiritualidade centrada e encontrada nos Evangelhos, superando os limites hebraicos de determinar quem pode ser o meu próximo e como posso ir ao seu encontro para fazer-me próximo. Trata-se de *miseriordiar* através da compaixão, não se fechando na limitação de quem me permito amar para construir fraternidade.⁹⁹³ O meu próximo será sempre quem estiver à minha frente, que são os crucificados pela história.

A justiça e a misericórdia conjugadas poderão evitar a mentalidade da corrupção e a sua consequência de um povo oprimido, descartado e dividido. A transformação de uma sociedade e de um mundo corrupto começa pela fraternidade que nos faz pensar a justiça como oportunidade de vida plena para o outro. Assim se inicia um processo de mudança, que passará pelo espiritual em direção ao material. A Igreja a serviço da misericórdia reúne um povo e as nações, visando fraternidade e solidariedade universal para a superação da corrupção.⁹⁹⁴

Acerca do profetismo misericordioso no ensino do papa Francisco, mostra-se, nesta seção da tese, primeiro, a ideia de profetizar através da misericórdia, para o cuidado com os pobres e da terra. Depois, como *miseriordiar* em relações proféticas e transformadoras.

993 MAGGI, A., *Verseti pericolosi: Gesù e lo scandalo della misericordia*, p. 113-115.

994 FRANCISCO, *Interviste e conversazione con giornalisti: due anni di pontificato*, p. 122.

4.2.1.1 *Primeirrear* através da misericórdia para o cuidado dos pobres da terra

A palavra misericórdia na Escritura é fecunda para o anúncio e a denúncia do profetismo, quando ela aproxima as entranhas de Deus junto das relações com a humanidade. A religião cristã parece ter se esquecido que falar de um Deus todo-poderoso é dizer como Ele é justo e misericordioso no seu agir. A necessidade de ser profeta e misericordioso nos tempos atuais é levar o ser humano a se encontrar com Deus no seu próximo, diante de tantos desencontros e sofrimentos. O Deus dos profetas de Israel não é um juiz ocupado em punir e amedrontar, como frequentemente ouvimos, mas sim pronto a libertar e devolver a dignidade ferida do seu povo, independentemente do seu pecado. Profetizar através da misericórdia é possibilitar a esperança de sermos capazes de construir um novo começo ou sustentar as forças para tentar outra vez:

*se não somos capazes de anunciar de uma forma nova a mensagem da misericórdia divina às pessoas que padecem de aflição corporal e espiritual, deveríamos calar-nos sobre Deus. Depois de terríveis experiências vividas no século XX e no ainda incipiente século XXI, a questão sobre a compaixão de Deus e sobre as pessoas compassivas é hoje mais urgente do que nunca.*⁹⁹⁵

A aproximação teológica e pastoral da misericórdia é retomada pelo papa Francisco desde o início do seu pontificado e destacada no Jubileu Extraordinário da Misericórdia (2015-2016). A misericórdia está além de um conceito abstrato de relações ela é caminho de compreensão das feridas e misérias humanas, que precisam ser curadas e aliviadas. A compreensão bíblica de Deus está no seu sofrer com as criaturas, enquanto *misericors*, com o seu coração – *cors* – junto aos pobres e sofredores – *miseri*.⁹⁹⁶ Uma pastoral distante deste conceito bíblico e de experiência de fé realiza um anúncio com consequências catastróficas, pois torna Deus impassível e longe da humanidade.

A misericórdia é a compaixão que possibilita transformações sociais, ao invés de um subjetivismo. Portanto, ela se torna práxis. Se a misericórdia no campo filosófico pode se apresentar como debilidade, na fé cristã é testemunhada como a força renovadora de Deus que sofre e caminha junto com seu Povo, nunca perdendo a esperança na sua Criação. O papa Francisco, ao insistir em profetizar através da misericórdia, põe o seu esforço para recuperar o vigor desse termo, principalmente como a virtude da fortaleza quando vai ao encontro das situações tão desumanizadoras e desesperançadas. Ela possibilita um caminho que trans-

⁹⁹⁵ KASPER, W., *Misericórdia*, p.17.

⁹⁹⁶ KASPER, W., *Misericórdia*, p.25.

cente egoísmos os quais aumentam a miséria e a pobreza no mundo. E dessa forma torna-se concretude com o agir transformador das relações injustas geradoras de morte ao sentir a dor e o sofrimento do outro (Lc 19,25-35).

Francisco amplia o conceito de misericórdia para a necessidade de superar o mal, que persiste estar no meio das relações sociais e de justiça.⁹⁹⁷ Com essa postura, ele apontou no segundo capítulo da encíclica *Fratelli Tutti* a espiritualidade encarnada para se construir pontes de fraternidade e amizade social na esfera global. Trata-se de um envolvimento que exige ver o outro, sentir sua realidade de vida e agir com atitudes que possam lhe restituir a dignidade ferida (Lc 10, 25-36).

A misericórdia é por essência livre para ir em direção ao outro, e, diante das situações que marginalizam, humilham e lhe é tirada a dignidade, denunciar o que desumaniza e anunciar o que é próprio da identidade divina, o amor construtor das relações altruístas e justas. Essa proposta livre possibilita as virtudes humanas realizarem um percurso de diálogo capaz de gerar o entendimento entre as nações e religiões para um mundo de paz. A cultura da indiferença poderá ser superada pelas relações de misericórdia e compaixão que permitem ver além de si e desencadear processos transformadores nos âmbitos sociais, culturais, econômicos e políticos.

O termo *rachamim*, que provém de *rechem*, é utilizado no Primeiro Testamento para a compaixão e misericórdia, significando o seio materno, e fazendo referência às entranhas. No Segundo Testamento, a palavra usada para a misericórdia e compaixão é *spláncha*, para os sentimentos e ações que brotam do coração. Outras duas palavras sinônimas são *oktirmos* para expressar o altruísmo, enternecimento, emoção dolorosa, empatia e altruísmo; e a palavra *éleos*, traduzindo o enternecimento do termo hebreu *hesed*, para caracterizar, sobretudo, a misericórdia.⁹⁹⁸

No Primeiro Testamento, a misericórdia de Deus está a serviço da justiça divina, entendida a partir do conceito bíblico de coração – *leb*; *kardía*, designando antropologicamente o centro do pensamento e ações humanas, onde está a sua sede dos sentimentos e julgamentos. As Escrituras põem os termos misericórdia e compaixão como uma atitude heroica, tanto ao externar os risos de alegria quanto as lágrimas de tristeza. Esses termos são aplicados a Deus que pastoreia o seu povo (1Sm 13,14; Jr 3,15; At 13,22), se entristece dos pecados causados (Gn 6,6) e se comove com seu povo ferido (Os 11,8).

997 MV 21.

998 KASPER, W., A Misericórdia, p. 60.

O termo *hesed* aprofunda a compreensão do Deus apaixonado pelo ser humano, ao ponto de se comover em suas entranhas, significando a misericórdia como um favor imerecido, afabilidade, benevolência e designando também a graça divina. A ação misericordiosa do Deus kenótico se manifesta em escutar o queixume do seu povo, inclinar-se e humilhar-se para reerguê-lo diante das suas faltas, perdoar as suas infidelidades e pronto a dar uma oportunidade.⁹⁹⁹

A capacidade do ser humano em ser fratricida com o seu próximo e a Criação (Gn 4,15), gerando desentendimentos (Gn 11), possui a alternativa misericordiosa de Deus em abençoar um novo horizonte.¹⁰⁰⁰ A bênção – bem-estar, paz, vida em plenitude, o favor de Deus – (Gn 12,3) se torna o caminho sempre novo na história da humanidade redimida. Essa “compaixão é o modo como Deus Se opõe ao mal, e Se faz porta-voz dela. E não o faz com força e violência. Não Se põe a atacar, sem mais; antes pelo contrário, movido pela sua compaixão, cria sem cessar novos espaços de vida e bênção para o ser humano”.¹⁰⁰¹

A expressão misericórdia é Deus atuando livremente na história de forma poderosa, soberana e leal.¹⁰⁰² Os profetas, diante da promiscuidade do povo de Israel com seu Deus nas práticas de injustiça, denunciam o pecado da idolatria que fere a dignidade humana. A misericórdia originada das entranhas de Deus pode realizar a reviravolta no ser humano, permitindo-lhe recomeçar a sua fidelidade com Ele, e sua forma através da justiça nas relações com o outro. A santidade de Deus é manifestada no seu povo para se “separar – apartar” do mal da ganância, da riqueza e da mundanidade, que ferem as relações sociais. A compaixão e a misericórdia de Deus está em que seu povo supere as injustiças e participe da sua santidade através das práticas de justiça transformadoras para os que sofrem os males sociais, oriundos da idolatria.

O termo *qados* (separar) para a santidade e *hedaqah* (justiça) movem a atuação dos profetas em favor dos pequenos e sofredores do seu povo. Trata-se de enunciar a esperança da justiça, garantindo através das obras de misericórdia o direito e a justiça aos pobres e oprimidos (Is 11,4; 58). O profeta é aquele que espera e leva a cabo a prática da profecia como direito e amabilidade de Deus com o seu povo, pois é ela que possibilita a conversão. Jesus nos Evangelhos apresenta essa dimensão profética realizando cada gesto que denunciava a ausência da prática do direito e da justiça para com os últimos de Israel. A sua mensagem não se limitava a anunciar a misericórdia, mas em estar compadecido e envolvido com quem neces-

999 BALTHASAR, H. U. von, Antigo Testamento, p. 140-143.

1000 BALTHASAR, H. U. von, Antigo Testamento, p. 135

1001 KASPER, W., A Misericórdia, p. 64.

1002 BALTHASAR, H. U. von, Antigo Testamento, p. 135.

sitava dela, como o leproso (Mc 1,41), a mãe que chora o filho único (Lc 7,13), os enfermos (Mt 14,14), os cegos (Mt 20,34), os famintos (Mt 15,32), os abandonados à própria sorte (Mc 6,34) e os enlutados (Jo 11,35-38).

As parábolas da misericórdia em Lucas trazem o samaritano (Lc 10,25-38), o pai misericordioso (Lc 15,11-32), a ovelha (Lc 15,4-6) e a moeda perdida (Lc 15,8-9), em que se compadecer leva ao gesto de se inclinar ao outro nas suas dores, feridas, perdas, falhas e desencontros. A justiça e a misericórdia, nessas parábolas, remetem a devolver a dignidade, a possuírem direitos, garantias de vida e a dignidade assegurada, pois Deus é justo porque nunca humilha ou condena o ser humano, mas possibilita a sua conversão.

A misericórdia move o profeta, que se revitaliza na Palavra de Deus e com compaixão vai ao encontro das dores humanas causadas pelas injustiças sociais e religiosas. Assume, assim, o compromisso de curar a humanidade das misérias e anunciar a liberdade da vida plena, que traz uma nova cultura de vida. Profetizar com misericórdia permite a Igreja deixar de ser autorreferencial para poder estar sensível à necessidade concreta da humanidade, dando sempre a prioridade às vítimas das injustiças, descartes e manipulações do lucro mesquinho. A misericórdia é atitude ativa e dignificadora do ser humano:

a misericórdia não é só coração, nem só emoção, mas também atitude ativa: eu devo mudar a situação do outro, na medida que me for possível. E, todavia, a misericórdia não é o oposto da justiça. A justiça é o minimum, é tudo o que devemos fazer pelo outro para respeitar a sua dignidade de ser humano, para lhe dar aquilo que ele deve ter. Mas a misericórdia é o maximum, e transcende a pura justiça, que em certos casos pode ser suma injustiça.¹⁰⁰³

Atitudes proféticas e ousadas são aquelas que abrem caminhos para práticas promotoras dos direitos humanos, possibilitando a conscientização de um povo para poder escolher ser livre e ter compaixão pelo seu próximo. A dimensão desse profetismo se alastra na medida que grupos se articulam estrategicamente em diversos setores sociais e políticos para encontros e reuniões comprometidas com a transformação social. Esse processo de conscientização exige atitudes de paciência histórica e de fé diante de um mercado midiático e religioso que desfigura o engajamento de fé e vida.

A palavra-chave que ilumina o itinerário do ministério pastoral do papa Francisco é a misericórdia. Sua força transformadora e libertadora através do Evangelho possibilita pensar caminhos de discernimento inseridos na história. A misericórdia aplicada como remédio, interiorizada e assumida como critério de juízo e ação realiza a abertura evangélica eficaz para acompanhar os processos:

1003 KASPER, W., Testemunha da misericórdia: a minha viagem com Francisco, p. 15.

“Hospital de Campanha”, sim, para fazer frente, com o remédio mais forte, que é a misericórdia enquanto testemunha da verdade do amor, a um dos perigos mais graves, talvez, da história da humanidade do seu início até hoje: o de aborrecer – como disse o Papa Francisco aos Bispos da Polônia.¹⁰⁰⁴

Nesses locais, os gestos e as vozes proféticas abrem as portas da Igreja anunciando o Evangelho vivo e denunciando a religiosidade mundana que opera nas Igrejas. A Igreja “em saída” se manifesta através da misericórdia, com a sua capacidade de olhar, sentir e curar os míseros e as suas fraquezas humanas, com a total dedicação de ter compaixão, assumindo o cuidado com todos os que clamam por libertação. A primazia da misericórdia na Igreja a faz ser o lugar gratuito, onde todos possam sentir-se acolhidos e amados, perdoados e animados a viverem segundo a Boa Nova de Jesus. A exortação apostólica *Amoris Laetitia* proclama e motiva as futuras gerações eclesiais à lógica da misericórdia pastoral, para que se envolvam com as questões espinhosas das relações humanas, e sejam capazes de discernir as fragilidades e sofrimentos. A pastoral séria e integradora age com a criatividade através da vivência comunitária do Evangelho que se envolve, acompanha, frutifica e celebra a misericórdia. Dessa maneira, a misericórdia é o coração pulsante do Evangelho:

a misericórdia não é simplesmente uma propriedade ou um atributo divino, mas é a essência mesma do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo. Para o Papa Francisco a misericórdia constitui o “coração pulsante do Evangelho”, que brota e corre sem parar como um grande rio do íntimo mais profundo do mistério divino, isto é, do coração da Trindade.¹⁰⁰⁵

A força profética da palavra misericórdia está em contestar os modelos religiosos baseados em compêndios e procedimentos que privilegiam alguns e impõem a exclusão forçada de outros. O significado de profetizar a misericórdia está em não permitir a exploração religiosa e humana dos fiéis, transformados em clientes de mercado e subjugados aos sistemas políticos e econômicos. É importante tomar consciência de si e de sua responsabilidade diante do outro, exigindo uma nova agenda missionária para a Igreja espalhada nas suas comunidades evangelizadoras.

A misericórdia na Igreja aplica-se na difusão, conhecimento, vivência e testemunho das Escrituras¹⁰⁰⁶ como sinal concreto com todos os pequenos, pobres, sofredores, marginalizados e feridos. Dessa maneira, deve-se prosseguir a práxis de Jesus, que deu maior importância ao ser humano nas suas necessidades e aflições do que o apego a tradições, ritos e práticas religiosas de seu tempo:

1004 CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 87.

1005 CASULA, L., Rostos, gestos e lugares, p. 25.

1006 MM 7.

*Jesus despertou tantas esperanças no coração, especialmente das pessoas humildes, simples, pobres, abandonadas, pessoas que não contam aos olhos do mundo. Soube compreender as misérias humanas, mostrou o rosto misericordioso de Deus e inclinou-Se para curar o corpo e a alma.*¹⁰⁰⁷

A fecundidade missionária e pastoral está ligada à participação do evento Cristo através da sua morte e ressurreição, fazendo-nos participantes do seu mistério pascal. Trata-se de permanecer dentro deste mistério e não se preocupar com sucessos e insucessos, pois a lógica desse anúncio está em sair de si mesmo, ir ao outro e doar-se por amor. O tempo, com suas urgências, precisa que acreditemos nessa força, como diz o papa Francisco:

*Eu creio que este seja o tempo da misericórdia. Esta mudança de época e também os muitos problemas da igreja – como um testemunho não bom de alguns padres, problemas mesmo de corrupção na Igreja, também o problema do clericalismo, só para exemplificar – deixaram muitos feridos, muitos feridos. E a Igreja é Mãe: deve ir e curar os feridos, com misericórdia. Mas, se o Senhor não se cansa de perdoar, nós não temos outra escolha além desta: em primeiro lugar, curar os feridos. É mãe, a igreja, e deve seguir por esse caminho de misericórdia. E encontrar uma misericórdia para todos.*¹⁰⁰⁸

Francisco, no início do seu pontificado, comentou o seu lema *miserando atque eligendo* e explicou: “o gerúndio latino *miserando* parece-me intraduzível, seja em italiano, seja em espanhol. Gosto de traduzir com um outro gerúndio que não existe; *misericordiando*”¹⁰⁰⁹. Estas palavras do papa demonstram o valor do serviço da misericórdia sem pretensões de autossuficiência ou autorreferencialidade dogmática e rigorista na missão evangelizadora, e sim de presença e vínculos. A fidelidade na pregação do Evangelho em direção às realidades que carecem de misericórdia é essencial na missão da Igreja e no seu despertar da esperança para o mundo. Por isso, *misericordiando* supõe gestos proféticos e comprometidos, que manifestem atitudes diante das dores e das desconfigurações humanas. O entusiasmo de sair melhor e a disposição fraterna de *misericordiar* protagonizam o caminho da Igreja:

*É a profecia de um mundo novo: misericórdia é profecia de um mundo novo, no qual os bens da terra e do trabalho serão distribuídos igualmente e ninguém será privado do necessário, porque a solidariedade e a partilha são a consequência concreta da fraternidade.*¹⁰¹⁰

1007 FRANCISCO, A misericórdia sustenta a vida da Igreja: mensagens, discursos e homilias, p. 11.

1008 FRANCISCO, A misericórdia sustenta a vida da Igreja: mensagens, discursos e homilias, p. 43.

1009 FRANCISCO, A misericórdia sustenta a vida da Igreja: mensagens, discursos e homilias, p. 44.

1010 FRANCISCO, A misericórdia sustenta a vida da Igreja: mensagens, discursos e homilias, p. 90.

O profetizar misericordioso acontece ao nos aproximarmos dos pobres, doentes, descartados que necessitam que lhes abram portas de inclusão. As crises humanas com a falta da misericórdia impedem que possamos sair melhores, e nos fazem sermos piores e desumanizados. As perdas de convicções éticas, morais, políticas, sociais e religiosas geram uma sociedade incapaz de alcançar os objetivos de solidariedade e subsidiariedade. O profetismo reanima e regenera não de cima para baixo, mas de baixo para cima, com a participação e engajamento de um povo fortalecido no seu corpo social. O caminho da misericórdia atuando profeticamente propõe pensar e o agir de todos sobre uma mudança real, em busca de caminho de mundo novo.

A Igreja profeticamente caminha nas estradas do mundo, suportando o insuportável fardo existente, visando recriar a esperança ameaçada pelas desilusões do cotidiano. Sua missão profética proporciona que esteja junto com os que sofrem o peso do pecado:

A misericórdia e a profecia são duas faces da mesma medalha. Onde chegam o mal e o desprezo do homem, a misericórdia lhes denuncia e chama à conversão. Até mesmo “dura”, inflexível, contrapõe-se a fim de que os homens possam se apoiar sobre ele; sobre o testemunho que as coisas vão – e devem ir – diversamente, para que a falta da misericórdia não domine e mande para a ruína os homens. Quem não se faz chamar à conversão, ignorará o testemunho misericordioso desta oposição – ou responderá ao seu modo.¹⁰¹¹

A conversão cotidiana é o exercício da misericórdia capaz de levar as pessoas a se encontrarem reciprocamente, superando julgamentos, cultura de ódio e as ações homicidas. Realiza as obras de misericórdia presentes no Evangelho de Mt 25, recolhendo essa tradição do Primeiro Testamento de Isaías 58,6-9 – presos, oprimidos, famintos, nus, feridos – e 61,1-2 – pobres, cativos, prisioneiros; de Jó 24 – nus, famintos, sedentos – e 31,17.19.21.31s – órfãos, nus pobres, inocentes, estrangeiros; Tb 1,16-17 – famintos, nus, mortos – e 4,16 – famintos e nus; Eclo 7,34s – aflitos e enfermos – e 42,8;63,1 – nus e famintos;¹⁰¹² e remete à preocupação bíblica com aqueles que são postos às margens sociais e religiosas, e clamam para serem escutados nas suas dores e misérias.

O testemunho da prática da misericórdia através da justiça social em obras descritas no texto de Mateus 25 propôs o caminho de vida profética e cristã nas comunidades apostólicas e patrísticas. Vários são os testemunhos relatados, como no Pastor de Hermas, em Irineu de Lião, Orígenes, Lactâncio, Crisóstomo, Gregório Magno, Agostinho e tantos outros, que admoestavam a constância da

1011 WERBWNICK, J., A fraqueza de Deus pelo homem, p. 70.

1012 CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, As obras de misericórdia corporais e espirituais, p. 32.

vigilância e o cuidado com os mais pobres da comunidade e da sociedade. A comunidade reunida e nutrida na eucaristia sempre estará impulsionada ao “sacramento do irmão”, como dizia São João Crisóstomo. A força pastoral, missionária e profética, ao realizar suas obras de misericórdia, anuncia a esperança do alívio aos pobres, e ainda denuncia a hipocrisia social e religiosa que permite a miséria humana.¹⁰¹³ Como assinalava Santo Agostinho:

O que é a misericórdia? Não é outra coisa senão encher o coração de um pouco da miséria (dos outros). A palavra “misericórdia” deriva da dor que se sente pelo “miserável”. Há duas palavras contidas nesse sentido: miséria e coração. Quando o teu coração é tocado e atingido pela miséria dos outros. Então isso é misericórdia. (...) Por exemplo: se tu deres um pão a quem tem fome, dá-lho com a participação do coração, não com chalaça, para evitar tratar um homem semelhante a vós como se fosse um cão.¹⁰¹⁴

A indignação em constatar a sociedade política e religiosamente corrompida move à atuação do profetismo que nos faz protagonistas, a nos envolvermos com as questões geradoras de miséria e desumanização:

*misericórdia, atenção aos mais pobres e vulneráveis, proximidade com todos, cultura do encontro, cuidado com a Criação, acolhimento das situações de fragilidade, maior empenho na justiça social e numa economia ao serviço das pessoas, defesa da liberdade, promoção de uma cultura da paz e da não violência, reforma das instituições da Igreja num sentido mais evangélico.*¹⁰¹⁵

Ver e sentir compaixão são realidades proféticas motivadoras da “saída” missionária da Igreja em direção às realidades periféricas, que clamam pela justiça social, moral e humanizadora. A ousadia de aproximar-se na compaixão das necessidades humanas estende a mão, tocando as chagas abertas para curá-las. O papa Francisco *primeireia* o tempo da misericórdia com proximidade ao serviço evangélico. A misericórdia profética da Igreja não significa discutir mãos largas ou rigorismos, ou falar sobre, mas é ir e estar pronta como um hospital de campanha:

*Hoje podemos pensar um “hospital de campanha”. Isto, perdoai-me se repito, porque o vejo assim, porque o sinto assim: um “hospital de campo”. É necessário curar feridas, e elas são numerosas. Há tantas chagas! Existem muitas pessoas feridas por problemas materiais, por escândalos, até na Igreja...Pessoas feridas pelas ilusões do mundo... (...) devemos estar ali, próximos dessas pessoas. Misericórdia significa, antes de tudo, curar as feridas.*¹⁰¹⁶

1013 CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, As obras de misericórdia corporais e espirituais, p. 44.

1014 CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, Os Padres da Igreja e a misericórdia, p. 57.

1015 MARUJO, A.; FRANCO, J., Papa Francisco: a revolução imparável, p. 292.

1016 FRANCISCO, Misericórdia em palavras, p. 12.

Assim a misericórdia não está no laxismo do lavar as mãos, e nem na penitência de escambo sacramentalista, mas através do envolvimento pastoral no sofrimento das pessoas. A compaixão leva ao agir concreto e não teme o sofrimento alheio, permitindo a integração de quem está marginalizado, pois o caminho da Igreja não é de condenar e sim de ir à procura dos afastados. Esse “é o caminho da Igreja: não só acolher e integrar, com coragem evangélica, os que batem à nossa porta, mas sair, ir à procura, sem preconceitos, revelando-lhes gratuitamente o que gratuitamente recebemos”¹⁰¹⁷.

A configuração da Igreja está em não jogar a culpa ou apontar as feridas das pessoas, mas curá-las com o “remédio da misericórdia”. Dessa maneira, ela deixa de ser uma alfândega e procura caminhos transformadores para as feridas sociais da pobreza e da existência.¹⁰¹⁸ Trata-se de despertar esperanças nos abatidos da sociedade do espetáculo, da ganância e do descarte:

*Jesus despertou tantas esperanças no coração, especialmente das pessoas humildes, simples, pobres, abandonadas, pessoas que não contam aos olhos do mundo. Soube compreender as misérias humanas, mostrou o rosto misericordioso de Deus e inclinou-Se para curar o corpo e a alma.*¹⁰¹⁹

A misericórdia, profeticamente na política, convida a nos movermos juntos, para uma ação transformadora da humanidade na Casa Comum. Os povos unidos entre si pressupõem a misericórdia social e atuante nas relações socio-transformadoras. Portanto, a globalização da indiferença precisa ser enfrentada com o profetismo da misericórdia, como nova proposta de vida e de mudanças estruturais. A misericórdia está em integrar social e comunitariamente as pessoas esquecidas, estabelecendo uma articulação pastoral na centralidade misericordiosa da proposta vivencial do Evangelho e nas relações que implica.

4.2.1.2 Misericordiar relações proféticas e transformadoras

Misericordiar é um convite a escutar sobre e como as pessoas se feriram, ferem ou estão feridas. A atitude do legalismo não cura ou regenera as pessoas e situações. São necessários o encontro e a escuta que possibilitem integrar as mais difíceis e complexas realidades. Essa atenção acontece com “pequenos passos”¹⁰²⁰ que permitem acompanhar, discernir e integrar a fragilidade humana. O primeiro passo se direciona à escuta que permite acompanhar o processo da dor e discer-

1017 FRANCISCO, Misericórdia em palavras, p. 23.

1018 TORNIELI, A., O nome de Deus é misericórdia, p. 26.

1019 FRANCISCO, Peço-vos que rezeis por mim, p. 43.

1020 AL 293-295.

nir caminhos espiritual e pastoral. A integração eclesial e comunitária acontece sem aplicação de normativas canônicas, mas com o sentido do encontro pleno com os passos como a Trindade realiza conosco.

A *Amoris Laetitia* é uma oportunidade de a Igreja se inclinar e escutar a realidade difícil de muitos de seus filhos e filhas, que não a abandonaram, mas foram postos de lado por julgamentos canônicos ou preconceitos na comunidade. O caminho deverá ser aberto para superar as diferenças entre as questões canônicas, teológicas e pastorais, possibilitando a inclusão ao invés de oferecer soluções prontas para os problemas. A originalidade da proposta feita pelo papa Francisco é a de se escutar as mazelas da sociedade, ele não se intimidou em propor processos de avanços ao invés de manuais casuísticos que são empecilhos da graça e da misericórdia:

a originalidade de Francisco reside no seu modo de entender a centralidade da misericórdia. Esta já não se resigna em ocupar docilmente o lugar que a doutrina de antemão atribui (a misericórdia por assim dizê-lo “nos limites da verdade”). Esse Papa eleva à misericórdia a instância de hierarquia crítica suprema de todo o sistema e estrutura eclesial, incluída a doutrina.¹⁰²¹

O caminho da misericórdia requer a paciência e a ousadia apostólica para que processos virtuosos apliquem a doutrina de Cristo, ou seja, o Evangelho, nas mais difíceis e desafiadoras situações humanas.¹⁰²² A misericórdia não é uma ideologia cristã ou fraqueza, e sim a concretude de gerar a cultura do cuidado, do sanar, do entender, do estender a mão nos momentos mais complexos da vida e da história. Expressar e realizar esse trajeto pede que “usemos de misericórdia para com os mais frágeis: só assim reconstruiremos um mundo novo”¹⁰²³.

Francisco testemunha que a misericórdia nos faz livres, ao invés de prisioneiros dos preceitos religiosos que impõem isolamentos, condições e julgamentos nas relações humanas e com o divino. Dessa maneira, podemos avançar com a liberdade da misericórdia e aprender amar o próximo, independentemente da sua condição. Amar e *miseri cordear* não acontecem por controle remoto, sendo necessárias a inteligência e a compaixão que se traduzem no serviço ao outro.¹⁰²⁴ O profeta da misericórdia não está nos púlpitos das Igrejas ou nos gabinetes curiais, e sim diante dos sofrimentos do povo quanto à fome, à violência e às injustiças. A sua comoção o faz se abaixar e se comprometer a curar os sofrimentos, colocando-se ao lado deles para combater as causas de tantos espancados e descartados existentes nas margens do mundo.

1021 IRRAZÁBAL, G., La misericórdia según Francisco, p. 181-204.

1022 AL 307-312.

1023 FRANCISCO, Homilia do Papa Francisco na Vigília Pascal 11/04.

1024 FRANCISCO, Catequese da misericórdia: Parábola do Bom Samaritano.

Assim, o amor misericordioso testemunhado e profetizado pela Igreja permitirá que a injustiça seja superada através da compaixão visceral da Trindade, em que o Filho se encarnou e propôs se inclinar, perdoar e reintegrar. O Senhor é misericordioso (Ex 34,6) e sugere ao seu povo sentimentos e atitudes de amar, proteger, ajudar e estar pronto a se doar. Essa misericórdia divina é o caminho para a Igreja repensar a si mesma, tendo a prontidão de pacientemente saber esperar e proporcionar a alegria que ninguém nos pode roubar,¹⁰²⁵ e enxergar:

Na Sagrada Escritura, o Senhor é apresentado como “Deus misericordioso”. Este é o seu nome, através do qual Ele nos revela, por assim dizer, a sua face e o seu coração. Como narra o Livro do Êxodo, revelando-se a Moisés, Ele mesmo assim se define: “Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira, rico em bondade e em fidelidade”(34,6). Inclusive noutros textos voltamos a encontrar esta fórmula, com algumas variações, não obstante se ponha sempre a ênfase na misericórdia e no amor de Deus, que nunca se cansa de perdoar (cf. Gn 4,2; Gl 2,13; Sl 86,15; 103, 8; 145,8; Ne 9,17).¹⁰²⁶

Assim, a Igreja poderá seguir o mesmo caminho de nunca excluir ou anular alguém, mas de poder incluir na oportunidade de se iniciarem novos caminhos. A comunidade se torna evangelizadora à medida que se prepara, no encontro eucarístico, para a reconciliação através da misericórdia, possibilitando sermos irmãos e irmãs ao redor da mesma mesa. Dessa forma, ela se torna capaz de ser servidora para uma nova relação de fraternidade e comunhão, como ensinou o seu Senhor, motivado pela compaixão concreta no banquete da vida com os pães (Mt 14,13-21). Por isso, o cristão é o ministro alimentado pela misericórdia e oferecedor desse alimento que nutre as novas relações, e sai para *misericordiar*:

corremos o perigo de nos fecharmos dentro de um redil, onde não haverá cheiro de ovelhas, mas fedor de fechado! E os cristãos? Não devemos viver fechados, porque teremos em nós o mau cheiro dos lugares fechados. Nunca! Devemos sair, sem nos fecharmos em nós mesmos nas pequenas comunidades, na paróquia, considerando-nos “justos”. Isto acontece quando falta o impulso missionário que nos leva ao encontro dos outros. Na visão de Jesus, não existem ovelhas perdidas definitivamente, mas só ovelhas que devem ser encontradas. Devemos compreender bem isto: para Deus ninguém está definitivamente perdido. Nunca! Deus procura-nos até ao último instante.¹⁰²⁷

Esse pontificado retoma o significado bíblico e da revelação do Deus compassivo e misericordioso desconstruído nas religiões, e apresentado como todo-poderoso e acima de tudo e de todos. É preciso retomar a experiência do Deus Trindade de ter se doado e nos reunir no seu amor. Assim já exortava o bispo Bergoglio aos catequistas de Buenos Aires sobre os passos da proximidade:

1025 EG 83; 109.

1026 FRANCISCO, Catequese do ano da misericórdia.

1027 FRANCISCO, Catequese da misericórdia, a ovelha perdida.

Por isso, diante da gravidade e do extenso da crise, diante do desafio como Igreja arquidiocesana de comprometer-nos em “cuidar da fragilidade de nosso povo”, convido você a que renove sua vocação de catequista e coloque toda sua criatividade em “saber estar” próximo daquele que sofre, tornando realidade uma “pedagogia da presença”, na qual a escuta e a “proximidade” não sejam só um estilo, mas conteúdo da catequese.¹⁰²⁸

O Deus compassivo e misericordioso, reconciliando o mundo no Cristo (2Cor. 5,19) estará no coração de cada membro da Igreja, possibilitando a sua conversão através de cada um, saindo e participando da redenção. Trata-se da “capacidade de acusar a si mesmo”¹⁰²⁹, possibilitando a conversão pessoal e comunitária, e transformando a Igreja em sacramento de salvação, afastando-a da corrupção interior do pecado, pois essa realidade a impede de abrir as suas portas e ser misericordiosa em acolher, curar, perdoar, integrando e transformando as realidades deformadoras pelo pecado presentes em sua estrutura e na sociedade.

As crises que enfrentamos e acarretam os sofrimentos de tantas pessoas causam as experiências de precariedade, marginalização, pobreza, indiferença e rejeição, como a causada pela Covid-19. É um desafio pastoral e missionário ao qual a Igreja é chamada a responder com compaixão e misericórdia. Ela deve conhecer, compreender e experimentar essas dores vivenciadas, para isso “é necessário aproximar-se para servir”¹⁰³⁰ através da escuta da dor. A escuta misericordiosa exige “coenvolver para promover”¹⁰³¹, permitindo novas formas de proximidade. As chagas feridas precisam ser curadas por comunidades evangelizadoras que não se façam autorreferenciais ou controladoras da misericórdia.

Estamos em uma época de urgências antropológicas que nos provocam para sermos melhores ou piores. O sinal epocal impele a Igreja às questões sociais e ambientais, para que se proponha discernimento profético. A evangelização hoje exige o compromisso profético através do diálogo, que fermenta a esperança de sairmos melhores das crises antropológicas e ambientais, causadas pelas injustiças. Esse caminho missionário é realizado na gratuidade e sem proselitismo.

A Igreja, no seu encontro com o mundo, necessita “viscerar a misericórdia”¹⁰³² para poder realizar os movimentos importantes de profetismo que são “comover-se (mover-se com) e compartilhar (partilhar com)”¹⁰³³. Assim será possível, com paciência e espera, curar feridas e promover a comunhão transfor-

1028 BERGOGLIO, J. M., O verdadeiro poder é o serviço, p. 31.

1029 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 5, p. 120.

1030 FRANCISCO, Discurso per 106° Dia Mundial do Migrante e do Refugiado.

1031 FRANCISCO, Discurso per 106° Dia Mundial do Migrante e do Refugiado.

1032 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 243.

1033 FRANCISCO, Nei Tuoi Occhi è la mia Parola, p. 244.

madora da realidade. A missão se torna evidente, movendo-se pela compaixão e misericórdia ao sair e ir com audácia profética iluminando o mundo, pois “Deus não se cansa de perdoar” e não abandona.¹⁰³⁴

Misericordiae Vultus foi a proposta explícita do papa Francisco para a Igreja vivenciar no Ano da Misericórdia (2016) e repensar a sua missão apostólica no mundo a partir do Evangelho de Jesus de Nazaré, o rosto da misericórdia do Pai. Ele assim definiu essa necessidade da misericórdia:

Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.¹⁰³⁵

O remédio da misericórdia apontado pelo papa João XXIII através da renovação eclesial do Concílio Vaticano II prossegue atual e revigorado na proposta eclesial e missionária do papa Francisco.¹⁰³⁶ A Igreja responde ao chamado do seu Senhor vivenciando e oferecendo o consolo, o perdão e a esperança que reconcilia a humanidade marcada por contínuas discórdias. Trata-se de compreender que credibilidade e presença da sua missão evangelizadora passam pela compaixão e pela misericórdia.¹⁰³⁷ A única meta significativa da Igreja será a de estar presente *misericiando* no mundo para ir ao encontro das fraquezas e dificuldades que engessam a fraternidade solidária.

O querigma da misericórdia está no coração pulsante do Evangelho e impele a nova evangelização com entusiasmo alegre e renovado. A ousadia e a coragem apostólica estão em poder se comprometer com a misericórdia da Trindade, redescobrimo as obras de misericórdia através do agir cristão no mundo. A misericórdia, portanto, é o caminho profético do diálogo aberto entre as religiões para transformar as formas de violência e discriminação em inclusão, humanização e confraternização dos filhos e filhas de Deus. E que esse caminho “em saída” possibilite que a Igreja povo de Deus seja um conjunto de Igrejas.

1034 FRANCISCO, *Nei Tuoi Occhi è la mia Parola*, p. 264.

1035 MV 3.

1036 EG 84.

1037 MV 10.

4.2.2 Acompanhar kenoticamente pela sinodalidade

O “caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no Terceiro Milênio”¹⁰³⁸ – esta proposta do papa Francisco traz a força da palavra sínodo com a revelação divina.¹⁰³⁹ A composição da palavra sinodos significando “caminho feito junto” indica à Igreja a proposta a ser feita.¹⁰⁴⁰ A sinodalidade fundamenta e se constitui caminho para a Igreja perseverar e responder com fidelidade à sua origem bíblica e à sua vocação católica.¹⁰⁴¹ A partir do século IV a sinodalidade se torna o instrumento e a maneira de garantir a comunhão das Igrejas apostólicas. As decisões eclesiais são assumidas sinodalmente e concretizadas nos passos das comunidades. Contudo, após Carlos Magno os Sínodos perdem seu caráter especificamente sinodal.

A sinodalidade está em seu fundamento teológico a serviço da missão da Igreja, ou seja, a sua dinâmica existe para evangelizar.¹⁰⁴² Ela convida ao encontro de todos os batizados com seus diversos ministérios e carismas a discernirem os caminhos de evangelização escutando o Espírito Santo. A missionariedade expressou no Concílio a eclesiologia de comunhão, propondo como prioridade todos serem ativos e partícipes da missão e do sacerdócio de Cristo.¹⁰⁴³ Manifestava, assim, sua forma dinâmica de unidade em um só sujeito comunitário, pois aquele que crê celebra e participa, expressando sua participação no *sensus fidei* e caminhando com os demais membros do povo de Deus.

O exercício sinodal como prática constitutiva, teológica, estrutural e pastoralmente possibilita renovar continuamente a vida da Igreja e suas múltiplas formas de atuação missionária.¹⁰⁴⁴ O laicato maduro reunido comunitariamente e com todas as comunidades promoverá a capacidade de escutar, dialogar, discernir e integrar as várias contribuições partilhadas e trazidas das pessoas de boa vontade. Essa forma de proceder é farol para a Igreja conduzir-se por uma estrutura institucional livre do sacramentalismo funcional, totalmente aberta à Trindade e aos desafios modernos. O caminho a trilhar será a conversão para uma renovada sinodalidade:

1038 FRANCISCO, Discurso da Comemoração da Instituição do Cinquentenário do SínodosBispos, 2015.

1039 CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, p. 11.

1040 João Crisóstomo no período patrístico utilizou o nome sínodo como sinônimo da Igreja, evocando a reciprocidade daqueles que estão unidos pela comunidade eclesial a discernir as questões que se apresentam. CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, p. 12.

1041 CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, p. 23.

1042 CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, p. 40.

1043 AG 49.

1044 CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, p. 47.

*A renovação sinodal da Igreja passa sem dúvida pela revitalização das estruturas sinodais, mas se exprime antes de tudo na resposta gratuita ao chamado de Deus a viver como seu povo que caminha na história em direção ao cumprimento do Reino.*¹⁰⁴⁵

Incluir todos para as tomadas de decisões possibilitará à Igreja a sua credibilidade no mundo, sendo mais digna de fé e aberta na diaconia social através do diálogo com toda a pluralidade social.¹⁰⁴⁶ Criar estruturas sinodais sem a pressa de resultados ou soluções construirá espaços de participação colegiada e comunitária no âmbito da fraternidade e abertas à solidariedade. A *parresia* do Espírito animará *primeirar* a missão pastoral no mundo de hoje com sua complexidade e constantes desafios. Assim, favorecerá a proximidade entre os organismos eclesiais ordenados e laicos com toda a comunidade Igreja, com o mundo.

É necessário que a Igreja se exponha à liberdade do Espírito Santo em vista de um processo sinodal, possibilitando ser comunhão, participação e missão, não permitindo que o medo e o risco das possíveis crises tomem o lugar da abertura ao Verbo e ao Espírito. A tentação de manter uma unidade aparente compromete a comunhão e a participação de todos na missão como exigência ontológica. É necessário colocar a prática da sinodalidade como espaço contínuo envolvendo e despertando, mesmo paulatinamente, todos os batizados e a catolicidade da Igreja.

4.2.2.1A sinodalidade através do diálogo

A melhor maneira para a Igreja entender a si mesma e poder se colocar “em saída” será pela simplicidade *operandi* da sua sinodalidade e desse modo criar uma consciência eclesial do diálogo, convencida de que o Espírito Santo quer nos comunicar hoje.¹⁰⁴⁷ Isso possibilita considerar melhor a universalidade da Igreja. Na pedagogia sinodal junto à diocese de Roma, o papa Francisco sublinhou para caminhar juntos descobrindo a horizontalidade:

*Existem muitas resistências a superar a imagem de uma Igreja rigidamente dividida entre dirigentes e subordinados, entre os que ensinam e os que tem de aprender, esquecendo que Deus gosta de derrubar as posições. Caminhar juntos descobre a horizontalidade e não a verticalidade como linha.*¹⁰⁴⁸

O sínodo como *modus operandi* acontece à luz da Palavra de Deus, propondo mais dinamicidade à vida eclesial. Aponta novos caminhos e maneiras

¹⁰⁴⁵ CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, p. 65.

¹⁰⁴⁶ BALTHASAR, H. U. von., Love alone is Credible, p. 126-138.

¹⁰⁴⁷ GRECH. M., Os bispos envolvam a todos.

¹⁰⁴⁸ FRANCISCO, No tengam miedo a las sorpresas, dejen abiertas puertas y ventanas.

de nos relacionarmos como comunidade de batizados, criando mecanismos de consultas e diálogos. Essa chave de leitura sinodal possibilitará a renovação da Igreja desde a estrutura da cúria romana até as Igrejas locais, com suas comunidades paroquiais. Será possível, assim, construir o discernimento com todos os participantes e sujeitos comunitários, o consenso com todo o povo de Deus. Tem-se como exemplo a tradição de Cipriano que nada fazia sem o conselho presbiteral e o consenso do povo.¹⁰⁴⁹

O consenso exigirá um processo de consulta, escuta, diálogo e discernimento conjuntos, propondo a mudança nas decisões feitas e nos modelos clericais. A sinodalidade não poderá ser uma “legalização” ou “institucionalização” da participação do laicato, e sim a afirmação da pia batismal, capaz de também superar a cultura do clerical e suas relações verticais, transformando a sua vocação ministerial em fonte de serviço à comunidade.

Este momento “em saída” propõe o paradigma inclusivo para o ser e o agir eclesiais, recuperando o *sensus ecclesiae*.¹⁰⁵⁰ Essa proposta possibilitará que surjam os campos de decisões, o consenso e a consulta aberta a todos os membros do seu corpo. O engajamento de relações eclesiais horizontais requer proporcionar ao povo de Deus a sua iniciação plena na vida da comunidade, dando força de comunhão e participação:

*Se a escuta é o método do processo sinodal e o discernimento é o objetivo, a participação é o caminho. Promover a participação nos leva para fora de nós mesmos para envolver outras pessoas que tem ponto de vista diferente dos nossos. Ouvir aqueles que têm os mesmos pontos de vista não nos dá frutos.*¹⁰⁵¹

O diálogo sinodal será sempre a ocasião oportuna de se envolver com as diversas opiniões, levando a nos esforçarmos para o exercício da escuta.¹⁰⁵² As atitudes serão sempre de disposição do tempo para escutar, a coragem de se falar abertamente, acolher as possíveis mudanças, evitar estereotipar, romper a autoridade clerical, superar ideologismos, criar esperança, sonhar futuro melhor e perceber a urgência de sempre caminhar juntos. Essas disposições nos permitirão desarmar as armadilhas de liderança única, imediatismos, ficar nos limitadores, perder o foco, ouvir somente os que pensam igual, criando disputas parlamentares e conflitos estéreis. O *vademecum* para o Sínodo sobre a sinodalidade¹⁰⁵³ e a

1049 OSPINO, H., Entrevista com Rafael Luciani sobre adelante la clave sinodal.

1050 OSPINO, H., Entrevista com Rafael Luciani sobre adelante la clave sinodal.

1051 SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão.

1052 QUIRINO, A. T., Teologia da Escuta, p. 340.

1053 A ser realizado em outubro de 2022 para abrir o processo eclesial da escuta nas instâncias eclesiais.

Praedicate Evangelium para a reforma da cúria¹⁰⁵⁴ propõem essas características de abertura e de riscos, alertando como sendo esse o caminho de irmãos e irmãs. Em sua fala sobre a sinodalidade à Diocese de Roma, o papa Francisco também enfatizou o perigo do clericalismo que impede o avanço humanizante interno e externo da Igreja:

*O cristianismo deve sempre ser humano, humanizante, reconciliar diferenças e distâncias, transformando-as em familiaridade, em proximidade. Um dos males da Igreja, aliás uma perversão, é esse clericalismo que separa o padre e o bispo das pessoas.*¹⁰⁵⁵

Os novos horizontes sem rigidez vertical possibilitarão à Igreja ser promotora de encontros unindo os povos como fez o Senhor no seu evento pascal através da força do Espírito Santo, tornando-se mais a Igreja de um Deus que se comunica, com escuta e comunicação teológica, ao abaixar-se sempre para se encontrar a partir da base. A sinodalidade oferece à Igreja se repensar no seu serviço e na sua constituição hierárquica piramidal, contudo, isso implica mais do que um local ou momento de dar opinião, é nova oportunidade de construir juntos a vivacidade missionária.¹⁰⁵⁶ A experiência pascal como a possibilitadora do novo eclesial:

*A comunidade que surgiu depois da Páscoa, contempla, por sua vez, uma pluralidade de serviços e ministérios. Diante das questões colocadas, apresentamos algumas pistas que apontam para a descentralização do poder eclesial: complementação entre o poder institucional e o poder carismático; implementação de caminhos de sinodalidade e liberdade; criação de comunidades de tamanho humano; promoção de uma Igreja ministerial e do protagonismo laical; autoconsciência da Igreja como servidora do mundo.*¹⁰⁵⁷

Em alusão a São João Crisóstomo, a ideia está presente no Concílio Vaticano II e vigorosamente na proposta “em saída”:

*A Igreja é um mistério de comunhão, um povo congregado na Trindade. São João Crisóstomo afirmava que “Sinodo é o nome da Igreja”. Esta definição é um resumo da eclesiológia do Vaticano II. O termo sínodo denota um caminho feito em conjunto, significando que a Igreja é um povo peregrino, um povo que caminha em conjunto, tendo o Reino como meta definitiva – a grande comunhão fraterna escatológica.*¹⁰⁵⁸

A força motriz não será institucional e sim descentralização saudável para a sua presença mais missionária. Como Dom Helder pensou as renovações e novas estruturas nos primeiros passos do Concílio Vaticano II:

1054 PE (preambolo) II 1-12.

1055 FRANCISCO, Discurso aos fiéis de Roma.

1056 SEVILHA, J. M. M., Sinodalidad para sanar lparálisis eclesial.

1057 NENTWIG. R., Questões em torno do poder sagrado na Igreja.

1058 NENTWIG. R., Questões em torno do poder sagrado na Igreja.

Que me diz o coração? Dizia-me alguém que “via com o coração e amava com os olhos”. Hoje, para apresentar perspectivas de novas estruturas da Igreja, bem precisaria de ver com o coração... Que me diz o coração, mais com inteligência, a propósito das estruturas da Igreja do Vaticano II? Direi o que penso sobre problemas, como: senado junto ao povo, reforma da Cúria, colegialidade dos bispos, (...) renovação missionária.¹⁰⁵⁹

Essa perspectiva da relação colegiada provinda do Concílio Vaticano II também foi destacada pelo teólogo da *kenosis*. Von Balthasar compreende a colegialidade e decisões sinodais a partir “dos apóstolos formando uma comunidade, chamados a estarem juntos pelo Senhor”¹⁰⁶⁰. A Igreja é desafiada a caminhar, no pós-Concílio, em direção a dar resposta ao chamado pastoral partindo da realidade presente e vindoura.

Essa proposta conciliar continuada na teologia balthasariana traz a unidade como a integração dos membros eclesiais, buscando unidade sem a tirania de reduzi-la à uniformidade.¹⁰⁶¹ Em sua obra *Complexo antirromano*, von Balthasar busca “integrar a unidade e a multiplicidade ensaiando um caminho novo”¹⁰⁶². Trata-se de trazer os elementos teológicos à prática eclesial, e não endossar o caráter político eclesiástico, ao qual a colegialidade, e consequentemente a sinodalidade, podem transformar-se.

O autor se preocupa em trabalhar este aspecto teológico do paradigma petrino além do reducionismo de afirmação do poder mundano para, teologicamente, reverter o aspecto piramidal endossado pela sua visão superficial.¹⁰⁶³ Essa perspectiva busca equilibrar a tensão histórica que fez muitas comunidades cristãs caminharem distantes, justamente ao contrário do serviço para unir as Igrejas. Há necessidade de valorizar o ministério petrino para desintoxicar as disputas de poderes monárquicos ou de democratismos na atmosfera da Igreja.

A forma orgânica da Igreja constituir-se, decidir e agir era clara na maneira explícita de que “o bispo apenas se distinguia dos demais da comunidade, sendo sensível a sua pessoa para formar e unir a assembleia”¹⁰⁶⁴. Esses fundamentos da relação orgânica da Igreja do período patrístico foram resgatados pela Igreja conciliar:

Não se admite que depois do Vaticano II só resta esperar um todo coerente entre o Povo de Deus em geral e sua direção responsável quista por Cristo e integrar dentro desta direção

1059 CAMARA, D. H., *Circulares Conciliares*, p. 263.

1060 BALTHASAR, H. U. von, *OurTask*, p. 155.

1061 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 16.

1062 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 16.

1063 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 16.

1064 BALTHASAR, H. U. von, *El complejo antirromano*, p. 173.

*o primado papal e a colegialidade episcopal (evitamos expressamente a terminação hierárquica, de origem tardia e de significado distante do mundo atual).*¹⁰⁶⁵

Outra contribuição teológica balthasariana para a eclesiologia necessária na atualidade está na descentralização dos poderes, valorizando e estimulando as responsabilidades e contribuições regionais onde a Igreja está presente.¹⁰⁶⁶ Com estas contribuições oriundas das diversas situações com as quais o Evangelho dialoga, será possível à cúria romana a oportunidade para que seja o local de encontro orgânico da multiplicidade das Igrejas reunidas através das várias conferências episcopais, congregando o colegial e o sinodal. Assim, o resultado do organismo central da Igreja deixará a esfera burocrática e incentivará os diversos sínodos para escutarem a rica contribuição do povo de Deus presente em diversas culturas¹⁰⁶⁷, evitando premissas manipuladas e resultados pré-determinados nas decisões e encaminhamentos pastorais:

*Esse é o centro do ministério, do bispo de Roma, [que] não tomará as decisões sem consultar os seus companheiros do ministério e, através deles, o sentido da fé de todo o povo, sobretudo quando se trata de decisões solenes que mostram a direção a seguir por todos e que vinculam aos fiéis em consciência.*¹⁰⁶⁸

Esses passos de processos colegiais, como modalidade de decisões eclesiais participativas está na eclesiogênese “em saída”, partindo da realidade para a sua constituição comunitária. Como consequência, as próprias estruturas da Igreja se organizam em suas constituições jurídicas a partir da eclesiologia existente, como afirma Alphonse Borras: “a práxis jurídica ou canônica é sempre em função da ação”¹⁰⁶⁹, significando que os passos de discernimento eclesial possibilitam a Igreja exercer suas estruturas comunitariamente e renovar também o seu próprio direito. A sinodalidade como processo teológico e eclesial trará para ela vivacidade que a renovará internamente.

Os processos participativos propostos na *Evangelii Gaudium*¹⁰⁷⁰ indicam como organização principal da Igreja “em saída” os discípulos-missionários, sempre abertos a construir novos caminhos, cuja missão será sempre aplicada às realidades existentes. Trata-se de comunhão orgânica, direcionar a catolicidade e

1065 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 26.

1066 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 36.

1067 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 37.

1068 BALTHASAR, H. U. von, Católico, p. 97.

1069 BORRAS, A., Sinodalitàecclesiale, processi partecipativi e modalità decisionali, p. 207.

1070 EG 31.

a autoridade pastoral consultando seus membros sem pró-forma.¹⁰⁷¹ Os princípios vitais serão a fraternidade e a ministerialidade convergindo para passos concretos, ou seja, além de um colégio consultivo, que seja participativo e deliberativo.

O diálogo sinodal permite que a Igreja realize a sua vocação de redescobrir em cada tempo ser essencialmente missionária.¹⁰⁷² Será sempre necessário “perceber o Espírito que anima esta grande selva de papel”¹⁰⁷³ para que a comunhão hierárquica não impeça o protagonismo e o encontro das comunidades presentes nas diversas culturas. A eclesiologia do povo de Deus traz intrinsecamente a maneira sinodal de caminhar e atuar, abrindo novos horizontes, propondo a unidade concreta, onde se pode livremente expressar a opinião particular.¹⁰⁷⁴ Dessa maneira, as tarefas do ministério pastoral do sucessor de Pedro construirão o consenso do agir comunitário da fé.

O papa Francisco, realizando o convite da prática sinodal como forma orgânica, reunindo a comunhão eclesial através do exercício de primado de comunhão, torna-se o primeiro articulador da proposta sinodal, proporcionando aos membros da Igreja o poder de se expressar livremente. A unidade se constituirá através da comunhão dos diferentes e terá o diálogo contínuo como o motivador para o encontro. O processo da sinodalidade irá fazer com que a Igreja seja mais missionária, mais simples e envolvida, com todos os seus membros participando ativamente. O futuro da Igreja mais simples e próxima acontecerá pelo encontro de várias conferências eclesiais dispostas ao encontro, festejando a fraternidade. Essa proposta teve seu primeiro passo sugerido e iniciado pela conversão do próprio papado de Francisco:

*fator relevante dado pelas múltiplas citações que se fazem dos textos das conferências episcopais, seja na Evangelii Gaudium seja na Laudato Si'. Na primeira cita textos dos episcopos do Brasil, Congo, Estados Unidos (duas vezes), Índia, Filipinas, França (duas vezes). Se pode observar que o papa utiliza não só os textos das conferências publicado nas suas assembleias plenárias, mas também textos do comitê permanente (Congo) e de duas comissões de um episcopado (Conselho da família e sociedade e Comissão social da conferência episcopal francesa). A este se adicionam as duas citações do Documento de Puebla e as onze citações de Aparecida, também das conferências gerais do episcopado latino-americano e dos caribenhos respectivamente de 1979 e 2007.*¹⁰⁷⁵

O Sínodo revela a verdadeira Igreja “em saída” missionária e disposta a *primeir*ear novos encontros. As primeiras assembleias sinodais desse pontificado

1071 BORRAS, A., Sinodalità ecclesiale, processi partecipativi e modalità decisionali, p. 213.

1072 SCOLA, Viagem pós-concílio, p. 76.

1073 BALTHASAR, H. U. von, A verdade é sinfônica, p. 80.

1074 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 235.

1075 SCHICKENDANTZ, C., Le conferenze episcopali, p. 354.

foram apontando passo a passo os temas relevantes para todo o povo de Deus, como também as suas perspectivas pastorais: família, juventude, Amazônia e a própria sinodalidade. Essa nova maneira de proceder do pontificado, prosseguir ao se chegar ao principal instrumento de mudança, acontece na dinâmica de escutar e dialogar.¹⁰⁷⁶Essa prática se concretiza em conjugar a conversão pessoal, pastoral e missionária para se conscientizar da corresponsabilidade de todo o povo de Deus. A proposta da sinodalidade é o escopo eclesiológico para *primeir*ear o “em saída” respondendo aos sinais dos tempos:

Daí também a iniciativa, surpreendente para muitos, do Papa Francisco em escutar o povo de Deus por ocasião do Sínodo sobre a família, fato que se repetirá no próximo Sínodo sobre os jovens. Em suas próprias palavras: “Uma Igreja mais sinodal é uma Igreja que escuta, consciente de que ‘escutar é mais do que ouvir’” (EG, 171).¹⁰⁷⁷

Recuperar essa chave e perspectiva teológica permitirá a Igreja avançar em seus passos sem a tentação de reorganizar as coisas com remendos.¹⁰⁷⁸Outro desafio para a sinodalidade está no analfabetismo funcional, falta de conhecimento e cultura que hoje afetam a Igreja.¹⁰⁷⁹ Esse elemento faz um amplo número de católicos e clérigos se tornarem indiferentes ou desinteressados do processo sinodal. Sinais de que o nível cultural católico tem feito o setor cultural da Igreja regredir, como também dentro do clero¹⁰⁸⁰, desencadeando, portanto, outro obstáculo para o Sínodo, com o devocionismo sacramentalista, tornando as comunidades descompromissadas com a realidade e, conseqüentemente, com a evangelização.

O consumismo alienante dos bens e da fé se torna o primeiro ponto a superarmos através da escuta de base¹⁰⁸¹, então transformarmos nossas comunidades em locais de iniciação. A Igreja que escuta proporcionará compreender a realidade, propondo para os membros das comunidades que estejam juntos para aprenderem a se ouvir e ouvirem a Palavra¹⁰⁸², e não apenas estarem juntos consumindo a fé como produto efêmero.

Os Sínodos poderão se tornar expressamente momentos *primeir*adores da Igreja através da efusão do Espírito Santo em seu meio. Os espaços sinodais se tornarão constantes Pentecostes com os verbos eclesiais: “ter tudo em comum”,

1076 EG 31.

1077 MIRANDA, M. F., Igreja Sinodal, p. 42.

1078 FRANCISCO, Lettera dell Santo Padre Francesco al Popolo di Dio che è in cammino in Germania.

1079 FAGGIOLI, M., Os católicos ainda leem? Sinodalidade e a “Igreja que escuta” nesta era digital.

1080 FAGGIOLI, M., Os católicos ainda leem? Sinodalidade e a “Igreja que escuta” nesta era digital.

1081 CNBB, O povo de Deus sofre com a doença e a fome.

1082 QUIRINO, A. T., Teologia da Escuta, p. 340.

“codividir” e “participar”, “ter parte em” e “agir juntos”. A missão da Igreja será reunir e unir visando mais que uma evangelização proselitista, e sim indo em direção à eclesiologia “em saída”. Esse exercício, difícil tanto para a Igreja como nas relações sociais, será o caminho para transformarmos as relações do futuro:

Então, o modelo sinodal da paróquia é comunidade de comunidade. A proposição específica que as subcomunidades sejam menores e mais na medida das pessoas. Este último parece confirmar a convicção que a maioria de nossas paróquias são demasiadamente grandes para fomentar relações verdadeiramente humanas, e que as comunidades menores podem ser uma resposta adequada à anormalidade despersonalizante das grandes comunidades paroquiais.¹⁰⁸³

O sínodo será um instrumento de renovação, criando a cultura da participação. Será a oportunidade do aprendizado através da participação para conseguir construir os consensos, que fazem a Igreja ir ao encontro do outro e se transforma cotidianamente nesta relação.¹⁰⁸⁴ Essa transformação é instituída pela consulta de todos os batizados e com aqueles com quem nos relacionamos, e para a cultura do encontro será o fundamento através da fraternidade e da solidariedade.

4.2.2.2 Sinodalidade e renovação da Igreja *semper reformanda*

A renovação proposta pelo papa Francisco “em saída” é de uma Igreja mais evangélica e próxima. Para esse caminho, é preciso pensar, criar e realizar processos contínuos. Eles serão possibilitadores de uma reforma transformadora, e não um *Motu Proprio* ou uma reforma momentânea, e sim uma transformação eclesial continuada, favorecendo a vivência e a comunicação do Evangelho, sem separar a vida das pessoas e nem se limitar aos escritórios curiais, paroquiais ou teológicos. Este caminho apostólico é desafiador, uma vez que será necessário confrontar-se consigo mesmo.

Uma Igreja mais evangélica precisa fazer escolhas coerentes com o frescor do Evangelho diante dos sinais dos tempos. Ela sempre estará inquieta e em crise¹⁰⁸⁵, porque está viva e somente os mortos não têm crises.¹⁰⁸⁶ Ao colocar-se a caminho, criará processos que apontarão escolhas a serem feitas, exprimindo a sua constituição estrutural, ministerial e batismal. A visão subjacente da eclesiologia proposta e

1083 SCHRAUF, R., La Iglesia local en el proceso de descentralización y diversificación cultural.

1084 PACHECO, J., A Abertura do Sínodo.

1085 A própria palavra ‘crise’ vem de um termo grego que quer dizer ‘joeirar’, ‘peneirar’, fazer o trabalho necessário para colher o resultado da boa semente. A crise é o coador, o filtro na debulha incessante da vida, ou seja, viver mais radicalmente a escuta do Evangelho para a oportunidade de repensar nossos modelos. TOLENTINO, J. M., *A Igreja está em crise?*

1086 O vídeo do Papa: A Igreja a caminho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIqCZj_ClSg>.

construída como povo peregrino se tornará intervenções nos textos magisteriais e documentais, através de orientações vivenciadas e discernidas na base da sua eclesio gênese. O primeiro passo desse processo é encorajar-se para um novo caminho evangelizador à frente das suas constituições, da realidade do povo e do Evangelho.

Isso significa prosseguir em dar vida às letras redigidas no Concílio, contudo somadas ao mundo contemporâneo. A originalidade está em se confrontar internamente e externamente a partir dos desafios e das exigências da nova configuração eclesial. A Igreja blindada, fechada em muros e distante do seu povo continua a ser o obstáculo do seu processo *semper reformanda*. Por isso, a atualidade da proposta do papa Francisco está na raiz teológica de que “a Igreja deve sua existência a Deus comunicado plenamente no Cristo e no dom do Espírito Santo, assim como ela vive e a Ele tende”¹⁰⁸⁷.

As locuções “das periferias” ou “hospital de campanha” são sinônimas da Igreja “em saída”, revelando os processos de onde ela deve ir e vir, estando em relação dinâmica e trazendo as mudanças transformadoras, e não burocráticas ou esquemáticas. É sobretudo reconhecer que ela não é o centro, por isso, atua descentrada em direção às pessoas e às questões emergentes.

Nessa mesma perspectiva caminhou a teologia de von Balthasar, pensando a Igreja que vive a liberdade de Cristo com a cruz no secular da modernidade.¹⁰⁸⁸ Esta estrutura angélica daria lugar à Igreja solidária com os sofredores, sendo seus membros provocados com as questões existentes na modernidade. Buscaria, assim, superar o funcionalismo fatigante e mecânico do “gosto de funcionar” religiosamente e estruturalmente. Diante disto, o perigo da imobilidade institucional está em “se reduzir a religião, em seus diversos aspectos, a mero sistema, correndo-se o risco de prestar maior atenção aos valores terrenos do que a Deus”¹⁰⁸⁹. Von Balthasar também propôs à Igreja caminhar saindo do absolutismo papal romano para romper com o supérfluo e o alienante da instituição doutrinária, sugerindo processos de consciência eclesial dentro dos procedimentos de mudanças radicais, das problemáticas e das estruturas¹⁰⁹⁰, sob o aspecto de integrar a unidade e a multiplicidade para um caminho novo:

*Não pretendemos dar instruções práticas para uma política eclesiástica, embora tenha interesse ao leitor. O que nos preocupa aqui é situar teologicamente o ministério de Pedro mantendo-nos o mais próximo possível do Evangelho e mostrando que, ainda depois do Vaticano II, a sua necessidade é tão absoluta como relativa.*¹⁰⁹¹

1087 REPOLE, R., *O sonho de uma Igreja evangélica*, p. 21.

1088 BALTHASAR, H. U. von., *El complejo antirromano*, p. 9.

1089 BALTHASAR, H. U. von., *El complejo antirromano*, p. 9.

1090 BALTHASAR, H. U. von., *El complejo antirromano*, p. 15.

1091 BALTHASAR, H. U. von., *El complejo antirromano*, p. 16.

Para ele, seria um caminho novo, evocando e descobrindo novas propostas de mudanças eclesiais com o frescor do Evangelho, e, ao mesmo tempo, saindo da verticalidade piramidal que a adocece. Esse enredo histórico exige paciência, esforço e compreensão para fecundar esse caminho, sendo preciso “reconhecer que o poder evangélico e espiritual, junto com o jurisdicional, tem sido confundido frequentemente com o poder temporal, com o poder civil e mundano”¹⁰⁹².

Essa contribuição da teologia balthasariana enriquece a proposta do *semper reformanda* para os discernimentos e práxis atuais. Trata-se de uma proposta de pensar a Igreja através da abertura pneumatológica, partindo dos sinais dos tempos e evitando suas organizações políticas e mundanas distantes da sua visibilidade evangélica.¹⁰⁹³ A Igreja quando não distante da sua espiritualidade missionária será capaz de caminhar nas estradas do mundo semeando novas comunidades. Com esse processo, compreendemos que a *Persona Ecclesiae gerit* atualiza-se no mundo através da fecundidade e inspiração do Espírito Santo.¹⁰⁹⁴

A Igreja, em sua história, sempre se renovará, pois fazer-se nova é a exigência do Espírito Santo para o anúncio do Cristo. Assim, a Igreja Comunhão dos Santos e a institucional necessitam ser conjugadas e desinteressadas da mundanidade, significando ser mais mística, e com atuação mais humanizada nas suas estruturas e missionariedade. O Concílio empreendeu reformas, e hoje Francisco impulsiona um grande avanço de reforma.

Outro contributo do teólogo da *kenosis*, nos processos renovadores e transformadores do *semper reformanda*, está em pensar a Igreja-Comunidade que se abre e se renova durante o seu anúncio e solicitude pelo mundo. É preciso cultivar os processos de conscientização comunitária¹⁰⁹⁵ em direção à sua visibilidade ministerial e institucional. E a reforma sempre será imperfeita e necessária: “constante na profundidade da Revelação e da própria atuação missionária”¹⁰⁹⁶. A renovação eclesial proposta por von Balthasar é baseada na tradição eclesial ressaltada pelo Concílio, passando de puramente teórica para a ação missionária e pastoral.

A proposta de criar esses processos transformadores tem acontecido no conteúdo programático deste pontificado, o que é evidente na *Evangelii Gaudium*. O Evangelho aceito através da conversão pessoal permitirá à comunidade eclesial fazer a conversão pastoral das suas estruturas. Assim, o princípio da reforma está além da estética de templos ou mudanças de normas canônicas, e será a radical prática evangélica de tomar outro caminho.

1092 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 28.

1093 BALTHASAR, H. U. von, Sponsa Verbi, p. 5.

1094 BALTHASAR, H. U. von, Sponsa Verbi, p. 26.

1095 BALTHASAR, H. U. von, Church and World, p. 33.

1096 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creator, p. 189.

A transformação interior de cada batizado é o caminho inicial dos processos de *semper reformanda*, respondendo e dialogando com o significado de ser Igreja hoje. Por isso, reforça-se um dos passos, já trabalhado nesta tese: “uma instituição sinodal será aquela que escute na vida comunitária as páginas do Evangelho e proponha-se a um caminho para transformar-se em um sinal vivo do Reino”¹⁰⁹⁷. Esse passo será acompanhado dos princípios bergoglianos – o tempo superior ao espaço, a unidade prevalecendo sobre o conflito, a realidade sobre a ideia e o todo superior às partes¹⁰⁹⁸–, que estarão presentes neste momento histórico da Igreja “em saída”.

Esses princípios aplicados pelo papa Francisco propõem e possibilitam que a Igreja vá além de uma simples reforma, mas que seja um processo permanente de transformação eclesial. A sua abertura ao Espírito Santo e a escuta, tanto dentro como fora da Igreja, tornam-se outro passo no processo, pois detêm o clericalismo causador do desequilíbrio entre o poder institucional e o carisma evangélico.

O paradigma para percorrer-se e manter o significado evangélico da reforma transformadora requer atitude missionária nos programas pastorais, esses enrijecidos pela mentalidade secularizada de produzir efeitos ou manter a captação dos fiéis e recursos, deixando de lado a sua vocação missionária e conduzida pelo Espírito Santo. Trata-se de ser missionária, não de autopreservação, como é apresentado pelo papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade.¹⁰⁹⁹

É uma renovação eclesial inadiável e realizada no cotidiano das comunidades, com a sua presença em meio às casas, edifícios ou nos locais rurais, proporcionando o encontro de famílias e pessoas, assim fortalecendo as suas relações com vínculos. A fragmentação humana carece do forte anúncio da vida comunitária, que não está na busca de estruturas complicadas ou de grupos fechados de eleitos, e sim na proximidade geradora de escuta, partilha e comunhão.¹¹⁰⁰ A vivência da pequena comunidade que se reúne na riqueza de uma liturgia sem espetáculos,

1097 BORDIGNON-MEIRA, A. L., Procesos transformadores para una reforma eclesíastica.

1098 BORGHESI, M., O pensamento de Jorge Mario Bergoglio, p. 30.

1099 EG 27.

1100 EG 28.

mas marcada pela oração, encontro, escuta da Palavra, partilha entre o querigma e a vida, partir e comungar o pão eucarístico, alimentador do cotidiano, para estarem atuantes e em sintonia até o próximo encontro celebrativo da comunidade.

Esse processo renovador constata o ambiente urbano metropolitano e tecnológico, vendo-se a necessidade de sairmos das estruturas ultrapassadas, tanto na evangelização como no agir institucional.¹¹⁰¹ Torna-se necessária a conversão pastoral valorizar e realizar o processo participativo dos membros da comunidade¹¹⁰², tanto no espaço de discernimento como no de decisão. Já em 2007, os bispos do CELAM afirmaram: “nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as estruturas ultrapassadas, que já não favorecem a transmissão da fé”¹¹⁰³. Por isso, a bússola conciliar tem apontado o norte missionário: “a Igreja necessita perpetuamente desta reforma”¹¹⁰⁴ assumida, incentivada e construída continuamente pelo papa Francisco, que propõe processos criativos:

Embora estes processos sejam sempre lentos, às vezes o medo paralisa-nos demasiado. Se deixamos que as dúvidas e os medos sufoquem toda a ousadia, é possível que, em vez de sermos criativos, nos deixemos simplesmente ficar cómodos sem provocar qualquer avanço e, neste caso, não seremos participantes dos processos históricos com a nossa cooperação, mas simplesmente espectadores de uma estagnação estéril da Igreja.¹¹⁰⁵

Assumir esse itinerário reformador-transformador ainda carece da abertura e preparação de clérigos, juntamente com um laicato maduro para caminhar participando ativamente desta proposta. Nesse horizonte, a preocupação do papa Francisco está em se deixar guiar pelo Espírito Santo, como afirmou à Igreja italiana:

a reforma da Igreja – e a Igreja é semper reformanda – é alheia ao pelagianismo. Ela não se esgota em mais um plano para mudar as estruturas. Ao contrário, significa implantar-se e radicar-se em Cristo, deixando-se guiar pelo Espírito. Então, tudo será possível com gênio e criatividade.¹¹⁰⁶

O primeiro passo já foi dado pelo papa Francisco, ao propor a “saída” dos protocolos das estruturas papais – a sua residência e refeições comunitárias tornaram-se o lugar-símbolo para a direção a seguir, requerendo mudanças contínuas:

1101 CNBB 191.

1102 DAp 371.

1103 DAp 365.

1104 UR 6.

1105 EG 129.

1106 FRANCISCO, Encontro do com os representantes do V Congresso Nacional da Igreja Italiana.

*uma efetiva reforma do papado, um dos institutos fundamentais que pede igualmente para ser reformado é o Sínodo dos Bispos. Já a décadas se registra uma certa insatisfação, seja em relação à sua importância seja em ordem ao procedimento adotado. Francisco não deixou, desde o início do seu pontificado, de dizer expressamente que se trata de uma instituição fundamental que requer, porém, uma mudança.*¹¹⁰⁷

Esse diálogo das Igrejas locais com suas comunidades e as demais Igrejas permite criar os meios que a transformação eclesial necessita. Sempre aprofundando com paciência e clareza o frutífero dinamismo participativo, através do “sentido evangélico para a reforma da Igreja abrindo as possibilidades para um horizonte que tem os seus limites no espaço, mas oferece a perspectiva de ser entendido com paciência histórica”¹¹⁰⁸. Contudo, os processos transformadores em uma Igreja que sempre estará se reformando não serão fáceis, exigindo “parresia para lidar com o presente, sem descuidar da memória histórica e poder caminhar fazendo o futuro”¹¹⁰⁹.

Francisco prossegue insistindo para sermos abertos ao sopro do Espírito Santo, e não temermos os novos caminhos e suas surpresas. Essa postura garantirá que a partir das realidades existentes e diante da tentativa de ataques e divisões¹¹¹⁰, como as exposições egocêntricas¹¹¹¹, a Igreja “em saída” estará viva para enfrentar e superar os aprisionamentos de categorias humanas. Mesmo diante dessa complexidade, ousar novos caminhos e se inserir nesses processos:

*voltar e recuperar o frescor original do Evangelho, despontando novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre nova.*¹¹¹²

Novos métodos estarão na atuação das diversas comunidades eclesiais que fundamentam, impulsionam e fortalecem os membros da Igreja para decisões renovadoras. A construção da Igreja é ativa, sem cessar¹¹¹³, expressando a força do Espírito para que os engessamentos históricos e dogmáticos não impeçam as novas configurações eclesiais, colocando em práxis as palavras da reforma inadiável, presentes na *Evangelii Gaudium*: “conversão pastoral e missionária”¹¹¹⁴, “cons-

1107 REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 85.

1108 BORDIGNON-MEIRA, A. L., Procesos transformadores para una reforma eclesiástica.

1109 BORDIGNON-MEIRA, A. L., Procesos transformadores para una reforma eclesiástica.

1110 EG 98.

1111 EG 95.

1112 EG 11.

1113 MIRANDA, M. F., A Reforma de Francisco, p. 39.

1114 EG 25.

ciência esclarecida e operante (...) para renovação permanente da Igreja”¹¹¹⁵, “processo participativo”¹¹¹⁶, “processo de discernimento, purificação e reforma”¹¹¹⁷, “capacidade de diálogo com o mundo que renova a Igreja”¹¹¹⁸, “proximidade com a vida das pessoas”¹¹¹⁹ e a “renovação da Igreja a ter como alvo a missão”¹¹²⁰. Por isso, é “nesta dinâmica que podemos verdadeiramente compreender o significado da Igreja em Saída”¹¹²¹, sendo um horizonte a ser construindo e pensado a partir dos novos caminhos de ministerialidade e, ao mesmo tempo, oferecendo “mais eficaz participação de todos na obra da evangelização”¹¹²².

Escrevia Chenu no seu breve artigo sobre o sucessor do papa Paulo VI à revista Rocca: “seu sucessor deverá avançar com certa ousadia mais pela sensibilidade profética que pela análise conceitual ou burocrática”¹¹²³. Houve depois do Concílio um empenho na sua aplicação. Hoje, o papa Francisco avança mais radicalmente. Assim a reforma com transformação missionária, realizada pelo papa Francisco, faz avançar mais a proposta do Concílio Vaticano II no tempo presente. Concluía Chenu, no artigo, que se esperava que os papas, após o Concílio Vaticano II, caminhassem primeiro através do testemunho radical do Evangelho, ao invés do poder limitado do magistério.¹¹²⁴ Ele também propôs, como o destacado eclesiólogo do Concílio Yves Congar, que a iniciativa da renovação eclesial não provém da centralidade das decisões, e sim da periferia, não do alto, mas de baixo.¹¹²⁵ A Igreja “em saída”, no pontificado de Francisco, acontece na esperança depositada pelos bispos e teólogos do Concílio Vaticano II, ou seja, de uma Igreja comprometida com os desafios atuais da humanidade, ao mesmo tempo, destinada à transformação tanto eclesial como do mundo. Enfim, criar processos renovadores da *ecclesia semper reformanda* está em gerar continuamente a consciência transformadora da pastoral missionária e da própria instituição.

1115 EG 26

1116 EG 31.

1117 EG 30.

1118 EG 28.

1119 EG 28.

1120 EG 25.

1121 FRANCISCO, Carta ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé sobre o acesso das mulheres aos ministérios do Leitorado e do Acolitado.

1122 FRANCISCO, Carta ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé sobre o acesso das mulheres aos ministérios do Leitorado e do Acolitado.

1123 ESPINOSA, D., Francisco, Papa que soñò el concilio?

1124 ESPINOSA, D., Francisco, El Papa que soñò el concilio?

1125 MIRANDA, M. F., A Reforma de Francisco, p. 53.

O papa Francisco indica o início dos caminhos desses processos, oferecendo bases teológicas e pastorais seguras para se superar individualismos¹¹²⁶, pastores administradores¹¹²⁷, mundanismo espiritual¹¹²⁸, desânimos¹¹²⁹, pragmatismos¹¹³⁰, segurança doutrinal, clausura e narcisismo¹¹³¹, funcionalismo empresarial e fascínio pelo poder¹¹³², reuniões e discursos vazios¹¹³³, que desembocam no clericalismo¹¹³⁴ enfermo. Com esse diagnóstico feito e apresentado à Cúria Romana durante os votos natalinos de 2014, conjuntamente com o C9¹¹³⁵, vem apontando novos caminhos diante do martalismo, narcisismo, empedernimento espiritual e mental, planificação e funcionalismo, alzheimer espiritual, rivalidade e vanglória, esquizofrenia espiritual, bisbilhotices murmuradoras, divinização dos líderes, indiferentismos, cara fúnebre, acumulação, círculos fechados e o mundanismo exibicionista.¹¹³⁶ Mesmo que também se possam encontrar muitas pessoas no clero e entre os fiéis procurando realizar atividades boas, constata-se ao mesmo tempo a existência desses muitos problemas. Esses empecilhos destacados na *Evangelii Gaudium*, e ampliados na perspectiva curial, demonstram que a *reforma reformanda só será possível através dos membros vivos, sadios e participantes do corpo eclesial. Baseando-se nisso, Francisco incentivou as reformas. Ele enfatizou isso ao corpo diplomático junto à Santa Sé em 2021, diante da crise pandêmica da Covid-19:*

*Não é preciso ter medo das reformas, ainda que requeiram sacrifícios e, não raramente, uma mudança de mentalidade. Todo corpo vivo precisa continuamente de se renovar, colocando-se nessa perspectiva também as reformas em curso na Santa Sé e na Cúria Romana.*¹¹³⁷

Disto decorre que a reforma “em saída” não é uma ideologia, e sim uma mudança teológica e concreta:

1126 EG 78.

1127 EG 63.

1128 EG 93.

1129 EG 82.

1130 EG 83.

1131 EG 94.

1132 EG 95.

1133 EG 207.

1134 EG 102-104.

1135 Conselho inicialmente de 9 cardeais para estudarem e proporem processos renovadores da reforma curial de Roma.

1136 FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana em 22 de dezembro de 2014.

1137 FRANCISCO, Discurso aos membros do corpo diplomático junto da Santa Sé.

*para Francisco, a reforma se enraíza nesse esvaziamento de si, que ele reconhece em um dos trechos neotestamentários que ele mais ama e mais cita: Filipenses 2,6-11. Lá está a verdadeira reforma. Se não fosse assim, se ela fosse somente uma ideia, um projeto ideal, fruto dos próprios desejos, mesmo que bons, ela se tornaria mais uma ideologia de mudança.*¹¹³⁸

A abertura ao futuro e a reforma da Igreja não estão em projeto pré-fabricado, e sim no exercício de percursos eclesiais, a partir da constante dinâmica da inteligência da fé e sua conversão permanente. Isto foi evidenciado na sua experiência a partir de Aparecida:

*Trata-se do número 365, quando é solicitado ter a coragem de “abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favoreçam a transmissão da fé”. A isso, deu-se então o nome de “conversão pastoral”. Esta expressão dá título ao item 7.2 do Documento e é definida no número 370, quando se diz que ela, a conversão pastoral, exige que será “além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”.*¹¹³⁹

Vivemos o tempo de estimular o Povo de Deus a adentrar nesse processo renovador, fazendo a passagem do implícito para o explícito. O maior desafio está em se modificar o que ameaça a zona de conforto, até mesmo das suas mentes.¹¹⁴⁰ As maiores dificuldades estão em se desinstalar para ir às questões que exigem pensar, se posicionar e atuar sobre as migrações, crises culturais, ceticismos e fundamentalismos religiosos. Por isso, compreender as mudanças estará na nova postura da hierarquia, da pastoralidade, dos teólogos em entrarem no testemunho histórico que fará a Igreja renovada e transformada. A reforma é e será sempre inerente à vida da Igreja:

*reforma é algo inerente à Igreja, atitude de espírito (audição e docilidade ao Espírito) que se torna ação em cada tempo e lugar; fidelidade à própria tradição, entendida como o que é transmitido através do tempo, e que rejeita, por isso mesmo, toda forma de conservadorismo. Essa verdade teológica e histórica é hoje mais exigente para a Igreja, por estarmos em um mundo de mudanças velozes. A sintonia com a Igreja exige discernimento e coragem por parte da Igreja, para que possa responder, no ritmo da história rápida e não da história lenta do mundo pré-moderno, àquilo que a fé tem a fazer pelo ser humano.*¹¹⁴¹

Por isso, enfatizou ao cardeal Marx a coragem e ousadia para novas realidades:

Uma reforma, que – nesse caso – não consiste em palavras e sim em atitudes que tenham a coragem de se por em crise, de assumir a realidade seja qual for a sua consequência. E toda reforma começa por si mesmo. A reforma na Igreja tem feito homens e mulheres que

1138 SPADARO, A., O governo de Francisco.

1139 AMADO, J. P., O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja.

1140 MICKENS, R., A radical visão teológica do Papa Francisco.

1141 PASSOS, J. D., Uma reforma na Igreja, rumos e projetos, p. 99.

*não tiveram medo de entrar em crise e se deixar reformar por si mesmos pelo Senhor. É o único caminho, do contrário não seremos mais que “ideólogos de reformas” que não põe em jogo a própria carne.*¹¹⁴²

E nesse ponto Andrea Grillo aponta, através da questão litúrgica, que o papa Francisco e Hans Urs von Balthasar concordam e ampliam a necessidade teológica e pastoral dos caminhos renovadores do Concílio Vaticano II.¹¹⁴³ Os motivos da esperança da renovação transformadora começaram em nosso tempo com a recuperação da Igreja mais limpa, mais livre e mais evangélica, possibilitando que o direito e o eclesiástico coincidam com o Reino de Deus.¹¹⁴⁴ Por isso, “a reforma é profunda e vem lançada através de vários projetos pastorais que quebram esquemas”¹¹⁴⁵, pois a mudança dos instrumentos de participação e do governo da Igreja se torna o momento chave para se criar a continuidade e a sua transformação, sendo mais sinodal.

4.2.3 Frutificar e festejar com as pequenas comunidades

A força do Espírito Santo alimenta o projeto eclesiológico proposto pelo papa Francisco para conduzir a Igreja em constante saída missionária. Essa experiência pneumatológica-eclesiológica propõe o caminho a ser frutificado e festejado nas pequenas comunidades. Os seus vários escritos magisteriais desenvolvem os temas teológicos dessa proposta “em saída”, contudo o Espírito Santo é o Animador e o Explicador dos processos necessários. O paradigma da conversão missionária, somado à abertura ao Espírito Santo, permite que a sementeira da eclesiologia “em saída” fecunde a missão dos discípulos missionários.

As novas urgências globais desafiam toda Igreja em suas comunidades espalhadas pelo mundo a repensar uma nova pastoral. Entre os inúmeros desafios temos de cuidar das relações com a Casa Comum e repensar os laços de fraternidade solidária, indo ao encontro das grandes periferias urbanas e existenciais, como afirma Galli: “é um papa *glocal* que vive de maneira nova o ser bispo da cidade e pastor no mundo, que pensa a tensão bipolar entre globalização e localização (cf. EG 234), e que apresenta as novas provocações pastorais das culturas urbanas”¹¹⁴⁶.

1142 FRANCISCO, Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marx.

1143 GRILLO, A., Papa Francisco e Hans Urs Von Balthasar concordam.

1144 UGALDE, T. M., La verdad es libre, reflexiones para las homilías.

1145 RICCARDI, A., La Chiesa Brucia, p. 33.

1146 GALLI, C. M., La riforma missionária della chiesa secondo Francesco, p. 38.

Essas provocações se tornam possíveis pela dinâmica do Espírito Santo, que surpreende a Igreja com suas relações poliédricas, fazendo-a crescer na caridade e unidade de diversos carismas.

4.2.3.1 *Novas formae ecclesiae* “em saída” missionária conduzidas pelo Espírito Santo

A proposta eclesiológica e missionária “em saída” acontece pelo Espírito Santo quando Ele realiza a harmonia entre as diferenças, permitindo o novo surgir da superação das tensões e diferenças existentes. O Espírito Santo é vínculo entre a Trindade e a ação missionária da Igreja¹¹⁴⁷, integrando organicamente querigma, hierarquia e vida cristã, para ser sinal da comunhão.¹¹⁴⁸ Portanto, retomar urgente a missão do Cristo é se colocar pronta e aberta ao novo, mantendo a comunhão e a unidade através do Espírito.

O sopro do Espírito Santo no Vaticano II derrubou as muralhas que cercavam a Igreja em si mesma¹¹⁴⁹, e hoje volta a soprar para que ela possa sair e caminhar com a espiritualidade conciliar exigida na atualidade. O Espírito Santo é quem faz compreender os caminhos e a direção a ser tomada pela Igreja “em saída”, sempre disposta a *primeirar* sua missão profética. Podemos salientar o exemplo e a ousadia do papa Francisco, quando a exortação apostólica *Amoris Laetitia* (capítulo VIII) aponta novos paradigmas de família e, ainda, como acolher pastoralmente os divorciados. Para responder essa questão, ele traz a força questionadora do Espírito para a Igreja, propondo abrir as portas trancadas da Igreja às questões fechadas pela pastoral do medo e abrir espaços misericordiosamente, para se iniciar diálogo de discernimento sobre os desafios à sua frente.

Considerando o paralelo teológico e a prática pastoral, a proposta “em saída” avança em sua missão através da profunda abertura ao Espírito para nova eclesialidade:

*Francisco passa da Pneumatologia para a espiritualidade e da Eclesiologia para uma nova eclesialidade, um novo estilo de Igreja mais de acordo com o estilo de Jesus de Nazaré. Novamente aqui aparece com clareza que Francisco não exerce a cátedra magisterial ou magistral do professor acadêmico de teologia, mas a cátedra pastoral que busca o bem do povo de Deus, mais concretamente, a reforma das pessoas e das estruturas eclesiais.*¹¹⁵⁰

Outro aspecto da pneumatologia “em saída” está no conjunto da comunhão eclesial entre centro e periferia, promovendo o agir comunitário. As exi-

1147 EG 117.

1148 EG 38.

1149 MV 4.

1150 CODINA, V., Espírito Santo, p. 34.

gências atuais pedem “uma Igreja do Espírito, não opositora à Igreja institucional, mas impregnando todas as suas partes e estruturas com a força de Deus, com sua suavidade e imprevisibilidade, sem o peso da imposição, do rigorismo e da intransigência”¹¹⁵¹. O Espírito Santo e o Evangelho suscitam na vida da Igreja, como comunidade, a sua renovação, ou seja, trazem sempre o novo. Hoje a proposta de *primeirear* a saída missionária exige dela criatividade em receber e oferecer as novas formas ministeriais e pastorais, comunicando a alegria de viver comunitariamente o Evangelho.

A tentação das estruturas muito institucionalizadas, ou de certo modelo de paroquialização da Igreja, está na “domesticação do Espírito Santo”¹¹⁵². O papa, em sua homilia na Santa Marta, observou: “não fechar a Igreja ao Espírito Santo”¹¹⁵³. Congar tratou essa animação livre do Espírito na institucionalidade eclesial como o que a constitui¹¹⁵⁴, significando a vivência da convicção de que o abrir as portas da Igreja está em antes renovar-se interiormente para tal. “Em saída” é uma Igreja do Espírito que avança através dos seus constantes sopros, levando-a a novos lugares, que possam receber uma mensagem nova partindo do testemunho evangélico.

O testemunho evangélico terá sempre a questão: “a estrutura eclesial tem o dever de ser instrumento para o serviço que opera a comunhão do Espírito?”¹¹⁵⁵ Ao se comprometer com essa questão, torna-se a chave de abertura, com a qual a *Evangelii Gaudium* a convoca a unir-se na comunhão sem uniformização. A força criadora e constitutiva do Espírito reúne as várias comunidades missionárias espalhadas universalmente e unidas na mesma comunhão. Estar pronta para os improvisos do novo e corajosamente caminhar unida, sem esquemas programados, a fará responder concretamente aos anseios da humanidade e provocações do Espírito.

Os sujeitos eclesiais têm o desafio de propor e avançar no caminho que possibilite a Igreja e seus membros escutarem o Espírito frente aos sinais dos tempos. Isso exigirá tomar atitudes, que se referem a deixar a autorreferencialidade eclesiástica, a consciência isolada¹¹⁵⁶, egoísta¹¹⁵⁷, os próprios interesses¹¹⁵⁸ e

1151 NENTWIG, R., Questões em torno do poder sagrado na Igreja.

1152 KASPER, W.; SAUTER, G., *La Chiesa luogo dello Spirito*, p. 73.

1153 FRANCISCO, *Omèlie del mattino*, v.1, p. 104.

1154 CONGAR, Y., *O Espírito da vida*, p. 206.

1155 MELONE, M., *Lo Spirito e Il Vangelo*, p. 575.

1156 EG 2.

1157 EG 87.

1158 EG 2.

a espiritualidade mundana¹¹⁵⁹. A atualidade deste pontificado provoca constantemente clérigos e agentes pastorais a se abrirem às provocações do Espírito Santo, significando colocarem-se a caminho do dinamismo “em saída”. A nova capacidade de se abrir às oportunidades propostas reconhecerá o paradigma missionário operando a saída do estático para acompanhar as mudanças do mundo de forma ativa. Assim se faz mais próxima, atuante, descentrada e dialogante com todos e com as questões emergentes. Dessa maneira, o Espírito de Pentecostes possibilitou aos apóstolos saírem de si mesmos¹¹⁶⁰, e hoje dá o novo impulso para a saída missionária romper as portas que a fazem trancada.¹¹⁶¹

O paradigma da evangelização sob a luz do Espírito Santo acontece de forma nova¹¹⁶² e com uma proposta simples de estar próxima ao Evangelho¹¹⁶³, sempre pronta a dialogar sobre o novo a ser conhecido. Esse paradigma pneumatológico influencia os passos missionários às novas estruturas que precisarão ser desenvolvidas para dar a vida aos feridos.¹¹⁶⁴ O Espírito proporciona a saída missionária considerar a história como o amplo lugar teológico onde aconteceu a encarnação e o encontro pessoal com a Trindade.¹¹⁶⁵

A leitura dessa atuação missionária, conduzida pelo Espírito, é realizada na carne e na cruz das pessoas, nos lugares periféricos. Esta ação de comunicar o Evangelho construirá através do Espírito Santo a multiforme harmonia atraindo pequenos grupos e possibilitando também as relações civis e políticas.¹¹⁶⁶ Somente com uma nova mentalidade e participação ativa se dará a animação do Espírito, ressaltando a importância do contato com a missão, e não dos números de resultados.¹¹⁶⁷

Francisco valoriza a ação pneumatológica presente nas bases populares¹¹⁶⁸, nas quais ela enriquece a vida missionária da Igreja, e subestimá-la será ignorar o Espírito.¹¹⁶⁹ Portanto, a presença do Espírito suscita e possibilita a espiritualidade madura, apresentando o ideal evangélico na cultura e educação popular.

1159 EG 97.

1160 EG 259.

1161 EG 261.

1162 EG 11.

1163 EG 35.

1164 PELLETIER, A., Repensando a Igreja em muitas vozes.

1165 CASULA, L., Rostos, gestos e lugares, p. 81.

1166 FUMAGALLI, A., Caminhar no amor, p. 40.

1167 FRANCISCO, Homilia da Vigília Pascal de 2022.

1168 EG 121.

1169 EG 126.

A responsabilidade batismal tem continuidade no crescimento e na maturidade e busca os caminhos a seguir:

*Espiritualidade exigente que não aceita uma obediência infantil à autoridade nem submissão incondicional a princípios teóricos. Espiritualidade que deixa à pessoa a responsabilidade de buscar e achar continuamente a vontade de Deus ao longo de sua vida. Espiritualidade que supõe uma pessoa realmente madura e livre.*¹¹⁷⁰

Para examinar as condições de prosseguir a missão nas linhas evangélicas, será necessário continuamente realizar o discernimento, e não a doutrinação ou a imposição de cargas morais. As comunidades, como base missionária, atingidas pelo Espírito Santo contribuirão fecundamente para a concretização da *Missio Dei*. O impulso do Espírito Santo traçando as linhas dos processos no caminho da missão evangelizadora será robusto, mesmo frente aos desafios inéditos da modernidade.¹¹⁷¹

A missão do Espírito fará a Igreja se envolver nos contextos desafiadores da humanidade e os acompanhará com proximidade, visando frutificar e festejar a sua saída missionária. O adjetivo “comunitário” é que a identificará aberta à força e presença do Espírito na sua atuação, independentemente dos desafios ou conquistas. Assim como os teólogos conciliares propuseram, hoje também a saída missionária poderá recuperar melhor a intervenção do Espírito para vida eclesial.

“Em saída” missionária implica os cristãos caminharem segundo o Espírito Santo, ou seja, deixando-se guiar por Ele. Dessa maneira, o verbo será sempre no gerúndio ou plural – caminhando ou caminham, evocando a nós ou a um grupo, significando fortemente que é na comunidade a atuação do Espírito. Quando encontramos os seus pastores e membros caminhando juntos, a comunidade se constrói missionariamente, entusiasmada, alegre e superando as tentações da mesquinhez, preconceitos, hipocrisias, ressentimentos, rigidez, que desviam o caminho missionário do Espírito¹¹⁷²:

*O Espírito Santo, além de nos doar a mansidão convida-nos à solidariedade, a carregar os fardos dos outros. Quantos fardos há na vida de uma pessoa: a doença a falta de trabalho, a solidão, a dor... E quantas outras provas que exigem a proximidade e o amor dos irmãos!*¹¹⁷³

Caminhar segundo o Espírito é ter a doçura comunitária de ir ao encontro da fragilidade do outro, buscando superar os desencontros. Trata-se de mis-

1170 MIRANDA, M. F., Igreja Sinodal, p. 48.

1171 CODA, P., A Igreja é o Evangelho, p. 20.

1172 FRANCISCO, Catequese sobre a carta aos Gálatas.

1173 FRANCISCO, Catequese sobre a carta aos Gálatas.

são trazer os ensinamentos do Evangelho para superar os problemas que afligem o convívio humano e conseqüentemente impedem a fraternidade. Esse caminhar com o Espírito Santo possibilitará reconfigurar as comunidades missionárias no seu decorrer histórico:

*Além disso, como não só a ação do Espírito Santo, mas ainda a força da concupiscência está presente na comunidade eclesial muitas dessas configurações de cunho histórico refletem também esta realidade ambígua. Busca de prestígio, vontade de poder, necessidade de segurança, reconhecimento social, misturam as motivações propriamente religiosas e não são facilmente percebidas em um primeiro momento.*¹¹⁷⁴

A pneumatologia “em saída” diante da crise institucional vivenciada nas comunidades missionárias, nas famílias, nos grupos sociais, nas classes políticas e nas escolas suscita a ali testemunhar o novo do Espírito.¹¹⁷⁵ As práticas doutrinárias não trarão caminhos ou propostas que renovem ou contribuam para as respostas urgentes. Desse modo, a Igreja como povo de Deus e Templo do Espírito Santo necessita de “homens e mulheres movidos pelo Espírito de Deus e obedientes à pregação dos apóstolos, partilhando experiências, sentidos e práticas comuns”¹¹⁷⁶.

Esse pontificado propõe à Igreja pós-Conciliar se redescobrir na eclesiológia povo de Deus segundo o Espírito, e não se fixar numa visão eclesiológica jurídico-eclesiástica. Movidos e nutridos pneumatologicamente, as nossas relações serão questionadas e incomodados poderemos propor novos caminhos para um novo tempo da instituição eclesial. As estruturas da Igreja e a vida da comunidade se tornam simples e evangélicas, possibilitando a vocação de ser servidora. Assim seguindo, teremos o caminho segundo o Espírito Santo de uma nova *forma ecclesiae*, enfatizada pelo papa Francisco como início dos processos sinodais, sobre o sínodo da sinodalidade: “O Espírito pede para nos colocarmos à escuta das perguntas, preocupações, esperanças de cada Igreja, de cada povo e nação; e à escuta do mundo, dos desafios e das mudanças que ele nos coloca”¹¹⁷⁷.

O Espírito nunca deixa de despertar novas *formae ecclesiae*, para ousar novos caminhos e *insights*, que possibilitarão superar os obstáculos e os consumismos religiosos, ambos mecanismos farisaicos da instituição religiosa. Essa nova forma, segundo o Espírito, é a Igreja da Palavra que é necessariamente a do Espírito¹¹⁷⁸, e assim Eucarística, possibilitando o novo proceder e atuar através da comunhão dos cristãos (2Cor 13,13). Nessa perspectiva, von Balthasar contribui

1174 MIRANDA, M. F., Ecumenismo e instituição eclesial, p. 31-54.

1175 EG 124-130.

1176 MIRANDA, M. F., Ecumenismo e instituição eclesial, p. 31-54.

1177 FRANCISCO, Homilia de abertura do sínodo sobre a sinodalidade.

1178 BALTHASAR, H. U. von, Teologica 3, p. 360.

teologicamente para a Igreja sempre colocar-se aberta aos novos caminhos propostos pelo Espírito, e ao mesmo tempo renovando as suas estruturas. O Espírito, a partir do Evangelho, renova através do pequeno rebanho a concretude missionária da Igreja¹¹⁷⁹, elaborando o seu anúncio nele.

O Sopro missionário faz a *anima ecclesiastica* criar espaços essenciais do amor ilimitadamente abertos, pois “não se pode fechar a alma da *ecclesia morfe*.”¹¹⁸⁰ Ele possibilitará a maturidade e a consciência da Igreja, ao sair em missão e desenvolver-se com o seu núcleo, sendo ele o *sensus ecclesiae*. Sendo assim, o “Espírito Santo é a alma de uma Igreja que não se encarna em nenhuma instituição”¹¹⁸¹, abrindo caminhos diferentes e jovens nas estruturas.¹¹⁸² Caminhos esses repletos de permissão para o novo, e não ao fechamento com restrições, possibilitarão a visibilidade da Igreja.¹¹⁸³

“A Igreja tem que ir ao encontro dos homens”¹¹⁸⁴, pois a sua visibilidade é essencialmente vocacionada à missionariedade através do Espírito. O laicato, com a *epiclese*, torna-se maduro e prossegue essa transformação, sendo luz no mundo mediante a práxis do novo mandamento do amor. Com o apoio dado, suscitando a missionariedade do laicato, a Igreja possibilitará essa ida apostólica ao encontro da humanidade e, ao mesmo tempo, o seu movimento missionário conjunto.¹¹⁸⁵ Nessa perspectiva, von Balthasar chamou o Concílio Vaticano II de Concílio do Espírito¹¹⁸⁶, sendo sempre o motivador da missionariedade engajada da Igreja no mundo.

Von Balthasar, ao propor a “Igreja dos santos”, traz forte essa proposta do ministério pastoral e missionário ser concretamente a realização e existência eclesial¹¹⁸⁷, ou seja, institucionalmente se transformando em pura *communio sanctorum*.¹¹⁸⁸ A sua única “norma” será ser livre com o Espírito para a prática do Evangelho, tornando concreta a posição em favor do serviço evangélico. Dessa maneira, a *ecclesia-ancilla* tem a sua crítica missionária a partir da sua ação no

1179 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e istituzione, p. 21.

1180 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e istituzione, p. 68.

1181 BALTHASAR, H. U. von, El complejo antirromano, p. 73.

1182 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e istituzione, p. 37

1183 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e istituzione, p. 12.

1184 BALTHASAR, H. U. von, Puntos centrales de la fe, p. 88.

1185 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e istituzione, p. 94.

1186 BALTHASAR, H. U. von, Spirito e istituzione, p. 101.

1187 BALTHASAR, H. U. von, Spiritus Creato, p. 213.

1188 BALTHASAR, H. U. von, El Espíritu de la verdad, p. 307.

mundo consoante ou não às páginas do Evangelho.¹¹⁸⁹ Esse encontro acontece sempre de modo novo e disposto a escutar, possibilitando as primaveras missionárias, como afirmara o cardeal Suenens, “inclusive ali onde é ignorado”¹¹⁹⁰.

A expressão balthasariana “o Espírito Santo atua também fora da Igreja como explicador da verdade trinitária”¹¹⁹¹ torna-se a direção missionária em que ela é chamada a estar, partilhar e realizar. As características ímpares do Espírito Santo como livre, renovador, transformador e amor efusivo do Pai, lhe permitem ser o Explicador e o capacitador da atuação missionária da comunidade de fé. O Espírito Santo como epiclético faz com que a revelação não se conclua nunca¹¹⁹², possibilitando as surpresas missionárias e a necessidade constante do seu abaixamento kenótico, e o da Igreja.¹¹⁹³ O Espírito anima, inspira e fortalece kenoticamente a saída missionária da comunidade:

Esse itinerário nos revela também como atua o Espírito, sua quenose e, portanto, sua identidade. O Espírito se rebaixa, se esvazia, e como tal atua em Jesus levando-o a sua entrega por nós (Mt 8,17). Ao se mostrar intimamente unido ao destino de Jesus, o Espírito de Cristo.¹¹⁹⁴

Nessa perspectiva, o papa Francisco afirmou: “o Espírito Santo é o protagonista da missão da Igreja: é Ele quem guia o caminho dos evangelizadores, mostrando-lhes a vereda a seguir”¹¹⁹⁵. A pergunta da pneumatologia “em saída” é: escutamos o Espírito Santo?¹¹⁹⁶ Assim a resposta dessa pergunta nos direcionará aos caminhos missionários que a Igreja deverá seguir, por isso, diariamente essa deve ser a oração eclesial: se deixar transformar e se abrir a Ele.¹¹⁹⁷ Com efeito, é o Espírito Santo que dá vida aos passos “em saída” da Igreja e faz com que as oposições existentes entre seus membros possam dar lugar ao anúncio da Palavra de Deus para a transformação das relações humanas.¹¹⁹⁸ Essa unção, como afirmou o papa Francisco, quando bispo de Buenos Aires, é fundamental para se atuar missionariamente:

1189 BALTHASAR, H. U. von, SpiritusCreato, p. 230.

1190 CODINA, V., Não extingais o Espírito, p. 52.

1191 BALTHASAR, H. U. von., El Espíritu de la verdad, p. 22.

1192 BALTHASAR, H. U. von, El Espíritu de la verdad, p. 200.

1193 BALTHASAR, H. U. von, El Espíritu de la verdad, p. 201.

1194 MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p. 33.

1195 FRANCISCO, Audiência geral do Santo Padre no dia 30 de outubro de 2019.

1196 FRANCISCO, Audiência geral do Santo Padre no dia 8 de maio de 2013.;EG 14.

1197 FRANCISCO, Audiência geral do Santo Padre no dia 15 de maio de 2013.

1198 FRANCISCO, Audiência geral do Santo Padre no dia 22 de maio de 2013.

*Nossa Igreja em Buenos Aires está necessitada dessa audácia e fervor, que é obra do Espírito Santo, e que nos leva a anunciar, a gritar Jesus Cristo com toda a nossa vida. É necessária muita audácia e valentia para continuar caminhando hoje no meio de tanta perplexidade. (...) Audácia apostólica implicará busca, criatividade, navegar mar adentro!*¹¹⁹⁹

O Espírito Santo é o *primeiro* da Igreja que se põe “em saída”, pois “Ele, o Paráclito, é o protagonista supremo de cada iniciativa e manifestação de fé”¹²⁰⁰. Como o Explicador da saída missionária do Verbo e a da Igreja ao longo da história, hoje provoca todos a fazerem, pela mesma estrada da humildade, como afirmou o papa Francisco: “Deus, humilde, que se abaixa: veio para nós e se abaixa”¹²⁰¹. Assim, tem proposto de sairmos com o Espírito para que nos explique a possibilidade de trabalharmos novas formas eclesiais.¹²⁰² Contudo, como Francisco ainda ressalta na sua linguagem teológico-pastoral “em saída”, não se trata de um *replay* e sim de explicar o hoje como momento novo:

“Hoje”, no entanto, é a primeira palavra. Mas “o hoje” do que fala o Espírito Santo – explicou o Pontífice – é a nossa vida, é um hoje, como diz o mesmo Espírito, “cheio de dias”, mas é um “hoje”. É “um hoje depois do qual não terá replay, um amanhã: “hoje”. E se o pôr do sol será mais próximo ou distante, mais é hoje, um hoje escolhido por Deus, um hoje do qual recebemos o amor de Deus, a promessa de Deus de encontrá-lo, de estar com Ele; um hoje no qual todos os dias deste hoje possamos renovar a nossa aliança com fidelidade a Deus. Mas é então um “hoje”, porque “só existe um hoje somente em nossa vida”.¹²⁰³

A Igreja “em saída” vive um constante hoje com a presença do Espírito Santo recordando o caminho feito pelo Cristo e a humanidade, ao mesmo tempo, buscando respostas para construir o novo. A outra pergunta pneumatológica será: como viver hoje as iniciativas propostas pelo Espírito Santo para fecundar o amor transformador no mundo? A coragem para responder essa pergunta é de se fazer novas todas as coisas (Ap 21,5), estando na comunidade que se permite mover pelo Espírito Santo. Por isso, Francisco repete várias vezes à Igreja que “Deus sempre nos surpreende: O Deus das surpresas. E isto porque é um Deus vivo, é um Deus que habita em nós, um Deus que move o nosso coração, um Deus que está na Igreja e caminha conosco; e neste caminho nos surpreende sempre”¹²⁰⁴. Dessa maneira somos convidados e não ter medo de fazer os caminhos do Espírito:

1199 BERGOGLIO, J. M., O verdadeiro poder é o serviço, p. 33.

1200 FRANCISCO, Peço-vos que rezeis por mim, p. 15.

1201 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 1, p. 39.

1202 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 1, p. 43.

1203 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 9, p. 33.

1204 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 9, p. 206.

Não ter medo é pedir a graça da coragem, a coragem do Espírito; e ter a alegria é pedir o dom do Espírito Santo, também nos momentos mais difíceis, com aquela paz que o Senhor nos dá. (...) Na Igreja inteira, nas paróquias, em tantas comunidades cristãs, no entanto, existem comunidades medrosas, que sempre vão pela segurança: “não, não, não façamos isso... Não, não, isso não se pode”. Ao ponto que parece que tudo sobre o que é trazido entram escrito “proibido”: tudo é proibido por medo. (...) Porque a comunidade é doente: o medo adoce a comunidade; a falta de coragem adoce uma comunidade.¹²⁰⁵

Trata-se da elaboração missionária a partir da realidade, e não de metas a serem alcançadas. Assim, evita-se a eclesiologia não pneumática jurídica:

Uma eclesiologia não pneumática não pode pretender nem levar em conta a recepção, senão que se mantém puramente em termos jurídicos de autoridade e obediência, que, sem ser incorretos, são parciais e unilaterais e, com o tempo, contraproducentes se não ficam integradas em uma visão eclesiológica mais rica e plena. A partir de uma eclesiologia jurídicista e clerical, a falta de recepção é vista como desobediência e falta de comunhão. A não recepção, porém, não significa simplesmente rechaço. São Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, não aceitou a uniformidade da liturgia que Trento havia proposto e que ia contra a Tradição litúrgica própria da Igreja de Milão.¹²⁰⁶

A Igreja-comunidade fará o seu testemunho através da sua constituição em assembleia batismal, estando disposta à saída missionária. O Espírito Santo *primeira* epicleticamente a Igreja e o mundo, possibilitando-os serem transformados em dom de Amor. O papa Francisco, com a proposta da Igreja “em saída”, tem alertado à urgência da releitura da história à luz do Espírito Santo:

O Papa Francisco tem encantado a Igreja e mesmo a opinião pública em geral com sua firme e graciosa insistência sobre a necessidade urgente de a Igreja se empenhar em “sair” de si, em abrir-se à realidade plural do mundo nos campos da cultura, das mentalidades, do conhecimento das realidades e mais ainda desigualdades, exclusões e injustiças sociais, sempre em um esforço leal na busca do Deus vivo e verdadeiro.¹²⁰⁷

Portanto, a devoção do papa Francisco ao verbo sair está no dinamismo do Espírito Santo indicando aonde a Igreja deverá ir primeiro¹²⁰⁸, pois Ele nos encoraja a caminhar mesmo com as nossas limitações.¹²⁰⁹

1205 FRANCISCO, Omelie del mattino, v. 6, p. 65.

1206 CODINA, V., Não extingais o Espírito, p. 162.

1207 JOSAPHAT, C., O Espírito Santo no coração e na história do povo de Deus, p. 259.

1208 JOSAPHAT, C., O Espírito Santo no coração e na história do povo de Deus, p. 263.

1209 FRANCISCO, Audiência geral 10 de novembro de 2021.

4.2.3.2 A Igreja em pequenas comunidades missionárias indo ao encontro com cuidado de todos

O Espírito junto às comunidades missionárias as convoca a serem semeadoras de esperança. Por isso, a Igreja “em saída” provoca que “cada comunidade discernirá qual o caminho que o Senhor pede, mas todos somos convidados a aceitar este apelo: sair do próprio conforto e ter a coragem de chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”¹²¹⁰. Essa clareza teológico-pastoral evidente na proposta do papa Francisco renova a Igreja hoje, partindo da base de cada comunidade. O escopo é fazer a passagem da Igreja massificada, ou de atendimento personalista, para o convívio evangélico em pequenas comunidades do mundo urbanizado.

Como constatou o Documento de Aparecida, vivemos tempos em que as pequenas comunidades e as de base perderam sua força, mas possuem sempre a energia de reavivamento:

Puebla constatou que as pequenas comunidades, sobretudo eclesiais de base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos; no entanto, também constatou “que não tem faltado membros de comunidade ou comunidades inteiras que, atraídas por instituições puramente leigas ou radicalizadas ideologicamente, foram perdendo o sentido eclesial.”¹²¹¹

Assim, com respostas a cada tempo, as exigências da evangelização junto às comunidades eclesiais de base fazem surgir novas formas de pequenas comunidades¹²¹² como chave missionária da Igreja “em saída”. A atuação dessas pequenas comunidades fará alcançar os afastados do Evangelho¹²¹³ e os indiferentes aos valores humanizadores. Para tanto, implicará na renovação da pastoral de conservação, através da conversão pastoral¹²¹⁴: “teologicamente significam uma nova experiência eclesiológica, um renascer da própria Igreja e por isso uma ação do Espírito no horizonte das urgências de nosso tempo”¹²¹⁵.

O seminário “Perspectivas para as CEBs no pontificado do papa Francisco”, realizado em 2016 no Rio de Janeiro, trouxe amplitude ao que o Documento de Aparecida atualizou dos passos missionários. A cidade, com suas questões de

1210 EG 20.

1211 DAp 178.

1212 DAp 180.

1213 DAp 309.

1214 DAp 370-371.

1215 BOFF, L., *Eclesiogênese*, p. 14.

safiadoras, tornou-se o *locus* de discussão de teologia prática para atuação consistente das CEBs, necessitando novas formas de lideranças evangelizadoras através da política. Um exemplo para se pensar novas pequenas comunidades no mundo urbano, e poder entender como uma paroquialização que muitas vezes vai se tornando excessivamente vertical e burocrática¹²¹⁶ ou também satisfeita com certos ativismos de seus movimentos pode desconstruir a força de mais solidariedade e atuação comunitária, por estar ainda trazendo um modelo centralizador e massificador.

A Igreja “em saída” para as periferias da vida reacende a importância da fé para a capacidade de compreender os problemas do mundo em que vive.¹²¹⁷ Contudo, não se trata de revitalização de dimensões paroquiais que requerem territórios, e sim uma nova forma de ação transformadora com a eclesialidade dos laços comuns e do ecumenismo. As CEBs conjugadas com outras pequenas comunidades assinalam a dimensão ativa do laicato nas suas diversas maneiras de atuar, reunir e abrir novos espaços em grupos menores, que favoreçam essa nova forma de partilhar, alimentar-se e testemunhar a fé.¹²¹⁸ A paróquia poderia melhor ser uma comunidade de comunidades, e nesse sentido ser menos centrada em sua paroquialização.

A perspectiva da Igreja em comunidades menores permitirá que sejam mais coesas e propensas ao diálogo, conseqüentemente mais criativas e menos engessadas a procedimentos. Esses novos caminhos evitarão o perigo da categoria comercial. Ao contrário, construirão na sociedade, responsavelmente, o testemunho da fé pelo desenvolvimento solidário.¹²¹⁹ A sua preocupação será as questões latentes, as crises existentes, como, por exemplo, a migração, e não as questões corporativas e clericais. O seu futuro é sempre aberto e a partir da sua experiência missionária nas regiões periféricas, pois lá estão os problemas reais e os que os sofrem.

A iniciativa comunitária periférica e os seus percursos tornam-se pauta da escuta da missão evangelizadora, pois a criatividade da sobrevivência diante dos abandonos possibilitará a Igreja aprender com os novos caminhos que urge. Os seus sujeitos eclesiais caminham por estradas concretas e têm encontros concretos com os esquecidos, valorizando e respeitando a liberdade humana. Um outro exemplo é a diferença entre a leitura orante comunitária da Palavra em pequenas comunidades periféricas e a missa de igrejas basílicas, onde olhos, ou-

1216 DUMAIS, M.; RICHARD, J., *Église et communauté*, p. 7.

1217 RICCARDI, A., *Periferias*, p. 40.

1218 CNBB, *Comunidade de Comunidades*, 154.

1219 RICCARDI, A., *La Chiesa Brucia*, p. 143.

vidos, mentes e pés são distintos, portanto experiências humanas e espirituais divergentes, mesmo quando proclamada e feita a mesma leitura.

A experiência histórica das CEBs e da pastoral dos *villeros* possibilita pensar os avanços e rever os retrocessos, como o perigo de paroquialização mais fechada, que impede as comunidades de serem missionárias. “Em saída” reúne todos, venham eles com suas histórias de testemunhos, fracassos ou sonhos:

*Aos olhos do mundo, a cruz é um fracasso. E também nós corremos o risco de nos deter neste primeiro olhar superficial, de não aceitar a lógica da cruz; não aceitar que Deus nos salve, deixando que se desencadeie sobre Ele o mal do mundo. Não aceitar senão em palavras do Deus frágil e crucificado, para depois sonhar com um deus forte e triunfante. É uma grande tentação. Quantas vezes aspiramos um cristianismo de vencedores, a um cristianismo triunfalista, que tenha relevância e importância, receba glória e honra. Mas um cristianismo sem cruz é mundano, e torna-se estéril.*¹²²⁰

Essa proposta é a concretude de sermos hoje uma Igreja diferente, com as suas comunidades sem pretensão do sucesso ou do templo lotado, ao contrário, e sim em direção e envolvida com os que são descartados pela religiosidade política triunfalista. A dimensão da sua “*kenosis* eclesial” acontece conforme as exigências missionárias de estar ao lado dos desfavorecidos e fracassados. O Evangelho anuncia suas exigências com atitudes, gestos, palavras e um novo projeto, que fascina até hoje renovando a proposta comunitária.¹²²¹ Como consequência, o projeto paróquia urge deixar a passagem de nomenclatura e estilo como ponto de partida da vida comunitária, realizar seu caminho de mudanças com profundas transformações.

A renovação da práxis conjugada com a experiência comunitária será o *lócus* para se compreender o *primeiro* kenótico da Igreja “em saída”:

*As experiências comunitárias evangelizadoras de que o Senhor tomou a iniciativa, precederam-na no amor (cf. 1Jo 4,10), e por isso sabe dar o primeiro passo, sabe tomar a iniciativa sem medo, sair ao encontro, procurar os que estão longe e chegar a uma encruzilhada para convidar os excluídos. Ele experimenta um desejo inesgotável de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e seu poder difusor. Ousemos um pouco mais para tomar a iniciativa!*¹²²²

Esse horizonte presente na *Evangelii Gaudium* é itinerário da evangelização “em saída”, apontando a necessidade da verificação da vida paroquial, pois se ela não for comunitária e evangélica na sua vivência e práxis pastoral, não será missionária. Assim cabem os passos corajosos e ousados para ir

1220 FRANCISCO, Divina Liturgia Bizantina de São João Crisóstomo presidida pelo Santo Padre em 14 de setembro de 2021 na Eslováquia.

1221 MICHONNEAU, Paroisse communauté missionnaire, p. 51-64.

1222 EG 24.

em direção ao desafio da fé de consumo e o clericalismo paroquial, se colocando em processos novos e dignos de fé no futuro, evitando os caminhos enrijecidos da fé descompromissada com o Evangelho:

*O Evangelho se expressa em um estilo de cuidado, alegria, beleza, sobriedade que facilmente reconhecemos e que questiona as pessoas sobre a sua fé. Mas não raramente as atividades paroquiais respondem principalmente a critérios não evangélicos, como por exemplo, a mera agregação, o prestígio da comunidade ou dos indivíduos, as estruturas a serem mantidas, a ilusão de uma sacramentalização de massa como antídoto para a secularização, as atividades tradicionais (catequese ou devoção) a serem mantidas...*¹²²³

As novas lideranças suscitarão comunidades missionárias à luz do seu tempo e serão constituídas ministerialmente e com a iniciação bíblica. O Espírito conduzindo os membros da comunidade à luz da Palavra os levará ao exercício do serviço da comunhão e orientação pastoral, sem a redução e centralização de poderes. Os dons e carismas dos seus membros serão os anticorpos para não se tornarem lideranças clericais ou clericalizadoras, e oxalá nova oportunidade para escolha de seus ministros ordenados. O presbítero deverá ser e promover lideranças da comunidade missionária, favorecendo a transparência e novas alternativas de vivências eclesiais.

Trata-se de deixar os mitos paroquiais e ativar os processos transformadores em longo prazo ou graduais, contudo e incisivos. Assim, caminharemos para um catolicismo pós-paroquializado, no sentido de menos centrado em sua administração e mais focado na vida cotidiana das pessoas, prevalecendo a missão da Igreja-comunidade. As novas perspectivas urbanas provocam esse caminho e o convite kenótico de renunciar à onipresença territorial com “uma proximidade sadia em vez de uma confusão de ambientes”¹²²⁴.

A teologia “em saída” *primeireia* novos caminhos pastorais e missionários transformando as mentes. Dessa maneira, a proposta é as pequenas comunidades organizarem-se para não serem absorvidas por práticas e questões institucionais, e sempre reacenderem as cinzas das brasas presentes nas suas bases. Essa perspectiva afirmada e questionada por muitos é, contudo, sinal visível da “Igreja rede-de-comunidades-de-base que configura uma alternativa de organização e de poder, um verdadeiro projeto popular de Igreja”¹²²⁵.

O projeto popular de Igreja sempre possibilitará a primavera eclesial. Necessitará fazer passagens – do poder de estruturas para a vida de comunidade; do religioso para o evangélico, da pastoral e missão interna para o externo na vida;

1223 RINALDI, F.; SEGhedoni, I., O que o Espírito diz às paróquias.

1224 EBERTZ, M. Um catolicismo pós-paroquial.

1225 BOFF, L., *Eclesiogênese*, p. 230.

do cumprir legalista para a sinodalidade construída; do clericalismo para a comunhão batismal; da organização pastoral complexa para a forma simples de ser e atuar; e da verticalidade para a proximidade.

O novo modo de configurar não é uma tendência, e sim sua abertura à escuta do Espírito nos nossos tempos, alicerçada na base cristã que é a comunidade como chave missionária. Esse novo proceder fará a Igreja se descobrir como materna e misericordiosa, como afirma o papa Francisco:

Quero lembrar que “pastoral” nada mais é que o exercício da maternidade da Igreja. Ela gera, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, poucas possibilidades temos hoje de inserir-nos em um mundo de “feridos”, que têm a necessidade de compreensão, de perdão, de amor.¹²²⁶

A partir da carta aos Gálatas, o papa Francisco valorizou as experiências vividas nas comunidades de base, tanto no continente latino-americano como também nos países secularizados.¹²²⁷ As pequenas comunidades missionárias se tornam a oportunidade nessa mudança de época de uma pastoral “em saída” promover a revitalização da vida paroquial, construindo o caminho inverso: da paróquia para a desparóquia, no sentido comentado acima.

As pastorais das pequenas comunidades as farão mais missionárias e comprometidas com as transformações eclesiais e sociais, ou seja, uma pastoral em chave missionária. Este processo em constante “em saída” reacende as propostas surgidas após o Concílio, engavetadas ou ignoradas por muito tempo. Contudo, a Igreja “em saída” propõe e aponta para desengavetar sua proposta, que sempre será terreno fecundo para o Espírito Santo, em qualquer tempo da história. Como recentemente se fez na Conferência de Aparecida, a proposta da paróquia como comunidade de comunidades.¹²²⁸

Uma leitura e indicação da pastoral-missionária seria o pároco deixar a sua posição única para incluir e atribuir a todos os membros capacitados da comunidade as questões ministeriais e administrativas. Sendo testemunha de serviço, e ao transmitir com o cheiro das ovelhas a práxis evangélica, possibilitaria que o lugar da paróquia não fosse a igreja principal, e sim as várias pequenas comunidades na comunhão. Essa proposta possibilitará “a comunidade tornar-se sujeito na evangelização e não apenas objeto, em que um líder descarrega sua fala sobre o evangelho ou noutro assunto qualquer de cunho religioso”¹²²⁹.

1226 FRANCISCO, Pronunciamentos no Brasil, p. 54.

1227 FRANCISCO, Audiência geral 23 de junho de 2021.

1228 DAp 172-171.

1229 BASSINI, P. F., Paróquia, rede de comunidades.

Nesta proposta, von Balthasar destaca que a vocação eclesial está na força testemunhal dos pequenos grupos missionários, agindo na transformação do mundo¹²³⁰: “as comunidades menores podem ouvir um chamado mais reduzido (...) mais íntimos e mais pessoais”¹²³¹. Essa vocação originária da constituição do povo de Deus mantém o juramento de fidelidade na convivência através do amor (Dt 7,6-8).

A vocação comunitária da Igreja se configura como servidora da humanidade, e não uma empresa com assalariados prestando serviços religiosos com caráter mundano.¹²³² A presença de pequenas comunidades missionárias permitirá que a mensagem cristã faça a passagem da esterilidade para o princípio da fecundidade fraterna e solidária. O local a se dirigirem é o “periférico considerado como novo centro”¹²³³. Von Balthasar destaca que nesses lugares periféricos a comunidade cristã poderá estar comprometida com as pessoas e suas causas reais. Assim sendo, o centro da Igreja com seu empenho no mundo será nos lugares periféricos.¹²³⁴

Von Balthasar prossegue contribuindo teologicamente para uma pastoral missionária capaz de se abrir ao mundo na medida em que a comunidade aprofunda e vivência em sua mística bíblica.¹²³⁵ Este aprofundamento garantirá e se renovarão nos diversos períodos históricos, formando novas comunidades que respondam de forma evangélica e concreta às exigências de seu tempo.¹²³⁶ Para valorizar esse espírito de obediência à Palavra e para o testemunho da vida através da pobreza, von Balthasar valorizou estar missionariamente com a Comunidade do Discípulo Amado, atuando para preparar um laicato mais vivo e presente na sociedade.¹²³⁷

A proposta balthasariana contribui ao desenvolvimento teológico, buscando trazer a força do amor trinitário como atuação da missão da Igreja, através das suas comunidades presentes na sociedade, validando comunitariamente essa fé como no exemplo do círculo de Bensberg:

Edificar a Igreja de um consenso mínimo dos grupos de base, sem esperar em princípio nada de Roma, e tão pouco, provavelmente, de nenhuma instituição. Estas comunidades abertas estimuladas a congregar-se em “comunidade de cooperação” para formar uma “Igreja aberta”, correndo também o risco de caos.¹²³⁸

1230 AG 6.

1231 BALTHASAR, H. U. von, Estados de vida del cristiano, p. 308.

1232 BALTHASAR, H. U. von, Estados de vida del cristiano, p. 316.

1233 BALTHASAR, H. U. von, Quién es um cristiano, p. 137.

1234 HENRICI, p., Primo sguardo du Hans Urs von Balthasar, p. 74.

1235 BALTHASAR, H. U. von, My work in retrospect, p. 63-64.

1236 BALTHASAR, H. U. von, My work in retrospect, p. 95.

1237 BALTHASAR, H. U. von, OurTask, p. 142-144.

1238 BALTHASAR, H. U. von, Complejo antirromano, p. 125.

Com suas perspectivas e críticas conjugadas, von Balthasar teológica e pastoralmente trouxe a sua contribuição a partir do escopo comunitário, pois na pequena comunidade de base reúne-se, celebra-se e testemunha-se a fé, como ele afirmou:

em uma pequena comunidade de base com que celebro a Eucaristia, posso ter, dizem, uma ideia de que a Eucaristia celebrada domesticamente reporta a dos primeiros cristãos como experiência de Igreja: uma ideia de comunhão no Cristo e no Espírito Santo.¹²³⁹

Elas se tornarão pneumáticas e desenvolvendo continuamente a doutrina do Evangelho, e não massificadora:

É certo que a Igreja não pode ser uma massa, não é menos certo que é comunidade inclusiva com precedência sobre os indivíduos: em uma responsabilidade comum, eclesial, os cristãos se encontram também na aliança com seus irmãos para construir um mundo humano, corpóreo, para todos. Devemos nos acostumar ao conceito de uma responsabilidade coletiva, que, certamente, só pode integrar-se partindo do livre compromisso das pessoas, mas que é algo diverso de uma mera proposta em jogo com consciências solitárias.¹²⁴⁰

A razão de ser da comunidade estará na consciência de pertença, consequentemente mais missionária desenvolvendo concretamente a espiritualidade do Evangelho, que é transformadora das realidades desumanizadas. Trata-se de a Igreja “em saída” optar pela comunidade, como um forte indicador de proximidade e retornar às fontes primitivas da configuração doméstica:

Não se pode pretender que a “Igreja doméstica” seja evangelizada com uma pastoral de massa, com uma dinâmica de megatemplos, de grandes aglomerações, mas através da formação de pequeninas comunidades, com círculos bíblicos e pequenos grupos de reflexão, partilha, ação e celebração.¹²⁴¹

As comunidades “em saída” são aquelas que renovam a sua mentalidade, através da evangelização comprometida com o contato e a proximidade, e não com a massificação. Esse processo é artesanal e se constrói através do contato, sendo cada encontro comunitário imbuído da Palavra de Deus, e com a partilha de todos. A emergência de ser uma nova forma de Igreja para moldes contemporâneos se torna o desafio no século atual, conforme foram as comunidades primitivas, as das catacumbas e as CEBs.

Hoje promover o modelo de comunidades de comunidades será a missão de promover a responsabilidade dos batizados, sendo a Igreja mais simples e mais pobre, destarte mais testemunhal e capaz de dialogar com o mundo. Se os tempos

1239 BALTHASAR, H. U. von, Complejo antirromano, p. 304.

1240 BALTHASAR, H. U. von., Los cristianos desconcertados, p. 120.

1241 GUIMARÃES, E.; SBARDELOTO, M., Igreja doméstica e em saída digital, p. 16.

atuais carecem da compaixão e do cuidado, as comunidades colocando-se “em saída” poderão prestar o serviço evangélico diretamente com os feridos, ao mesmo tempo que provocarão atitudes de desconforto político, eclesial e social para a transformação das estruturas. A vitalidade da vida da comunidade constrói células vivas para a renovação eclesial e da sociedade:

São comunidades de oração que irradiam espiritualidade. São pequenos oásis nos quais se partilha uma oração intensa e se constrói a comunhão fraterna dia após dia. Trata-se de células vitais, não apenas para o tecido da Igreja, mas para a própria sociedade. Pensemos, por exemplo, no papel que o monaquismo desempenhou no nascimento e no crescimento da civilização europeia, e também noutras culturas. Rezar e trabalhar em comunidade faz progredir o mundo. É um motor.¹²⁴²

A oração da vida comunitária com pequenos grupos à luz da Palavra é o alimento para projeto eclesial missionário transformador, sem ativismos pastorais. Seus caminhos “em saída” serão caminhos concretos e irradiação de novas formas de responder aos desafios presentes em seu tempo. Contudo, isso não significa substituir nenhuma proposta anterior, e sim adotar a proposta de autoavaliar e repensar o projeto de Jesus no momento histórico que a comunidade está vivendo. Nesse contexto, podemos pensar que a Igreja saia das igrejas para novas relações:

Uma “Igreja em saída” é, de fato, uma Igreja que sai para “fazer a Igreja” nos lugares da vida. É uma Igreja que já não pretende mais organizar as formas do anúncio e da pastoral simplesmente criando ocasiões – todas a serem realizadas no edifício eclesial – em que convida os outros, mas se movimenta procurando criar “redes de relações” entre as pessoas. É uma igreja, portanto, que procura gerar experiências de amizade, de oração comum e de partilha de bens, saindo de si mesma e “descentralizando-se”, isto é, tentando reativar aquelas “pequenas aldeias” de relação humana que hoje estão se perdendo.¹²⁴³

Assim, será exigido das comunidades eclesiais mudanças diante de contextos históricos como os novos *insights*, para não deformar a si mesma e nem o seu anúncio.¹²⁴⁴Essa opção missionária estará na centralidade de quaisquer caminhos existentes na vida da Igreja, como expressou em entrevista o próprio Francisco:

A missão, a “a Igreja em saída” não são um programa, uma intenção para ser realizada por boa vontade. É Cristo que faz a Igreja sair de si mesma. Na missão de anunciar o Evangelho, você se move porque o Espírito Santo empurra você, e o leva. E quando você chega, dá-se conta de que Ele chegou antes e está esperando você. O Espírito do Senhor chegou antes. Ele previne, também para preparar o seu caminho e já está em ação.¹²⁴⁵

1242 FRANCISCO, Audiência geral 14 de abril de 2021.

1243 CONSENTINO, F. Uma Igreja que sai das igrejas.

1244 MIRANDA, M. F. Ecumenismo e instituição eclesial.

1245 VALENTE, G., O Papa e a missão.

Como afirma o papa, a Igreja “em saída” não é um slogan, e sim o cumprir do mandamento missionário de Jesus:

“Igreja ‘em saída’ não é uma expressão da moda que inventei”, explica o Papa Francisco. “É o mandamento de Jesus, que no Evangelho de Marcos pede aos seus seguidores para ir por todo o mundo e pregar o Evangelho ‘a toda criatura’. A Igreja está em saída ou não é Igreja.”¹²⁴⁶

Exemplifiquemos a aplicabilidade desse imperativo missionário como a ida do papa Francisco a Lampedusa ou a países de minoria católica. Nesses lugares, ele não repete a ida papal de sempre, protocolar, e de animar multidões. Ao contrário, anima pequenas comunidades católicas a dialogarem indo ao universo dos encarnados, dos que estão à sua volta com os seus sofrimentos, concentrando naquilo que é essencial para a dignidade humana. Assim, essas comunidades tornam-se totalmente evangelizadoras e corajosas na sua forma de anunciarem o Evangelho, ao mesmo tempo, confirmadas na unidade eclesial. A pastoral missionária fica evidenciada em ser “pastoral de periferias” para estar sempre pronta a semear o Reino e pacientemente envolvida em esperar os seus frutos.

Nesse processo histórico e missionário da Igreja, o papa Francisco *primeira* convidando todas as comunidades a saírem do medo de serem pequenas, com poucas forças, para tornarem-se um sinal eloquente do Evangelho. A atitude de vencer o desânimo e a tentação da lamentação farão abraçar todos os pequenos ao seu redor, como fez o Cristo:

Ser minoria – e no mundo inteiro, a Igreja é minoria – não quer dizer ser insignificante, mas percorrer o caminho aberto pelo Senhor, que é o da pequenez, da kenosis, da humilhação, da condescendência, da synkatábasis de Deus em Jesus Cristo. Desceu até Se esconder nos sulcos da humanidade e nas chagas da nossa carne. (...) Ajudemo-nos reciprocamente a renovar a confiança na ação de Deus e a não perder o entusiasmo do serviço. Coragem, avante por esta senda da humildade, da pequenez!¹²⁴⁷

A Igreja, com suas pequenas comunidades, caminhando pacientemente, não é estática, ao contrário, está em constante movimento e aberta ao Espírito Santo para o diálogo com as diferentes visões e sensibilidades, valorizando a escuta em direção à fraternidade universal. Diante de um cristianismo institucionalizado e fragmentado em grupos dispersos, muitas vezes fechado em suas práticas religiosas e em ritualismos, ou no anonimato, abrem-se possibilidades novas para ter uma prática religiosa mais aberta, com celebração de ritos que valorizem mais o caráter epiclético da igreja pneumatológica. Em uma nova forma de viver,

¹²⁴⁶ CERNUZIO, S. Francisco e a missão.

¹²⁴⁷ FRANCISCO, Discurso do Papa Francisco aos bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, seminaristas e catequistas em Atenas em 4 dezembro de 2021.

“em saída”, pode haver um avanço missionário para construir fraternidade na descoberta da Palavra e da comunhão.¹²⁴⁸

O programático da Igreja “em saída” será a transformação missionária de si mesma, *primeirando* a cada encontro kenótico no *locus* das encruzilhadas. Assim, abaixa-se e encurta quaisquer distâncias entre a comunidade de fé e a sociedade doente e ferida pelos valores contrários ao amor da Trindade. Não podemos nunca permitir que nos roubem o Evangelho¹²⁴⁹ e nem a comunidade¹²⁵⁰, mesmo diante da crise do compromisso comunitário¹²⁵¹, pois ela é local de amor.¹²⁵² Deverá ser uma Igreja paciente para incentivar as futuras gerações a anunciarem o Evangelho com proximidade, permitindo o caminho e as decisões a partir de baixo, ou seja, caminhando na mesma estrada por “uma ‘Igreja diferente’, aberta ao novo que Deus lhe fizer surgir”¹²⁵³.

1248 RAMIREZ, N. G., *Comunidad eclesial*, p. 31.

1249 EG 97.

1250 EG 92.

1251 EG 106.

1252 EG 161.

1253 FRANCISCO, *Discurso do início do percurso sinodal em 9 de outubro de 2021*.

5 Conclusão

O caminho percorrido nesta tese nos leva a verificar a importância da Igreja “em saída”, a *primeirar* a sua “*kenosis* eclesial”, indo ao encontro de todas as periferias reais e existenciais da humanidade. O resultado desta pesquisa possibilitaria inúmeras aberturas e potenciais eclesiais, missionários e pastorais, proporcionando novos processos para a sua renovação seguindo a luz dos sinais dos tempos. O serviço da Igreja pode inclinar-se diante das diversas situações impostas desde as misérias humanas, como também das questões climáticas, relacionais, econômicas e sociais, abrindo-se a vários tipos de pesquisas a partir do diálogo com as diversas esferas acadêmicas, pastorais e atuantes na Casa Comum.

Isso se observa quando a teologia leva em conta principalmente a experiência do Cristo servidor, quando se abaixou com a bacia do lava-pés e deixou o seu exemplo como iniciativa da Igreja se antecipar no mundo, mostrando o caminho a trilhar e o serviço a desempenhar. Esta é característica ímpar da Igreja “em saída” proposta pelo papa Francisco, que também utiliza as implicações trinitária, kenótica e eclesial da teologia de von Balthasar, resultando em mais força comunitária e realizando com alegria e renovação a sua missão no mundo. A predisposição em sair de si mesma e criar novos processos kenóticos possibilitará que se ilumine para caminhos criativos e ousados, com a participação e a comunhão de todos os seus membros. O protagonismo do laicato convertido e amadurecido e, ao mesmo tempo, do clero convertido e amadurecido, portanto, superado todo clericalismo, possibilitará aplicar os conceitos fundamentais da Igreja “em saída” e sua teologia kenótica para a *reforma reformandis*.

Nesse sentido, a provocação da hipótese levantada foi pensar a teologia presente na Igreja “em saída”, proposta no pontificado de Francisco, com as inspirações da teologia kenótica de von Balthasar. Assim, foi possível perguntar: como a Igreja instituição irá ao encontro da realidade presente considerando os sinais dos tempos? Como o povo de Deus no seu *sensus fidei* poderá optar por ser Igreja pobre e dos pobres? Os princípios do papa Francisco a provocam a sair de si mesma e ir ao encontro, com suas realidades poliédricas? Ela colabora para um diálogo entre as religiões e as pessoas de boa vontade? Essas questões presentes nesta hipótese levam-na a ser enriquecidas pela “*kenosis* eclesial” trabalhada por von Balthasar em sua vasta obra, partindo da *Missio Dei* e eclesiologicamente questionando a presença do *Pneuma*. Assim, valorizam-se as pequenas comunidades como dinâmica irreversível do Concílio Vaticano II, sendo o seu *locus* para a realização da proximidade, unidade e serviço, com aplicação dessa teologia “em saída”.

As implicações presentes tanto no pensamento do papa Francisco como também no de von Balthasar sinalizam para uma proposta de Igreja sempre pronta a se abaixar e a percorrer novos caminhos. Esses novos processos tornam-se dinâmicos e oferecem uma pastoral misericordiosa. As novas formas da vida eclesial imbuídas do envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar cada ação eclesial proporcionarão melhores condições à práxis sinodal nas diversas esferas.

Essas indagações, oriundas da hipótese levantada acima, possibilitam profundamente a reflexão teológica da renovação da Igreja através do inclinar-se como Deus Trindade fez na sua *kenosis*, desafiando a Igreja para a sua conversão pessoal, comunitária, pastoral e missionária. O cenário vislumbrado remete a um quadro presente numa igreja em *Basel*, na Suíça. Nele aparecia um ser humano ferido pelas misérias do pecado, e as Pessoas da Trindade agindo para amparar o ser humano caído, lavando os seus pés e o envolvendo no amor absoluto. Esta é a foto que clarifica o objetivo de a Igreja estar no mundo como sinal do amor da Trindade, sempre pronta a sair, se arriscando e se envolvendo com a humanidade.

Este testemunho impele a Igreja a caminhar pastoralmente à frente, no meio e no fim, propiciando estar em constante diálogo com as questões emergentes da sociedade, as quais ferem a dignidade do amor criador. A *Evangelii Gaudium*, escrita pelo papa Francisco, traz esse percurso marcado por linhas teológico-pastorais presentes no Concílio Vaticano II. Essas também provocaram o teólogo suíço antes, durante e após o Concílio, levando-o a ser visto como polêmico em uma época e conservador em outra. Contudo, a sua pastoral e vida acadêmica continuam a refletir sobre novos protagonismos inspirados no amor absoluto da Trindade, que se doa e convida a comunidade de fé a experimentar e viver esse amor sem reserva. Aliás, esta pesquisa teológica encontrou várias chaves de leitura do Concílio Vaticano II frequentemente presentes tanto na teologia “em saída” do papa Francisco como já insinuadas na teologia de von Balthasar. Retomar essas chaves de leitura presentes na *Evangelii Gaudium* e em von Balthasar ajudam em novas perspectivas para se pensar esses caminhos de contribuição teológica no serviço missionário da Igreja hoje.

Inicialmente, importa-nos percorrer a convicção com a qual a dinâmica do Concílio Vaticano II abriu caminhos irreversíveis, e hoje propõe a Igreja sair e *primeirar* sua atuação no mundo. A necessidade desse caminho está na fidelidade do papa Francisco em prosseguir nos passos do Concílio e propor a medicina da misericórdia às demandas pastorais e humanas existentes. “Em saída” a fará dialogar “na” e “com” a humanidade, colocando-se no mesmo horizonte de todas as religiões e convicções humanas, participando constantemente dos avanços e enfrentando os entraves da história. A iniciativa missionária enfrentará desafios

institucionais cristalizados, como o clericalismo – tanto dos ministros ordenados como do laicato. Assim, a eclesiologia do povo de Deus aplicada e vivida pelo papa Francisco, como na teologia do povo, se faz possível realizar unindo poliedricamente de forma sinodal as culturas e comunidades, numa linha adequada para a proposta do Evangelho.

A Igreja “em saída” será como as flores e os frutos das sementes lançadas pelo *aggiornamento* do Concílio, e será capaz também de produzir as suas sementes e frutos novos. Ela resgata o sentido de sempre ser renovadora e sinodalmente construir o significado deste modo de proceder. A resposta pastoral será de buscar novos caminhos para continuar a levar o bálsamo da misericórdia aos caídos e feridos no mundo. Nesta nova fase eclesial, iniciam-se processos comunitários, sendo esses mais importantes do que ocupar espaços de poder.

O paradigma está em sair dos decretos e decisões burocráticas, para a Igreja no futuro ser próxima com a vivacidade das suas pequenas comunidades a *primeirearem* a missão. As atitudes desse paradigma conduzirão às realidades de fronteiras humanas, ou seja, onde se fizer necessária a sua presença para semear o novo gerador de fraternidade e solidariedade. Ela orientará ir às periferias e não ficar no centro, como autorreferencialidade, mas criando a cultura do encontro com processos de transformação e participação.

A aproximação com o cotidiano da vida das pessoas será a iniciativa kenótica, principalmente diante das questões geradoras do descarte humano e ambiental. A eclesiologia do povo santo fiel possibilita recuperar a descentralização, consistindo em estar presente para escutar as realidades com seus desafios e possíveis soluções. Essa descentralização proporciona a capacidade do *sensus fidei* de discernir à luz da verdade evangélica, superando os devocionismos aprisionadores da passividade missionária. O povo de Deus desenvolve a sua iniciativa pastoral suscitando as comunidades a serem protagonistas pelo seu batismo.

As características da Igreja “em saída”, somadas à fundamentação conciliar, trazem uma contribuição ao progredir apostólico com a assistência do Espírito Santo no *locus* missionário. Esta contribuição seria acrescida dos princípios bergoglianos para, com a ousadia e a coragem teológico-pastorais, desinstalar a Igreja, ao mesmo tempo, renovando-a e convidando-a para um novo estilo implicado na simplicidade e conversão diária. Essa necessidade de nova consciência pastoral diante do mundo atual avançará e superará o narcisismo eclesiológico “da última palavra”. Ela deverá *primeirear* novos processos, e fazer um caminho aberto nas discussões e decisões, com a permanente escuta, gerando um atualizado modo de proceder para pensar, gerir e agir.

Os quatro princípios – o tempo superior ao espaço; a unidade prevalece ao conflito; a realidade é superior à ideia; e o todo superior à parte – iniciam os

processos renovadores “em saída” sem resultados imediatistas, porém alicerçados no desenvolvimento eclesial, pastoral e missionário fecundo. A valorização da convivência humana representada no poliedro possibilitará o diálogo maduro *ad intra* e *ad extra*, permitindo superar os muros das diferenças e construir as pontes da unidade. O percurso realizado pacientemente criará o consenso superador das tensões e motivador da coerência evangélica, como também de relevância antropológica e mudanças necessárias.

Abrir processos e não oferecer respostas prontas aos conflitos ideológicos com as comunidades evangelizadoras será o programa missionário “em saída”. Este será construído pelo testemunho da Igreja pobre e com os pobres, manifestando publicamente o seu compromisso concreto. A sua inserção periférica possibilitará constantemente promover os pobres como protagonistas das mudanças sociais, políticas e religiosas, de sistemas que impedem os seus caminhos de libertação. O profetismo da Igreja será comprometido com a humanização das situações marcadas pelas estruturas injustas do poder, gerador da economia que mata.

Os pobres, como sujeitos eclesiais, poderão marcar a mudança na globalização da indiferença, causadora do descarte em larga escala e do empobrecimento da população. Estes mostram a necessidade do despojamento eclesial com as suas estruturas de poder contratestando a opção evangélica da encarnação, principal doutrina cristã. Assim, o diálogo garantirá a construção da cultura do encontro com os pobres da terra que sofrem na Casa Comum com a ausência dos 3 “Ts” (terra, trabalho e teto). A ferramenta do diálogo construirá a agenda missionária da Igreja presente nos diversos campos da solidariedade humana, carente de testemunhos e impulsos transformadores da realidade, possibilitando a saída do escritório e da sacristia para a teologia pastoral, buscando soluções juntas para as situações de conflitos humanos.

Convém salientar que as implicações teológicas do pensamento do teólogo da *kenosis* propõem a Igreja prosseguir com liberdade e responsabilidade de acordo com a Trindade, atuando no palco da história. No teatro do mundo, o envolvimento da Trindade suscita o processo do se abaixar, renunciar, aniquilar a si mesmo, de humilhação, esvaziamento para descer até o ser humano propondo abrir novos caminhos de horizontes livres (Fl 2,1-6). Essa convivência de alteridade, comunhão e solidariedade a exemplo das relações trinitárias poderá criar a “*kenosis* eclesial”. Com o desenvolvimento dessa teologia, novos passos serão possíveis para conhecer Deus nas relações com os mais enfraquecidos e violentados da sociedade, pois Ele não se faz distante das relações do mundo.

A *kenosis* própria da Trindade coloca para a Igreja (chamada *kenosis* imprópria) repensar e provocar a transformação no amor, sem adocicar a sua mis-

são. A *Missio Dei* é o inclinar-se do próprio Deus para a sua Criação, demonstrando que o amor é paciente e tudo espera, expressando a esperança da fraternidade e convivência social solidária. Assim, o prosseguimento deste amor kenótico pela Igreja só acontece pelas sementes do Espírito Santo, significando o seu ser misericordioso atuando no mundo. A partir dos modelos eclesiológicos missionários propostos pelo Evangelho, von Balthasar apresenta as características da Igreja aberta às surpresas do Espírito. Do mesmo modo, o papa Francisco tem insistido nas surpresas do Espírito.

O modelo mariano traz a característica da feminilidade envolvendo a Igreja, visando a maternidade capaz de fazê-la próxima e fecundar novos membros. Esses membros viverão a unidade apostólica no ministério petrino, testemunhado no serviço desinteressado e desburocratizado, em retorno à essência evangélica, com a parresia da missão paulina. A Igreja se levantará da mesa para o lava-pés e se colocará na práxis do amor, tornando-se comunidade do discípulo amado pronta e livre para amar. Tais modelos conjugados possibilitam compreendê-la como servidora e pronta para assumir a concretude das exigências do amor.

O amor e a sua criatividade a fazem se antecipar missionariamente com a ânfora da misericórdia, se abaixando para o lava-pés, servindo com a dinâmica da “*kenosis* eclesial” como modelo. Essa dimensão da *kenosis* divina provoca a “*kenosis* eclesial” no cristianismo, possibilitando pensar e experienciar o amor encarnado, que dignifica, aproxima e transforma as relações humanas. Dessa maneira, von Balthasar destaca, na sua teologia kenótica, a necessidade de a Igreja superar o hiato entre quem é e como é sua missão, superando os obstáculos do antitreino e mundanismos.

Von Balthasar, no seu caminho teológico com a *kenosis* a partir da Trindade, levanta as questões das dramáticas existentes na Igreja, quando ela se fecha impedindo a força do *Pneuma*. O *Pneuma* do Cristo a renova, a faz sair dos seus fechamentos e procedimentos institucionais, evitando os perigos clericais, e possibilita a construção eclesial através da vida comunitária. Outra contribuição teológica é a de responder e promover o protagonismo do laicato maduro à luz do Espírito. O sacerdócio dos fiéis poderá permitir a ela ultrapassar as suas muralhas, através da presença das pequenas comunidades. A pequena comunidade de base constituirá a força missionária da Igreja-comunidade, possibilitando a convivência de portas abertas para acolher e integrar a fraternidade humana.

*Primeir*ear a Igreja “em saída” com as inspirações teológicas de von Balthasar possibilitará a descoberta do movimento kenótico, presente na EG 24. O progredir dos conceitos teológicos conciliares ressaltados nesta tese proporciona verificar um novo caminho teológico e pastoral, através da “*kenosis* eclesial”, e

também para novas pesquisas, ampliação de discussão, reflexão e possibilidades. Uma nova forma é propor uma Igreja diferente para prosseguir seu o caminho, iniciado pelo sopro de Pentecostes. A *kenosis* como *primeirear* a saída missionária acontece no seu abaixar-se eclesial, provocando o movimento de mudanças. No quarto capítulo, propusemos pensar aplicação teológica da *kenosis* com os seus novos horizontes, para evitar adoecimentos e possibilitar escolhas salutares.

As características da nova configuração eclesial da Igreja, no seu futuro, a levarão ao exercício da maternidade sadia, construindo a cultura do encontro através da “pastoral da orelha”, sabendo escutar para *primeirear*. Essas desencadearão continuamente processos que a tornarão próxima das realidades humanas, marcadas por dores ou alegrias, oriundas das suas escolhas. Von Balthasar, ao apresentar a teologia da “*kenosis* imprópria”, serve a esta tese para desenvolver mais os fundamentos para pensar caminhos “em saída”. A *kenosis* trinitária e os modelos eclesiológicos de von Balthasar contribuíram repensar a Igreja conciliar, deixando abertos novos horizontes a serem fecundados.

A Igreja “em saída” continua a caminhar e a responder as indagações à luz dos sinais dos tempos, *primeireando* e se descentralizando, e romperá com a “eclesiastilização” enrijecida da sua estrutura, sendo questionada teologicamente para uma pastoral missionária. Essa pastoralidade missionária conciliar será a proposta “em saída”, com as novas mudanças existentes nos costumes, horários, estilos e linguagens.

O modo de proceder será envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar a vida da Igreja como comunidade *primeiredora* na sua própria renovação, contribuindo para as transformações emergentes e necessárias à humanidade. Por isso, uma teologia feita “de joelhos” sabe abaixar-se e ajoelhar-se para com paciência histórica antecipar-se, e ao mesmo tempo, dialogar com as diversas religiões, culturas e pensamentos das realidades humanas. As contribuições dos princípios mariano, joanino e petrino-paulino de von Balthasar permitem compreender que a proximidade eclesiológica cria novos *insights*, fazendo sua missão e pastoral mais evangélicas e de comunhão com as diferenças.

A diversidade eclesial e humana poderá sempre dialogar para favorecer a integração e o desenvolvimento da Casa Comum, mantendo a direção profética da justiça divina atuando com a justiça humana, através da misericórdia. O Deus kenótico interpela a prática da compaixão e o uso do remédio da misericórdia, provocando o comprometimento nas relações humanas carentes de transformações.

A ousadia somada com a capacidade da escuta fará viscerar a misericórdia acontecendo de maneira sinodal. Esta maneira de procedimento eclesial abrirá a construção das decisões dentro do tempo e espaço das bases. Elas, exercendo o

seu *sensus fidei*, possibilitarão construir poliedricamente, com os princípios bergoglianos, uma renovação urgente e necessária no seu modo de proceder. A forma orgânica da sua atuação é a base da eclesiogênese “em saída”, que cria novas comunidades impelidas pelo Espírito Santo.

Novas comunidades sob as luzes do Espírito sempre serão a renovação inadiável da Igreja para anunciar com alegria, criatividade, dinamismo e coragem o Evangelho. O seu caminhar será, segundo o Espírito, a possibilidade do novo, diferentemente de mero replay ou novidades efêmeras, construindo com a humanidade as aberturas e respostas diante das novas situações. “Desparoquializar” sem medos e rompimentos, construindo a fraternidade nas bases comunitárias possibilitando sonhar e caminhar juntos, em direção de uma Igreja diferente e um mundo novo possível. O incentivo de formação e apoio para pequenas comunidades certamente auxiliariam na formação de outros tipos de paróquia entendidas mais como comunidade de comunidades.

Portanto, nesta tese, pensar a Igreja “em saída” com as implicações da teologia da *kenosis* abriu e possibilitou repensar muitos aspectos da necessidade de renovação das suas estruturas e suas práticas. A sua organização pastoral e missionária se tornará menos complexa e mais evangélica, exemplificada e realizada na eclesiologia da vivência de suas bases comunitárias. Concluímos que a sua pastoral será ir ao encontro do que lhe é, hoje, periférico, sendo capaz de dialogar sempre, com cada um que encontrar no seu caminho, sendo uma Igreja diferente que saiba *primeirar*.

6 Referências bibliográficas

ALMEIDA, J. A. Aggiornamento. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Eds.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 8-11.

AQUINO JÚNIOR, F. Evangelização e promoção humana. **Teocomunicação**. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/31227>>. v.48, n.1, jan/jun p. 33-47, 2018. Acesso em: 23 nov 2020.

AMADO, J. P. O Documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja. **Atualidade Teológica**, v. 22, n. 52, p. 65-90, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=32907&NrSecao=X2>. Acesso em: 28 ago de 2021.

ANDRADE, P. F. C. A dimensão social da Evangelii Gaudium. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.) **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2017.

AURÉLIO, M. **A Igreja do Papa Francisco, à luz do Vaticano II**. Aparecida: Santuário, 2016.

AZEVEDO, W. F. O Papa nomeia sete mulheres de uma só vez para formarem parte do Dicastério da Vida Religiosa. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590699-o-papa-nomeia-sete-mulheres-de-uma-so-vez-para-formarem-parte-do-dicasterio-da-vida-religiosa>>. Acesso em: 4 nov 2021.

BALTHASAR, H. U. von. **Word and Revelation – Essays in Theology 1**. New York: Hender and Hender, 1964.

BALTHASAR, H. U. von. **Quattro meditazioni**. Milano: Litterae Communions, 1984.

BALTHASAR, H. U. von. **Word and Redemption – Essays in Theology 2**. New York: Hender and Hender, 1965.

BALTHASAR, H. U. von. **El problema de Dios en el hombre actual**. Ediciones Castilla: Madrid, 1966.

BALTHASAR, H. U. von. **Church and World**. New York: Herder and Herder, 1967.

BALTHASAR, H. U. von. **Parole et Mystère chez Origène**. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1957.

BALTHASAR, H. U. von. **¿Por qué soy todavía Cristiano? Por qué permanezco en la Iglesia**. Salamanca: Sígueme, 1975.

BALTHASAR, H. U. von. **Phénoménologie de la vérité**. Paris: Beauchesne et ses Fils, 1952.

BALTHASAR, H. U. von. **Apocalips de San Juan**. Madrid: San Juan, 2009.

BALTHASAR, H. U. von. **Cordula ovverosia il caso serio**. Brescia: Queriniana, 2010.

BALTHASAR, H. U. von. **Engagement with God**. San Francisco: Ignatius, 1971.

BALTHASAR, H. U. von. **Mysterium Paschale**. San Francisco: Ignatius, 2004.

BALTHASAR, H. U. von. **El cristianismo es un don**. Madrid: Ediciones Paulinas, 1971.

BALTHASAR, H. U. von. **El complejo antirromano**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1981.

BALTHASAR, H. U. von. **Origen: Spirit and Fire**. Washington: The Catholic University of America, 1984.

BALTHASAR, H. U. von. **Si no hacéis como este niño**. Barcelona: Herder, 1989.

BALTHASAR, H. U. von. **The Theology of Karl Barth**. San Francisco: Ignatius, 1992.

BALTHASAR, H. U. von. **No coração do mundo**. Porto: Tavares Martins, 1959.

BALTHASAR, H. U. von. **Puntos Centrales de la Fé**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985.

BALTHASAR, H. U. von. **Católico: aspectos del misterio.** Madrid: Encuentro, 1988.

BALTHASAR, H. U. von. **Via Crucis.** Madrid: Encuentro, 1988.

BALTHASAR, H. U. von. **El todo en el Fragmento.** Madrid: Encuentro, 1990.

BALTHASAR, H. U. von. **Meditaciones sobre el credo apostolico.** Salamanca: Sígueme, 1991.

BALTHASAR, H. U. von. **Estados de vida del cristiano.** Madrid: Encuentros, 1994.

BALTHASAR, H. U. von. **¿Quién es un cristiano?** Madrid: Quadarrama, 1996.

BALTHASAR, H. U. von. **Life out of death: meditations on the Paschal Mystery.** San Francisco: Ignatius, 1997.

BALTHASAR, H. U. von. **My work in retrospect.** San Francisco: Ignatius, 1993.

BALTHASAR, H. U. von. **The Theology of History.** San Francisco: Ignatius, 1993.

BALTHASAR, H. U. von. **Love alone is credible.** San Francisco: Ignatius, 1994.

BALTHASAR, H. U. von. **La mia opera ed epilogo.** Milano: Jaca Book, 1994.

BALTHASAR, H. U. von. **Razing the bastions.** San Francisco: Ignatius, 1994.

BALTHASAR, H. U. von. **Luz de la Palabra: comentarios a las leituras dominicales.** Madrid: Encuentro, 1994.

BALTHASAR, H. U. von. **Meditar cristianamente.** Madrid: San Juan, 1985.

BALTHASAR, H. U. von. Prolegomena. In: BALTHASAR, H. U. von. **Theo-Dramatica: Theological Dramatic Theory.** San Francisco: Ignatius, 1998. v.I.

BALTHASAR, H. U. von. Dramatis Personae Man in God. In: BALTHASAR, H. U. von. **Theo-Dramatica: Theological Dramatic Theory**. San Francisco: Ignatius, 1998. v. II.

BALTHASAR, H. U. von. Dramatis Personae in Christ. In: BALTHASAR, H. U. von. **Theo-Dramatica: Theological Dramatic Theory**. San Francisco: Ignatius, 1998. v. III.

BALTHASAR, H. U. von. The Action. In: BALTHASAR, H. U. von. **Theo-Dramatica: Theological Dramatic Theory**. San Francisco: Ignatius, 1998. v. IV.

BALTHASAR, H. U. von. The Last Act. In: BALTHASAR, H. U. von. **Theo-Dramatica: Theological Dramatic Theory**. San Francisco: Ignatius, 1998. v.V.

BALTHASAR, H. U. von. **Dare We Hope: That all Men Be Saved?** San Francisco: Ignatius, 2014.

BALTHASAR, H. U. von. **Tú tienes palabras de vida eterna**. Madrid: Encuentros, 1998.

BALTHASAR, H. U. von. The Freedom of the subject. **Cross Currente**, v. 12, p. 13-30, 1962. Disponível em: <<http://eds.a.ebscohost.com/eds/viewarticle/render?data=dGJyMPPp44rp2%2fdV0%2bnjisfk5Ie46bR-Jr6u0Ua6k63nn5Kx94um%2bSbClsFGtqK5KrpavUq6ruEuvs5lpOrweezp-33vy3%2b2G59q7Sa6tskuvq7NLspzxeKzslDfq>

%2b5Nureq%2bp4EWyrLFIq9fkeq%2bj40iurLdRr6rfeeOqvovj6fGB7eTrf%2fCqrki2nOp57N27iPKj4Iqk2uBV49rxet%2fppIzf3btZzJzfhrvb4ovg1%2fFGsbnDXrG6w1yk3O2K69fyVeTr6oTy2%2faM&vid=1&sid=48a52ffe-b13b-4630-afb1-e0069914aae4@sessionmgr4008>. Acesso em: 4 nov 2021.

BALTHASAR, H. U. von. **Approches Christologiques. Veritati - Repositório Institucional**. 2014. Disponível em: <<http://eds.a.ebscohost.com/eds/viewarticle/render?data=dGJyMPPp44rp2%2fdV0%2bnjisfk5Ie46bR-Jr6u0Ua6k63nn5Kx94um%2bSbClsFGtqK5KrpavUq6ruEuvs5lpOrweezp-33vy3%2b2G59q7SbWvtVCwrLVPsZzxgeKz5E3frt9qrTbLYtkWy2LFNq9fjTb-Gjr02wruRM36axTbLavovj6fGB7eTrf%2fCqrki1nOp57N27iPKj4Iqk2uBV49rxixuHXpIzf3btZzJzfhrvo4Xnf5qx77eOsbchGrHnw6ud76tusUK%2bspH7t6O->

t58rPkjeri8n326gAA&vid=0&sid=f5a6c19d-54b8-4b35-ae53-1528f4a0354d@sessionmgr4007>. Acesso em: 3 jan 2021.

BALTHASAR, H. U. von. A Theology of Evangelical Counsels. **Panderbom**, n. 3, p. 325-337, 1966. Disponível em: <<http://eds.a.ebscohost.com/eds/viewarticle/render?data=dGJyMPPp44rp2%2fdV0%2bnjisfk5Ie46bR-Jr6u0Ua6k63nn5Kx94um%2bSbClsFGtqK5KrpavUq6ruEuvs5lpOrweezp-33vy3%2b2G59q7Ra%2bor0uurK5LtKeki%2bfau3vfp%2bFKtduxReLbsEur-quF54KO2eeKoq0rguFR4Kq2feCntIjx2uFF9KPxffHp63%2fwprE%2b6tfsf-7vm8kXg6KR84LPwfuac8nnls79mpNfsVb%2fKylmupq5Jsq0TLCspH7t6O-t58rPkjeri8n326gAA&vid=0&sid=ca1c27e3-de23-4cab-8ad2-2b8c9b48eb19@sdv-v-sessmgr03>>. Acesso em: 10jan 2021.

BALTHASAR, H. U. von. Las ausências de Jesús. **Geist und Leben**, n. 44, p. 329-335, 1971. Disponível em: <https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol18/71/071_balthasar.pdf>. Acesso em: 5 jul de 2021.

BALTHASAR, H. U. von. Der Glaube der Armen. **Tünbiger Theologische Quartalschrift**, n. 147, p. 329-335, 1967.

BALTHASAR, H. U. von. Teología y espiritualidad. **Gregorianum**, n.50, p. 571-586, 1969. Disponível em: <https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol18/71/071_balthasar.pdf>. Acesso em: 5 jul 2021.

BALTHASAR, H. U. von. El mensaje apostólico y hombre actual. **Word und Wahrheit**, n.16, p. 9-15, 1961. Disponível em: <https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol18/71/071_balthasar.pdf>. Acesso em: 5 jul 2021.

BALTHASAR, H. U. von. Ministerio y Existencia. **Communio**, n. 1, p. 289-297, 1972. Disponível em: <<http://www.revistacommunio.com/>>. Acesso em: 5 jul 2021.

BALTHASAR, H. U. von. Meditación como traición. **Geist und Leben**, n.50, p. 260-269, 1977. Disponível em: <https://seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol18/71/071_balthasar.pdf>. Acesso em: 2 set 2021.

BALTHASAR, H. U. von. **A Los Creyentes desconcertados**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.

BALTHASAR, H. U. von. La percepción de la forma. In: BALTHASAR, H. U. von. **Glória**. Madrid: Encuentros, 2000. v. I.

BALTHASAR, H. U. von. Estilos eclesiásticos. In: BALTHASAR, H. U. von, **Glória**. Madrid: Encuentros, 2000. v. II.

BALTHASAR, H. U. von. Estilos laicales. In: BALTHASAR, H. U. von, **Glória**. Madrid: Encuentros, 2000. v. III.

BALTHASAR, H. U. von. Metafísica. Edad Antigua. In: BALTHASAR, H. U. von, **Glória**. Madrid: Encuentros, 2000. v. IV.

BALTHASAR, H. U. von. Antiguo Testamento. In: BALTHASAR, H. U. von, **Glória**. Madrid: Encuentros, 2000. v. V.

BALTHASAR, H. U. von. Nuevo Testamento. In: BALTHASAR, H. U. von, **Glória**. Madrid: Encuentros, 2000. v. VI.

BALTHASAR, H. U. von. Verdad del mundo. In: BALTHASAR, H. U. von, **Teológica**. Madrid: Encuentros, 2000. v. I.

BALTHASAR, H. U. von. Verdad de Dios. In: BALTHASAR, H. U. von, **Teológica**. Madrid: Encuentros, 2000. v. II.

BALTHASAR, H. U. von. El Espíritu de la verdad. In: BALTHASAR, H. U. von, **Teológica**. Madrid: Encuentros, 2000. v. III.

BALTHASAR, H. U. von. **Con Occhi Semplici**. Roma: Herder-Morcelliana, 1970.

BALTHASAR, H. U. von. **Comento: Lasciatevi muovere dallo Spirito**. Brescia: Queriniana, 1986.

BALTHASAR, H. U. von. **La prière contemplative**. San Francisco: Parole et Silence, 2002.

BALTHASAR, H. U. von. **The Theology of Karl Barth**. San Francisco: Ignatius, 2002.

BALTHASAR, H. U. von. **Bernanos: an Ecclesial Existence**. San Francisco: Ignatius, 1996.

BALTHASAR, H. U. von. **Our task**. San Francisco: Ignatius, 2004.

BALTHASAR, H. U. von. **Mysterium Paschale: The Mystery of Easter**. San Francisco: Ignatius, 2005.

BALTHASAR, H. U. von. **Sponsa Verbi**. Brescia: Morcelliana, 2005.

BALTHASAR, H. U. von. **Spiritus Creator**. Brescia: Morcelliana, 2005.

BALTHASAR, H. U. von. **Verbum Caro**. Brescia: Morcelliana, 2005.

BALTHASAR, H. U. von. **Spirito e Istituzione**. Brescia: Morcelliana, 2005.

BALTHASAR, H. U. von. **Cristianesimo e religioni universali**. Monteferrato Casale: Piemme, 1987.

BALTHASAR, H. U. von. **I novissimi nella Teologia contemporanea**. Brescia: Queriniana, 1967.

BALTHASAR, H. U. von. **Points de repère**. Paris: Fayard, 1971.

BALTHASAR, H. U. von. **A verdade é sinfônica: Aspectos do pluralismo cristão**. São Paulo: Paulus, 2016.

BALTHASAR, H. U. von. **Vida a partir da morte**. São Paulo: Paulus, 2017.

BALTHASAR, H. U. von. **Maria para hoje**. São Paulo: Paulus, 2017.

BALTHASAR, H. U. von. **Venite e vendrete: meditazione sulla vita di Gesù**. Roma: Salesiano, 2019.

BARREIRO, A. **A Igreja, povo santo e pecador; estudo sobre a dimensão eclesial da fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja**. São Paulo: Loyola, 2001.

- BASÍLIO MAGNO. **Tratado sobre o Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BASSINI, O. F. Paróquia, rede de comunidades. **Vida Pastoral**. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/parouquia-rede-de-comunidades/>>. Acesso em: 25 de mai 2020.
- BERGOGLIO, J. M. **O verdadeiro poder é o serviço**. São Paulo: Ave Maria, 2013.
- BERGOGLIO, J.M.; SKORKA, A. **Sobre o céu e a terra**. São Paulo: Schwarcz, 2013.
- BERGOGLIO, J.M.; **Noi come cittadini, noi come popolo**. Milano: Jaca Book, 2014.
- BERNAL, S. Vangelo e cultura di mercato per una fede umanizzante. In: YÁÑEZ, H. M. (Org.) **Evangelii Gaudium Il texto ci interroga: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive**. Roma, Gregorian / Biblical Press, 2014. p. 209-220.
- BESSEN, J. A. Evangelii Gaudium, Lumen Fidei: A Alegria do Evangelho é a Luz da Fé. **Encontros Teológicos**, v. 29, n. 1, p. 151-171, 2014. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/download/129/120>>. Acesso em: 23 nov 2020.
- BÍBLIA de Jerusalém. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BINGEMER, M. C. L. Esperança de futuro para a Igreja. In PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (Orgs.). **Francisco: Renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 238-250.
- BOFF, L. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. São Paulo: Record, 2008.
- BORDIGNON-MEIRA, A. L. Procesos transformadores para una reforma eclesiástica. **Religión Digital**. Disponível em: <<https://www.religiondigital.org/>> Acesso em: 12 set 2021.
- BORGHESI, M. **O pensamento de Jorge Mario Bergoglio: os desafios da Igreja no mundo contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2012.

BORRAS, A. Sinodalità ecclesiale, processi partecipativi e modalità decisionali. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 207-231.

BRIGHENTI, A. Documento de Aparecida: o “texto original” e o “texto oficial” e o Papa Francisco. **Pistis & Praxis**, v. 8, n. 3, p. 1-27, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1318>>. Acesso em: 20 mai 2020.

BROER, I. Eudoxia. In. BALZ, H.; SCHNEIDER, G. Dicionário exegético Del Nuevo Testamento. Salamanca: Sígueme, 1998. p. 1446-1453.

BULGAKOV, S. **The Lamb of God**. Michigan: Eerdmans, 2008.

CAAMAÑO, J.C. Verdady tensión em la propuesta de Francisco. **Revista Teología**, v. 51, n. 114 p. 95-104, ago 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Andr%C3%A9/Downloads/DialnetVerdadYTensionEnLaPropuestaDeFrancisco-4889080.pdf>. Acesso em: 10 ago 2021.

CAMARA, D. H. **Circulares Conciliares**. Recife: CEPE, 2009.

CARDOSO, M. T. F. No respeito e no amor. Ensino de Bento XVI e Francisco sobre a solicitude ecumênica. **Perspectiva Teológica**, v. 48, n. 2, p. 357-387, mai-ago 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323899706_Ecumenismo_e_dialogo_inter-religioso_em_perspectiva_biblica>. Acesso em: 9 ago 2019.

CARDOSO, M. T. F. Diálogo da misericórdia: estudo sobre um tema da bula. **Atualidade Teológica**, v. 20, n.54, p. 599-622, 2016. Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3553>>. Acesso em: 4 fev 2020.

CARDOSO, M. T. F. Opções preferenciais: Solicitude e desprendimento como temas de teologia e diálogo nas perspectivas de Puebla, fundamentos bíblicos e ênfases do Papa Francisco. **Atualidade Teológica**, v. 23, n. 62, p. 278-303, 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46110/46110.PDF>>. Acesso em: 4 fev 2020.

CARDOSO, M. T. F. Aspectos ecumênicos da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2017.

CASEIRO, E. D. **O drama original**: A “kenosis” intradivina segundo Hans Urs von Balthasar no quadro da problemática da (i)mutabilidade e (im)passibilidade de Deus: uma leitura a partir da Teodramática. Lisboa, 2017. 108 p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22244/1/0.%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20final.%20vers%C3%A3o%20entregue.pdf>>. Acesso em: 4 fev 2021.

CASULA, L. **Volti, gesti e luoghi**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017.

CAVACA, O. A Igreja, Povo de Deus em comunhão. In: ALMEIDA, J. C; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (Orgs.). **As janelas do Vaticano II**: A Igreja em diálogo com o mundo. Aparecida: Santuário, 2013.

CELAM. **Conclusões da Conferência geral do Episcopado Latino-Americano, Medellín, 1968**. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. **Evangelização no presente e no futuro da América latina**: conclusões da Conferência geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla, 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. **Discípulos e Missionários na missão Continental**: conclusões da V Conferência geral do Episcopado Latino-Americano, Aparecida, 2007. São Paulo: Paulus, 2007.

CEPAT. Esta é a intervenção magistral do Cardeal Bergoglio no pré-conclave. **IHU**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/5876754-esta-e-intervencao-do-cardeal-bergoglio-no-pre-conclave>>. Acesso em: 4 fev 2021.

CERNUZIO, S. O Papa: respeitemos o ser humano, a criação e o Criador. **Vaticanews**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-10/papa-francisco-fe-ciencia-vaticano-cop-26-glasgow.html>>. Acesso em: 5 out 2021.

CHIRON, J. *Sensus Fidei* et vision de L'Église chez Le Pape François. **Recherches de Science Religieuse**, v.2, n.2, p. 187-205, 2016. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-recherches-de-science-religieuse-2016-2-page-187.htm?contenu=resume>>. Acesso em: 26 dez 2019.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023** (Doc 109). Brasília: Edições da CNBB, 2019.

CODA, P. **Dalla Trinità: l'avvento di Dio tra storia e profezia**. Roma: Città Nuova, 2011.

CODA, P. **La Trinità: Quando Il racconto di Dio diventa Il racconto dell'uomo**. Venezia: Marcianum, 2012.

CODA, P. **A Igreja é o Evangelho**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CODINA, V. **Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2019.

CODINA, V. **Não extingais o Espírito Santo (1Ts 5,19)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

CODINA, V. *Eclesiologia do Vaticano II. Perspectiva Teológica*. v. 45, n. 127, p. 461-472, set/dez 2013. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/>>. Acesso em: 4 nov 2021.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a Igreja. In: VATICANO II. **Documentos do Concílio**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 347-367.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VATICANO II. **Documentos do Concílio**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 539-661.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: Vaticano II. **Documentos do Concílio**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 101-197.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*. In: VATICANO II. **Documentos do Concílio**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 215-240.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de Comunidades**: uma nova Paróquia. Estudos da CNBB 104. Brasília: Edições CNBB, 2013.

CONGAR, Y. O Espírito da vida. In: CONGAR, Y. **Creio no Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2005. v. II.

CONGAR, Y. **Vera e falsa riforma nella Chiesa**. Milano: Jaca Book, 2015.

CONGREGAÇÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **O Sensus Fidei na vida da Igreja**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html>. Acesso em: 12 set 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Instrução A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja**. Disponível em: <<http://www.clerus.va/content/clerus/pt/notizie/new14.html>>. Acesso em: 6 nov 2021.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **As obras de misericórdia corporais e espirituais**. São Paulo: Paulinas, 2016.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Os Padres da Igreja e a misericórdia**. São Paulo: Paulinas, 2016.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. **Praedicate Evangelium**: sobre a cúria romana e seu serviço para a Igreja no mundo. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2022/3/31/praedicate-evangelium.html>>. Acesso em: 29 abr 2022.

COSENTINO, F. Uma Igreja que sai das igrejas. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607746-uma-igreja-que-sai-das-igrejas-artigo-de-francesco-cosentino>>. Acesso em: 21 mai 2021.

CRUZ, A. E. P. La Teología de la praxis popular y Francisco. **Cultura Teología**, v. 33, n. 85, p. 30-62, jan/jun 2015. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/23773/0&ved=2ahUKEwiApKf22evpAhU2ILkGHfLZBrQQFjAAegQI-BRAC&usg=AOvVaw3RbcHk1B8YGchk-6UPw33H>> Acesso em: 2 set 2021.

D' AMBROSIO, R. Comunicare com semplicità e profundità. In: YÁÑEZ, H. M.(Org.). **Evangelii Gaudium, Il texto ci interroga**: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma: Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 146-157.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido com base na 40 edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DIANICH, S. A descoberta do “outro” em uma Igreja em saída. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579941-a-descoberta-do-outro-em-uma-igreja-de-saida-artigo-de-severino-dianich>>. Acesso em: 7 jun 2018.

DUMAIS, M.; RICHAIR, J. Église et communauté. Quebec: Fides, 2007.

EBERTZ, M. Um catolicismo pós-paroquial. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611588-um-catolicismo-pos-paroquial-entrevista-com-michael-ebertz>>. Acesso em: 25 ago 2021.

ECHEVERRIA, E. J. **El Papa Francisco: El legado del Vaticano II**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2017.

ESCOBAR, P. **O Jesus das ruas na trajetória do Pe. Júlio Lancelloti**. São Paulo: Terceira Via, 2020.

ESPINOSA, D. Francisco ¿El Papa que soñò el concilio? **Religion Digital**. Disponível em: <https://www.religiondigital.org/el_blog_de_dumar_espino-sa/Francisco-Montini-Chenu_7_2370432939.html>. Acesso em: 20 ago 2021.

FAGGIOLI, M. **Vaticano II: A luta pelo sentido**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FAGGIOLI, M. A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco. **Cadernos de Teologia**

Pública, v.15, n. 134, p. 1-22, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/37836665/Cadernos_Teologia_Publica_134a_ed%C3%A7%C3%A3o_A_universalidade_e_o_n%C3%A3o_lugar_pol%C3%ADtico_da_Igreja_no_mundo_de_hoje._A_eclesiologia_da_globaliza%C3%A7%C3%A3o_de_Francisco>. Acesso em: 6 nov 2021.

FAGGIOLI, M. Francisco: o primeiro Papa totalmente pós-Concílio. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br>>. Acesso em: 4 fev 2020.

FAGGIOLI, M. Os católicos ainda lêem? Sinodalidade e a “Igreja que escuta” nesta era digital. **IHU**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/613837-os-catolicos-ainda-leem-sinodalidade-%20e-a-igreja-que-escuta-nesta-era-digital-artigo-de-massimo-faggioli>>. Acesso em: 4 nov 2021.

FAUS, J. I. G. La Iglesia en salida se conocerá a si misma como la sempre necesitada de reforma. **Religión Digital**. Disponível em: <https://www.religiondigital.org/teologia_para_una_iglesia_en_salida/Teologia-Iglesia-plataforma-espanoles-Francisco-religion-teologos-apoyo-primavera-salida-espeja-castillo-arregi-faus-queiruga_0_2171782844.html>. Acesso em: 8 mai 2020.

FERRAZ, C. G; CARDOSO, M. T. F. A cultura do encontro como chave de leitura da carta *Laudato Si'* do Papa Francisco. **Caminhos**, v. 18, n. 2, p.415-434, 2020. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7801>. Acesso em: 23 nov 2020.

FISICHELLA, R. **La bellezza è la prima parola**. Rileggendo Hans Urs von Balthasar. Milano: San Paolo, 2020.

FRANCISCO, J. M. C. Un trittico sull' inculturazione in Asia. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 552- 570.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre a Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. **Constituição Apostólica Praedicate Evangelium**: sobre a Cúria Romana e o seu serviço para a Igreja e ao mundo. Madri: Religião Digital, 2022.

FRANCISCO. **Omèlie del mattino**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. v.1.

FRANCISCO. **Omèlie del mattino**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. v.2.

FRANCISCO. **Omèlie del mattino**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. v. 3.

FRANCISCO. **Omèlie del mattino**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014. v.4.

FRANCISCO. **Omèlie del mattino**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016. v. 6.

FRANCISCO. **Omèlie del mattino**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. v. 8.

FRANCISCO. **Omèlie del mattino**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. v. 9.

FRANCISCO. **Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. **Misericordiae Vultus**. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. **Interviste e conversazione con giornalisti**: due anni di pontificato. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

FRANCISCO. **Interviste e conversazione con giornalisti**: terzo e quarto anni anno di pontificato. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

FRANCISCO. **Pastorale Sociale**. Milano: Jaca Book, 2015.

FRANCISCO. **Nei Tuoi Occhi è la mia Parola: Omilie e discorsi di Buenos Aires 1999-2013.** Milano: Rizzoli, 2016.

FRANCISCO. **A Misericórdia sustenta a vida da Igreja.** São Paulo: Fons Sapientiae, 2016.

FRANCISCO. **A Igreja da misericórdia: minha visão para a Igreja.** São Paulo: Schwarcz, 2014.

FRANCISCO. **Misericórdia em palavras.** Brasília: Edições CNBB, 2016. v.VI. Col. misericórdia.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família.** São Paulo: Loyola, 2016.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre aos membros do corpo diplomático junto a Santa Sé.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/february/documents/papa-francesco_20210208_corpo-diplomatico.html>. Acesso em: 22 abr 2021.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marx.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/20210610-cardinale-marx.html>>. Acesso em: 12 set 2021.

FRANCISCO. **Messaggio del Santo Padre Francesco III Giornata Mondiale dei Poveri.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/it/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornata-mondiale-poveri-2019>. Acesso em: 17 nov 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco em 9 de junho de 2019 na Solenidade de Pentecostes.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190609_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 27 jun 2019.

FRANCISCO. **Audiência Geral do Papa Francisco em 14 de abril de 2021.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2021/documents/papa-francesco_20210414_udienza-generale.html>. Acesso em: 27 abr 2021.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco na Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional sobre a *Veritatis Gaudium* em 21 de junho de 2019.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190621_teologia-napoli>. Acesso em: 27 set 2019.

FRANCISCO. **Mensagem do Santo Padre para o VI aniversário da visita em Lampedusa.** Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/santa-missa-do-papa-francisco-pelo-6-aniversario-de-sua-visita-a-lampedusa-8286>>. Acesso em: 10 jul 2019.

FRANCISCO. **Discurso do papa Francisco aos bispos do México em sua viagem apostólica.** Disponível em:< https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160213_messico-vescovi.html&ved=2ahUKEwi39eK2zKD4AhVTjZUCHaZKCzUQFnoECAYQAQ&usg=AOvVaw1Y66elxoawOLYIu4HjYvB>. Acesso em: 21 mai 2020.

FRANCISCO. **Discurso do Santo Padre aos membros da Comissão Teológica internacional.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/december/documents/papa-francesco_20131206_commissione-teologica.html>. Acesso em: 28 set 2019.

FRANCISCO. **Lettera dell Santo Padre Francesco al Popolo di Dio che è in cammino in Germania.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francescomobile/it/letters/2019/documents/papa-francesco_20190629_lettera-fedelgermania.html>. Acesso em: 4 out 2021.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos sacerdotes e as pessoas consagradas e conselho ecumênico das igrejas.** Disponível em:<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190331_sacerdoti-marocco.html>. Acesso em: 30 nov 2019.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios de 2019.** Disponível em:<<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-12/papa-francisco-discurso-natal-curia-romana.html>>. Acesso em: 30 dez 2019.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no Congresso eclesial da Diocese de Roma.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160616_convegno-diocesi-roma.html>. Acesso em: 2 jan 2019.

FRANCISCO. **Audiência Geral do Papa Francisco em 8 de maio de 2019.** Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-francisco-catequeses-pai-nosso-audiencia-geral.html>>. Acesso em: 27 dez 2019.

FRANCISCO. **Audiência Geral do Papa Francisco em 27 de março de 2013.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130327_udienza-generale.html>. Acesso em: 27 dez 2019.

FRANCISCO. **Audiência Geral do Papa Francisco em 15 de maio de 2013.** Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/audiencias-papal.html>>. Acesso em: 27 dez 2019.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos Bispos da Conferência Episcopal do Japão em visita “ad Limina Apostolorum”.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150320_ad-limina-giappone.html>. Acesso em: 27 dez 2019.

FRANCISCO. **Audiência Geral do Papa Francisco em 22 de maio de 2013.** Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/audiencias-papal.html>>. Acesso em: 27 dez 2019.

FRANCISCO; AHMAD AL-TAYYEB. **Documento sulla fratellanza umana per la pace mondiale e la convivenza comune.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/it/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html>. Acesso em: 6 nov 2021.

FRANCISCO. **Carta do Santo Padre Francisco aos movimentos sociais.** Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/papa-francisco-pascoa-movimentos-populares-salario-universal.html>>. Acesso em: 8 mai 2020.

FRANCISCO. **Mensagem Urb et Orbi da Pascoa 2020 Papa Francisco.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20200412_urbi-et-orbi-pasqua.htm >. Acesso em: 18 nov 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco na Vigília Pascal 11/04** Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/integra-homilia-papa-francesco-missa-vigilia-pascal.html>>. Acesso em: 10 mai 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco Viagem Apostólica à Colombia.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170909_omelia-viaggioapostolico-colombiamedellin.html>. Acesso em: 10set 2021.

FRANCISCO, **Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Evangelização dos povos.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/december/documents/papa-francesco_20151203_plenaria-propaganda-fide.html >. Acesso em: 12 mai 2020.

FRANCISCO, **Futuro da fé.** Rio de Janeiro: Petra, 2017.

FRANCISCO. **Catequese do ano da misericórdia.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/it/audiences/2016.index.2.html/>>. Acesso em: 10 mai 2020.

FRANCISCO. **Catequese da misericórdia: Parábola do Bom Samaritano.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html>. Acesso em: 1 mai 2020.

FRANCISCO. **Catequese da misericórdia: Catequese a ovelha perdida.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160504_udienza-generale.html>. Acesso em: 10 dez 2020.

FRANCISCO. **Discurso per 106° Dia Mundial do Migrante e do Refugiado.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/mi>

gration/documents/papa-francesco_20200513_world-migrants-day-2020.html>. Acesso em: 9 dez 2020.

FRANCISCO. **La vita dopo la pandemia**. itá del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

FRANCISCO. **Discurso da Comemoração da Instituição do Cinquentenário do Sínodo dos Bispos**. Brasília: Edições CNBB, 2015.v. 5, Coleção Sendas.

FRANCISCO. **Vamos sonhar juntos: o Caminho para um futuro melhor**. Em conversa com Austen Ivereigh. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco em Pentecostes**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200531_omeliapentecoste.html&ved=2ahUKEwjqtICZyfjAhUXIrk-GHbQJBsAQFjAHegQIAxAB&usg=AOvVaw0fqDb7LgWSFIugvJ2SelEm>. Acesso em: 1º jun 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco na Vigília de Pentecostes**. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150524_omelia-pentecoste.html>. Acesso em: 2 set 2020.

FRANCISCO. **Discurso do encontro internacional para a paz na comunidade de Santo Egídio**. Disponível: <http://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130930_incontro-pace-s-egidio.html>. Acesso em: 22 set 2020.

FRANCISCO. **Discurso na visita à comunidade de Santo Egídio pelo seu 50º aniversário**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francescomobile/pt/speeches/2018/march/documents/papa-francesco_20180311_visita-sant-egidio.html>. Acesso em: 22 set 2020.

FRANCISCO. **Audiência do Papa Francisco em 23 de Outubro de 2019**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audien-ces/2019/documents/papa-francesco_20191023_udienza-generale.html>. Acesso em: 21 out 2020.

FRANCISCO. **Carta ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé sobre o acesso das mulheres aos ministérios do Leitorado e do Acolitado.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/papa-francesco_20210110_lettera-donne-lettorato-accolitato.html>. Acesso em: 20 ago de 2021.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares em 28 de outubro de 2014.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2020/inside/documents/papa-francesco-bari_2020.html>. Acesso em: 18 out 2020.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos alunos das escolas jesuítas na Itália e na Albânia.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html>. Acesso em: 16 nov 2020.

FRANCISCO, **Encontro com os bispos na Coreia.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2014/august/documents/papa-francesco_20140814_corea-incontro-vescovi.html>. Acesso em: 16 nov 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco às vítimas do naufrágio em Lampedusa.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html>. Acesso em: 16 nov 2020.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco em 13 de maio de 2013 na Vigília de Pentecostes.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html>. Acesso em: 19 nov 2020.

FRANCISCO. **Angelus 15 de novembro de 2020 no IV dia Mundial dos Pobres.** Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-11/papa-francesco-angelus-15-novembro-2020-a-exemplo-de-maria.html>>. Acesso em: 19 nov 2020.

FRANCISCO. **Angelus 20 de setembro de 2020.** Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20200920.html>. Acesso em: 19 nov 2020.

FRANCISCO. **Angelus 18 de agosto de 2019**. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20190818.html>. Acesso em: 29 nov 2019.

FRANCISCO. **Discurso do Papa Francisco aos sacerdotes, religiosos, religiosas e seminaristas em Atenas**. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/december/documents/20211204-grecia-religiosi.html>>. Acesso em: 19 dez 2021.

FRANCISCO. **Encontro do com os representantes do V Congresso Nacional da Igreja Italiana**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html>. Acesso em: 7 ago 2021.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html>. Acesso em: 12 set 2021.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco na abertura do sínodo da sinodalidade**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/20211010-omelia-sinodo-vescovi.html>>. Acesso em: 11 nov 2021.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco na Vigília Pascal de 2022**. Disponível em: < <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220416-omelia-veglia-pasquale.html>>. Acesso em: 21 abr 2022.

FRANCISCO. **Catequese sobre os Gálatas**. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20211103_udienza-generale.html>. Acesso em: 6 nov 2021.

FRANCISCO, **Divina Liturgia Bizantina de São João Crisóstomo presidida pelo Santo Padre em 14 de setembro de 2021 na Eslováquia**. Disponível em: < <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francesco-eslovaquia-homilia-divina-liturgia-bizantina-cruz.html>>. Acesso em: 6 nov 2021.

FRANCISCO, PP. **Peço-vos que rezeis por mim**. Brasília: CNBB, 2013.

FRANCISCO. No tengam miedo a las sorpresas, dejen abiertas puertas y ventanas. **Religi3n Digital**. Dispon3vel em: <https://www.religiondigital.org/vaticano/Papa-sorpresas-abiertas-puertas-ventanas-Francisco-Roma_0_2379062077.html>. Acesso em: 4 out 2021.

FUMAGALLI, A. **Caminhar no amor**. Bras3lia: Ediç3es CNBB, 2018.

GALLI, C. M. **Cristo, Maria, Igreja e os povos**. Bras3lia: Ediç3es CNBB, 2018.

GALLI, C. M. La riforma missionaria della Chiesa secondo Francesco. L'eclesiologia del popolo di Dio evangelizzatore. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 37-65.

GALLI, C. M. L3neas teol3gicas, pastorales y espirituales del magistero del Papa Francisco. **Medell3n**, v.43, n.167, 2017, p. 93-158. Dispon3vel em: <<http://documental.celam.org/medellin/index.php/medellin/article/view/16>>. Acesso em: 26 ago 2021.

GALLI, C. M. Di3logo com Walter Kasper: la recepci3n de la eclesiologia conciliar em la Aparecida. **Medell3n**, v.44, n.170, 2018, p.159-183. Dispon3vel em: <<http://documental.celam.org/medellin/index.php/medellin/article/view/21>>. Acesso em: 23 nov 2019.

GALLI, C. M. De Puebla a Aparecida. Iglesia y Sociedad em America Latina. In: Congresso da Pontificia Comiss3o Latino-Americana, 26-27 de enero de 2017, Roma. **Anais...** Roma: Instituto de Estudos Politicos San Pio V, 26-27 de enero de 2017. Dispon3vel em: <<http://www.americalatina.va/content/americalatina/es/articulos/el-pueblo-de-dios--el-pueblo-y-los-pueblos--el-papa-francisco-y-.pdf>>. Acesso em: 9out 2020.

GONZ3LEZ-QUEVEDO, L. **Papa Francisco: novo rosto da Igreja**. S3o Paulo: Loyola, 2015.

GRANDE, A. M. Anunciar el Evangelio en el mundo actual. La recepci3n argentina de *Evangelii Nuntiandi* entre las ra3ces de *Evangelii Gaudium*, proyecto program3tico de Francisco. **Revista de Teologia UCA**, Tomo LIV, n.123, p. 140-170, 2017. Dispon3vel em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6863-viver-as-bem-aventurancas-numa-igreja-em-saida>>. Acesso em: 26 dez 2019.

GRECH, M. Os bispos envolvam a todos. **Vaticannews**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/rumo-ao-sinodo-os-bispos-envolvam-todos-os-batizados.html>>. Acesso em: 4 out 2021.

GREINER, S. La dignità della donna. In: KASPER, W.; LEHMANN, K. (Eds.). **Hans Urs Von Balthasar, Figura e Opera**. Casale Monferrato: Piemme, 1991. p. 367-382.

GRILLO, A. Papa Francisco e Hans Urs Von Balthasar concordam: o antigo rito deve ser extinto. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611340-papa-francisco-e-h-u-von-balthasar-concordam-o-antigo-rito-deve-ser-extinto>>. Acesso em: 2 set 2021.

GRILLO, A. A Igreja “em saída” e exercício da autoridade: para além de um “lugar comum” do magistério recente. **IHU**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/553001-igreja-em-saida-e-exercicio-da-autoridade-alem-de-um-lugar-comum-do-magisterio-recente>>. Acesso em: 7 mar 2019.

GRILLO, A. Papa Francisco, o filho do Concílio que se tornou um homem livre. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/580378-papa-francisco-o-filho-do-concilio-que-se-tornou-um-homem-livre-entrevista-especial-com-andrea-grillo>>. Acesso em: 7 jan 2020.

GUIMARÃES, E; SBARDELLOTTO, M. Igreja doméstica e em saída digital. Horizontes novos para a vivência da fé cristã In: MORI, D. G.; TREVIZAN, L; GUIMARÃES, E. (Orgs.) Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III – Vinho novo, odres novos. **Cadernos de Teologia Pública**, v.17, n. 149, p. 12-22, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44658454/Igreja_dom%C3%A9stica_e_em_sa%C3%ADda_digital_horizontes_novos_para_a_viv%C3%Aancia_da_f%C3%A9_crist%C3%A>. Acesso em: 6 jan 2021.

HAAS, A. O princípio de teatralidade em Hans Urs Von Balthasar. **Revista Teologia UCA**, n.92, p. 127-141, 2007. Disponível em: <https://www.google.com/search?xsrf=ACYBGNSftw14tGR2SJMVKsUkdfNj1EkQ:1577371043706&q=HAAS,+A.+O+princ%C3%ADpio+de+teatralidade+em+Hans+Urs+Von+Balthasar.+Revista+Teolog%C3%ADa+UCA,+n.+92,+p&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKewi_svSFxdPmAhX9E7kGHWdHAXoQsAR6BAGGEAE&biw=1536&bih=754&dpr=1.25>. Acesso em: 26 dez 2019.

HENRICI, P. Primo Sguardo su Hans Urs von Balthasar. In: KASPER, W.; LEHMANN, K. (Orgs.). **Hans Urs Von Balthasar, Figura e Opera**. Casale Monferrato: Piemme, 1991.

IRRAZÁBAL, G. La misericordia según Francisco. Valor y límites de un discurso. **Revista Teología**, v. 49, n. 122, p. 181-204, may 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/95629370>>. Acesso em 23 ago 2019.

IVEREIGH, A. **The Great Reformer: Francis and the making of a radical Pope**. New York: Picador, 2017.

JOSAPHAT, F. C. Uma reforma evangélica na plena fidelidade criativa ao Vaticano II. In PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (Orgs.). **Francisco: Renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 223-237.

JOSAPHAT, F. C. **O Espírito Santo no coração e na história do Povo: docilidade criativa ao Amor divino universal, fio condutor da Revelação e da vida da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2017.

LADARIA, L. F. **O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade**. São Paulo: Loyola, 2005.

LÖSEL, S. Conciliar, not conciliatory: Hans Urs von Balthasar's Ecclesiological synthesis of Vatican II. **Modern Theology**, v. 24, n. 1, p. 23-49, jan. 2008. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-0025.2007.00426.x>>. Acesso em: 18 set 2021.

LOREDO, C. R. Trindade, alteridade e eclesialidade. O Desafio do ser Igreja eucarística, hoje, à luz da teodramática de Hans Urs von Balthasar. **REB**, v.304, n.766, p. 915-932, 2016.

LORSCHIEDER, D. A. Linhas mestras do Concílio Vaticano II. In: MARIN, Dom Luiz (Org.). **Vaticano II: 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 39-49.

LOURENÇO, V. H. A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. **Cultura Teológica**, v.35, n.89, p. 381-407, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct>>.

i89.31591&ved=2ahUKEwj0scDPhYDqAhUCErkGHdPtBrgQFjAAegQIAxA-B&usg=AOvVaw1rSIjKU_a745BEDx9j8wdR> Acesso em: 26 abr 2020.

LUCIANI, R. La opción teológico-pastoral del Papa Francisco. **Perspectiva Teológica**, v.48, n.1, p. 81-115, 2016. Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3480>>. Acesso em: 23 ago 2018.

KASPER, W. **A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã**. São Paulo: Loyola, 2015.

KASPER, W. **Testemunha da Misericórdia: a minha viagem com Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2016.

KASPER, W. LEHMANN, K. **Hans Urs Von Balthasar, Figura e Opera**. Casale Monferrato: Piemme, 1991.

KASPER, W; SAUTER, G. **La Chiesa luogo dello Spirito: Linee di ecclesiologia pneumatologica**. Milano-Brescia: Di Andrea/Queriniana, 1980.

KÖRNER, F. Nella verità e nell'amore: apertura per il diálogo cattolico-mulmano. In: YÁÑEZ, H. M. (Org). **Evangelii Gaudium Il texto ci interroga: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive**. Roma: Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 195-205.

KUZMA, C. Uma Igreja a partir do Pobre. **Interpelações teológicas e pastorais**. **REB**, v.766, n.304, p. 844-860, 2016.

KUZMA, C. La eclesiología del Papa Francisco: el rescate de la agenda inacabada del Vaticano II y su recepción em la Exhortación *Evangelii Gaudium*. **Medellín**, v.43, n.168, p. 333-346, 2017. Disponível em: <<http://documental.celam.org/medellin/index.php/medellin/article/view/17>>. Acesso em: 4 nov 2021.

KUZMA, C. Desafios de uma Igreja em saída: avanços e resistências em sete anos de Papa Francisco. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597075-desafios-de-uma-igreja-em-saida-avancos-e-resistencia-em-sete-anos-de-papa-francisco>>. Acesso em: 15 abr 2020.

KUZMA, C. Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii**

Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2017.

MADRIGAL, S. La Iglesia en salida: la misión como tema eclesiológico. **RCatT**, v.40, n.2, p. 425-458, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.comillas.edu/rest/bitstreams/32487/retrieve>>. Acesso em: 26 dez 2019.

MAGGI, A. **Verseti pericolosi:** Gesù e lo scandalo della misericordia. Roma: Fazi, 2011.

MARUJO, A.; FRANCO, J. **Papa Francisco:** A revolução imparável. Lisboa: Manuscrito, 2017.

MCDADE, J. Von Balthasar and the Office Peter in the Church. **The Way**, p. 97-114, oct. 2005. Disponível em: <<https://www.theway.org.uk/back/444McDade.pdf>>. Acesso em: 28 dez 2021.

MELO, G. P. Precisamos recuperar a eclesiologia da Igreja Povo de Deus, que as gerações mais jovens de presbíteros não entendem. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598073-precisamos-recuperar-essa-eclesiologia-da-igreja-povo-de-deus-que-principalmente-as-geracoes-mais-jovens-de-presbiteros-as-vezes-nao-entendem-entrevista-com-dom-giovane-pereira-de-melo>>. Acesso em: 6 mai 2020.

MELLO, A. A. El Papa Francisco y la cultura del encuentro. **Medellín**, v.43, n.169, p. 721-750, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.comillas.edu/rest/bitstreams/32487/retrieve>>. Acesso em: 4 nov 2021.

MENOZZI, D. A Igreja, Francisco e a resistências. Entrevista sobre o pontificado do Papa Francisco. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582381-a-igreja-francisco-e-as-resistencias-entrevista-com-daniele-menzozi>>. 14 abr 2020.

MICHAEL, P. Una lettura ermeneutica sul discernimento pastorale in *Evangelii Gaudium*: le sfide e le risposte. In: YÁÑEZ, H. M. (Orgs.). **Evangelii Gaudium** **Il testo ci interroga:** Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma: Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 110-124.

MICHONNEAU. **Paroisse communauté missionnaire**. Paris:Les Éditions du CERF, 1945.

MICKENS, Robert. A radical visão teológica do Papa Francisco. **IHU**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/8/579894678-a-radical-visao-teologica-do-papa-francisco>>. Acesso em: 5 jun 2019.

MILIA, A. Bergoglismo. O léxico do Papa Francisco que surpreende a todos. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526772-bergoglis-mo-o-lexico-do-papa-que-surpreende-a-todos>>. Acesso em: 2 set 2021.

MINUTELLA, A. M. **L'escatologia cristologica-trinitaria di Hans Urs von Balthasar**. Venezia: Marcianum, 2014.

MIRANDA, M. F. Conversão e Reforma Eclesial. **REB**, v.76, n. 304, p. 861-874, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.29386/reb.v76i304.143>>. Acesso em: 26 dez 2019.

MIRANDA, M. F. Ecumenismo e Instituição Eclesial. **Perspectiva Teológica**, v.37, n.101, p. 31-54, 2005. Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/issue/view/307>>. Acesso em: 26 dez 2019.

MIRANDA, M. F. O Concílio Vaticano II ou a Igreja em continuo aggiornamento. **Perspectiva Teológica**, v. 38, n.81, p. 231-250, 2006. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva>>. Acesso em: 26 abr 2020.

MIRANDA, M. F. Francisco: papa e jesuíta. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L.**Francisco: Renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 134-144.

MIRANDA, M. F. A alegria do Evangelho e sua incidência em nossa Igreja. **Atualidade Teológica**, v.47, n.2, p. 401-416, 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23708/23708.PDF>>. Acesso em: 26 dez 2019.

MIRANDA, M. F. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2017.

MIRANDA, M. F. **A Reforma de Francisco: Fundamentos Teológicos**.São Paulo: Paulinas, 2017.

MIRANDA, M. F. **Igreja Sinodal**. São Paulo: Paulus, 2018.

MIRANDA, M. F. **A Igreja em Transformação: razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019.

MODINO, L. M. Na Conferência Eclesial da Amazônia, “o Espírito quis inovar, e quis trazer um jeito sinodal de sermos Igreja”. **IHU**. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/eventos/78-noticias/600754-na-conferencia-eclesial-da-amazonia-o-espírito-santo-quis-inovar-e-quis-trazer-um-jeito-sinodal-de-sermos-igreja-entrevista-com-dom-neri-tondello>>. Acesso em: 12 set 2021.

MUOLLO, M. **L'enciclica dei gesti di Papa Francesco**. Milano: Paoline, 2017.

NENTWIG, R. Questões em torno do poder sagrado na Igreja: indicativos pastorais na perspectiva do protagonismo laical. **Atualidade Teológica**. v. 22, n. 60, p. 644-669, 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35795/35795.PDF>>. Acesso em: 7 out 2021.

NOCETI, S. Riforma e inculturazione della Chiesa in Europa. Un annuncio da ricomprendere, una figura di Chiesa da ripensare, un “caso serio” da affrontare. In: SPADARO, A. GALLI, C. M. **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 504- 533.

OKAES, E. T.; MOSS, D. **Hans Urs Von Balthasar**. Cambridge: U. Press, 2004.

O'MALLEY, J. W. La reforma nella vita della Chiesa. Il Concilio di Trento e il Vaticano II. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 85-107.

OSPINO, H. Entrevista com Rafael Luciani sobre adelante la clave sinodal. **Religión Digital**. Disponível em: <https://www.religiondigital.org/america/Rafael-Luciani-USA-Iglesias-parroquias-sinodalidad-Celam-Sinodo_0_2373062681.html>. Acesso em: 4 out 2021.

OTTAVIANI, E. S. Papa Francisco e Medellín. **Fronteiras**. v. 1, n. 2, p. 207-227 jul/dez 2018. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/view/1289&ved=2ahUKEwjz66PnuTpAhW3GbkGHUMIDZkQFjAAegQI-BhAC&usg=AOvVaw15sgj4B5rokN24WCBGTwLA>>. Acesso em: 23 abr 2019.

PACHECO, J. A. Abertura do Sínodo. **Religi3n Digital**. Dispon3vel em: < <http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias/78-noticias/613726-a-igreja-nao-pode-aprender-por-si-mesma-entao-busque-o-encontro-com-aqueles-que-es-tao-nas-margens-afirma-o-teologo-rafael-luciani>>. Acesso em: 27 out 2021.

PALLADINO, E. Il Laici: l'immensa maggioranza del popolo di Dio. In: YÁÑEZ, H. M. (Orgs.). **Evangelii Gaudium Il texto ci interroga**: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma: Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 67-80.

PASSOS, J. D. A Constru33o do Conc3lio Vaticano II: intu333es terminais do Papa Jo3o XXIII em vista de um evento renovador. **Horizonte** v. 14, n. 43, p. 1012-1038, jul/set 2016. Dispon3vel em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/824>>. Acesso em: 4 fev 2020.

PASSOS, J. D. Uma reforma na Igreja: rumos e projetos. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. **Francisco: Renasce a esperan3a**. S3o Paulo: Paulinas, 2013. p. 85-103.

PASSOS, J. D. Processo Conciliar. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicion3rio do Conc3lio Vaticano II**S3o Paulo: Paulus, 2015. p. 390-394.

PASSOS, J. D. Processo Conciliar. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicion3rio do Conc3lio Vaticano II**S3o Paulo: Paulus, 2015. p. 775-784.

PELLETIER, A. Repensando a Igreja em muitas vozes. **IHU**. Dispon3vel em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572885-repensando-a-igreja-em-muitas-vozes>. Acesso em: 2 nov 2021.

PEÑALBA, J. L. Aspectos fundamentales em la Mariolog3a dram3tica de Hans Urs Von Balthasar. **Carthaginensia**, v.30, n.58, p. 293-332, jul/dic 2014. Dispon3vel em: <<https://www.itmfranciscano.org/wp-content/uploads/2019/07/Carth-68-portada.jpg>>. Acesso em: 28 dez 2019.

PERRONI, M. **Kerigma e profecia**. Citt3 del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

PEZZINI, A. A. Hans Urs von Balthasar (1905-1988) Somente o amor 3 digno de cr3dito. **IHU**. Dispon3vel em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/>>

524498-hans-urs-von-balthasar-1905-1988-somente-o-amor-e-digno-de-credito>. Acesso em: 5 set 2019.

POTTMEYER, H. La Chiesa in cammino, per configurarsi come popolo di Dio. In: SPADARO, A; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 66-84.

PULLELA, P. Entrevista com o Papa Francisco. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583139-eu-assinei-o-acordo-com-a-china-para-superar-tanto-sofrimento-entrevista-do-papa-francisco>>. Acesso em: 30 set 2021.

QUEIRUGA, A. T. **A Teologia depois do Vaticano II**: Diagnósticos e propostas. São Paulo: Paulinas, 2015.

QUIRINO, A. T. **Teologia da Escuta**: Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. Rio de Janeiro, 2022. 387 p. Tese. Faculdade de Teologia, Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58111/58111.PDF>>. Acesso em: 1 mar 2022.

RABOLINI, L. A Pope Francis Lexicon: quando o dinheiro se torna um ídolo. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576671-a-pope-francis-lexicon-quando-o-dinheiro-se-torna-um-idolo>>. Acesso em: 10 nov 2020.

REPOLE, R. **O sonho de uma Igreja evangélica**. A eclesiologia do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2018. v.4.

RIBARIC, S. A. **O Silêncio de Deus**. São Paulo: LSR, 2015.

RIBEIRO, C. S. M. **Mysterium Paschale**: a quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar. São Paulo: Paulus, 2009.

RINALDI, F.; SEGhedoni, I., O que o Espírito diz às paróquias. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/609994-o-que-o-espírito-diz-as-paroquias>>. Acesso em: 2 dez 2021.

RICCARDI, A. **La Chiesa Brucia**: Crisi e fu turo del cristianesimo. Bari-Roma: Tempi Nuovi, 2021.

ROCA, J. G. La narrativa cordial del cristianismo. El Magistério del Papa Francisco. **Iglesia Viva**, n. 255, 41-66, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/305845315/Igliersia-Viva-No-264>. Acesso em: 26 set 2021.

RODRIGUEZ, L. O. J. El concepto teológico de “estilo” como clave de lectura de *Laudato Si* y *Gaudete et Exultate*: una manera de encontrar a Dios en la acción transformadora del mundo. **Teológica Xaveriana**, n. 170, p. 1-28, 2020. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/index&ved=2ahUKEwiOueG-jJHqAhWoGbkGHVFBB8YQFjABegQIAhAB&usg=AOvVaw3OQL7Na3Brak-oFosfJZbR>>. Acesso em: 29 mai 2019.

RONSI, F. Q. Medellín, 50 anos depois: uma Igreja “em saída”. **Fronteiras**, v.1, n. 2, p. 240-261, jul/dez 2018. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.unicap.br/ojs/index.php/fronteiras/article/download/1279/1119&ved=2ahUKEwifv5e_1u7pAhW8HLkGHelVA-zEQFjAAegQIBhAC&usg=AOvVaw3Ec72N1wKO7VMQu9_P8bhu>. Acesso em: 26 dez 2019.

ROUTHIER, G. A lufada secar do Concílio Vaticano II na Igreja. **Revista IHU**, n. 465, ano XV, 18mai 2015 p. 118-120. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/465>>. Acesso em: 6 mai 2020.

RUSCONI, G. E. **La teologia narrativa di papa Francesco**. Roma: Laterza, 2017.

RUPNICK, M. I. **Segundo o Espírito**. Brasília: Edições CNBB, 2017.

SÁNCHEZ, P. P. **Un camino de omnipotente impotencia**: Estudio de la categoría kénosis em Hans Urs von Balthasar. Comillas, 2015. Dissertação. Facultad de Teología, Universidad Pontificia Comillas.

SASSATELLI, M. Opção pelos pobres: único caminho para seguir Jesus de Nazaré. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603673-opcao-pelos-pobres-unico-caminho-para-seguir-jesus-de-nazare>>. Acesso em: 12 nov 2020.

SCANNONE, J. C. **Il Vangelo della misericordia nello spirito di discernimento**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

SCANNONE, J. C. El Papa Francisco y la teología del Pueblo. **Razón y Fe**, v.271, n. 1395, p. 31-50, 2014. Disponível em: <<https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/9890>>. Acesso em: 18 nov 2020.

SCANNONE, J. C. L'inculturazione nell' *Evangelii Gaudium*: Chiavi di lettura. In: YÁÑEZ, H. M. (Orgs.). **Evangelii Gaudium Il texto ci interroga**: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma, Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 159-170.

SCANNONE, J. C. Incarnazione, kénosis, inculturazione e povertà. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 459-484.

SPADARO, A. O governo de Francisco: o impulso propulsor do pontificado ainda está ativo? **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/602569-o-governo-de-francisco-o-impulso-propulsor-do-pontificado-ainda-esta-ativo-artigo-de-antonio-spadaro>>. Acesso em: 26 ago 2021.

SCANNONE, J. C. **La teología del Pueblo**: raíces teológicas del papa Francisco. Madrid: Sal Terrae, 2018.

SCANNONE, J. C. A teologia do povo na Argentina: tudo começou em Petrópolis. **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/529800-a-teologia-do-povo-na-argentina-tudo-comecou-em-petropolis>>. Acesso em: 10 dez 2020.

SCOLA, A. **Viagem ao Pós-Concílio**. Campinas: CEDET, 2019.

SCHICKENDANTZ, C. Le conferenze episcopali. Questo auspicio non si è pienamente realizzato. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 247- 368.

SCHRAUF, R. La Iglesia local en el proceso de descentralización y diversificación cultural: una eclesiología sinodal. **Theologica Xaveriana**, n. 78, enero-marzo 1986. Disponível em: <<https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/22297>>. Acesso em 4 out 2021.

SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja Sinodal**: Comunhão, Participação e Missão. Vademecum para o Sínodo sobre a sinodalidade.

Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/index_po.htm>. Acesso em: 6 out 2021.

SEVILHA, J. M. M. Sinodalidad para sanar la parálisis eclesial. **Religión Digital**. Disponível em: <https://www.religiondigital.org/el_coraje_de_levantarse_jose_maria_marin/Sinodalidad-sanar-paralisis-eclesial_7_2380631914.html>. Acesso em: 7 out 2021.

SILVA, R. R. Pobreza Evangélica. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015. p. 748-749.

SILVA, M. F. Uma eclesiologia de comunhão. **Revista de Cultura Teológica**, n.29, p.186-205, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/45888>. Acesso em: 8 mai 2020.

SILVA, M. F. A linguagem trinitária de Gregório Nazianzeno. **Estudos Teológicos**, v. 54, n. 2, 2014, p. 218-229, 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewArticle/1160>. Acesso em: 18 jan 2021.

SILVA, V. S. A. O conceito de ressurreição em Hans Urs Von Balthasar. **Reveleto**, v. 6, n. 9, p. 5-26, jan/jun /2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/10090>>. Acesso em: 8 fev 2021.

SCHOCH, M. Colloquio Ecumenico tra Fratelli. In: KASPER, W.; LEHMANN, K. **Hans Urs von Balthasar, Figura e Opera**. Casale Monferrato: Piemme, 1991.

SCHÖNBORN, C. Il contributo di H. U. von Balthasar all' ecumenismo In: KASPER, W.; LEHMANN, K. **Hans Urs von Balthasar, Figura e Opera**. Casale Monferrato: Piemme, 1991.

SPADARO, A. La Riforma della Chiesa secondo Francesco. Le radici ignaziane. In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana. 2017. p. 19-36.

SPADARO, A. **Entrevista com o Papa Francisco**. São Paulo: Paulus, 2013.

SUESS, P. **Introdução à Teologia da Missão**: Convocar e enviar os servos e testemunhas do Reino. Petrópolis: Vozes, 2007.

SUESS, P.A. proposta do Papa Francisco para o Sínodo pan-amazônico de 2019: sinodalidade, missão, ecologia integral. **Revista de Cultura Teológica**, v. 51 n.1, p.15-30, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/25942>>. Acesso em: 8 mai 2020.

TAVARES, C. Q. Contornos éticos na *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2017.

TERRAZAS, S. M. **A unidade prevalece sobre o conflito**. O ecumenismo do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2018.

THEOBALD, C. O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco. **Cadernos de Teologia Pública**, v.13, n.112, p. 3-17, 2016. Disponível em: <<https://cpal-social.org/documentos/454.pdf>>. Acesso: 28 dez 2019.

THEOBALD, C. O estilo pastoral do Vaticano II e a sua recepção pós-conciliar: elaboração criteriosa e alguns exemplos significativos. **Perspectiva Teológica**, n. 122, v. 44 p. 217-236, mai/jun 2012. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2723>>. Acesso em: 28 dez 2019.

TOLENTINO, J. M. A Igreja está em crise? **IHU**. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/611677-cardeal-tolentino-aponta-desafios-e-oportunidades-para-a-igreja-a-partir-do-pontificado-de-francisco>>. Acesso em: 12 set 2021.

TORNIELI, A. **O nome de Deus é misericórdia**. São Paulo: Planeta, 2016.

TORNIELLI, A. GALEAZI, G. **Papa Francisco**: esta economia mata. El Capitalismo y la Justicia Social. Madrid: Palabra, 2015.

TRIGO, P. **Papa Francisco**: Expressão atualizada do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas, 2019.

UGALDE, T. M. La verdad es libre, reflexiones para las homilias. **Religión Digital**. Disponível em: <https://www.religiondigital.org/la_verdad_es_libre_reflexiones_para_las_homilias/>. Acesso em: 2 set 2021.

VALENTE, G. **Senza di Lui non possiamo dar nulla**. San Paolo: Libreria, 2019.

VALENTE, G. O Papa e a missão. **Vaticanews**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-11/papa-francisco-missao-livro-gianni-valente.html>>. Acesso em: 12 set 2020.

VITALI, D. Una Chiesa di Popolo: il senus fidei come principio dell'evangelizzazione. In: YÁÑEZ, H. M. (Orgs.). **Evangelii Gaudium II texto ci interroga**: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma: Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 53-60.

XAVIER, J. Spalancando il dinamismo ecclesiale: l'identità ritrovata. In: YÁÑEZ, H. M. **Evangelii Gaudium II texto ci interroga**: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma: Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 39-52.

WALAKKA, T. **Von Balthasar the Option for the Poor**: Theodramatic in the light of Liberation Theology. Washington: The Catholic University of America Press, 2017.

WERBWNICK, J. **A fraqueza de Deus pelo homem**, Brasília: Edições CNBB, 2017.

WILLENS, M. Riforma e rinnovamento nella normativa canonica: attuare il concilio Vaticano II In: SPADARO, A.; GALLI, C. M. (Orgs.). **La Riforma e le Riforme nella Chiesa**. Brescia: Queriniana, 2017. p. 309-329.

WOLF, E. **Igreja em Diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

WOLF, E.; COLET, R. F. Fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco. **Cultura Teológica**, v. 37, n.93, p. 184-208, jan/jun 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i93.40640>>. Acesso em: 26 dez 2019.

YÁÑEZ, H. M. L'Opzione preferenziale per i poveri. In: YÁÑEZ, H. M. (Orgs.). **Evangelii Gaudium II texto ci interroga**: Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive. Roma: Gregorian/Biblical Press, 2014. p. 249-260.

ZEPEDA, J. J. L. Eclesiologia latinoamericana en el pensamiento del Papa Francisco. **Pistis & Praxis**, v. 8, n.3, p. 613-630, set/dez 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/1297>>. Acesso em: 26 dez 2019.